

Relatório da Pesquisa



A Nova Expressão das Mulheres da Periferia

A Nova Expressão das Mulheres da Periferia

Relatório da Pesquisa

Realização:

CACES - Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais

Projeto associado ao PACC - Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Universidade federal do Rio de Janeiro / PACC-UFRI

Coordenação do Projeto: Claudia Ferreira e Heloisa Buarque de Hollanda
Coordenação da Pesquisa: Numa Ciro
Coordenação de Produção: Fernanda Reznik

Parceria: CRIOLA

Apoio:

Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres



Sumário

Apresentação **2**

Depoimentos:

Carmen Luz **4**

Chupetinha **28**

Cristiane Braz **38**

Eliana Souza Silva **59**

Lúcia Xavier **80**

Luciana Bezerra **103**

Márcia Florêncio **123**

Nega Gizza **157**

Irmã Beata **188**

Tia Maria **205**

Tia Surica **217**

APRESENTAÇÃO

Fazer uma apresentação objetiva dos depoimentos recolhidos das mulheres que compõem este trabalho não seria correto. Em primeiro lugar, porque a equipe de trabalho deste projeto foi toda composta por mulheres. Segundo porque cada um desses depoimentos dialogaram com sentimentos bastante similares e, neste caso, claramente compartilhados entre as realizadoras do projeto e seus objetos de pesquisa. Isso traz imediatamente um dos traços mais importantes da cultura feminina. A sintonia fina entre as mulheres, muitas vezes expressa em forma de solidariedade, sororidade ou - por quê não - muitas vezes competitividade. Em qualquer um desses ethos fica evidente a existência de um universo cultural e político desenvolvido pelas mulheres, na maior parte das vezes, como resistência ao status quo da mulher em diferentes momentos históricos e sociais.

Primeiro problema: que mulheres seriam representativas do que se poderia chamar do universo da mulher da periferia, a partir dos movimentos de redemocratização em meados dos anos 80? O melhor caminho nos pareceu o daquelas que conseguiram visibilidade dentro e fora da periferia sem necessariamente representar apenas a ancestralidade matriarcal, como sempre foi o caso das tias do samba, das mães de santo, ou de outras guardiãs da tradição afro-brasileira.

A seleção se dirigiu para mulheres artistas e agentes culturais da periferia que se apresentavam como referências em suas comunidades de origem, com papéis, não raro, de liderança. Em algumas, a mescla de arte e ativismo torna-se flagrante, numa nova forma de ativismo cultural.

Voltamos ao recorte dessa pesquisa. Foram escolhidas oito mulheres, com idade entre 35 e 50 anos, negras e brancas. O peso da variável racial, nesta amostragem se mostrou relativamente irrelevante, mais presente nas negras que, inclusive, apresentaram com mais força a questão de uma linhagem matriarcal. A trajetória de vida destas mulheres explicitou com mais força a natureza de uma experiência de raiz religiosa familiar, que se constituiu como um locus privilegiado de expressão individual e cultural.

As mulheres selecionadas foram: Carmen Luz, Nega Gizza, Luciana Bezerra, Eliana Sousa Silva, Lúcia Xavier, Cristiane Braz, Márcia Florêncio e Chupetinha.

Carmen Luz: negra, formada em letras, coreógrafa, atriz, diretora da Cia. Étnica de Dança e, atualmente, Gestora do Centro Coreográfico do Município do Rio de Janeiro.

Nega Gizza: negra, estudou até a 7^a série, rapper, radialista, ativista cultural e uma das fundadoras da CUFA (Central Única de Favelas).

Luciana Bezerra: negra, com segundo grau completo, cineasta, coordenadora do núcleo de cinema do Nós do Morro.

Eliana Sousa Silva: branca, formada em letras, com mestrado em educação, doutoranda em Serviço Social, ativista social, fundadora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), hoje diretora da ONG Redes da Maré.
Lúcia Xavier: negra, formada em serviço social, diretora da ONG Criola, engajada na defesa da questão racial.

Cristiane Braz: branca, formada em História, ativista cultural, uma das criadoras do projeto Reperiferia, fundadora da ONG Avenida Brasil.

Márcia Florêncio: negra, formada em psicologia, uma das fundadoras do AfroReggae.

Chupetinha: negra, empresária, dona da pensão da Chupetinha, ponto de encontro de moradores e visitantes da comunidade de Vigário Geral.

Estas mulheres revelaram nas entrevistas e histórias de vida, a emergência de um novo perfil das mulheres de comunidades de baixa renda. É importante observar que a maioria delas tem curso superior, exercem atividades artísticas e/ou de ativismo cultural e social, são reconhecidas em suas comunidades, possuem independência econômica, casadas ou não. Durante as entrevistas observou-se nos relatos a presença marcante da figura materna, mais visível nas mulheres negras, seja ela negativa ou positiva. A presença da fala sobre a mãe, revela uma experiência de ancestralidade e o ethos da ancestralidade de raiz africana.

A identificação deste ethos nos levou a investigar outras mulheres mais velhas que exercem essa função simbólica na comunidade. Foram entrevistadas Mãe Beata de Yemanjá, Mãe de Santo, Yalorixá do terreiro Ilê Omi Oju Aro; Tia Maria, jongueira, figura central do Jongo da Serrinha; e Tia Surica, integrante da Velha Guarda da Portela. O candomblé, o jongo e o samba. Tradições culturais historicamente entrecruzadas, pontos de resistência, onde reinam essas mulheres guardiãs da tradição afro-brasileira.

Essa mudança de percurso na trajetória da pesquisa foi importante para compor o contraste entre essas duas gerações de mulheres. A mais velha visceralmente ligada à função simbólica maternal e à preservação de raízes e tradições. A segunda geração, ainda que repercutindo a forte ligação com o modelo matriarcal de mulher, conquista espaço público e ressignifica essa imagem de forma substantiva, constituindo-se através do exercício cidadão e da descoberta da cultura como recurso de transformação social.

A importância das entrelinhas dessas entrevistas e sua força como depoimento histórico e emocional nos levaram a optar por um cuidado extremo na transcrição destas falas, nos cortes necessários e na leveza de um copy desk que procurou preservar não só o conteúdo, mas, sobretudo a dicção e a formas dos discursos das mulheres aqui entrevistadas.

Uma futura publicação, inclusive, não vai privilegiar o formato tradicional da introdução com um estudo quantitativo ou qualitativo que antecederia essas entrevistas. Vai, ao contrário, pesquisar e criar um conceito gráfico que consiga promover a simulação de um diálogo crítico entre as entrevistadas e nós, pesquisadoras deste projeto. A nossa opção editorial pretende preservar o mais possível a autonomia do discurso dessas mulheres, a experiência de profunda identificação entre nós e elas durante os caminhos da pesquisa e, finalmente, valorizar o aporte teórico que investe na experiência como categoria de análise.

Carmen Luz

Entrevista em
19 de Fevereiro de 2009

Eu nasci no Rio de Janeiro, num bairro da zona norte chamado Oswaldo Cruz, perto da Fontini. Oswaldo Cruz é Portela e um pouquinho de Império Serrano. Minha mãe é carioca, a família dela é toda dessa região: a minha avó, meus tios. Meu pai veio de Minas, ele era muito mais velho que minha mãe e eles se encontraram no bonde. Meu pai, já falecido, se chamava Antônio, era alfaiate, e minha mãe, Maria Nílsia, era costureira.

Tenho um irmão, Antônio, mesmo nome do meu pai e duas irmãs. Eu sou a mais velha. Nenhum deles é artista. Uma das minhas irmãs é museóloga, a outra deveria ser advogada, mas é merendeira no serviço público municipal, parou de estudar Direito no quinto ano, não quis mais saber. Que mais? Minha mãe foi estudar depois de já ser mãe, fez artigo 99, é advogada, formou-se em Direito quando eu já tinha 20 anos. Ela ainda é jovem. Para você ter uma idéia, ela me teve em 49, ainda ia fazer 17 anos. Muito novinha, não é?



Meu pai queria porque queria que meu nome fosse Luz, exatamente assim, Luz. Mas a minha mãe ficava dizendo: "Não. Botar esse nome na menina? A menina vai ser encarnada na escola". Meu sobrenome é Luzia e essa história surgiu quando minha mãe, aos dois ou três anos, teve um problema na vista e praticamente ficou cega. Aí, minha avó fez uma promessa para Santa Luzia e fez minha mãe prometer que se ela tivesse uma filha e fosse a primeira, iria se chamar Luzia. Meu pai não gostava, achava Luzia um nome feio: "Então vai ser Carmen, vai ser Carmen Luz porque pelo menos vai iluminar". Ele gostava de falar isso, eu me lembro. O meu nome é Carmen Luzia Ferreira. Luzia ficou, mas só oficialmente. Meu pai só me chamava de Luz, Luzinha. Era Luzinha prá cá, Luzinha prá lá. E nem me chamava de Carmen, só me chamava de Luz. Assim, todo mundo me chamava de Luz, meus colegas de primário, de ginásio. Como nessa época tinha esse papo de nome artístico, acho que ainda tem, quando perguntaram meu nome, eu disse: "É Luz". Mas qual seu primeiro nome? "É Carmen". Ficou Carmen Luz. Não sei outro nome a não ser esse.

O colégio? Tradição de escola pública. Fui uma criança que foi para a escola muito forçada pelos pais, como muitas crianças vão, mas só que os meus pais, principalmente o meu pai, tinha essa coisa muito determinada: "Você tem que estudar, você tem que estudar". Então eu acho que eu fui mais forçada do que a maioria das crianças, porque a maioria das crianças vai porque precisa estudar. Eu fui porque para o meu pai era estudar ou estudar. Não tinha outra possibilidade.

Eu estudava bastante, mas não era boa aluna. Eu já fui pra escola sabendo ler. Quem me ensinou a ler foi meu pai. Eu li através do jornal, porque meu pai era um leitor ferrenho de jornal. Lá em casa não tinha nada, mas meu pai sempre tinha o jornal dele. Para você ter uma idéia, hoje toda a minha inspiração de trabalho vem das notícias de jornal. Não adianta, eu quero me livrar daquilo, mas há sempre alguma coisa que eu acho ali, é uma palavra... tenho esse hábito

doido de juntar palavras. Eu adoro ler aquela coluna do José Castelo. Acho incrível, porque o cara não faz uma frase incrível, mas ele faz fragmentos. Então, aquele fragmento eu pego, junto com um, junto com outro, que me dá uma idéia para fazer uma outra coisa. Então, adoro, o jornal pra mim é a maior inspiração, é muito lindo. E eu tenho mesmo essa memória.

Antigamente não tinha esse negócio de você ir para a escola com seis anos, a primeira série era aos sete anos. Assim, quando eu entrei na escola, já alfabetizada, sabendo ler e escrever, eu fiquei, por três anos, esperando, esperando até completar os sete anos para poder fazer a primeira série. Eu não era boa de escrita, mas era muito boa de leitura. Nessa escola fiz até o admissão, da primeira série até a sexta série, que era o que tinha antigamente, depois eu fui para o ginásio. Só que nessa época eu já estava morando... Meu pai era assim um burguesão de pensamento, com essa coisa de estudar. Ele viveu num colégio interno de padre, foi escravo e padre, um neguinho assim, meio metro de altura. Minha mãe conta que ela falou tanto, tanto, tanto que não gostava de homem baixo, que não ia namorar homem baixo, que ela casou com um homem de um metro e meio e bem mais velho... E minha mãe é alta, e era bonita à beça.

Em nossa casa havia violência doméstica. Verdade. Eu demorei a entender porque minha mãe apanhava tanto. Ela apanhava de tudo: apanhava de mão, apanhava de cinto, apanhava, apanhava. Então, essa foi minha historinha até minha adolescência, meus 12 anos, quando nós filhos tomamos uma atitude e partimos para cima do meu pai. Até aí, a minha mãe apanhava diariamente. Não, meu pai não bebia. Ela não batia nele, só apanhava. Não vou dizer que ela não batia nele, porque não tem essa lógica assim de bater nele. Eu não me lembro disso. Eu me lembro de uma situação em que minha mãe pegou uma faca. Primeiro, foi uma faca, depois, foi uma tesoura aberta para enfiar nele e conseguiu machucar a testa dele. Ela realmente ia aprontar. Eu tenho a impressão de que se a coisa continuasse... À medida que a gente foi crescendo, a gente foi se rebelando contra ele. Então, se a coisa continuasse, ela realmente ia aprontar, ia acontecer uma dessas tragédias. Tinha uma vizinha que aconselhava muito minha mãe a tomar uma atitude. A gente está falando de uma época que não tinha essa história de disque isso, disque aquilo, então, ela apanhava. Tanto que os vizinhos não tomavam nenhuma atitude, apenas essa vizinha, que meu pai odiava, era a única que chegava e pedia pelo amor de Deus para falar. Eu me lembro de uma ocasião - não gosto muito de falar sobre isso -, a rua cheia de gente olhando minha mãe apanhar e os quatro filhos assim, assustados. Isso era uma coisa recorrente, não era um dia...

Ele batia na gente também, imagina, apanhei muito do meu pai. Mas era diferente. Depois foi que eu entendi que aquele cara que batia à beça, que batia na minha mãe, que fazia a gente chorar e a gente chorava, era o cara que me ensinava a ler, era o cara que sentava e depois pegava um de nós, geralmente era eu - só depois, muito depois, eu fui entender que eu era a queridinha, e não era uma queridinha do afeto objetivo não, não era isso, era queridinha prá ser alguma coisa. Isso era óbvio. Porque depois que ele batia na minha mãe e ficava aborrecido, saía e pegava um de nós, e geralmente era eu, posso dizer que 99,9% era eu, e levava para dar uma volta, ia passear na cidade, ia pegar o trem, ia... custei a entender que esse cara era um cara super sensível. O signo dele era de Peixes...

O que eu entendo hoje é que a porradaria comia porque até hoje a minha mãe é uma pessoa prática, ela é do universo daquilo: "Estudar é muito bonito, é ótimo estudar, mas também tem que trabalhar". E meu pai: "Você tem que estudar, você tem que estudar". Até enquanto meu pai, na minha adolescência, incentivava a escola, a minha mãe

incentivava o trabalho. Eu nunca trabalhei enquanto estava com eles. Eu saí de casa muito cedo. Ia fazer 18. Saí expulsa somente porque resolvi fazer a escola de teatro, na Martins Pena, e chegar depois das dez em casa. Foi isso que eu aprontei.

Eu fiz o ginásio no colégio Maria das Dores Negrão, em Oswaldo Cruz, até o terceiro ano, se não me engano. A gente já estava ficando meio mocinha e, lá na minha casa, as meninas todas se desenvolveram rápido. Logo cedo eu já tinha peito, bunda, quadril, essas coisas. E vivia na rua. Eu e minhas irmãs. Uma das questões, era que a minha mãe não trabalhava, cuidava da casa. Ela queria trabalhar, mas ou meu pai não deixava, ou não tinha trabalho, eu não sei bem. Eu sei que ela tinha quatro filhos, caramba, como ela ia trabalhar? E a gente está falando daquela época. Minha mãe era muito jovem e gostava muito de conversar com a vizinha. Quando eu vejo as meninas com as quais eu vivo trabalhando aí, eu penso na minha mãe: "Gente, como ela ia cuidar de quatro filhos, se tinha revista pra ver, se tinha amiga pra contar fofoca, pra contar as infelicidades daquele casamento?". Ela não tinha controle sobre as quatro crianças. Eu sei que a gente vivia na rua, mas não porque ela não cuidasse da gente, mas porque a gente escapava, eu acho que eram muitos filhos pra ela. Tanto que minha mãe ficou muito independente, não é muito afetiva. Hoje, não tem esse negócio de morar com filho, essas coisas.

Eu estou falando sempre em relação àquela época. Acho que eu não era boa aluna porque não fazia parte dos dez, não era aquela neguinha exemplar que às vezes vemos nas fotos, a melhor aluna da escola. "Não, é preta, mas é boa aluna", então... geralmente, se você olhar as meninas que são assim, você verá que elas sempre vêm de uma família onde a mãe é empregada doméstica. Eu não, eu vinha daquele universo muito popular mesmo, quase próximo do que a gente diz o que é favela hoje, mas só que naquela época não era, era periferia, era outra coisa, nós éramos suburbanos. Só que era uma outra pobreza. Porque, no nosso caso, nós éramos os mais pobres da área, muito pobres. Mesmo meu pai sendo alfaiate e minha mãe costureira. Até poderíamos ter sido de classe média se eles tivessem clientes. No caso do meu pai, por exemplo, ele tinha um monte de clientes, mas não conseguia dar conta do serviço. A especialidade do meu pai era fazer farda para bombeiro, só que ele não entregava as fardas, só lia jornal.

A cabeça do meu pai, isso para mim é óbvio, era uma cabeça que não correspondia à situação dele, nem à altura. Claro que hoje eu tenho a maior admiração por esse homem, por ele ter conseguido cumprir um objetivo do qual ele falava desde cedo, por isso eu ia falar sobre a escola. Quando a gente começou a botar peitinho, enfim, e ele começou a ver que a gente ficava muito na rua, ele falou "a gente vai sair daqui". Eu me lembro, como se fosse hoje, ele discutindo com a minha mãe: "Essas meninas estão muito na rua, essas meninas já estão ficando moças, a gente vai sair daqui". E não demorou muito tempo. Eu não sei como se deu a passagem, mas eu via que meu pai já não era mais alfaiate. Ele saía cedo e voltava tarde. Aí eu descobri que ele estava vendendo livro, passou a ser vendedor. Tem uma coisa nas classes pobres, que é não ter papo. Geralmente as crianças não sabem o que seu pai faz. Pergunta para uma criança dessas: "vem cá, seu pai faz o que?". Ela não vai saber dizer. Quando tem pai. Porque os pais não conversam, porque a gente não sabe de nada quando a gente é criança. Meu pai conversava, mas não adiantava, ele não falava o que ele fazia. E estou falando de um momento quando meu pai não estava mais em casa, quando ele se tornou vendedor e passava o dia, praticamente todo, fora de casa.

Mas na época, quando ele me ensinou a ler e escrever, ele era alfaiate e trabalhava em casa. A minha mãe era costureira e trabalhava numa fábrica, até casar. Antes, ela foi empregada, trabalhou para a família Kelson, aquela das bolsas e calçados. Depois, ela começou a ter filhos e aí parou. Foi quando meu pai foi despedido de um ateliê na

cidade, onde trabalhava, e passou a trabalhar em casa. Ele confeccionava fardas para soldados do Corpo de Bombeiro e fazia outras roupas também, só que ele não dava conta. Em algumas daquelas discussões com briga, minha mãe o chamava de vagabundo porque ele não acordava cedo e por causa disso que ele perdeu o emprego. De repente, nosso pai, que ficava o dia inteiro em casa, a gente não o via mais, só à noite. Tudo ficou estranho... tenho algumas imagens sobre aquele estranhamento. A gente ficava brincando e às cinco horas, minha mãe saía pela rua chamando a gente para tomar banho, porque meu pai ia chegar: "Seu pai vai chegar, se encontrar você suja e tal...". A gente tomava banho, depois ficava lá, brincando de roda e de repente eu via o meu pai. A gente morava numa rua que tinha uma ladeira imensa, e eu via meu pai descendo com aquela pastinha. É essa a minha imagem, mas a gente não perguntava. Eu só vim descobrir, de fato, que meu pai vendia livros porque minha mãe falou. Por isso é que eu sou fã dele, que eu gosto dele. Ele vendia, naquela época, as coleções, a Enciclopédia Barsa. Ele vendia também coleções de livros infantis. Foi aí que eu li Três Porquinhos, aqueles livros antigos com aquelas gravuras. Quando eu cheguei à Holanda, me deu uma emoção porque eu olhava aquilo tudo e lembrava de meu pai. Eu falava: "Gente! a casa dos três porquinhos", cara, eu ficava assim... como eu chorei, lembrando do meu pai. Aí é que você começa a entender como é tudo muito cruel, é tudo muito cruel. E agora...

No ginásio eu era atendida, mas no primário também. Hoje eu entendo que aluno bom é o aluno atendida. Mas eu não me conformava com as notas que eu tirava. E tinha uma coisa assim, os professores de Português sempre gostavam de mim, eu tinha uma loucura por essas áreas: Português, Literatura, História. Aversa completamente à Matemática, talvez a coisa que eu mais goste hoje. Tinha aquela coisa meio... de ser burra! porque eu venho daquela tradição: se você fala muito, pensa muito, mas não desenvolve boas notas em Matemática; se você não é bom em Matemática, você passa a não gostar de Matemática; se não tira as notas 10, 9, 8, 7, aí você começa a rejeitar. Imagine, para coreografar eu tenho que pensar matematicamente, mas não me mande fazer uma álgebra daquelas, que jamais farei. Então, lá na Escola Maria das Dores, ainda estou falando do primário, quando meu pai começou a vender livro, ele dizia "vamos sair daqui, vamos tirar essas meninas daqui". Realmente tirou. E a gente foi morar num lugar chamado Belfort Roxo, na estrada Plínio Salgado, num conjunto que, hoje eu sei, é da COAB. Não sei se vocês lembram da COAB. Imagina, a gente vinha de uma situação absolutamente miserável, muito mesmo, pois não era todo dia que a gente comia, isso é fato. Estou sendo modesta... Tinha dia que a gente não comia nada, minha mãe pedindo para vizinha, era assim. De repente, a gente sai de Oswaldo Cruz e vai morar num apartamento de dois quartos, um quarto para minha mãe e um quarto pros filhos. Eu me lembro do meu pai levando a gente pra conhecer o apartamento. E eu, puta da vida pelo fato de ir morar longe, naquele fim de mundo, onde não tinha nada. Imagina, na década de 70, a estrada Plínio Salgado só tinha mato e, de repente, colocaram aquele conjunto de apartamentos ali. Cara, não dava, aos nove anos de idade, não dava. O meu pai, vendendo livros, pode dar entrada naquele apartamento e ficar pagando não sei quantos anos. Mas ele não pagou. Meu pai era incorrigível. Não era um cara daqui. O que minha mãe tem de: "Quanto é Dona Heloísa? São 200 reais? Dona Heloísa, só posso pagar isso, em quatro parcelas de 50, todo dia 20". Todo dia 20, Dona Heloísa receberá sua parcela de 50. Meu pai: "Dona Heloísa, quanto custa isso aí, 200? Pode deixar dona Heloísa, eu vou lhe pagar à vista daqui a 10 dias". Espera! É, viajava no sonho. Viajava. Exatamente nessa "Viagem", nome de uma novela que passava durante a minha infância. Vocês lembram?

Na escola, acabei tudo normal. Sempre fui uma aluna assim: nunca repeti o ano, jamais. Imagine. Não podia repetir de ano, não tinha essa possibilidade. E outra coisa, eu gostava de estudar, eu gostava de ler. Eu era enrustidíssima, você não tem idéia, muito engraçado, e me achava feia. Mas eu queria dançar e sabia que eu podia dançar. E comecei a ir a baile quando estava com 13, 14 anos.

A única pessoa que eu escutava mesmo, de verdade, era minha avó. Era mais velha, falava comigo com calma, assim: "Carminha, minha neta, senta aí". "Mas, Carminha, minha neta...". Minha mãe ia logo esportando, não queria saber, mas minha avó, eu escutava. Sou apaixonada pelo meu pai e pela minha avó, na verdade, tia da minha mãe, foi quem criou a minha mãe. Porque minha mãe perdeu a mãe dela quando ela tinha, parece, um ano e pouco. A minha mãe é o patinho feio da história, porque era enjeitada, imagine. Não tinha pai, não tinha mãe e estava de favor. E minha avó, que era tia dela, a criava. Quando eu nasci, minha mãe deu a mim para minha avó batizar. Então, eu era afilhada da minha avó, Maria da Conceição, que nasceu no dia oito de dezembro, filha de Oxum.

Voltando ao colégio, acabei o ginásio e aí, drama: Escola Normal, que eu não queria. No ginásio, eu sempre fui amiga dos homens. Minhas relações todas, as mais vivas, as mais interessantes, foram sempre com meninos, com homens. Pra você ver como é essa coisa do feminino. Não sei bem o que vou dizer, mas lembro que eu tinha algumas amigas, uma de cada vez. Nada de muitas, como hoje. Agora eu tenho grupos de amigas. Naquela época era assim, uma de cada vez. Geralmente, eu era confidente delas, a quem escutava e, geralmente, eram meninas que tinham mais coisas que eu, sempre uma questão de posição aqui, entende? Posição de desigualdade, alguém estava em cima e eu estava sempre em desvantagem, era isso. Então, por exemplo, a Beth, uma amiga. A gente se conheceu na quinta série, fechou o primário, 5ª e 6ª série juntas. Ela era do pelotão da Bandeira. Meu sonho era hastear a Bandeira. Muita gente fala dessa história da Bandeira, mas é verdade mesmo. Quem não queria aquele negócio? Ser vista, pô? Em geral, eram os melhores alunos. Eu queria porque queria segurar aquela bandeira, mas nunca segurei aquela bandeira. Também já descurti isso, porque senão já teria feito alguma coisa segurando essa bandeira. Eu teria posto um bailarino pra segurar a bandeira. Mas acho que, sei lá, descurti. Em seguida, fui para outro colégio, Alexandre Farah. Por causa da história de ir morar lá, naquela área, em Belfort Roxo, Nova Iguaçu... Nova Iguaçu era muito melhor que Belfort Roxo. Por isso, naquela época, a gente não dizia que morava em Belfort Roxo, mas em Nova Iguaçu. Hoje em dia é a mesma coisa. Aí é que entra a parada da minha mãe e do meu pai já pensando pra frente, pois segundo a minha mãe, não tinha escola de qualidade na Baixada Fluminense. Escola de boa qualidade era na Guanabara. Ou você estava na Guanabara ou você não estudava. E aí minha mãe arrumou uma escola na Guanabara. Onde era essa escola? Em Anchieta, divisa entre Guanabara e Baixada Fluminense. Baixada Fluminense é ali, em Olinda. Então, fomos para uma escola chamada Escola Paraíba, no topo da colina. Ainda eram os anos do primário.

Na Escola Paraíba, eu fiz 4ª, 5ª e 6ª série. Da 6ª série, a gente tinha que ir para o ginásio, e o ginásio era só na Guanabara. Era direto, você não fazia prova. Fazia prova? Eu não me lembro. Acho que quando eu estudei era uma coisa quase automática, não tenho certeza disso, não me lembro dessa prova. Eu sei que eu fui estudar no bairro ao lado, chamado Ricardo de Albuquerque, do lado de Anchieta, onde tinha esse colégio chamado Alexandre Farah. Na estrada de Ricardo de Albuquerque, quando você vai pra Anchieta, na Baixada Fluminense, você vê esse colégio do lado esquerdo. Foi lá que eu conheci os meninos, a patota, e a Beth. Ela era da mesma turma que eu. Então, a Beth era minha única amiga. Eu tinha a minha patota de meninos, mas os meninos não aceitavam a Beth. Aí comecei a ter problema de identidade, eu acho. Porque eu era muito amiga dos meninos, eu gostava mais de ficar com os meninos, então não sabia muito bem qual era, tinha uma coisa estranha. Mas também as meninas eram muito chatas. As mulheres, eu acho bacana, mas as meninas eu acho chatas, entende? Quando saí do lugar de menina pra mulher, ficou o contrário para mim. Hoje, quando passa da categoria de menino pra homem é um saco. Homem pra mim é um saco. Aí eu concordo com uma amiga minha: "Homem é só pra trepar e fecha a porta". Claro que eu não concordo com isso literalmente, mas, bicho, eles são muito chatos. E os meninos são muito interessantes. As meninas são um porre pra mim, trabalhar com as meninas..

Hoje, se vocês acompanharem bem a minha trajetória, hoje eu dou aula mais para meninas por circunstâncias outras, por exemplo, eu não tenho mesmo patrocínio. Essa coisa de trabalhar com menino sem bolsa é muito difícil, mas o que eu gosto, onde eu me identifico e onde resulta de fato é com os meninos, eu e eles, eles e eu. "Vambora galera, 7, 8." Mas é imediato. É uma coisa, você não tem idéia como isso me emociona, porque eu os adoro e eles é que botam tudo pra frente. Em relação às meninas, eu é que tenho que ensinar tudo, que ser uma mãe careta, entende? Eu não gosto de ser uma mãe careta, eu gosto de ser mãe do jeito que eu sou mãe do meu filho. Com as meninas você tem que ir ali, você tem que dizer, "Puxa, mais rápido, esse tempo aí não dá, entendo o que você está falando, mas, oh!". É isso sempre... mas com as mulheres não, já com as mulheres, são elas que me ensinam: "ah, tá, entendi". Então é isso.

Quando meu pai morreu, eu já tinha filho. Não sei se ele ficou feliz com minha formatura, nunca reconheceu, mas ficou, imagino. Não, ficou sim, eu é que sou muito ovelha black. Então, voltando ao ginásio. No ginásio é que começaram a aparecer esses problemas de identidade e realmente eu comecei, imagino, como a maioria das meninas, a prestar atenção nas outras meninas. Elas não falam muito isso. E aí, elas sim, as meninas antenadas começaram a me chamar atenção para... não exatamente para o sexo, mas para a possibilidade de avanço. Olha só! Comecei a prestar mais atenção nelas, no que tinha de masculino nelas, que era a vontade de fazer. E aí, lá no ginásio eu comecei a descobrir uma coisa que eu fui sinalizar mesmo no Normal, que foi o teatro. Entende? Eu tinha muita habilidade corporal, embora não tivesse chance, porque meus pais, imagine, não gostavam desse negócio de dança. E minha história primeira era com a dança, só depois com o teatro, e aí nem se fala. Mas no início, eu gostava era de ficar dançando, em casa. Adorava ir pra macumba com a minha avó e com a minha mãe, escondido. Na macumba, então, eu me fazia, na macumba. Eu ia pra macumba pra dançar, que religião o quê? Não entendia nada daquilo. As pessoas até perguntavam: "Pô, mas você não tinha medo?" e eu: "não, ia lá pra dançar!".

Meu pai não gostava desse negócio de macumba, então, minha mãe ia, porque minha avó era de candomblé, era filha de santo. Mas a minha mãe foi mãe de santo. Eu lembro de minha avó era sempre como filha de santo, eu nunca via a minha avó como eu via a minha mãe, sentada lá numa cadeira, mandando no terreiro. Eu via a minha mãe assim, mas eu nunca vi minha avó assim. Eu sempre via a minha avó como filha de santo. Agora, era mãe pequena... porque tem essa coisa de ser mãe pequena. Aí fui para o Normal, forçada. Lá no ginásio, com meus amigos e com uma professora de Português, eu acho que foi meu primeiro tesão de fato. A mulher me sacou e começou a estimular as redações que eu fazia. Começou a dizer que eram boas. E cara, hoje eu tenho clareza disso, o que tava rolando ali era sintonia, mas que passava por um lugar muito mais amplo do que simplesmente uma relação de aluno e professor. Mas ela foi ética, eu era uma menina e ela foi ali incentivando. Eu comecei a gostar, de fato, cada vez mais, de escrever. Então eu escrevia pra caramba, tinha diário, tinha relatório, até hoje eu gosto dessas coisas, tenho meu caderninho, meu diário.

Foi quando eu entrei numa de fazer uma coisa que nessa época era chamado de "ensino profissionalizante", vocês lembram, né? Tinha redator auxiliar, técnico de contabilidade, técnico de administração, normal, técnicas comerciais, técnicas industriais, redatora auxiliar. Eu queria ser jornalista, já que não podia dançar, e também pelo incentivo da professora. Eu só tirava dez em redação. Meus colegas diziam: "Me ensina aqui". No normal, quando eu estava entrando no primeiro ano, tinha só um menino na minha turma, que era o Mário. E na turma do terceiro ano, havia dois meninos, o Léo e o Jobi. Eram três meninos ao todo dentro do Câmara Dutra, na época.

Não escolhi Escola normal, fui forçada pelo meu pai e pela minha mãe. Quando cheguei em casa dizendo que eu queria fazer a inscrição para redator auxiliar, meu pai disse, olha só o texto: "Você é muito preta e não tem dinheiro pra eu poder te tirar da prisão, porque, com essas suas idéias, você vai ser comunista". Esse era o texto. E ele sabia o que estava falando, porque ele me ensinou a ler muito cedo, eu me lembro muito bem das leituras todas que eu li e, assim, lembro também que ele adorava alguns comunistas, que ele acreditava que era comunista. De fato, era Jorge Amado, era o Livro Vermelho do Mao Tse-tung; tudo isso tinha lá na minha casa. E ele tinha umas idéias...

Mas ele não falava com esse discurso de negritude, não. Nesse aspecto ele era absolutamente prático: "Você deve estudar porque você é preta e tem que estudar". Ele sabia muito bem qual era a cor dele. Imagine, ele era um neguinho tipo Milton Santos. Você olha esse tipo de rosto, muito parecido, eu tenho isso aqui dele, essa coisa meio etíope. Ele tinha o nariz um pouco assim, muito, muito fino. Aí deu essa mistura da batata da minha mãe com ele, super etíope, muito preto.

Onde eu estava? Bem, desde que eu era criança, que fui pra escola pública que era assim: "Não quer ir? Você é muito preta pra ser burra, minha filha, pode ir, você vai apanhando, mas você vai". E pra escola normal eu fui assim também. Morávamos no Jardim América, a Escola normal era no Câmara Dutra em Madureira. Eu pegava o 774, sentava no banco da frente, e meu pai ali. Ele dizia: "Eu tô de olho em você. Se você bobear você vai apanhar até a porta da escola". Então, prá não passar vergonha eu fiquei um mês indo com meu pai sentado lá atrás e eu lá na frente. As meninas entravam no ônibus: "Oi, tudo bem?" e eu lá: "Tudo bem". Bobear era não ir para a escola, chegar atrasada, dormir demais, não fazer o trabalho de casa. Meu pai e minha mãe eram super atentos, cara. Eu fui vigiada, isso foi bom, eu fui vigiada, completamente vigiada.

Lá no normal, eu conheci o teatro, de fato. Porque antes, no colégio, no ginásio, a gente fazia teatro, conhecia um monte de gente. Mas no normal era uma coisa organizada, tinha um grupo de teatro, e aí me apaixonei. Continuei indo à aula, mas foi definitivo. E o grande cara que incentivava, que formou o grupo de teatro foi o professor de português. Aí eu me apaixonei, de fato, por essa coisa chamada literatura, letras, porque eu vinha daquela professora por quem eu era gamadíssima e, depois, eu não pude ser jornalista. Então, no normal encontrei o teatro, o professor de português e então comecei a querer fazer faculdade de teatro. Não consegui, porque meu pai ainda exercia muito poder sobre mim, porque eu ainda não sabia, ainda não tinha acontecido um fato que dissesse que eu podia caminhar. Eu dizia: "Vou fazer teatro, vou fazer teatro" e ele dizia: "Não, você não vai fazer teatro". Eu ainda morava na casa dele. Foi assim que me inscrevi para a Faculdade de Letras. Já que eu não podia ser atriz, eu queria ser escritora. Esqueci Comunicação porque pra mim era a mesma coisa. Meu negócio era escrever. Entende? E também eu não tinha essa informação toda que se tem hoje, sobre o que é Comunicação. Não fiz teste vocacional. Até tinha na época, mas só para alguns. Se eu tivesse feito o teste, ia dar psicóloga.

Eu fui super bem colocada na Faculdade de Letras. Entrei na faculdade em 1978, e conheci o mito Heloísa Buarque de Hollanda, Maria Helena Silveira... entrei no curso da Helô, como clandestina mesmo. Olha só como era o curso da Helô, sempre acompanhada dos alunos intelectuais. E só tinha fera: Paulo Caqui, Adalto, Nilson, Suzana Vargas, outra Suzana, mulher do André Lázaro, só aquelas pessoas super feras da faculdade. Ela não dava aula como todo mundo. Dava aula na biblioteca, um mesão! Só que eu, com aquela mania de ser antenada, me juntei aos meninos que eram espertos também. E aí, esses meninos já se aproximaram dessa galera: do André, da Suzana, do Paulo Caqui, do Delfim, do Nilson.

Eu nunca fui atirada, de chegar na frente, mas estava ali e eu ia, com meu jeitinho e ficava. Somente assim eu consegui. Depois, a namorada da Ana Lígia, que é hoje pós-doutoranda de Heloisa, a Ana Lígia tinha uma namorada, a Deborah, que era dessa turma. A Ana Lígia então, de vez em quando, ia acompanhando a Deborah para fuçar a aula da Heloísa. A Ana Lígia não era da minha turma, não sei se era de outra turma, um ano depois, ou antes de mim, não lembro. Mas eu ia meio que escondida, porque o problema eram os alunos. Eles formavam uma galera elitista prá caramba, a gente não podia entrar não. A gente não entrava. A gente não era do gueto deles. Eles eram um gueto mesmo: eram mais inteligentes, eram a vanguarda. A aula podia ser uma bagunça para Heloisa e para aqueles alunos, mas a distância entre eles e nós, é a mesma distância que acontece para quem ainda não pertence. Não, a gente realmente não participava daquilo porque a galera era a vanguarda. E eles se colocavam assim. E todos nós, desse grupo do qual estou falando, nós vínhamos do subúrbio, então a estima da gente era muito baixa.

O Adauto, o Nilson, todo mundo vinha do subúrbio, mas acontece que eles estavam na escola há mais tempo e eles tinham um discurso intelectual que nós não dominávamos, entende? A gente estava chegando no pedaço e a gente não tinha ainda essa entrada. Só havia um caminho de entrar, foi como o meu amigo Carlinhos conseguiu, era através da política. Ele era daquela chapa "Andança". Por exemplo, eu, que sempre fui anarquista, no sentido mais chulo, eu não participava... para mim era muito complicado entrar, a não ser pelos afetos. Então a Ana Lígia e a Deborah me identificavam meio como que sapata, então podia entrar ali na turma delas, entende? Era meio assim, através desse caminho. Havia uma hierarquia, sim. Mas eu achava que poderia furar um cerco. A idéia é a seguinte: não era proibido porque era proibido, não tinha uma chave na porta. A interdição já estava dada por esse conjunto de fatores dos quais falei.

Eu dei aula de Português, de Literatura da maneira, por exemplo, como meus colegas que trabalharam em cursinho deram. Quando eu estava do segundo para o terceiro ano, eu sumi. Nesse tempo, meu pai ficou doente. Então, houve uma situação que eu não me lembro direito, mas eu tinha apresentado à minha irmã aquele cara que me deu a dica para o negócio do Globo. Assim, pelo intermédio dele, minha irmã conseguiu me encontrar, lá na Faculdade de Letras. Ela ficou sentada naquele banquinho de madeira da biblioteca me esperando e, quando a vi, fiquei surpresa. Ela falou: "Olha, eu vim te avisar que papai está morrendo e está com muitas saudades de você". Ela só tinha conseguido me encontrar por causa desse cara, o Stein, que aliás é casado com ela até hoje. Eu era super revoltada com meu pai, mas ela fez de um jeito que me comoveu, então eu fui lá. Eu já estava praticamente casada com o pai do meu filho.

Foi assim: quando eu ainda estava no normal, havia muitos festivais de teatro amador entre os colégios, e eu fui para um festival no Colégio Misericórdia lá na Tijuca. Lá, encontrei um grupo do Colégio Salesiano, de Rocha Miranda, e esse que agora é meu ex-marido fazia parte desse grupo. Então a gente se conheceu lá. Ele fazia teatro e eu, que sempre gostei de dirigir, era atirada, e não sei que mais, gostei muito dele e fiquei impressionada como ele era bom ator. Nossa paixão surgiu porque ele era um ator fenomenal para mim, na época. Aí, o convidei para fazer parte do meu grupo. Ele não podia porque tinha o grupo dele e, assim, a gente apenas trocou endereço. Um tempo depois, o diretor do grupo dele foi embora, e aí ele ligou e falou: "Você não quer vir aqui dar uma força pra gente?". Eu fui lá dar uma força, comecei a dirigir o grupo e a gente se apaixonou. Primeiro ficamos amigos, todo mundo sabia que a gente estava namorando, só eu que não sabia. Para vocês terem uma idéia, ele foi meu primeiro homem e eu a primeira mulher dele. Isso aconteceu logo que eu saí do normal, eu tinha 17 anos e ele 16. Ele é um ano mais novo que eu. E a gente foi seguindo juntos. Quando meu filho estava com quatro anos, a gente separou, mas ficamos muito tempo juntos.

Não, eu não sou poderosa assim do jeito que você está falando. Sou uma personagem absolutamente comum. Nunca fui a primeira aluna, não tem nada disso. Eu larguei a escola de teatro. É o seguinte, durante todo esse período - eu sou uma doida nesse aspecto - e até agora, não consigo pensar em não fazer dança, não consigo pensar em não fazer teatro, não consigo. O teatro foi a minha porta, pelo seguinte: o teatro você faz aqui e agora. Você não precisa do imaginário da escola, entende? A dança ainda estava identificada para mim com o seguinte: Já que eu não tinha escola, eu dançava, cara. Eu dançava a macumba da minha avó, eu dançava as danças populares todas, eu sou boa prá caramba no Maracatu. Nunca ninguém me ensinou Maracatu, mas eu dançava, eu simplesmente dançava e tinha destreza corporal. Mas eu não tinha uma escola. O que eu queria, o que eu invejava eram aquelas meninas do balé. Se você for lá dentro, você vai ver só balé. Você vai ver um negocinho assim de dança contemporânea, o resto todo é balé, eu sei por onde passa. Queria ser aquilo. O teatro, não. O teatro não precisava de escola nenhuma e a gente chegava e fazia e era de quem fazia melhor. Ou seja, convencia melhor, quem encantava. Então, eu nunca deixei de fazer teatro. Trabalhava em casa de família - não tinha e nem tenho vergonha de dizer isso -, ia pra faculdade de noite, e o teatro, nunca deixei de fazer, fazia com meu grupo, inventava. Saí da escola, da Martins Pena, mas continuei, sempre tinha um esquema.

A dança... Nos espetáculos que eu fazia com os outros, e naqueles que eu inventava e os outros faziam comigo, sempre tinha essa questão do corpo em primeiro lugar, então eu sempre dançava. Essa era a minha questão. O teatro era só o caminho de entrar. Naquela época existia a separação entre dança e teatro de uma forma muito objetiva, mas em mim mesma eu sabia que não havia. No meu corpo, isso não existia mais. Então, pra mim, o teatro foi a porta. Se for pegar a minha história pelo teatro, em todas as peças que eu fiz, com exceção de uma com Domingos de Oliveira, em todas elas eu dançava e era atriz. Era pela questão do corpo que as pessoas me respeitavam. Como eu estava no mundo do teatro alternativo dos anos 80, eu freqüentava os lugares e já me sentia um pouco mais segura pra identificar, meio que escondido, algumas pessoas de dança. Porque a minha história é uma história muito sub-reptícia. Eu só consegui sair do subúrbio e entrar, porque eu fui assim, por baixo. Foi dessa maneira, e sempre foi assim com tudo. Eu não sei se é uma coisa muito boa, mas foi assim, fui entrando, mas nunca dessa maneira: "Oh! tá me vendo? Tô aqui oh!". Assim não é.

Fui optar pela dança, muito mais tarde, quando eu já estava segura. Com essa coisa do teatro, eu conheci Graziela Figueiroa, eu via a farra do Grupo Coringa, eu via aquela coisa formal, incrível da Regina Miranda, que eram os ícones dos nos 80, junto com aquela loucura da Angel, do Heiner, do Klaus. Eles estavam muito mais próximos do teatro. Mas, por incrível que pareça, a minha história com a Angel não vem dos 80, quando ela estava tão próxima do teatro, porque eu estava encantada com a farra da Graziela, com o formalismo da Regina. Comecei a me encantar realmente por aquilo, só que a minha estima ainda estava muito ligada àquela idéia de, "puxa, pra onde eu vou, subúrbio, não sei que lá, não conheço ninguém, ai, puxa, não sou eleita, não..." Então eu fazia a aula da Graziela porque uma amiga minha fazia. Ela falou: "Carmen, vai lá é aberto, vai lá". Eu ia lá, como eu fui à aula da Heloisa, entendeu? Eu não tinha uma coragem assim que nem os outros, de fazer aquela diagonal desvairada, eu não, ficava lá e anotava. De vez em quando arriscava. Eu tinha medo de me expor porque eu não conhecia ninguém, só a minha amiga, que também não era nenhuma... Até falei com Regina: "Você lembra Regina, daquele dia quando eu fui à sua aula lá no Humaitá, eu estava posicionando pra fazer uma diagonal e você falou: solta a cabeça, solta a cabeça?". Falei pra ela: "Soltei". Então, essas coisas da dança, sempre junto com o teatro, foi aí que eu fui enchendo, enchendo. Mas eu ganhei a minha solidez, vamos pensar assim, a minha coragem com o teatro, dançando dentro do teatro.

Nesse tempo da Faculdade de Letras os meus colegas me identificavam como liderança, como uma força política, mas eu não, e acho que eles me usaram para a política. Porque eu estou dizendo que eu não me identificava? Porque eu não acredito em partidos. E a maneira como eles viam era sempre puxa pra cá, puxa prá lá, ou puxa pra aquilo lá. Então eu estava fora disso tudo. Mas como eu tinha alguma antena, muitas vezes eu fui representante de coisas para as quais eles me indicavam: "Carmen, você pode". Prá vocês terem uma idéia, pasmem. Eu fui para o I Congresso de Abertura da UNE em Salvador: eu! Fui, porque fui escolhida pra ir, entendeu? Cara, nunca tinha ido à Bahia. Aí de repente você é escolhido porque você tem algumas idéias e você vai lá.

É que eu dizia claramente e defendia algumas idéias que não eram comuns, diante da turma, e reforçava os abaixo assinados contra a ditadura. Nisso aí eu tinha lastro, porque eu via lá, nos livros que meu pai mandava ler; eu via também no acompanhamento político do meu pai, por mais que ele não discutisse isso, eu via. Eu sabia então o que acontecia, eu não era boba. Eu podia falar também porque, por exemplo, a aula que eu mais gostava era a aula da Maria Helena Silveira, eu nem sabia que a Professora Maria Helena Silveira era uma pessoa ligada, e foi onde eu pude me expor mais. Assim, comecei a ganhar gosto. Mas vi que aquilo tudo visava interesses, para mim, pequenos. Eu não tinha a compreensão que eu tenho hoje, embora eu seja avessa a partidos, eu entendo por onde passam as questões políticas.

Adauto pegava pesado, sim, mas o Adauto não fazia militância racial. Portanto, ele não me conquistava. O que me conquistava era o que meu pai tinha falado: "Você é muito preta, cuide-se, estude. Você não é melhor que ninguém, mas também não deixe ninguém pisar em você". Com essa cabeça erguida, com meu cabelo black power eu ia por aí. Eu vinha de uma educação racial da minha casa. Tanto que eu vou dizer pra vocês, a primeira vez que eu tive um susto com essa questão racial, foi quando o Carlinhos, meu colega de primeiro ano da minha Faculdade de Letras, me levou no IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras). Usava um cabelo de Enê esticado, mas todo arrumadinho como aqueles dos anos 50, nos Estados Unidos. Hoje é outra coisa, hoje é super fashion, mas, naquela época, todas as meninas do subúrbio usavam.

Olha só, quando chegamos lá, nós ficamos lá atrás, eu e o Carlinhos, aí o cara falou uma coisa que eu achei que não tinha entendido - toda vez que eu achava que não tinha entendido algo (e ainda é um pouco assim, mas hoje faço isso com mais articulação e educação) é porque eu ia mandar uma, eu ia discordar -, pois bem, naquele dia, como se fosse numa escola, eu, uma típica garota de subúrbio, levantei o braço e fiz a pergunta pra ele. O cara se sentiu ofendido e... Eu não me lembro, mas era uma pergunta barra pesada, senão ele não teria falado o que ele falou. Ele disse assim pra mim: "Olha, antes de você falar alguma coisa, nequinha, vê se você para de esticar esse cabelo". Eu nunca mais voltei ao IPCN.

Cara! O que eu estava perguntando não tinha nada a ver com meu cabelo, eu estava ali. Eu não me lembro exatamente da minha pergunta, mas eu tenho certeza que era alguma coisa de militância, porque o Carlinhos me levou lá, eu me encantei, eu já tinha uma educação daquela que eu tinha recebido... o que tinha meu cabelo a ver com a minha posição? E é isso que me incomoda quando falam do Michel Jackson, quando falam... foda-se, foda-se. As pessoas têm os seus desejos e elas têm direito de fazer com os seus desejos o que elas quiserem. Isso não tem nada a ver. Esse cara, eu não quero nem dizer o nome dele, porque eu não gosto dele e acho que se eu falar nele eu vou dar o maior cartaz pra ele. Eu não sei, cara, ele faz parte dessa corrente que Lélia Gonzáles falava: "Puxa,

neguinha, acorda, você está na universidade, você tem que ser assim, ter que ser assado". Só que eu era uma menina de 18 anos, chegando na universidade, indo para o IPCN, me colocando lá atrás, como sempre, como eu cheguei na aula da Heloisa. Mas eu tô aqui, não tô de bobeira.

Eu tomei aquele cara como a marca do movimento até conhecer Lélia. E quando eu conheci Lélia, percebi uma sintonia, eu confesso a vocês que eu tenho a impressão que ela tentou várias vezes me fazer um pouco de pupila ali, me dar uma certa proteção, de querer ensinar coisas, mas eu não tinha tempo para isso. Eu tinha que trabalhar, eu tinha que ir a luta. Quando eu falo nisso, penso nos alunos maravilhosos, e a diferença entre nós, ou melhor, entre eu e eles. É que eles podiam ficar na faculdade, pensar do jeito deles. Eu não sei o que eles faziam, mas o Paulo morava na casa do estudante universitário, ficava o dia inteiro poetando, era vagaba. O Adauto era poeta, tinha a mulher dele inglesa pra dar o suporte. Primeiro, foi uma índia, depois, uma inglesa. A Suzana era de classe média alta, tinha um marido rico do qual depois se separou. O André Lázaro era professor... todo mundo era de classe média. Caramba, eu tinha que trabalhar em casa de família e vender assinatura do Globo depois, e ainda fazer teatro de noite. E morava em Rocha Miranda, entende? Então não dava, era outro lance, eu sabia qual era a diferença. É por isso que eu falo que pra mim era difícil, entendeu? A antena rolava. Ao mesmo tempo, essa mesma antena me fazia entender o meu contexto e possibilitava que eu circulasse, que é isso que eu faço hoje, circular por todos os lugares.

Sempre fazia espetáculos de teatro onde havia dança, onde eu dançava, sendo que dança, dança mesmo, só muito depois. Eu comecei a coreografar nos meus grupos. Sempre nos meus grupos; desde sempre, eu coreografava. Porque a minha praia era o seguinte, como é ainda: Escrever. Eu gosto pra caramba. Essa coisa de dançar, de optar pela dança mesmo, veio mais de um desencontro, eu achei que o teatro não ia dar. Fiquei infeliz com o teatro e foi num momento que eu não sei explicar racionalmente, mas, se eu for dizer, eu falo daquele momento que a gente diz para si mesma: "Segue o que você acha que é, vai". E aí, cara, eu resolvi só trabalhar o meu corpo, só.

Primeiro, eu continuei fazendo o que eu sempre fiz. Eu tenho um treinamento, que eu venho desenvolvendo há muitos anos. Isso é uma coisa de quem faz trabalho corporal, de quem faz dança, a maioria de nós é assim. Eu tenho um trabalho super autodidata, porque foi dessa maneira que eu aprendi. Depois, eu fui lá pra Angel. E também conheci muitos outros profissionais de dança. Já tinha conhecido, lá atrás, uma mulher maravilhosa, Maria Helena Imbassaí. Essa mulher, que faleceu no ano passado, era bailarina e também atriz. Ganhou um ou dois "Molières" na época do prêmio "Molière", e era discípula da Angel. Era uma pessoa muito especial. Eu me encantei com a maneira dela, como ela juntava tudo o que era a delicadeza do Klaus com a força da Angel. Foi uma coisa muito especial o que ela fez do meu corpo. Maria Helena me fez fazer passarinho, o que fosse, me fez acreditar que era possível. Ela disse assim pra mim: "Carmen, você pode dançar, dance. Não precisa desse negócio de escola, você não precisa ter escola, você não precisa ter ido lá no ballet, você não precisa ter estudado com a dona Eugenia. Acredite, dance, dance. Seu movimento é tão bonito, dance. Ela começava a falar isso pra mim e eu dançava, ia dançando, dançando.

Um tempo depois é que eu fui estudar com Angel. E aí eu cheguei na Angel também com algo assim: "Puxa, sabe o que é professora...". Angel falou: "Que professora? Movimente-se. Você tem um movimento lindo, parabéns, você pode", e foi me ensinando que eu podia. Então, essas duas pessoas, Maria Helena Imbassaí e Angel Vianna foram responsáveis realmente por eu ter dado o passo. Por eu ter me encantado com o passo, foi Graziela, principalmente Graziela, e Regina, por eu ter visto a beleza um pouco mal, é quase como se a gente fosse brincar assim: é o Apolíneo

e o Dionisíaco. É mais babaca falando assim, mas foi exatamente isso. Depois foi mole, eu comecei a perseguir. Primeiro eu comecei trabalhando comigo, depois eu fui tendo coragem e aí comecei a trabalhar com uma bailarina, me tornei sócia dela, e depois viramos inimigas.

Aí eu fiz a primeira companhia, Companhia Étnica de Dança e Teatro. Antes tinha criado vários grupos de dança e teatro, mas bastante amadores, mais no caminho da formação. Para mim foram fundamentais, porque foi por eles que eu conheci o Rio de Janeiro inteiro, você está entendendo? E junto disso tudo, foi através deles que eu fiz a minha militância. Porque foi ali, naquela coisa de meu pai falar aquele monte de coisa para mim que eu fui me interessar, começar a fazer teatro, a fazer dança, a circular nos lugares, no subúrbio.

A minha militância é porque eu gosto, eu acredito, mas eu acredito muito, muito nessa coisa chamada corpo e ele faz a coisa acontecer. Por isso que meu ex-marido falou, naquela ocasião, "o diretor saiu e a professora também, você não quer vir aqui?". Porque eu gostava de fazer isso. Eu estava lá na escola normal, eu estava lá no Alexandre Farah, mas eu gostava de entrar nos lugares. Ia na casa dos meus colegas: "vamos fazer um grupo aí?". Já fazia minhas coreografias, já mexia com eles. E era tudo subúrbio. Eu acho que isso já era militância, eu só não sabia. A consciência mesmo disso eu acho que começou a se dar quando eu fui para o colégio Salesiano, lá em Rocha Miranda, quando eu comecei realmente a dirigir um monte de meninos e meninas como eu. Isso em 77, eu estava concluindo o Normal. Eu posso dizer pra você que a dança acompanha minha vida inteira, por isso, por mais que eu seja apaixonada por teatro e agora esteja fazendo cinema, qual é a minha questão? Minha questão é sempre o corpo que dança.

Eu acho que o cruzamento da militância com a dança começa lá no colégio Salesiano, quando eu começo, de fato, a dirigir conscientemente, quando eu tenho um grupo na minha mão e eu começo a trabalhar com essas pessoas e entender o óbvio, isso que entendi depois. Eu ia à casa de um amigo (eu fazia isso), e começava a querer entender - da forma que vejo hoje, era uma coisa meio de antropóloga - aquele contexto todo para chegar no dia seguinte, no ensaio, e me relacionar com aquilo. Puxar daquele meu colega que eu fui visitar, a movimentação dele, que me foi inspirada por aquela ida à sua casa. Era isso que eu entendia que era militância. Tanto que meu trabalho hoje, ele não se dá de outra forma. Relaciona-se com esses contextos. "Como é, você vai falar disso? Mas como é a tua casa? Vamos lá, me leva lá na tua mãe." E é daquela "historinha com a tua mãe" que nasce a historinha no dia seguinte. E o cara é levado a perceber que "aquela historinha" eu não escondo dele, não escondo, mas também não falo antes, só falo depois, na hora de construir o discurso. "Olha, está vendo? deu nisso aqui. A gente fez isso aqui porque eu fui e falei com você... o que você acha disso, tem sentido isso que eu estou falando?" Eu milito para transformar. Não é o transformar de toda uma sociedade, é para transformar aquele cara, e ele se transforma. Isso aí eu posso dizer que transforma e eu vou morrer com fé nisso. Transforma sim.

Ele tem uma liberdade que ele não sabe que pode usar amplamente, entende? Ele tem uma coisa ali nele que ele pode ampliar muito, para ele ser o que quiser ser. O que me interessa é isso. Eu não quero impor uma coisa pra ele. Mas eu quero chegar e falar pra ele "Maluco, oh! vamos dançar? Por enquanto eu vou te dar esse negócio aqui. Eu vou te dar essa movimentação, agora eu vou parar e a gente vai fazer... agora é com você. Isso pode ser assim, isso pode ser mais acolá." E transformo, porque depois disso a gente vai conversando sobre outras coisas e o movimento é um meio, mas também é a coisa. Eu posso dar um exemplo aí, como a gente fazia naquela época, e como faço hoje. Como eu fazia naquela época: Nós éramos muito jovens e as nossas questões eram sempre "a gente não ter dinheiro e os

nossos problemas com nossos pais". Portanto, as coreografias e as peças de teatro giravam em torno da gente não ter dinheiro e dos nossos pais. Qual a maneira de sair dos nossos pais e como a gente criava os nossos mecanismos? A gente afirmava que a gente podia fazer dança e teatro. Isso para mim era militância. Foi isso que me fez estar aqui hoje, sustentar minha casa, morar em Botafogo. Eu vim de onde eu vim, morar num apartamento de três quartos e estar sentada nesse sofá da Tok & Stock que é caro pra caralho e ter a Heloísa Buarque de Hollanda na minha casa.

É isso, de onde eu vim, isso é militância. Então tem uma transformação, isso que esses caras todos falam aí de transformação social, índices econômicos, não sei o que lá, aqui oh! Eu falo isso com os meus alunos e muito deles hoje estão nesse caminho, exatamente nesse caminho. Já têm a casa deles, já têm o pensamento deles e tudo tem um embrião. Eu tive também um embrião, eu tive o da Heloisa Buarque, eu tive da Maria Helena Silveira, eu tive da Tropicália, eu tive do meu pai, eu tive do Abdias, da Lélia, eu tive do candomblé, da minha avó, todo mundo tem embrião. O discurso de hoje vem disso tudo que vocês me fizeram e que é meu também. Os meus alunos têm isso, estão sustentando a vida deles, estão aí, tem uma porção de gente aí pelo mundo, nisso eu mostro o que é militância. E a minha praia, hoje em dia, é tentar fazer esses atravessamentos assim. Antes eu estava muito focada, completamente focada na zona norte, que é de onde eu venho. Mas depois eu tive uma oportunidade no interior do estado, que é uma outra coisa, um outro aprendizado que eu faço. Agora, literalmente agora, eu estou preocupada pra caramba com essa classe média que acha que é... tem uma porção de pessoas cuidando, entre aspas, de pobre. Eu acho que tem um monte de merda sendo feita porque se acredita numa transformação como cooptação, numa transformação com conformação. Em nada disso eu acredito. Se o cara não chegar pra mim e disser: "Carmen, valeu, fui.". Não tem nenhuma maravilha nisso. Dói, você formar um sujeito, você pegar o moleque sem cueca, você botar cueca nele, você dizer: "Isso aqui é um peruzinho", "Agora você é um bunda mole", "agora cuidado", "bota ele certo no lugar com capinha". Aí você forma o corpo do garoto, o garoto chega no Municipal, o garoto dança, o garoto se forma, e o garoto chega numa hora pra você e fala: "Carmen, beleza". É como o jovem faz, porque eles não vão dizer: "Oh, Carmen...". Com as meninas é mais fácil, as meninas fazem. Os meninos, não. "Ô, Carmen, oh, fui, tchau." Não dói? Claro que dói. Obvio que dói. Mas o seguinte, é pra isso, é pra isso que você faz. Isso é que eu chamo de transformação. E do que eu tenho medo, é do discurso da transformação como dependência, do discurso da transformação como conformação.

A gente tem uma tendência, não sei se é uma coisa de mulher, não acredito nisso, mas nós fazemos muito isso: a gente meio que confunde o trabalho com o outro, com o trabalho com os nossos filhos, principalmente quando eles são crianças e jovens. E se a gente bobear, a gente faz com que eles repitam o que a gente quer que eles façam. Isso é o que eu estou chamando do aspecto da conformação. O cara sustenta sua casa, o cara faz tudo que eu disse aqui, ele evolui, ele alcança o nível educacional, mas ele fica sempre sob o seu guarda chuva e ele não dialoga com você, ele obedece você.

Eu acho que em todas as classes acontece isso, porque a gente está num momento onde há um boom de classe média fazendo isso. Mas também há um boom de classe pobre, de todos os níveis, assentando isso pelo jogo social que se estabeleceu. "Eu me dou bem assim." Esse é o grande problema hoje, essa conformação do "eu tenho que me dar bem porque a única saída de eu existir é eu me dar bem de qualquer maneira". Ora, esse é o grande problema que a gente tem. E a classe pobre sempre foi inteligentíssima na hora de ascender. Então ela vai jogar esse jogo. E também ela sabe que não é para todos, ela sabe que é para alguns, aí viva Darwin, nesse aspecto... Agora, o que me interessa são esses outros que sobram. Com esses outros que sobram é que a gente pode fazer o jogo da capoeira, e aí é pouco,

porque fica um que vai te surpreender, fica o outro que vai te surpreender, não tem massa. Esse pipocar de pequenas surpresas é isso que me interessa. E é para isso que eu trabalho. A minha militância é para isso.

É um a um que se vai formando, um a um, não trabalho com a idéia de massa, porque o discurso da massa está ultrapassado. Quando eu falo da massa, desse conjunto, dessa coisa... Não consigo conceber isso para o meu trabalho. Meu trabalho é para a gente conversar aqui... E aí, o que acontece? Nesse um a um, ele tem a missão, a palavra é forte e acontece mesmo, qual é a história? É da gente falar para muitos.

Eu não conheço um ser mais poderoso que mulher, na boa. Primeira coisa, eu penso que é o único ser humano, de fato, onde o outro ser humano deposita confiança, mesmo. Ainda se acredita que a figura feminina vai dizer alguma coisa que se possa salvar, sabe? É impressionante. Isso aí é a mulher que ainda tem a palavra, acho. Não, eu não acho, tenho certeza. É porque a mulher tem a palavra que as pessoas acreditam como verdade. O homem tem a palavra, mas não a palavra que seja possuída de fé e crédito. Eu vejo, é muito incrível o papel da mulher. Só você olhando um pouco a maioria das lideranças, que nem se considera opção outorgada como liderança, então você vai ver isso. Todo mundo pergunta, todo mundo escuta uma mulher, todo mundo. Podem não levar, pode não admitir, mas ouvem. Olha só... pra mim é tão óbvio, e eu nem sei explicar, porque é muito óbvio. Olha o movimento de mulheres sem movimento. Quando eu falo de movimento de mulheres sem movimento, falo desse bando de mulheres que consegue sustentar as suas casas como as mulheres nas favelas, por exemplo. Você pode dizer: "Ah, mas tem um monte de... elas são machistas, elas educam os meninos machistamente". Cara, mas elas produzem meninos e meninas, eles enchem esse mundo de pessoas, nós enchemos esse mundo de idéias. Eu não encho mais esse mundo de pessoas porque eu decidi, nem posso mais.

Eu estou falando dessa mulher-mãe, não adianta, mulher e mãe são sinônimos, eu tenho certeza. A gente está falando de poder. A gente está falando desse poder de gerar possibilidades, idéias, caminhos e isso está configurado na idéia de feminino. E que os homens por mais que tenham isso, eles não incorporam de fato. É difícil a mulher chegar lá, estatisticamente. Eu vivo isso e todas nós vivemos isso. Eu tenho a impressão que há sempre, nesse caso, o debate entre a razão e a fé. A fé serve para sustentar a razão, mas não pra ser acreditada. Acho que é um pouco isso, não sei, estou pensando agora provocada pela tua pergunta, mas eu vou levá-la comigo e vou estudar. A mulher tem poder, e tem mesmo, porque ela é um arquétipo gerador de confiança, de alguém que sabe, alguém que é capaz de iluminar, de dar um norte. Isso em todas as culturas. Não acho que é mãe. Quando eu falo que é mãe é mais pela idéia de gerar, de iluminar, de ter. Bom, vocês têm que entender que eu sempre falo de uma perspectiva de quem trabalha com corpo e pensa corpo o tempo inteiro. Então, a nossa conformação é sempre dessa grande cabeça. A gente é redonda e se a gente está aqui está sempre em jogo o cheio, o vazio, o cheio e o vazio. E a gente está sempre nesse diálogo de dar, devolver, receber, é sempre esse o caminho das mulheres.

E a gente não tem um lugar fixo, nós somos realmente fluídos, isso é fato. Por isso é difícil um movimento de mulheres te pegar, um movimento rígido de mulheres te pegar. Porque, não adianta, não há segura aí. Há sempre essa idéia de que tudo é fluído, é fluído mesmo. Porque a gente muda aqui... não, espera aí, a gente não tem quatro fases, a gente tem muitas fases. Daqui a pouco, ah! vem aquele pensamento masculino da razão que tenta nos detonar e é por causa deles que a gente também não avança, porque há uma desconfiança sobre nós, porque não se acredita que as mudanças sejam absolutamente reais, naturais e óbvias, que possa haver mudança toda hora, e que essa é a nossa condição de estarmos vivas.

Assim, meus espetáculos são redondos... Eu tenho poder e faço isso conscientemente. E busco entender... Aí tem uma coisa engraçada, pelo menos eu tento. Aí o resultado artístico é uma coisa de críticas, mas eu não vou discutir isso. Eu vou falar de criação. Do lugar onde eu começo a criar é sempre de: eu sou mulher. Eu começo assim. E tem uma outra coisa, por mais que eu não faça discursos, que é querer saber essas coisas que eu acho fundamentais mas que, ou pro sim ou pro não, pro bem ou pro mal, não é o meu discurso de mulher negra que veio da periferia. O que eu digo é importante para quem faz, não é por ser de onde eu parto. Mas essa idéia de que eu sou uma mulher, que eu nasci num certo lugar, onde passei a infância, dos pais que eu tive, essa mulher que chegou e que tem uma mistura imensa nesse corpinho aqui e que deu numa pele que é mais preta que algumas outras, que a sua, por exemplo, isso me dá - eu falo muito disso, sem discurso - a idéia de poder e é por aí que eu vou trabalhando.

E aí sim, é que entra uma militância, entre aspas, de pensar: "Puxa vida, olha aqui oh! valoriza isso, o público olha pra isso". A palavra é melhor pra mim, porque é disso que eu falo, é isso que eu penso. Não é "valoriza isso", é "olha pra isso". Porque eu acredito, no fundo, que se você olhar pra isso, você vai valorizar. Não é a condição sine qua non, mas eu quero que você olhe na esperança de. Isso é poder. Quando eu pego a minha movimentação e trabalho com a movimentação do outro bailarino, da outra bailarina e junto o que eu faço nos meus textos, as coisas que eu penso, sempre será justamente isso: olha o poder que está aqui, olha pra isso, isso tem um poder de te encantar, porque a minha idéia está no encantamento. Isso é grave. Para mim é muito grave, porque a idéia está no encantamento. Não está no "você tem que", não está na idéia da razão masculina tal qual foi colocada no mundo até agora. Está muito mais numa idéia do feminino, aí eu acho que é uma idéia feminina, aí eu acho que é continuar nesse caminho sinuoso, passível da gente falar "puxa, gostei dessa sua saia rosa quando você chegou, mas agora que eu vi nessa luz, eu preferia a amarela, já não gostei tanto. Então pra mim ela não é tão rosa." E você não vai ficar de mal comigo, porque simplesmente ela é rosa, e eu gostei mais daquela outra. E a gente poderá se entender por conta disso. Mas antes da gente se entender, a gente estabeleceu o debate, no qual a gente briga por causa disso, por causa de um rosa, por causa de um amarelo. Isso é poder. É real. E nós mulheres sabemos que é real.

No Andaraí: já era Andaraí, sempre foi Andaraí, por quê? Primeiro, porque o Andaraí era uma área que eu conhecia muito, das minhas andanças de adolescente. Segundo, porque chegou um momento que realmente eu comecei a me interessar mais pelo funk. Essas coisas de andar de galera. Isso começou a me lembrar que eu estava sempre na periferia, e o baile do Andaraí era um baile que eu gostava, adorava. Essa época era 90, 91, 92, finalzinho dos anos 80. Então, para vocês terem uma idéia, na Comunidade Solidária, eu fiz o primeiro projeto pensando, a princípio, que não dava, pois nós éramos artistas. Dona Ruth já tinha feito esse projeto em vários lugares, mas aqui no Rio era o primeiro. A Zezé Motta também se inscreveu nessa época, ela estava fazendo aquele espetáculo "Arte de representar dignidade". A Zenaide queria fazer uma coisa de teatro. Então eu disse para ela: "Olha, não vai colar, sabe por quê? Isso aqui é um projeto no qual eles já têm o da Zezé, eles não vão nos aceitar; eu sou uma ilustre desconhecida da mídia e você... você é também daqui do Rio de Janeiro, não vai dar".

Pelo que eu entendia, pela minha experiência, a gente devia começar - aí eu comecei a explicar para ela - sabendo como entrar na comunidade. Eu não podia chegar lá no Andaraí, onde eu só sabia de rebolar, não era minha comunidade, não podia chegar sem cara da televisão, eu não podia chegar como a Zezé. A Zezé podia chegar lá e falar: "A gente vai montar um grupo de teatro aqui, vamos botar todo mundo na TV Globo" Ela era amiga da dona Ruth, ela tinha um contexto, ela estava na televisão. Eu não podia fazer isso senão seria enganação. Então, o que eu

pensei? Eu pensei em fazer a tal da porta dos fundos. De quê a comunidade precisa? Comunidade precisa de trabalho. Então a gente vai fazer aqui um projeto para formar técnicos teatrais. A partir das técnicas teatrais, a gente vai ensinar um pouquinho de dança, um pouquinho de teatro, agente vai estabelecendo, estabelecendo, daqui a pouco, quando vê, já foi. Foi dessa maneira.

O "Comunidade Solidária" dava uma bolsa de 50 reais, e comecei a fazer aquele meu trabalho de militância que estava guardado aqui, no lombo e no corpo inteiro. Anúncio através de pôster, anúncio na padaria, cursos de teatro, iluminação, cenografia, figurino, ator, bailarino. Tudo pequeno, bolsa de 50 reais. Identifiquei um cara na comunidade para me ajudar, estava pronto, vamos embora. O primeiro projeto durou cinco meses, bombando. Pensei: "Vou continuar" e disse para Zenaide: "Vamos continuar, vamos continuar, não podemos parar". Porque comunidade é o seguinte, se você para, depois, cara, não rola. A gente continuou e nesse ínterim rolou um novo concurso. Zenaide estava viajando e me inscrevi nesse novo concurso. Eram os 100 anos de Bertolt Brecht, aí eu fiz um projeto chamado "O Barraco do Seu Brecht" - "Oficina de técnicos teatrais", para continuar a idéia da técnica, mas já pensando numa encenação, porque eu queria montar Brecht no morro do Andaraí. Levamos de novo.

Vocês vejam que a idéia estava sempre ligada à questão da técnica, porque o programa "Comunidade Solidaria" era uma capacitação técnica. E como eu ia convencer, sem estar na mídia, que aquele trabalho era trabalho? Que o trabalho do ator, o trabalho do bailarino eram trabalhos e não arte, para quem acha que arte não tem nada a ver com trabalho. Por isso foi que eu sempre vinculava arte a trabalho para poder ganhar. Era a estratégia para poder ganhar. Era assim eu me aproximava dos técnicos que eu conheci a minha vida inteira pelo teatro.

Nessa época havia muita gente que tinha ONG, mas não era meu caso, nem o nosso caso. Veio o segundo projeto, depois veio mais um terceiro, mas Zenaide e eu já tínhamos rompido a nossa parceria. Cada uma foi pro seu lado, mas companhia continuou com o mesmo nome e, mesmo assim, a gente escreveu um projeto para o "Comunidade Solidária", para ela seguir o caminho dela onde ela achava que era e eu continuar no morro do Andaraí que era onde eu queria ficar.

A Zenaide se desencantou porque não era a praia dela naquele momento, sei lá. Tanto que lá onde ela foi fazer, em Itaboraí, também não deu certo. Esse trabalho é um trabalho muito... é uma coisa estranha, eu não sei explicar. Acho que exige uma tecnologia que você tem que dominar além da questão afetiva, ideologia. Acho que é isso. Depois nós rompemos de fato porque Zenaide queria ir para os Estados Unidos. Não, primeiro ela foi para Paris, achava que esse negócio no morro não ia dar certo mesmo. Eu falei: "Vai dar". E ela disse: "Você vai ficar aí, vai jogar pérolas aos porcos". Enfim, eu quis ficar, eu gostava disso, era meu projeto e continuei. Continuei, trabalhando para pagar. Que é como eu faço hoje. Minha grana vai toda, mas é dessa maneira que eu acredito nas coisas. Não sei até quando, mas tem sido assim ao longo dos meus 49 anos. Porque eu acho que essas coisas você já planta quando nasce, está plantado e aí vai desenvolvendo essa parada.

O espetáculo "Cobertores": foi assim, esse "Cobertores" que vocês conhecem, primeiro foi um espetáculo chamado "Sai de cima", formado por vários esquetes sobre vida em comunidade. Tinha um determinado momento, o ápice do espetáculo, para o qual Zenaide e eu criamos algumas estruturas coreográficas quando se falava sobre essa história de população. Então o que eu trazia? Falei para Zenaide: "Lembra do Hélio Oiticica? Pois é, cara, Hélio é o seguinte... e se esse cara andasse comigo nas ruas, de cobertores? O cara iria fazer uma instalação. Vamos trabalhar o "Cobertores"

com movimento?" e começamos assim. O espetáculo tinha três minutos. Fizemos algumas estruturas, algumas sequências... daí, eu viajei e quando eu voltei ela tinha feito mais duas estruturas. Eu botei a música, uma música da Natascha Atlas, uma música linda, não sei se vocês conhecem essa cantora, brilhante.

Eu e Zenaide nos separamos de fato. Não dava mais e eu continuei com a Cia Étnica, com o fardo. Naquele momento era fardo, porque eu não tinha dinheiro nenhum, mas tinha para filmar e foi uma coisa! Sofri imensamente com tudo isso, com uma parceria de dois anos rompida, muita coisa envolvida e aí começaram a chegar as dívidas, as dívidas, e eu tinha que trabalhar muito para pagar. Mas o que me alimentava era que eu trabalhava muito as coisas. E dava aula, fazia palestra, coreografava, dirigia, tudo que você puder imaginar; assim, menos nobre. Mas mantinha...

Comunidade Solidária... Não foi bem três anos, mas, na verdade, foram quatro concursos aprovados. Primeiro concurso, primeiro semestre de 97. Depois, segundo semestre. Em seguida, 1999 e 2000 aprovado já no final. O que acontecia nesse momento? Os meus amigos, aqueles que eu tinha convidado para trabalhar no tempo do "Comunidade Solidária" (como é a minha inocência, hoje eu entendo, mas na época era difícil para mim entender)... eu achava que quem come caviar quando as coisas estão boas, vai tomar sopa de pedra quando as coisas estão ruins. Afinal de contas, eu achava que quando a gente sobe uma comunidade para trabalhar com arte, a gente...

O meu grande problema foi ter tido meu pai, minha mãe e minha avó que diziam: "Minha filha, passa adiante, olha os outros, não é só você". A gente escuta e ao mesmo tempo não escuta. A gente pensa que não está ouvindo, mas está entrando. Além disso, eu li muito quando era criança. Li o Pequeno Príncipe e tenho impressão que aquela historinha "tu és responsável por aquilo que cativas", entrou de uma forma que não descolou, porque não é possível descolar. Às vezes eu acho que é uma bobagem ou um sacrifício meio doido fazer certas coisas, mas quando vi, já fiz, quando vi, já era. Isso não tem nada de 'Poliana', é uma coisa que é, antes de tudo, da gente. É uma coisa maluca, quando eu vejo, fiz. Agora como eu vou correr lá na frente para poder ganhar por isso, sei lá, porque desfazer não vai dar.

Então, voltando, o que meus colegas faziam? Muito delicados, sempre foram delicados comigo, diziam: "Ah, Carmen, estou com um problema hoje não vai dar para ir...". Então, eu comecei a perceber que é muito complicado subir a ladeira com sol, na chuva e sem dinheiro.

Não basta que o projeto seja da pessoa, tem que ser a vida dela. Tinha uma coisa ali que eu queria investigar, queria compartilhar e continuo querendo, quer dizer, o tempo passa, eu continuo trabalhando lá no morro do Andaraí, no projeto social, consegui fazer uma coisa que eu queria provar para o mundo da dança que era possível. No mundo da dança não é fácil, como não é em nenhum mundo. Você lembra bem quando eu comecei essa historinha de falar de dança contemporânea em comunidade. Que história é essa? Não existe, não mesmo. Tem alguns colegas que fizeram experiências muito pelo lado político, mais numa relação assistencialista com aquela comunidade. A minha questão não era assistencialista. Isso não tem nenhum valor, para mim. Simplesmente eu não assino embaixo do assistencialismo. Não faço comparação nenhuma, embora muita gente faça comparação.

Quando o "Comunidade Solidária" acabou, eu já estava completamente envolvida. Eu não tinha ido lá para o morro por causa do "Comunidade Solidária". Eu estava inquieta: "O que eu vou fazer agora? Eu não quero mais trabalhar teatro e dança da maneira como eu estou trabalhando profissionalmente. Eu quero uma outra coisa". Então eu vi o

"Comunidade Solidária" como uma senha, uma porta de entrada pra eu desenvolver aquele outro lado da Cia Étnica que era a minha praia. Arte contemporânea, corpo jovem sem vício. Meu problema eram os vícios; meu problema era o profissional que já estava engessado ali. E eu estava, dentro de mim, com idéias que eram para mim muito novas. Eu queria experimentar coisas. Seria mais fácil se eu quisesse ser uma coreógrafa, uma diretora. Naquele momento ali, eu estava trabalhando mais com o teatro. Se quisesse ser uma diretora para esses padrões... mas não, não queria isso. Eu queria fazer uma outra coisa, eu queria trabalhar com dança. Queria fazer uma pesquisa atravessada com o teatro, mas aquilo que eu estava fazendo não era bom para mim. Então, como eu já tinha uma experiência muito grande em comunidade, eu achava que eu podia, pelo menos, tentar alguma coisa, algum caminho, formar gente para fazer o que eu achava que era bacana no futuro. Junto disso tinha uma questão foda mesmo. As pessoas diziam: "Ah, porque vocês atores negros, vocês bailarinos negros, vocês não trabalham. Tudo bem, não tem trabalho para vocês, mas quando a gente chama para trabalhar vocês são fracos. Ah, tudo bem, vocês são fracos porque vocês não trabalham".

Eu ficava pensando assim: "Putá cara, a gente não trabalha? ah, tá bom. Mas quer dizer que eu vou ter que ficar escutando isso? E quando eu chegar à idade da dona Ruth de Souza, quando eu chegar à idade da Léia, eu vou escutar isso tudo de novo? Então está na hora de partir para o plano B". E eu disse para mim: "Vamos formar. Eu formo e a gente trabalha. Porque não dá para trabalhar com essa galera?". Porque tinha essa questão ideológica. E foi por isso eu fui para lá, para trabalhar essa questão com aqueles corpos. Eu queria provar para o mundo da dança que a gente não acesso àquelas escolas que apenas algumas pessoas conseguem entrar, mas a gente tem uma outra escola e que é possível fazer. Fui trabalhando com eles e, hoje, eu tenho dois bailarinos da primeira turma de 97 que estão em Moscou. São aqueles que saíram do plano do projeto social e se tornaram bailarinos profissionais. Eu queria provar isso.

Agora sim, a gente volta para o início da Cia Étnica que nasceu em 94. Mas só que o fato é que eu continuei em 97, 98, 2002. Mas vamos falar de 2000, que foi um marco. Ali começou, já posso dizer a metade do plano. 2000 foi a metade do caminho. Eu conheci numa festa um cara muito bacana do Instituto Goethe, era diretor do Instituto Goethe, o Klaus Becker. Eu o convidei para subir o morro do Andaraí para ver o que eu estava fazendo. Eu não acreditei que ele fosse, mas ele foi. Um bom alemão, aquelas coisas, curioso, apaixonado por favela, foi ver o que essa mulher estava fazendo lá. Ele chegou lá e viu. E aí, no final, ele me perguntou: "O que eu posso fazer? Porque esse trabalho é maravilhoso". Eu falei: "Então me ajuda a descer, eu quero dançar isso aqui no Panorama da Dança Contemporânea". Imagina! Ele falou: "Só isso que você quer?, pensei que você fosse pedir dinheiro". Eu falei: "Eu só quero dançar no Panorama da Dança Contemporânea, porque isso aqui é dança contemporânea. Ele falou: "Claro que é". Eu falei: Pois é, mas a gente não vai conseguir entrar lá". E ele me ajudou a descer.

Em 2000, a gente dançou com aquele projeto, que ainda era o projeto, era o nome da Companhia, eu estava ainda seguindo uma trajetória. Daí, a gente dançou e foi capa do Segundo Caderno do JB. Descobertos pela arte. Em 2000, eu fiz toda a coreografia de um espetáculo mesmo, chamado "Cobertores". Eu transformei aqueles três minutos num espetáculo de uma hora e meia. Fiz várias versões. Porque o tema era a rua. Os bailarinos eram os alunos da primeira, da segunda, da terceira, da quarta e da quinta turma, em evolução daquele curso. Misturei os alunos mais experientes, que eu sabia que um dia seriam bailarinos, e que um dia integrariam, de fato, a Cia Étnica. Misturei todos e fiz esse espetáculo.

A Petrobras só surgiu em 2001, a partir do momento quando a gente foi capa. É por isso que eu dou tanta importância para a mídia. Mas aí começou uma grande confusão. O mundo da dança me taxava de assistente social, óbvio.

Diziam que aquilo não era exatamente dança, que aquilo era um projeto social e eu dizia: "É dança contemporânea. Realmente tem o projeto social aqui dentro, mas isso que vocês estão vendo não é projeto social. Projeto social eu faço lá no morro do Andaraí. Quando eu trago os bailarinos para cá, é para apresentar um espetáculo". Agora a gente está com um patrocínio, mas quem pagou a apresentação do último espetáculo "Danças do Coração", foi o social.

Bom, foi assim que eu dei início à tentativa de desfazer esse equívoco. Pensava: "E aí cara, como eu vou desfazer isso? Não vai dar, eles não vão entender, o preconceito é enorme mesmo, mas eu preciso fazer a trajetória que acredito, ou seja, é possível formar um jovem desses no projeto social e ele se tornar um profissional de dança e competir com qualquer outro bailarino. É possível. Então vamos partir pra cima, vamos pegar o dinheiro do social. Vamos continuar fazendo projeto social lá em cima do morro e realizar espetáculos com os melhores".

Eu nunca disse: "Querido, você não vai entrar em cena porque não dá pra você". Ao contrário: "Você pode, você é bailarino mesmo? Vamos trabalhar? Bailarino mesmo é todo dia, oito horas por dia". Então, era essa a história. Fazíamos as aulas, o cara me pagava, e aí conseguimos em 2003 profissionalizar a primeira turma desse processo. Não a primeira turma de 99. A primeira turma desse processo já tinha passado por vários espetáculos e já demonstrava que tinha capacidade para fazer uma prova no sindicato da dança. Submeti todos eles ao sindicato. Foram 13 os que fizeram prova e ganharam notas altíssimas. Eu botei no jornal: "Surge a Cia Étnica de Dança". Mudei publicamente a razão social. Estou falando de papel. Sempre tinha sido Cia Étnica Produções Artísticas, porque aquela primeira Cia Étnica de Teatro e Dança morreu quando eu fui para o Andaraí. Depois, a Cia Étnica também morreu, porque ficou somente no social. Como eu já tinha na ocasião uma turma só de bailarinos, virou a Cia Étnica de Dança. Eu posso dizer que a Cia Étnica de Teatro e Dança eu fundei com a Zenaide e a Cia Étnica de Dança nasceu, de fato, em 2003.

Com a Cia Étnica de Dança a gente fez a última versão dos "Cobertores", "Clipse", em sua última versão (a primeira ainda estava muito misturada com o projeto social) e "Enter". Era uma trilogia sobre as pessoas que moram e transitam no mundo da rua com poesia. Era essa a experiência, pegando sempre a obra do Hélio Oiticica e, no "Enter", a da Lúcia Clark também, como ponto de reflexão, para trabalhar com a idéia do movimento além do papo e com outra linguagem. Essa última, "Danças do Coração" já foi um passo muito mais adiante no sentido mesmo de assinar em baixo aqueles bailarinos que iriam para o mercado e começar um processo novo para tentar dessa vez seguir outro caminho. Nós já somos uma Cia de dança, totalmente formada dentro de um espaço periférico, dentro de uma comunidade, dentro de uma favela. Agora eu quero trabalhar outros bailarinos de formações diferentes, todos universitários, que estão se formando ou se formaram em dança pela universidade. Quis fazer essa mistura e ver no que dava. "Danças do Coração" foi assim, com uma linguagem muito elaborada. Pra vocês terem uma idéia, eu trabalhava absolutamente sem música, era só corpo, tudo aqui no corpo, mas não era percussão corporal não, a respiração é que era a música. Tinha apenas três fragmentos de música instrumental em alguns momentos do espetáculo. Eu trabalhava também com a idéia do vídeo. Comecei a introduzir o vídeo dentro do espetáculo desde o "Clipe-se".

O projeto social... Agora a gente vive um momento triste, mas eu posso dizer que, nesses anos todos, lá no morro do Andaraí, muitos jovens passaram pelo projeto social. Acho que uns dois mil jovens, entre os que faziam durante um tempo e os que ficaram. Nesse último espetáculo com bailarinos formados pela universidade, eu também tinha que fazer projeto social dentro da Cia Étnica.

O projeto social é assim: eles têm aulas, e de início eu já vou falando que não estou dando nada para ninguém porque a praia não é assistencial. Sempre falo para eles que quem dá alguma coisa são políticos corruptos, principalmente quem dá dentadura, camiseta, etc. O resto é prestação de serviço público. Falo que sou uma artista e que estou ali para oferecer as informações que eu tenho, sobre alguns aspectos artísticos, e receber deles as informações que eles têm ao nível comunitário e ao nível cultural da comunidade deles, que melhor que eles eu não conheço. Então eu conheço algumas coisas e eles conhecem outras, e assim vamos estabelecer um trabalho de intercâmbio, de experiências. Esse é o primeiro ponto do projeto. E eu tenho que dar essa aula para todos os profissionais do projeto que chegam para trabalhar. Porque se eles não aprenderem essa lição básica, não vai dar certo. Então o projeto começa assim, com essa aula magna. Depois temos que cumprir um cronograma através de uma metodologia. A partir daí eles passam por todos os estilos de dança, ou modalidades, como dizia o pessoal antigo da dança.

Isso é o que chamaríamos "formação de cidadão". Para mim, formação de cidadão é quando dizemos para um menino desses que não estamos ali para dar nada, mas para trocar. Um menino como esse vem com toda experiência própria de comunidade, mas também de desvalor sobre si mesmo, com uma auto-estima muito baixa. A primeira experiência é fazer com que ele melhore essa estima. Como se pode fazer isso? Introduzindo essa questão na modalidade de dança. Primeiro: ele pode dançar. Não precisa ser o cara magrinho nem a menina magrinha, mas a dança vai incorporar os corpos deles, aqueles corpos da periferia. Hoje, a gente já tem as musas da periferia, e esse é um projeto bacana. Nós temos esses corpos todos absolutamente moldados ali, por aquela geografia, por aquelas ladeiras. Então, a primeira coisa a fazer é acreditar nesse corpo, nesse corpo como produtor de possibilidades bacanas para cada um, mesmo que não seja um corpo moldado com vistas apenas para ser o corpo de um bailarino, mas um corpo que se aprende a respeitar e, a partir dele, poder se localizar melhor na vida de cada um. Isso é que é o social, o primeiro momento.

O segundo momento parte-se desse corpo para o corpo do outro. Então a gente começa: você não está se respeitando agora, você viu que seu corpo...? Como você está vendo o corpo dela? E aí a gente segue. Mas isso sem pieguice, o papo é muito reto, chega a ser antipedagógico, se eu for seguir a galera... Uma professora falou para mim que era uma metodologia de muita violência, que eu era antipedagógica porque eu chegava no papo reto. Porque? o que eu faço? A poesia vem de um momento sublime mesmo, dessa inter-relação no dia a dia. O papo é reto. Eu não venho de um lugar onde eu chego "oh, meu nenenzinho", não sei o que lá. É assim: "Oh galera! a gente não tem tempo para perder, a gente só tem tempo para achar, então vamos achar.

Depois que a gente se entende nisso, eles já me respeitam, eles acham que eu já sou um deles. Mas eu esclareço o tempo inteiro que não sou um deles, que eu sou estrangeira na parada e faço questão de me manter ser eternamente assim. Mas depois que a gente já se entende, aí começa a outra camada, as outras informações: "Então, olha, vamos ouvir aqui esse MC, porque vocês só têm que escutar esse rap aqui? existem outras coisas, vamos escutar a diferença e perceber como seu corpo se coloca". Isso, para mim, é tudo social. Essa metodologia é que é social. Então, eu trabalho esse social com bailarinos profissionais que vêm de experiências muito diferenciadas dessas, porque muitas vezes esses bailarinos chegam sem essa experiência de contato com o outro e com a vida. Por isso que eu acabo fazendo esse trabalho que eu chamo mais de educação, com eles. Meu modelo é, primeiro, o modelo da experiência comunitária mesmo, a gente tem que se virar em todas as pontas, a gente tem que jogar em todas as posições.

E o outro modelo parte dessa idéia de que você realmente não pode escravizar. O que está por trás de tudo é a idéia do ser escravo, que é uma idéia que me persegue, acho que é uma obsessão talvez. Por isso, eu não gosto de usar essa palavra porque parece que eu estou falando de raça e eu não estou falando disso. Nós temos que romper com qualquer possibilidade que impeça o nosso desejo de ser exercido. Realmente é aquilo que você acredita que você tem ser. Então, se eu estabeleço já na minha sala de aula: "fulaninho vai fazer isso, fulaninho vai ser o primeiro, fulaninho vai ser o segundo, fulaninho vai ser o terceiro"... eu já começo a dizer que tem um rei e que tem um vassalo, e esse vassalo tem um escravo. E aí eu já estabeleço uma coisa que não é hierarquia, uma coisa que é da ordem realmente da submissão mais perversa. Então, isso me agride e eu não quero isso para os bailarinos. Isso não quer dizer que eles não tenham as suas habilidades específicas. Puxa, o Fabinho, o Fabinho hoje está em Moscou e no próximo espetáculo ele vai assinar as coreografias comigo, porque eu estou trabalhando nisso há anos, eu estou trabalhando para ele ser coreógrafo. Trabalho para essa galera ser coreógrafa, para essa galera dirigir, para essa galera chegar, e não para ficar aonde sempre estive, no sentido mais perverso.

Ah, os cargos públicos? Pois é, sempre me convidam... Eu me sinto assim, identificada com uma certa tradição de apagar incêndio. O meu primeiro cargo público (eu tive alguns), mesmo, de vulto, foi o da Secretaria de Educação, na gestão de Mariléa Cruz, onde eu criei e coordenei um projeto de educação e teatro. Como já tinha uma colega que fazia dança lá, e não tinha ninguém de teatro, então eu falei: "Ah, não tem ninguém de teatro aqui, então vou cuidar do teatro".

Você sabe que eu sou completamente obsessiva, trabalho muito, e acho que observaram essa característica, tanto para o sim quanto para o não, tanto para exploração dessa experiência, quanto para fazer a coisa fisicamente. Por outro lado, perceberam meu interesse pelas políticas públicas. Acho que ninguém é obrigado a contribuir para as coisas, para o que pensa, e irradiar isso com sua maneira própria de fazer. No meu caso, eu acho importante sair dessa experiência absolutamente particular e dar minha contribuição pública, mas de uma forma que possa manter a minha experiência particular. A minha experiência particular ganha quando eu faço isso, me sinto fazendo uma coisa legal. A única coisa que eu não tenho como meta é o "para sempre". Isso não acontece.

Primeiramente fui para o Rio Arte, e só depois é que fui para a Secretaria de Educação. Fábio Ferreira me convidou para dirigir a rede de teatros, onde eu fiquei apenas dois ou três meses, porque, naquele momento, a rede de teatro não era o que é hoje, no sentido de ter um coordenador ou um diretor. Naquele momento, da chegada do Fábio, era uma coisa mais de síndico e meu trabalho é de outra ordem, aí não deu. Pedi, fiz que fez o Capitão Nascimento, pedi para sair. Dois ou três meses depois, quando Arthur da Távola tinha caído ou saído, e eu estava em São Paulo, meu telefone tocou. Era o Ricardo Macieira, que tinha assumido e estava me chamando para dirigir o Centro Cultural José Bonifácio. Ele tinha sido diretor, presidente da "Rio Arte", na época do Fábio e esteve na platéia do espetáculo "Cobertores". Foi assim que nos conhecemos.

Naquele momento o Centro Cultural José Bonifácio passava por uma fase super complicada porque o Cobra tinha saído, e o novo diretor em nove meses... aquele trabalho todo que o Cobra tinha feito... Eu posso dizer que encontrei o José Bonifácio assim: terra arrasada. O Ricardo me chamou porque sabia que eu conhecia muito bem o José Bonifácio e, talvez, porque, eu fosse negra, enfim, o fato é que eu fiquei lá por quase dois mandatos, ou seja, um mandato inteiro e um pouco mais da metade do outro.

Eu tinha participado da gestão do Cobra como assessora informal. Eu ensaiava lá, eu sempre ensaiei lá, pô, são essas coisas que eu gosto de fazer, então, quando eu assumi, fui fazer do meu jeito, pois eu discordava de um monte de coisas. Portanto, a primeira coisa que eu fiz lá foi tentar aproximar a comunidade daquela área do centro cultural. Porque aquele Centro Cultural fica no centro, no bairro na Gamboa. E eu comecei a criar algumas coisas muito parecidas com o que eu fazia no Andaraí. Eu estava no Andaraí. Criei algumas oficinas abertas para a comunidade, como artes plásticas. Isso o Cobra tinha feito lá, só que a comunidade não ia, então comecei a atrair a comunidade através de algumas coisas que fossem bacanas para ela. Criei, por exemplo, o projeto "Samba depois da praia". No domingo, todo mundo vai para um lugar depois da praia, a gente está no Rio de Janeiro, então é para um sambinha que a gente vai. Então, convidei muita gente foda para cantar: Luis Carlos da Vila, Martinália, a maior galera e vinha tanto o pessoal da comunidade, quanto o pessoal da zona sul.

Criei também oficinas de hip hop e caíram de pau em cima de mim: "Como pode? isso é musica americana". Foi bacana porque depois os projetos de hip hop foram chegando. Mas para minha área, eu tive que comprar uma briga, e aí criei um projeto chamado "Danças na Gamboa" e coloquei junto a galera de dança contemporânea, que não tinha nada a ver com a questão racial, nada, nada. Projeto de danças contemporâneas bem abstratas sem vínculo com a obrigação de dizer isso ou aquilo lá dentro. A cada semestre a gente ocupava todos os espaços, todas as salas eram abertas para fazer exercícios de arte contemporânea para a comunidade entrar e ver. Era assim. Fora isso...

As minhas gestões sempre se propõem a um projeto contínuo. E saí porque não agüentava mais um certo caminho que a Prefeitura estava tomando. Eu gosto de entrar convidada e gosto de sair com convite também, mas eu mesma fazendo. E não gosto de brigar. Não queria participar de nada público, porque eu nunca quero, de fato, participar de nada público. Eu nunca me lanço ao cargo público, mas não me furto aos convites. Penso muito antes de topa. Eu tenho meu trabalho e eu gosto de políticas públicas. Todo mundo sabe a maneira como eu penso, a maneira como eu faço as coisas. Mas quando as pessoas me convidam, sabem o que eu penso, não sabem o que eu vou fazer. Mas o que acontece? Muita gente pensa que eu vou fazer uma coisa x e eu acabo fazendo outras coisas.

Em meio a isso tudo, eu nunca deixei o Andaraí e a Cia Étnica de Dança. E aí fiquei só nelas, e dei início a um projeto com o CESC, pelo interior do estado, a convite deles. Era tudo que eu queria fazer e continuei trabalhando. Nesse ínterim, eu saio do José Bonifácio, mas antes eu espero o Ricardo arrumar alguém. Aí eu recebi alguns convites não oficiais para vir para cá, para o Centro Coreográfico.

Agora, em janeiro de 2009, estava fazendo meu trabalho e recebi um telefonema da Jandira Feghali [secretária de cultura do município]. Na verdade, quando eu cheguei lá, ela só tinha me chamado para conversar. Eu até pensei que era mais uma coisa relacionada ao meu período de gestão no José Bonifácio, pois quando a gente sai no meio de uma gestão pode ser algo complicado. Mas ela me convidou para dirigir o Centro Coreográfico. Eu pensei, demorei a dar a resposta, mas acabei aceitando.

Aqui é assim, a categoria tem esse momento complicado de afastamento total do poder público. A dança só perdeu nos últimos anos ela. Depois daquele boom da Helena, eu acho que teve duas questões importantes ali, a dança só veio perdendo, perdendo, e chegou ao ponto que a gente está hoje, sem diálogo. Primeiro, hoje eu já não sou mais vista como aquela assistente social por alguns colegas. Eu considero que há uma boa receptividade ao meu nome.

Estou tentando estabelecer um diálogo entre a dança e o município. Esse é um papel absolutamente político, com Jandira Feghali. Então, fazendo esse papel de aproximação e escrevendo um projeto para quatro anos, não quer dizer que eu vá ficar os quatro anos, mas o projeto que eu estou pensando é para quatro anos. E a primeira idéia é fazer com que as pessoas da dança contemporânea e de todas as outras danças, mas, principalmente, da dança contemporânea, parem de implicar com esse lugar. Se antes havia uma questão pessoal, agora parem de implicar com isso, tentem minimizar a experiência preconceituosa da nossa categoria, no sentido de se pensar que "a zona norte é muito longe, e lá não vou". Tentar fazer intercâmbios, principalmente com países com os quais não temos nenhuma chance de ter intercâmbio, porque a dança ficou muito projetada com seus intercâmbios na Europa, principalmente Alemanha e França. Por isso, acho super bacana a gente manter esse diálogo porque é através do estabelecimento do diálogo que a gente vai conhecer também um pouco dos intercâmbios que são possíveis de serem feitos com a América Latina, com América do Sul, com a Ásia, com a África.

A gente deveria trazer criadores desses países, como também devemos ir lá, pra fazer esses intercâmbios internacionais, que considero muito importante. Tentar refletir um pouco sobre o que as pessoas pensam da dança contemporânea, e fortalecer a idéia da dança amadora, que ainda não está colocada. O que acontece? Aqui dentro tem muitos projetos sociais, as pessoas envolvidas nos projetos sociais vão ficando muito chateados comigo porque eu não vou privilegiá-las. Ora, eu entendo que o Centro Coreográfico, embora ele não seja o Centro Coreográfico da cidade, ele é um Centro de referência da dança, da dança da cidade. Então os projetos sociais têm que dar lugar à dança, disponibilizar espaços e mesmo quando a dança virar uma dança amadora, seus integrantes poderem vir para cá para intercambiar com os profissionais.

A gente tem que fazer esse cara que é amador, conviver no espaço profissional para entender o caminho. Porque se ele continua lá no espaço do projeto social, ele não vai entender. O que acontece hoje? Os caras que estão no projeto social, que ensaiam aqui, acham que são profissionais e eles competem na mesma sala que são os espaços dos profissionais. Enquanto isso, eu não estaria contribuindo para a profissionalização da dança. Se eu crio uma coisa absolutamente ilusória nesses jovens, estarei mentindo, porque ele não vai poder competir, ele não tem bala pra competir, ele não tem informação teórica, ele só tem a disponibilidade corporal de onde vivem os projetos sociais. Dessa disponibilidade corporal dos seus jovens, da sua força, da sua garra, da sua vontade de fazer, da sua vontade de aparecer, de ter acesso ao que tanto se quer para ele. Então o meu pensamento em linhas gerais é esse: estabelecer coisas importantes como, por exemplo, o "I Encontro Nacional de Projetos Sociais em Dança". A gente precisa pensar em danças com corpos outros, que não sejam apenas com esses corpos aparentemente perfeitos que nem o nosso. Temos que pensar, por exemplo, na galera que dança em cadeira de rodas. Tudo isso é dança e tem profissionais disso, e não é projeto social.

E tem outra coisa que me deixa mais preocupada. Outro dia eu estava conversando com um coreógrafo muito famoso que teve acesso à formação, e ele chegou e falou pra mim: "Pois é Carmen, nem te conhecia, mas não me surpreende porque eu posso contar nos dedos quantos coreógrafos negros existem e não enchem uma mão". E eu disse: "Não é verdade. Você pode não conhecê-los, porque eles estão onde nós não estamos". Então tem uma coisa específica que eu quero muito fazer aqui. Se você pensar que há certo nicho para a cultura negra, eu direi que é o seguinte: esses profissionais negros da dança contemporânea e popular precisam ter um lugar onde eles possam construir sua obra e um lugar onde eles intercambiem, se encontrem com outros coreógrafos. Os outros coreógrafos precisam vê-los

para parar com esse negócio. Isso não quer dizer que a obra deles seja boa ou má. O que eu estou falando é que termina em folclore, se eles não mostrarem seu trabalho. Com isso, eu não estou falando de professores de projeto social, eu estou falando de coreógrafos profissionais e bailarinos profissionais, e que às vezes estão até em certos nichos como é o Plataforma, mas se colocá-los para dançar outras coisas, eles podem aprender a dançar outras coisas e podem tentar outras coisas.

Então, acho que esse é um projeto desafiador para mim, mesmo sendo mais problemático. Estou falando isso no sapatinho, fazendo o papel da umbanda, porque eu não sou trouxa, porque a gente vive num país absolutamente racista, numa cidade mais ainda e, pior, numa categoria que vê o corpo negro mesmo como um corpo folclórico e não respeita nenhum pouco o samba como dança, por exemplo. Então é uma coisa muito... Agora, o que eu não posso, em termos de política pública, eu não posso mostrar a preferência por uma modalidade, mas todo mundo sabe que sou de dança contemporânea e que sou do projeto social. Mas aqui, vou procurar trabalhar respeitando a categoria como um todo porque, por exemplo, eu acho tão lindo o balé e me pergunto por que a gente não tem mais? É por aí.

Os bailarinos não são os mesmos e isso não é folclore, não é balela. Eles aprenderam a escutar outras músicas, como primeira coisa direcionada para a educação estética. Assim, eles podem optar se eles querem continuar escutando as músicas que eles ouvem desde sempre, ou se eles querem escutar outras coisas. O mais importante é que houve para eles uma palavra que virou jargão chamada afeto. Eles tiveram a possibilidade de conhecer, de freqüentar teatros públicos e privados, de conversar com outros artistas, ficar no meio de outras gentes que, na cabeça deles, como está colocado nas comunidades, são as ilhas da fantasia. Eles freqüentaram universidade, eles foram lá para o curso da Helô e da Ilana, mas também foram para a UERJ, freqüentaram aulas de filosofia com o Mauro Costa, eles fizeram intercâmbio com outros profissionais de dança de outras partes do mundo, eles viram a comunidade deles ser absolutamente reconhecida e respeitada, não pelas páginas policiais, isso é fato, mas pelos cadernos culturais.

Isso tudo foi formando um respeito dele em relação às artes. Tanto que aqueles que não foram ao encontro do morro do Andaraí falam: "Carmen, daqui a pouco meu filho vai estar lá, não deu para mim, mas meu filho vai estar lá". Isso é um reconhecimento que um projeto social em arte pode fazer. E outra coisa, eles podem a todo momento dizer claramente: "Eu tive a oportunidade de fazer isso, mas não deu para mim, seja por que motivo for, não deu para mim, mas eu tive oportunidade de fazer". Isso me parece ser o mais importante e assim é que ele adquire uma cidadania. ■



A minha história... Na verdade, a minha história é uma história de vida comum, como de todas vocês, como de todas nós.

Perdi o meu pai quando eu tinha sete anos de idade. Minha mãe ficou com sete filhos pra criar: o mais novo tinha nove meses, a mais velha tinha oito anos e eu com sete. Começou a correria. Meu pai morreu do coração. E o que é que aconteceu? Nós tivemos que nos virar, os filhos maiores, pra poder trabalhar pra comer. Minha mãe, graças a Deus, até hoje é viva. Eu fui ser babá, com sete anos, em casa de família, fui aprendendo. A minha irmã também foi trabalhar. E a outra, de seis anos, ficava em casa tomando conta dos menores.

Minha mãe trabalhava de dia e de noite em duas empresas de ônibus, lavando ônibus. Com sete filhos, como que ia dar comida a sete filhos, e com esse salário ótimo que a gente tem? Aí, o que é que aconteceu? O tempo foi passando e conheci o meu marido. Eu tinha 10 pra 11 anos. Com 14, resolvemos que tínhamos que assumir uma vida. Nunca deixamos de ajudar a minha mãe, a meus irmãos, até que, na verdade, juntamos forças.

O meu marido, na época, trabalhava numa oficina mecânica, ele varria a oficina. Ele se chama João. Eu digo, eu não tenho marido, eu tenho um pai, um amigo, um companheiro, eu não tenho marido. E o que é que aconteceu? Depois de seis meses, que a gente casou, houve a chacina aqui, em Vigário Geral, no ano de 93. Eu não posso deixar de citar isso porque é uma coisa que ainda me dói muito. Mais ou menos, foi aí tudo começou, quando aconteceu aquela chacina de Vigário. Em 95, já tinham feito a Casa da Paz, eu estava desempregada, nessa época e pedi à menina uma vaga para trabalhar na Casa.

Era o Caio que estava lá. Aí ela falou: "Só tem pra faxineira". Eu falei: "Qual é o problema? Vamos lá". Aí fui faxineira, depois fui office-boy também. Quando vinha almoçar, porque a Casa da Paz é próxima daqui, sempre o pessoal que

trabalhava lá falava: "Põe mais um pouco de água no feijão, porque a gente tem que ir lá fora pra comer, é longe, e se a gente já come por aqui, tem tempo de descansar mais". Aí eu já fazia um pouco de comida a mais, uma refeição melhorzinha e, assim, fomos galgando os espaços. Logo depois veio o AfroReggae que, felizmente, graças a Deus, entendeu o que se passava e me deu a minha grande oportunidade na vida, de ser uma mulher honrada, porque até hoje, com essa correria que você está vendo, foi por obra do AfroReggae que todo pessoal que vem de fora, seja quem, come aqui. Toda a visita do Afroreggae, do Brasil e do mundo. O Afroreggae tem um esquema assim: o povo de fora chega no Afroreggae, visita a comunidade e almoça na Chupetinha antes de ir embora. Então, foi porque o AfroReggae é uma ONG bastante conhecida, que até hoje, graças a Deus, nunca envergonhei a eles e nem eles, graças a Deus, a mim e por isso que a nossa vida vai melhorar muito mais.

Esse restaurante é meu. A primeira vez que eu inventei fazer isso aqui foi quando entrou o Prosanear, logo depois da chacina, quando a Casa da Paz foi inaugurada. Prosanear foi o projeto que fez o saneamento básico daqui. Os engenheiros do Prosanear consultaram o AfroReggae. Eu quase morri do coração. Um dia, o responsável do projeto chegou aqui e falou: "Dona Chupetinha..." Eu falei: "Dona fica difícil, que eu não gosto. Se você me chamar de Chupetinha, eu estou às ordens". Aí ele falou: "Tá, Chupetinha. Nós estamos começando uma obra aí e o que nós queríamos de você é que você atendesse o nosso pessoal. São 70 funcionários e mais engenheiros, apontadores", o pessoal deles. Eu falei: "Agora!".

E eu nunca tive isso aqui, isso aqui era só uma laje. E eu comecei fazer as quentinhas, éramos eu e essa amiga, a moreninha. Eu disse: "Vamos lá, vamos correr atrás". Aí começamos a fazer as quentinhas e entregar. Só tinha uma mesa de quatro lugares, comia quatro e quatro esperavam. Depois comiam mais quatro. Eu tenho as fotos de como era mais ou menos o esquema. Um engenheiro que, infelizmente, ele não se encontra mais no nosso meio, falou: "Chupetinha, vamos fazer alguma coisa lá em cima porque tem mais espaço". Eu falei: "Eu não tenho condições pra isso". Ele falou: "Se eu te ajudar, o que é que você acha?" Eu falei: "Aí, está tudo bem", e ele realmente me ajudou. Infelizmente ele não viu isso aqui ser inaugurado, porque ele morreu antes. César era um garoto jovem, 33 anos, lindo, cheio de vida, trabalhava em comunidades, e, um dia, ele foi fazer um pagamento e acabaram com a vida dele.

Não foi aqui não, foi em outro lugar. E o que aconteceu? Hoje, eu tenho honra e orgulho de dizer que eu sobrevivo disso aqui. A minha família sobrevive disso aqui. Hoje, graças a Deus, eu posso até dizer com muito orgulho, que eu posso sustentar mais duas famílias, que são as das minhas meninas, as que trabalham comigo. Eu tenho um casal de filhos e mais essas duas meninas aqui, que são duas famílias a mais, que, graças a Deus, também se sustentam daqui, entendeu? Tudo que elas têm, que compram, possam a vir a ter, só sai daqui. Pra mim, isso é de grande orgulho, porque costumam dizer que quem mora em comunidade - tenho uma mania de dizer não acho que isso aqui é favela, pra mim é comunidade - tem que ser gente errada. Tenho um filho que está terminando a faculdade de Turismo este ano, e trabalha no AfroReggae desde os 13 anos de idade como professor de dança. Ele dançarino e é coreógrafo no AfroReggae. Tenho uma filha com 30 anos que já terminou há muito tempo a faculdade de computação.

O meu filho optou por essa área, até porque ele já viajou por muitos países com o AfroReggae. Ele já visitou uns nove países e, o que é que acontece? Ele optou pelo que ela ama e ele ama o que ele faz, como eu amo o que eu faço, apesar que se rala um pouquinho nesses dias assim, mas não tem conversa comigo não, vou pra cozinha, as meninas reclamam, eu faço comida com elas, eu faço as frituras, eu não quero nem saber. Eu quero ser honrada, eu quero ser honrada.

Quando dizem assim: "A Chupetinha é famosa", eu não sou famosa, não. Famosas são essas meninas da minha vida, que me dão força e perseverança, porque quando se começa qualquer negócio, às vezes se começa com uma pessoa, com duas, e pra galgar, hoje em dia, é difícil. Atualmente, eu posso dizer que eu, Chupetinha, coloco aqui dentro, não de uma vez só, mas coloco 130 pessoas. Só não coloco de uma vez por conta do espaço. Mas aí eu faço três turnos pra isso, eu digo e provo. No carnaval, teve um navio que atracou na marina com um pessoal que veio visitar o AfroReggae. Foram 130 japoneses e eu atendi todos eles - eu dou três horários, claro, com três horários, porque não dá pra colocar todos ao mesmo tempo.

A gente consegue botar aqui 50 pessoas tranquilamente. Dá um trabalho incrível na cozinha. É a melhor coisa, porque, quanto mais comida eu faço, mais eu quero fazer, entendeu? Eu sou apaixonada por cozinha. O AfroReggae me deu um curso de cozinheira, no SENAC, no ano passado, que durou seis meses. Foi excelente, porque cozinheira, eu já podia ser, mas tem muitas técnicas de cozinha, que a cozinheira não tem, entendeu? Por exemplo, o curso ensina a gente a se comportar na cozinha, a maneira de pegar na faca, as maneiras de proceder. Eu que já sou muito detalhona mesmo...

Falei que eu não vou envelhecer, nem crescer, que também com 48 anos eu já sou desse tamanho, eu não vou crescer mais. E o que é que acontece? Eles me pagaram o curso e, logo depois, me levaram pra São Paulo, pra poder participar de um seminário lá, que deu no livro chamado Antídoto, e eu fui. Aí eu fui pra lá, cozinhar num dos maiores restaurantes da Avenida Paulista. Fiz menu degustação, coffe-break e almoço. Não levei ninguém daqui, fui sozinha. Fui eu e Deus e um menino que está ali, que se chama Feijão, que foi me acompanhando.

Olha a foto dele, aqui. Ele foi porque eu nunca tinha saído daqui, nunca tinha viajado pra lugar nenhum, nunca tinha entrado num restaurante na minha vida, nunca tinha visto uma cozinha daquela na minha vida. Esse restaurante na Paulista, eu vou lembrar o nome, péra aí. Fiquei lá uma semana. O Júnior me mandou pra lá e eu tive que me virar. Não fiz nenhuma comida de lá, nada, só fiz as minhas comidas daqui, do jeito daqui, tudo foi feito igual aqui, entendeu? A única coisa boa que eu tive lá foi muitos garçons pra me ajudar. Tive 30 ajudantes que me ajudaram bastante. Fiz comida pra 450 pessoas. Mas é legal porque, olha, quem faz um quilo de arroz, faz 20, nêga. Claro, tem tomar cuidado pra não ficar salgado, ter qualquer problema.

Nunca tinha saído daqui pra lugar nenhum, nunca tinha andado de avião na minha vida, foi a primeira vez. Mas não fiquei com medo, não, porque o Feijão segurou na minha mão e, depois, quando eu fui ver, já estava voando, parecia até um passarinho. E de repente: Já cheguei. Quando pensei que estava voando, já estava chegando lá, o homem avisou que já estava chegando lá. Pena que, quando eu saí daqui, estava 31^º. 40 minutos depois, quando eu cheguei lá, estava 14^º. Levei um baque tremendo. Saí daqui, o maior calorão, chega lá, frio! Mas, graças a Deus, correu tudo bem, todo mundo ficou muito satisfeito. Fui entrevistada por uma pessoa que eu achei que nunca chegaria perto de mim, só ouvia falar, sabia que ela tinha muita fama e ela botou: "Chefe Chupetinha e cozinha paulista", e colocou lá, no menu, as coisas que eu ia fazer. Aí, quer dizer, lotou o restaurante.

Eu fiz várias comidas lá. Como você vê, eu tenho um menu enorme. Cozinhei peixe, fiz muitas coisas, pois as comidas de lá são totalmente diferentes das daqui. O meu feijão preto foi pra lá, não quis nem saber, botei o feijão preto, aipim. Olha, eu fiz uma revolução na cozinha do homem, mas ele também foi muito bom, o nome dele é Gil, muito...

sensacional, inclusive, me deixou bastante à vontade. Fiz bastante sucesso, dei 32 entrevistas, e cozinhando, hein? Quem quisesse, tinha que ir na cozinha. Mas foi muito bacana, muito legal. Tenho tudo isso guardado: as minhas entrevistas, as fotos, posso provar tudo que estou falando.

Foi uma coisa muito legal. Eu viajei no dia 19 de outubro pra lá, 2008, no ano passado e comecei a trabalhar no dia 20, porque o dia 19 caiu num domingo, mas eu precisava fazer os pré-preparos, tudo, fazer o mise-en-place. E o que aconteceu? Quando foi no dia 20, eu comecei a trabalhar. No dia 21, era dia do meu aniversário e a Dona Milu, que é dona do Centro Cultural (Itaú Cultural), me fez uma surpresa muito bonita: ela me deu um bolo lindo, sem eu saber. Eu estava na cozinha, ela me levou aquele bolo lindo e reuniu o pessoal dela pra cantar parabéns pra mim. Eu acho que ela sentiu a minha carência e a necessidade que eu tinha de estar com a minha família naquele dia. Foi muito emocionante. Posso voltar um pouquinho pra dizer o seguinte: todo trabalho que se faz com amor, honra e dedicação, ele é bem aceito por todos. Por isso eu não sou a famosa Chupetinha; igual a Chupetinha tem muitas aí, que têm disposição, que não têm medo do escuro, entendeu, não têm medo do que vem lá atrás, É pra ir? Vamos embora. Porque, entrar dentro de um restaurante, quando eu nunca tinha entrado num restaurante na minha vida, nem nunca tinha andado de avião. Era um escuro pra mim.

Não, eu não saio de casa. Já fui ao centro algumas vezes, claro; já tinha ido ao centro, mas assim, não dá pra ir sempre porque toma todo o tempo da gente, entendeu? Mas assim, o lugar mais longe que eu já tinha ido, era o centro mesmo, entendeu? E de ônibus, que demora muito mais pra chegar daqui ao centro do que de avião daqui pra São Paulo. Eu até falei com a minha menina aqui: quando eu saí daqui, eu deixei o feijão no fogo e, quando eu cheguei lá, o feijão ainda estava no fogo. Olha a rapidez. Eu falei que agora eu só quero andar de avião, que é bem rápido. Perdi o medo de andar de avião.

Eu nasci aqui mesmo, minha mãe mora aqui do lado, em Vigário. Minha mãe é do Rio Grande do Norte. Meus avós, eu não cheguei a conhecer, mas também eram de lá, meu pai também era de lá. Minha mãe veio primeiro. Ela trabalhava com uma família e veio com essa família e o meu pai, apaixonado, veio atrás. A família é toda romântica, é uma bênção.

João, meu marido, trabalha junto comigo. Ele é torneiro mecânico, só que agora ele é aposentado. Agora ele é ajudante de cozinha, empresário, dá colo... Mas não sabe cozinhar, até hoje. Só aprendeu a fazer miojo pra mim. Como miojo. É difícil ficar o dia todo na cozinha e comer da sua própria comida, porque tenho muitos anos, 15 anos que eu estou fazendo comida. Aí ele aprendeu a fazer miojo.

Ah, nunca larguei minha chupeta, nunca larguei, nunca, nunca. De madrugada, a chupeta parece que me acalma. Nunca parei de chupar chupeta. Eu tenho um monte, até hoje. Não tem mais jeito, não. Agora é difícil. Eu vou a qualquer lugar de chupeta. Levei minha chupeta para São Paulo. Fui pro mercado de São Paulo, o dia todo de chupeta, o tempo todo. Foi uma festa no mercadão. Na época, tocava aquela uma música, foi até engraçado, que cantava assim: "Chupa, chupa, que é de uva", não tinha uma música assim? Só que eu estava com uma chupeta vermelha, aí eu falei: "Não é de uva, gente, é de melancia". Aí eles começaram a cantar "Chupa que é de melancia". Mas foi um sucesso no mercadão.

No hotel, de chupeta. Eu necessitava da chupeta, não é precisava, não. Longe da minha família, na frente de todo mundo, eu ia ficar sem a minha pequenininha? É necessidade mesmo.

Algumas pessoas me copiaram. Antes só tinha eu que vendia comida. Hoje nós temos umas oito, mais ou menos, aqui dentro, que procuraram também, dentro desse querer lutar e vencer e, graças a Deus, estão lutando e vencendo também. Outras, eu acho até que talvez por (eu não queria dizer isso, mas... é assim) até por um pouco de inveja e tudo, não conquistaram por isso. Tem pessoas que me amam, mas sei também que tem muitas que não me suportam. Mais as mulheres. Porque é muito complicado, uma casa simples como a minha, tudo aqui é muito simples, e eu tenho uma demanda enorme, recebo vários artistas, todos que vêm pro AfroReggae vêm me visitar, vêm me ver, fazem questão de vir me ver, entendeu? Então, o que é que acontece? Tem pessoas que não se sentem bem, que são pobres de espírito e isso não faz bem a elas. Mas também tem muita gente que acha isso hilário, entendeu, acha gostoso, vem pra rua, me pede pra tirar foto com os artistas. E eu acho legal isso.

"Meninas, vocês vão se ajeitando aí". [Fala alto em direção à cozinha]. "Por favor, os clientes estão chegando". É porque eu digo aos meus meninos que aqui todos são tratados como filhos, entendeu? Se eu tiver que chamar atenção, eu chamo atenção; se eu tiver que brigar, eu brigo; se eu tiver que abraçar e beijar, eu abraço e beijo, entendeu? Aqui não tem esse negócio: o melhor e o pior; todos são iguais, entendeu, nós somos uma família, eles me ajudam, e eu ajudo a eles. Mas todos aqui são iguais.

Eu não chego a ter preço fixo porque eu gosto de servir à la carte, mas quando vem visita tipo, 50 pessoas, 70 pessoas, eu faço um buffet. Nunca fiz um prato só no buffet; eu faço tudo que está ali e boto no buffet. Eu aposto mesmo. Aí o buffet tem outro preço, entendeu? É claro que eu não teria como cobrar ao pessoal da obra o preço de buffet. Eu não teria como cobrar. Mas como eu digo, quando tem um poder aquisitivo um pouco melhor, a gente cobra o buffet.

A vida das mulheres daqui está bastante diferente. Até porque as mulheres têm mais oportunidade de emprego, têm mais oportunidade de estudar, têm mais oportunidade de se qualificar, entendeu? Então, eu acho que a minha geração foi muito pior do que essa; essa está tendo muito mais oportunidades. Dá pra ver resultados, por exemplo, hoje, se a gente chegar, vamos dizer, nas empresas lá fora, a gente vai ver que tem mais mulheres trabalhando do que homens. No próprio AfroReggae tem mais mulheres do que homens trabalhando, a não ser na obra, que na obra só trabalha homens. Se a gente for em qualquer lugar daqui, no posto de saúde, a gente vai ver mais mulheres trabalhando do que homens. Antes não era assim. Nós não tínhamos nem posto de saúde.

O meu casamento foi a coisa mais linda do mundo. Eu conheci o João na Praia de Ramos, quando a mãe de uma amiga minha mais velha, pediu à minha mãe pra levar a gente pra praia de Ramos; e quando chegamos, nós todo nos divertindo e ele sentadinho lá, o dia ensolarado... Eu tinha 10 anos, ia fazer 11 e ele estava com 17. Aí a minha colega ainda me repreendeu: "Você não está vendo que esse homem não vai te querer?". Eu falei: "Por quê?" "Ele não é preto, é branco". Aí eu falei: "Não tem problema, eu sou lutadeira, desde pequena, eu sempre fui guerreira, eu vou conquistar ele". E ele fingindo que nem era com ele, se fingindo de bonzinho. Aí eu fui chegando pra perto dele assim, sabe, puxa a toalha, baixa a perna, puxa conversa e, conversa vai, conversa vem, nós marcamos um encontro na praça de noite. Fui pra praça, morrendo de vergonha. "Mãe, pode ir na praça?", sem a minha mãe saber, senão eu ia apanhar. "Mãe, pode ir na praça?", "Pode".

Quando eu cheguei lá, ele não tinha aparecido, esse burro. Eu estava escondida dele e ele escondido de mim, pra ver se eu ia. Aí ele apareceu, eu conversei com ele, aí a gente ficou sentadinho no banco da praça, sabe, só a gente. E dali, eu falei: "Eu não vou poder vir todo dia aqui pra te ver, porque a minha mãe sempre está em casa". Aí ele disse: "Eu vou lá pedir pra sua mãe pra namorar você". Eu acho que esses foram os melhores dias da minha vida, porque ele falou com minha mãe, e minha mãe falou: "Tá, pode namorar, agora tem uma coisa: aqui em casa o homem sou eu, a mulher sou eu. Você tem que chegar às sete e sair às oito", porque a minha mãe chegava do serviço às sete e saía às oito.

Aí ele aceitou e quando foi no outro ano, a gente casou. Por quê? Porque eu falei pra minha mãe: "Mãe, eu quero casar", aí a minha mãe tinha que assinar porque eu era menor. Aí eu falei: "Mãe, se a senhora não deixar eu casar com ele, a senhora vai passar vergonha". Qual seria a vergonha de uma mãe não deixar um filho casar? Eu ia casar de qualquer jeito. Ou eu casava ou fazia que nem o povo de hoje, eu ficava. Mas tivemos problema pra assinar porque eu era muito jovem tinha 11 pra 12 anos. Aí, tivemos que ficar e ficamos um tempo, mas a minha mãe já sabia, não era nada escondido, e ela explicou pros outros. Fomos arrumar o nosso cantinho, viver a nossa vida e estamos até hoje 35 anos juntos. Mas eu queria voltar o tempo pra ser mais 35; por mim, seria mais 35. A gente tenta superar as barreiras, porque não foi só amor, não foi sempre só carinho, só amor. Não, tivemos muita luta, entendeu? Quando o meu filho nasceu, a gente morava num barraco tão pequeno e chovia muito dentro, a gente tinha que tampar o berço dele com plástico senão molhava o menino. Moramos de aluguel em barraco. Cansamos de ficar ali nas palafitas da vida. Ai era tudo palafita. Mas o que é que acontece? Hoje, as pessoas têm muito mais facilidade, então se torna mais fácil se agregar ao seu companheiro, ficar mais junto do seu companheiro, porque as facilidades que a vida dá, dá pra fazer isso. Antes era muito mais difícil. Aqui eu nasci, aqui me criei, aqui me fiz. Eu tenho um grande sonho para esse lugar, não sei se eu vou realizar ainda, mas Deus vai me dar essa oportunidade, que é fazer um restaurante de verdade, dentro de Vigário Geral. Eu tenho esse grande sonho, de fazer um restaurante de verdade, restaurante mesmo.

Eu quero chamar Deus e o mundo, pra inauguração. Em nome de Jesus, eu vou ter o meu restaurante dentro da minha comunidade. A minha comunidade merece isso. Depende muito de infra-estrutura, depende de dinheiro, porque o meu poder aquisitivo aqui é baixo. Eu não posso fazer um preço alto porque os trabalhadores não têm essa condição de pagar. Então, eu não tenho fundo de caixa. Nós comemos e, daqui a pouco, o meu marido sai correndo pra ir fazer compra, pra já botar pra amanhã. Então, depende de vários fatores. Mas pra Deus nada é impossível e como eu venci até aqui, por que é que eu não vou vencer mais? Eu vou sim, eu vou fazer um restaurante dentro de Vigário Geral, em nome de Jesus.

Quando eu fiz o curso no SENAC, quem saísse em primeiro, ia passar uma semana trabalhando no Bistrô do Flamengo e, por acaso, poderia ser aproveitado lá, como muitos lá foram aproveitados. Infelizmente, eu tive que dizer não, porque eu não ia deixar o meu povo, eu não ia deixar a minha comunidade que me acolheu quando eu mais precisei. E eu disse que não. Agradei o convite deles, mas disse que não. Mas o Júnior do AfroReggae foi muito legal comigo, me levou pra fazer uma entrevista lá e eu conheci o Bistrô. De qualquer maneira, era um grande sonho conhecer, eu conheci. Conheci a cozinha, os funcionários, conheci vários lugares lá.

Isso me ajudou bastante. Lógico, tudo é uma ajuda. Porque se você sujar um garfo, você não vai saber como lavar o garfo. E eu tenho uma maneira assim, eu acho que amar cozinhar não é só botar a mão na panela, é lavar a louça, é limpar a cozinha, é arear a panela, entendeu? Eu acho que isso é pra quem gosta de cozinhar, porque esse negócio de só ir lá e mexer panelinha, não é comigo. Eu boto a mão na massa, como qualquer uma delas, entendeu? Aqui, tem que inteirar todo final de semana [completar o orçamento e a despensa].

"Gente, vocês viram se o Feijão chegou?". "Feijão chegou". "Feijão, faz o favor". Esse é o meu baby, o Feijão¹. "Vem cá, amor". Esse é uma bênção, um filho que eu amo muito. Ele que, coitadinho, sofreu em São Paulo comigo, o bichinho.

Feijão fala: -- "A comida dela é maravilhosa! Em São Paulo o sucesso foi total. Saiu na coluna da Mônica Bergamo. A Chupetinha é uma mãe pra mim, cuida de mim. Ela que cuida da minha dieta aqui".

Chupetinha: A mãe com certeza tem um papel especial. Não é só na periferia, não, é em todo lugar. A mãe é mais especial do que o pai. Não desfavorecendo, nem desmerecendo os homens, mas porque o homem fica mais tempo fora de casa, entendeu, a mãe... mesmo a mãe que trabalha, ela procura estar mais tempo próximo ao seu filho, nem que seja num telefonema, numa roupinha que foi lavada e passada com carinho, numa comidinha que a mãe deixou pronta pro filho, entendeu, o filho sabe o paladar da mãe. A mãe é mais protetora. O pai, quando chega, quer logo tomar banho. A mãe, não, a mãe, quando chega, quer ver logo a cria, saber como é que foi o dia da cria, ver o cabelo da cria, coisa que o pai... os pais, em geral, não fazem isso muito.

Não tem média, porque o Afroreggae traz visita... tem semana que o Afroreggae não traz uma visita; tem semana que o Afroreggae traz visita todos os dias, entendeu? Eu não tenho como tirar uma média, não tenho uma média. Sinceramente, eu não estou sendo mentirosa, estou sendo verdadeira, mas eu sobrevivo disso aqui. Não guardo dinheiro, que eu não tenho fundo de caixa. O que ganha, vai pro mercado, compra de novo, pra fazer no outro dia. O que ganha, paga a conta do telefone, paga a conta da luz, entendeu, paga o que tiver que pagar; isso aí, não tem outro jeito, tem que ser assim, entendeu? É difícil isso acontecer, mas às vezes o meu filho precisa de alguma coisa, tipo: "Mãe, me vê aí R\$ 30,00 pra inteirar a passagem, né, da faculdade?", tem que ter. Como vocês viram, sou fumante, né, tem que ter o do meu cigarro, tem que ter... né? O dinheiro da minha cervejinha também tem que ter. Infelizmente, agora, eu estou tomando antibiótico, não posso, mas...

Minha religião é: eu amo a Deus acima de todas as coisas. Só. Minha igreja é Jesus Cristo, na minha vida. Só amo a Deus, só confio em Deus. Deus é meu alvo.

Estudei até a quarta série, porque tinha que trabalhar, casei, né? Não tive filho rápido, mas não dava tempo. Leio muito, amo, amo. Tudo, eu leio tudo, é jornal, é revista, tudo, tudo. Eu não gosto muito de escrever, mas gosto muito de ler. Gosto muito de ler. Cinema? Já tem uns 28 anos que eu não vou a um cinema. Até porque aqui tem TV a cabo, e eu vejo muito filme. Eu prefiro ver filme do que alguns programas, entendeu? Gosto muito, inclusive essa semana...

¹ Washington Rimas, mais conhecido como Feijão, aos 12 anos ingressou no tráfico de drogas e aos 20 anos já havia se tornado chefe na favela de Acari. Foi preso em Salvador quando já buscava uma vida mais tranquila e vivia na capital baiana como empresário. Para abandonar de vez o crime, ele contou com a ajuda do Pastor Marcos. Mas, por não se adaptar às doutrinas religiosas, trocou a religião pelo grupo cultural AfroReggae. Atualmente, Feijão atua como mediador de conflitos nas favelas e ministra palestras pelo Brasil e pelo mundo tentando prevenir a violência, reduzir o preconceito. É um dos atores da série Cinco Vezes Favela - Agora por Nós Mesmos coordenada por Cacá Diegues.

Eu diria que a Chupetinha é uma mulher guerreira, que tem muita força de vontade, que sobrevive até às dores, que tem muita vontade não de ser famosa, mas de ser vencedora na vida. Ainda falta. O meu restaurante. Olha, infelizmente, eu vou dizer uma coisa muito ruim, que eu não gosto da minha vida, porque quem ama Deus, não tem isso. Eu tive inveja por alguns minutos daquela cozinha, mas a minha inveja saiu rápido, porque eu disse pra mim mesma: "Eu sou capaz de ter uma cozinha dessas", e outra, sem aquela cozinha, eu sou capaz de fazer o típico. Sem aquela cozinha, eu sou capaz; não é uma cozinha que me faz, eu faço a cozinha, entendeu? Na hora, fiquei até constrangida comigo mesma

Lógico. Você já pensou, eu com uma escola de gastronomia, como é que eu ia colocar essas mulheres, que hoje estão ociosas, que não têm, por exemplo, uma perspectiva de vida? Porque um curso do SENAC você não paga com R\$ 3,00, com R\$ 4,00; tanto é que eu não pude pagar um curso pra mim; quem me pagou o curso foi o Júnior, entendeu? Então, o que é que acontece? Eu com um curso desses, dentro da comunidade, eu ia cobrar um preço que a pessoa pudesse pagar, entendeu? Então, eu ia tirar elas da ociosidade, ia dar uma oportunidade pra elas de trabalharem com qualificação lá fora. Talvez não desse um diploma, mas elas podiam provar na prática, que eram capazes, porque eu aprendi pra isso, entendeu, eu aprendi pra isso.

No projeto restaurante, como eu tenho até um... depois eu vou mostrar a vocês, que eu tenho até um pedido sobre isso, né? O que eu poderia fazer? Eu poderia colocar umas aulas, eu já atuando... eu poderia fazer sábado e domingo, você faz o primeiro apanhado, explica e tal; na segunda, já entra uma turma de manhã, prestando atenção no que está sendo feito, de condução, de pré-preparo, de mise-en-place; você já vai pegando um grupo pra ver isso. À noite, você já tem outro grupo que vai orientar...

Com certeza, eu vou voltar a São Paulo agora, em outubro, pro outro livro do AfroReggae, eu volto em outubro. A Milu Vilela esteve aqui em Vigário, me deu o maior carinho de vir me ver, muito linda, eu tenho fotos dela ali; aí ficou um carinho muito grande entre eu e ela, muito grande, um carinho assim, de irmã, de... ela é uma pessoa bem próxima mesmo, né? Hoje, ela, quando faz qualquer entrevista, essas coisas, ela sempre fala de mim; quando ela vê os meninos, ela pergunta por mim. Então, é confortante, né?

Agora vem a hora mais triste, que eu deixei pro final. Agora, vem a hora mais triste, o porquê dessa garra toda em mostrar que eu sou capaz. Eu já tive câncer de útero, fui esterilizada; hoje... na minha família não existe isso, mas eu sou diabética, hipertensa. Já tive síndrome do pânico, por isso esse problema de sair, depressão, entendeu? Por isso que hoje, eu venci tudo isso, entendeu, pra vencer o câncer, a depressão. A maior meta da minha vida foi essa, que eu tinha que vencer o câncer, e já tem 10 anos que o câncer foi embora, graças a Deus. E fiz uma cirurgia, tem uns três anos, levei um susto danado, porque poderia ser de novo ele, mas era só uma tireóide, era só uma tireóide.

A violência daqui, chacina, facções, nunca atrapalhou o meu trabalho, até porque eu sou muito respeitada, graças a Deus, tanto por um lado, quanto o outro. Nunca atrapalhou o meu trabalho, nunca influenciou no meu trabalho, nunca. E eu trato... como você fala, da violência. É verdade, está aí pra todo mundo ver, não está só na periferia, é no mundo que está assim. Eu tento... cada vez que eu vejo uma coisa muito ruim acontecendo, eu digo ao meu Deus: "Senhor..." Como eu conheço a palavra de Deus, eu digo: "Eu sei que isso está na Bíblia, isso é bíblico", e como eu conheço Deus, eu sei que daqui pra lá não tem mais volta, não vai ter mais retorno. Eu não acho, não, eu tenho essa

certeza, porque, na verdade, nós estamos no... é o princípio do final dos fins dos tempos, porque isso é o que a Bíblia me relata, entendeu, e isso é o que Deus me relata. E se eu amo a Deus, acima de todas as coisas, e acredito nele, eu tenho que acreditar no que está escrito, entendeu? Fico penalizada com essas coisas, com a violência. Cada vez que eu vejo violência de morte... Cada dia... se nós prestarmos atenção, cada dia é uma coisa pior: agora já é pedofilia, agora já é pai matando filho, filho matando mãe, mãe... entendeu? Agora, já está ficando cada dia pior, cada dia pior.

A questão do racismo, essa coisa do negro, eu finjo que eu não escuto. Com certeza, que existe racismo, mas eu faço questão de dizer pra você que pra mim, ela não existe. Sabe por quê? Quando a pessoa me olha e me vê pela cor, entendeu, é porque ela não tem o conhecimento de Deus. Sabe por quê? A cor não muda a cor do sangue, nem o meu caráter, nem a minha possibilidade de vencer. Então, quem achar legal dizer "A negra, a favelada", pode dizer, eu não me incomodo; isso, pra mim, é muito pequeno, isso, pra mim, é um grãozinho de areia, porque eu não vou viver o que os outros querem que eu viva. Eu tenho que viver a minha vida, e cada dia mais intensamente, e sobreviver a ela. Eu tenho que sobreviver à violência...

João, o marido: Só o dia que Deus separar. Porque é uma vida muito grande, muito suada, muito sacrificada, muito lutada, com muita garra mesmo. E isso aqui era um brejo, quando a gente veio pra cá; era muita lama e fizemos essa casa aqui. E eu gosto de morar aqui, porque todo mundo me respeita, não tenho inimigo com ninguém.

Meu nome todo é Lizietia Carmem Siqueira Rodrigues. E ele é João Azevedo Rodrigues, que fez 56 anos anteontem, bem. Me chamam Chupetinha por causa da chupeta. No início o povo da rua, mas com má intenção. Porque Chupetinha era, sabe o quê? Chamavam era de mamadeira, mulher vulgar. Mas aí minha irmã... que eu tinha botado uns papéis lá na frente, pra fazer anúncio da pensão, até depois tirei; aí a minha irmã falou: "Ih, está tão feio. O povo está falando de você Chupetinha Mamadeira. Eu falei: "É? Não tem problema, não". É o nome do meu restaurante: "Restaurante da Chupetinha". E não é restaurante, não, é assim: "Centro Gastronômico da Chupetinha". Está no Orkut, nós temos uma página no Orkut, eu tenho e-mail, eu vou passar depois pra vocês.

[João: A gente aqui recebe muita gente. A Vanessa Camargo esteve aqui; Pedro Bial já veio; Ana Maria; pessoal estrangeiro; pessoal de São Paulo. Muita gente famosa já veio aqui.]

Eu fiz questão que botassem a minha cozinha bem grande. O sonho do meu filho era ter um banheiro no quarto, então, fiz o como se fosse só dele, porque, como o quintal é pequeno, não dava para construir duas suítes, aí eu fiz assim, pra disfarçar, dá a impressão que é a suíte dele. É, aqui a gente tem que pensar em tudo, no sonho do banheiro e no sonho da cozinha grande.

A minha família agora está pequenininha, porque o meu filho tem a casa dele, a minha filha tem a casa dela também. Aqui tudo é prematuro. Meu filho foi pai com 14 anos, a minha neta já está com sete. Eu não gostaria de falar da mãe da minha neta porque ela fez muito mal. Ela é mais velha que o meu filho só dois anos e saiu com ele uma vez só, mas ela criou um clima muito ruim. Eu tive que colocá-la na justiça porque ela não quis deixar a menina aqui e também porque eu queria registrar minha neta e ela não queria deixar. Como o meu filho era menor, não podia colocar ela na justiça, então fui pro Conselho Tutelar. Aí ela pediu DNA, eu paguei R\$ 2 mil à UERJ pra fazer DNA da minha neta, pedi empréstimo, paguei isso em 10 vezes.

Olha quanto custou pra fazer o DNA e, depois, pro juiz perguntar pra ela assim: "Que mãe é você? Eu vejo pais pedindo DNA de filho, agora uma mãe pedir DNA, eu acho que você precisa dar um jeito, parar, fazer uns exames, porque você pode estar correndo sério risco". Aí ganhei a posse de guarda, graças a Deus. Eu já falei, vou falar de novo, só uma vez, eu queria dar um jeito pra ela acordar, pra ela saber que eu poderia, a hora que eu quisesse, eu ter a minha neta, mas jamais eu entrei com a posse de guarda pra tirar minha neta dela, porque amanhã a minha neta pode dizer pra mim assim: "Poxa, vó, eu queria tanto estar com a minha mãe e você não me deu essa oportunidade; você é egoísta".

Então, agora vou pra rua, quando eu quero eu ligo, geralmente, à tarde, à noite, quando eu estou mais folgada: "Rai, vem pra cá ficar com a vovó". Ela vem. Já entende "meu avô", "minha avó", sabe tudo direitinho. Ontem, ela estava aqui. Veio, eram sete horas da noite e nós ficamos aqui fazendo uma bagunça na cama até tarde da noite, vendo filme. Quando eu às vezes vou na casa de alguém, eu ligo pra ela: "Rai...", ela tem um celular que é só restrito dela, então, eu ligo pra ela: "Rai, a vovó vai sair. Pergunta à sua mãe se sua mãe deixa você sair. Nós vamos chegar tarde". Quando teve um aniversário, eu mandei perguntar pra mãe dela; ela falou: "Ah, eu não vou deixar, porque senão ela não vai dormir em casa". Eu falei: "Vamos fazer o seguinte, você não deixa e eu vou ali em qualquer posto policial que tiver mais próximo, levo o documento que eu tenho da posse e digo que você não quer deixar a menina vir". Ela: "Ah, então, tá, pode ir". Aí deixou a menina vir, a gente teve que pegar a garota, teve que esperar a menina experimentar roupa, arrumar o cabelo, sabe, que eu não ia pegar a menina, trazer a menina correndo. Que nada! Espero. Então, depois da festa, a menina dormiu aqui, quando deu sete horas, eu acordei ela, dei banho, dei café, aí, meu filho entregou a filha dela. Acabou. Mas se você não tem garra e pulso, a pessoa toma conta de você. Raiane é minha neta, tem 9 anos. ■



Eu venho de uma origem do teatro. Estudei desde os 12 anos e fiz parte de um grupo do teatro, ETAA, Elenco Teatral Amante da Arte, com Faustini e Alexandra Damascena. Nós temos origem no mesmo grupo teatral que é um grupo de teatro de Santa Cruz que começou na década de 60 e terminou em 98. Foram 38 anos de teatro.

Escrevi a minha monografia na pós-graduação sobre um grupo de teatro que se originou em 1960 cujo objetivo era tirar as crianças da ociosidade. E justamente por causa dessa tese, eu e o Faustini fizemos parte do mesmo grupo.

Moacir sofre de síndrome do pânico. Por isso ele não sai de casa e não fala com muita gente, mas fala comigo. Então quando eu fui fazer a minha monografia, ele foi falando tudo e eu fui filmando. O Faustini voltou para Santa Cruz para escrever um livro, fazer alguma coisa sobre o Moacir. Porém Moacir não queria mais falar para ninguém e disse que ele já tinha falado comigo e que eu já tinha gravado muita coisa. Então, o Faustini me procurou, "Quem é Kiki?", me chamam de Kiki, em Santa Cruz.

E foi assim que eu e o Paulo Marques, mais conhecido pelo sobrenome Faustini e como eu gosto de chamá-lo, nos reencontramos. Nós tínhamos feito teatro juntos, só que eu sempre tive os pés no chão e achava que da arte eu não ia sobreviver e fui fazer História. Nesse momento que nos reencontramos, começamos a discutir sobre a proposta de repensar a periferia, quando surgiu essa coisa do bate-bola do Clóvis: "Pô, a gente não fala mais sobre o Clóvis, cadê o Clóvis da nossa época?". Eu falei: "Vou pesquisar".

E fiz a pesquisa todinha desse filme que fala sobre o mundo dos bate-bolas, porque é muito difícil entrar nesse mundo deles. Dizem que o bate-bola nasceu em Santa Cruz, não é uma coisa comprovada, precisaria de um estudo muito mais apurado para concluirmos sem deixar dúvida. Santa Cruz é um bairro onde tinha o matadouro. As

peessoas pegavam as bexigas dos bois abatidos, enchiam, amarravam e batiam umas nas outras. Dizem também que esses grupos de pessoas que brincavam assim, usavam máscaras e aproveitavam o momento do carnaval para falarem dos problemas uns dos outros, tipo assim: "Você traiu sua mulher". Alguém contava, entregava o colega, mas usando uma máscara e levando essa bexiga. Era tudo brincadeira.

O nome Clóvis vem de clown, palhaço, porque lá em Santa Cruz, nós tínhamos a base aérea e houve um momento onde era comum a presença de americanos nessa base. Os americanos viam aquelas pessoas fantasiadas e ficavam chamando-as de clown, clown e acabou virando Clóvis. Para nós, bate-bola, pra eles Clóvis, porque é clown. Então, existem várias teorias sobre os bate-bolas, portanto teríamos que aprofundar nossa pesquisa. Quando fiz minha pesquisa, procurei trabalhar com a coisa contemporânea, pesquisar o que são esses grupos, o que eles estão fazendo. Quando criança, o carnaval sempre me amedrontou, eu tinha medo de sair na rua por causa deles, porque eles batiam e eu sou mulher. Depois de um certo tempo eles sumiram, eu queria entender porque o que só mais tarde ficou esclarecido. Na zona oeste, onde há muitos conjuntos habitacionais, os traficantes se utilizavam daquela fantasia, botavam a arma dentro da roupa e assim entravam no conjunto do outro, aí, começavam os tiroteios. O tráfico se utilizava da fantasia como tática de invasão e por isso o Clóvis não tinha simplesmente sumido, ele foi proibido.

Não, não tenho nada escrito sobre isso. Fizemos o filme, foi tudo muito rápido. E aí o que aconteceu? Eu comecei a descobrir que esses bate-bolas eram muito mais do que homens que se fantasiavam. Eles geravam uma economia, uma estética, eram pessoas completamente isoladas, ninguém entra no mundo deles. Tem mulheres também, mas muito pouco. Eu consegui entrar pelo vovô dos Clóvis. Não sei se você se lembra do filme Um vovô. Então, esse vovô é de Santa Cruz e eu sou professora de Santa Cruz. Eu sou muito conhecida no meu bairro como professora de História e pelo fato de ter vindo do conjunto habitacional para dar aula no melhor colégio de Santa Cruz. Isso foi visto como uma coisa exótica.

Mas aí eu tenho muita seriedade no meu trabalho. E esse vovô dos Clóvis conhecia meu trabalho enquanto professora e através disso ele acreditou na minha pesquisa e me deixou descobrir o mundo deles. Se eu não tivesse alguém que me colocasse, que me desse uma chancela para falar, por me considerar uma pessoa séria, que está aí para fazer uma crítica de jornal, eu não teria conseguido. E assim foi, através da turma do vovô eu conheci as turmas dos outros bairros, conheci o mundo da violência deles, sim. Mas, muito mais, a violência mínima. Hoje em dia eu percebo que o que existe na turma de bate-bola é mínimo, porque ninguém vai ficar gastando tanto dinheiro em bate-bola.

Ainda existe a bexiga, mas não é mais a bexiga tradicional porque lá não existe mais matadouro. Hoje em dia muitos deles não usam mais a bexiga, eles usam a sombrinha. Eles substituíram a violência da bexiga pela estética da sombrinha que é uma coisa bonita, glamourosa. Os bate-bolas que usam sombrinha não buscam violência, buscam beleza, querem competir com a inveja.

Observei o seguinte: os bate-bolas que usam tênis dão a impressão que precisam correr, fugir de algo. Os que usam bota, uma bota desse tamanho significa que não quer brigar, porque, como alguém vai correr com uma bota daquelas! Se usa uma roupa leve significa que já está pensando em se proteger, se usa um bate-bola pesado, significa que só quer glamour. Então, pela roupa eu já te digo se esse bate-bola já tem a tendência de violência ou não. Porque a roupa expressa tudo que eles querem.

Então, existe o bate-bola de sombrinha e o bate-bola de bexiga que é como se dá a diferença entre eles. Depois desse filme, do bate-bola voltar para esse mundo da cultura, que eu tinha deixado lá para trás, porque eu precisava trabalhar, precisava estudar, voltar pra isso, ter reencontrado o Faustino, em Santa Cruz, principalmente em Santa Cruz... de um lugar que eu nunca saí.

Agora eu estou em Campo Grande, que é muito próximo, mas porque eu fui obrigada a sair. No conjunto onde eu morava, o João 23, casei, continuei morando lá, tinha aquela filosofia de morar no local onde eu nasci e criar um projeto ali. Tem o Costurarte, um projeto que não é meu, mas é um projeto ao qual dava embasamento e que sempre ajudei. É um projeto de mulheres que tentam gerar renda entre si, através das costuras, artesanais.

Então, eu não queria sair daquele local, mas aí infelizmente seqüestraram meu marido. Como ele é da Justiça Eleitoral, o carro dele tinha um símbolo e aí os bandidos lá seqüestraram ele para poder circular com drogas e tal, e aí eu fui e abandonei o local. Eu sou a pessoa que cresceu no local, fui a professora do local e aí, de repente, vi aquelas pessoas não me considerarem mais, pelo contrário, porque sabem que meu marido é da Justiça, se aproveitam disso e o seqüestram, pensei: "Se não existe mais respeito, então não posso mais ficar aqui". Eu perdi a vontade de ficar ali, abandonei tudo e acabei entrando num condomínio. Era tudo que eu não queria, não queria criar meu filho no mundo do condomínio, mas tive que mudar, porque é o mal dos tempos, não tem jeito. A partir desse momento, fui para Campo Grande. Mas é muito pertinho.

Continuo trabalhando em Santa Cruz, entre aspas, o colégio pelo qual sou apaixonada acabou de fechar as portas. No ano passado, no dia 15 de dezembro, tivemos essa surpresa: nos chamaram e disseram que esse colégio excepcional, com mais de 50 anos de tradição, estava fechando. Santa Cruz tem o menor índice de IDH, as pessoas não têm poder aquisitivo para bancar uma escola daquela. Por mais que eles atendam o pessoal de Itaguaí, de Angra, de tudo que é lugar, não tem alunos suficientes que paguem um colégio particular. Não teve mais como carregar aquela estrutura toda, botar nas costas e colocar em outro bairro. Acabou fechando, então eu parei esse ano de lecionar. Mas a minha frustração é imensa, parar de dar aula.

Santa Cruz é um bairro muito tradicional, onde as famílias vigoram. Então, a família Cunha Mello com a família Ciraldo, famílias tradicionalíssimas, foram os donos desse colégio que alavancou tudo. Quem conseguia dar aula no Colégio Cunha Mello em Santa Cruz!, eu ter entrado para dar aula ali é uma coisa simbólica. Eles aceitarem alguém do João 23, ali dentro, dando aula! tanto que os alunos sempre valorizaram minha trajetória.

Foi uma quebra de fronteira muito grande. Quando eu estava fazendo a minha monografia, pesquisando os arquivos do ETAA, eu vi as pessoas falando assim: "Quando eu fazia parte do ETAA eu pude sentar na mesa com não sei quem Cunha Mello, com não sei quem Ciraldo". Para as pessoas que participavam do ETAA, do grupo de teatro, era o máximo sentar na mesa daquelas famílias, dialogar com pessoas daquelas famílias, um outro patamar, para quem é de Santa Cruz. Só quem é de lá mesmo é que talvez entenda aquela coisa do status dentro daquele bairro.

É um bairro cheio de preconceito porque Santa Cruz, até a década de 70, não tinha favela, era completamente rural. Quando o pólo industrial se estabeleceu na cidade, aí surgiram muitos conjuntos habitacionais para dar conta das

demandas de moradia dos trabalhadores das indústrias, para morarem próximos ao local de trabalho. O Cesarão que é conjunto de onde o Faustini vem, era o maior conjunto habitacional da América Latina, até pouco tempo. O meu era o João 23.

Esses conjuntos acabaram com o bairro onde não tinha violência. Essas famílias, essa elite para nos aceitar foi muito difícil. Realmente, desestruturou o local, só que nós já éramos de lá, Hoje, não se pode mais pensar Santa Cruz sem os conjuntos habitacionais. É isso que eu acho que está demorando ainda, eles tem que entender ainda, essa coisa de quem é de conjunto habitacional e quem não é. Eu consegui tirar a minha mãe desse conjunto há pouco tempo leva-la para um sítio em Seropédica, um bairro calmo, para onde ela queria.

Um dia, minha mãe teve que levar minha avó ao médico, Hospital Dom Pedro, e na hora que ela foi dar o endereço no hospital, eu falei: "Mãe, porque está dando o endereço da casa da minha tia? Porque não põe o endereço da sua casa?". Ela: "Eu não, se eu der o endereço do João 23, não vão me tratar bem aqui no hospital." Gente, a minha mãe... sabe, com medo da mentalidade das pessoas não tinha coragem de dar o endereço da sua própria casa, com medo de não ser bem tratada. É melhor falar que mora no bairro do Arão do que falar que mora no João 23.

Bem, eu voltei à área cultural em 2004 e simplesmente fiz uma loucura, larguei a maioria dos colégios onde eu dava aula. Estava na área de ensino e educação e comércio. Também sou uma comerciante nata. Eu tenho até hoje um depósito de doces. Eu sobrevivi e até hoje sobrevivo trabalhando com doces. Mantenho meus pais. É atacado de doces mesmo, eu revendo desde baton, chokito, revendo o que camelô revende aí. Eu trabalhei muito com camelô.

Eu compro da fábrica, da distribuidora e vendo no atacado para as pessoas poderem montar suas barraquinhas, essa coisa toda, em Nova Iguaçu. Eu já morava em Nova Iguaçu há muito tempo. Eu sou totalmente legalizada, tenho funcionários. O nome da loja é Lukian. Mas o nome correto é Cristiane Braz e Souza Comércio de Doces. Lukian, é Lu, meu marido, Ki, eu e An meu irmão.

Hoje em dia, só os meus pais estão lá, e eu tenho outros funcionários. Mas foi o que pagou meu estudo, foi o que me fez sobreviver. O doce também é uma coisa muito ligada à minha família. A família toda sobreviveu durante muito tempo trabalhando com doces. Sabe essas balinhas de coco, de festa, maravilhosas? A minha avó sustentou a nossa família, a mão da minha mãe é toda queimada... e essa bala é muito boa.

Tem que puxar, aquele negócio quente na mão. O meu avô era comunista e foi exilado. Minha avó teve que se virar, então, ela pegou essa receita e começou a vender essas balas aqui embaixo e depois minha mãe foi passando para outras receitas, Foi essa a única tendência, a coisa que a gente fazia. Eu que fui desvirtuando, a primeira da família que conseguiu chegar ao nível superior. Eu consegui romper essa coisa. Ninguém da família imaginava que alguém de nós conseguiria chegar ao nível superior. Você não imagina, nível superior era uma coisa muito distante.

Eu, pelo que eu sei, quando criança, me lembro muito que minha mãe e minha avó tinham muito medo de eu não vingar. Todo mundo dizia que eu não ia vingar, sabe? Não ia vingar porque falavam que eu era muito inteligente, aquela neta querida da minha avó. Lembro que muitas vezes ela me alisando, deixava passar isso: "Ah, minha filha, você tem que vingar".

Minha avó era do Espírito Santo. Minha mãe é uma mulher extremamente inteligente, até hoje não entendo, assim, ela é muito boa na matemática, ela é muito culta, ela lê muito, muito, muito, e eu não consigo dizer culta, é uma coisa complicada, eu tenho que tentar desvendar minha mãe, porque ela lê demais, demais. Ela lê exatamente de tudo. Esses dias, no hospital com a minha avó, minha mãe estava lendo o livro *Capital Simbólico*, e aí ela falou pra mim: "Há pouco, um médico olhou pra mim e perguntou porque eu estava lendo esse livro". Então eu perguntei qual era o livro: "Você pegou meu livro de novo, mãe!" Ela: "Foi o primeiro livro que eu peguei, só que eu não estou entendendo nada". Ela lê, minha mãe lê.

Meu marido fez faculdade de literatura, tudo que ele lia na faculdade ele passava pra ela. Então minha mãe lê. Ele fica: "O que a sua mãe já leu, ela gosta de ler, a paixão dela é ler". Minha mãe sempre me forneceu livros, desde cedo, principalmente porque ela ia lendo tudo e eu ia vendo. Vendo ela ler.

Coleção Vagalume. Eu achava que era natural, é um hábito você deitar e ler, como ela fazia. Então, de noite eu tinha também o hábito de deitar e ler porque era uma prática. Eu sei que ela também pegou muito isso com meu avô. Minha mãe vem de uma família de pais separados, na década de 60. Isso ainda era um choque, principalmente em Santa Cruz, não sei aqui, mas lá, minha avó passou por um preconceito muito grande porque o marido dela se separou. Ele se separou porque ele foi pro exílio, ele voltou com uma outra mulher e tal e minha avó passou a ter ódio dessa coisa chamada comunismo, porque o comunismo acabou com a família dela e ela não sabia o que era.

Meu avô era presidente do sindicato dos correios, foi da década de 60 a 78, se não me engano. Eu não tive uma relação direta com meu avô porque ele morava separado. E minha mãe, numa certa época, optou por morar com meu avô. Então ela foi uma mulher que optou morar com o pai, que morava no Campinho. Meu avô, Romualdo, como presidente do sindicato do Correio, dirigia uma escola e minha mãe que era secretária dele nessa escola, acabou conhecendo meu pai. Eu sei que meu pai era noivo, minha mãe era noiva, com sete meses eles largaram tudo e resolveram casar.

Meu pai mal sabia falar, não sabia ler direito, nem sabia escrever. Era um antagonismo, uma mulher culta, meu pai era capiau, motorista de ônibus, e minha mãe largou tudo pelo meu pai, uma paixão. E os dois são apaixonados até hoje, são muito apaixonados, é o casal mais lindo que eu conheço. Minha mãe briga com ele, ele abaixa a cabeça e fica tudo certo. Eu venho de uma família onde as mulheres têm uma especificidade. Sempre teve. Minha mãe, por ter um pouco mais de cultura, meu pai sempre teve que ouvir, sempre escutava. "É bom as crianças estudarem." "Então tá bom." Ele não sabia que aquilo era bom, mas ele a seguia.

Ela sempre colocou pra gente: "Tem que estudar, tem que estudar". A minha avó só aprendeu a ler mais velha, com vinte e poucos anos, porque ela queria ensinar os filhos, então ela aprendeu a ler com a alfabetização dos filhos, ela quis entender, porque, como ela ia ensinar os filhos? Eu acho muito bonito. Minha avó não falava nada errado, ela não tinha um erro de português. Não sabia escrever, mas ela sempre se preocupou de falar certo, sempre se preocupou com educação. É bem legal.

E aí, o que acontece? A minha família não entendeu nada do que aconteceu na década de 60, eles só sabem das noites que eles tinham que correr e queimar tudo dentro de casa. Eles passaram por todo processo, mas de forma alienada, não

tinham a menor noção do que era aquilo. Minha avó guardou uma moeda do partido comunista e falava que um dia ela ia entregar o marido dela, de tanta raiva que ela ficou de ter sido traída. Ela não conseguiu superar essa mágoa, então ela guardava aquela moeda e se um dia ele enchesse muito, ela ia entregar aquela moeda pra polícia.

Meu avô foi exilado por um tempo, voltou e falava muito que conseguiu passar pela tortura sem entregar ninguém. Então ele tinha muito orgulho dessa coisa. Era carteiro, mas foi durante muitos anos presidente do sindicato. Então ele conseguiu passar por muita coisa de forma íntegra, conseguiu superar.

E aí minha mãe virou dona de casa porque ela queria criar bem os filhos dela, optou por parar de estudar. Inclusive depois de adulta eu perguntei pra ela: "Você sente vontade de fazer faculdade, alguma coisa?". "Filha, pra que eu vou estudar mais e ficar tão distante do seu pai, já existe uma diferença tão grande no nosso ponto social, se eu estudar um pouco mais eu nunca vou conseguir voltar atrás pra alcançar.". Ela é muito cabeça, extremamente inteligente, e foi, abriu mão de tudo, criou os filhos.

Eu me formei em 98, em 99 eu fui chamada pra trabalhar no Colégio Nacional. Eu fiquei maravilhada com isso. Eu recebi uma chamada para eu ir para esse Colégio Nacional. Gente, que Colégio Nacional é esse, eu nem conheço esse colégio. Eu mandei currículo pra tudo quanto era lugar, eu não sabia; chamaram pelo meu sobrenome. Quando eu fui lá fazer entrevista, o rapaz falou: "Você é Cristiane Braz, filha de Guiomar Braz, neta de não sei quem?". "Sou", aí quando o menino confirmou todas as informações, falou: "Vem cá, uma pessoa quer falar com você".

Quando entrei numa sala, um senhor bonito, respeitoso: "Minha filha você é neta... eu preciso te falar uma coisa", eu não lembro bem a forma como ele falou: "Eu estou vendo aqui seu currículo, você acabou de se formar, você vai começar a dar aula aqui, amanhã." "Como assim?" "Olha, tudo que eu tenho na minha vida eu agradeço a seu avô." Aí que eu fui entender a história.

Eu já tinha ouvido falar nesse senhor, é o professor Jair, deficiente físico. Quando meu avô trabalhava no colégio Romualdo, indicou-o para fazer um curso para poder se tornar diretor. Porque parece que na época pra ser diretor de escola você precisava ter uma indicação. O que ele fez? Ele arrendou a escola à noite. Em contrapartida ele tinha que dar um percentual de vagas para os filhos de funcionários dos correios que não podiam estudar de dia, além de já estarem com os estudos atrasados, o que impossibilitava que estudassem numa escola normal.

Esse cara bota a escola para funcionar, ganha dinheiro trabalhando à noite, mas dá um número de vagas aos funcionários do correio. Ele começou a crescer, crescer, criou o Colégio Nacional, que tem em Jacarepaguá, acho que já virou até faculdade. Quando esse professor Jair leu no meu sobrenome, Brás, o nome da minha mãe, de quem foi colega, parceiro, trabalharam juntos, aliás, foi professor da minha mãe, ele me deu a vaga por ele acreditar. Ele fala que tudo que ele teve na minha vida foi graças ao meu avô.

Foi meu primeiro emprego formal, porque eu trabalho desde criança, desde os nove anos. Meu tio criou a fábrica de bala, eu comecei a trabalhar, trabalhava muito. Em paralelo meu tio abriu uma barraca de camelô em frente ao colégio onde eu estudava e aí eu vendia doce na barraca de camelô, eu me virava. Era uma fábrica caseira somente dessa bala, que a minha avó fazia, a gente tentou industrializá-la por um período, mas não concretizamos.

Alguém já comeu essa bala na primeira etapa? Porque a maioria das pessoas só a conhece derretendo. Eu gosto dela quando acaba de sair, é puxa-puxa, igual chiclete, mas ela só dura dez minutos assim, então tem que comer rápido, por isso que poucas pessoas a conhecem nessa fase, só conhece quem faz. Depois de duas horas, ela fica dura, então ela fica muito mais gostosa do que derretendo. Derretendo, ela não é nada, comparada à fase puxa-puxa. Muito boa.

Aí, voltando, consegui esse primeiro emprego nesse colégio e comecei a dar aula, botar em prática. Sempre fui aquela historiadora que queria mudar o mundo, de qualquer jeito, mas achava que o único jeito de mudar o mundo era na sala de aula. Se eu não vou poder dar aula, não vou poder manter o meu saber, não vou ter para quem passar. Então, na sala de aula, com pelo menos 40 alunos, eu iria ter um reflexo daquela experiência. E comecei a dar aula no Colégio Nacional. Logo depois veio a minha gravidez, do nada, do nada não, do sexo. Não sou Maria nem nada. Não, não estava planejado.

Nós estamos 19 anos juntos. Eu comecei a namorar meu marido aos 13 anos e ele tinha 26. Foi o maior choque para minha mãe, porque ela conhecia a mãe dele, o conhecia desde que ele era pequeno, era mais ou menos da família e até me pegou no colo. Ele morava no Flamengo e, por circunstâncias da vida, ele voltou a morar em Santa Cruz. Nesse retorno, ele ficava muito com minha mãe, lá em casa. Eles eram muito amigos, parceiros, principalmente de bate-papo, de conversa, trocavam muita figurinha e ele trazia muitas coisas para ela ler porque era um cara culto e era difícil encontrarmos uma pessoa culta lá. Então, minha mãe adorava. Através da amizade deles, dessa proximidade, nós acabamos ficando muito juntos. Porém minha mãe não aceitava isso nem por nada. Imagine, eu com 13 anos, ele com 26.

Engravidar aos 22 anos e foi quando eu dei uma parada no magistério porque queria ser mãe. Eu vi que eu comecei a puxar muito pelo que minha mãe falava, eu queria ser mãezona do meu filho e ao mesmo tempo, o conflito: "Então, pra que faculdade?". Eu já estava na pós quando eu engravidar.

Estou fazendo essa pós sobre História Contemporânea até hoje, ainda não entreguei a monografia e não peguei o certificado. Mas, logo depois, entrei de novo numa outra pós-graduação. Mas eu dei uma parada no trabalho, larguei o Colégio Nacional, foi a maior frustração e, foi engraçado, porque os professores de lá trouxeram os mesmos funcionários daquela época para o Colégio Nacional. Quando meu avô Romualdo saiu de lá, ele pegou o faxineiro, pegou a professora, pegou todo mundo e levou para lá. Então o colégio é um colégio de pessoas já idosas, quando eu fui trabalhar, ninguém me chamava de Cristiane, me chamavam a neta do Braz. Um dia, me lembro que o rapaz que estava na cantina: "Cadê, aquela filha da puta da sua mãe?". Filha da puta da minha mãe! "Minha mãe está em casa". "Sua mãe casou, abandonou a gente, aquela sem vergonha nunca mais tomou uma cerveja com a gente.". Eu fiquei ouvindo ele falar: Gente, a minha mãe já foi jovem, sabe aquela idéia de que a minha mãe aprontava, que a minha mãe fazia isso, fazia aquilo, que foi uma pessoa assim, que todo mundo sabe? E eu conheci a minha mãe, a dona de casa que cuidava da gente e trabalhava.

Eu e meu irmão. E sou a mais velha. Ela só teve dois filhos porque tinha aquela noção de que era preciso dar o melhor para os filhos, de que não devia sair tendo filhos como a maioria das pessoas fazem por lá. E aí esse professor Jair me chamou e perguntou pela minha mãe. Eu falei que a minha mãe, estava em casa, que ela cuidava de tudo, e até da loja, que já existia nessa época. Ele falou: "Vou te dizer uma coisa, até hoje não entendo, assim, a coragem que sua mãe teve, mas não foi uma coragem, foi uma opção". "Mas por que?". Ele disse que a minha mãe era uma pessoa

extremamente inteligente, a melhor aluna do grupo escolar e não entende ela ter ficava com meu pai. Isso era uma visão dos amigos, ninguém entende até hoje. Aí eu comecei a entender como minha mãe rompeu com todos para casar com meu pai. Todo mundo olhava aquilo como se ela tivesse regredido. E eu, como filha, vejo que não foi, sabe? Porque o amor deles é a coisa mais linda, pela forma como eles se protegem, como são amigos.

Eu fui criada nesse ambiente onde nunca vi qualquer discussão entre meus pais. Minha mãe sempre me ensinou para resolver as coisas sempre na conversa, no diálogo. Tudo na minha casa partia do diálogo. Nunca minha mãe fez uma compra, jamais tomou decisões sem falar: "Olha, filhos, a gente vai ter que apertar. A situação financeira está difícil, por causa disso, disso.". Assim, o diálogo foi sempre a coisa mais constante na minha casa, tudo, tudo era discutido com os filhos, isso é muito bonito. Meu pai não sabia conversar, meu pai era muito limitado, mas ele participava. Sempre foi minha mãe cuidando do lar e falando assim, a gente vai fazer isso, aquilo. Eu acredito que minha mãe não perdeu como as pessoas pensam. Ela optou por uma família.

Um dia, eu a levei ela ao Colégio Nacional, nossa! As pessoas agarrando-a, abraçando-a, sabe, para mim foi uma experiência como expectadora. É engraçado reconhecer a mãe, como se você tivesse pegando a mãe, botando ela no passado e olhando de longe, assim, quem foi essa pessoa antes de ser mãe? A gente só pensa como mãe e esquece a pessoa.

Paralelo a isso, deixa eu falar um pouco da loja, porque não tem como eu não falar sobre a loja na minha vida, sobre os doces. Eu trabalho desde pequena, como já falei, mas da seguinte forma: minha mãe sempre vendeu doce, bala, dentro de casa, que servia para ela complementar os custos dos nossos estudos no colégio particular. E assim, desde pequenininhos até a quarta série nós estudamos no Colégio Paulo XII, que não era o melhor colégio de Santa Cruz, pois o melhor era o Cunha Mello, mas também era muito caro. E, além disso, minha mãe me botava em tudo quanto é curso de crochê, tricô, karatê, porque não queria me ver à toa, para não ficar solta pelo conjunto habitacional. Era um conjunto onde víamos morte o tempo todo.

Eu tenho uma memória muito boa, portanto, me lembro de coisas desde muito pequenininha. De 1980 a 1986 morávamos no conjunto habitacional e em 81, 83, lembro muito bem do conjunto já com bandidos, muitos bandidos. Eu não gosto de violência, me faz muito mal e vendo Tropa de Elite, com meu marido, percebemos como aquilo é realidade. Para mim é como se eu tivesse voltando no tempo e relembro daquilo tudo que eu via. Víamos gente, na esquina da minha casa, com vassoura para varrer os restos do cérebro dos outros que os caras matavam. Pegavam um balde!

Eu morava na última casa do conjunto habitacional, da última esquina, todo o resto era terreno baldio. Eles tinham que passar com as pessoas por ali para poder matá-las. Ver Tropa de Elite pra mim é lembrar o passado da minha vida que eu não gosto, é muito ruim. Até uma certa idade, aquilo nunca foi problema para mim, porque eu achava que só morria quem era ruim. Minha mãe falava, não fique chocada porque só morre quem é bandido. Então, depois que eu fui pegando uma certa maturidade fui percebendo que nem sempre é assim, qual é a lei deles para saber quem morre e quem não morre?

Então, assim eu fui criada, num conjunto muito brabo, com uma violência muito braba. É bem diferente do Faustini, a gente estava conversando, ele morava no início da melhor rua do conjunto habitacional, na rua 50. As coisas ruins só aconteciam no final e assim, mesmo para quem morava no conjunto, havia muita diferença para quem morava no

início e para quem morava no fim. Nem todo mundo tem a mesma experiência dentro de um mesmo conjunto habitacional, dentro de uma mesma favela. Quem morava na última casa, de frente para o último prédio do conjunto, na última rua, como nós, via tudo que alguém possa imaginar.

Por isso, minha mãe sempre colocou meu irmão em tudo que era curso, em qualquer coisa, contanto que não ficasse ocioso, porque ela não queria que meu irmão virasse bandido e nem eu virasse mulher de bandido. Nós não éramos tão pobres, eu era uma pessoa pobre mas estudava em colégio particular, até quando, em 86, morreu o marido de uma tia minha, que a deixou desamparada com sete filhos, dos quais seis tinham problemas mentais. E aí meu pai teve que pegar essas crianças para criar. Sete filhos e mais a irmã dele, que tinha problemas.

Eu tenho uma mágoa dela muito grande, porque minha mãe teve que pegar todas essas crianças. E aí nesse período meus pais estavam comprando uma casinha muito simples lá perto mesmo, mas não dentro do conjunto, para sairmos dali. Ou seja, eles pegaram as crianças, jogaram na tal casa e nós tivemos que sustenta-las. A vida boa então acabou. Lembro que meus pais sentaram e conversaram sobre a necessidade de fazer aquilo, era irmã do seu pai, não vão podíamos deixar aquelas crianças abandonadas.

Imagine, como iríamos sustentar tudo isso? Não dava. Nessa época era o Brizola. O Brizola salvou nossa vida, porque um Brizolão ali tinha acabado de ser construído e, assim, as crianças ficavam lá o dia todo, onde podiam comer, onde tinha tíquete para leite e vale gás que deram para nós. Aquilo era o que nos sustentava a todos, pois ter o leite todo dia, ter o gás no final do mês, fazia uma diferença muito grande para quem é muito pobre, principalmente as crianças estarem comendo na escola. Nas férias era um problema, porque tínhamos que cuidar deles e dar-lhes comida o dia inteiro. Foi muito difícil, principalmente pelo retardo das crianças, foi uma fase muito ruim na minha infância. Eu nunca fiz análise, mas se um dia eu tiver que fazer, terei que trabalhar com relação a isso, porque eu vi o perrengue que nós passamos e, talvez, a minha tia não soube perceber, não soube dar valor porque, depois de um tempo, descobrimos que ela estava com um homem dentro de casa, enfim, coisas de família.

Um dia ela foi embora, seguiu a vida dela, mas deixou um marco que foi eu ter saído do meu colégio particular, e ter ido estudar em colégio público. Foi quando aquele tio, do qual já falei, colocou uma banca, na frente desse colégio particular e eu fui trabalhar lá, vendendo doce. Eu trabalhava num horário e meu irmão no outro e dava para ganhar um dinheirinho mínimo que ajudava. Mas foi um constrangimento muito grande, porque as crianças me zoavam, me chamavam de barraqueira, camelô e tal, mas eu não passava isso pros meus pais de jeito nenhum.

Meus pais não precisavam saber que eu me sentia humilhada por estar trabalhando ali e tal. Enfrentei, fui trabalhando, trabalhando e ficava olhando aquele mundo ali como se eu tivesse perdido tudo. Esse momento também me fez pensar, caramba, eu queria sair daquela condição, era muito sofrimento não ter nada, nada, nada, nada, nada. Eu não tinha roupa nova, eu não tinha absolutamente nada, minha mãe trabalhava feito uma louca e tinha que correr atrás.

Foi muito difícil. Essa fase complicada durou três ou quatro anos, mas fez um estrago na nossa vida. Depois ela foi viver a vida dela com o homem dela, porque tinha sido um acordo que minha mãe fez com ela: a partir do momento que arrumasse um homem, esse homem teria que sustenta-la. Estávamos cuidando dela porque não tinha quem

cuidasse, principalmente não largaríamos aquelas crianças na rua. Assim, quando ela arrumou outro homem e foi viver a vida dela, a gente começou a respirar novamente. Então foi por isso que estudei no colégio público, Princesa Isabel, e não deixou de ser uma experiência assim, nossa, muito boa, porque era uma nova fase da nossa vida, quinta a oitava série, quando experimentei uma série de coisas e passei a ter muita liberdade.

No colégio particular, tudo é muito regrado. No Princesa Isabel foi muito bom, porque eu já trabalhava desde os nove anos, em 86 tinha começado a fábrica. Esse meu tio, irmão da minha mãe, sempre quis ser comerciante, então ele arrumava um jeito para tudo. Minha mãe fazia bala muito bem em casa e ele: "Então vamos profissionalizar, vamos fazer uma microempresa". Registrou a microempresa, demos o nome de "CRISAN", como falei no início, "CRIS" de Cristiane, e "AN" de André, tudo assim, nome de família, muito Brega, mas... enfim, ele abriu essa fabricazinha e nós tínhamos a obrigação de estudar de manhã e à tarde de ir para lá, ensacar bala.

O dia inteiro ensacando bala. E aí, no Princesa Isabel, como a minha mãe não sabia ao certo o horário que eu saía da escola, quando não havia aula, eu não ia para casa, porque se eu fosse para casa, eu tinha que trabalhar. Então foi um momento que eu tive liberdade, mas tinha aquelas pessoas que me viam andando por Santa Cruz e me entregavam para minha mãe. Aí o que eu descobri? Tinha um cemitério em frente e como eu fazia de tudo para não ir para casa, porque tinha que trabalhar, então, saía da escola mais cedo e ficava plantada naquele cemitério, que era um lugar onde ninguém iria me achar em Santa Cruz. Aí eu rodava aquilo ali, ficava olhando aquelas lápides...

Era uma forma de rebeldia, pensar que ali ninguém iria me encontrar, porque Santa Cruz era muito pequeno, todo mundo me via, todo mundo me entregava para minha mãe: "Cristiane não está na escola, está em tal lugar". Fiquei muito tempo freqüentando aquilo ali, para não ir para casa trabalhar. Eu me sentia revoltada de ter que trabalhar, e trabalhava muito. Eu via as minhas amiguinhas indo para casa e dormindo à tarde e eu não entendia porque eu não podia dormir à tarde. Nunca via sessão da tarde, nunca via nada e aquilo foi criando uma certa revolta de não poder dormir de tarde, não poder fazer nada. Mas eu nunca culpei minha mãe por isso. Eu sabia, eu e meu irmão conversávamos muito sobre essa situação, embora meu irmão fosse uma pessoa bastante alienada. Meu irmão é militar, nasceu para ser militar e a família de meu pai é de caçadores.

Matar bicho, mesmo. Existia essa prática na família do meu pai. Antes, era uma prática para comer, eles eram pessoas de roça que matavam para comer. Hoje em dia, são membros da minha família, mas eu tenho muita vontade de denunciar, elas matam mesmo. Vão, matam os bichos que estão em extinção ou então prendem para poder vender na feira. Isso é uma vergonha que eu sinto dessas pessoas por fazerem tais coisas com os animais. E meu irmão foi criado assim. Meu irmão com oito anos ganhou a primeira arma, uma espingarda, para poder matar bicho. E bonito era a criança que tivesse a melhor mira, é uma cultura.

Eu sinto pena, pela cultura que ele teve. Mas, ao mesmo tempo, eu fico vendo, porque nós tivemos a mesma cultura e eu sempre briguei com toda a família por causa disso. Então, na família do meu pai, eu nunca fui bem vista. Não gostam mesmo de mim. Ninguém gosta de mim, naquela família, porque eu brigava com todos, porque eles matavam coelho, matavam tamanduá, matavam tudo quanto é bicho. Numa parede da minha casa, tinha um montão de pé de bicho. E mesmo que a propaganda, a mídia não dissesse para gente que era errado, eu já tinha noção de extinção, de tudo isso muito cedo. E a leitura me trouxe essa consciência mais cedo.

Meu irmão nunca leu nada, sempre se negou. Meu irmão foi um menino alienado, a natureza dele é alienada. Viveu a vida para virar um militar, ele queria ser militar a todo custo, mas só meu irmão e eu tivemos uma idéia em comum: nós tínhamos que minimizar os problemas dos nossos pais. Por isso, não falávamos para eles sobre as nossas angústias de pobreza, porque senão, o que minha mãe ia fazer? Nada. Eu lembro que, na época do Dia das Crianças, passava muito comercial da Estrela, comercial de brinquedo. Fizemos um acordo de não olhar televisão na época do Dia das Crianças, nem comentar sobre os brinquedos. Começava o comercial a gente saía do sofá.

Tínhamos, nessa época, entre sete anos ou oito anos. Mas isso pela criação da minha mãe. Minha mãe sempre disse que não existia Papai Noel; com sete anos eu já via revista pornográfica; isso aqui é sexo, isso é isso, isso é isso. Então eu nunca fui criada dentro de um mundo imaginário, sempre tive um mundo real. Nesse mundo real, nós não queríamos afetá-los pela situação financeira, e assim, não víamos desenho animado.

Eu me lembro que uma vez minha mãe levou meu irmão numa loja, na época do Dia das Crianças e falou: "Você vai lá e escolhe um brinquedinho, mas escolhe um brinquedinho barato". Meu irmão escolheu uma arma pequena, desse tamanhinho, e eu, aqueles bonequinhos que não abaixavam o braço. Então: "Mãe, são esses os brinquedos que nós queremos.". "Filhos, não precisa ser um brinquedo tão barato assim não, eu falei de um brinquedo caro.". Nós tínhamos essa preocupação. Não vou dizer se isso é bom ou não, porque nós fomos muito preocupados. Até hoje eu sinto muita dificuldade de pensar de forma abstrata, tenho essa dificuldade. As pessoas me zoam muito. O Faustini é o primeiro a me zoar, porque ele fica o tempo inteiro assim, tudo que alguém me pergunta ou fala comigo, qualquer coisa, eu paro pra pensar. Ele: "Não fale nada disso com a Cris, a Cris só sabe o que é reto, a Cris só sabe pensar números, a Cris só sabe pensar o que dá resultado". Não adianta, realmente, eu não consigo, não tenho aquele imaginário. Eu babo: "Como vocês conseguem viajar tanto!". Mas é minha natureza, eu só consigo pensar de forma lógica. Em compensação, é um problema, quando preciso pensar numa estratégia para gente sair de alguma situação e penso, com pé no chão, sobre o como o nosso projeto pode fazer com que as coisas aconteçam.

Enfim, eu estava falando desse cuidado que eu e meu irmão sempre tivemos para não magoar nossos pais, a partir dessa realidade social. Aos 12 anos, quando estudava no colégio Princesa Isabel, tivemos uma professora que nos levou para assistir uma peça de teatro. Aquela professora de colégio público que se vira, dá um jeito, e consegue organizar tudo para nos levar ao teatro. Nunca tinha visto uma peça de teatro na minha vida, e sempre quis conhecer. Sabia que existia teatro pelo que a televisão falava, mas não tinha noção nem de onde existia isso. E essa professora nos levou. Era num palco mesmo, do Grêmio.

Eu já tinha visto teatro de escola, umas peças que eu achava chatas. Ela nos levou ao teatro em Santa Cruz, que eu sabia que existia. Era dentro de um Grêmio, um lugar chique que ela freqüentava. Vimos a peça Chuvas de Verão que era com o Moacir Teixeira. Acabou a peça, os atores sentados na beirada do palco, e ele abriu para um debate: "Agora a gente vai discutir o que é teatro". Olha o meu questionamento, só para provar como meu pensamento é totalmente lógico. Eu vi na peça que toda hora quando algum ator saía para a coxia, falava "Eu vou à cozinha" e saía por um lado. Mas teve uma hora que um dos atores saiu pelo outro lado, falando que ia à cozinha. Eu fiquei matutando: meu Deus, eu acho que eles erraram. Ou seja, eu não estava preocupada com o enredo, com a história da peça, eu queria saber se houve um erro mesmo ali, aquela coisa lógica. Na hora do debate, eu levantei a mão e falei, olha só: "Onde é a cozinha? Se a cozinha é para lá e eles saíam para cá...". Aí esse seu Moacir falou: "Nossa, você é muito observadora,

prestou mesmo atenção" e aí me convidou: "Você não quer fazer parte do teatro?". Eu fiquei assim: "Meu Deus, eu vou poder fazer parte disso!".

Cheguei em casa: "Mãe, ele me chamou para participar do teatro de graça, pode mãe?". "Pode.". Fizemos a conta para ver se o dinheiro da condução permitia, porque era no centro, eu teria que pegar uma condução, e como eu trabalhava na fábrica, ganhava meu dinheirinho, dava pra ir, então me organizei. Comecei a freqüentar o teatro e a estudar teatro mesmo. Porque esse Moacir dava aula mesmo. Ele explicava para nós sobre a origem do teatro, sobre Grécia.

Isso começou na década de 60, quando um grupo de amigos, jovens, criou um grupo de teatro, sem nenhum patrocínio, para se fazer alguma coisa em Santa Cruz, porque lá não tinha nada. Então eles começaram a pensar teatro. Nesse período, seu Moacir, que era escritor, começou a escrever. Eles pediam espaços locais para poder se apresentar e cobravam ingresso, os ingressos é que patrocinavam tudo. Era uma coisa muito ingênua, era o teatro pelo teatro, em si, não havia uma convicção política do que era aquilo. Na década de 70 veio a censura e a peça que ele estava escrevendo foi censurada, porque seu Moacir já questionava nessa época. O nome da peça era Ressurreição, através da qual ele fazia uma crítica à igreja universal que nem sequer existia naquele tempo.

A peça apresentava um diálogo entre Jesus e o Diabo, o tempo todo mostrando essa sociedade de consumo onde as pessoas respeitam muito mais o Diabo do que Deus. Ele falava num diálogo da peça: "Todo mundo fala seu nome", o Diabo falando pra Jesus, "Agora, vê se as pessoas têm coragem de falar meu nome.". Era mesmo uma crítica muito grande ao papel da igreja. Foi censurada.

Eu tenho até cópia disso, tudo carimbadinho. Mas seu Moacir não tinha uma noção clara do que ele queria fazer. Ele começou com a arte pela arte. Na década de 80 ele queria um espaço e ficava de um lugar para o outro tentando, porém jamais conseguiu um espaço em Santa Cruz. Ele ocupava uma instituição lá, a sociedade de música que estava vazia e aí ele juntava cadeiras que conseguia de um local, ou de outro. O comércio local o ajudava bastante, dava tinta para o cenário, mas ele fazia arte pela arte. Na década de 80, com a ocupação do lugar pelos conjuntos habitacionais, ele começou a perceber que criou muita gente ali e que ele precisava cuidar dessas pessoas.

Seu Moacir era um policial militar. Essa era uma coisa contraditória porque ele era um policial que virou um apaixonado por teatro e, como ele tinha tempo vago, se dedicou a esse grupo de teatro. Nunca ganhou um centavo, nunca obteve nenhuma ajuda. E ele tinha o objetivo mesmo de levar o teatro para Santa Cruz, criar um público, dar acesso a pessoas que não tinham acesso a absolutamente nada. Por exemplo, eu morava em Santa Cruz e não sabia o que era teatro, não sabia o que era Mc Donalds, o que era Bobs, cinema só no bairro próximo para ver Os Trapalhões, assim mesmo, havia aquelas filas imensas que não tínhamos coragem de enfrentar, era muito difícil. Então, era essa a coisa cultural naquele contexto. Agora, Santa Cruz já tem essa raiz de teatro, essa coisa de pensar teatro. Até essas famílias tradicionais de Santa Cruz sempre buscaram esse teatro lá.

Bem, voltando ao momento quando o seu Moacir me convidou. O que acontece? Eu comecei a perceber - com essas aulas teóricas e práticas de teatro, ele ensinava tudo pra gente - que no teatro as minhas notas eram muito boas. Mas, na escola, as minhas notas não eram tão boas assim. Eu não tinha tempo para estudar de tarde, em geral estudava de noite, já cansada e sem mais estímulo para o estudo.

Desde que eu saí do colégio Apolo 12 eu perdi bastante o estímulo pelo estudo. No colégio público, eu não tinha professor direito, tinha greve o tempo todo, aquele caos. Eu comecei a me achar ruim. Então aquilo que falavam de mim, que eu era muito inteligente, aquela coisa toda, aquilo sumiu. Eu vivia me perguntando porque as pessoas na minha família, como falei antes, tinham medo de eu não vingar, porque me achavam muito inteligente e, no entanto, as minhas notas não eram mais tão boas. No teatro, nós éramos avaliados, o professor, seu Moacir, dava prova mesmo, da História do Teatro, por exemplo, e minhas notas eram excelentes e ele falava muito que eu era boa, que eu era isso, era aquilo.

O colégio Dom Walker emprestava a sala para o nosso grupo de teatro e, assim, nós íamos para uma sala de aula mesmo, com quadro e estrutura, e ele nos ensinava. Ele falava que não ia adiantar a gente só aprender com as aulas, nós tínhamos que ler, que a leitura é a base, pois ele nunca foi um ator formado, foi autodidata, ele aprendeu lendo e depois ele passava adiante, e dizia que a gente precisava aprender a ler e a escrever certo. Tínhamos que aprender a falar. Ele queria que quando nós disséssemos: "Eu sou do ETAA, do Elenco Teatral Amantes da Arte", as pessoas percebessem que os integrantes do ETAA tinham cultura, entendiam de teatro e não estavam ali fazendo uma coisa por fazer. Antigamente, passava na rádio relógio, que esse grupo de teatro amador era o mais antigo do Rio de Janeiro. Então, na década de 80, a gente sempre ouvia dizer que o grupo mais antigo de teatro amador do Rio de Janeiro era o ETAA.

Se não me engano, o Marcos Faustini acabou tirando isso do seu Moacir, que ouvia muito rádio relógio e contou sobre isso. Bem, eu comecei a ter auto-estima, a pensar: "Eu posso", através do ETAA. Pude perceber que podia ter uma relação com outras coisas que não eram apenas daquele mundo da favela. Agora, eu conhecia pessoas que estavam de um lado que nos proporcionava um mínimo de informação, que nos colocava para além de Santa Cruz. Vivíamos aquilo ali e não sabíamos de mais nada. Hoje em dia temos a internet que nos coloca no mundo. Por isso eu leio Bourdieu, para trabalhar essa noção de campo. Naquela época era importante, agora nem tanto, o mundo, as coisas estão muito mais misturadas. Fazendo teatro no ETAA, vivi muitas experiências no sentido de me organizar e desenvolver essa relação de uns com os outros.

Depois, me mudei para o Colégio Barão do Rio Branco. Naquela época tinha que fazer prova para poder passar. Eu passei de primeira, a única na minha família que passou no Barão do Rio Branco. Comecei a perceber que tudo é tão difícil, que até achei em alguns momentos que a minha vida me levaria apenas a ser dona de casa, e trabalhar tanto que não conseguiria vislumbrar mais nada. Mas passei para o Barão do Rio Branco e comecei a me afastar um pouco do ETAA e da escola, por causa desse trabalho.

Seu Moacir cobrava que estivéssemos ali assiduamente, dizia que não queria uma Fernanda Montenegro: "Fernanda Montenegro está na Globo". Ele queria pessoas que estivessem lá. Ele não nos preparava para sair, ele não dava asas, ele ensinava, mas ele tinha essa coisa de querer as pessoas ligadas a ele e que elas fizessem de Santa Cruz o único foco. Mas eu mesma comecei a criar as minhas asas, porque eu sabia que eu tinha que trabalhar e, além disso, logo percebi que era péssima atriz. Gente, eu não sou atriz, eu gostava de estar naquele meio, tinha prazer em produzir, em fazer com que as coisas acontecessem: "Ah, não tem dinheiro para isso?, vamos ver aonde a gente consegue". Era isso que eu queria fazer, e não queria sair de perto daquelas pessoas.

Fiz meu segundo grau no Barão do Rio Branco e me lembro que, nessa época, a primeira atitude minha de produtora mesmo, foi quando um professor meu sofreu um acidente, no qual perdeu um braço e, portanto, precisava de uma prótese. Para isso, precisava muito de dinheiro. Eu simplesmente falei: "Precisa de dinheiro? tá bom". Fui lá no seu Moacir, e propus que refazer aquela peça, para arrecadar dinheiro. Depois, mobilizei a escola inteira, fizemos pedágio, só sei que conseguimos levar muita gente pra assistir a peça. Cada ingresso que eu vendia, corria em Campo Grande e trocava por dólar - porque era época de inflação e eu sempre tive essa noção - e fui guardando. Uma professora de Literatura ficou muito encantada com esse meu poder de mover as pessoas. E eu nunca fui uma pessoa chegada a panelinha da escola, sempre fui excluída dessa panelinha, nunca fui popular, nunca fui nada disso. Então, ela se surpreendeu foi com a minha capacidade de mobilização por uma causa. Eu adorava esse professor de História, um professor novo.

Seu Moacir foi lá, fez a peça, e arrecadamos, não me lembro ao certo, mas acho que foi em torno de \$300 dólares, na época era um bom dinheiro. Nós nunca poderíamos imaginar que conseguíamos aquele montante, de trocado em trocado, só com o trabalho dos alunos. Eu nunca tive coragem de entregar esse dinheiro ao professor porque eu não queria vê-lo sem braço. Nunca mais voltei a ver esse professor. Soube que ele tem vontade de conhecer aquela aluna que mobilizou o dinheiro, mas eu nunca consegui porque eu preferia ficar com a imagem dele saudável, porque ele era muito novinho.

Eu o vi uma única vez, no ônibus, em Santa Cruz. Um homem caiu dentro do ônibus, na hora de uma curva muito grande. Quando eu fui ver, o homem que tinha caído não tinha braço: era ele. Eu não tive coragem de falar e reparei que ele saltou no ponto da escola. Foi uma coisa complicada. Tudo aquilo que eu fiz, nunca fiz para que a Cristiane. Eu queria que ele tivesse a chance de botar a prótese.

Por fim, aos 15 anos, quando eu já estava no ensino médio, esse meu tio que montou a fábrica com quem minha mãe já trabalhava, abriu uma loja para revender doces. Eu comecei a trabalhar com ele, no balcão, mas já entendendo do negócio. Na época os bancos estavam se informatizando e botaram o primeiro caixa eletrônico de tirar extrato, e meu tio não sabia mexer naquilo. Hoje em dia, eu já entendi que não era porque ele não soubesse, ele queria era me jogar lá: "Tira o extrato". "Tio, eu não sei como é aquilo". A partir disso, eu aprendi a fazer tudo dentro do banco. Tinha um gerente lá do BANERJ, chamado Josias, que eu adorava: "O senhor pode me ensinar a fazer isso?". Quando eu ficava muito tempo na fila, aproveitava para ler tudo: RDB, CDB. Todo dia ia ao banco depositar o dinheiro da loja, pagar as contas e, com o tempo, o que eu comecei a sacar? Tudo aumentava muito rápido. Por exemplo, tinha uma fábrica que nos fornecia mercadoria, cuja multa, pelo atraso de três dias do pagamento, era cobrada com juros muito baixos, era cobrada quase uma taxazinha só. Em seguida, percebi que a aquele mesmo dinheiro aplicado no RDB por três dias, rendia juros que cobriam a multa pelo atraso. Então, muitas vezes, eu não pagava o boleto do meu tio, investia o dinheiro, no terceiro dia eu pagava e ainda gerava um lucro adicional.

Mas quando fiz 17 anos, meu tio faliu. Ele tinha aberto três lojas, expandiu demais os negócios sem forças pra mantê-los. Então, ele começou a falir, e com ele foi levando quem estava junto. Primeiro, contarei sobre como isso afetou o meu marido, que nesse tempo todo era meu namorado, desde quando eu tinha 13 anos, conforme já contei.

É preciso compreender o contexto em que ele se encontrava naquele momento. Ele morava em Santa Cruz, na mesma rua onde a minha mãe morou durante a infância. A mãe dele e a minha conviveram nessa época quando

eram de crianças. Num certo momento, o pai do meu marido quis sair de Santa Cruz e se mudou com a família para o Flamengo pensando em dar melhor educação para o filho, que foi estudar no Colégio Militar.

Então, eles moravam durante a semana no Flamengo e nos finais de semana iam para Santa Cruz. Flamengo era apenas um local para dormir e estudar. Portanto, meu marido, que é um cara muito inteligente, teve um estudo maravilhoso. Aconteceu que os pais dele morreram muito cedo. A mãe morreu e o pai morreu logo em seguida, deixando três filhos que não tinham noção do que era a vida. Assim, eles foram perdendo tudo. Eles perderam o apartamento, o carro, toda a riqueza que os pais deixaram, eles perderam. E aí, meu marido voltou a morar em Santa Cruz.

Quando ele voltou, a minha mãe era a referência maior que ele tinha de família, de proximidade. Então eles criaram esse vínculo de amizade muito grande. Nós começamos a namorar depois de muito tempo, mas ele foi a primeira pessoa para quem eu contei na ocasião em que menstruei pela primeira vez, devido à nossa amizade. Eu lembro que foi muito importante para o desenvolvimento do meu pensamento quando entrei no ETAA aos 12 anos,

Eu gostava muito da Xuxa, eu era fissurada pela Xuxa, tinha sonho com Xuxa. Ele tocava violão e pedia para ele tocar "Ilariê" e ele dizia que se tocasse "Ilariê", ele deixaria de tocar duas músicas. Ele gostava de tocar MPB para mim. E aí ele tocava Caetano, Chico, Gil e me explicava as letras das músicas. E quando ele começou a falar dessas letras, falava também sobre a ditadura. O que é isso que eu não sabia? O que era ditadura e, ao mesmo tempo, o seu Moacir falava alguma coisa sobre isso no teatro e eu não sabia ficava surpresa por ignorar tudo aquilo, e nem na escola eu não conseguia entender o que era. Essa experiência me fez sentir esse vazio da História, e desejei estudar História.

Voltando à morte dos pais do meu marido. Essa perda provocou nele uma forte depressão e, por isso, ele foi trabalhar na fábrica do meu pai. Ele tinha um ótimo emprego, era concursado da ESA [Escola de Sargento das Armas] e já tinha se tornado chefe do HCE [Hospital Central do Exército]. Pois bem, esse cara, sargento da Aeronáutica, largou a ESA, largou tudo por causa da depressão e foi para Santa Cruz.

A mãe dele morreu aos 40 anos, de pressão alta. Estava no salão de beleza e, com aquele calor, a pressão subiu e ela não resistiu. Ela era mais velha que o marido e eles eram muito apaixonados. Ele não agüentou a morte da mulher e, praticamente, morreu de amor, logo em seguida.

Todo mundo me zoa porque sou também sou muito apaixonada pelo meu marido. Graças a Deus! tanto ele quanto eu temos ótimas referências de amor, temos a mesma base familiar, famílias de pais muito amorosos e que valorizam o estudo. Hoje em dia eu penso que meu pai e minha mãe deveriam até discutir, mas antigamente eu nem percebia, porque eles discutiam longe de mim, então é diferente. E a mesma coisa deveria acontecer com os pais dele, por isso, ele deve imaginá-los como pertencendo a um mundo perfeito, pela forma como ele me fala deles.

Bom, eu estava falando da loja. Quando meu tio faliu, ele levou principalmente o chefe do meu marido junto, mas antes tenho que explicar essa relação de parentesco. Minha mãe teve um irmão mais novo, temporão, na época que meus avós já estavam separados. Minha mãe foi quem praticamente criou esse irmão, porque minha avó trabalhava muito. Depois, esse, que é meu tio, cuidava muito de mim quando eu era pequena.

Esse meu tio começou a namorar a Mazinha, que vem a ser a irmã do meu marido. Naquela época, eles ainda moravam no Flamengo e, portanto, ele tinha de sair de Santa Cruz e descer para o Flamengo para namorar. Quase sempre ele me levava junto e nós ficávamos na casa dos pais deles, por isso, o meu marido cuidava de mim quando eu era pequenininha, como já falei antes. Então, eles se casaram, o meu tio com a irmã do meu marido. Que é a minha tia no caso, mas é também minha cunhada. Aí mistura tudo. Meu tio e minha cunhada se casaram um mês antes dos pais deles morrerem. Tenho uma foto onde estamos minha tia, meu marido e eu de dama de honra, com oito anos, bem na frente. Quando meu filho viu essa foto ele perguntou: "Mãe, porque você casou tão pequenininha?". Ele acha que o meu casamento com meu marido foi na ocasião daquela foto. Ele estava com 22 anos e eu com oito, no altar. Meu filho tem 9 anos, e tenho um bebê de um ano e meio.

Retomando: Aos 12 anos eu entrei para o ETAA e, até os 15, freqüentei com assiduidade. Depois, eu continuo indo e voltando, mas não tinha mais tempo para me dedicar. Eu fui muito precoce, terminei o segundo grau com 16 anos. Fiz um ano de pré-vestibular porque eu não tinha base e consegui passar para a UERJ [Universidade Estadual do Rio de Janeiro]. Entrei só em agosto.

Se eu ficasse na UERJ, eu não tinha como trabalhar, o horário não possibilitava espaço para o trabalho e, além disso, meu tio precisava muito de mim na loja, a loja que nem funcionava mais tão bem. Eu precisava estar lá dentro, pois eu cuidava de toda parte administrativa, por isso fizemos um acordo dele pagar uma parte e eu pagaria a outra para que eu estudasse numa universidade mais próxima e ainda teria grana para pagar minha passagem. Assim, não parei de trabalhar, fui estudar na Faculdade de Filosofia de Campo Grande, que ficava bem próxima e, portanto, dava tempo de estudar à noite. A faculdade era muito boa, mas acho que a gente é quem faz a faculdade.

Nessa Faculdade de Filosofia, eu fiz História. A Faculdade foi excepcional. O pré-vestibular também me fez crescer muito porque eu aprendi coisas que o colégio não me dava. Meu marido sempre me ajudou muito porque ele já tinha feito Letras na Santa Úrsula, embora não tivesse concluído. Eu me lembro que escrevia cartinhas de amor para ele mas ficava com muita vergonha porque escrevia muito errado. Então falei: "Só escrevo pra você se você corrigir e me devolver". Ele corrigia tudo e me devolvia. Eu tinha essa ansiedade de aprender. Eu não queria dar uma carta pra ele com erros de português, logo para ele que era professor de português, eu queria escrever certo. Então, era um exercício.

Mesmo que ele não tivesse concluído o seu curso, eu me achava muito distante dele. Era estranho ele ter me escolhido, uma garotinha que ele pegou no colo, magrinha, ninguém olhava pra mim porque mulher magra ninguém olha. Adolescente só olha pra quem tem corpo grande, mulher muito magra é mal vista: não tinha peito, não tinha bunda, não tinha nada e aí já era estranho ele ter me escolhido, ainda escolher uma burra? Diz ele: "Olha, eu fui é muito esperto porque ninguém enxergava a mulher que tu eras, eu catei antes, para não dar tempo aos outros". Ele fala que sempre percebeu esse meu jeito, desde pequenininha. Então, quando eu comecei a virar mulher ele se encantou muito: "Eu quero essa mulher, não essa coisa física". Acho que foi uma das primeiras pessoas a perceber que eu não era uma pessoa burra, que eu tinha um pouco mais.

Eu sempre tive esse pé na questão da cultura, na faculdade sempre participei de tudo. Era aquela menina voltada pro DCE [Diretório Central dos Estudantes], que sempre quer participar de tudo na faculdade, totalmente envolvida com a

instituição. Aí, vale a pena eu voltar a falar da loja. Quando a loja faliu, eu tinha de 17 para 18 anos e meu marido tinha acabado de passar num concurso, e precisava estar com o nome limpo. Foi quando meu tio faliu de vez, eu tinha perdido minha vaga, eu precisava continuar na faculdade particular e tinha que trabalhar. Aí falei: "Meu Deus o que eu faço agora?".

Meu pai tinha se aposentado. Pedi 600 reais emprestados ao meu pai e fui lá na Vila do Cruzeiro onde havia uma distribuidora dentro da própria favela, Fui lá, porque não recolhem impostos de lá e o produto era mais barato e, assim, comecei a abastecer a loja do meu tio de mercadoria. O que eu fiz? Coloquei num lado da loja, a minha mercadoria, e, do outro, a dele, que já estava falido. Ele tinha pouca mercadoria. Quando eu enchi a loja, os clientes compravam a dele e a minha, então, eu separava o dinheiro dele e o meu. Consegui dobrar o dinheiro, multiplicar o dinheiro, até que meu tio percebeu e me propôs arrendamento. Eu tinha 18 anos. Ele me passou a loja dele e falou: "Olha, agora você vai cuidar da loja, parte do lucro é seu e parte do lucro é meu".

Mas eu não tinha noção do tamanho das dívidas dele. Chegou numa determinada época que essa dívida chegou a 25 mil dólares, porque eu dolarizei, era um por um, era tudo isso. Como eu ia pagar isso? Vivia de salário mínimo e a gente foi educada com muita integridade: se deve, tem que pagar, a qualquer custo. O que eu fiz? Fui financiando com todo mundo. Eu devia \$1.500,00 reais ao moço que nos vendia quebra-queixo. Fizemos o acordo de toda semana ele ir buscar 25 reais. Ao longo de um ano e pouco ele parou de ir. Eu liguei para ele, desesperada: "O que aconteceu?". "Acabou a sua dívida".

Esse foi um momento da minha vida, caramba, quando o mundo virou um caos. Eu fazia faculdade, tinha que pagar aquelas dívidas, minha avó havia tido um derrame cerebral e passei a assumir minha avó porque nenhum filho dela tomou essa iniciativa, então, a cultura não tinha mais espaço, como ia sobreviver? Eu não tinha mais como cuidar do ETAA e o seu Moacir era muito exigente. Para dar uma noção da minha rotina: Três vezes por semana, ia pro Mercado de Madureira, Saía às 5h30h da manhã pra blitz não pegar a gente. Eu irava o banco do carro, enchia de mercadoria e voltava. Trabalhava o dia todo, ia pra faculdade e eu morava longe. Um dia nosso carro, a Kombi, pegou fogo com tudo dentro. Aquele biscoitinho que parece de isopor, aquilo pega fogo, então, o fogo se alastrou. A gente tinha um Fusquinha todo colorido.

Essa foi na época quando estava com 18 anos, e eu sempre tive cara de patricinha, um cabelão! Eu me lembro que um dia uma professora observou meus atrasos em relação à entrega de trabalhos e foi questionar esse fato na sala de aula. Aí, o Tonhão que era o meu melhor amigo da faculdade, entrou junto comigo, um senhor de 50 e poucos anos, "paraíba", que começou a estudar depois dos 40. Nós éramos fechados porque eu era a mais nova e ele o mais velho. E aí ele falou: "Professora, a senhora não sabe da vida dessa menina, por favor, aceite o trabalho dela com atraso". Aí, quando Maria Inês, essa professora, soube da minha vida, teve noção do que eu fazia, até hoje ela tem um carinho grande por mim.

Quando o filme estreou, ela faz questão de ir a tudo, porque ela me acompanha como se eu fosse um bibelô dela, sabe? Antigamente eu achava natural uma menina de 18 anos trabalhar tanto, hoje em dia eu não vejo uma garota de 18 anos trabalhar a metade do que eu trabalho, sabe? É muito pesado, é um crime trabalhar tanto, mas eu tinha que pagar aquelas dívidas.

Eu sabia sim, que meu tio tinha dívida, só que o certo era eu ir pagando. Ele tinha uma parte do arrendamento. Dava \$1.300,00 reais por mês, com o dinheiro dele, mas só para conseguir que as empresas abastecessem o meu lado da loja, eu tinha que financiar porque essas empresas não me venderiam se eu não pagasse a dívida dele. Então, eu pagava a parte dele e a minha. Eu tinha que fazer de tudo para pagar o mais rápido possível para poder comprar das empresas. Era uma questão de negócio, por um lado, e uma questão de integridade, por outro. Eu não cheguei a ver meu tio sendo humilhado, embora ele se sentisse humilhado e nós também nos sentíamos humilhados dentro daquela situação. Ele faliu, porque ele foi muito roubado, era muito ingênuo para os negócios. Por fim, eu consegui fazer com que a loja sobrevivesse e sobrevive até hoje. Quando eu me formei, eu disse: "Mãe, eu tenho que seguir a minha vida. A loja teve seu tempo pra mim, agora a senhora continua e mantém a loja, mas eu tenho que seguir minha carreira e este é o momento".

Tive que fazer minha escolha e corri para conseguir dar aula no Colégio Nacional, quando veio a gravidez e me breiou por um, dois anos. Dei uma parada, e depois voltei tudo de novo em 2002, 2003, para a pós-graduação em História do Brasil que era meu tcham. Foi quando eu fiz a tese cujo tema era o Moacir falando sobre o ETAA, e foi quando o Marcos soube dessa monografia e nós nos reencontramos na Cidade das Crianças. Aí foi engraçado, ele não tinha a menor noção disso. Como eu reencontrei o pessoal do ETAA, porque o Alexandre Damasceno foi do ETAA, o Marcos foi do ETAA, quando eu reencontrei todo mundo, o ETAA já tinha acabado. E eu escrevi sobre o ETAA, sentia aquela coisa, que vontade de fazer o ETAA retornar. Nesse momento do nosso reencontro, aquilo estava muito forte em mim. Eu quero esse ETAA de volta funcionando, mesmo sendo em outra esfera. Agora o Re-Periferia, que é o repensar periferia.

No período quando meu filho era bebezinho, eu não queria mais trabalhar longe, queria estar perto dele. Foi quando, em paralelo a tudo isso, conheci a Cláudia, aquilo é uma mulher, nossa Senhora. A Cláudia é uma pessoa negra, que sempre lutou pela comunidade do João XXIII [o conjunto residencial], que sempre batalhou, e terminou por criar um espaço cultural ali. O sonho dela era fazer algo que gerasse renda para o João XXIII.

Já sabíamos que não adianta criar oportunidade para gerar renda feminina longe de casa, mas, antes de tudo, tem que ser próximo para que a mulher possa cuidar dos filhos. Então, a Cláudia teve a idéia de montar uma cooperativa de costura. Primeiro, ela conseguiu fazer uma parceria com a FIRJAN, na área da educação. Como eu era professora local, dava aula ali para os adultos. Eu ganhava, através desse contrato com a FIRJAN. Assim aquele projeto mais do que nunca se concretizou no João XXIII. Eu dava aula para mães de amigos meus, para as pessoas dali, do próprio local, que não tiveram condições de estudar. Eu dava aula de História, mas percebi que precisava chegar na Geografia e quando estava ensinando os estados, aconteceu uma cena que ainda lembro como uma das coisas que eu mais gostei nesse curso. Foi quando uma mãe, muito emocionada, descobriu onde era a Paraíba: "Filha, foi daqui que eu saí!". Sabe o que é uma pessoa não saber de onde saiu? Ela fica emocionada porque descobriu de onde tinha saído, sabe? Dar aula no João XXIII concretizou algo ali. Com o tempo, para tudo quanto era espaço, eles me contrataram por eu ser do local e poder entrar e rodar pelos conjuntos habitacionais. Perceberam que não adiantava querer botar alguém de fora ali.

Tinha terminado a faculdade, foi no ano 2000, meu filho era bebezinho mesmo, e por isso eu tinha largado os colégios, o Colégio Nacional, e fiquei ali porque podia ficar perto de casa, cuidar dele. Continuava com a loja. A loja

sempre foi uma coisa paralela, que mantenho até hoje, não largo. Minha mãe cuida do cotidiano da loja, mas quem cuida da parte administrativa sou eu, saber o que tem que comprar, sou eu. Até hoje ela vive me ligando: "Filha, o que eu faço?". Ainda continuo nisso. Só que, agora, bem menos.

Voltando à Cláudia, essa menina do espaço cultural. Era ela quem trazia os projetos de educação para a comunidade. Ela deve ter uns 47 anos, uns 15 anos mais velha do que eu. Tenho 32 anos. Ela tinha esse contato e trazia os projetos. Ela sempre falava, quero montar um projeto de gerar renda, era uma artesã. Não demorou muito, e ela conseguiu montar um espaço físico, concreto, com a ajuda de todo mundo do bairro, que foi doando coisas. Eu doeje a privada. Foi montado um espaço muito precário, mas por fim, era um espaço. E ela surgiu com essa idéia da Costuararte, uma cooperativa de mulheres de costura e bordados numa época quando o bordado não estava tão em evidência, e ela trouxe essa novidade. Os trabalhos de bordado dela sempre partem de uma temática. A primeira temática foi contar a história de Santa Cruz. Então foi feita uma coleção de roupas contando a história de Santa Cruz, lindo! Por exemplo, há saias cujos bordados apresentam o Hangar do Zeppelin, o Casarão da Princesa Isabel, lindos!

Ainda existem peças dessa coleção lá na cooperativa e eu tenho algumas dessas roupas que comprei na ocasião. Santa Cruz era conhecida como o sertão carioca, então pode-se encontrar uma blusa com um corte e bordados que lembram os motivos do sertão, por exemplo, uma redezinha balançando. Ela faz relações com tudo. A Cláudia é muito interessante, é aquela pessoa em quem sempre me inspirei. Ela vem da essência, é uma coisa natural mesmo, é de raiz, aquela pessoa que vive isso. Cláudia vem brigando para conseguir seu intento, de gerar renda dentro da comunidade. As roupas dela já tem ido para a França, para vários lugares. Mas as pessoas aqui não podem comprar. Em paralelo, enquanto ela lançava essa coleção, em 2002, eu já tinha conseguido botar o pé no Colégio Cunha Mello. Entrei lá dando aula para alunos que ficavam em dependência nas matérias. Em pouco tempo, em seis meses, eu já estava dando aula no ensino médio, ensinando no pré-vestibular. Eu disse para a direção que queria trazer um projeto para colégio e expliquei o que era a Costuararte do João XXIII. Propus fazer um desfile de estudo das roupas, não adiantaria as crianças virem as roupas e não saberem o que era.

Então, começamos a estudar a história de Santa Cruz e entender, por exemplo, as roupas bordadas com desenhos de mandiocas. Santa Cruz é o bairro que vende maior parte da mandioca que é vendida no Rio de Janeiro, é cultivada em Santa Cruz. Tem uma saia que tem um moisaco bordado, igualzinho ao chão de mosaico do Casarão da Princesa Isabel. Elas imitaram o modelo e as cores do mosaico, e bordaram na barra da saia. Para quem entende a história de Santa Cruz, entende os motivos das roupas, e para quem conhece a história da Costuararte, reconhece os detalhes que essas mulheres criam a partir de temas escolhidos, tendo à frente a Cláudia.

Nesse período quando ninguém fazia roupa de bordado, eu levei para o Colégio Cunha Mello esse projeto, para eles entenderem porque essas mulheres costuram lá dentro e, com a possibilidade de levar a roupa para costurar em casa, podem também cuidar dos filhos. Para aquele nicho do Colégio Cunha Mello, foi importante levar esse entendimento sobre o que acontece dentro de um conjunto habitacional.

Foi por isso que brigamos muito para não fazermos um desfile, dentro daquela conjuntura. As pessoas desfilando com as roupas, poderiam parecer um monte de bichinhos diante dos olhares dos expectadores. Outros colégios também pediram para eu levar. O Monteiro Lobato, que é um colégio de referência de Campo Grande, eu fui lá

conversar com eles, mas eles só queriam o desfile. Eu pedi desculpas, mas fui firme: "Desfile eu não levo". Não achava uma boa idéia as meninas sendo expostas. Aí criei uma rede onde as meninas do Cunha Mello se tornaram voluntárias para desfilar com as roupas da Costurarte.

O Cunha Mello é um colégio estadual. Em 2005, elas ganharam um patrocínio da Petrobrás e conseguiram, numa concorrência com 4000 e poucas cooperativas. Foram as únicas que conseguiram esse patrocínio e, finalmente, levantar uma sede. Agora elas têm uma sala arejada para desenhar. Acho que esse patrocínio é do social. Nós, da Re-periferia tentamos por muito tempo ganhar um patrocínio. Ao mesmo tempo em que a Costurarte foi crescendo, o projeto de Re-Periferia foi tomando todo o meu tempo.

O Re-Periferia é o nosso projeto de cultura que começou comigo, com o Marco Faustini e outros. Sempre souberam que a Costurarte existia, mas eu não absorvemos porque era uma outra realidade, essa das mulheres de costura. Não era uma coisa de teatro, não era como o Re-Periferia na época. O Costurarte está lá, estou sempre tentando dar uma força e todo mundo que conhece a Costurarte fica encantado. Não sei se já criaram um site da Costurarte na internet. Eu tive que me desdobrar quando optei pela Re-Periferia. Eu sei que o Costurarte ganharia muito mais se eu estivesse lá, porque elas precisam de pessoas que façam, que executem. A Claudia é muito empreendedora, mas é a Claudia pra tudo. Toda vez que eu me aproximo da Costurarte, sinto pena por não poder me dedicar.

Re-Periferia é um projeto onde a gente tenta repensar.

Eu tenho um grande problema com inglês, eu vou fazendo pós-graduação atrás de pós-graduação, as especializações, porque eu não falo em inglês. Mas já botei na minha cabeça que, no ano que vem eu vou falar inglês. Eu estou fazendo agora FGV.

O problema é que a maioria dos textos está em inglês e eu tenho dificuldade, nunca tive oportunidade.

Começamos a pensar a pensar o teatro e fazer o teatro acontecer. Depois, com o filme o Carnaval Bexiga, com o qual a gente botou o pé no cinema (o Faustini se especializou em cinema), eu fui fazer a pesquisa, a gente se juntou e a coisa aconteceu, saiu o filme.

O Re-Periferia naquele momento era uma idéia de repensar a periferia. O nosso cuidado era pensar com as pessoas de lá. Porque o Faustini é de lá, eu sou de lá, o nosso olhar é diferente, nós podemos pensar, sabe e não só absorver o que os outro pensam da gente e pensam pela gente. E aí, com o Carnaval em Bexiga, nosso projeto se tornou um divisor de águas, quando o Lindberg nos convidou para criar uma escola de cinema com aquele tipo de estética de documentário. Nós criamos a escola de cinema em 2006, e, desde esse tempo, eu venho trabalhando, botando a escola pra funcionar, pra acontecerem os documentários nossos de escola. Em 2007 o Faustini foi nomeado Secretário de Cultura de Nova Iguaçu e ele deixou o projeto da Re-Periferia nas minhas mãos.

Nós tínhamos a produtora KL Produções que era uma empresa com fins lucrativos, e ela é que geria nosso projeto o Re-Periferia. Em 2006 nós percebemos que nós tínhamos que criar uma ONG, até mesmo para termos um alcance maior. Então, em 2006 nós criamos essa ONG que se chama Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social. Avenida

Brasil porque quem mora em Santa Cruz tem que vir o tempo todo pela Avenida Brasil, é nossa ligação. E aí, hoje em dia eu sou diretora geral da ONG Avenida Brasil. A sede é na minha casa, lá em Campo Grande, e o alvará é da minha casa, mas nós temos braços em tudo que é lugar.

Com a escola de cinema em Nova Iguaçu, temos trabalhos com o SESC: o audiovisual com idosos e jovens; a Lona Cultural Sandra de Sá que é em Santa Cruz. Dentro do nosso trabalho temos as pessoas que mais cuidam, o Damascena cuida mais da Lona, eu cuido mais da Escola de Cinema, cada um se arranja.

E o projeto Re-Periferia, eu e o Faustini, não mais, ele teve que sair administrativamente, aí tem a Valquíria, o Barnabé e o Alexandre Damascena. E aí, todos nós, a gente cuida de todo esse projeto e ainda mais agora com essa questão do livro do Faustini. O Faustini vai escrever esse livro e eu quero pensar e entender mais literatura.

Na sede da Escola de Cinema colocamos almofadas no chão e um computador. Criei um espaço para os livros porque as pessoas querem livros. Há muito tempo eu venho percebendo que elas trocam, usam e, então, eu fico me perguntando por que as crianças não lêem mais? Essa tem sido uma coisa que está na minha cabeça, por isso, os nossos filmes, este ano, estão baseados na literatura de Câmara Cascudo. A iniciativa de trazermos a literatura está de acordo com essa preocupação de criar nas crianças o hábito da leitura. Pensar nessa questão do livro, nesse momento, é a nossa diretriz. A junção com o cinema traz esse desafio: um outro tipo de linguagem vai levar essas crianças a ler mais? A gente quer que eles misturem as linguagens e a escola está indo, está focando esse ponto e está crescendo.

Eu até me assustei no curso agora, pelo perfil que encontramos: ninguém no curso pensava sobre literatura. Por isso, numa outra aula, propus que pensássemos uma literatura para quem não lê. Tem que ser a periferia... há pouco tempo a Cristiane Costa que me falou sobre o Plano Nacional do Livro, da Leitura. Agora vamos ver para onde nosso projeto vai.

Uma coisa que me preocupa é a percepção das pessoas em geral sobre nós, das periferias. Elas pensam que nós somos uns pobres coitados. Com todos os problemas que temos, e até falo deles quando reflito sobre a minha infância, mas eu nunca me vi infeliz. Nós não temos esse olhar sobre nós mesmos e nem temos um projeto assistencialista, nós fugimos disso, nossa tentativa é de "emponderar" essas crianças, fazer com quem eles possam pensar subjetivamente. É esse o fundamento do nosso projeto Re-Periferia. E não tem jeito, quando observamos as pessoas que conseguem sair, de qualquer forma, de uma situação inaceitável, a origem desse movimento para a saída está no livro. E o que importa desenvolver nessas reflexões deve partir do nosso ponto de vista, do nosso olhar. César Maia arrancou a gente de lá, tirou nosso projeto, todo mundo ficou desesperado. Eu enchi o saco do prefeito, me coloquei como historiadora local e mandei artigos pra ele baseados nas pesquisas da década de 70. Nós tínhamos brigado anos a fio por um teatro, e um vereador constantemente encaminhava projetos para a criação de um teatro em Santa Cruz, mas nunca conseguíamos. Fui buscando, pesquisando essa história e hoje eu tenho arquivos disso, e posso provar quantas vezes esse nosso projeto foi vetado. Agora, quando o César Maia nos tirou eu mandei para ele esses arquivos inteiros.

E assim, a nossa luta continua. ■



Na década de 60, aqui onde estamos, no prédio da Redes, na comunidade de Nova Holanda, esse espaço eram galpões enormes para onde eram trazidas as pessoas transferidas de algumas favelas extintas das zonas norte e sul. Aqui, elas ficavam por um período enquanto eram construídos conjuntos habitacionais, especificamente em Vila Aliança e Vila Kennedy, na zona oeste. Nova Holanda era um Centro de Habitação Provisória, como a Praia de Ramos e Manguinhos.

Nesses galpões enormes, onde as pessoas ficavam, tinham camas tipo beliche. Quando acabou essa história de remoção, isso aqui ficou abandonado e foi totalmente destruído. Com o tempo, bandidos tomaram conta do espaço e começou a ter muitos conflitos nessa área.

Quando a gente resolveu ocupar esse espaço, há seis anos, fizemos uma solicitação através de um processo ao estado pra resolver a questão do terreno. Na verdade, a gente reconstruiu tudo, com a finalidade de fazer um projeto social. Algumas pessoas da Fundação Leão XIII, na época, instituição responsável pelo espaço, foram sensíveis ao nosso pedido de transferência desse espaço para a Redes através de um documento chamado comodato. A reconstrução foi conseguida com verba de uma instituição chamada CARE que estava se instalando no Brasil. Trata-se de uma organização internacional que existe em vários países.

Acreditávamos que esse projeto mudaria a questão da violência nessa área onde ficavam os galpões e, realmente, a situação mudou muito depois que a ocupamos. Alguns integrantes do tráfico estavam instalados aqui dentro, porque esse local é um ponto estratégico, central, na Nova Holanda. Na verdade, tivemos de partir do zero em relação à essa reconstrução. Tem seis, sete anos que isso aconteceu. Este prédio atualmente é assim: a maioria dos espaços está destinada às salas de aulas, e temos dificuldade para ter uma sala de reunião e um escritório, por exemplo. Então, a

gente ocupou mais um espaço, onde todo trabalho comunitário da Nova Holanda começou e, ainda, outro galpão onde é a biblioteca.

Esse espaço, que chamamos de casa rosa, foi deixado pelos "comunistas" da Fiocruz. Eles vieram pra cá nos anos 80 fazer trabalho na área de saúde e educação. Depois, o município ocupou-o, repassando-o em seguida para a Redes da Maré. Então, estamos em fase de reconstrução, neste momento.

O que seria alguém que protagoniza? Há pessoas que fazem coisas interessantes, mas elas não têm uma perspectiva mais coletiva, vamos dizer assim, de protagonizar. Porque é preciso estar nesse processo a partir do próprio trabalho. Aqui tem muita gente que faz coisas interessantes, mas é incapaz de agregar, de criar possibilidades para e com outras pessoas.

A Paraíba é diferente, tem um diferencial que ainda não descobriram e eu fico indignada com isso. Eu gostaria de um dia fazer alguma coisa nesse sentido. Sempre que eu vou lá, eu passo 15 dias das minhas férias fazendo alguma coisa. É impressionante. Assim, criamos um pré-vestibular no meu município, Serra Branca, que sobrevive com muitas dificuldades, mas tem um potencial absurdo. A Paraíba é demais.

Mas vamos ao início da minha história. Eu nasci em Serra Branca, uma cidade que fica a 100 km de Campina Grande, no Cariri paraibano, uma região muito seca. Meus pais migraram pro Rio de Janeiro no final da década de 1960. Meu pai migrou um pouco antes, mas eu vim com a minha mãe e os meus cinco irmãos - eu tenho quatro irmãs e um irmão. Viemos diretamente para Nova Holanda e eu tinha seis anos quando chegamos aqui.

A Nova Holanda estava recém-inaugurada e eu tinha alguns tios que já moravam aqui, vindos também da Paraíba. Tinham migrado por conta do problema da seca. Lá, às vezes, a gente pode ficar 10, 15 anos sem chuva. Num período desses, muito difícil, meu pai veio para trabalhar como servente de obra e deixou a minha mãe lá com a família toda. Mas ele resolveu que tinha que trazer a minha mãe, porque não tinha mais como ficar só. Ele trabalhava na obra e morava no canteiro da obra. Ele ficou muito doente aqui, por causa de uma úlcera que ele contraiu. Então, a gente veio.

Meu pai não queria que a gente viesse de ônibus, porque ele tinha muita preocupação com o fato de que eram seis filhos, todos com idade de um ano de diferença, aquela escadinha, como a gente falava. O meu irmão mais velho talvez tivesse, na ocasião, oito anos e os outros sete, seis, cinco, quatro, até chegar na minha irmã caçula, que era bebê. Ele tinha um amigo aqui, que possuía uma Rural e, então, meu pai contratou esse amigo para ir buscar, com a sua Rural, todos nós na Paraíba.

Quando a gente veio, naquele início da década de 70, ele já tinha comprado um espaço, que era um barraco muito pequeno, bem aqui, pertinho de onde a gente está e ele já tinha arrumado a escola, que é essa escola que a gente vê daqui, a Escola Nova Holanda. Quer dizer, já tinha feito toda uma logística pros filhos irem pra escola e a mais a compra do barraco.

Quando eu cheguei aqui estranhei muito e não sabia o que estava acontecendo. Essa é uma coisa que me levou até a colocar um pouco da minha história na minha dissertação de mestrado. Eu tinha seis anos, ia fazer sete em julho e achei tudo muito estranho, muito diferente e, insisto, não entendia absolutamente nada do que estava acontecendo.

Não sabia, porque não tinha aquela coisa dos pais explicarem: "Olha, a gente está indo viajar, estamos mudando de vida, etc.". Quando chegamos, a casa era muito pequena, um barraco ainda de madeira. Eu falo isso porque foi uma coisa interessante, comparando com o nordeste, quando nós, mesmo vivendo numa condição muito precária, do ponto de vista material, morávamos numa casa grande e brincávamos na rua. Tenho lembranças de coisas que, quando chegamos aqui, foram cortadas. Quando chegamos aqui eu e os meus irmãos dormíamos numa cama de casal. Lá, em Serra Branca, tinha um quarto para dois ou três e cada um dormia na sua própria cama. Então, para mim, foi um choque. E muitas das coisas que eu vivi depois é que fui entender, tinha a ver com essa chegada aqui, inclusive até o meu envolvimento com esse trabalho que eu acabei desenvolvendo aqui.

Enfim, cresci aqui, na Nova Holanda, estudando aqui, nas escolas públicas. Meu pai tinha um medo muito grande no que daria isso, porque ele tinha valores conservadores e a favela nos apresentava uma série de questões. Não tinha a violência que tem hoje, mas já tinha uma violência colocada, de certa maneira, e algumas pessoas diziam pra ele que ele era maluco de trazer cinco filhas pra morar na favela. Enfim, eu acho que ele viveu um conflito muito grande de ter que trazer a gente para cá, mesmo tendo posteriormente conseguido uma condição de vida melhor. Eu acho que ele supriu o que foi possível, ao nível de educação, porque ficamos todos estudando em escola pública, mas ele tinha o cuidado de nos levar e nos pegar. Aqueles cuidados estavam aliados ao medo, mais do que a qualquer outra coisa. Enfim, eu acho que acabou dando certo por esse lado, por termos tido essa experiência de morar aqui. Eu só descobri a Nova Holanda, o lugar que eu morava, quando eu fiz 15 anos, quando eu comecei a andar sozinha, a me sentir andando sozinha.

Até aquele momento, eu ia para igreja, numa relação com a comunidade influenciada pelo receio sobre o que a gente poderia se tornar, morando na favela. Tinha uma coisa de educar, de levar pra cinema, de voltar pra casa, de não deixar brincar na casa das pessoas daqui. A educação era a mesma das pessoas do nordeste, que têm outra maneira de convivência. Eu convivia muito com a minha família em festas, churrascos e não tinha essa coisa da comunidade.

Aos 15 anos, eu comecei a freqüentar o grupo jovem da igreja e esse foi o primeiro espaço social que me levou a ter uma outra visão da vida na favela. Lá pude entender essa coisa mais ampla que havia para além do meu núcleo familiar. Foi muito interessante essa passagem, porque eu me identifiquei muito com a idéia de querer ajudar, querer fazer alguma diferença na vida. Foi assim que comecei a participar dos grupos. A Igreja Católica aqui na Maré tinha uma prática interessante.

Antes, não tinha igreja católica dentro da Maré, tinha uma matriz, a Matriz Nossa Senhora dos Navegantes, porque nas favelas não havia igrejas. Uma das missões dessa Matriz foi justamente implantar, trazer a igreja católica pra essas comunidades. Então, eu digo que a minha família foi muito responsável pela criação e construção dessa igreja da Nova Holanda. A gente, participando da matriz, criando o grupo de jovens daqui, acabou fazendo festa para construir esse espaço que existe hoje. Enfim, toda a minha socialização e os meus valores foram desenvolvidos através dessa vivência dentro da igreja católica. Eu acho que daí é que vem também um pouco dessa minha disposição de querer ajudar e tentar resolver certos problemas.

Quando eu participava do grupo jovem - já devia ter uns 17 anos -, chegou à Nova Holanda um grupo de pessoas que faziam mestrado e doutorado na área de saúde, na Fiocruz. Essas pessoas que eram comunistas e vieram pra cá e desejavam fazer um trabalho comunitário. Eles ocuparam aquele espaço da Redes que está em obras.

O trabalho deles consistia em discutir sobre a questão da educação e da saúde. Eles já tinham conseguido um projeto do MEC, à época, e queriam fazer algum trabalho de saúde que não fosse tradicional. A equipe queria se dedicar ao trabalho comunitário mesmo, com aquelas coisas que tinham a ver com os princípios partidários, de inserção ali, na comunidade. Também queriam fazer um projeto chamado "Conhecendo a comunidade", para saber como é que a questão da saúde poderia ser trabalhada num lugar onde não tinha esgoto, nem água. Há 30, 35 anos, não tinha nada do que a gente vê hoje aqui. Portanto, como discutir saúde num lugar sem água filtrada, e nem mesmo encanamento? Era um local cheio de vala a céu aberto. O desafio deles era esse. E aí, o que é que eles fizeram? Resolveram visitar vários grupos que havia na Nova Holanda: escola de samba, igreja e etc, por exemplo.

Nova Holanda era uma favela provisória, um projeto provisório do governo do estado. Não era um investimento para as pessoas ficarem aqui. Nós, os moradores, construímos tudo o que se vê agora, na luta. Não existia nada disso. Água, por exemplo, a gente carregava e pegava na Avenida Brasil. Uma pessoa tinha uma bica e nos dava água. Essa idéia de que as pessoas tinham uma vida provisória nesse lugar foi uma das coisas que mais ajudaram a criar as dificuldades das quais falei. Mas voltemos à história do projeto porque essa outra é muito comprida e eu não sei se alguém estaria interessado em conhecê-la.

Aquelas pessoas que aqui chegaram, resolveram selecionar jovens dos diferentes grupos que existiam para eles iniciarem os trabalhos, porque eles não queriam chegar impondo as coisas aos moradores da Nova Holanda. Pretendiam, antes de tudo, e acabaram conseguindo, conhecer a comunidade. Eles foram ao "Mataram meu Gato", um bloco carnavalesco, que hoje é uma escola de samba chamada "Gato de Bonsucesso". Foram à igreja e, o que é que tinha aqui mais? Eu acho que eram esses dois grupos que faziam algum trabalho na comunidade. A Associação de Moradores não existia ainda. E assim, eles foram à igreja, no sábado, se apresentaram ao grupo jovem e disseram o que gostariam de fazer. Eles nos propuseram selecionar uns três ou quatro jovens para participar do projeto. A seleção foi promovida também pela realização de dinâmicas. Na reunião, eles demonstraram que gostaram de mim e eu fui selecionada. Também foram selecionados dois ou três do meu grupo e mais o pessoal do bloco. Eu comecei então a participar desse projeto

Havia um grupo de mulheres através do qual tinha se consolidado uma forte tradição: toda luta daqui passou pelas mulheres. Tinha uma mulher chamada Maria Amélia Castro e Silva Belfort, que foi com quem aprendi e entendi muito sobre a necessidade de nos organizarmos como moradores. Ela me inspira no trabalho que faço ao longo dos anos. Ela foi fundamental e fez muita coisa acontecer aqui. Ela fazia parte de um grupo chamado "Grupo de Mulheres" que lutava exatamente pelas necessidades mais básicas dos moradores. Então, a água que a gente tem hoje é fruto da luta dessas mulheres, assim como a creche. Nesse processo, quando eu fui pro posto de saúde, me encontrei com elas, porque o pessoal que desenvolvia aquele projeto, para o qual eu fui selecionada, se juntou a Maria Amélia.

Desde o começo, o embrião do trabalho foi esse grupo de mulheres e eu posso até explicar um pouco. Realmente elas foram as mais genuínas, na origem daqui. E aí, eu fui me integrei a esse grupo, que também participou do projeto "Conhecendo a Comunidade". As idéias foram surgindo a partir da seguinte pergunta: "Como é que a gente pode conhecer essa comunidade?". Não partindo do que eu penso apenas, mas do que no conjunto é mais expressivo, já que cada um tem uma experiência de vida nessa comunidade que é diferente.

Nessas reuniões a gente chegou ao seguinte propósito: cada agente comunitário de saúde - como erámos chamado - vai ficar responsável por três ruas. Deram-me três ruas e o que eu tinha de fazer?. O meu trabalho era ir de porta em porta e me apresentar: "Olha, eu sou do posto de saúde - nem tinha esse nome, na época - e a gente está fazendo um trabalho, para saber quais são os problemas e o que é mais importante a ser priorizado na questão da saúde". Eu passava o dia batendo de porta em porta, chamando aquelas pessoas para uma reunião que eu iria coordenar à noite na rua. A mobilização era durante o dia, às seis da tarde ou às sete horas da noite, quando as pessoas voltavam do trabalho, acontecia a reunião. Eu falava, então: olha, você pode participar de uma reunião, que vai ter nessa rua, para sabermos o que é que é importante para melhorar nossa comunidade?" Eu, estava muito estimulada a fazer o trabalho, fiquei muito feliz com o resultado. Dessa forma, os integrantes do projeto, moradores de Nova Holanda, foram se identificando com as idéias colocadas e cada um foi achando o seu caminho no trabalho comunitário com o tempo.

Eu não conhecia a comunidade. Como falei antes, só fui conhecê-la depois dos 15 anos. Quando eu atuei muito depois dessas reuniões por rua, acabei chegando à associação dos moradores, o que foi muito forte, porque foi onde atuei de maneira profunda e tentei trabalhar para mudar a situação de vida na Maré. Foi quando fiquei muito chocada, porque eu vivia na comunidade, me achava uma pessoa muito pobre, mas comecei a enxergar pessoas muito mais pobres do que eu. O que é que a gente pode fazer aqui? Como essas pessoas podem viver daquela maneira? Nas reuniões, à noite, não havia nenhum profissional do projeto, eles davam as orientações sobre a metodologia e como registrar a reunião e cada um fazia o seu trabalho. Só que eu fui de porta em porta, listei o nome de cada morador, à noite fazia reunião, anotava a opinião de todo mundo, e (a gente tinha um tempo pra fazer isso), toda a semana, a gente se reunia no grupão para trocarmos as experiências: "Olha, aqui está acontecendo isso; eu estou tendo essa dificuldade", ou "está sendo legal". Só que eu fiz uma viagem profunda com esse trabalho. Um mês depois fizemos um relatório onde elencamos os problemas da comunidade. Foi feito um diagnóstico da comunidade gerado pelo grupo.

Foi super legal tudo isso porque, assim, ficou clara a questão do problema da, por exemplo. A escola era um problema sério. A água era outro problema. Então, como as mulheres já estavam encaminhando certas demandas, nós ajudamos a fortalecer com esse trabalho. Foi a partir daí que a gente chegou a uma questão que era a seguinte: "O que a gente pode fazer? A gente teria que criar uma associação de moradores. A Leão XIII, que é um órgão do estado que administrava a Nova Holanda quando esta foi criada. Havia, ocasião, um conjunto de regras de ordenamento, de controle da vida das pessoas, tipo, não era permitido entrar e sair a tal hora. Era uma coisa absurda, uma espécie de ditadura mesmo. Nesse processo aconteceu, no final da década 70, o "Projeto Rio" que era pra retirar as palafitas existentes na Maré e construir novas habitações que formavam, então, as novas comunidades da Maré, como a Vila do João e outras. Como se originavam novas comunidades, o governo exigia que se criasse uma associação de moradores em cada uma das novas comunidades e, também nas antigas que ainda não possuíam. Foi o caso da Nova Holanda que não tinha a sua, pois era administrada pela Fundação Leão XIII.

A partir disso, foi constituída, então, uma associação de moradores para Nova Holanda, escolhida pela Fundação Leão XIII. Na realidade, descobrimos através da pesquisa que existia realmente uma associação de moradores, criada a partir do Projeto Rio, com pessoas aclamadas, que tinham relação com a Fundação Leão XIII, as quais não foram escolhidas pelos moradores. Por isso, pensamos no Posto de Saúde: "Vamos nos posicionar. Se ela existe, vamos começar a nos organizar para tornar essa associação verdadeiramente dos moradores". Durante esse processo fomos

ao cartório, pegamos o estatuto e vimos a data do fim do mandato do presidente que tinha sido indicado. Isso levou uns quatro a cinco anos, até resolvemos: "Vamos ganhar a associação dos moradores". Eu fui me envolvendo cada vez mais e, assim, começamos um novo processo ligado à resolução dos problemas da comunidade. Através das discussões, reproduzimos aquele processo inicial e procuramos saber quais os grupos que existiam na comunidade, a fim de convidá-los para formar uma chapa para ser a legítima representante da associação de moradores. Foi assim que realizamos uma eleição séria, tudo de uma maneira bem democrática e participativa.

Tínhamos começado a visitar as escolas e a ocupar os espaços, já na época mesma daquele projeto com o posto de saúde. Para isso, fizemos um curso para conhecer a metodologia empregada. Assim levantamos uma série de dados, por exemplo, mais de 30% das mulheres da comunidade não sabiam ler. Nesse caso, eu me envolvi realmente com essa questão, porque a educação era o meu interesse principal e, além disso, eu pensava em ser professora. Fiz esse trabalho e, nesse sentido, fiz um curso que depois me levou a conhecer Paulo Freire. Fui a São Paulo e comecei a procurar entender como trabalhar isso bem. Acabamos fazendo um curso de alfabetização de adultos. Alfabetizei muitos adultos nesse processo quando, ao mesmo tempo, exercia esse trabalho militante, político, da associação de moradores.

Em 83, o mandato da associação de moradores ia acabar e a gente resolveu concorrer à eleição. Fizemos um processo bonito na ocasião. Juntamos umas 50 pessoas vindas do grupo de mulheres, do pessoal da escola de samba, do pessoal do posto de saúde, da igreja e, assim, percebemos que já estava em andamento um projeto bastante interessante com esses agentes de saúde se transformando em lideranças nos seus lugares. Desse modo, formamos a nossa chapa para concorrer à eleição e fazer com que a comunidade participasse. "Nós não vamos deixar que seja aclamado de novo o mesmo presidente". Nessa época o Brizola estava começando o seu governo e tinha toda aquela questão da abertura que, nas favelas, foi uma questão, do ponto de vista político, muito interessante, por vários motivos.

Aqui já tinha tráfico o que significava que em toda ocorrência tinha sempre dois lados e, para pacificar os dois lados, era necessário fazer um trabalho contra a violência que pudesse reunir as pessoas pra discutir essa questão. Eu tenho guardada uma folha da ata de uma dessas reuniões onde eu registrei nossas discussões sobre violência, na qual participaram todos os grupos locais, pois até a igreja foi chamanda para discutir isso. Eu tenho um texto maravilhoso sobre a questão do tráfico daqui, mostrando que esses trabalhos, de alguma maneira, conseguiram influenciar, do ponto de vista do tráfico, outra postura na comunidade. A gente começou a espalhar uma faixa enorme: "Vamos acreditar na paz".

Aqui, onde estamos, antes já foi um valão e não tinha essa praça. Os moradores daqui não transitavam de um lado para outro. Desse lado tinha os Irmãos Metralha e, do outro tinha o Jorge Negão. Desse modo, era impossível as pessoas circularem. A gente colocamos um faixa no meio "Vamos acreditar na paz" para que a eleição da associação fosse representativa e, para isso, era preciso unir os dois lados. Então, esse trabalho foi muito bonito, pois conseguimos ir de casa em casa.

No Jornal do Brasil, no O Globo, podemos rever tudo isso. Naquela época, no momento político de 85, à época do Tancredo, tinha uma luta na sociedade pela eleição direta para escolha do presidente do Brasil. Infelizmente não conseguimos a eleição direta naquele momento, mas na Nova Holanda haveria de ter, falávamos. A visita de casa em

casa teve como resultado a mobilização de mais de duas mil pessoas. Para votar, cada pessoa era orientada a ir à Fundação Leão XIII para se cadastrar, a fim de garantir o seu voto na escolha da diretoria da Associação de Moradores.

Conseguimos formar uma chapa e fizemos uma reunião interna para saber quem seria o quê. Eu fui escolhida presidente pelo grupo que tinha pessoas como Maria Amélia, que era muito mais experiente e tinha mais idade do que eu, com apenas 22 anos naquela época. Mas ela mesma defendeu: "Você é a pessoa em quem aposto", pois ela tinha muito dessa coisa de incentivo, além de ser uma pessoa que gostava de ler e de se informar. Foi ela quem me iniciou na literatura da e sobre a América Latina.

Maria Amélia começou a ler por conta própria. Era uma dona de casa e, ao mesmo tempo, uma mulher que conheceu políticos comunistas e, para se ter uma idéia, ela quando adoeceu: pegava um livro, subia no telhado da casa e ficava lendo, era uma pessoa assim. Dentro daquela paisagem ela era uma resistência, uma pessoa que tinha uma história de vida muito interessante. Sofreu muito com o marido que bebia e vivia desempregado, enquanto ela, uma mulher com um monte de filhos tinha que trabalhar muito. No Natal, por exemplo, ela ainda fazia salgado, e assim desenvolveu uma concepção de vida muito além do que se esperava de uma mulher nas suas condições. Foi essa mulher que falou: "Você é que é a pessoa, eu não tenho saúde". Tanto que ela morreu de câncer oito anos depois de a gente ter começado aqueles trabalhos. Dessa forma, indicada como presidente reiniciou aquele trabalho de porta em porta.

Isso tudo se juntava, de certa forma, àquele momento do Brizola, de grande repercussão pelo Rio de Janeiro. Era o mesmo período quando, na Rocinha, Maria Helena se tornava a primeira mulher presidente. É que a Rocinha como fica na zona sul, tinha uma visibilidade maior em relação as outras favelas do Rio de Janeiro. Foram feitas muitas reportagens onde Maria Helena aparecia, assim como do nosso lado, eu também ganhava visibilidade. Mas ela foi assassinada. O problema que aconteceu com ela é que, além do fato de que ela aparecia como uma liderança local foi divulgado nos jornais da época certa relação dela com o narcotráfico. O que não se sabe se é verdade, mesmo, até hoje.

Nós ganhamos a eleição e, em 84, eu fui eleita presidente da associação de moradores. Refundamos a associação: mudamos o seu nome e elaboramos um estatuto diferente. O que antes era "Comissão pra Melhoramento do Parque Proletário Nova Holanda", virou "Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda", um nome mais simpática. E, então, nessa época, eu tinha terminado o pré-vestibular, já estava na UFRJ fazendo letras e assim me dividia entre a UFRJ e o trabalho daqui.

O estudo para a minha família tinha um valor muito forte. Meu pai, mesmo com uma escolaridade baixa, falava em alto e em bom tom sobre o seu desejo: "As minhas filhas e o meu filho vão estudar". Minha mãe estudou até a quarta série. Ela morava num sítio e o pai dela não permitiu que ela continuasse os estudos, mas mesmo assim, ela fez até a quarta série. Em nossa casa, eles dois tinham essa preocupação: "Meus filhos têm que estudar". A propósito, meu pai comprava gibi. E, outra coisa, não deixava a gente ver televisão. Meu pai e minha mãe, obviamente, fizeram um esforço enorme em prol da educação dos filhos.

Eles estão vivos e moram na Paraíba. Quando se aposentaram, voltaram para lá. O que é que aconteceu? Eu tinha o sonho de ser professora. Era o lugar onde eu me achava, profissionalmente falando. O meu irmão mais velho e a

minha irmã eram muito estudiosos. O meu irmão passou para engenharia e a minha irmã para enfermagem. Então, era assim lá em casa, as mesmas escolas, todos estudaram aqui na Maré. Mas preparar-se para fazer o vestibular e ir pra universidade era algo meio natural na minha família. Dessa maneira, os filhos desenvolveram essa percepção sobre a importância do estudo e eu tinha a clareza de que estudar era uma coisa que eu queria muito.

Desejava ser professora e mais, ser professora de língua portuguesa, por conta dos processos da argumentação. Eu achava e, ainda hoje acredito, que se não temos o domínio da palavra, se não nos colocamos através de um discurso com o qual interagimos com o outro que nos oprime, se não conseguimos dialogar no mesmo nível, não conseguiremos mudar as coisas que precisam ser mudadas, muitas vezes. Por isso, para mim, estudar português era muito importante. Decidi: "Quando eu for professora, vou ser de língua portuguesa. Eu quero aprender a falar para poder falar o que eu acho que eu tenho que falar, falar a língua do outro, ser ouvida e ser respeitada". Havia uma questão ideológica nisso aí, que só fui entender muito depois, mas pensava desse modo: "Eu quero falar com propriedade, eu quero falar com fundamento".

Eu fiz vestibular para Letras, porque eu só queria Letras e, assim, passei de primeira e fui estudar na UFRJ, quando ainda funcionava na Avenida Chile. Eu me formei em 97, pois eu entrei no segundo semestre de 93. Mas, enfim, eu fiz português por isso, porque eu queria escrever bem, eu queria falar bem, eu queria me colocar. A auto-estima das pessoas de origem popular é comprometida pelo fato delas possuírem grandes dificuldades para expressar muitas das suas vivências, das suas experiências de vida. Isso termina por despertar aqueles sentimentos indesejáveis que levam essas pessoas, em tais condições, a avaliar tudo o que fazem, como sendo menor. Nesse sentido, a fala é determinante para conseguirmos nos libertar disso.

Tudo que há hoje, na Nova Holanda, vem desse período. Antes, como já falei, não tinha água, não tinha esgoto e a maioria das casas era de madeira. Na associação de moradores conseguimos um espaço que não existia e eu tentei reproduzir o que tinha aprendido sobre participação. Partindo disso, fazíamos assembléia e escreviamos jornal. Eu tenho todo esse material comigo. Se vocês quiserem ver, posso dispor. Inclusive eu queria um dia fazer alguma coisa com a memória da Nova Holanda. Mas não gostaria que fosse eu mesma a fazer isso.

Eu analisei a experiência da educação popular daqui, dentro desse processo todo da Nova Holanda. Essa experiência foi maravilhosa porque através dela a minha vida mudou do ponto de vista pessoal, existencial e político. Esse trabalho foi interessante porque estava envolvido com a transformação do mundo, porque conseguimos mobilizar muitas pessoas para trazer esgoto, para cada um ter sua água, por exemplo. Houve assembléia aqui com 500 pessoas, muito bonito de se ver. Realizamos vídeos dessas experiências e vocês podem vê-los, se quiserem.

Bom, aí chegou um momento da minha vida no qual fiquei preocupada com o segundo mandato, porque o mandato era de cinco anos. Reformulamos o estatuto e alteramos o tempo do mandato, através de assembléias do moradores para dois anos e acabamos com a reeleição. Eu era super radical, como militante. A gente fez assim: a "Chapa Rosa" era a chapa das mulheres, a maioria era de mulheres, tinha esse nome por causa disso.

A partir disso, podemos observar todo um simbolismo em cima desse trabalho comunitário que permanece até hoje. Alguns moradores daqui acham que o eu faço hoje é o que eu fazia quando estava na Associação de Moradores.

Digo isso porque a maioria dos moradores com quem converso me remete àquele período. Quando terminei a faculdade, a gente já tinha água, já tinha esgoto, já tinha construído um projeto para substituir as casas de madeira por alvenaria e já tinha uma cooperativa que os próprios moradores construíram, via Caixa Econômica Federal.

Várias coisas foram feitas de um jeito maravilhoso. Por exemplo, antes não tinha energia, a gente passava até uma semana sem luz. Mas depois que fomos à Light, instalaram energia aqui. Na época os técnicos da Light queriam colocar postes de madeira, que era o padrão para favela. Nós falamos: "Não, aqui não tem como vocês colocarem postes de madeira porque aqui tem arruamento, está tudo certinho. Por que é que vão botar postes de madeira? Isso não se justifica". A Light insistiu com isso e mandou os postes. Quando os postes chegaram para serem instalados, colocamos fogo nos mesmos. Nós sempre fomos muito guerreiros pra lutar pelo que pretendíamos.

Fechamos a Avenida Brasil algumas vezes. Outra vez ficamos na porta da Caixa Econômica Federal. Enfim, fizemos muita coisa bacana, tanto que conseguimos conquistar essas necessidades. Tudo que tem aqui é fruto desse período. Mas chegou uma hora que eu falei: "O que eu tinha que fazer aqui, já fiz, do ponto de vista de uma organização política dos moradores". Queria fazer mestrado: "Vou estudar, depois eu vejo". Decidi que não ficaria mais na Associação dos Moradores já que pretendia fazer outra coisa. Como eu gostava muito de educação, decidi fazer mestrado em educação.

No plano pessoal aconteceram mudanças importantes e de amadurecimento. Até os meus 22 anos eu me defendia dos homens. Eu tinha receio de me envolver a ponto de chegar ao casamento. Acreditava que se ficasse me relacionado de maneira permanente com uma pessoa, certamente teria de me casar. Incrível, como no ano o qual conseguimos ganhar a eleição em Nova Holanda, foi também o momento que mudanças no plano subjetivo também ocorreram na minha vida. Eu me perguntava sobre o que fazer, pois não queria me casar. O casamento dos meus pais era maravilhoso, eu tinha esse exemplo de família. Não havia entre eles aquela coisa de conflito, que é do humano e, por isso, pensava, às vezes, que deveria haver questões entre eles, mas que talvez eles não demonstrassem. Eu não sei se demonstravam ou não, mas sei que era bom, maravilhoso. Meu pai gosta da minha mãe e a minha mãe gosta do meu pai. Apesar de ser legal esse formato de casamento entre eles, eu não queria casar. Muitos amigos se casaram e depois eu via muitos problemas de relacionamento, por exemplo. Eu via que as mulheres se colocavam de maneira muito passiva no casamento, que se largavam, não cuidavam mais do corpo, que as pernas se enchiavam de varizes, que adoeciam. Além disso, tudo, eu gostava muito de estudar e pensava que queria uma vida independente.

Eu namorei bastante, nesse período, mas aos camaradas que chegavam perto, já ia declarando: "Eu não quero compromisso, não quero me casar". Dessa forma, terminei vários relacionamentos porque eu não queria me casar, ao passo que alguns desses manifestavam esse desejo. Eu tive um namorado que falou o seguinte num momento de conflito: "ou a associação de moradores ou eu". Eu respondi: "Ah, eu não tenho nem dúvida, a associação de moradores". Foi uma coisa meio assim, sabe?, Quando encontro com ele, atualmente, eu falo: "imagina se eu tivesse te escolhido, como é que eu estaria?" O que quero dizer é que a associação, de certa maneira, me libertou e eu, me sentindo livre, transitava por esses relacionamentos da maneira que eu queria.

Eu não era irresponsável, mas também não queria me comprometer nesse aspecto, porque deseja viver a experiência de morar sozinha. Meu pai achava isso um absurdo, porque morar sozinha significava me colocar numa situação a

qual as pessoas iriam interpretar de forma ruim. Mas eu resolvi, em 87, morar sozinha. Tinha acabado a faculdade, tinha vivido aquele período na associação de moradores e já estava trabalhando. Nessas condições, pensei: "Vou sair fora" e aluguei uma casa aqui, na Nova Holanda, distante duas ruas da casa dos meus pais e, então, fui morar sozinha. Meu pai ficou um tempo sem falar comigo, por isso.

Minha mãe não, ela reprovava isso, mas não ficou sem falar comigo. Eu cheguei a fazer muitas coisas que os meus pais reprovavam como dormir fora, por exemplo. Mas eles respeitavam muito. Era uma coisa engraçada, porque eu não me sentia muito oprimida por eles, não, por conta da associação de moradores, por eu ser respeitada pelas pessoas, quer dizer, eu tinha uma idade que não correspondia aos cuidados que eles dispensavam. Se saísse de casa, tinha de ser para casar. Foi por isso que meu pai ficou um tempo sem falar comigo, por ter saído de casa sem casar. Mas depois ele voltou a falar comigo.

Quando me mudei, levei a minha escrivaninha, levei meus livros, meu colchonete. Não tinha muita coisa, não, mas na verdade, eu achava aquilo o máximo. Só que nesse momento eu conheci o Jailson. Eu falo que ele foi aquela coisa, assim, aquele acalanto para a tristeza. Eu mudei a vida dele e ele mudou a minha, sempre falamos assim sobre o nosso encontro na vida. Quando nos conhecemos, ele morava na Vila da Penha. Ele estava procurando um local para se mudar e, então, fui com ele procurar um apartamento para alugar que na época foi no bairro de Olaria.

A gente ficava namorando na minha casa, até que chegou um dia, quando ele me chamou para jantar e perguntou se eu queria casar com ele. Eu falei: "não, não pretendo me casar". Até hoje ele se ressentido por achar um absurdo o fato de que eu não aceitei casar com ele, no primeiro pedido.

Casamos depois, apenas no civil. Mas assim: "Essa é a minha vida". Era tudo muito novo, muita coisa acontecendo. Depois de três meses, Jailson, que estava morando com um amigo, chegou na minha casa com o carro e com todas as coisas dele e falou: "Eu vim para ficar". Até hoje estamos juntos. Eu morei sozinha apenas quatro meses.

Eu conheci Jailson num curso de educação popular que nós fazíamos, na igreja, através de uma organização chamada CEP - Centro de Educação Popular. Eu sempre fiz esses cursos dessa rede. Foi na época em que ele ainda era casado. Ele diz que se apaixonou por mim naquele dia, mas eu fiquei na minha. Um homem casado não tinha nada a ver. Um ano depois, a gente se reencontrou numa passeata das mulheres, na campanha de um vereador do PT. Eu sempre ia às passeatas das mulheres. Nesse encontro, começamos a conversar sobre "O que é que você vai fazer na vida e não sei mais o quê". Bom, daí, um mês depois, a gente se encontrou de novo, começamos a namorar e estamos até hoje.

Mas foi um pouco assim, eu não queria casar mesmo, porque tinha aquele projeto de ser uma mulher independente, de ter minha casa, minha profissão, o meu próprio espaço. Isso até pelas coisas que eu via aqui, como já falei um pouco antes. As condições eram muito opressoras para as mulheres e eu não entendia aquilo. Acho até que eu demorei a ter relações sexuais porque na minha cabeça acreditava que ter relação com alguém era uma coisa de responsabilidade e eu não queria me responsabilizar, eu não queria casar. Eu fazia uma relação muito direta entre a sexualidade e compromisso afetivo. Não significa que eu ache que não temos que ter nenhum compromisso, mas eu encarava a relação sexual de uma maneira bastante conservadora, penso.

Eu sempre fui crítica ao feminismo exagerado, porque eu acho que a luta tem que ser para todo mundo. Por isso, aqui todo mundo fala. Enfatizo esse fato porque naturalmente este seria um lugar de trabalho voltado unicamente para as mulheres. Porém, eu nunca me dispus a cumprir este propósito, pois a interação da mulher com o homem é fundamental, os dois gêneros pensando e agindo juntos. Eu não queria assumir o machismo ao contrário, não sou a favor disso, mas de uma relação onde o homem e a mulher possam fazer tudo, dentro das suas devidas especificidades: a mulher com o seu jeito de fazer, assim como o homem. Mas se eu quiser, eu posso fazer o que qualquer homem faz, por exemplo.

Nunca foi a minha prioridade trabalhar essa questão homem e mulher e sempre deixei isso muito claro. Existia uma pressão e existe até hoje, embora hoje eu esteja querendo fazer um trabalho ligado à força da mulher. A mulher tem um papel e uma força impressionantes que os homens não têm, mas não quer dizer que a avaliação desse fato passe por ser melhor ou pior. O que está em jogo aí são certas especificidades. Porque eu acho assim, a mulher é socializada no mundo de uma maneira para perceber, ter sensibilidade e acolher tudo que você possa imaginar. Na família, a mulher é obrigada a arrumar a cama, a aprender fazer a comida, a olhar o irmão menor, a olhar o mundo com uma lente muito mais ampla do que os homens. Já aos homens são direcionadas determinadas tarefas que acabam limitando-os como seres. Mas que, ao mesmo tempo, os colocam de forma superior em relação as mulheres nas muitas das práticas e vivências da nossa sociedade.

Maria Amélia, por exemplo, tinha três homens na família: o marido e dois filhos. A maneira dela gerenciar a vida, de levar a vida, era uma coisa completamente diferente. Ela garantia a vida que eles tinham. Muitos homens têm a vida que têm porque as mulheres garantem que seja assim. Então, aqui, eu percebo que as mulheres são muito oprimidas e, ao mesmo tempo, elas são quem garantem esse tudo. Eu acho que a gente tem que trabalhar isso. Não é que a mulher tenha que perder isso, não, mas tem que ser menos oprimida, ter opção, fazer valer o seu desejo. Eu fui criada com certa liberdade. Mas vemos que muitas mulheres têm potencialidades que nunca irão se desenvolver porque não são estimuladas, porque o foco na educação da mulher é outro.

Quando me casei compramos um barraco de madeira, na época, e começamos a construir a nossa casa. Construíamos uma casa bacana, do jeito que a gente queria. Seis meses depois eu fiquei grávida e tive o João, que já é um rapaz de 19 anos.

Eu só tenho um filho, por opção. Não tive uma gravidez muito saudável. Precisei até parar de trabalhar para cuidar de mim, pois tive um problema sério, minha pressão subiu demais e eu fiquei muito inchada. Fiquei bastante deprimida e acho que se deveu também ao fato de que tudo se passou muito rápido e, assim, vivi uma situação meio complicada por ter casado fora da perspectiva que eu tinha na época. Mas, na verdade, eu tinha também um pouco dessa coisa de mãe, por já ter ajudado a criar o Rodrigo, um menino que comecei a cuidar quando tinha 3 anos.

Eu conheci o Rodrigo na Avenida Brasil, ainda quando eu estudava na UFRJ. Ele tinha três anos e passou a me seguir na rua: "Tia, me dá um pão". Alguém pode imaginar? Quando eu vi aquele menino, pensei: "Gente, quem é que permite esse menino ficar andando na Avenida Brasil, onde passa carro à beça?" Aí ele me chegou: "Tia, me dá pão?" Eu vi que ele era muito pequeno e aquilo me chamou a atenção. Eu falei: "O que é que você está fazendo aqui, desse tamanho?". Parei, abaixei perto dele: "Tia, me dá um pão!" Não respondi, perguntei: "Onde você mora? Leve-me onde

você mora". Peguei na mãozinha dele e fomos entrando. Ele morava três ruas depois da minha em Nova Holanda. Quando chegamos, a casa dele era muito pobre, com mais três crianças e uma mãe alcoólatra que nem sabia direito quem era o pai do Rodrigo.

A partir daí, eu comecei a me relacionar com ele, que não tinha nada, nem sequer a certidão de nascimento. Diante daquela coisa pequena, eu decidi: "Vou tirar esse menino daqui". O que é que eu fiz? Como já tinha a creche comunitária, matriculei-o na creche, mesmo sem certidão. E aí comecei uma rotina nova na minha vida, às seis horas da manhã, eu pegava o Rodrigo na casa dele, três ruas depois da minha, como falei antes, levava pra minha casa, dava banho, botava o uniforme nele e deixava-o na creche. Às cinco horas voltava, pegava o Rodrigo, ele ficava um pouquinho na minha casa e depois o levava para dormir com a mãe. Comecei a me relacionar com Rodrigo alfabetizando-o. Matriculei-o numa escola e, enquanto isso, ele ficava lá em casa.

Dessa forma, ele foi meio que adotado pela minha família. Acompanhei todos os seus passos até quando fui morar sozinha e ele foi morar comigo. Isso quer dizer que na verdade ele é meu filho e me chama de mãe, inclusive. Quando fui registrá-lo, ele já estava um pouco maior e a mãe dele queria que eu o registrasse como meu filho. Eu tinha deixado mesmo o tempo passar para ver como é que isso iria ficar. Mas eu não quis registrá-lo em meu nome, e falei: "Não. Você está viva, você é a mãe dele". E assim foi.

Registrei o Rodrigo no nome da mãe e deixei claro: "Eu só quero ajudá-lo, não importa se vai ser meu filho ou não". Mas aí, o que é muito curioso, quando Jailson veio morar comigo e quando João nasceu, o Rodrigo se sentiu ameaçado. Como ele é meio temperamental, o jeito foi ele ir morar com a minha mãe, na Paraíba. Estava com oito anos, eu dava toda a assistência, ele estudava. Tempos depois, ele voltou pra cá e foi morar na casa da mãe de Jailson, da minha sogra. Ficou na casa dela por três anos e agora está morando sozinho, trabalha com carteira assinada, dá conta da vida dele. Eu tenho que acompanhar, porque ele tem 28 anos, mas se você conversa com ele, parece que ele tem 13, 14 anos.

A mãe dele faleceu de cirrose hepática, dois dos irmãos foram mortos e, agora, ele tem somente uma irmã viva. A família veio diminuído com o tempo. Ele, na verdade, é um sobrevivente. É impressionante. Ele tinha muito problema de lidar com isso, porque sempre foi muito ligado à família, sempre foi muito fiel às suas raízes. Tanto que ele não queria morar comigo, quando nos mudamos para Niterói. Isso tudo não foi fácil, eu tive muitos conflitos com Rodrigo.

A gente morou oito anos aqui, naquela primeira casa que construímos. Quando João, o meu filho, fez cinco anos, a situação do tráfico começou a ficar muito forte aqui, a ponto de, onde eu morava, bem na minha porta, ter se estabelecido uma boca-de-fumo. Eu tinha uma relação de conflito com isso. Jailson sempre morou em periferia, Quando ele veio morar aqui, a família dele teve muita dificuldade de lidar com isso, porque o fato dele conhecer uma mulher da favela significava que ele estava retrocedendo. Eles não me conheciam e achavam que era aquela coisa, quem se tem como representação das pessoas da favela. Houve certo preconceito, mas eu não prestei muita atenção nisso, embora soubesse que esse tipo de pensamento estivesse presente. Com o passar do tempo a mãe dele conheceu os meus pais, a minha família e as coisas foram melhorando. Mas, enfim, voltando àquele momento, foi difícil. Quando João tinha completado cinco anos a situação de violência aumentou muito.

Jaílson trabalhava na UFF, chegava tarde, às vezes de madrugada e o carro dele era parado pelos traficantes, quando não era pela polícia. Nesse sentido, os problemas cresciam e ele argumentava com mais veemência: "Nós vamos ter que sair daqui, nosso filho não precisa morar aqui, uma coisa é a sua história, mas a história do João é outra.". Realmente, não precisava, eu morava aqui por opção mesmo. Eu já estava trabalhando e ele também, já podíamos alugar um local ou darmos entrada num apartamento financiado. O meu pavor era pensar: "Onde vamos morar no Rio de Janeiro?" Porque aqui tinha todo um sentido de comunidade. Aí ele falou: "Vamos para Niterói, vamos conhecer Niterói que é uma cidade mais calma, etc.". Então, eu fui com ele pra conhecer Niterói e amei Niterói.

Em relação a primeira instituição que fundei, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, tem a ver com aquela história que eu estava contando, relacionada com meu desejo de mudar, de fazer mestrado. No mestrado, quando eu terminei de escrever a dissertação, eu tive a clareza sobre como desenvolver um trabalho que não estivesse mais ligado à associação de moradores. Era 95, 96 e eu pensava: "Mas o que é que a gente pode fazer? Em que a gente poderia continuar militando?" Porque sair da Maré significava enfrentar um conflito muito grande, porque eu não queria me mudar daqui e temia perder as minhas raízes. Eu queria continuar fazendo alguma coisa aqui, porque eu sabia que tinha muito para ser feito por esse lugar. Nesse sentido, na época que eu fiz o mestrado, eu tinha levantado muitas questões sobre as nossas conquistas relacionadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas daqui.

Aqui havia quatro escolas, agora tem dezesseis. A educação continuou sendo uma das prioridades porque, na verdade, o olhar da comunidade foi se sofisticando e exigindo outras demandas.. E aí, dentro desse processo, Jaílson também estava fazendo a tese de doutorado dele: Por que uns e não outros. Ele estava justamente procurando estudar as trajetórias das pessoas, por conta da sua experiência e da sua convivência aqui, comigo, onde ele observou que algumas pessoas chegavam à universidade e outras não.

O trabalho dele no doutorado foi um estudo dentro da sociologia da educação sobre as trajetórias de vida de pessoas de origem popular. De por que algumas pessoas desses segmentos chegam à Universidade e outros não. A partir dessas reflexões, projetamos um trabalho na Maré que se fundamentou em muitas das idéias e analisadas na tese do Jaílson. Definimos por iniciar um movimento para agregar moradores que como eu tinham a mesma trajetória e o mesmo desejo que tínhamos fazer algo diferente no campo da política na Maré.

Contactei algumas pessoas que estavam dentro da universidade ou moradores colegas antigos dos movimentos comunitários na Maré e começamos a conversar. Passamos um ano fazendo reuniões, às vezes nas nossas casas, no espaço da igreja, e chegamos à idéia de constituirmos uma instituição diferente do que seria uma associação de moradores. Denominamos de Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM). A referência à Maré era prioritária. A Maré atualmente tem 16 favelas, na minha época eram apenas seis. Isso aqui foi sendo ampliado com o tempo, através das políticas da prefeitura, principalmente, pela criação da maior parte desses conjuntos das comunidades. As outras partes se deveram à iniciativa do governo federal quando acabou com as palafitas dentro da Maré. A partir dos problemas identificados e sem perder de vista que estávamos no olho do furacão, montamos exatamente um espaço para mobilização das pessoas e de reflexão de seus problemas.

Tínhamos a clareza que era preciso elaborar um projeto estratégico de futuro na Maré, porque acreditávamos que fazendo na Maré, isso teria um efeito na cidade como um todo. Mas sabíamos que não adiantaria ter só o projeto.

Precisaríamos de ação. A teoria a ser posta em prática deveria levar em conta a solidariedade, o respeito e a ajuda entre as pessoas, porque esses requisitos estavam baseados na formação adquirida na igreja, que, no caso da Maré, sempre foi muito forte. Às vezes é preciso fazer coisas vistas como assistencialistas, mas que são fundamentais para as pessoas saírem de um patamar e poderem galgar outro estágio, como aconteceu conosco.

Na época, quando o Jaílson estava fazendo o doutorado, se perguntando sobre essa coisa "por que uns e não outros chegam à universidade?", eu dava aula num pré-vestibular, na UFRJ, que existe até hoje. Pensamos, então: "Por que é que não damos início a um pré-vestibular aqui? E por que não começarmos com as crianças, e, sim, com os alunos que são uma elite aqui?", porque isso funcionava assim: nós somos uma elite aqui. "Vamos pegar o pessoal que está terminando o ensino médio e vamos pensar num projeto com a finalidade de prepará-los para a universidade. Essas pessoas irão voltar e desenvolver os projetos que elas acharem interessante, como nós, que já fizemos, de alguma maneira, a nossa parte".

Por isso, o pré-vestibular foi o primeiro projeto colocado em prática e nós fomos os primeiros professores. Eu dava aula de redação, Jaílson de geografia, outro de história e, assim por diante. Se nós estávamos criando uma associação educativa, vimos que era importante estudar o desenvolvimento daquele processo. Percebemos, imediatamente, que essa associação educativa não seria como a associação de moradores e, portanto, encaminhamos o projeto como ONG.

Os nossos pressupostos eram os seguintes: em primeiro lugar, iríamos fazer um trabalho com o objetivo de desenvolver as potencialidades profissionais das pessoas da Maré para elas adquirirem as mesmas condições profissionais de qualquer outra pessoa de quaisquer outros lugares. Em segundo lugar, as coisas seriam elaboradas, ou seja, ninguém iria fazer nada aqui sem ter claro um horizonte, mas sabendo exatamente o que estaríamos criando com esse espaço aqui. Em terceiro lugar, as coisas não seriam feitas voluntariamente. Se queríamos mostrar o potencial profissional das pessoas daqui, então, resolvemos o seguinte: todos que se dedicarem como professores do pré-vestibular, terão que receber, minimamente. Essa era uma questão de dignidade. Poderíamos fazer mutirão? Poderíamos. Mas não seria este o caso. Nós fomos para a universidade, então nós investiríamos na nossa força de trabalho profissional comprometida com o projeto que já tínhamos aqui. Não estaríamos fazendo isso por ganhos financeiros, pois todos tinham o seu trabalho profissional em outras instituições. O que nos motivou foi o projeto político.

No início, não tínhamos nenhum apoio. Porém, o trabalho comunitário de Nova Holanda foi fundamental para termos acesso a uma determinada rede de pessoas de influência que puderam ajudar. Na época, aquele pessoal da Light, que já mencionei, com o qual nós já tínhamos brigado, ficou muito satisfeito com o resultado da nossa luta, pois a partir dali a empresa mudou o padrão de atendimento às favelas. A socióloga, Regina Pereira, que estava lá sempre achou a nossa luta justa.

A história é muito engraçada. O superintendente da Light era um general visto como uma pessoa muito difícil. Por isso, tive que ir lá para fazer nossas reivindicações, e me arrumei toda no dia em que fui falar com ele. Entrei no prédio, situado na Presidente Vargas, na ocasião, e enfrentei aquele protocolo todo para chegar até ele e, quando finalmente cheguei, eu falei: "Está acontecendo isso. Nós não vamos aceitar que se instale poste de madeira na Nova Holanda, entendeu?". E o superintendente na mesma hora chamou o diretor responsável e mandou rever a situação posta. Entreguei a ele uma carta com as nossas argumentações.

O pessoal da Light respeitava muito o trabalho que fazíamos aqui. Então, na época que nós começamos essa instituição, eu fui lá e falei: "Olha, estamos querendo começar um trabalho social e precisamos do apoio da empresa". Como o engenheiro que comandava a obra em Nova Holanda - no momento da colocação da rede elétrica na década de 80 - tinha subido de posto e era diretor, já que a Light havia sido privatizada naquele ano, 1997, fui até ele pedir apoio para a nova empreitada na qual estava envolvida. Ele disse de pronto: "Qualquer coisa que você for fazer, eu vou ajudar, pois conheço o trabalho de vocês faz anos". E aí foi ele quem deu o primeiro dinheiro, foi o nosso primeiro parceiro.

À medida que ia conhecendo as pessoas que trabalham aqui, chamava logo para conversar: "Eu quero fazer um trabalho diferente". Sabe aquela modificação social que você sente? Depois, rapidinho, fomos à Petrobrás apresentar o projeto: "Nós somos da Maré e tal". Aí, o negócio cresceu, foi quando construímos um prédio, a primeira sede da Instituição.

Na verdade, no grupo de origem, havia muitas discordâncias de pontos de vista sobre o projeto. Eu sabia exatamente o que eu queria fazer e porque fazia sentido para mim chamar aquelas pessoas que se juntaram no processo. Cada uma delas, por ser daqui e ter uma inserção diferenciada, também tinha sua história diferenciada, o que não impediu a entrada delas no projeto. No entanto, hoje - eu estou sempre avaliando o que foi que se passou - reafirmo que era um projeto muito interessante, fruto da nossa organização comunitária. Para dar uma idéia mais precisa, no primeiro ano foram aprovados 32 jovens para as universidades e, a cada ano, nós aprovávamos 70, 80. Já estamos com mais de mil alunos da Maré com curso superior. Desse projeto surgiram os outros projetos, inclusive o levantamento das condições de vida da Maré. Descobrimos que em 2000, habitavam 132 mil pessoas na Maré. Fomos nós que levantamos esses dados. Isso aqui é uma cidade, poucos municípios do Brasil têm o tamanho da Maré.

Durante o desenvolvimento dos projetos, começaram a surgir as tais discordâncias que falei anteriormente. Eu considero que a origem delas está ligada, principalmente, às diferenças de pontos de vista sobre como as coisas deveriam caminhar. Eu tenho muita crença e continuo insistindo nisso porque acredito que nós temos condições de construir um projeto transformador, revolucionário e que existem condições apropriadas para que isto seja feito. Portanto, temos que continuar contribuindo para que esse projeto aconteça cotidianamente. Esse é a minha utopia e, por mais arcaico que pareça, eu acredito nisso.

Com o passar dos anos, as divergências foram acontecendo, como julgamentos, e coisas inerentes, acredito, a qualquer trabalho coletivo. São questões de âmbito humano, mas que, no nosso caso, não soubemos lidar de maneira saudável com essas dificuldades que fazem parte do humano. A situação foi tomando uma proporção tão grande que eu falei: "Não tenho mais condição de ficar aqui. Se eu continuar brigando por coisas pequenininhas como essas brigas pessoais, eu vou perder de vista o projeto maior". Embora eu não quisesse criticar o projeto que nós construímos, assim mesmo demos início a um processo meio litigioso internamente. Por causa dessas brigas internas que se intensificaram, chamamos um profissional para mediar. Essa pessoa era um advogado que nos ajudou na transição para um novo momento e nos levou para novos caminhos.

A primeira proposta que fiz foi de: "já que tem 2 grupos com perspectivas distintas, por que não, cada um deles desenvolver os projetos que acredita? Continuaríamos com a mesma denominação jurídica, separando-se os projetos que cada um

dos segmentos desenvolveria, trabalharíamos de maneira complementar, mas sem um interferir no trabalho do outro. Não houve acordo sobre essa proposta e, então, eles propuseram que acabássemos com o nome que tinha a Instituição à época, num período de 2 anos, e cada grupo iria criar uma nova Instituição com o nome que achasse mais representativo do trabalho que desenvolviam. Como eu tenho o meu objetivo e já tinha batalhado por esse prédio aqui, eu sabia que eles ficariam onde a gente começou o trabalho. Portanto, a Redes da Maré foi criada dentro desse processo.

O Observatório de Favelas, instituição criada pelo Jailson, foi fundada antes da Redes. Jailson também é parte desse processo todo. A presença dele foi fundamental na criação da primeira organização, mas, no meio do caminho, ele começou a ver que as pessoas queriam fazer coisas muito restritas, ligadas apenas à Maré. E a perspectiva de trabalho que ele defende é de se realizar trabalhos que possam ser replicados metodologicamente falando, e que envolvam processos muito maiores. Então, para ele, a Maré é um lugar onde podemos mostrar que é possível. No entanto, se ficarmos apenas aqui, não faremos as mudanças que podem contribuir a favor de um projeto mais estratégico para as favelas. Por isso, no meio do caminho, antes mesmo dos conflitos que se materializaram na extinção daquela instituição, ele resolveu fundar uma instituição com um dos projetos que havia formulado. Esse primeiro momento foi também doloroso, pois ele foi muito incompreendido. As pessoas acharam que ele estava querendo aparecer mais, que ele estava se aproveitando de uma coisa que ele mesmo criou.

Os projetos desenvolvidos no Observatório de Favelas são bem interessantes. Eles trabalham com a fotografia, na chamada "Escola de Comunicação Crítica", que tem o Ripper, que é um fotógrafo renomado e possui uma ligação antiga de trabalho conosco. Há ainda iniciativas voltadas para diagnóstico em favelas, sobre violência, parceria com Universidades e outras. A perspectiva de parceria com universidade é muito importante no Observatório. A crença é de que não adianta somente contribuir para o acesso de jovens de origem popular nas Universidades, é preciso, também, mudar a estrutura na qual esses jovens serão inseridos. É preciso que se criem canais de interlocução com a sociedade.

Tem uma questão ideológica, nesse caso, mas também tem uma questão de não saber como fazer isso acontecer. É preciso que tenhamos interlocutores e intermediadores que se disponham a cumprir esse papel junto à universidade e, também, na sociedade. É por isso que falo muito nessa questão, colocando-a assim: "Eu quero cumprir esse papel. Eu estou na universidade com essa missão. Então, a universidade tem esse problema, porque talvez não haja essa intermediação. O interessante do trabalho do Observatório de Favelas é que não é só da Maré. Tem o morador da Rocinha, do morro do Alemão, etc. Então, o que ele está mudando? Ele não está mudando só a favela da Maré, mas criando novos paradigmas para as favelas como conjunto.

Eu já tenho, por causa da minha história, uma ligação muito forte com a Maré. Assim, voltando ao processo de extinção da primeira instituição que criamos, mais uma vez, tive que me colocar diante de questões inerentes ao projeto político que tenho para a minha vida. Assim, a Redes da Maré nasceu numa outra perspectiva. Com as lições aprendidas da experiência que pude vivenciar. O que está acontecendo aqui é um processo, mais do que uma mudança individual, entende? Comecei a perceber, através daquela experiência que eu tive na primeira instituição, que desenvolvemos um projeto social importante, mas que em termos de mexer nas questões estruturais da Maré, que ele tocou muito pouco. Conseguimos contribuir individualmente para o aumento da escolaridade de pessoas, mas, necessariamente, isso não significa que estaremos contribuindo, de maneira qualitativa, para que se modifique o sistema educacional da região, por exemplo.

Se não tocarmos nas questões estruturais - no caso da favela, a violência, a segurança pública é estrutural -, não adianta fazer projeto social. Veja bem: o mesmo menino que acompanhamos num projeto social, depois de cinco, seis anos, pode se envolver com redes ilícitas. Isso me fez pensar no papel que estamos cumprindo hoje com essa mobilização. Então, a Redes da Maré me traz, nesse momento, um pouco de conflito para mim, do ponto de vista pessoal, existencial, pois não quero cometer os mesmos equívocos. A importância disso está no muito que eu aprendi nas relações com as pessoas, como é que se lida com certas diferenças, essa coisa do ser humano, como falei antes. Precisei fazer terapia para aceitar algumas coisas que eu não entendia.

Refletir sobre tantas coisas que dificultavam o meu entendimento das práticas de certas pessoas com que convivi foi um processo muito sofrido, muito doloroso. Não é fácil entender alguns processos, pois extrapolavam questões ideológicas. Eu localizava esse problema muito por esse ângulo, mas precisei reconhecer o dado humano naqueles conflitos com os quais convivi a vida inteira.

Então, essa coisa que eu demorei a entender faz parte do meu trabalho, porque eu estou lidando com pessoas. Para quem me viu crescer aqui e conheceu a precariedade que havia antes, é impactante a mudança. Tanto que no primeiro ano que eu dei aula no pré-vestibular, eu dei aula para pessoas que estudaram comigo aqui, na "Escola Nova Holanda", meus colegas. Saber trabalhar o exemplo, sem personalizar, é uma possibilidade e eu encontro outras pessoas com as mesmas trajetórias como a minha, felizmente.

Eu recebi em 2000 o Prêmio Ashoka, concedido a empreendedores sociais em todo o mundo e em 2004, o prêmio Cláudia, na categoria Trabalho social. No caso da Ashoka, para sermos selecionados são feitas várias entrevistas e discussão sobre a sua visão de mundo.

Durante as entrevistas, aconteceram fatos que considerei curiosos, como por exemplo, enquanto eu falava do meu trabalho na Maré: eu sempre me referia "nós". "Nós fizemos isso, nós fizemos aquilo". Aí teve uma hora lá, que o examinador que era americano que falou assim: "Caramba! Você só fala em nós, nós, nós, nós. E "eu"? Onde você está nisso tudo?" Eu fiquei parada por um momento olhando para ele. Foi a primeira vez que alguém me colocou diante dessa questão, no sentido do papel individual que cumparamos no coletivo, entende?. E aí eu comecei a discutir com ele: "Eu acredito nisso que eu estou falando". Mas tem aquela coisa da sociedade americana, da extrema valorização do eu. Aquilo foi um aprendizado pra mim, porque quando eu comecei a falar e a descrever os processos que eu tinha vivido, ele me mostrou que aquilo era incrível e falava: "Está vendo isso aqui? Você sabe que você fez isso, que essa idéia foi você quem teve?". Ele se referia à idéia que eu tive, mesmo sendo muito jovemzinha, de fazer uma carta, de pensar numa determinada roupa, de calçar uma sandália alta, etc. para ir, naquela ocasião, ao encontro do superintendente da Light, por exemplo.

O entrevistador estava mostrando o meu lugar naquele processo coletivo e dizia que eu só iria enxergar o meu potencial se eu olhasse, também, através daquele prisma: "Você não vai ser uma liderança se você não se destacar desse coletivo, porque você pode, de alguma maneira, pela suas exposições, ver coisas que outras pessoas não vêem". Depois eu identifiquei que seria fundamental no trabalho social que realizo agregar temas que considero estruturais hoje para a Maré, como violência, segurança pública, e questões ambientais. E para atuar campo, para trabalhar nessa perspectiva na favela eu preciso me habilitar nesse sentido. Foi por isso que eu fui estudar, porque eu já compreendia, naquela época, que aliada a experiência prática precisaria discutir também no campo da teoria.

Reflijo muito sobre o fato de que tudo que o governo fez aqui, na Maré, foi conquistado pelos moradores. Eles é que fizeram acontecer. Muitas vezes não sabemos o que fazer, como no caso da violência, que é uma questão extremamente crítica, porque envolve grupos armados, porque envolve medo, temor, enfim, e morte mesmo...

Mesmo o estado, visto como um todo, contaminado, para o qual não tem mais jeito, enfim, pegando essa coisa bem complexa, eu acho que isso é parte desse problema estrutural. Esse problema também está no governo, na polícia, nas questões da segurança pública e, se a comunidade aqui trabalhar essa questão de outra maneira, ela influenciará nas mudanças que aqui devem ocorrer. Não tem outro jeito, eu não acredito em outro jeito. Tem que sair daqui outra experiência, as pessoas têm que se envolver nesse processo, porque esse problema é um problema criado pela maneira como a vida se constituiu aqui, pela cultura que as pessoas desenvolveram aqui.

Há de se encontrar um caminho - eu falo caminho, porque a solução parece mais uma coisa subjetiva, embora não seja. Se não sair daqui alguma coisa, essa situação não vai mudar. Por isso que eu falo assim do projeto social o qual sou parte. Ele só faz sentido se estiver ligado de alguma maneira às questões estruturais. Então, quando eu trabalho no "Pré-vestibular", aqui, o objetivo é colocar o jovem na universidade. De alguma maneira, eu tenho que trabalhar com esse jovem a vida que ele tem aqui, a maneira como ele vivencia as relações complexas aqui estabelecidas, o tempo inteiro, com uma cultura como a nossa.

Por exemplo, o som alto à noite que vem de casas e bares aqui. Os comerciantes colocam som alto aqui na frente da Redes e aí o que é que acontece? A maioria das pessoas que põem som alto justificam que são os bandidos que pedem para ligar. Chegam no bar e botam na caixa o som mais alto. Eu preciso chegar lá e reclamar com força: "Olha, aqui tem uma escola, é um lugar onde as pessoas estudam, elas precisam de silêncio." Eu tenho que chegar para esses bandidos e falar, colocar um limite, mostrar que existe uma diferença entre a coisa pública e a coisa privada, que é uma questão que eles não têm noção. Se eu não tiver coragem de fazer isso, eu nunca vou mudar essa relação.

Vou contar uma experiência. Quando eu estava dando aula certo ano aqui no Pré-Vestibular, um comerciante colocou um som bem alto. Sabe o que fazemos, eu e os alunos nesse dia? Fomos todos falar com ele. Quando propus isso na sala, os alunos arregalaram os olhos, porque eles cresceram aqui com medo. Eu disse: "Nós vamos falar juntos, organizados". Nós fomos e foi uma coisa maravilhosa, imagine 50 alunos e eu. Mas antes de irmos ao bar, eu treinei com eles: "Não sou eu quem vai falar, eu vou estar junto com vocês. Quem daqui vai falar que o som incomoda a aula? Quem vai falar, vai falar o quê? Vamos treinar o que ser falado". Porque se nos sentimos agredidos, temos que ser assertivos para chegar e falar.

Fomos lá e eles falaram. "Olha só: a gente trabalha o dia inteiro, a gente está estudando", etc. É preciso ter argumento pra ir até lá, ter um trabalho de educação, de cultura. Isso é cultura. Esse é o exemplo que eu quero dar sobre como eu ajo com os meus alunos aqui. Esses alunos não são os mesmos. Eles já sabem da importância do argumento, sabem que não adianta tratar da violência com violência, que não é só a polícia ir chegando e matando os bandidos, sabem que isso não vai resolver nada. É preciso convencer, também, a polícia disso. Isso é cultura e eu convivo com isso aqui diariamente. Na "Redes", 95% das pessoas que estão aqui, moram aqui. Só que as pessoas daqui têm essa cultura de ficarem com medo.

Eu tenho uma história aqui e sou reconhecida pelo trabalho que eu venho desenvolvendo até agora. Isso é um ponto. Segundo, eu sempre quis tratar da questão com a palavra. Por exemplo, lá na casa da Rosa tinha um lava-a-jato, com o qual o cara ocupou a calçada, botou um trailer e a gente queria fazer aquela obra. Eu fui lá e falei com ele: "Meu amigo, olha só, esse problema é de muita gente aqui. Imagina se todo mundo ocupar a calçada". Passei dois meses discutindo essa questão com ele, com a rua inteira e com várias pessoas. Ele, na verdade, foi atrás de bandido. Chegou lá e falou assim: "Olha, a Dona Eliana está querendo me tirar dali, onde eu tenho meu ganha pão". Aí, o bandido veio aqui. Eu sentei e argumentei com ele. Ele sentou. Eu falei: "Olha só, ele te disse que eu estou querendo tirá-lo da calçada? Mas, na verdade, eu não quero tirá-lo, a questão não passa por aí". Expliquei para ele dessa maneira: "As calçadas não são de ninguém, são de todo mundo, não é? Imagine, a calçada é o lugar onde as pessoas têm que transitar, as pessoas da favela andam na rua.". Aí eu usei um argumento que me veio na hora: "Olha só, imagine se tiver um tiroteio aqui, como todo mundo vai se proteger do tiroteio, se alguém botar uma grade aqui, outro ali, e fecharem a sua porta? Não vai ter mais calçada".

Ele pensou: "É, estão tirando um monte de calçadas aí. E eu: "E aí, se tiver um tiroteio, você vai correr para onde? As crianças aqui, vão brincar aonde? Elas não tem mais onde brincar." Aí ele virou e falou assim: "Puxa! Não tinha pensado nisso". Porque quando a polícia chega, eles correm e entram na casa de qualquer um. Então falei: "Olha só. Eu não estou querendo tirar a calçada dele. Ele é que está querendo ocupar um espaço que não é dele. Isso não está certo, isso está errado. Então, você me desculpa, mas ele vai ter que sair dali". Acabou, está entendendo? Ele falou pro cara: "Você vai ter que sair dali". Expliquei ainda que iríamos reformar o prédio e colocaríamos uma sala de informática, o que beneficiaria todos os moradores. Não caberia ter em frente um lava-jato, entende?

Olha só, eu só argumentei dentro daquilo que acredito. Sei também que as vezes esse tipo de conduta não vai dar certo, mas é preciso arriscar.

Então, quando resolvemos resignificar essa instituição e criar a "Redes", já fizemos com essa perspectiva de criar projetos maiores, mais fortes, dirigidos também para fora da Maré. E, além disso, resgatar uma coisa, que eu acho que se perdeu, por toda a conjuntura política, que não é só aqui, na Maré, que é a questão da mobilização social. Eu acho que agora as pessoas não se mobilizam mais. Não há mais interesses coletivos que mobilizem as pessoas. Antigamente, não se tinha água, a gente falava: "Vamos fazer uma reunião para ver o que podemos fazer para trazer água". Hoje, você não mobiliza as pessoas para fazer uma reunião. A associação de moradores não se mobiliza por mais nada.

No caso específico da favela, as pessoas se sentem muito impotentes em relação à violência. Essa é uma questão. Tem a omissão do estado, a falta da sua soberania. Quando o estado não está presente. No caso da Maré, temos um batalhão de polícia, mas não significava nada, do ponto de vista da melhoria na qualidade da segurança. Portanto, eu acho que o estado perdeu o poder de se colocar através do argumento, da palavra e, de alguma maneira, perdeu de ter ao seu lado a sociedade apoiando-o em determinados processos. É um pouco como se fosse terra de ninguém. Então, esse é um dos desafios da "Redes", como o próprio nome diz, criar esse sentido de uma rede que interaja em diversos processos, porque já sabemos que sozinhos não vamos fazer nada.

Aqui tem 16 escolas. A "Redes" está ligada a oito escolas e a uma creche comunitária. O projeto se chama "Programa Criança Petrobrás na Maré". A Petrobrás é o financiador desse projeto de valorização da escola pública. A gente colocou esse projeto nas escolas da comunidade, pensando que a escola pode vir a ser muito melhor. Então, ao estabelecermos essa parceria, pensamos, primeiro, como é que essa escola pode ser diferente aqui. Os moradores devem pensar e assumir um papel de colaboração e crítica no sentido de que essa escola se torne melhor. Já estamos há um bom tempo trabalhando com as escolas e temos uma receptividade muito boa. Elas respeitam muito o trabalho e, quando eu falo desse projeto, as pessoas perguntam como estou nessa escola, porque uma coisa é o que a gente faz, o que todos os professores daqui, da escola, fazem. O que é a "Redes"? Mostramos que não queremos ser apenas professores das crianças, queremos é que a escola seja boa, que funcione de uma forma aberta, sincera. Por isso os professores - a maioria dos professores é de fora - têm que conhecer a favela, porque na favela não tem só pobreza, tem coisa bonita". No início, por exemplo, quando começavam as reuniões, eu ficava chocada quando, toda animada, falava do projeto, dizia que tinha conseguido apoios, etc. e aí um professor de uma certa escola falou coisas do tipo: "Pô, Eliana, é tudo muito bonito, mas as crianças não vão passar da quarta série". Eu virei nesse dia e respondi assim: "Vem cá, sabe que eu estudei em uma escola da Maré e ainda bem eu não tive nenhum professor igual a você". E aí o professor levou um choque.

Eu tenho essa experiência com a polícia, pois eu morava em frente a um posto policial e então eu sempre vi muito a polícia. Como eu cresci aqui, eu vi a polícia batendo. Quando nos mudamos para cá, eu acordava com gritos das pessoas apanhando, aqui, no posto policial. Ao mesmo tempo, tinha policiais que eu gostava que iam lá no armário do meu pai, que brincavam, que colocavam as crianças, no colo. Enfim, eu tive uma relação muito contraditória. Quando crescemos começamos a ver aquela coisa muito opressora. Eu mesma já vivi situações muito complicadas com a polícia mas, na verdade, eu quero entender porque a polícia tem que agir aqui dessa forma, por que maltratam tanto as pessoas? Porque não tem uma razão clara. Eu sei que 99% dos que vivem aqui não são traficantes, não são envolvidos, não concordam com o tráfico. E por que é que a polícia age assim? Eu não concordo com isso e percebi que eu precisava pautar essa questão da violência no trabalho social. Portanto, a minha idéia é terminar o doutorado e começar um projeto em relação à mudança de comportamento nesse campo.

É o seguinte: o batalhão está ali, mas o morador não vai lá, as pessoas têm medo de ir lá. Eu comecei a ir três vezes por semana por causa da pesquisa e, todas as vezes que eu saía de lá, um policial me parava e perguntava: "A senhora vai sair pelo lado que dá para dentro da comunidade?", "Vou, por quê? Algum problema?" Um 30 vezes eu fui interpelada dessa maneira, ao sair do batalhão. Ninguém tem idéia, mas o batalhão tem uma porta para dentro da Nova Holanda e, no entanto, eles não transitam para cá, eles só entram e saem pela porta que dá para a Linha Vermelha. Ao mesmo tempo, se eu falar assim: "Eu vou ali, no batalhão", alguém da comunidade vai perguntar: "Você é maluca?" e eu respondo assim, como se eu não estivesse entendendo: "Por quê? Batalhão é igual a uma escola. Qual o problema de ir ao batalhão?".

Eu estou indo lá fazer a pesquisa para o meu doutorado e fiquei impressionada com a abertura que eu tive no batalhão. A Maré é a única favela que tem um batalhão de polícia, é a única favela que tem os três comandos, mas a milícia. A Maré é uma comunidade emblemática do ponto de vista de estudo, para olharmos a questão da violência, para pensarmos caminhos. Enfim, eu fiquei surpresa com o Batalhão e vi que é uma coisa mais séria, muito mais profunda. Porque não tem integração? Isso está nas pessoas. O policial não acredita que ele possa fazer algum

trabalho aqui. Ele nunca vai me tratar diferente, nunca vai tratar as pessoas daqui diferente, porque, na favela, ele acredita que não existe essa possibilidade.

Por outro lado, eu entrevistei 500 moradores. Os moradores morrem de medo da polícia, não entendem a polícia como proteção, porque eles nunca foram protegidos pela polícia. Quem protege aqui é o bandido. Como se vê, são coisas muito distintas, não tem como dar certo. E não é a polícia por fora ou por dentro que vai mudar isso, o que tem que mudar é uma determinada cultura. Projetos precisam ser desenvolvidos para que daqui a 10 anos possamos enxergar alguma mudança, por pequena que seja e que, só vai ser possível, através dos moradores que aqui residem. Então, é uma coisa que eu quero discutir muito com os pais, porque os filhos deles têm medo de fazer isso. Mas nós precisamos discutir também com os alunos do "Pré-vestibular" essa questão da polícia, essa questão da segurança pública, essa questão da violência. Em relação às crianças, eu tenho que levar o policial na escola. Tenho que fazer isso, embora saiba que enfrentarei uma forte resistência dos alunos. O comandante falou assim: "Como que eu vou botar um policial dentro da escola para falar sobre os traficantes se muitas das crianças são filhos desses?".

É um processo muito minado e não adianta querer fazer as coisas rapidamente. Então, na Maré, o que eu pretendo fazer, numa outra etapa da vida é começar um trabalho na área da violência mesmo, da segurança pública, abertamente. Eu vivi situações aqui muito complicadas que em outras entrevistas pela vida podemos conversar. ■

Eu nasci aqui no Rio, no dia 1º de janeiro de 1959. Nesse caso, comemorando a chegada de Fidel Castro em Havana. Bom, todo mundo nasce em hospital, nasci no hospital Marechal Hermes. Minha mãe era empregada doméstica e meu pai era radialista, operador de som de uma rádio chamada "Mundial". Nessa época, quando meu pai era vivo, minha mãe trabalhava mais em casa, cuidando de nós. Quando era pequenininha, não lembro onde morávamos, mas vou juntando os bairros durante a fala. A família da minha mãe é uma família muito pequena. Ela tem dois irmãos por parte de pai, mas não tem ninguém por parte de mãe, porque a mãe dela a deixou numa estação, não sei onde, pediu para alguém tomar conta dela e foi embora para o mundo. Essa família ficou cuidando dela, mas, com o tempo, ou as pessoas dessa família morreram, ou minha mãe rompeu esses laços, não sei dizer. Minha mãe casa com meu pai, que tinha uma família extensa, bastante grande. Então nós temos como



referência de família essa família do meu pai e os meus dois tios, irmãos da minha mãe por parte do pai dela. Quando eu completo dois anos, meu pai morre e minha mãe passa a ter uma vida mais difícil do que já tinha. Com o tempo, ela vai distribuindo cada uma das filhas pelas casas dos parentes do meu pai para poder voltar a trabalhar e nós termos um lugar para ficar. Primeiro, nós vamos morar com uma prima do meu pai, numa favela que não me lembro bem, mas era perto do mar. Depois, vamos morar em Parada de Lucas e, mais tarde, nos mudamos para Rocha Miranda. Nós seguimos separadas. Minha irmã mais velha entra no colégio interno, em seguida eu entro e só quando eu tinha 12 anos é que minha mãe recolhe todo mundo.

O colégio era Conselheiro Mayrink, só para meninas e ficava no Lins de Vasconcelos. Na verdade, era uma obra dos maçons e tinha uma parte que o governo devia custear. Esse colégio ainda existe, mas não é mais colégio interno, não sei o que é agora. Naquela região tinha um ou dois colégios: um na rua Uberaba e esse, Conselheiro Mayrink, que eu esqueço o nome da rua onde ficava. Essa era uma época dos grandes internatos.

Quando eu tinha 12 anos, minha mãe trabalhava com uma pessoa na Tijuca, uma espírita kardecista que resolve ajudar minha mãe a nos juntar. Tira minha mãe do serviço doméstico, encontra um trabalho para ela numa loja de artigos religiosos e ajuda-a a alugar um quarto num cortiço na Tijuca. Foi assim que nós nos reunimos à nossa mãe e passamos a morar nesse cortiço, de onde eu só saí aos 27 anos. Foi o último cortiço onde morei. O que significa isso? Trata-se de minha trajetória no tempo dedicado ao estudo e ao trabalho. Eu me formei em Serviço Social, na UFRJ. Iniciei na UFF, em 1980, mas fui morar em Campos durante um ano. Quando voltei, transferei o curso para a UFRJ, na Praia Vermelha e me formei por lá em 1984, naqueles longos períodos de greve. Cada semestre, longa greve. Essa pessoa que ajudou minha mãe a nos juntar se chamava Regina e faleceu em 1995, ainda nova, com 55 anos, de câncer no útero. Ela era uma pessoa que tinha uma vida também muito interessante. Casou-se com 21 e teve uma

filha. Separou-se do marido e, aos 23, 24 anos, conheceu um homem que tinha muito dinheiro, no mesmo bairro onde ela morava, Jacarezinho. Ela não tinha nada, trabalhava em escritório e, naquela época, a situação era terrível. Quando eles se casam, ela leva a sua filha e vão morar na Tijuca.

Minha mãe vai conhecê-la, não sei como, mas sei que ela fazia algumas reuniões espíritas na sua própria casa. Acho que minha mãe sai de um emprego e vai trabalhar para essa mulher e daí começa a história das duas. Ela tinha essa característica de se meter na vida das pessoas e, assim, foi se metendo na vida da minha mãe. Ela tinha uma relação forte com o cara que carregava as bolsas dela da feira e daí ela vai construindo esse universo de pessoas que vai cuidando porque, como espírita, isso é praxe, cuidar, fazer caridade. Assim, quando minha mãe nos trouxe, ela também ajudava a olhar, a cuidar. Num determinado momento, quando eu já trabalhava, ela virou para mim e falou: "Você vai estudar". Na verdade, o dinheiro era do marido, mas ela acabava implicando-o em obrigações para com as pessoas que ela queria ajudar. Era o filho de alguém cujo marido morreu e aí ela já fazia meu tio ajudar (a gente o chamava de tio). Ajudava a pagar os estudos, a pagar uma dívida. Ela sempre achava um troço para o cara arcar com as despesas, mas a despesa era dela. Se alguém não tivesse comida e chegasse até a sua casa, ela abria o armário, dava a comida que ela tinha. Foi com esse espírito que ela tramou com a minha mãe de me colocar para estudar. Foi um projeto dela.

Eu tinha duas irmãs, mas, na verdade, essa mulher tinha uma afinidade com a minha irmã mais nova que também se chamava Regina, como ela. No entanto, sempre que ela precisava de ajuda, minha mãe me escolhia para ir ajudá-la, fosse uma faxina, passear com o cachorro... Qualquer coisa que ela precisasse e minha mãe fosse atendê-la, quem ia era eu. Acabou que ela ficou muito mais próxima de mim e nos tornamos amigas. De resto, ela tinha uma afinidade muito forte com a minha irmã mais nova. Aonde ela ia e quando queria passear, ela gostava de levar minha irmã.

O que foi que essa mulher fez? São caminhos diferentes dos meus. Hoje eu posso analisar de outra forma porque depois fui lembrando das coisas que ela fazia para as outras pessoas. Ela arrumou um trabalho para mim no escritório de um amigo dela. Eu morava numa rua do lado da rua desse escritório. Já havia terminado o ginásio, fazia o científico e fiquei trabalhando com este senhor que me pagava um salário com o qual eu ajudava minha família. Ele era um empreendedor: Vendia imóveis, construía piscina, cada vez ele fazia uma coisa. Mas um dia esse homem ficou muito doente e não teve mais como me manter naquele escritório. Logo depois ele fechou o escritório e se mudou para a Barra da Tijuca. Regina então me colocou para trabalhar no escritório de advocacia do marido dela, mas lá tinha muito pouca produção. Ele passava muito mais tempo fora do escritório, cuidando e, às vezes, até estragando os negócios da família. Eu cuidava e acompanhava os processos dele, digitava, datilografava, mas, como eu ficava muito tempo nesse escritório com pouca coisa para fazer, aproveitei para estudar. Fiz o curso Normal. Minha família botava a gente pra estudar de qualquer jeito. E, lógico, depois ia aparecendo a necessidade de trabalhar, então estudava e trabalhava. Uma tia que tinha contato com muitas pessoas, um dia me chamou para sair e me levou à Câmara dos Vereadores, onde entrei pela primeira vez. Ela fazia campanha para o vereador Gelson Burtir Sampaio, com quem tinha também uma relação familiar. Até recentemente ele foi candidato, mas não sei mais da vida dele. Minha tia solicitou uma bolsa de estudos para que eu pudesse fazer o pré-vestibular. Esse cara me dá uma bolsa para estudar numa escola do Méier e eu morava na Tijuca. O que eu faço? Fiquei nessa escola, numa turma de alunos que terminavam o terceiro grau e também faziam pré-vestibular. Todas as manhãs, até no domingo, eu assistia aulas nessa escola. À tarde, voltava para o trabalho e à noite terminava o científico. Foi assim que eu me preparei para passar no vestibular.

Eu não tinha escolhido Serviço Social, tinha escolhido Direito porque eu trabalhava com advogado e só via coisas de Direito, lia livros de Direito, vivia enfiada nos processos. Mas sempre gostei da política. Eu ficava em dúvida se devia fazer isso ou não. Um dia, a filha da Regina que fazia Fonoaudiologia, mostrou-me a grade de um curso de Serviço Social. O que tinha lá: política, antropologia, sociologia, psicologia, não sei se combinava com o resultado final, mas eu achei aquilo fantástico, ter um monte de coisas diferentes na mesma carreira. E na hora de optar eu optei por Serviço Social e não Direito. Só que eu tenho uma afinidade grande com Direito, eu gosto desse universo jurídico, mas escolhi Serviço Social exatamente porque a grade era muito interessante. Acho que, na prática, essa profissão fala mais sobre o meu ponto de vista, a partir dessa experiência de vida que eu tive com minha mãe e com essa mulher, mas também fala de um contato com as pessoas além de uma necessidade de justiça que eu tinha. Eu achava que essa vida que a gente vivia era uma vida muito injusta. Não necessariamente porque era daquele jeito, mas porque a gente vivia em situações de conflito, de discriminação, o que sempre me remetia a essa necessidade de justiça. Não no sentido jurídico da justiça, justiça da lei, justiça do judiciário, mas de uma justiça que nos proporcionasse outras condições diferentes daquela que nós vivíamos. Isso não se referia especificamente às condições da pobreza, mas das relações conflituosas e desagradáveis ligadas às condições de mulher, de negra, de moradora de um cortiço, numa região bastante conservadora como a Tijuca. Então, era basicamente isso. É lógico que a pobreza também nos trazia situações desagradáveis, mas estas não me incomodaram mais depois que eu passei pela universidade, porque antes elas não tinham sido motivo de um sofrimento.

O que era essa pobreza para nós? Era um misto de não ter nada com o ter alguma coisa, porque vivíamos na casa de alguém, ou no colégio interno, ou mesmo no próprio cortiço. Também não experimentamos uma situação, não sei se posso usar esse nome, que provocasse em nós a inveja do que as outras pessoas tinham. Foi exatamente nesse momento que essas coisas se juntaram, porque, morando em Rocha Miranda, em Parada de Lucas, isso não fazia diferença, mas morando ali na Tijuca isso fazia diferença. O fato de uma colega me chamar para passar o final de semana com ela e eu não poder aceitar, porque não tinha roupa para sair, não tinha esse recurso, fez as desigualdades começarem a aparecer e foram ficando cada vez mais fortes. Aliadas a isso, as discriminações sofridas por ser a única negra naquele lugar, aquela que as pessoas sempre confundem com alguma coisa. Eu lembro muito bem que na escola que eu estudava, na esquina de casa, tinha apenas dois alunos negros: eu e um garoto. O garoto era o palhaço da turma, apesar dele ter mil vezes melhores condições do que eu porque ele era filho de um aviador. No entanto, tudo que acontecia de errado era eu ou ele. Se não fosse eu, teria sido ele. Se não fosse ele, teria sido eu. A gente estava sempre devendo alguma coisa, em algum momento. Sumiu o lápis de cor do fulano, mesmo que a gente tivesse uma caixinha de lápis de cor, parecia que fomos nós que tiramos. Era assim mesmo. No ginásio, isso triplicou, porque no caso do ginásio, essas relações ultrapassam as dependências da escola e passam também para o convívio na casa das pessoas. Até quando eu fiz admissão, não íamos à casa de ninguém, não fazíamos trabalho em grupo, mas no ginásio isso era fatal. Se não cumpríssemos determinadas regras, não fizessemos determinada coisa, tinha sempre alguém para se aproveitar da situação.

A visão sobre o negro era bastante preconceituosa. Por exemplo, todo adolescente adora jogar, adora. Não quer dizer que ele seja bom nisso, mas que ele gosta, então ele joga pelo prazer. Se a gente jogava bola muito bem, então as pessoas queriam a gente nos seus times. Mas na verdade elas só queriam até ali. Os convites rareavam. Quando havia conflito, sempre aparecia alguém que jogava o conflito na nossa cara. Eu lembro que eu tinha uma amiga muito engraçada. Numa ocasião, foi proposto um trabalho sobre música, nós escolhemos Chopin como tema e eu fui

à casa dela para fazemos o trabalho. Um dia, na aula de matemática, havia um grupo de seis pessoas e eu sentei na cabeceira. Ela queria sentar na cabeceira e eu disse que não iria me levantar dali. Na maioria das vezes, eu cedo com facilidade. Se ela queria sentar onde eu estava, a minha tendência era ceder o lugar. Mas, naquele dia, eu disse que não. Por causa disso, eu ouvi tanta besteira, tipo: "Você naquele dia almoçou na minha casa, jantou na minha casa". Porque as condições dela eram muito diferentes, aí eu ficava pensando: "Mas porque essa pessoa acha que aquilo que ela fez, me oferecer um almoço ou um jantar seja motivo para eu obrigatoriamente ceder-lhe o lugar onde eu já estava sentada?". Conflitos como esses cresceram mais na época do ginásio. Eles já eram visíveis no finalzinho do primário, mas não se mostraram tão densos quanto aqueles que irromperam quando chegamos ao ginásio. Minha mãe se chama Neli Xavier de Castro e meu pai se chamava Ignácio Antônio de Castro Neto. Lá em casa, cada uma tem um nome diferente escolhido por alguém. Na família do meu pai, os primeiros filhos que nasciam só recebiam os nomes dos homens da família deles e sempre que nascia uma menina ganhava o nome de Tereza. Portanto, minha irmã mais velha se chama Tereza Antônio de Castro, só leva o nome da família do meu pai. O meu nome, Lúcia Maria Xavier de Castro, foi escolhido pela minha avó, tia do meu pai, ela me deu esse nome. E minha irmã caçula se chama Célia Regina, também tem uma história assim, alguém escolheu o seu nome, mas nós a chamamos de Regina.

Tudo começa no Rio de Janeiro mesmo. Minha mãe é mineira, mas não sei se ela é mineira porque foi registrada em Minas Gerais, pela mãe dela, não sei se ela nasceu lá, não tenho essa idéia, mas ela tem essa origem. Meu pai era daqui, carioca. Eles vão se conhecer aqui e viver aqui por muito tempo. Minha mãe ainda viveu um tempo em Salvador, na Bahia, porque aquela pessoa que cuidou dela tinha relações na Bahia e quando ela foi passar um tempo lá, minha mãe foi também.

Os meus parentes por parte de pai são todos católicos. As duas alas compostas pelos dois tios do meu pai, com seus respectivos filhos, essas duas famílias eram católicas, só que uma era ligada ao samba e a outra não. A ala que morava em Parada de Lucas é fundadora da "Escola Parada de Lucas", depois "Portela" e até hoje tem algum nível de relação com a escola "Tradição". A outra, não, a outra ala da família, era o irmão da minha avó casado com uma senhora, que vem a ser a última que morre dessa família dos mais velhos. A minha avó teve apenas um filho e não tinha relação com o samba, não sei se foi porque viveu sozinha por muito tempo. Ela sim, mandava em todo mundo, cuidou do irmão, cuidava da família, cuidou de todo mundo. Minha mãe vai enveredando pelo Espiritismo, pela Umbanda, até chegar no Candomblé. Eu não sei se foi porque viveu sozinha por muito tempo. Ela sim, mandava em todo mundo, cuidou do irmão, cuidava da família, cuidou de todo mundo. Minha mãe vai enveredando pelo Espiritismo, pela Umbanda, até chegar no Candomblé. Eu não sei se foi porque viveu sozinha por muito tempo. Ela sim, mandava em todo mundo, cuidou do irmão, cuidava da família, cuidou de todo mundo. Minha mãe vai enveredando pelo Espiritismo, pela Umbanda, até chegar no Candomblé. Mas não é uma história contínua, quer dizer, a gente tinha tias, amigas da minha mãe que eram do candomblé e são até hoje. E ela teve uma passagem confusa, obscura no candomblé, depois passa um certo tempo ligada ao Espiritismo e à Umbanda e, só mais tarde, ela volta para o candomblé. Hoje, minha família inteira é do candomblé.

Eu fui quase a última a entrar no candomblé, 12 anos atrás, junto com as crianças, porque lá em casa as crianças todas são iniciadas. Então eu faço a minha iniciação antes da minha penúltima sobrinha. Depois de mim, vem essa minha sobrinha, porque todos já eram iniciados.

Eu acho que a minha formação em Serviço Social correspondeu de alguma forma às minhas expectativas porque, na verdade, descobri que sou muito dispersa, então o Serviço Social só ajudou: um pouquinho de cada coisa, um paraíso.

E profissionalmente também, se eu tivesse escolhido Direito talvez a minha condição econômica hoje fosse outra e, talvez, bem melhor, mas o Serviço Social também não é uma coisa tão negativa nesse sentido, foi uma profissão que eu desenvolvi mais. Hoje desenvolvo menos, mas com certa tranquilidade. Conheço os limites da profissão, sei o que é possível, não tenho nenhum drama.

Eu me considero uma assistente social. É muito engraçado porque na minha família a política sempre esteve muito perto, mas nunca dentro. Primeiro, por causa do período da ditadura, depois, as famílias negras eram muito isoladas. Eu me lembro da campanha dos meus tios para eleger Negrão de Lima ou apoiar Negrão de Lima, mas essas coisas ganharam outro sentido para mim, no final do científico. Eu estudava numa turma à noite, com um rapaz que era guarda ferroviário. Foi muito engraçado, porque eu fui descobrindo que as coisas eram muito mais complicadas. Nós conversávamos e discutíamos muito, até que um dia ele trouxe e continuou trazendo para mim um jornal chamado "O Movimento". Meu tio trabalhou nesse jornal. Líamos o jornal, depois discutíamos. Ele, um guarda ferroviário, um rapaz de vinte e poucos anos.

Não me lembro do nome desse colega de turma. Mal e mal lembro um pouco da sua fisionomia e agora cada vez menos. Foi muito interessante porque ele nunca falou as palavras partido, revolução, nada disso, era só esse jornal. Ficávamos discutindo o jornal. Um dia, a diretora nos chamou na secretaria. E era engraçado porque eu iniciei o ginásio nessa escola e fazia parte do coral, então a diretora já me conhecia. Eu terminei o ginásio em outra escola, depois voltei para fazer o científico. Estávamos no final do segundo ano do científico quando essa diretora nos chamou. Primeiro separadamente e, depois, nós dois juntos. Ela fez uma discussão infinita sobre o jornal, sobre a política e depois de chamar nós dois, ela disse que se a gente continuasse lendo aquele jornal ela iria avisar a polícia. Eu não fazia a menor idéia do que significa aquilo.

Estávamos em 1978, 79. Essa diretora já tinha me perguntado quem me dava o jornal, eu disse quem era e... bom, essa história vira um drama, mas aí eu continuo lendo o jornal. Aí eu saquei o que era aquele jornal. E, aí, já discutíamos sobre partido, eu já conhecia algumas coisas sobre o antigo MDB, atual PMDB, mas não tinha ligação. Era só aquelas discussões que ele trazia através do jornal. Depois em 1979 nós continuamos e já havia outro movimento. Eu não ia a reunião nenhuma, mas aí eu já recebia mais material daquele. Nessa mesma época, ocorre no Rio um movimento Black que era um movimento cultural muito ativo nessa época.

O "MNU" (Movimento Negro Unificado) era uma reunião de militantes. Diziam que era uma organização desde essa época. Na verdade, não era uma organização, era um movimento, reunia gente de tudo quanto é lugar e as pessoas iam para as reuniões. A Universidade Candido Mendes era o espaço de encontro dessas pessoas e tudo mais. Era movimento cultural em torno do funk que arregimentava milhares de jovens, de tudo quanto é lugar, da zona norte a zona sul. Não tinha classe média nenhuma, era gente negra e gente negra de várias regiões.

Tinha as equipes de som, nem tinha esse nome de DJ, ainda. E aí eles se reuniam em bares, e iam formando grupos. Esses grupos rodavam a cidade inteira, assim como o funk quis fazer na atualidade e depois não conseguiu mais. Esses grupos faziam baile no clube do Botafogo, lá em Madureira, na Penha, em Jacarepaguá, na Baixada, era um, eu diria, um giro pela cidade. Você podia estar em qualquer lugar da cidade através dessa movimentação de jovens, eminentemente de jovens.

Eu me aproximei desse movimento nas praias, porque esses jovens estavam nas praias e estávamos todos juntos, em algum lugar: ou estava no samba, na praia, ou no trabalho, e todos íamos nos comunicando e nos encontrando. Daí também começa a mudança da roupa, do cabelo, porque esse movimento trouxe essa mudança da roupa, do cabelo, de um estilo, de um jeito de ser Black. Pela influência dos cantores americanos, isso foi crescendo. Era um pouquinho antes de 1978, mas não sei dizer a data precisa.

O movimento hippie tinha uma dimensão cultural e política muito distinta desse movimento. Não era um movimento Black, era um movimento onde até podia haver uma discussão racial, podia ter até um sentido racial, mas era um outro movimento, não era esse. Esse era um movimento distinto porque, apesar de ter as figuras, os ícones negros, alguns até muito submersos nesse processo, só conhecemos Jimmy Hendrix, mas não conhecemos mais ninguém. Quando na verdade, dizem as más línguas, que esse movimento também começa com os negros, com os negros americanos, mas eles não se destacam. Agora, quem procurar os vídeos dos primeiros festivais, aparecem os festivais famosos, mas aqueles outros onde os negros eram a maioria, aparecem pouco. Só os estudiosos dessa época sabem onde os negros estavam, em quais festivais eles participaram e como se deu essa integração.

Eu acho que tem bibliografia musical, até em vídeo, mais do que escrita sobre isso. Tem um primeiro festival que eles dizem que foi nos Estados Unidos, onde a maior parte das apresentações musicais eram feitas por negros. Mas isso não tem a ver com Brasil. Aquilo era movimento integrativo americano. No Brasil não sei dizer nada sobre isso.

A questão racial sempre foi tratada na minha família da seguinte forma, você não deve aceitar o racismo, você tem que ter esse tipo de comportamento e esse tipo de postura e nunca aceitar racismo. Tanto que minha avó, antes de morrer, disse: "Está namorando? É branco?". Eu falei: "É". Ela: "Não, minha filha, nunca namore um homem branco". Então, ela era muito explícita nessas coisas. A mesma coisa em relação à escola. Ela dizia que nós tínhamos que andar limpas, arrumadas, tirar nota boa e nunca aceitar essa discriminação. Falava com todas as letras. Só que aquele ambiente era mais negro, então nós só fomos de fato entender o que ela estava falando, depois que saímos daquele ambiente. Lá, como a maioria era negra, quem, no máximo, nos discriminava era a professora, mas não dava para nós entendermos aquilo, naquele contexto. Sim, já havia essa discussão na família. Minha avó era a pessoa que dizia: "Isso não serve, isso é errado, isso não se faz". Mas não era como a discussão do racismo que nós temos hoje. Não é que eu chegasse em casa e falasse: "Vó, fui discriminada hoje, me aconteceu isso e isso". Mas era um preparo contra o racismo. Assim como era um preparo para a vida. Uma coisa é viver o ambiente de discriminação o tempo inteiro. Tem gente que viveu isso o tempo inteiro, tem gente que viveu isso menos, então... Numa família negra é muito difícil. Você sai de casa aos sete anos e é quando você vai conviver com as outras pessoas. No nosso caso, no máximo íamos à igreja, não passávamos lá mais do que duas horas e voltávamos para casa. O convívio era com a vizinhança. Dependendo da sua vizinhança isso pode ser mais grave ou menos grave. Hoje eu acho sempre tudo mais grave. Porque antes, ou mal ou bem, as pessoas mantinham um tipo de conduta quando essas coisas não ficavam tão explícitas.

Eu acho mais grave atualmente. Hoje é mais declarado. Você pode viver ao lado de um vizinho que te discrimina todos os dias. Mas eu não me lembro, por exemplo, que a minha mãe vivesse com vizinhos que discriminavam o tempo inteiro. Minha avó morava numa rua enorme, mas ela era referência, todo mundo sabia quem era ela. Ia-se conversar com ela. Na minha casa freqüentava gente com deficiência mental, naquela época. Então eu não via. E em

casa de preto sempre tem alguém que é prostituta ou que está preso, então essa coisa não era uma coisa fora do padrão e nem ninguém era discriminado, pelo menos eu não via isso, não me lembro disso. A gente vivia mais dentro de casa. A rua era o lugar da brincadeira, mas não era o espaço de uma convivência maior quando se era criança. Íamos para a rua, brincávamos, e voltávamos para casa. A casa era o lugar. Mas é nessa época que alguns dos grupos do movimento negro nascem. E nascem desse movimento contemporâneo, e nascem com nomes bastante apropriados para a época. Instituto de pesquisa (IPCN), grupo de estudo e esses grupos que a gente vai encontrar nessa relação, em 74, por aí. Eu vou encontrar um grupo desses na Cidade de Deus. Porque eu vou encontrar lá?

Morava na Tijuca, como falei antes, até os 27 anos, ou um pouco mais que isso. Mas essa turma dos bailes e da praia se encontrava em vários lugares. Então a gente tinha relação e amizade com gente de tudo quanto é lugar. E aí no grupo que a gente freqüentava nos bailes e no samba, a maioria morava na Cidade de Deus. De lá eu conheço a primeira organização de que eu faço parte. Chamava "Acorda Criolo". Era um grupo de estudos sobre a questão racial. Do grupo participava Edson Santos, hoje deputado federal, um rapaz chamado Aduino Pereira que comandava esse último grupo, que fundou alguns anos atrás uma organização chamada CEACC, na Cidade de Deus, tinha muita gente. Tinha muitos centros de estudo. Mas esse grupo tinha uma característica diferente dos outros. Porque essas pessoas já tinham envolvimento de partido e envolvimento com a luta da qualidade de vida do local. Então elas vinham de movimento de saúde, movimento pela moradia, pelo transporte, era um grupo que já movimentava a cidade. Havia um grupo de associações chamada COMOCID, grupo de associações da Cidade de Deus. E esse grupo, "Acorda Criolo", naquela época, tinha também envolvimento com grupos de saúde e essas pessoas desse COMOCID faziam parte do "Acorda Criolo". Na realidade, era um grupo enorme que atuava politicamente na Cidade de Deus para a melhoria da qualidade de vida da Cidade de Deus, numa luta pela moradia, saúde, educação, urbanização, saneamento básico, e esse grupo chamado "Acorda Criolo" tratava da questão racial. Foi aí que eu entrei organizativamente nesse processo. Mas o movimento cultural era também um movimento político, porque na medida em que a sociedade se manifestava contra esse movimento, se discutia a questão do racismo.

Tinha muita coisa contra. O primeiro segmento que foi contra, foi o samba que achava que nesse movimento tinha um monte de música muito americanizada, que não tinha muito a ver com o Brasil e isso matava o samba. Mas aquelas pessoas que freqüentavam o samba, o pagode, freqüentavam qualquer coisa de cultura negra. Mas eu acho que tinha uma produção miserática sobre o que era isso, sobre o que era raiz, sobre o que era origem, por ser contra americano nessa perspectiva. Mas é esse movimento cultural que vai trazer aquelas perspectivas mais americanas para esse movimento, não só da cultura. Ele nos mostrava que é possível mudar, enfrentar o racismo ter uma atitude positiva. E nos dizia que os negros são bonitos, não são feios. Então, aquelas expressões como Black is beautiful e tudo mais fizeram parte desse universo, onde podíamos viver a nossa negritude da maneira que quiséssemos. Talvez essas não fossem as expressões exatas, mas era isso que estava naquele contexto. Logo em seguida, em 1984, eu saí dessa organização e entrei numa organização chamada IPCN, que era o "Instituto de Pesquisa de Cultura Negra". Fiquei lá um bom tempo. Ainda hoje funciona lá, na Gomes Freire. Estão tentando reabrir o IPCN. O IPCN só vai ter financiamento no final da década de 80. Não era a Fundação Ford. Eram as cooperadoras alemãs. Mas eu conheço pouco do que recebia o IPCN porque nós éramos oposição à direção, fomos oposição muito tempo. Quando eu entrei, a direção ficou nove anos a mais, então nós não tínhamos muitas informações. Mesmo que a Ford nesse momento tivesse começando a investir na coisa negra, não financiou a IPCN. Acho que o IPCN nunca teve dinheiro da Ford. Eu acho, na minha época nunca teve. Nessa época o Januário Garcia foi presidente por três gestões. Ele passou lá nove

anos nesse período, nove anos. Nós fazíamos oposição a esse grupo em todos os sentidos. Primeiro, porque havia uma leitura de que essa condução política da luta racista não podia passar pela perspectiva integrativa somente. Se você botar deputado negro, senador negro, presidente negro, empresário negro, resolve o problema. O que a gente chama de uma linha mais de ascensão social. Isso não era uma perspectiva desse grupo. Esse grupo tinha uma idéia, eu diria, mais revolucionária, entre aspas, inspiradas nas revoluções africanas, em que pese que o movimento negro sempre teve uma articulação muito internacionalista, sempre teve uma discussão muito forte sobre o Apartheid, uma discussão forte com a construção do processo de negritude francesa e também muito forte com os processos de direitos civis americanos. Então, esse nosso grupo de oposição estava mais na perspectiva de Amílcar Cabral, Patrice Lumumba, tinha a idéia de que essas coisas podiam ser mudadas de outra maneira, não da maneira que a política do IPCN estava conduzindo. E o IPCN agregava muitos intelectuais nessa questão, como Lélia González, mas também agregava pessoas de várias origens, de várias condições, então isso era bem interessante. Tinha um ou outro branco que fazia parte do IPCN, mas a maioria era de negros. E aí, foi nesse trabalho de oposição que nós fomos construindo encontros, atuando com a nossa forte veia organizativa, formando as lideranças, mais do que formar as lideranças, era uma coisa mais voltada para os encontros. Acho que nós fizemos algo em torno de dez encontros estaduais, e eu devo ter participado de quatro ou cinco desses encontros através dos quais foram organizados os encontros regionais e os nacionais, sobre a questão racial. E, na verdade, eu só vou entrar nessa discussão sobre mulheres negras, através do meu trabalho profissional. Eu trabalhei num projeto com jesuítas onde atuei junto a um grupo de meninos e meninas de rua. Na verdade, a história era a seguinte: eles tinham uma frente na Rocinha e se verificou que as crianças desciam para rua e não voltavam mais. Aí foi resolvido que deveríamos atuar com essas crianças. Mas, nessa ocasião, a pessoa responsável deslocou o projeto que ia ser feito na Rocinha, para São Gonçalo e para o Centro. Nós resolvemos fazer no Centro. Éramos duas pessoas, eu e mais um rapaz, que fomos agir com esse projeto no Centro. Foi até uma experiência super diferente. Em todas as discussões que travávamos sobre gênero, sobre raça, a gente implicava um tipo de movimento. Além do nosso próprio movimento que atuava com direitos, onde buscávamos obedecer ao estatuto [ECA] e tal, resolvemos trazer a discussão da questão racial lá no IPCN. Então, os jovens iam pra lá aprender capoeira, participavam das reuniões do movimento, enfim, de todas as atividades do IPCN. Depois do movimento feminista e do movimento de mulheres negras, as garotas iam para os encontros, para as reuniões. Às vezes um grupo pequeno, às vezes um grupo maior. Para os encontros feminista nós mandávamos uma garota, para o encontro das mulheres negras nós mandávamos seis garotas. Sempre a gente misturava, porque na verdade não tinha outro jeito de fazer esse aprendizado político se todos os movimentos não estivessem juntos.

Nesse trabalho, eu conheci duas mulheres, Cíntia e Cida que atuavam no movimento de meninos e meninas de rua. Cíntia era educadora e Cida socióloga. Elas resolveram dar uma cara diferente à questão desse movimento de meninos e meninas de rua, da qual eu não fazia parte, mas estava sempre muito ligada. Elas então começaram a discutir a questão das meninas e como já discutíamos, já tínhamos um trabalho voltado para meninas, resolvemos fazer um projeto junto. Então, foi juntando um monte de gente em torno desse projeto, pelo menos mais três, e elas foram visitando as organizações, perguntando porque as educadoras tratavam as meninas diferente. Tínhamos também um trabalho voltado para as meninas que eram mães na rua. A organização já trabalhava, tinha um financiamento da igreja católica, da Suíça, que financiava o projeto. Nessa época, o financiamento do governo era zero. Mas elas não tinham financiamento, mas faziam isso voluntariamente. Aí, montamos um grupo e fomos trabalhando essas informações.

Os cursos oferecidos para as meninas eram sempre voltados para essa característica da mulher. Então havia curso para manicure, para costureira. Já os cursos dos meninos eram para mecânica. Os meninos tinham chance de aprender coisas que as garotas não tinham. Mas acontece que tinha um negócio muito interessante que a gente foi aprendendo na rua: para os educadores, as meninas tinham o que era chamado de "defeito de fabricação". E isso foi muito legal, porque essa idéia foi construída dentro do Criola. O defeito: eram meninas. Na medida em que íamos pensando com elas, nada resolvia. Elas iam muito bem e, daqui a pouco, engravidam. Iam muito bem, daqui a pouco, se apaixonavam. Então, quando elas falavam sobre as meninas, quando elas desenhavam as meninas, elas as desenhavam com muitos problemas e todos os problemas tinha a ver com o fato de ser menina. Depois irei chegar nesse tema porque isso foi um trabalho muito interessante que o Criola fez. Então, se alguém engravidava (só menina por enquanto), se elas tinham outras aspirações como construir família, era um problema, então no final, tudo que se referia a menina era um problema, então era um defeito. Veja bem, a pessoa por ser menina, por ser o que era, se tornava, para a sociedade, um problema. Ficar grávida era um problema, preocupar-se demais com a família era um problema. Se ela não levasse o projeto adiante era um problema, no fundo, no fundo, ela era um problema, por isso colocamos esse apelido. Mas como chegamos nisso, direi já. Desenvolvíamos esse trabalho na rua, juntou com esse grupo, que organizou um primeiro encontro estadual de meninas. Juntamos 50 meninas e um monte de gente no apoio. Porque essas mulheres também eram danadas, elas iam conversando, conversaram com o bispo de Caxias, ele cedeu o lugar, conversaram com o Boal, ele fez uma oficina, foram lá conversaram com alguém de teatro, conversaram com sei lá mais quem e fizeram uma oficina de rádio. E aí as meninas falavam não só nas entrevistas que elas fizeram com as educadoras, mas, falavam nas oficinas o que as pessoas pensavam sobre elas. Esse encontro virou uma publicação através da Editora "Vozes", uma publicação mais trabalhada, não do Encontro, mas tem um relatório, ainda temos, e eu posso disponibilizá-lo. Isso foi muito interessante porque o símbolo desse encontro era um cata-vento e as garotas participaram da produção do Encontro, das discussões. Foi esse grupo que foi inventando essas coisas e, depois, é que nós fomos montando, através disso, uma rede chamada "Rede pras Meninas". Uma outra organização apoiou e nós trazíamos os educadores para dirigir essa discussão. Nós, esse grupo, Cintia, Cida.

Não, não éramos uma ONG, éramos um grupo, tentando montar uma ONG e, ao mesmo tempo, trabalhando cada uma no seu lugar. Cada uma tinha um emprego, tinha uma renda de outro lugar. A Mirta era psicanalista, a Cida era assessora parlamentar, a Cíntia era professora na escola Tia Ceata. Então, tinha gente de tudo quanto é lugar que foi juntando seus argumentos. Nós íamos fazendo isso, montamos essa rede que prosperou por algum tempo quando, primeiro, só juntava os educadores para tratar desse tema, depois, ela foi seguindo. Esses educadores eram pessoas que trabalhavam na rua ou nas instituições, mas não na escola. Tinha até gente que trabalhava em escola, mas a maioria trabalhava em instituições voltadas para a criança e o adolescente, ou na rua. Nesse ínterim, já um grupo de mulheres negras começa a pensar na formação de Criola. Formaram e me convidaram para fazer parte dessa formação. Eram Neuza das Dores, Jurema, Josina, Joselina (depois não segue mais nessa proposta) e Geni. Elas atuavam no CEAP [Centro de Articulação das Populações Marginalizadas], com programa voltado para mulheres. E tinha uma data que era chamada "Dia Delas". Elas iam em muitos lugares e passavam o dia discutindo a situação da mulher. E esse "Dia Delas" era muito legal porque nesses encontros eram realizadas oficinas e atividades de lazer baseadas apenas na pedagogia feminista.

Esse programa era voltado para mulheres de tudo quanto era lugar, não mais meninas. Mas eram mulheres que já atuavam na luta contra o racismo, o sexismo. Eram mulheres de favela, de periferia, mas também mulheres acadêmicas,

quaisquer mulheres. Elas se juntavam às vezes, convidadas, porque nesse período o movimento de mulheres negras começava a crescer, e o primeiro Encontro se dá em 88. Não posso falar desse Encontro porque não compareci. Mas foi um encontro marcante. Nele se firmaram as bases da organização de mulheres dali para frente. Na verdade, ele não foi um evento onde se firmaram as bases do que a gente chama hoje de Movimento de Mulheres Negras. Esse I Encontro Feminista que rompeu com a trajetória de pensar a mulher negra, aconteceu em Bertioga. Esse I Encontro demarca o rompimento com a idéia de um feminismo que nós discordávamos porque ele não olhava a mulher negra na sua integralidade. Quer dizer, ele tinha bandeiras e proposta que não afetavam as mulheres negras. É nesse encontro que vai haver o rompimento. As negras pegam dois ônibus, vão para lá para perturbar o juízo dos outros: "Não pode ser assim, não pode ser desse jeito". E aí já viu, dá aquelas confusões todas, uma brigalhada, mas se rompe com essa trajetória de que o feminismo em si era suficiente também para as mulheres negras. Ali se rompe com essa trajetória e se deixar mostrar uma coisa muito engraçada, porque as mulheres negras estavam mais interessadas no feminismo como perspectiva, do que propriamente no movimento negro como perspectiva.

Vou explicar. O feminismo trazia contradições muito mais graves do que o próprio movimento negro, porque o movimento negro era um movimento, especialmente essa ala que tinha essa perspectiva mais revolucionária, onde a luta das mulheres estava implícita na luta contra o racismo. Então, qualquer ação das mulheres que não fosse paralela, que estivesse subordinada e integrada ao que havia dentro do movimento, estava OK. Mas, se as ações das mulheres negras estivessem ligadas a algo visto como fora do movimento, isso representava uma ruptura, como se dizia no partido, um racha e era tomado como causa de enfraquecimento da luta. Se a luta era contra o racismo e se as mulheres negras se separavam, elas enfraqueciam a luta contra o racismo. Era a leitura daquela época. Qualquer movimento identitário enfraquecia a luta contra o capitalismo. Mas no movimento feminista eu acho que as contradições eram mais graves. Porque esse movimento trazia uma bandeira de trabalho. A mulher negra sempre trabalhou e o que a mulher negra nunca teve foi direitos em relação às suas condições de trabalho. As mulheres negras traziam necessidades muito parecidas com as mulheres brancas, mas de outra ordem: creche, escola, moradia, saneamento básico, que, naquele momento, eu diria, eram bandeiras mais secundárias, não eram as principais. E a mulher negra tem uma diferença, ela sempre andou em qualquer espaço. Sempre andou de noite, sempre andou pelas favelas, sempre andou pelos bairros, sempre andou pela rua, nunca teve um cerceamento, porque elas não eram consideradas coisas boas, então, elas andavam em tudo quanto é lugar, esse não era o problema. Por isso a história das mulheres negras vai se confundir com muitas histórias por aí, depende de quem conta. Eu acho que tem até hoje, essa é uma questão não resolvia. Por isso, se você quiser colocar qualquer feminista em cheque é só falar do trabalho doméstico, pronto. Fica todo mundo em cheque, sem saber o que vai fazer. Exatamente porque são dimensões da vida, da relação desses dois grupos que se podem constituir de fato num feminismo anti-racista, num feminismo mais democrático, se olharmos para as suas contradições e levá-las em consideração. As diferenças de classe estão presentes. A diferença de raça está presente e as outras dimensões da vida estão presentes nessa relação. Mas elas não são contraditórias a ponto de um rompimento. Elas são só contraditórias porque elas não são vistas como tal. Então, esse é um marco fundamental pra se pensar um movimento que possa abarcar todas essas dimensões. Não diria que ele abarca todas as dimensões da não discriminação, mas pode ir muito longe se quisermos.

Eu acho que o que o movimento pedia, naquele momento, exatamente, a oportunidade para refletir sobre essas dimensões que estavam presentes. Talvez a idéia de organização, de movimentação, vai aparecer justamente porque

esse era o momento quando todo mundo virava movimento, não importava o que fizesse. Então eu acho que isso é uma característica. Talvez hoje, posso estar falando uma besteira, quando observamos os movimentos com mais dificuldades de se apresentarem como tal, talvez hoje saibamos um pouco mais sobre essa dimensão do que é que se faz mesmo como movimento. E, ao mesmo tempo, a idéia de que o movimento só pode ser movimento se ele tiver bandeiras firmes, organizações que o sustentem. Eu vi uma mensagem de uma irmã, eu fiquei impressionada. Ela diz na mensagem que entrou um homem negro no metrô, sentou no lugar de idosos, deficientes e grávidas. Aí chegou alguém com esses requisitos e ele não quis levantar. Chamaram o guarda e quando o guarda chegou, tirou o cara. O cara reclamou, se exaltou, chamaram outro guarda e daqui a pouco estavam batendo no cara. O metrô parou e as pessoas saíram todas contra os guardas. Eu fiquei impressionada com isso. Pois é, para mim isso é movimento, é mais que movimento, porque as pessoas não precisaram de nenhuma reunião, nenhum estatuto, nenhuma regra para poder se manifestar contra a injustiça. Ela contou e eu fiquei impressionada com isso. Elas tomaram a dianteira, disseram que o cara estava errado, mas os guardas não deviam bater no cara e ponto. E foram lá e tomaram o cara das mãos dos seguranças. Eu achei fantástico isso. Em qualquer organização das mulheres, a discriminação das mulheres, o machismo, o sexismo estavam presentes, não deixaria de estar presente nessa discussão. Mas o problema é que, para o movimento negro, qualquer discussão desse nível compreendia uma dissidência, um desentendimento sobre qual seria o foco da luta. Então se admitia até a organização, desde que não fosse uma organização que rachasse o movimento, que tirasse as mulheres do movimento negro e que as levasse para o movimento feminista, por exemplo. Exatamente como nos sindicalismos. Só que as contradições aí eram bem menores do que no movimento feminista. Porque, nesse caso, tem a ver também com a situação dos homens negros, das mulheres negras, homens negros casados com mulheres brancas, mas, nesse caso das discussões do Movimento Negro, elas se baseavam mais no processo que melhor possibilitasse o tipo de tratamento que as mulheres queriam receber, assim como reivindicavam o lugar delas nesse processo. No caso do movimento feminista, havia também relações muito conflituosas porque as dimensões de classe eram mal vividas, assim como as relações de poder.

Eu não achava que havia determinados preconceitos da parte das mulheres negras em relação ao movimento feminista. Se assim fosse, não teríamos disputado o movimento feminista, teríamos deixado ele ir. Eu acho também que 1988 foi um marco de crescimento para o movimento feminista. Porque a base do movimento feminista é branca, classe média, classe média alta, mas com muita dificuldade de se ver numa posição em relação ao mundo. Porque ser mulher não é só ter uma vagina, não é isso. Essa perspectiva é que é transformadora, vir, ao mesmo tempo, ao encontro de todas essas diferenças que há na condição de ser mulher numa dada sociedade. Por isso, na verdade, se ela fosse incoerente não teria acontecido uma disputa.

A questão do não racismo brasileiro aparece, mas eu acho que na questão do feminismo o que estava em jogo naquele momento, eu posso falar de uma posição muito secundária, é que essa mulher que o feminismo advogava, ou advoga, já estava presente no seu interior, mas ela era desconsiderada por causa do racismo. Então essa mulher que anda, que trabalha, que cuida dos seus filhos, que tem independência, elas já existiam, nós, as mulheres negras, nós já fazíamos tudo isso. O não considerar essas necessidades significa dizer que essas mulheres não existem ainda. Que elas precisam ser emancipadas, elas precisam ter ainda...

As agendas das mulheres negras são muito diferentes. Hoje em dia, quando eu vejo uma mulher falar, que nós temos que ampliar nossos direitos no trabalho, eu falo: "Mas nós ainda temos 50 milhões de mulheres que não tem direito. É

uma inversão do processo". É lógico que isso passa pelas diferenças de classe. Legalmente são nossos direitos, na Constituição Brasileira. Então fingir que não existe, são seis milhões de mulheres. Quase 90% dos seis milhões de trabalhadores domésticos são mulheres. Essa não é uma bandeira do movimento feminista e não vai ser nunca, não será nunca.

O movimento feminista não quer dizer de mulher branca, mas essas contradições que aí perduram são muito fortes, a sua condição ainda é de mulheres brancas. Quando você puxa o rol da lista de mulheres que conduzem o movimento feminista no Brasil, elas são brancas. Tem lideranças, ícones, mas a maioria, que conduz essa bandeira, é branca.

A representação da mulher negra é compartilhada por toda sociedade. Porque ela é ideológica. Se ela não fosse ideológica, seria mais fácil desconstruí-la, mas ela é ideológica. Em algum momento, todo mundo vai partilhar dessa mesma perspectiva, que as mulheres negras não são tão inteligentes, que elas são lascivas, não são confiáveis, que seu lugar na sociedade é em trabalhos inferiores, ou que nós não estamos preparadas para exercer o poder como qualquer outra pessoa.

Se fosse dito seria mais fácil resolver mesmo que fosse na porrada, ou mandar a pessoa à merda. Mas essa ideologia se manifesta em tudo, se expressa até nos elogios que as pessoas nos fazem. Quando a gente acaba de falar, mesmo que, na verdade, tenha sido bom, mereça elogios, muitas vezes as pessoas demonstram até uma surpresa: "Como você conseguiu somar com b e dar b?". Então é um processo complexo. É também no abandono do movimento, quanto mais o movimento vai se perifizando, quanto mais ele vai escurecendo, também algumas lideranças abandonam o movimento como tal e não ficam para fazer esse debate. Muitas ficam, mas algumas se vão. E também isso não quer dizer que o entendimento sobre o sentido de ser mulher negra, foi modificado. Porque às vezes uma pessoa nos tira desse lugar da representação dessa mulher com esses defeitos e passa a nos representar como vítimas e olha para aquela mulher, coitada, que não vai se capacitar, não vai sair do lugar. Ou, por outro lado, diz que não temos defeito nenhum. Se vamos mandar alguém para uma reunião, as pessoas que fazem o convite dizem: "não, manda assim, assado". Não te perguntei nada, não te perguntei que tipo de pessoa que você queria para participar. Mas a pessoa, no caso, já faz um desenho. Às vezes, as nossas agendas, das mulheres mais conhecidas, ficam lotadas, exatamente por isso, porque elas não acreditam que possa ter outra mulher negra que possa falar alguma coisa e ser considerada. Porque uma coisa é eu dizer uma coisa da forma que eu digo, outra coisa é outra pessoa dizer a mesma coisa de outra maneira. No nosso caso não tem tanta gente e eu não sei dizer, nunca fiz essa comparação com outros seguimentos sociais onde os brancos são os palestrantes. Eu só sei dizer que isso é uma variável do racismo. Quando alguém convoca ou convida um palestrante do Movimento Negro, escolhe aquela pessoa de quem já se conhece o que vai dizer e se tem a certeza de que o resultado daquilo que ela quer vai acontecer. Então, se alguém me aborda assim: "Eu queria que você falasse numa mesa sobre saúde" e eu responder: "ah, eu não posso, mas tem fulana, é agente de saúde, é de não sei onde, ela pode falar, a resposta já é esperada: "Ah, mas a gente queria tanto você." O convite estava dirigido a alguém capacitado para participar de uma discussão sobre a questão racial, ou de saúde, ou ela me queria? Aí, bom, por orgulho, eu posso até achar que ela me queria. Mas não, ela queria ter um padrão, uma forma de experimentar essa relação que fosse segura para ela, senão ela aceitaria a minha indicação. Se isso acontece com os brancos, eu não faço a menor idéia. Eu só sei que quando a gente está na mesma posição, essa posição não se reflete com as mesmas condições que o negro. Mas eu acho que o problema

dessa tensão tem a ver com a idéia de competência, mas também tem a ver com a idéia de que nessas relações algumas características ficam presentes. Então, por exemplo, no campo da militância, se a Claudia é a pessoa que vai tratar sobre o aborto, eu nunca vi a Cláudia tratar sobre aborto, eu nunca vi a Cláudia escrever sobre aborto. Mas se a organização dela supõe que ela que deva fazer esse papel, o que me importa, se eu nunca li o que a Cláudia escreveu? Ela está indo representar aquela organização e falar sobre aquele tema e dane-se, ela que se prepare e vá falar. Mas quando se olha para tal ou qual organização, não há uma apenas uma, mas uma rede, e se diz: "Não, só pode ser fulana, tem que ser fulana". Isso é porque essa pessoa quer garantir que aquele tipo de possibilidade não lhe traga nenhum desconforto. Por isso é que em determinados lugares, a primeira coisa que perguntam é sobre os nossos títulos. Mas não é só porque querem nos apresentar, falar das nossas qualidades pessoais, é porque querem ter a segurança de que aquilo vai dar o resultado que querem obter.

Estamos ainda muito lá embaixo, e há muita coisa em cima. Se olharmos para a realidade anterior, observaremos que mudou muita coisa. Eu acho também que, em alguns aspectos, mudou para melhor. Eu acho que o movimento feminista hoje, como a Cláudia fala, tem uma experiência de enfrentamento do racismo que nunca tinha acontecido dessa maneira desde a sua origem. Se isso é concreto, positivo, podemos avaliar, aqui está certo, ali errado, mas hoje é um trabalho político feito por nós. Então, quando alguém fala daquele livro da Schumma (aquele livro dela dá o que falar), destaca o fato de uma mulher branca ter feito um livro com a história da mulher negra. Bom, eu não faria um livro como a Schumma fez, faria outra coisa. Mas o fato de uma mulher branca ter feito um livro sobre mulher negra, não significa que nós perdemos com isso, significa que tem gente que aposta nessa temática e pode fazer isso também. Porque isso é um problema nosso, se a gente vive na invisibilidade, quem nos coloca na visibilidade ajuda a tirar essa invisibilidade. É lógico que os ângulos de visão são diferentes, não serão da mesma forma.

Bom, eu estava em 1988, fazendo o quê? Não, eu só saí do IPCN muito tarde. Depois que o Criola foi fundada em 1992. Depois desse período, eu fui lá justamente para fazer essa discussão sobre criança, adolescente. Jurema, Geni, Neusa, tinha mais gente, não me lembro. Josina, Joselina que depois não continuou. Eu não fiz parte da primeira fase. Eu farei parte da fase da fundação em diante. Porque, nessa fase anterior à fundação, esse grupo era o que atuava num programa de mulheres do CEAPP, quando começaram a pensar numa estrutura política voltada para a mulher negra. Porque o Brasil sempre teve organizações de mulheres negras. Algumas já estão com 30 anos, por aí. Mas a maioria nascia e morria, passava um tempo e morria. Por exemplo, tem uma no Maranhão, "Mãe Andreza", que tem 30 anos; "Maria Mulher", no sul, "Geledés", São Paulo, fez 21 anos agora. Existem outras por aí, algumas organizações muito antigas, com essa discussão da mulher negra. Antes de me convidarem para fazer parte do Criola, já havia uma articulação através do programa de mulheres pelo CEAP. Mas, quando me convidam já estavam no período da fundação, da constituição do estatuto, da proposta. E eu fui para continuar esse trabalho com criança, adolescente, meninas, nessa perspectiva de juntar geração, porque a discussão do feminismo também era muito pautada nas mulheres adultas. Precisávamos que essa discussão estivesse desde cedo, para não chegar lá no final e termos de recomeçar tudo. E também porque a discussão sobre geração trazia para nós, mulheres negras, alguns dilemas. Como eu disse antes, quando fizemos aquele trabalho com as garotas que gerou um encontro, a realidade das garotas era muito parecida com a realidade que eu vivi, mas tinha uma diferença, porque eu não cheguei na rua e elas chegaram na rua. Essa diferença tinha a ver com outra mulher que segurava a onda. Mas a gente já encontrava na rua três gerações de mulheres que, ou foram internadas, ou já estavam nesse processo, sem nenhum tecido social de proteção há algum tempo. Quando eu cheguei para trabalhar e já me deparei com três gerações constituídas na

rua: avó, mãe e filha, pensei que alguma coisa nesse processo tinha rompido, acabado ou piorado. Não deveria ser apenas a pobreza que fazia com que essas pessoas chegassem nesse nível. Essa inquietação era porque eu vivia na mesma situação que elas e não cheguei lá e elas chegaram. Foi pensando nisso que eu achei que quanto mais a gente focasse no trabalho com as meninas, mais facilmente a gente entenderia como essas coisas aconteciam.

Não faço muita distinção entre meninas que eram bem pequenas com oito, nove, dez anos, até mocinhas de 21 anos. De qualquer maneira era uma experiência que só envolvia as meninas, e depois elas iam reproduzir isso com as filhas. O modo como essas meninas eram tratadas, a violência, a forma de cuidar foram me fazendo desistir desse trabalho. A rua foi ficando muito difícil, nessa época eu enterrava quatro por mês, era muito difícil, era muita violência. Menino, geralmente menino. E aí, quando aconteceu a chacina da Candelária, as coisas ficaram muito mais complicadas. E aí também já deu um desânimo, porque não queria mais esse trabalho de ficar enterrando os outros. E aí eu já tinha uma concepção mais profunda de que havia alguma coisa nessa relação com as meninas que ia ajudando na reprodução dessa expropriação que no final afetava todo mundo. Aí começamos a desenvolver esse trabalho no Criola, e a partir daí chegamos nesse conceito.

Criola foi fundado em 1992, Como ONG, direto. Mas eu ainda sigo, até 1997, trabalhando na rua. A diferença é que esse trabalho vinha sendo discutido e ampliado, desde 1988, quando as garotas estavam se construindo, pensando. Em 1992 fundamos mesmo, como grupo, como instituição, com estatuto e tudo. Em 1993, recebemos nosso primeiro financiamento que possibilitou estruturar a organização. Era da Fundação Heinrich Böll, que hoje é uma fundação do Partido Verde Alemão. Na época apoiava muitas ações em relação a isso. Nessa perspectiva, começamos a trabalhar com as meninas e com várias coisas. Uma, era um encontro que a gente chamava "Eu sou Neguinha", que juntava as meninas, filhas de militantes, meninas da escola pública e elas passavam um dia com a gente fora da cidade ou na cidade, com uma série de oficinas, desde origami, dobradura, até autodefesa. Era um dia onde levávamos para elas a perspectiva de pensar sobre o racismo, o sexismo, e trabalhando com elas várias alternativas para enfrentar esses problemas. Havia um lugar onde reuníamos todo mundo. Uma vez era na nossa sede, outra vez era num clube, outra vez uma sala, em algum lugar. Acontecia uma vez por ano. E ali a gente juntava 60, 90 meninas, dependia das nossas condições financeiras. Elas atuavam em várias oficinas o dia todo até fecharmos aquelas idéias que tínhamos proposto inicialmente. Um dia só e depois íamos embora. Era legal porque bem antes de acabar, as pessoas já queriam montar outro encontro. Mas era super-cansativo por ser o dia inteiro de trabalho, com vários grupos: meninas de escola pública, de internato, de rua, filhas de militantes, eram muitas. Normalmente eram meninas nessa faixa de 12 anos, embora às vezes houvesse até crianças. Nessa época, o movimento realizava muitos encontros. As crianças iam e ficavam apenas se divertindo na piscina, até que resolvemos trabalhar também com elas, dar tarefas para elas e isso se transformou num momento bastante rico. Junto com esse "Eu Sou Neguinha", investimos na formação de educadores para que eles trabalhassem com essa dimensão de gênero e raça. Esse programa englobava, portanto, os educadores e as meninas com quem já trabalhávamos numa formação contínua. Nesse processo, descobrimos que as meninas tinham um defeito e que aquele defeito não se resolvia. Esse "defeito" foi descoberto nos trabalhos de oficina com um grupo de meninas e um grupo de educadores. Os educadores desenharam as meninas e, nos desenhos, essas meninas apareciam machucadas; pareciam prostitutas com roupinhas curtas e peitos de fora; estavam grávidas; enfim, tudo que eles achavam de ruim que pudesse acontecer com as mulheres, eles metiam lá no desenho que faziam das garotas. De um lado, estavam esses educadores, pessoas que trabalhavam na rua, que eram professores de escola pública, ou dirigiam instituições. Do outro lado, as meninas. Esses educadores fizeram os tais desenhos das meninas, mas não conseguiram fazer a outra parte do trabalho, que era propor

algo que pudesse dar certo nessa intervenção sobre a vida delas. Da parte das meninas, foram apresentados três esquetes sobre a própria situação delas, o que foi muito louco. Somente no final, foi que mostramos como eles as viam e como elas se viam. Elas mostraram seus trabalhos antes deles. Assim, no primeiro esquete elas representaram uma mocinha que está em casa e é surpreendida por um grupo de extermínio que mata o seu marido e começa aquela confusão: a garota sai correndo com os filhos, vai à polícia, nada resolve e então ela se volta para o educador: "Olha, aconteceu isso, isso, isso". E o educador devolve para ela: "Mas como vocês se meteram nessa história, que bandido, tá vendo? e agora?". Aí ela pergunta: "E agora? Agora você tem que se virar, você se vira.". Ponto, acabou aí. Depois, o esquete da garota que vai para escola à noite, chega lá na biblioteca e pede um livro. Aí a mulher diz que não vai emprestar: "Tu é negra, vai sumir com o livro, vai estragar o livro". Aí ela se volta para o educador e pergunta: "Olha, criei o maior barraco, quebrei a banca toda, fiz acontecer". O educador: "Tá vendo? você só fez isso porque de fato você ia estragar o livro". Isso era elas falando o que imaginavam o que eles iam fazer com elas. E no terceiro esquete havia uma menina que aparecia grávida, e falava com um sorriso: "Estou grávida". Aí, todo mundo: "Ahhh" e olhava para a cara dela e começava a falar um monte de coisas ruins. Quando findaram as apresentações dos esquetes, as meninas disseram: "É assim que eles nos vêem". Era assim que elas percebiam os educadores, sempre tapando o sol com a peneira. E depois, quando eles mostraram os desenhos deles, foi incrível, desencadeou um debate enorme, através do qual elas mostraram que eles eram ineficientes para tentar ajudá-las a resolver os problemas que não eram apenas delas, mas que havia um contexto a ser considerado. Eles só mostravam que os problemas eram não apenas delas, mas que elas eram o problema, daí a conclusão de que elas tinham defeito. Aí a gente chegou nessa idéia da fabricação com defeito. E aí ficamos trabalhando um tempo com essa idéia. Uma vez a gente quis pegar aquele Marcelo Paiva por isso. Uma vez, na charge dele, o "Gatão de meia idade" constrói uma mulher clone com quem ele fica falando: "Que a mulher é maravilhosa, isso e aquilo, mas só tem um defeito: ela é lésbica". Aí malhamos o cara, mas não conseguimos nada porque o movimento feminista achou que isso não tinha problema nenhum. Nós passamos um tempo trabalhando essa idéia do defeito de fabricação, de alguém que nasce mulher e, portanto, traz esse defeito o que foi bastante interessante. Aos poucos, fomos depurando esse trabalho.

Quando começamos o Criola, tivemos que "departamentalizar" a instituição por causa do financiamento. O financiador queria saber o que iríamos fazer, e não se podia fazer a cada dia um negócio diferente. Assim, passamos a trabalhar com uma perspectiva direcionada para a cultura, e focada nas questões da identidade, na construção da identidade. Isso nos levou à oficina da beleza, chamada "Obirim Odara", mulher bonita. A idéia era trabalhar com as mulheres esses dilemas de ser mulher negra, a coisa do cabelo alisado, a desconfiança que nos tirava o poder de vestir muitas cores, do dever ter um tipo de comportamento. Tudo isso estava intimamente relacionado com essas atitudes do "embranquecimento". Então, o "Obirim Odara" tratava da cultura, do respeito a essa cultura, da história do resgate da história de cada uma, de onde vínhamos, o que fazíamos, a importância do nosso nome, tal. Tudo passando pela beleza. Então passamos quatro, cinco encontros tratando de melhorar a nossa imagem, de trabalhar a aceitação de determinadas condições: o cabelo é o que é, podemos até botar para um lado, pintar, bordar, mas era preciso entender que este é o nosso cabelo, não iríamos ter outro. Essas coisas faziam parte daquele processo de embranquecimento. Depois, o Criola criou toda uma área voltada para saúde e enfrentamento da violência, logo que foi fundado. Construímos um serviço de SOS, mas, depois, perdemos essa dimensão porque foi projetado como um negócio muito grande. Mais tarde, fundamos um programa de direitos humanos, mas não um programa de atendimento à mulher, vítima de violência, como já houve no ano passado, que tinha sido a idéia de uma equipe. A mulher era tratada por essa equipe, que a levava para delegacia e tal.

A violência, no nosso caso, naquela época, estava muito centrada na questão da mulher, relacionada a qualquer forma de violência que a mulher sofresse. Hoje está muito mais centrada na idéia dos ambientes de violência que afetam as mulheres. A idéia que prevalece agora é a de que a gente vive em ambientes de violência e esses ambientes "vulnerabilizam" as nossas vidas, criando situações nas quais somos afetadas por essa violência também.

Assim, não é raro encontrarmos pessoas que nunca tenham sofrido qualquer experiência do tipo violência doméstica, mas moram num lugar onde não descansam, não dormem direito ou têm que obedecer a regras, ou estão expostas a situações que são violentas. Portanto, fomos focando um pouco mais no viés do espaço público, que é também um dos lugares que onde nos sentimos mais inseguras. Onde o racismo acontece? Geralmente no espaço público. Transforma-lo em demanda, em política pública ou em caso jurídico, depende da situação. Mas lá no começo não. No começo tínhamos em mente essa idéia mais clássica, feminista, de atender a mulheres que sofreram uma violência direta qualquer, sempre com o foco nessa dimensão do racismo. Todo esse trabalho com crianças e adolescentes do qual estou falando aqui, nos ofereceu uma compreensão dessa coisa ligada à cultura, e a necessidade de apoiar as artistas, as artesãs. Então, em tudo quanto era lugar que nós íamos, procurávamos as feiras, um espaço qualquer para levarmos aquelas produções. Até porque essa identidade se referia a uma auto-imagem, a um jeito de ser que não estava ainda presente no mercado. Hoje, podemos comprar tudo no mercado, mas antes nós comprávamos diretamente das artistas. Eram elas que nos ofereciam as roupas, as pulseiras, as vestimentas que ajudavam a fortalecer essa identidade. Eram elas que faziam nossos cabelos e era esses grupos que sempre apoiávamos, no sentido de aprofundar mais o aspecto cultural. Esse aspecto cultural abrangia também a dança, as performances, a música, tudo aí. Tinha uma parte também que servia ao reviver o dia delas, que mais tarde chamamos de ações integradas, através das quais partíamos em bloco para um lugar e ficávamos lá um mês, por exemplo, na Babilônia, fazendo oficinas, uma vez por semana; ou na Providência. Às vezes ficávamos dois sábados direto só num lugar. Íamos num sábado, depois no outro trabalhando com as mulheres apenas esses temas: auto-estima, direitos, integração do grupo, saúde.

Em curto tempo observávamos um resultado legal. Bastante. Porque depois, isso ia se desdobrando na presença delas, em outros espaços. Na verdade, o que mais ajudava na formação ou transformação eram os encontros. Os encontros têm uma capacidade de formação mil vezes maior do que o nosso trabalho mesmo. As mulheres quando encontram feministas, que são também mulheres negras, elas desenvolvem novas idéias, ganham outra cabeça, vivenciam outras experiências. Esses encontros estimulam essas mulheres a participarem desse processo. Isso depois virou um "boom" em tudo quanto foi lugar. Foram crescendo as demandas para que nós fôssemos aos lugares. Às vezes começávamos com um grupo nos pedindo uma oficina e depois aquilo ia desdobrando por um tempo. A partir disso, aprofundamos um pouco mais as informações sobre saúde que divulgávamos através de boletins, de encontros, com a finalidade de sedimentarmos esses conceitos. Aos poucos, fomos montando feiras de prestação de contas do nosso trabalho, que era um festival de arte, onde nos juntávamos a outros grupos para mostrarmos o que tínhamos feito em um ano. Formavam-se turmas para realizar oficinas de saúde, que se tornaram as mais interessantes, porque as mulheres tinham a oportunidade de verem desde a cartomante que joga I Ching; àquela que mexe com ervas; àquela outra que joga búzios; mais alguém que faz Reike; até as oficinas onde se falava sobre anemia falciforme. Num encontro como esse, juntava-se tudo isso. Depois, fomos entrando na parte mais política. Aí envolvíamos não só a parte das denúncias, do acompanhamento, como a questão, por exemplo, da esterilização. Isso porque o Criola também nasceu prioritariamente com essa vocação voltada para a ação política. Estávamos

posicionadas contra a esterilização de mulheres negras. Tanto que até hoje não aceitamos determinados lançamentos, por causa disso. Um pouquinho antes da fundação do Criola havia um movimento enorme, onde essas mulheres que o fundaram também já faziam parte, como eu também, mas algumas delas compunham a equipe diretora de ações contra a esterilização. Havia uma política de esterilização no país, através da qual haviam sido esterilizadas muitas mulheres negras, muitas. E aí, essa ação política que vai constituir o Criola como uma organização, tem como mote a defesa dos direitos das mulheres, levando esse ponto em consideração.

Alguns financiamentos são condicionados a isso. Algumas dessas organizações financiaram essa política. Eu estou de acordo com o slogan, bem lembrado: "A polícia mata e a esterilização não deixa nascer". Isso vale para todas as campanhas contra o extermínio, que se dá um período até bastante complexo.

Eu acho o seguinte, uma sociedade é moldada pelo seu tempo. Hoje em dia uma mulher que quer ter cinco filhos, ela é até vista como doida, mas ela quer ter cinco filhos. Qual o problema dela ter cinco filhos? É porque ela é pobre, é porque ela tem que estar no mercado, ela tem que ser a cientista, a política? E por isso ela não pode ter cinco filhos? Por isso eu acho que o sentido do planejamento familiar tem um sentido político que é o controle da população de determinado país. O nome "Planejamento familiar" é só para dizer para aquela mulher que ela não vai poder ter cinco filhos. Para mim é isso. O problema é que se ela procura voluntariamente aquele tipo de conduta e diz, realmente: "Eu quero ter cinco filhos, mas eu não posso, só posso ter dois, eu e meu marido queremos sentar para saber sobre isso". Mas hoje, o que é o "Planejamento familiar"? Entram numa Unidade de Saúde, as mulheres recebem as informações, o anticoncepcional, ponto, acabou. Ninguém conversa com os maridos delas e nunca vai saber se ele tem esse mesmo interesse ou não. Do mesmo modo que acontece como a esterilização feminina, acontece no caso dos homens com a submissão à vasectomia. Por tudo isso, eu acho que essa situação ainda é muito complexa. Não vou dizer que sou a favor do planejamento familiar, porque o que eu vejo do que aí está, não tem nada, absolutamente nada, a ver com o "Planejamento familiar" dentro da perspectiva que acredito que devesse acontecer. O estado tem obrigação de fazer o controle da população, nós sabemos disso, mas esse controle tem que levar em consideração, especialmente no Brasil, que a população jovem é muito menor, enquanto a velha cresce cada vez mais. O governo poderia fazer isso levando em consideração as necessidades e os desejos das pessoas. Mas porque ela está voltada para a população pobre? Porque hoje se uma mulher de classe média chegar num posto de saúde e disser que quer fazer uma ligadura de trompas, por exemplo, que é o modelo daqui, hoje, eles não vão fazer isso para ela. Eles vão dar uma enrolada, marcar consulta, vão arrumar um monte de problemas para não se aproximar desse processo. Porque o cara já acha que essa mulher é uma pessoa esclarecida, tal, tal. Mas quando se trata de uma mulher pobre, o cara não duvidará, ele a encaminhará para o uso do anticoncepcional, e raramente sairá lá com uma cota de camisinha, raramente sairá de lá com outras possibilidades de fazer o controle, levando em conta o seu desejo, a partir do seu interesse. Porque hoje é um problema para mulher ter filho. Qual é o problema? É porque o mundo não suporta mais tanta gente? Ela não pode ter esse direito, isso não é um direito dela? O direito dela agora é estudar, não sei que e um dia quem sabe... Isso foi na nossa época que a gente tinha que fazer escolhas, mas hoje em dia as possibilidades são muitas. Eu mesma conheço uma garota que aos 21 anos o plano dela era: "Vou me formar, vou trabalhar e vou ter dois filhos". E ela tem dois filhos. No começo, quando ela falava isso, diziam: "Nossa, tu tá maluca, tão nova, tem esse filho lá nos 30 anos". Mas era a vontade dela. Em relação às camadas pobres, as políticas públicas nunca são respeitadas. Porque essa idéia do controle da natalidade, do planejamento familiar tem a ver com certo controle da pobreza. Ela não é explícita nesse sentido, mas é explícita no sentido de que um pobre reproduz outro, igual a rato. Então é melhor

controlar do que deixar expandir. A fala do governador é essa, de que são as mulheres das favelas que criam os marginais, que formam os marginais, e a do secretário de segurança também, de que a criança pobre que nasce, já foi gerada bandida.

Eu acho assim, quando ela não quer, ela não quer. Ela usa dos artifícios da prática do aborto, quando ela não quer ou ela não pode, ela não vai ter. Acredito nisso. Qualquer mulher. Eu acho que o desejo, a subjetividade sempre apontam um caminho. Às vezes ela não está nem pensando no filho, mas está pensando naquele amor, naquilo que ela projetou, naquilo que ela pensou, na família que ela desenhou, que ela pensou, depois no concreto é outra coisa, mas é isso. E tem muitas mulheres que gostam de ficar grávidas, eu acho que tem. Tem que mulher que gosta de parir, tem mulher que não gosta de cuidar, tem mulher que gosta de cuidar, tudo isso precisa ser visto. Às vezes a gente generaliza muito. É lógico que a gente está olhando para pessoas pobres, então logo para elas tudo vira problema, mas tem muita mulher rica que não cuida dos seus filhos, quem cuida é alguém. E tem mulher pobre que não gosta de cuidar. Só que ela não tem para onde correr, ou ela cuida ou a criança vai se danar. E tem outras que nem vão cuidar, não vão gostar, vão achar ruim, vão até amar a criança, mas não vão querer ficar com ela.

Agora o Criola tem um projeto político eminentemente voltado para o controle das políticas públicas. Busca ajudar a construir as políticas, a controlar as políticas. A metodologia para realizar esse propósito, tem duas pontas. Uma, trabalhando com as mulheres de modo geral, um grupo que chamamos de "Parceiras preferenciais" nessa ação política, que são domésticas, catadoras, lalorixás, ambulantes, mulheres que estão em situação de vulnerabilidade que precisam dessa reflexão e ajuda. Mas porque são mulheres negras na sua maioria, e muitas enfrentam intolerância religiosa. Com elas, discutimos ações políticas que são necessárias e fundamentais para nós, de um modo geral. Isso também as ajuda a compreender essa linguagem, essa linguagem do mundo do legislativo, do judiciário, do executivo, da sociedade, para elas continuarem desenvolvendo as ações que elas já desenvolviam. Algumas têm ações assistenciais, outras têm ações políticas e a partir daí trabalhamos esses objetivos. Elas já são parceiras nossas em algum momento. Elas nos chamam para trabalhar com elas e nós fundamos núcleos nas comunidades onde elas estão. Por exemplo, tinha uma mulher em Água Santa que fazia parte da "Rede de religiões afro-brasileiras", em saúde. Nós tínhamos um projeto de acompanhamento de núcleos de saúde e AIDS. Uma das moças que trabalhavam conosco nesse núcleo, formada por nós como agente formada, foi realizar um trabalho com ela. Ela gostou do trabalho e depois nos procurou. Então nós a preparamos para ela mesma fazer esse trabalho. Então, organizamos cursos, oficinas, onde as técnicas são desenvolvidas para que as mulheres sigam trabalhando nas suas próprias comunidades. Às vezes seguem da cabeça delas, às vezes seguem o que a gente fala, mas sempre ações que se iniciam a partir do que nós desenvolvemos.

Qual o sentido de estarmos com o nosso foco direcionado para as políticas públicas? Não do modo tradicional, feito inclusive por nós, como feministas. Estamos construindo um método a partir da nossa experiência com o racismo e o sexismo e outros modos de políticas. Já conseguimos constituir um plano de política de mulheres com um eixo de luta contra a discriminação racial, o sexismo e a "lesbofobia". Estamos ajudando na construção disso, na forma como isso vai operar na prática, no dia a dia das políticas. A intenção é encaminhar ações em políticas públicas, por isso a nossa luta para entrar no clã, como agora que estamos lutando para trabalharmos juntas para construirmos esses "transciclos", essas bases para a política operacionalizar essas experiências. Por outro lado, isso não é suficiente. Então ao mesmo tempo que lutamos, lá no ministério da saúde, para que haja uma política voltada para a saúde da

população negra, e esta política seja realmente implementada, estamos também começando a pensar como é que podemos mudar essa estrutura do estado brasileiro no funcionamento das políticas públicas, que não são específicas, mas tematizadas. Se precisamos de assistência, só a política de assistência pode oferecer esse serviço; se precisamos de casas, só a política de habitação pode dar cobertura a essa demanda; se precisamos de apoio para a saúde, só a política de saúde vai dar as condições propícias. Quando chegamos ao patamar da saúde, a condição de quem está passando fome, não leva ninguém a olhar para isso. Quem está sem casa, não vai ser olhado por ninguém, nesse sentido. Então a gente está pensando como integrar essas políticas.

Como a pessoa que passa fome pode se integrar? Porque o corpo já fica com uma pessoa, a cabeça com outra, a moradia com mais outra e, no final, não se conseguem ter articuladamente esses direitos. Então essa é uma experiência que estamos começando a desenhar, não sei se vamos conseguir. Se não, seremos obrigadas a nos dividir: Temos que lutar contra a violência, lutar contra não sei que, ampliar o direito da saúde, ampliar a democracia desse país.

A questão da cultura para nós, hoje em dia é tão atacada por todos os lados, que nos se viramos onde há condição de virar. Algum tempo atrás, nós montamos um trabalho com as meninas do hip hop, tínhamos um grupo de teatro para direitos humanos. Agora, os recursos são mais curtos, mas também as emergências dessas temáticas também são mais prementes.

Tem muita gente atendendo a cultura mas não atendendo aquilo que achávamos importante. Sonhamos em montar um livro sobre a história das mulheres. Porque os Estados Unidos tem muitos livrinhos que contam a história da fulana, da beltrana, da cicrana, são livros pequenos, que se lê e se conhece a história da pessoa. Queremos nos envolver com histórias de mulheres negras, vivas e mortas. Nós já tentamos fazer isso há muito tempo, através de um projeto lá no Criola, mas não nunca conseguimos os recursos. Temos um projeto lá que é muito interessante: constituir os marcos da presença das mulheres negras na cidade. A cidade do Rio de Janeiro é cheia de marcos onde as mulheres negras atuaram. Nossa idéia era botar uma plaquinha: "Aqui, fulana", "Aqui, sicrana". Por exemplo, a rua chamada Pequena Arca: "Aqui nasceu fulana", "Ali Morreu cicrana". Mas não conseguimos ainda fazer isso porque não temos grana, as instituições não dão grana para isso. Se não formos atender mil crianças ou mil não sei quem, ninguém dá para isso, para essa parte. É nesse sentido que a gente pensa cultura agora, não no sentido da manifestação. Nós montamos agora um conjunto de dados à serviço da pesquisa. Um garoto queria muito fazer um estágio lá no Criola. Então nós propomos que ele fizesse o material. Porque tem um grupo tentando. Esse grupo se reúne de vez em quando para desenhar esse material, mas ainda não conseguiu recurso. Nós andamos também numa fase muito ruim financeiramente. Então ele constitui os livrinhos numa caixa box, com CD para esse fim, bem bonito. É um produto do trabalho dele. Mas essa produção ela fica muito parada nos órgãos públicos, inoperante, porque os órgãos públicos querem atingir um determinado público. Então se apresentarmos um projeto que vai atender mil crianças, o estado topa na hora, mas se dissermos que vamos fazer um livrinho para distribuir com as pessoas, eles não topam. Ainda não temos esse material para os livrinhos dos quais falei. Temos ainda que pesquisar e fazer levantamento do material, das histórias. A "Redeh" tem um banco de dados que pode ajudar muito nisso. Mas vejamos, nós propomos um trabalho de cultura que é assim: redimensionar a biblioteca que já temos e é até razoável. Junto a essa biblioteca faríamos encontros, chamados "diálogos feministas" convidando pessoas para apresentar suas posições em relação a determinados temas a partir dos seus trabalhos. Baseado em seus estudos e, assim,

compartilhar suas produções com a comunidade. Então a idéia é fazer isso e editar o material, porque existem algumas estudiosas cuja produção jamais será publicada, mas o projeto não passou na segunda fase, que correspondia ao mérito, aí ele perdeu. Ficamos chateadas, porque nosso projeto perdeu no mérito, logo na secretaria de cultura? Mas quando eu peguei o rol dos projetos, todos eles envolvem pessoas, e é muita gente, é encontro, é oficina. O nosso era quase que intimista nesse sentido. Reuniria pessoas para pensar, então não é mais essa idéia da cultura popular, entre aspas.

Temos alguma coisa na área digital e mais uma proposta de publicação da memória, da produção literária e dos manuais de trabalho que as mulheres vão usar. Fizemos muitos intercruzamentos, mas nunca conseguimos dinheiro para isso. Ainda temos outra proposta, um pouco diferente, que é convidar mulheres para escrever livros. Então já pedimos a Mãe Beata um, para ela escrever a história de mulheres. O que a gente quer que ela faça? Que ela escreva desde a história de um Orixá feminino até a história das mulheres que ela conheceu ou conhece e que ela conte, que ela escreva essas histórias. Pensamos até mesmo em Obata que morreu em 2006 e tinha uma produção musical enorme de sambas que nunca foram gravados. Então nossa idéia era contratar um grupo que cantasse os sambas da Obata, porque as filhas dela conhecem todos os sambas dela, para que pudesse cantar e gravar. Agora estamos cheias de problemas com essas prestações de contas, tentando resolver isso para conseguir escapar. Houve duas passagens importantes, uma, quando Luiz Eduardo assumiu uma pasta no governo do estado em 1999, e eu trabalhei com a Sílvia. Outra, quando trabalhei no movimento homossexual com o Minc, na assessoria parlamentar. E aí o movimento homossexual tinha uma relação forte com o Minc e fizeram uma ação no carnaval contra a homofobia e deu super certo. E aí eles aproveitaram esse enredo pra construir um disco lá na Assembléia. Ocorre que o Luis Eduardo assumiu, Sílvia assumiu com Luis Eduardo uma subsecretaria e fizeram essa conversa. E nessa conversa nasceu o DDH (Disque Defesa Homossexual). Aí o Minc me destinou para secretaria para fundar o DDH, para constituir o serviço na equipe da Sílvia.

Esse serviço era um serviço voltado para lésbicas, homossexuais, travestis, transexuais e funcionava com um grupo de voluntários da sociedade civil que operava dentro da secretaria. Então a gente montou a forma de funcionamento junto com o ISER, na formação do banco de dados. Funcionou até pouco tempo atrás e eu ainda fiquei lá um bom tempo. Parece que vai ser reativado. No governo Benedita, o Roberto Aguiar veio de Brasília para assumir a secretaria de segurança e aí, a Bárbara assumiu a subsecretaria de segurança da mulher, que tem adjunta a essa secretaria, uma subsecretaria de cidadania, direitos de defesa, não lembro exatamente. Então, Sílvia e Bárbara se articulam de novo com o Minc e fui para essa subsecretaria para tomar conta e organizar os centros de referência. Esses centros foram criados desde o tempo do Luis Eduardo e passaram a ter outra formação dentro da nova secretaria. E fui para lá também para constituir um centro de referência sobre uso e abuso de drogas, que era uma bandeira do Minc e do movimento contra a criminalização da droga. Havia também um centro de referência de comunidade ao qual queríamos dar um outro perfil, ligado ao meio ambiente. Pretendíamos ainda fundar um outro centro de referência de criança e adolescente, e racismo e anti-semitismo. De anti-semitismo tinha algumas poucas coisas, algumas denúncias. É o menos organizado, muito menos que sexismo e racismo, porque as organizações judaicas são muito atentas a isso, mas elas divulgam pouco. No governo só esse serviço de racismo e anti-semitismo, foi criado com uma parceria entre judeus e negros. E aí quando eu vou pra lá, é a casca sem conteúdo, só o formato. Então, passo lá nove meses trabalhando e vemos depois poucas conquistas, porque na verdade não existe dinheiro para manter esses centros. O governo estava em péssima situação econômica, então o recurso não chegava para pagar as pessoas, para

desenvolver de verdade esse trabalho. A minha participação nesse trabalho foi mais para segurar, para não deixar acabar de vez. Mas o movimento homossexual cresceu muito, conseguiu manter o IDH funcionado, com algum recurso, com gente paga. O centro de drogas o que houve foi muito louco porque tinha uma moça cujo recurso não apareceu para pagar seus trabalhos. Então, essa moça e outra que também vinha não puderam mais continuar. Mas fizemos muitas reuniões com a polícia para a construção desse centro de drogas, até porque a legislação estava mudando, precisávamos capacitar os policiais para que eles pudessem fazer a distinção entre usuários e traficantes. Mas, no final, tudo ficou nas reuniões. Nós também fizemos uma modificação séria no que se refere no atendimento da polícia, especialmente na revista pessoal, não sei se isso se firmou no regimento da polícia. Fizemos também uma ação na área da criança e do adolescente que acompanhei apenas o processo da montagem. Depois eu não pude avaliar os resultados dos atendimentos contra a violência sexual, contra a violência que as crianças sofriam. Lembro de dois policiais que participaram de um curso e que achavam que aquilo era um castigo para eles e, aí, resolveram assumir pessoalmente o trabalho. Fomos conversar com o delegado, que disse para mim que conversou até com a mãe dele, e que a mãe dele lhe deu toda razão, que ele tinha que dar apoio ao serviço só porque ele resolveu dar. Juntou um monte de gente que tinha por algum motivo essa experiência parecida, no governo e resolveram ajudar esse centro. Mas eu não consegui saber o final dessa história, porque o governo acabou. Sei que ajudaram a pintar a sala, a fazer bonecos, brinquedos, a destinar policiais para esse trabalho e a montar uma equipe mais firme. Foi um trabalho bastante árduo, mas interessante. A área de segurança é muito complexa. Essa coisa da relação do estado com a segurança é um negócio ao qual precisamos estar mais atentos. Porque se deixamos pra lá, quando vamos perceber já tem uma ditadura armada e aí já passou. Se deixarmos a polícia fazer o que ela quiser, o estado fazer o que quiser, aí quando a gente vê tem uma ditadura em jogo.

A minha atuação como mulher no Criola, da forma como eu me vejo hoje, me leva a duas coisas interessantes. Meu sonho era ser secretária das Nações Unidas, só isso. Mas eu acho que tinha um pouco a ver com esse senso de justiça. Primeira coisa: Eu vejo que eu cresci muito como pessoa no sentido de poder exercer esse senso de justiça, querer esse senso de justiça e por em prática esse senso de justiça. Mas a questão racial nos aprisiona porque a nossa principal luta contra o racismo é fazer com que a gente possa viver a nossa condição da maneira que a gente quiser, mas a gente fica presa a essa condição. Quer dizer, enquanto tem racismo, a gente não relaxa nesse sentido. Eu diria que eu mudei, eu não sou a mesma pessoa quando tinha 18 anos, aquela que sentou na mesa da professora para dar explicações sobre um jornal que lia. Mas eu também não sou a secretária das Nações Unidas. Mas por outro lado, a luta contra o racismo deixa a gente presa a ela. Porque fala muito internamente de nós, e se constitui como um processo de desconstrução daquilo que o racismo constrói como sociedade, constrói em nós. Essa é uma luta social constante, porque o racismo sempre nos deixa num ambiente inseguro, não confortável, como dizem os psicólogos aí. O racismo nos deixa sempre em alerta, não tem como relaxar, viver uma vida sossegada. Não é uma luta que quando entramos em casa ela fica pra lá, ela entra conosco. Deve ser assim em todos os movimentos identitários.

Se eu disse anteriormente que quando eu era criança, antes de refletir sobre isso, a minha casa era um descanso do racismo, a rua não era. Agora, nesse momento, nem a casa. Penso que precisamos encontrar outros mecanismos na nossa sociedade para essa perspectiva ser vivida de outra maneira. Enquanto não acharmos esse mecanismo, enquanto tudo isso continuar sendo defeito: ser mulher, ser negra, ser homossexual, ser lésbica, fica tudo muito difícil. Eu acho que muito das tensões sociais vividas por nós, ainda estão no campo dessas relações. Eu acho que em que pese a miséria, a pobreza, é um fator bastante forte nessas relações, não são elas que causam tantas questões como a

gente enfrenta na nossa sociedade. São as perspectivas da identidade, são elas que nos deixam desconfortável. Porque é uma sociedade que constrói relações muito hierarquizadas, muito violentas para quem não é igual aos que mandam. Esse desprezo por essa população.

O impedimento da luta contra a justiça, está presente em tudo quanto é lugar. Se temos um patamar de direitos que todo mundo admite e acha que é direito e legal, desde que não sirva para negros, índios, homossexuais. As pessoas até querem abrir mão dos privilégios em nome da justiça, entre aspas, em nome dos direitos, mas desde que não sejam alargados para mais ninguém. Então é muito complexo esse processo.

Não vivemos isso só na disputa política, porque assim seria fácil. Experimentamos esse dilema a todo instante, no dia a dia, no diálogo, nas discussões. Defrontamo-nos internamente com esses limites. Acho que é isso mesmo, que faz parte desse processo, essa é uma luta de uma complexidade no âmbito das relações, só que as nossas conquistas estão muito longínquas, parecem até castelos de areia, que a toda hora temos que reconstruí-los para que eles possam dar alguma substância às pessoas. Outro dia até tivemos uma discussão muito legal com as garotas, com as jovens, quando falamos que poderíamos andar com o cabelo que a gente quisesse, com a roupa que agente quisesse, e elas mal sabem que essa é uma construção de muito tempo. Para que as negras andem como estão andando hoje, com o cabelo pra cima e tal, muita luta já foi travada e, no entanto, nem mesmo elas que já podem andar assim, não estão confortáveis. Ainda enfrentam a discriminação e a violência o tempo inteiro. Então você fica se perguntando, poxa, será que melhorou ou piorou mesmo? É um drama.

Quer dizer, quando eu falo desse drama do garoto que hoje pode andar com seu cabelo Black todo emaranhado, sem pentear, etc., que é mais confortável pra ele, mas que ainda produz o racismo, mas é super importante ele poder andar com esse cabelo, como indivíduo é fundamental. Que ele possa sair com aquele cabelo de rasta, mesmo sabendo que ele vai continuar sendo discriminado, que o sistema não se transformará da noite pro dia só porque ele mudou o cabelo. Mas ele já tem um ganho de poder viver o que ele é nessas condições. Mesmo as construções institucionais vividas por nós, como as religiões, os próprios grupos, o próprio samba, os movimentos que possuem este sentido de pertencimento, então são várias formas das pessoas poderem de situar nesse mundo e enfrentar os dilemas. Ou, sei lá, guardá-los.

Eu acho que a religião ajuda algumas pessoas se situar, a encontrar vínculos de sentimento e encarar questões que enfrentamos. Lá, todo mundo enfrenta também, mas, por outro lado, também serve como tecido social que vai nos proteger dessa relação mais complexa com a sociedade, ou não. Mas quem estiver envolvido vai se sentir com menos defeitos, com mais qualidades. Também têm evangélicos que lutam contra isso. Mas o que eu acho interessante nessa sociedade marcada pelo defeito, é que a pessoa realmente não apaga, mas ela tem a chance de superar o defeito. Então, eu vejo muitas contradições nisso, e uma ação conservadora e violenta. Observo também que algumas igrejas se centram na pessoa, que dão a ela um sentido de vida, senão também as pessoas não estariam lá. Uma pessoa que vive alcoolizada e consegue chegar e parar de beber; outra que não lia, agora passa a ler. Penso que são múltiplos os fatores que pesam na ligação que as pessoas têm com as religiões. Mas o que pesa, de fato, é um fundamentalismo forte dessas religiões que vão afetando a vida da sociedade de modo geral e que todo mundo finge que não está afetando. De fato, acho desrespeitoso esse ataque à sociedade, ao estado democrático e à liberdade. Isso eu acho criminoso. Mas, por conta também dos efeitos na vida das pessoas.

Porque a valorização do efeito é grande, o cara tem que ser ex alguma coisa para poder ser salvo. Pensemos na Mãe de Santo da Cidade de Deus, da qual já falei num outro momento, aquela que morreu em decorrência de perseguições sofridas. O pastor chamava o tráfico para controlar qualquer manifestação religiosa que houvesse na comunidade. Mas eu acho também que isso é, de novo, aquele risco que a sociedade corre, quando faz corpo mole pro conservadorismo; quando acha normal que qualquer ação serve desde que sirva para controlar os grupos indesejáveis. Podemos até dizer que parece o Terceiro Reich disfarçado. O controle a qualquer custo é aceito desde que aconteça longe, com os outros. E aí o cara pode fazer parte do tráfico ou não fazer, está todo mundo se lixando pra isso. Eu diria que é uma falta de afinidade muito grande com essa população totalmente desprotegida. Parece que parte da sociedade não tem nenhum vínculo com essa população, não a considera parceira na mesma cidadania, nem possuidora da mesma origem, nem da brasilidade, nem isso.

Pensei no Terceiro Reich associado às vozes do submundo emergindo em uníssono com as vozes conservadoras, como o ovo da serpente. Mas para a sociedade não faz a menor diferença, sociedade quer mesmo isso, depois bota a culpa em alguém, como foi com Hitler. Mas eram vozes conservadoras que agiam e a sociedade deixava agir, nem queria saber. Cedia o que lhes parecia um simples controle. Hoje em dia sabemos que o Nazismo cometeu os piores crimes contra a humanidade, considerados até mais perversos do que foi a escravidão e o racismo nesse mundo. Ninguém se moveu contra o Apartheid, e nem mesmo deveriam ter permitido o seu estabelecimento. No fundo, o que estava em jogo era o mesmo esquema, o esquema do controle dessas vozes e ponto, acabou, e não houve mais nenhuma preocupação. Só houve preocupação com o holocausto quando o restante da sociedade começou a sofrer as conseqüências dele. ■



Eu sou filha de Santo de Regina, que é da Casa da Mãe Beata. Ela é irmã de sangue de Lúcia Xavier. A Lúcia é minha irmã de santo. Regina deve ter agora uns 46 anos, e foi Mãe de Santo com 39 anos. Normalmente se é Mãe de Santo mais velha.

Comigo foi muito engraçado. Eu tinha decidido que eu ia fazer a minha iniciação religiosa, mas não sabia com quem, em que casa, sempre com esse dilema. Então fui jogar. Um dia, eu conversava com ela, e ela falou: "Ah, mas isso é muito sério, tem que ter muita vontade, tem que ter muita certeza". "Eu acho que eu vou fazer mesmo". E no dia primeiro de janeiro, cheguei à casa de Lúcia, fui direto para cozinha e falei com a Regina: "Você não quer ser a minha mãe de santo?" Aí ela falou: "Ah, isso é igual fazer ginástica, comezinho do ano, entrar na academia, parar de comer doce; isso é a mesma coisa". Eu falei: "Não, estou falando sério". Ela falou: "Mas você sabe quanto custa?", "Não faço ideia, mas eu só sei que eu já fui de casa em casa e eu estou querendo ficar em lugar algum". Aí ela falou: "Bom, então, se é verdade, no dia tal de fevereiro, você me procura, que eu vou jogar, vou ter que passar pra minha Mãe de Santo jogar, pra ela ver se é isso mesmo. E a partir daí, a gente vai ver o que vai fazer". Pois bem, no dia marcado, fui pra casa dela...

O dia exato de fevereiro eu já não lembro, mas foi numa semana que antecedia o carnaval de 1999. Fomos lá, ela jogou, deu certo, era aquilo mesmo. Elas ficaram muito felizes e eu também. A casa dela era em Praia da Brisa, longe pra danar e eu tive que ir lá pra confirmar o jogo com a Mãe de Santo dela, que era a Sinésia. No jogo ficou tudo favorável, porque dizem que quem faz iniciação religiosa é quem está com problema, quem está com um dilema na vida e eu estava, na verdade, querendo comemorar os meus 30 anos com uma grande festa assim.

Fomos lá, pegamos a lista, mas tinha o problema do dinheiro, porque é caro fazer uma obrigação. Eu falei: "E agora, o que é que eu vou fazer?" Então, pintou um trabalho extra - essa coisa é muito divina! - que ia durar janeiro e fevereiro e

o trabalho durou janeiro, fevereiro e março. Eu ganhei um prêmio com o trabalho e fiz a minha obrigação sem ter ficado com nenhuma dívida pendente. Eu não tinha que pagar nem R\$ 10,00 pra ninguém. Eu fiz a minha obrigação e ainda fiquei com não sei quantos mil reais. Eu não tinha esse dinheiro antes.

Entrei no mercadão de Madureira numa quarta-feira de manhã e saí à noite. Enchi uma Van de tudo que tinha que comprar e comecei a minha obrigação. Eu só fiz um pedido: Queria comemorar meus 30 anos, no dia 5 de março, numa sexta-feira e, na semana seguinte, eu me recolheria. E assim que a gente fez. Uma semana depois, eu estava no candomblé, me recolhendo para fazer a minha iniciação religiosa. Foi lindo, foi uma baita de uma festa, com direito a tudo, fotógrafos, filmagem, tudo que podia, e fiquei feliz da vida. Estou completando agora 10 anos de relacionamento religioso com a Regina, o que também é uma feita, porque, em geral, as pessoas vão se dispersando no caminho. E eu estou com ela há 10 anos. Legal.

Na verdade, eu precisava de um grupo que me acolhesse, porque eu vinha de uma movimentação muito corrida. No AfroReggae eu cuidava de muita gente, muita. E eu achava que estava na hora de ter algum lugar pra sossegar um pouquinho, pra receber algumas orientações e o candomblé me dizia isso: "Venha pra cá, fique aqui". Então, a casa foi me acolhendo, eu fui me sentido dentro de casa mesmo, assim, cuidando das coisas dentro da casa. Era muito longe, eu não tinha carro, era, portanto, um exercício de disponibilidade muito grande ir para Praia da Brisa, toda sexta-feira à noite.

Tinha que ter um querer muito forte para estar no candomblé. E o que aconteceu é que eu fui pra lá, tive a minha iniciação e tinha essa coisa de estar junto, ser cuidada, cuidar do outro e ainda ter uma relação com o divino, que é uma relação muito presente, muito real. A gente sai do destino, ele te dar as mensagens, ele te transmite tudo de bom. Então é mesmo um exercício de muita disponibilidade nossa: entrar lá num dia e passar muitos dias recolhida, às vezes sem celular, sem comunicação nenhuma com as pessoas, Mas foi fantástico, fazia tudo de novo.

A iniciação só se faz uma vez. Depois, tem os rituais de marca, de tempos em tempos. Então, eu fiz obrigação de um ano, obrigação de três e agora eu fiz a obrigação de sete anos. São as marcas: 1, 3, 7, 14. Eu fiquei 10 dias recolhida. A gente comprou um terreno há uns quatro, cinco anos atrás e eu fiz um acordo com os deuses: se eu conseguisse uma feita, eu faria a nossa casa, ia construindo a nossa casa lá. Então, eu espero fazer na minha casa já. Em Cabuçu, interior de Nova Iguaçu, como a gente diz. Eu já estou na base de terminar a construção e, quem sabem, espero eu ter a primeira filha com a inauguração da casa também. Estou muito feliz. É muito bacana. Impressionante. "Não acredito em um deus que não dance", então eu acho que é isso, a reunião de todo mundo. E a minha questão, hoje, é saber como a gente pode ter uma casa, uma casa que tenha uma vida saudável, sem a picuinha do dia a dia. É muito comum, numa casa que tem muita gente corremos esse risco de ter muitas confusões.

Não é que a gente precise juntar, mas Candomblé para mim é exatamente a cultura, porque ali a gente está falando da relação dos mais velhos, onde existe uma relação de disciplina, de respeito ao outro. A hierarquia ajuda a entender bastante isso. É um exercício. Imagine uma criança de quatro anos de idade e eu tendo que me abaixar e tomar a benção a ela. E é isso. Não importa a idade, o que importa é a compreensão do seu papel.

A segunda questão é que passamos a participar de um ritual de alimentação completamente diferente do nosso cotidiano. Isso nas casas tradicionais. Não se joga nada fora, temos que aproveitar absolutamente tudo. Mesmo no

processo de matança, aproveitamos basicamente tudo, tudo que você oferta depois. O que você não vai efetivamente colocar na oferenda, você pode comer, não tem nada demais, faz parte inclusive, porque no candomblé a gente come o tempo inteiro, come muito. E são muitas pessoas que comem. Depois, os cânticos que são, nossa, o canto para Orubá, então, temos de apreender tudo aquilo que estão te dizendo e podemos cantar, nos relacionar com aquilo. As vestimentas são um desfile deslumbrante.

E tudo tem um significado, uma razão de ser, um por quê. Tudo está relacionado com a linguagem, com o laço social, o tempo inteiro. Então, isso é cultura. Pelo o que eu vejo lá, nas relações que se desenvolvem, é claro que dá para perceber essa herança que vem de África, que é essa herança que vem de Salvador, mas é uma herança que eu acho que vem das pessoas. No candomblé tem doutores, pós-doutores, brancos, negros, amarelos, índios, japoneses, chinês, não importa. O que eu estou entendendo hoje dessa cultura que vem a partir da religião, é que as pessoas querem encontrar com o acolhimento. E, para mim, hoje, não tem um lugar mais encantador do que o candomblé para ser uma casa de acolhida, um espaço de acolhimento. E temos então essas figuras importantes que são as mães criadeiras, que são as pessoas que te cuidam, quando você vai para sua iniciação. Imagina, a gente passa a ter uma pessoa que cuida da nossa pessoa.

As mães criadeiras têm esse papel efetivamente. Ela vai nos guiar no nosso nascimento, nos ensinar os cantos, nos ensinar os momentos que podemos e aqueles que em que não podemos, o que devemos, o que não devemos. Essa mãe vai fazer a nossa comida, vai lavar nossa roupa, vai nos cuidar como se fôssemos um bebezinho e, todo tempo, vamos recorrer a essa mãe criadeira, essa figura super importante. Marco Antônio fez o mestrado e o doutorado dele com esse recorte, para entender o papel dessa mulher nessa casa, ele é um psicanalista e é super interessante o que ele aponta.

Essa mulher tem esse papel superimportante porque é a nossa primeira referência no tempo do recolhimento. Imagine alguém ficar 21 dias, no mínimo, sendo cuidada por uma pessoa. É um momento de disponibilidade. Mas esse papel dessas mães criadeiras é diferente do papel da Mãe de Santo, porque ela entra com todo esse ritual, entra com todo esse conhecimento bonito, afro, mas essa mãe criadeira fica ali cuidando, fica ali te paparicando, dizendo: "Olha, fica aqui comigo". E elas ficam, muitos dias, dedicadas a uma pessoa. E depois ela não larga porque a pessoa cria um vínculo com elas. Ritualmente, elas passam a pessoa, mas jamais vai deixar de ser a mãe criadeira dela, jamais a pessoa vai deixar de ser filha dela. É um lugar de carinho muito sério. E isso tem ligação com os orixás e elas têm essa função no dia a dia.

E a Fátima faz um pouco desse papel na minha vida também. Ela é irmã do meu primeiro namorado. A gente ficou um tempo e quando o namoro foi embora, a gente ganhou uma família. Ela é amiga, confidente, dá bronca, ajuda, cuida e, pra minha sorte, eu moro no mesmo prédio que ela, então, ela está ferrada: é do oitavo pro quarto, do quarto pro oitavo. E a gente tem um combinado na vida, o filho dela é meu sobrinho.

Eu sou a filha do meio. A minha mãe teve um filho e, depois de 10 anos, ela me teve. Depois de cinco anos, ela teve a minha irmã. A minha mãe se chama Maria Luíza, mas todo mundo a conhece como Malu, que é o nome artístico dela. Minha mãe foi atriz, fez muitos filmes naquela época com Grande Otelo, Oscarito. Ela é poderosa, é uma mulher negra poderosa, bacanésima. Ela tem uma história de vida incrível. Há um documentário sobre ela.

Nós morávamos no bairro de Botafogo. A minha família era de uma classe média baixa, o meu pai era um funcionário, tinha um trabalho. Meus pais tinham pouca escolaridade, os dois foram até a quarta série, mas ainda era uma quarta série que valia a pena. Então, eles sempre marcaram duas coisas pra gente: a questão da ética e da escolaridade.

Na minha casa não se comprava roupa, não se comprava sapato, isso era duas vezes por ano, dia de aniversário e de Natal, porque tinha que estudar, tinha que ter dinheiro pra comprar os livros da escola e o uniforme. Era tudo muito focado nessa coisa de ter que estudar. E o meu pai sempre dizia pra mim e pra minha irmã mais velha que a única coisa que ele podia dar pra gente, que ninguém podia tirar, era a educação e foi isso que ele fez. Então, mesmo estudando em escola pública, mesmo a gente tendo dificuldade de não poder fazer cursos adicionais, como inglês, estudar era o mais importante.

Meu pai era vendedor de aço para estaleiro (como ele está vivo, ele ainda é um vendedor). Ele era uma pessoa que saía de casa às cinco e meia, seis horas da manhã e voltava à noite, impecável dentro daquele terno que ela lavava em casa, porque não tinha dinheiro pra botar o terno em tinturaria, mas era impecável. No trabalho ele era definido como aquele que chegava cedo, nunca perdeu o horário, extremamente correto, não aceitava corrupção, nem propina e era um homem elegantíssimo. Imaginemos o Rio de Janeiro, 40º, Duque de Caxias, e ele ficava o dia inteiro de terno. Isso era uma marca mesmo, até hoje. A gente vai pras festas das empresas e ele é o cara assim. Então, isso é muito legal. E a minha mãe virou dona de casa, ela veio do mundo do cinema e do teatro, era uma negrona poderosa, com um corpão, aquela cintura! e se casou com o meu pai, eles se apaixonaram.

Eu não sei dizer o certo porque, antigamente, assumir que era atriz era uma coisa muito complicada. Mas ela tinha uma dupla do lado dela, que dava muito apoio: Era o Clementino Pelé marido de tia Chica Xavier. Eram dois casais amigos: o meu pai e minha mãe, a tia Chica e o tio Pelé, que já eram atores quando a minha mãe já estava chegando. Eles eram tios de consideração, né, porque Clementino Jr., que é o filho dela, nasceu dois dias depois de mim e a gente brinca que nós fomos os primeiros pares de cama, um do outro, porque a nossa primeira foto, de fato, fomos nós dois na cama, um pretinho, outra mais clarinha. A gente se separou agora, há pouco tempo, pois ele casou nesse ano, inclusive. Mas a gente vivia grudadinho, bem grudadinho, mesma idade, tudo muito igual, tudo muito junto. Tia Chica cuidou muito da gente, quando éramos bem pequenos. Morávamos prédio a prédio no Humaitá. Ela era mãe de santo também, de Umbanda, então ela tem ainda esse lugar: puxa orelha daqui, dá conselho dali e isso sempre foi muito legal. Mas agora ela mora lá em Pedra de Guaratiba e por isso a gente vai menos pra casa dela, pedir o colinho da tia. Ela tem uma casa também lá, onde ela mora. A família toda foi pra lá. Meu primo está morando lá, num apartamento da minha tia, que é do lado do apartamento que a minha mãe mora. Assim, está todo mundo de novo em casa.

Voltando à minha mãe, tinha uma questão: meu pai não queria que ela fosse atriz. Imagina, ter mulher atriz e ele que sustentava a casa. Ela trabalhava em teatro e cinema e, no cinema, ela fez uns três ou quatro filmes. Ela teve que fazer uma escolha, ou ela seguia a carreira ou casava. Ela escolheu ficar com o meu pai. Muito sedutor, foi no teatro um dia e falou: "Você casa comigo ou a gente se separa aqui" e ela, claro! escolheu casar com ele. Depois se separaram, mas a minha mãe foi dona de casa durante 25 anos. Ela saiu de casa quando eles se separaram efetivamente e, aos 50 anos, ela começou a trabalhar.

Se ela tivesse feito a escolha de não casar com o meu pai, o que teria sido, o que teria acontecido? Eles se separaram porque já não tinham muito a ver mais. Na verdade, quando a minha irmã nasceu, eles já estavam separados, embora continuassem morando na mesma casa. Separados fisicamente dentro da casa. E tinha uma coisa, a minha mãe ainda gostava do meu pai e gosta até hoje. Ela nunca mais teve um relacionamento sério. Às vezes, até hoje, ela fala com ele pelo telefone e a gente percebe que tem a linha dois da conversa. E a gente brinca que eles vão ficar velhinhos juntos. Porque é isso, né?

Morávamos numa casa de dois andares, no bairro de Botafogo, na Rua das Palmeiras, e as pessoas pensavam que quem morava naquela vila tinha dinheiro, o que não era verdade. Muitas pessoas moravam ali há muitos anos e foram ficando. Quando foram vender a vila, os moradores não quiseram comprar. Esse foi o momento que o meu pai assumiu que de fato não tinha mais como viver com a minha mãe e, por conta disso, a gente ia se separar. Ele fez uma aposta: comprou um apartamento no Humaitá e, com esse apartamento, ele tentou seduzir a mim e à minha irmã - porque o meu irmão já era mais velho - para irmos morar com ele, abandonarmos nossa mãe. Ele dava pensão pra ela, inclusive.

E aí ele se surpreendeu porque a gente escolheu o contrário, resolveu ficar com a minha mãe, exatamente por isso, porque não era justo naquela hora ela ficar sozinha. Daí, nós que morávamos em uma casa de dois andares, fomos morar num cortiço (meu pai achava aquilo um absurdo, como que a filha dela ia dormir num cortiço, se morava numa casa de dois andares). O nosso cortiço ficava na rua seguinte, onde a gente vivia brincando, porque era todo mundo da escola pública e brincava lá. Às vezes, eu dormia na casa de uma amiga minha. Mas a vida tem isso, o mundo é redondo, não tem esquina, e nós passamos várias vezes pelo mesmo ponto.

Foram dois anos e meio bastante complicados quando fomos morar nesse cortiço. Precisamos dominar muitos códigos que a gente não dominava. A minha mãe passou a trabalhar no jogo de bicho, virou apontadora do jogo de bicho porque não tinha nada pra fazer. Mas ela jogava muito no bicho. Minha família, a minha avó jogava muito no bicho. Então, era o que ela podia fazer e ela era muito articulada, falava superbem, rapidinho conseguiu trabalhar perto da nossa casa e a gente ficou com ela. Nossa, a minha mãe foi apontadora de bicho durante uns 10 anos e pegou aquela corrida toda, correndo atrás e a gente ficou morando no cortiço dois anos e meio, até que eu comecei

Eu estava no 2º Grau. Estudei no Pedro II, Humaitá, na minha segunda casa. Eu fiz até a quarta série na escola pública, Escola Senador Nabuco, com saída pela Rua Sorocaba com Dona Mariana. Quando acabou a quarta série, a minha mãe que sempre foi muito articulada, muito antenada, descobriu que Pedro II ofereciam vagas numa turma de quinta série, exclusivamente para recrutar alunos das escolas municipais com conceito A e B. Ela foi rapidinho na região administração, pegou os documentos e me inscreveu, porque não tinha concurso, não tinha prova. Fiz da 5ª a 8ª série lá. Não tinha 2º Grau. Um ano depois, não tinha escola pra gente ir, então os alunos foram deslocados para São Cristóvão e para o Centro. Eu fui pro Centro e fiquei lá até terminar o 2º Grau. Então, o Pedro II é a minha segunda casa. Os meus amigos do Pedro II são meus amigos há 25 anos. A gente comemora isso toda hora. A gente se encontra na Páscoa, no Natal, no Ano Novo. E aí é muito bacana.

Foi o Pedro II que me deu esse olhar de cidadania, de coletividade, mas uma coletividade de muita responsabilidade, porque eu nunca usei droga e comecei a beber vinho aos 25 anos. Eu não bebia e não usava absolutamente nada e o

meu grupo também não usava nenhuma droga, apenas cerveja, porque todo mundo era estudante e ganhava muito pouco. Apenas um garrafão de vinho pra comemorar aniversário, coisas assim. Bebíamos muito na época da Copa. Eu era muito careta, de não usar nada e as mães das minhas amigas sabiam que na minha casa tinha um combinado: não tinha mentira de saída noturna, porque exatamente o meu pai podia recorrer na justiça. Então, assim, a minha mãe sabia exatamente onde a gente estava. Tinha um código entre a gente. Se a gente fosse a um bar ou para alguma festa, tinha que ligar pra casa de Márcia, porque ela dizia assim: "Se em algum momento, alguém disser que vocês estavam em tal lugar, eu vou ter que dizer que não estavam e eu vou poder bancar isso", então, era isso que a gente fazia. Então, a minha casa, no sábado à tardinha, era a central de comunicação das mães, porque se a minha mãe dissesse: "Elas estão indo pra tal lugar", não tinha jeito, era o tal lugar. Às vezes as minhas amigas não podiam ir porque a mãe não deixava e aí ela dizia: "Olha, não liga pra minha casa, porque elas não vão sair hoje à noite".

Foi complicadíssima a separação entre meus pais, porque a gente relutou de ficar com a minha mãe, e em três dias tivemos que nos mudar pro cortiço. Era bem pertinho, e todo mundo da rua ajudou levar as coisas. Meu pai era muito estratégico e sempre teve pensamento lógico. Ele comprou um apartamento, reformou, quando esse apartamento ficou pronto, ele avisou: "Olha, eu comprei um apartamento e estou indo morar com a minha nova companheira". Já estava tudo esquematizado, ele é muito esperto. E a gente falou: "Não, a gente vai ficar com a nossa mãe", "Bom, então se vocês vão ficar com a mãe de vocês, vou ter que colocar a real: vocês não vão ter pensão, porque eu não tenho como pagar a pensão de vocês, eu não tenho como pagar o aluguel pra vocês. E onde é que vocês vão morar?".

Nós dissemos: "Muito simples, num quarto que tem no cortiço". Os jogadores tinham um quarto no cortiço pra ficar no final de semana". Ele: "Não é possível vocês morarem num cortiço. Eu não vou deixar vocês morarem num cortiço". "Não, mas a gente está indo já", isso fazendo bolsa e tal. Ele foi pra justiça pra poder definir então o sistema da pensão. Esse foi um momento muito cruel, porque eu recebia a pensão, nota por nota. Enfim, ele dava uma grana da pensão, pra pagar as despesas. A gente estudava em colégio público, então não tinha despesa com escola e ele pagava o plano de saúde da minha mãe e o nosso. Era tudo o que ele podia fazer naquele momento. Então, a gente ficou exatamente nessa estrutura até eu entrar na faculdade. E era isso, todo mês tinha que ir lá, no escritório dele, pegar o dinheiro. Eu ia, numa boa, era muito ruim, mas eu ia porque bancava uma onda assim, tipo, foi uma escolha e a gente vai seguir essa escolha.

Ele ficou com essa história com a gente até eu já estar no segundo ano de faculdade, foi quando eu comecei a botar alguns termos nessa relação com ele e aí ele começou a botar uma série de coisas, e a gente decidiu se desvincular dele financeiramente. Ele parou de dar pensão, qualquer ajuda e a gente começou a assumir a casa com a minha mãe. Na verdade, eu assumi a casa com a minha mãe, e a gente ficou durante muitos anos vivendo de combinados claros, tipo: quanto a gente tem pra gastar esse mês, quanto a gente precisa ganhar, o que a gente precisa fazer pra ganhar mais dinheiro e tal. E nessa história, como a minha mãe era bem articulada, ela tem uma amiga que tinha sido agenciadora de artistas, na época, entre outubro e março, pra fazer shows em hotel. Rapidamente a minha mãe virou camareira, a minha irmã que tinha o maior corpão, virou passista e eu virei destaque assim.

Mas como a gente era menor de idade, a gente ganhava a metade do cachê, dependendo da companhia. Era metade de um salário mínimo. Então, de outubro a março, a gente guardava uma grana bacana pra pagar os aluguéis do ano. A gente se virava muito nesse sentido e era assim, tinha uma grana, a gente não gastava, a minha mãe fazia uma

caixinha pra pagar as despesas da casa. E como isso ficou regular, a gente saiu do cortiço e foi morar na Tijuca, a partir desse combinado, de que era exatamente isso: de outubro a março a gente trabalhava, de março a outubro a gente tinha grana em casa pra pagar o aluguel. Então, era muito legal; a gente se virava muito bem nesse sentido. Eu ainda estava no Pedro II e, os meninos, que eram os meus grandes amigos de lá, me davam uma grana, para eu poder sair, passear, não ter despesas e poder voltar pra casa com segurança. Desse modo, fiquei até os 18 anos numa vida bem bacana.

Eu sempre fui uma aluna média de nota, mas eu sempre fui uma pessoa muito empenhada. Nas matérias que eu gostava, metia a cara, ia a fundo. Eu adorava desenho, tinha um professor Aldo, que era fantástico. Eu sempre gostei de matemática e adorava história porque lá, no Pedro II, tinha uma professora chamada Carmem, que era o cão chupando manga, ela fazia arguição no sábado, às sete horas da manhã, mas ela ensinava história do Egito como ninguém. O Pedro II me deu uma oportunidade, que foi uma coisa que eu ainda vou retomar, com certeza, teatro e música. Música com pauta, aula de música teórica, teatro. O teatro foi um grande momento de conhecimento, porque a gente estava no finalzinho da pressão da ditadura. Mas tinha a linha dura, o professor Chico Urbano da Silveira. Jamais esquecerei esse nome. Em 72, 74, ele ficou bem no pé da gente, quando fizemos uma peça chamada Yes, nós temos banana. Havia na peça músicas e cenas que fomos adaptando. Pegamos umas bananas, uns pirulitos, vários figurinos e fizemos a apresentação pros diretores, pra várias pessoas das várias unidades. Tinha duas sessões, uma às 11 horas e outra às 3 da tarde. Apresentamos em várias unidades e, quando acabou a primeira sessão, ao meio-dia e trinta, ele deixou a gente almoçar e falou: "Agora, eu queria conversar com vocês naquela sala". E aí começou: "Vocês fizeram isso, fizeram aquilo, isso é incorreto". Começou um papo de excursão e eu fazia teatro e o meu pai não tinha idéia que isso acontecia.

Foi quando os pais dos meus amigos começaram a ser chamados à escola e eu dizia: "Se o meu pai for chamado, eu estou ferrada, eu vou ser expulsa de casa. Ele não pode sonhar e tal". E a gente procurou o professor Álvaro Luiz, explicou pra ele e ele disse: "Esses alunos não vão precisar chamar os pais na escola". Ele era um professor de carreira, muito antigo na escola e nos socorreu mesmo, mas ele não tinha força. Imagina, o diretor geral da escola falando que tinha. A gente ficou uns dois meses nesse perrengue. No final, deixaram que as mães tomassem conta disso. A única condição que ele nos impôs foi que a gente passasse direto, que a gente não perdesse a segunda prova, e só poderíamos tirar, no mínimo, sete. Se a gente não fosse fazer essa prova, não estudaríamos mais na unidade de Humaitá, a gente ia ser transferido ou pra São Cristóvão ou para o Centro da cidade. Aí foi um sufoco pra passar de ano. Mas o Pedro II teve isso, ele me deu essa condição de experimentar muita coisa, dentro de muito rigor. Mas foi fantástico. Eu fui pro centro em 1975, quando terminamos o primeiro grau, como falei antes, porque não havia o segundo grau, assim não podíamos continuar lá.

A gente reorganizou o grêmio da escola, onde ocupei o meu lugar na ação política. O Pedro II foi importante para a convivência com os amigos na relação política dentro do grêmio. Tinha uma marca pesada de sermos aqueles alunos transferidos do Humaitá. Estávamos dentro do grêmio com tudo organizado, chapa montada, uma lição de programação. A Maria Amélia fazia de conta que não percebia umas coisas, e até conseguimos uma sala, reativar o colégio, fazer várias gincanas. Fizemos tantas coisa, incluindo obra na escola. A gente deitou no chão da Marechal Floriano para o colégio ser organizado. Então, tinha uma movimentação que não era partidária, mas era pelo colégio, manter o colégio vivo, trazer para a escola as tradições.

Nas olimpíadas dos colégios, era uma coisa de louco, um montão de escolas naquele campo de São Cristóvão, onde as rivalidades se encontravam, onde saía briga e a gente sempre ali com eles. O importante mesmo era nossa disposição que levou à reativação da escola e, quando já estava no final do terceiro ano, a gente já percebia que vários de nós teríamos uma atitude política conseqüente na cidade. Entre nós, dois amigos eram filiados ao partido do Brizola, já tinham alguns bem petistas, enquanto havia aqueles que não tinham partido, mas que já teriam uma noção da sociedade bastante forte. Eu e mais três pessoas, ficamos nesse lugar, fora dos partidos políticos, mas com uma atuação política bem forte. Quero reafirmar, por tudo isso, que o Pedro II foi de fato a minha segunda casa.

Os meus amigos do Pedro II. Foram eles que escolheram a minha profissão. Porque, no Pedro II, eu não estudei nada, eu só queria saber de grêmio, de bagunça e tal. No terceiro ano menos ainda, que era preparação para sair do colégio então, fomos todos fazer inscrição pro vestibular juntos, no Largo de São Francisco. Foi um dilema para todos nós "Quem ia fazer o quê?", exceto para apenas dois que já sabiam o que iam fazer, um direito e o outro medicina. A gente tinha talento, mas não sabia muito bem aonde usar o talento, não sabia o que fazer da vida.

Estávamos conversando na escadaria da faculdade do Largo de São Francisco, com aquele fichário monstruoso na mão, se perguntando qual a primeira opção, a segunda e eu ali, que nem orelhão público, escutando todo mundo: "Não tem nenhuma profissão que dê conta disso tudo, não?" E a gente a catar as profissões: antropóloga, assistente social, psicólogo, etc. Fomos lá pra dentro da escola, para a biblioteca, eu e mais duas pessoas, uma que queria fazer antropologia, e a outra que queria fazer ciências sociais, mas elas não sabiam muito bem o que era uma, nem a outra carreira.

Estávamos ali, perdidas, no Largo de São Francisco, na biblioteca da UFRJ, e será que ninguém poderia nos explicar, tirar nossas dúvidas?". Pegamos o dicionário mas apareceu uma pessoa que se disponibilizou a nos explicar o que era antropologia e ciências sociais, enquanto eu esperava se alguém iria descobrir a minha profissão. Até que falaram: "Olha, tudo a ver. Psicologia. "Você vai estudar as pessoas, estudar o próximo, vai entender o ser humano". Então falei: "Ah! Boa idéia". Foi a primeira opção e a única. Fiz o vestibular, mas o pai bateu o pino: "Corta, que não vai estudar; vai se formar e fazer o quê?". "Então vou estudar numa escola particular qualquer". E eu fui para a Celso Lisboa que, na época, todo mundo dizia que era uma faculdade muito ruim. Foi assim que, aos 17 anos, entrei para a faculdade de psicologia, profissão escolhida pelos meus amigos, acertadamente, porque trabalhei muito tempo nessa profissão e adorei.

A minha formatura foi muito engraçada, eu comecei as festividades chorando e fiquei chorando até o fim, porque tinha que falar de tanta gente, com tanta gente, com quem fui me identificando ao longo dos anos letivos. Quando eu estava indo pro sétimo período, comecei a construir um novo dilema pelo fato de ter entrado na faculdade muito cedo. Naquela época, eu estava saindo com a idade que muitos entravam. Eu estudei na turma da noite, porque fui ser bancária no Itaú, profissão que exerci durante 20 meses, para poder pagar a faculdade. Foi um emprego arrumado pelo irmão de uma amiga, embora tenha feito o teste.

Então, recapitulando, eu saí do Pedro II, fui fazer Celso Lisboa, porque meu pai não admitia que eu ficasse um ano sem estudar, mas não quis pagar e eu tive que trabalhar pra bancar a minha faculdade. Virei bolsista de crédito educativo a partir do segundo semestre. Então, eu fui fazer psicologia porque achava que aquilo tinha muito a ver

comigo e, de fato, eu tinha muita disposição e disponibilidade para escutar as pessoas, tinha esse movimento voltado para ajudar os outros. Eu sempre descobria algum lugar pra ir, algum serviço que alguém pudesse usar por conta desse meu espírito investigativo e bastante afluído.

Desde o quinto período de faculdade, as pessoas começaram a dizer assim: "Olha, daqui a pouco você tem que fazer estágio, tem que começar a atender as pessoas". Havia o núcleo de psicologia aplicada, através do qual, os alunos atendiam a população. E eu me perguntava: "Gente, como é que eu vou atender alguém? Como é que é isso?". Comecei a pensar o seguinte: "Eu tenho que dar um jeito, porque também preciso fazer estágio e, como vou trabalhar ao mesmo tempo?". No banco onde eu trabalhava tinha um cara que tinha terminado psicologia e tinha falado mim: "Você vai colocar o certificado na parede, vai virar caixa do banco ou, no máximo, uma gerente". Eu disse pra ele: "Nem pensar. Eu não saio daqui cinco horas da tarde, pego um ônibus cheio, para ir à faculdade e me desdobro pra estudar mais do que todo mundo para nada.". Como a minha faculdade era ruim, se eu fosse apresentar o meu diploma, provavelmente, eu não ia ser bem selecionada, porque não era uma UFRJ, não era uma UFF, nada disso. Então, eu tinha que fazer diferença pelo estudo, não tinha jeito.

Como não tinha dinheiro pra comprar livro, eu virei rato de biblioteca, fuçava muito. Quando eu cheguei ao sexto período e fui aprovada, disse pra minha mãe: "Olha, a partir do próximo período eu tenho que fazer estágio pra poder ser psicóloga. Então, o que é que a gente faz?". Ela: "Sai do emprego". Meu pai tinha voltado pra Minas, tinha deixado o apartamento de Humaitá com a gente, a gente não pagava mais aluguel e eu comecei a vender biscoitos que a minha mãe fazia, na faculdade, pra bancar a diferença que a gente ia passar a ter, que era de passagem, de despesas, pra que eu pudesse ser psicóloga.

Entre no sétimo período com a decisão que eu seria uma psicóloga, mas seria uma excelente, uma baita psicóloga, não seria uma psicóloga qualquer. Eu me imaginava assim: mulher, preta, pobre, tem que ter uma diferença, e eu tinha que ter essa diferença. Então, nesse sétimo período, comecei a freqüentar uns cursinhos de férias, que eu não sabia, mas tinha lá três pontos temáticos: Um sobre Síndrome de Down, eu gostava muito, sou apaixonada por Down. Outro sobre Reich, eu queria entender aquele negócio de corpo. E o terceiro era sobre orientação vocacional. Conheci uma psicóloga, Marisa, que tinha uma filha com síndrome de Down e, por isso ela tinha montado esse curso. Ficamos amigas e, além de minha supervisora, ficamos sócias de consultório.

O nosso consultório era na Ilha do Governador e era especificamente voltado para o atendimento de pessoas com síndrome de Down. A minha relação com ela começou com essa história de Down. A filha dela tinha a síndrome no estágio 2, como a gente identifica os níveis do problema. Nesse nível a pessoa consegue desenvolver um bom índice de socialização. Como a Marisa me ofereceu a possibilidade um estágio, comecei a atender com 20 anos.

Atendia numa clínica, e logo percebi que havia uma confusão, quando as pessoas chegavam no consultório, por conta da minha idade. Todo mundo achava que eu era a secretária, a recepcionista e nunca a psicóloga. Rapidamente vimos que eu não tinha condição de atender adulto. Então, a Marisa atendia os adultos. Porque imagina, uma pessoa de 20 anos, sem nenhum acúmulo de vida, com uma bagagem teórica ainda se construindo, atender uma pessoa de 40, que já tinha uma visão concisa, eu não sabia o que era aquilo; era quase um constrangimento pra mim e para o paciente. A Marisa teve essa sacada com muita rapidez. Então, desenvolvi uma habilidade pra tratar com criança,

para lidar com esse universo, num consultório infantil, que é muito diferente de um consultório de adulto. Então, nós dividíamos os atendimentos assim: ela fazia os atendimentos com adultos e com as famílias e me passava as crianças. Dependendo do quadro clínico, ela me passava as crianças com uma bagatela de coisas pra estudar. Era uma loucura, coisa alucinante, mas estava de acordo com a diferença que eu quis estabelecer para mim. Os meus colegas de faculdade não viviam esse universo, não tiveram essa estrutura de iniciação profissional. E eu aproveitei tudo que eu pude com a Marisa, fiquei com ela até os 23 anos. Para mim foi muita coisa. Aos 23 anos, eu comecei a me encantar por essa coisa de voltar às favelas, porque eu via muito o Dona Marta ali, eu olhava para aquele lugar tão pobre, com mais encantamento. Então, fui fazer um estágio não-remunerado, numa escola, no Instituto de Recuperação Neurológica, que era um balaio de gatos. Era um hospital psiquiátrico-dia, na verdade, disfarçado de escola, foi quando entrei no universo da psiquiatria e tive apoio de um psiquiatra muito importante, na época, o Milton, que me traduziu uma série de coisas que eu não entendia. Assim, eu tive oportunidade de trabalhar num esquema menos traumático do campo psiquiátrico, com pessoa de todas as idades e com diferentes tipos de acometimentos: Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Esquizofrenia. Foi quando comecei a trabalhar com música. Utilizávamos instrumentos para que as crianças brincassem, organizávamos bloco de carnaval, banho de chuveiro, tudo que eu achava que podia e que a escola permitia.

Esse lugar era um instituto de recuperação neurológica e, também, um hospital-dia, onde havia lugar para o exercício da pedagogia lá dentro. Era interessante, porque eu trabalhava com esse professor, com pessoas que estudavam muito, que traziam muitas informações para esse universo dessa escola especial. Fiquei ali até me formar, e por mais dois anos depois de formada. Ganhava um salário mínimo com carteira assinada e achava aquilo o máximo. Mas eu já era uma profissional, e me considerava uma profissional com experiência, diferente dos meus colegas de faculdade que ficaram ali estudando e trabalhando, mas que não puderam fazer o caminho que eu fiz.

Nesse percurso todo, eu tive uma única professora negra, chamada Jucinéia, que me dizia isso: "Você não pode ser só uma boa aluna, você tem que ser a melhor aluna". E eu me espelhei muito nessa fonte da Jucinéia, que era da área de Economia industrial. Eu fiz estágio em todas as cadeiras obrigatórias. Tudo que tinha que fazer, fui fazendo, não me neguei a fazer nada e, assim, fiz estágio também num mercado. Um dia, eu estava na casa da Fátima, essa minha cunhada e amiga, em Copacabana, falando sobre como é difícil conseguir trabalho ela falou pra mim: "Você vai conseguir, vai dar certo. Vai lá, tenta, arrisca". E aí como eu estava sofrendo com muitas ausências, como muitas faltas, eu corria pra casa dela e ela me acolhia eu pedia: "Ah, faz um feijão pra mim, feijão com macarrão?".

Um dia, estava em casa almoçando e me aparece o Joãozinho Trinta na televisão falando de um projeto chamado Flor do Amanhã, da Ação da Cidadania. Ele chamava os voluntários: "Eu quero voluntários pra trabalhar com meninos de rua, não sei o quê". Eu rapidinho, terminei de comer, botei uma saiazinha - nunca mais me esqueço disso -, uma camiseta, e bati pra lá, para a Flor do Amanhã, na Rua Camerino, onde é hoje a sede da Ação da Cidadania, em frente ao Hospital dos Servidores, aquele galpão enorme, que começou na realidade com o Joãozinho Trinta.

Joãozinho Trinta lançara uma idéia muito louca: ele queria colocar juntos meninos de rua com meninos de comunidades pra montar uma escola de samba e transformar aquilo num terreiro profissional. Quando eu cheguei lá, tinha essa coordenadora pedagógica, a Lígia, que era uma pessoa muito renomada e eu me apresentei: "Ó, eu estava em casa, vendo televisão, o Joãozinho Trinta pediu voluntários, eu vim me oferecer como voluntária, me diz o que é

que eu vou fazer". E ela: "Pára, Joãozinho está maluco, eu não quero estagiário nenhum, eu não quero voluntário nenhum. Joãozinho Trinta não entende nada de pedagogia". E começou a me dar uma bronca, mas uma bronca fenomenal. Eu falei: "Olha só. Eu estava na minha casa, vocês pediram voluntários, eu vim para cá e você está me dando uma bronca? Quem é você?" E aí uma platéia assim, sabe: "Quem é essa garota, falando assim com a Lígia?"

Lígia Costa Leite. Continuei: "Agora, eu vou ficar aqui" e aquilo começou a virar um constrangimento ali, uma confusão. E ela: "Tira essa garota daqui". E a Lígia era muito autoritária: "Seu fulano, Joãozinho está maluco!". E o Joãozinho estava lá, na frente, no meio das coca-colas o dia inteiro. Ele olhou aquilo, passou e falou assim: "O que é que foi?". Aí eu falei: "Eu vim pra cá pra ser voluntária, mas ela não quer deixar". Ele falou: "Lígia, considere.". E aí ele não deu muita pelota e eu: "Olha, eu só vou embora quando vocês disserem o que eu tenho que fazer". Sentei num banco, de frente para uma mesa com dois homens. E a mulher a passar: "Mas essa menina ainda está aqui?". Veio um rapaz, que tinha um cabelo bem ferrugem assim, e disse: "Não é melhor você ir embora? Você está aqui há quanto tempo". "Eu não. Fui chamada, estava na minha casa, etc.". Então ele falou assim: "Vamos fazer uma coisa? Você fica trabalhando comigo. Eu tenho umas pessoas que trabalham com crianças do Caju, do Parque Alegria. Você fica aqui comigo, a gente vai tocando, depois a gente se acalma, conversa com você". Claro, ele estava me passando era uma lábia. "Está bom. Que dia que eu venho? Que horas que eu venho?"

Para lembrar: a partir do sétimo até o décimo período, na faculdade, eu passei a vender os poderosos biscoitos da Dona Malu, pois tinha saído do Banco para poder fazer os estágios. Vendia cada saquinho a R\$ 1,00 e era uma febre na minha e nas outras salas de aula. Esse episódio com o Joãozinho Trinta se deu antes do consultório. Na verdade, os dois ficaram paralelos, pois logo depois eu fazia o consultório à tarde, o Joãozinho Trinta à noite e a faculdade na parte da manhã. Eu ficava no Joãozinho Trinta exatamente no turno da noite, porque ninguém queria ficar com os meninos à noite. Por quê? O pessoal do barracão ia embora e era a hora em que os meninos abriam a lata de cola.

Por isso, todos ficavam o dia inteiro, menos à noite, e foi assim que eu fiquei trabalhando com Sebastião, com o pessoal do Caju. Pegava o finalzinho da oficina dele e ficava com o pessoal até muito tarde da noite, só não dormia porque tinha condução. Eu adorava, eu me sentia completamente em casa, inventava muita coisa lá. E os meninos sempre me respeitaram, nunca tive problemas com eles porque o meu papo era reto: "Eu não cheiro cola, mas eu sei que vocês cheiram. Então, se vocês abrirem uma lata de cola durante o meu tempo aqui, vai pegar mal pra mim, no dia seguinte eu vou ter que contar quem pegou. Então, se vocês forem mexer em lata de cola, pega depois que eu sair, porque quem está aqui vai dormir e não vai ficar olhando pra vocês, mas eu vou ver".

Então eles sempre ficaram numa boa comigo. E até sabia que eles mexiam na lata de cola, mas nunca no meu plantão, sempre depois. E aí depois que eu saía de lá, sempre ia pra casa da Fátima e dormia na casa dela. No dia seguinte ia pra faculdade. Fiquei no Joãozinho Trinta durante um ano e meio como voluntária. Quando acabou o carnaval, o Joãozinho Trinta não tinha mais condição de manter o projeto. Ele abandonou o projeto e aquilo ali virou um quintal de gente que ia pegar fogo. O carnaval findou com o desfile sobre as flores da Holanda. Eram caminhões e caminhões de flores que chegavam no barracão, vindos de São Paulo, um carnaval todo feito com flores naturais. Depois, quando as alegorias voltaram pro barracão, não tinha quem desmontasse aquilo e começou a crescer, rapidamente, um cheiro de cemitério insuportável. Assim que acabou o carnaval, aquilo fechou. Era um andar todo de quartos, onde os meninos dormiam, mas não tinha como dividir. Eles passavam de um setor pra outro com bastante agilidade transportando muita cola, e dividiam muito aquilo, era tudo muito.

Eram meninos e meninas de todas as idades. O teto considerado ia até 24 anos, mas era muito difícil controlar, porque os meninos enganavam muito, enganavam até o Joãozinho Trinta. Começaram a diminuir o patrocínio, os apoios, tudo foi minguando, minguando, até que ele acabou o projeto. Foi uma pena, porque a estrutura de Nilópolis, da Beija-Flor, era muito poderosa, mas ele não conseguiu segurar aquilo. E aí eu fui saindo assim também. Eu ainda fiquei lá fechando, encerrando a coisa com os meninos, porque eu gostava daqueles meninos. Ele mesmo me propôs pra eu ficar com ele numa instituição chamada CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas). É uma ONG de direitos humanos. Na época, eles estavam trabalhando com a questão de assassinatos de jovens, do extermínio de jovens. Era uma instituição muito poderosa e o Ivanir dos Santos, era o diretor, criador, e um articulador muito poderoso também, naquele momento.

Eu fiquei por ali e estava sendo difícil me encontrar, pois não era bem a minha praia, eu gosto de lidar com gente. Ali tinha muita confusão, toda hora tinha tiro, esses caras saíam correndo atrás dos tiros e eu não entendia muito bem aquilo. Mas havia um grupo de mulheres, uma coordenação de mulheres negras; eu tentei me aboletar lá, não deu certo, as mulheres acharam que eu não era tão pretinha assim, que eu não valia muito a pena, que eu era muito nova, não sei o quê. Mas eu fui ficando, dentro do meu espírito de que "vamos ver no que vai dar", e com essa minha necessidade de entender as coisas, de fuçar as coisas, perguntar as coisas, mas também com muita disciplina e com muita cautela. Isso tudo me fez ficar na instituição, como voluntária, um ano e meio. Quando saí do banco, guardei uma grana, e eu fui me virando com aquilo.

Morei com a minha mãe e a minha irmã até muito tempo. Meu irmão era casado, trabalhava fora. Era uma república de mulheres. Eu fiquei lá trabalhando com o Ivanir por um ano e meio, quando ele me colocou uns desafios, tipo: "Agora, tem que ir na Mangueira. Tem que ir. Ah, pega essa menina e manda ela ir lá, não sei o quê, não sei o quê", e eu ia, numa boa, não tenho medo de morro, nada disso. Aí o Ivanir falou assim: "Ah, essa menina tem bastante jeito pra lidar com o Conselho de Defesa das Crianças e dos Adolescentes". E ele foi me colocando nessas situações, eu fui ganhando a confiança dele, eu não sei nem como isso aconteceu, mas ele me instrumentalizou muito, muito. Ivanir foi uma grande escola.

Eu exercia aquela minha vocação de trabalhar no campo das relações políticas dentro da cidade, como esse ao lidar com os temas de crianças e adolescentes, na cidade do Rio de Janeiro. Eu, muito rapidamente, pela minha formação e pelo meu jeito de ser, fui trabalhar num grupo muito especial chamado As Mães de Acari, formado pelas mulheres que tiveram seus filhos desaparecidos até hoje. Foi uma relação muito especial, porque eu entrei na vida dessas mulheres exatamente quando elas perderam os filhos e eu fui adotada por elas. Aí foi um verdadeiro desafio trabalhar com elas, pela autoridade delas, e também por ocupar esse lugar aí do lugar do filho que acabou de partir.

Fui adotada literalmente por elas. Elas eram mulheres muito frágeis que estavam com a seguinte questão: elas queriam entender o que tinha acontecido com os filhos. Elas tinham, a cada dia, uma notícia do paradeiro dos filhos. Era um negócio, gente, inacreditável de tão cruel. A cada dia essas mulheres tinham uma notícia, mas, até hoje ninguém sabe. A gente supõe que eles foram assassinados, mas os corpos nunca apareceram e até hoje, elas não têm certeza dessa morte dos seus filhos. E são criadas muitas histórias: que a filha casou e foi morar não sei aonde; o filho virou não sei o quê, e assim por diante. O CEAP, na verdade, acolheu o caso, que era um caso emblemático na época e, claro, acolhendo o caso, acolheu essas mulheres. Essa ONG tinha uma relação com essas mulheres que era

uma relação igual à da ditadura, pelos fatos que eu ouvi, pelas histórias que eu escutei na minha casa. O CEAP cuidava de tudo da vida dessas mulheres. O filho deixou de ir pra escola, então, a instituição ia lá pra tomar conta do filho. Não tem comida, ia o CEAP.

Na época que eu trabalhei com elas, eram 12 mulheres, 12 mulheres fantásticas. Porque essas mulheres que perderam os filhos, viviam sob ameaças: uma, porque tinham visto o carro que passou e levou o seu filho, por exemplo. Então elas eram vítimas e testemunhas. Era um negócio impressionante, impressionante, numa ação de guerra todos os dias. Nós tínhamos, justamente, que ir a Acari todos os dias, porque o pólo de trabalho era lá. Então, não tinha essa coisa de dizer: "Ah, vamos atender no escritório"; não, era lá, em Acari. Então, ia sempre um comboio para dentro de Acari, com Ivanir mais os seus seguidores fiéis.

Eu já estava trabalhando com o Ivanir de carteira assinada, inclusive, era o máximo, porque ter uma carteira assinada por uma instituição como o CEAP, na época, era uma coisa muito importante pra mim. E era um bom salário, uns seis, sete, dez salários mínimos. Eu ganhava muito bem, mas eu tinha uma dedicação exclusiva e integral. Esse foi o nosso combinado.

Por conta desse acordo, eu comecei a atender menos no consultório, que começou a ficar bem secundarizado. E ia lá apenas para atender dois pacientes, que estavam comigo há muito tempo e por causa da dupla que eu tinha formado com a Marisa quando organizávamos e coordenávamos workshops. Mas foram trabalhos bem pontuais, já não me interessava tanto essa coisa de horário só para um. O coletivo já me chamava mais atenção. E aconteceu que o trabalho com essas mulheres, me ocupou totalmente. O telefone ficava ligado o dia inteiro, o bip o dia inteiro e elas tinham os meus canais diretos e indiretos e me requisitavam bastante. Teve uma hora que a gente teve que começar a determinar o que é que era pra chamar, o que é que não era pra chamar, porque era o tempo inteiro tudo, tudo, tudo, tudo.

Se os filhos começavam a dar problema: "Chama o pessoal do CEAP". Não sei o quê: "Chama o pessoal do CEAP". Eu acho que, naquele momento, tinha de ser aquilo mesmo, sabe? Era muita dor, muito sofrimento, uma pobreza misturada com a impossibilidade. As pessoas contavam muita mentira para essas mulheres e elas iam a muitos lugares mesmo que fosse racionalmente impossível encontrar os filhos. E eu falo pra todo mundo: "Eu só entrei nesse universo de trabalho, porque eu tinha 21 anos. Se eu tivesse um pouco mais, eu não teria entrado, porque eu não observei a dimensão do perigo que havia, eu não tive noção do perigo".

Essas mulheres eram constituídas pela dor. Aquela foi uma instituição criada pela dor. Elas se reuniam todos os dias, num determinado local, num determinado horário, em Acari. Tinha isso aí. A partir do sequestro dos filhos. A princípio, parecia que era um seqüestro, mas depois a gente ficou sabendo que todos eles sumiram no mesmo dia e do mesmo lugar: Numa casa onde estava sendo oferecido um churrasco, em comemoração de não sei o quê. Aí, rolou um bote lá, todos foram levados para dentro de uma kombi e a partir dali, ninguém mais soube de nada.

E o quadro era assim: "Fulano foi sequestrado", "Ué, mas fulano também foi sequestrado", "É, mas fulano estava em tal lugar", "Fulano também estava", e aí elas começaram a se reconhecer nisso. Assim: "Ué, eles foram para um churrasco não sei aonde", "Mas o meu filho também", "Mas o filho da minha vizinha também". E elas foram se encontrando por esse fato. "Isso foi a polícia, né? Não tenho dúvida". Não se descobriu nada, não provaram nada, nada, nada, nada. Todas as provas eram desmontadas e isso era um grande problema. Todas as provas, as possíveis provas eram

desmontadas, todas, todas. Então, imaginemos: Como elas eram muitas e moravam em lugares separados, espalhados na favela (só uma morava fora), às vezes uma recebia uma informação - e eu acho que isso era proposital, sabe, isso era plantado - e ela se sentia na obrigação de correr para contar para as outras e passar essa informação. No momento quando elas se encontravam, elas chamavam a gente e nós íamos analisar aquela informação juntos.

Começávamos a sondar a validade daquela informação, se era real ou se não. Era uma loucura, porque eu usava psicanálise específica para fazer a sondagem e, é claro, às vezes um dizia: "Não. É. Sim", outro dizia "Não é não". Em quem confiar, como acreditar? Até estudávamos a linguagem do corpo. Essas mulheres cavaram, nossa!, não sei quantos lugares. Elas foram a todos os lugares que possamos imaginar, a todos que foram indicados onde poderiam encontrar os filhos ou os corpos deles. Uma delas foi até ao estado do Espírito Santo. E isso era muito louco, porque em todos os lugares diziam assim: "Olha, tem fulano de tal em tal lugar, assim, assim, assim", aí trazia toda a descrição. "Bom, de fato era fulano. Vamos lá"; aí chegava lá cavava daqui, cavava dali e nada. Mas não viviam mais na esperança de encontrá-los vivos. Era uma coisa assim, o coração de mãe dizia que sim.

E eu fui junto numa boa parte das procuras. Nem sempre ele, o Iranir, me deixava ir, porque achavam que eu teria que enfrentar situações bastante difíceis. Apenas algumas pessoas podiam ir e ele escolhia quem iria naquela determinada busca. Também era considerado o fato de eu ser muito nova, embora também respeitasse a relação que eu tinha com essas mães. Da maneira dele, do jeito dele, mas era bem isso que ele me disse várias vezes. Mas muitas vezes eu fui porque chegava num momento de esgotamento sentimental delas tão grande que era preciso que ficassemos juntas.

Muitas vezes o meu colo foi colo de mãe para elas. Era levar pra casa, fazer um chá, botar na cama, esperar a pessoa dormir. Às vezes era isso, não tinha outra alternativa. Era uma exaustão emocional tão grande como, por tantas vezes, ter sair de casa às quatro horas da manhã esperar os caras cavarem quatro, cinco, seis buracos para não encontrar nada. Era muito sofrimento. E aí aconteceu que elas tiveram a idéia de se fortalecerem ainda mais e se juntaram a outro grupo.

Agora falarei do trabalho em Vigário Geral. A educação não entrou lá. Entrou tudo, menos a educação. Quem disser que entrou, eu peço para me apresentar, porque a educação não entrou em Vigário Geral. Não entrou, não entrou. Lá, só tem uma escola, que é o CIEP Mestre Cartola, que fica na divisa entre Parada de Lucas e Vigário Geral. Lá dentro, lá dentro mesmo. Do lado de fora tem uma escola de 1ª a 4ª série e, depois, no bairro inteiro, uma única escola de segundo segmento. Não tem uma cultura naquela favela. A dança entrou, ficou e está muito bem.

O território se expandiu porque o AfroReggae foi muito hábil e se apropriou de vários lugares na comunidade. Portanto, tem o lugar onde a gente começou, que era uma casinha, mas, mesmo assim, organizamos várias atividades espalhadas pela comunidade, sempre com a preocupação de entender que tinha Nova Brasília, que tinha a fronteira, que tinha o miolo, e que tinha o Larginho. A gente sempre entendeu isso, então sempre ocupou a favela nesse sentido. Agora, a questão da educação foi a questão que sempre ficou em aberto.

Convencer um cara de que ele precisa freqüentar a sala de aula, passar quatro horas numa escola, ou ficar sete horas fazendo ensaio na percussão, ele ficava 10 horas na percussão, mas não ficava quatro horas na sala de aula. Isso

assim, foi, nossa!, um movimento de desafio o tempo inteiro, o tempo inteiro, o tempo inteiro. Eu acabei dizendo: "Chega. Eu não dou mais conta disso, entendeu, não faço parte desse negócio", e foi a hora que eu comecei a desenhar a minha saída da instituição, quando eu vi que a educação não teria prioridade ali. Porque a minha aflição foi essa. Eu olho para aquele palco, eu conheço 17 histórias que poucas pessoas conhecem. Ou eu conhecia, porque já mudaram algumas pessoas. Então, eu saí em janeiro de 2005, oficialmente, mas saí das atividades, da instituição, em março de 2005.

E eu olhava assim para os artistas no palco e pensava: "Aquele cara não pode ser aquilo tudo de espetacular que ele é ali, sem saber assinar um cheque; isso não combina, sabe, isso não casa, não tem como". Aquele artista é encantador, espetacular. No palco, ele é deslumbrante, ele manda superbem com 50 mulheres, ele tem um discurso que enrola, mas ele não sabe juntar 10 com 10 e dar 20. Ele faz isso pela malandragem, pela sagacidade que ele tem na vida, mas não que ele pegue um papel e faça uma linha escrita: "Olá, fulana, tudo bem com você?" Ele não consegue fazer isso, sabe? Ele vai criar códigos e vai criar maneiras de estar nesse mundo.

Acredito que continua assim, mas não tenho mais tanto contato com eles pra poder fazer essa afirmativa, mas essa é uma questão que hoje dói sabe? "Putá merda, onde é que eu falhei?".

Então, quando eu entrei, entrei como psicóloga, eu atendia os jovens e as famílias. A era entender o cenário socioeconômico, o universo dessas famílias. Eu atendia essas famílias e, basicamente, o meu atendimento tinha a ver com a questão da violência doméstica. As muitas queixas que chegavam vinham da parte das crianças sobre violência doméstica. O meu atendimento era realizado no chão, andando pela rua, etc. Muito rápido, eu comecei a atender as pessoas.

Era já o meu trabalho no AfroReggae. Ao atender as famílias e os jovens, eu fazia esses atendimentos na casa, na rua, onde houvesse espaço disponível. Comecei a fazer as primeiras anamneses e a aprofundar as primeiras histórias. Comecei a trabalhar com aquela primeira geração: Altair, Rosemary, Aninha, foi essa galerinha ali. O Hermano só entrou em 98/ 99, quando o espaço já está inaugurando. Mas era a mesma galerinha desde o começo. Era o pessoal que estava ali, quando não tínhamos ainda esse projeto. Rapidamente, começamos a perceber que aquelas crianças que iam todas as vezes que a nós chegávamos, eram crianças diferentes, adolescentes diferentes. Sentimos a necessidade de conhecer um pouco mais, para saber de que maneira poderíamos entrar na vida delas efetivamente. E aí eu comecei a fazer um trabalho de psicologia, que se misturava muito com serviço social e, por isso, muita gente me reconhece como assistente social, que era tipo: "Não tem documento?", "Como é que tira?", "Não tem carteirinha de vacinação, por quê?", "Tem que ir no médico regularmente", "E a escola?", "Quero ver o boletim", "tem que ir à escola".

O tempo inteiro eu fazia também o papel de mãe e foi aí onde que a minha religião me ajudou. Não, ainda não era bem cliente do terreiro, mas fazia muito ebó. Mas foi só depois que eu vivi a minha relação de filha, na iniciação religiosa, que eu entendi muito do meu papel profissional. Primeiro, porque a minha religião me explicou porque eu gostava tanto de favela, adorava arma, não tinha nenhum problema com polícia, nem com bandido, se eu era uma mulher que vivia num universo muito diferente. É porque sou filha de Ogum e Ogum tem esse movimento, de estar nesses lugares, nesses cafofos.

Então, foi um consolo para mim essa explicação. Depois, por que não ficar e por que não cuidar de uma maneira que seja bacana, sem precisar especificamente ser a mãe que pariu? E por que é que essas mães que pariram não podem então ter uma atitude generosa com seus filhos, apesar de todo o caos, apesar de toda pobreza? Não é porque alguém é pobre que não vai cuidar bem do filho, não vai dar banho, vesti-lo com roupinhas limpas. Então, o meu papel durante muito tempo foi traduzir para essas mulheres uma outra forma de cuidar. Várias delas diziam: "Nossa! Você cuida do meu filho melhor do que eu". Eu dizia: "Não, cuido tão bem quanto". Então eu desenvolvi um diálogo muito bacana com elas. Foi assim que escrevi as primeiras anamneses, fui aprofundando as primeiras histórias, indo na casa das pessoas, convivendo com elas, trazendo as questões dos filhos.

Eu já trazia esse material organizado, quando vinha do escritório do AfroReggae, porque lá não tínhamos ainda a sede, então, tinha que sair tudo da cabeça. No AfroReggae deve ter ainda, mas são documentos institucionais, eu nunca pedi para ficar com eles. Eu escrevia muito, muito. As anamneses todas eram feitas por mim, a gente chegou a ter umas 60 visitas por período. As histórias, foram muitas, inclusive, de pessoas que não estão mais aqui, são histórias de gente que já partiu, sabe? E tinha essa entrada na casa das pessoas, na vida das pessoas. De fato, eu tinha uma relação bem cuidadosa com elas e, ao mesmo tempo, de muita intromissão, tipo: "Porra! Qual é, entendeu? A gente combinou isso e tu não fizeste. Onde é que tu estás? Perdeu a cabeça?". E aí eles diziam que eu era uma terapeuta lusitana, eu era uma terapeuta portuguesa, que quando tinha que porrar, porrava mesmo, quando tinha que botar no colo, botava no colo. Problema deles, não é? A avó do Jonatan dizia que eu era uma psicóloga portuguesa. Não sei de onde tiraram isso, mas existe essa coisa de português ser muito parrudo, eles são muito curtos e grossos.

Na verdade, nunca me preocupei com isso, porque eu achava aquilo tão carinhoso. Mas elas falavam muito assim para quem estivesse fazendo algo impróprio, de alguma forma: "Ó, lá vem a Márcia, hein? Vou ligar pra Márcia". Até hoje, às vezes, tem umas pessoas que ligam "porque a mãe mandou ligar, viu?", "A minha mãe falou que o último caminho era espelhar em tu, mas eu estava com medo de chegar porque eu sabia que o bicho ia pegar", assim!, então era isso.

Eu estruturei a parte social do AfroReggae, os procedimentos do atendimento social. Como eu fiz um trabalho de assistente social durante muito tempo, bastante consciente disso, também, desenvolvemos um processo, com um método que dispensava o divã, dadas as circunstâncias, naturalmente. Com os Médicos Sem Fronteiras, que diziam que o que a gente fazia não era atendimento, nós tivemos uma discussão teórica e técnica, e dissemos, na ocasião: "Olha, vocês têm uma puta casa e a gente não tem. Eu não posso deixar de atender. Então assim, se há anos atrás lá, na Argentina, uma pessoa pôde atender em praça pública, por que é que eu não posso atender nas vielas?" Então o meu atendimento era andando e as pessoas já sabiam: quando eu estava com uma pessoa, ou duas, andando, era melhor não chegar perto porque ali estava se dando uma conversa séria.

Tinha essa coisa de quem vai a psicólogo é maluco, anos foi assim e, frente a isso, eu acabei pegando esse caminho. Sou psicóloga, não me dava diretamente com os loucos de Vigário, efetivamente, mas eu atendia as pessoas na hora que a pessoa chegava, sem marcar o horário previamente: "E aí, tudo bem?", "Tudo bem", "Está tranquila? Está ocupada?", "Não", "Dá pra gente dar um rolê?". Eu já sabia que tinha problema com outros ou uma questão íntima. E tinha de tudo, tudo, desde questões muito sérias, tipo: "Pô, o meu pai sacaneou a minha irmã, e não sei o quê, a gente não sabe como chegar"; "Minha mãe apanhou ontem lá em casa, a gente não sabe o que fazer". Até coisas hilárias

assim, tipo "Vem cá no cantinho" e abaixar a calça e dizer: "Ó, meu pinto está ferrado. Estou todo me cortando", "Meu Deus do céu! O que é que é isso? Levanta essa calça. Que coisa maluca!" Tinha de tudo, de tudo, sabe?

Sacanear era, por exemplo, a irmã saiu pro baile, chegou tarde e o pai não deixou a garota entrar e ela passou a noite na rua. Então essas coisas viravam demanda por atendimento. Qual era o meu cuidado? Era transformar isso num atendimento e não num pronto-socorro, tipo: "Qualquer coisa, vai lá que ela resolve", que isso eu já tinha vivido no CEAP. Então, a minha idéia foi transformar aquilo num sistema através do qual outro profissional pudesse continuar a fazer-lo, quando eu não estivesse ali, porque já tinha uma movimentação das pessoas em torno dessas consultas e, portanto, já havia necessidade da entrada de mais profissionais para fazer esses atendimentos. Então, eu estruturei um método de trabalho.

Assistente social faz o quê? Psicólogo faz o quê? Como podemos ou devemos agir nas situações mais comuns, imprevistas? Havia coisas que já reconhecíamos como bastante comum, que se repetiam. A partir disso, fui treinando as pessoas que chegavam. Além de criar o sistema de trabalho social, eu fui criando um processo de acolhimento dos novos profissionais que chegavam. Então, dificilmente, um profissional chegaria e começaria algum trabalho sem passar por mim, mesmo que fosse um profissional da área artística ou cultural, ou mesmo de palco. Entrar em contato, conversar um pouco, era um papel que o Júnior fazia muito comigo. A gente batia muito nessa hora assim e tínhamos tudo muito combinado, então, ele fazia uma parte, eu fazia outra, para que recebêssemos as pessoa para que nunca entrassem cruas na favela.

Crua seria chegar lá, como eu cheguei em Acari, por exemplo: "Olha, tem que entrar, entra e tal", sem nenhum método pré-estabelecido. No AfroReggae, os profissionais já começavam sabendo onde eu estava entrando, quais os problemas principais que enfrentávamos, aonde não deveria ir e o que não deveria falar. Era instruído em relação aos principais códigos. Havia uma pauta baseada nos quatro anos que fiquei fazendo isso. Assim, era aberto um núcleo. Ou, vai pra lá e faz tal coisa, num outro núcleo.

A nossa relação era uma relação assim, a gente fazia uns seminários internos, eu, Júnior, Marlon, mais umas 10 ou 12 pessoas. No fim desse seminário, a gente dizia assim: "Daqui a um ano, a gente quer chegar tendo tanto de dinheiro, tendo tanto de pessoal". Colocávamos metas precisas. Se alguém me perguntar assim, tecnicamente, eu vou dizer que era uma loucura. Dizíamos assim: "Olha, a gente vai comprar uma casa em Vigário", "Ah, vamos?", "Vamos comprar uma casa em Vigário", "Mas com que dinheiro?", "Não sabemos", "Tá bom". A gente descobriu a casa, fechou o negócio e depois foi procurar o dinheiro. Quatro mil e quinhentos reais. Compramos, é claro. Fizemos um empréstimo numa instituição chamada Campus, pagamos em não sei quantas prestações, enormes, que eu não sei nem dizer como que a gente pagou, já não lembro mais, mas a gente saldou, pagamos todas as prestações.

O AfroReggae é uma ONG, desde o começo. Deveria até ter tido outro título, mas era ONG, desde o começo. E sempre foi isso. Marcávamos metas enormes para o ano e esse negócio acontecia, meus deuses sempre ajudaram. Então, eu dizia para eles assim, até brincando: "Eu sou do candomblé primeiramente. Tem gente que é não sei o quê, não sei o quê lá". Nós distribuíamos tão bem, entre os deuses, as nossas questões que eles sempre atendiam. Então, quando gente ocupava muito Ogum, liberava-o e aí era lançã quem dava uma ajuda. Outra hora pedíamos a Shiva para cuidar, ou para o Preto-Velho olhar e, assim, íamos conseguindo as coisas.

Ganhávamos o que entrava, mas não tive carteira assinada, como todo mundo, na época. Ganhávamos o que dava para sobreviver. A gente nunca ganhou além das nossas contas.

Financeiramente houve uma perda, mas eu vou dizer: Se eu botar na balança, de um lado as finanças e do outro a vivência, esse lado da vivência vai ficar mais pesado. Hoje, o lado das finanças pesa, claro, eu tenho 48 anos, não tenho um apartamento próprio ainda, não tenho uma poupança e tal. Mas eu acho que poucas pessoas viveram o que eu vivi, poucas pessoas podem contar tantas histórias como as que eu conto, poucas pessoas aprenderam o que eu aprendi e muito poucas puderam ter as relações que eu tive.

Por exemplo, eu acho o máximo ter tido o Altair como um dos meus pacientes. Depois, os meus colegas de trabalho, os meus amigos e os meus maiores fãs, como eu também sou deles. Aonde os encontro fazemos uma farra, uma festa, toda hora a gente se fala. Quando eles viajam muito, eu reclamo: "Pô! Ninguém me liga, não sei o quê, pá, pá, pá, não sei o quê". Mantemos as nossas diferenças, que são muitas, mas temos um amor que é impagável, impagável.

Em 2002, eu já tinha, efetivamente, um papel na instituição muito forte. Eu e o Júnior éramos uma dupla dinâmica e a gente brincava. Eu assumi a instituição como sendo meu projeto de vida mesmo e aí abri mão de estudar, porque eu não conseguia conciliar aqueles trabalhos com os estudos. Os casamentos foram ficando pelo caminho, porque ninguém entendia como que uma pessoa não tem sábado. Os meus companheiros não entendiam porque eu não tinha sábado, domingo, feriado, Natal, Carnaval, Ano Novo. A minha família ficou durante um longo tempo bem esquecida. A minha mãe me via porque a gente morou na mesma casa durante um tempo, mas depois que fui morar na minha própria casa, nos víamos muito pouco. Ela passou a servir o almoço no AfroReggae e ficava sabendo mais de mim agora, indo à instituição, do que no tempo em que vivíamos na mesma casa, no contato de mãe e filha.

O meu pai, atualmente, não mora no Rio, mora em Minas. Ele nunca entendeu o que eu fazia na vida, achava que era algo bacana até o dia quando ele leu o livro do AfroReggae, que eu lhe dei de presente de aniversário. Ele me ligou: "Minha filha, o que você faz no AfroReggae? Esse livro é de ficção?", "Não é não, pai, juro.". Ele estava nervoso: "É ficção esse livro, né?", "Não, pai, é história real. O senhor não viu as fotos e tal?" Ele: "Minha filha, posso fazer um pedido, um presente de aniversário?", "Pode", "Larga esse trabalho, pelo amor de Deus!" Eu falei: "Agora? Agora, que o pior já passou?"

As minhas sobrinhas, eu as vis muito pouco também. Vi muito mais a filha da Fátima, que é minha sobrinha de coração, porque a gente sempre se grudou, mas o meu lado família foi muito esquecido, eu negligenciei muito, em função do trabalho. Eu acho que essa é uma questão muito séria e que só agora eu estou conseguindo recuperar. Os meus companheiros não deram conta. Até davam conta por um período, depois não mais, porque era insuportável, eu hoje tenho noção de como era insuportável. Eu atendia telefonemas o dia inteiro, rádio o dia inteiro, sábados, domingos e feriados. Isto sem contar as vezes que recebia pessoas em casa: "Ah, viemos aqui, não sei o quê, não sei o quê", virava almoço. Privacidade? Muito pouco, muito pouco. Foi bacana, mas foi assim.

Em 2002, começamos a ter uns problemas institucionais que exigiam da gente conhecimentos específicos. Não dava mais para ficar no discurso, pensando que sempre estávamos certos. Essa fase já tinha passado. Todos nós tivemos que começar a procurar nos qualificarmos melhor para entender os nossos limites e para desenhar com mais clareza

o lugar de cada um na instituição. Esse investimento pessoal deveria possibilitar o agir com uma responsabilidade bem maior em relação aos lugares que ocupávamos, e, além disso, descentralizar as decisões, tirando um pouco aquele peso enorme das costas do Júnior. Ele carregava essa história de uma forma que me preocupava a ponto de lhe fazer uma advertência: "Compadre, uma hora dessas você vai pifar, porque não é possível alguém servir 24 horas por dia a uma instituição."

No ano 2002, comecei a perceber que eu não estava muito bem de saúde. Perdia com muita rapidez, ficava muito cansada e precisei solicitar a diminuição das minhas idas às favelas. Eu fazia Cantagalo, Parada de Lucas e Vigário Geral, sem carro. Estava meio pesado. Comecei portanto a ficar mais na área interna, na definição da área social e da área de educação, porque eu ainda insistia sobre essa parte de capacitação da equipe. Mas não fui para a área da administração. Ocupei meus esforços nos processos de treinamento, que era o que eu mais gostava, adorava os seminários. Investi nesse tempo em ficava bolando, estruturando, pondo e prática o meu gosto pela sistematização, pelo rigor de botar no papel, de trazer pro concreto, de poder dizer pro outro como é que a gente fez. Sempre gostei e acreditei nisso.

Nesse mesmo ano, aconteceu que o administrador da instituição saiu numa sexta-feira e nunca mais voltou. Pensamos que era uma coisa tipo: "Ah, o cara está resolvendo alguma coisa. Deixa estar". Passou a segunda: "Ah, o cara não apareceu, mas deixou os pagamentos prontos." Sumiu, mas para mim ou para a instituição, como um todo, nunca disse o porquê. Na segunda, ele não foi, já tinha deixado os pagamentos prontos, eu disse: "Ué, tudo bem, tranquilo, né, amanhã, a gente vê o que vai fazer". Na terça-feira o cara não apareceu, aí eu falei: "Júnior, o bicho está pegando". Na quarta também não apareceu, aí eu falei: "Não vem mais". Ele deixou um recado que ele não vem mais.

Resolvemos que naquela semana a gente daria um jeitinho na casa e contrataríamos outro, daríamos um jeito e a gente deu um jeito que foi ficando muito ajeitado. Aí eu falei: "Júnior, olha bem, só está vindo gente sem preparo nenhum para nós entrevistarmos. Ou o cara quer ganhar R\$ 5 mil, pensando que a gente tem esse dinheiro que a gente nem sequer ganha, ou cara chega aqui, diz que está tudo certo. Não estou a fim dessa garotada ficar vindo aqui, não, vamos fazer o seguinte? Arruma alguém pra ajudar a retaguarda e a gente toca a administração, põe esse negócio pra adiante". Tentamos, fomos fazendo e chegou uma hora que eu falei: "Olha, Júnior, realmente não dá, precisamos de alguém bem bacana que faça uma dobrada com a gente". Mas aí tinham várias coisas que me seduziram naquele lugar: descobri que o administrativo é o grande coração da instituição. O palco é esplendoroso, maravilhoso, mas não adianta se não tiver um gasto de recurso certo, se você não houver uma prestação de contas, se não ficar muito bem definido qual o projeto e como está se desenvolvendo o processo. Sem essa organização, nada funciona.

Fátima já trabalhava com a gente nessa época quando começamos a reorganizar a instituição, escolhendo fazer isso de trás pra frente. E, aí, apareceram coisas que a gente não acreditava que existisse, por exemplo, a prefeitura tinha aberto um processo de R\$ 2 mil, nos pedindo um documento, não lembro qual. Quando vimos, estávamos fazendo um monte de manobras para arrumar a casa. Resolvemos então que valeria a pena realizar esse projeto de reestruturação institucional.

Em 2004, eu me separei de verdade, pois tive uma baita de uma crise de depressão. Mas eu já não estava bem fazia algum tempo. Eu vivia um namorico com um consultor, também da área social, que era uma pessoa que vinha de

uma instituição grande também. Já estávamos juntos há uns três anos, quase quatro, mas a nossa relação estava desgastada, porque eu queria outras tantas coisas ao mesmo tempo e ele já estava assim, tipo, ou salva a relação, o casamento ou a gente se separa. E a gente se separou por decisão dele, não pela minha. Eu já não estava muito bem. Sofria de uma síndrome do trabalho, que nem sabia que existia: não comia, não bebia. A Fátima acompanhou essa minha fase bem de perto.

Eu trabalhava 12 horas por dia, alucinadamente. Liberava o pagamento pros outros, mas não tinha pagamento próprio. No dia 20 eu tinha todas as contas pra pagar, uma demanda enorme de inúmeras famílias dali, sabendo que não tinha dinheiro para entrar. A capa do Jornal O Globo é maravilhosa, mas ela não chegava junto com os R\$ 100 mil que significavam as nossas despesas. Tínhamos começado a assinar a carteira das pessoas e tudo estava crescendo muito rápido e veio uma pessoa pra dar apoio técnico, só para a contabilidade. O restante era a gente que levava na cabeça mesmo. Definíamos, voltávamos atrás, íamos adianta, voltávamos. Era uma zorra maravilhosa, mas dava um cansaço ferrado. Ao assumi a administração, houve uma resistência da instituição, quando o Júnior falou assim: "Olha, tem certeza? O outro lado não vai ficar frágil?", "Não, o resto já está bem." Pensavam: "Ela estava como coordenadora social e mandava muito bem".

Ma pela metade do processo, fiquei muito doente. Tomava até remédio de tarja preta pra segurar a onda de depressão. Como eu tinha muita euforia, ninguém percebeu. Eu não caí, esse foi o problema. Cheguei no médico e ele disse: "Ah, o seu problema é só que você não está comendo. Eu vou te dar um remédio aqui, vai diminuir a sua ansiedade, e você vai começar a comer". Eu tomei uma caixa e tive uma reação horrível, um tremor muscular involuntário. Tomava o remédio no escritório e a Fátima colocava um banquinho pra que eu dormisse na sala do Júnior. Deitava uns 20 minutos, que era o tempo do tremor passar e aí eu levantava já a 200 por hora. Resolvi não tomar mais o remédio. O irmão da Fátima que é médico, falou que eu não poderia interromper o tratamento. Mas eu disse: "Não tomo mais hoje". Ele: "A sua queda vai ser pior.". Tinha começado a tomar o remédio em março, e parei de tomar na metade de abril.

Em junho, fui fazer um curso "Organizações do Futuro", em São Paulo. A idéia era entender o que é existe de bom nas organizações empresariais e no universo do terceiro setor. Onde é que se pode desenvolver uma nova relação de trabalho? Só que quando eu cheguei nesse lugar, aconteceu uma coisa que fez a minha vida mudar. Fui a um lugar que era um espaço bem bonito chamado "Espaço de Formação Biográfica". É um entendimento da Logosofia, baseada na crença de que a vida é feita em ciclos de sete anos. Podemos começar a entender as questões dos nossos ciclos de vida.

Eu já estava saindo do AfroReggae, corria o ano de 2004, era meu último ano de instituição. Tinha fechado o sétimo, e até passado. Eu estava vivendo o décimo já. Então cheguei lá, fiquei parada diante de um quadrinho, que tinha uma mensagem: "Você pode ser o dono do seu destino" e comecei a pensar nas coisas. Eu devo ter ficado ali não sei quanto tempo, até que uma amiga chegou junto de mim e falou: "Márcia..."

A dor tinha passado, era uma reação do remédio especificamente. O Jorge, aquele médico, irmão da Fátima, tinha dito: "Cuidado. Quando cair, vai ser foda. Cuidado, cuidado". E eu fui desprezando esse cuidado que o médico dizia pra eu ter. Quando eu voltei de São Paulo, decidi: "Ah, sabe de uma coisa? Eu acho que realmente está na hora de eu

decidir a minha vida, seguir o meu destino, desenhar o meu destino na verdade. A instituição não está entendendo o que eu estou falando, ninguém quer mais me escutar lá dentro, falta papel, dinheiro não existe etc. Preciso de um tempo para pensar na minha vida. Não estudei mais, parei no tempo - aquele balanço de trinta e poucos anos -, não tenho nada de material, de concreto.

Bom, cheguei ao Rio, uma semana depois o meu namoro se acaba, fiquei na merda total, não sabia o que fazer, sem pai e mãe. Já estava numa crise de anorexia. Sem perceber já estava no quinto dia sem comer. Demorava o dia inteiro para tomar uma vitamina e, quando conseguia, tomava um único copo de vitamina durante todo dia e claro, fiquei completamente desidratada, pois já não bebia nem água. Cheguei a pesar 47 quilos.

Agora estou com 57 quilos. Era esse corpo com menos 10 quilos. E aí um dia a Fátima foi fazer um trabalho lá com a gente e ela falou: "Nossa! Como você está magra, hein, minha irmã. Nossa! Você precisa procurar um médico". Eu falei: "É, minha amiga, todo mundo está falando que eu estou magra mesmo. Eu acho que está na hora de eu procurar um médico". Porque o médico dizia assim: "Ela não está anoréxica, ela está é magra. Ela não está anoréxica". Eu dizia: "É, realmente, eu estou magra. Você está maluca, não sei o quê.

Um dia, estava conversando com umas mulheres: "Como pouco, mas vivo bem, como pouco, mas estou bem. Fica todo mundo dizendo que eu estou doente. Não paro de trabalhar, como é que eu estou doente?" Aí o Júnior falou assim: "Pô! Por que você não vai no nosso parceiro, no João Curvo? Ele cuida de gente assim, pra cuidar de comida". Eu falei: "Ô, Júnior, alô! O João Curvo só faz as pessoas emagrecerem, não engordar". Aí ele: "Pô, vai lá. É parceirinho nosso, não paga nada".

João Curvo é parceiro do AfroReggae. Atende um número x de pessoas a custo zero e promove uma dieta específica pra pessoas de pouco recurso financeiro. Então, as pessoas fizeram seus programas de emagrecimento comendo arroz, feijão, pão francês, carne moída, seguindo as instruções dele, que ele é nutrólogo, mas que ficou famoso porque fez as pessoas emagrecerem. "É verdade, vou lá". Chego lá, realmente e está lá João Curvo e a Ângela, que é analista. O João me atendeu e falou: "Olha só. O quadro clínico é complexo. Você não bebe água, você está com problema no joelho, você não vai se sustentar daqui a dois anos...". Eu não sentia nada. Cheguei num estágio mental, que eu não sentia nada. "Você realmente está muito abaixo do peso, mas vamos cuidar de coisas por partes. Por quê? Primeira coisa que você não vai se preocupar é em engordar".

Porque eu sempre fui magra, mais um quilo, menos um quilo, mais dois, menos dois, não fazia diferença. Ao que as pessoas falavam eu não dava bola porque a estética atual pede gente seca. Então, melhor. Eu fiquei com o João Curvo dois anos e meio em tratamento, ele salvou a minha vida; não tenho outra frase pra definir o que se passou. Ele foi me acompanhando passo a passo, período por período, com tratamento ortomolecular e alimentação. E aí foi um desafio. Nossa Senhora! Inacreditável, porque é claro que ele tratou da minha depressão, que eu também não reconhecia.

Cheguei ao consultório do João em julho, quando eu já tinha decidido sair do AfroReggae. Tinha até conversado com o Júnior, em maio e ele achou que eu de fato estava estressada. Essa conversa que tivemos foi até na casa dele: "Não, você está estressada, está cansada. Tira uns dias, descansa, daqui a pouco isso passa.". Eu falei: "Olha, Júnior, eu demorei tanto tempo pra decidir, que eu acho que é certo". Aí, como eu fui pro João, eu voltei a conversar com o Júnior:

"Olha, Júnior, realmente, eu não estou bem - expliquei pra ele o que estava acontecendo -, mas eu não queria parar de trabalhar porque é um trabalho que me conforta agora. É só diminuir o ritmo".

A gente foi fazendo uns ajustes, eu fui ficando bem, mas, a cada dia que eu ficava bem, a minha certeza de sair daquela instituição aumentava porque já era um momento onde eu estava me desafiando tanto, que não fazia mais sentido. O projeto que eu imaginava não se desenvolveria naquela hora, eu discordava de muitas coisas, também por conta do curso de logossafia, mas eu tinha muita certeza de que era um projeto muito poderoso, eram pessoas muito sérias, eram pessoas honestas, que nunca tinham desviado dinheiro, bem, eu conheço o Júnior, na intimidade, ele sempre trabalhou muito, ele nunca foi um burocrata, ele nunca deu ordem pra ninguém fazer. É um cara que foi meu parceiro, de entrarmos na lama, com água e cocô no pescoço.

Mas era o meu momento de reclusão, de viver a minha vida de outro modo, a partir de então. Ao mesmo tempo em que eu ia me cuidando, crescia a certeza sobre minha saída da instituição. "Olha, gente, é o último ano que eu estou na instituição, eu vou sair". E o Júnior assim: "Ah, está louca!?! Ah, está cansada". Eu fiquei de maio de 2004, programando sair, até março de 2005. Foi quase um ano de saída mesmo. Mas conforme eu ia amadurecendo aquela saída, eu ia arrumando a casa. Chamamos um administrador e ele começou assumir o trabalho. Eu fui fechando o programa, fechando o processo interno, entregando a casa na mão do Júnior e de toda a direção da instituição. Os detalhes: onde é que estava guardada a pasta tal, no arquivo tal, até a conta bancária, a certidão, tudo isso ficou escrito. Em dezembro, chegou o momento de mais uma conversa.

Eu já estava bastante bem de saúde, já tinha recuperado um bom peso, já dormia, já comia, estava numa vida mais normal. Passei a beber água disciplinarmente, porque, espontaneamente, eu não bebia água, não tenho vontade, mas sou disciplinada. Porque na terapia, eu fui descobrindo uma série de outras coisas, como por exemplo, a minha fuga era pela comida, ou muita ou pouca, mas era a comida. Então, isso foi legal, essa disciplina também.

Voltando, à conversa que tivemos em dezembro numa reunião quando reafirmei o meu interesse de sair. Já estava claro pro Júnior, pro pessoal da administração e pra algumas pessoas a minha decisão de sair. Fiz a comunicação oficial da minha saída nesta reunião. Estava um clima supertranquilo, ninguém saindo aos pedaços, ninguém chorando, até que o Altair resolveu falar, e aí ele me desmontou, porque eu e ele tínhamos uma amizade mais antiga. Ele chorava de um lado, eu chorava de outro. O Júnior, na frente, também segurava a onda. E aí ficou realmente oficializada a minha saída.

Nós começamos a mandar as mensagens em janeiro pros parceiros, dizendo que eu estava saindo e fizemos isso muito devagar. Eu não sabia o que fazer, a minha única certeza era a de que eu tinha que sair naquele momento para me cuidar. Em janeiro, eu ia ao escritório quatro vezes por semana. Qualquer ligação, eu já estava no escritório.

Não, eu não saí, na verdade eu estava saindo. Como eu não tinha o que fazer, comecei a achar que precisava me ocupar e montei um escritório na Praia Vermelha. Saía todos os dias, de nove às onze e ficava na Praia Vermelha para pensar no que iria fazer. Júnior teve uma atitude muito generosa, como é sempre essa a ação da parte dele. Assim, sempre tem essas surpresas, né? No dia em que acabou a reunião e todo mundo estava chorando, ele falou: "Fica aqui na sala. Eu quero falar contigo". "Ah, tá bom". "O que é que você vai fazer da vida?". "Não sei, cara. Eu sei que eu

tenho um carro, que vale R\$ 12 mil e que se eu dirigir isso por um longo tempo, dá pra viver por mais um período igual a gente fez quando eu saí do banco. Eu não sei o que fazer, eu só vivi o AfroReggae nesses últimos sete anos. E eu fiquei aqui dentro, então eu não me articulei com ninguém. Eu vivi institucionalmente; eu não levo nada daqui, eu não levo a agenda telefônica, não levo e-mails, não levo nada, né, e não sei o que fazer". "Mas, pô, então por que é que você não fica?". "Cara, não dá. Existem muitas diferenças, não dá mais". Ele falou: "Então, tá. Vamos fazer o seguinte: durante seis meses, a gente vai ficar bancando o seu salário, pra você poder se situar". Eu falei: "Épa! Estou ganhando seis meses de trabalho?".

Eu sabia que a instituição não tinha dinheiro então disse: "Júnior, a instituição não tem como pagar o Arnaldo - que era o administrador - e a mim". Ele falou: "Ó, deixa isso comigo. Você não tem mais que se preocupar". E de fato. E aí eu falei: "Então, como você está me indenizando...". Na verdade, não era uma indenização. Se colocássemos no papel 10 anos, não seria isso. Era só um salário, não era uma coisa enorme assim. E aí eu achei surpreendente porque, eu nunca imaginei que ele fosse ter uma atitude dessas, mas não estou dizendo com isso que Júnior jamais faria algo assim, pois isso é justamente bem característico dele. Então conclui: "Aceito, quando eu conseguir um trabalho, eu venho aqui e suspendemos essa bonificação, esse pagamento". "Não, por mim, durante seis meses, isso já está pautado". "Eu só aceito receber, se for por nessa condição: na hora em que eu arrumar um trabalho, eu venho aqui e falo que não precisa mais me pagar". E foi assim que a gente fez.

Em março, eu comecei a fazer essa história de ir para praia, pensar um pouco na vida. Eu pegava o laptop ou o caderninho e ficava lá tomando sol, porque eu preciso do sol. Fiz um combinado com o barraqueiro. Escolhi a Praia Vermelha pela questão da segurança. A gente sabe que ninguém vai importunar, que vai ficar bem lá. E tinha o Pará, que era um vendedor ambulante, que já era antigo de lá, e até morreu no ano passado. Ele achava estranho eu ir todo dia naquele mesmo bat horário, fazer aquela mesma coisa. Até que um dia eu falei: "Pará, posso te fazer um pedido? Me traz um coco aí, que eu queria te fazer uma proposta. É o seguinte, eu tenho trabalhado aqui duas horas por dia, diariamente, mas eu queria chegar aqui e ter um lugarzinho pra trabalhar". Aí ficou combinado: eu levava a cadeira, o laptop ou o caderno, ele botava um engradado e uma barraca. Eu ficava lá duas horas.

Eu pensava na vida. Literalmente, eu pensava a vida e anotava. Anotava tudo. Eu tenho um caderno onde eu anoto tudo. E fiquei pensando: "O que é que eu vou fazer? O que eu sei fazer na minha vida?". Naquele curso que fui fazer em São Paulo, oferecido por uma ONG sobre o exercício prático numa empresa, pois quem era de empresa, tinha que fazer um exercício prático numa ONG. Então, fui, com mais dois colegas de curso, fazer um exercício prático numa empresa familiar de alimentos. Foi muito legal, trabalhamos com um diagnóstico muito bacana, descobrimos um conflito entre a direção e a gerências e, como eu era do Rio, apresentei esse diagnóstico pro diretor dessa empresa, traduzindo pra ele tudo que a gente tinha identificado dos funcionários, etc.

Aquela conversa foi ficando boa, o diretor ficou de conversar comigo de novo e quando ele me propôs uma data para a nova conversa, eu disse "Ah, eu não posso tal dia porque eu tenho que ir pro AfroReggae". Ele era um português muito esperto, um cara muito sagaz. Em março, ele me ligou e falou assim: "Sabe aquele papel que você deixou aqui comigo? Eu não entendi uma coisa e queria que você viesse me explicar". Pois bem, aí fui explicar pro cara e no final da conversa ele falou pra mim: "Sabe o que é que é? Na verdade, eu queria conversar contigo para saber se você poderia fazer um trabalho aqui com a gente". "Como assim? Nunca trabalhei em empresa, que negócio é esse?". "Na área de recursos humanos, a gente está pensando numas coisas assim, assim, assim".

Fiquei março e abril conversando com esse cara, amadurecendo, esticando. Nunca tinha trabalhado em Recursos Humanos, que negócio seria esse? Nós conversamos em abril, fui contratada e já comecei a trabalhar no dia 2 de maio. Fiquei lá três anos e meio, levando essa experiência da área social pra uma empresa. Foi excelente. Não podia ter se aberto um caminho melhor naquela ocasião. Aprendi muito da área de negócios, numa empresa familiar que tem muitos conflitos. Houve momentos eu pensava assim: "Parece que eu estou no AfroReggae. Não estou entendendo!". "Ué! Mas é pra você ficar aqui mesmo". Parecia que eu estava numa reunião com o Júnior, tanta pancadaria, tantos desencontros. Era um negócio do tipo que eu não queria mais, com um vínculo tão parecido, embora eles tenham sido superacolhedores com as minhas idéias.

Fizemos um projeto que ia durar seis meses mas durou apenas três anos e meio. E foi ótimo, porque eu pude conhecer um outro universo, que é o universo do concreto, que no final do mês tem que ter vendido de R\$ 5 milhões a R\$ 6 milhões. Acabou o dia 30, 18 horas, começa tudo de novo. É um outro nível de relação onde tem outro tipo de jogo posto na roda. Tive a sorte deste trabalho ter sido numa empresa familiar e, assim, eu tive acesso a toda hierarquia da empresa, pude dialogar com eles de várias formas e pude exercer ali vários dos meus conhecimentos administrativos.

Essa hierarquia era assim: o presidente, que é o empreendedor, e três diretores, na seqüência da hierarquia, sendo que cada um tem o seu eixo empresarial. Seu César, o presidente, é um homem que veio de Portugal, literalmente vendendo pão de porta em porta. Hoje tem uma estrutura de negócio bastante interessante. Só o galpão dele mede 120.000 m². Essa empresa é uma referência aqui, no Rio de Janeiro, de alimentos não-perecíveis.

A estrutura é familiar porque todos eram parentes ou amigos. O interno deles é todo familiar. No meu diagnóstico, eu quase enlouquecia, porque eu perguntava: "É política da empresa incentivar casamento?", porque tinha nove casais dentro da empresa, e eu nunca tinha visto isto na minha vida. Havia 38 parentes de tudo quanto era lugar. O primeiro diagnóstico institucional da minha vida foi nessa empresa. Utilizei muita coisa da minha experiência no AfroReggae, impressionante.

E até várias vezes eles diziam isso: "Nossa! É muito difícil a gente conversar com a Márcia, porque às vezes ela está falando como psicóloga, daqui a pouco já está falando na contabilidade, daqui a pouco já passou pelo DP, o que é que é isso?" Eles tiveram muita dificuldade, no comecinho, de lidar comigo porque eu não entendia só de Recursos Humanos, de pessoas. Portanto, eu dava muitos palpites nas reuniões. Era uma loucura, eles faziam reunião até sem me avisar porque eu palpitava demais. Eu tive sempre isso, sempre palpitei demais; claro, eu também às vezes sou muito incoerente. E aí eu fiquei com eles, aprendi esse universo do negócio, de empresa, de indústria, de negociação com o fornecedor.

Até 2007, eu não tinha feito nada mais na área social. Eu saí do cenário, não ia a festas, não participava de nada, estava de saco cheio de todo mundo, não fazia nada. Ainda ia aos aniversários do AfroReggae mas, mesmo assim, há uns dois ou três anos. Eventualmente, ia à casa de alguém, mas muito esporadicamente. Dei um tempo mesmo, fui reorganizar minha vida, fui pra night, voltei a estudar, fiz um monte de coisas, inclusive arrumar marido novo, namorado novo, que esse povo não pode ficar largado na rua.

Fui fazer uma pós-graduação, que eu estou terminando agora, de gerenciamento de projetos, lá na FGV. É que eu

comecei a ver o seguinte: eu tenho conhecimento, mas não muito, no entanto, tenho uma puta experiência. E MBA não era a minha área também. Isso é ótimo pros meus colegas de petróleo, pra mim não é, mas foi um caminho pra eu poder chegar no lugar que tinha que ser. E aí o que é que aconteceu? - voltando pra outra história.

Em 2007, eu comecei a desenhar umas coisas na minha cabeça de voltar, mesmo como voluntária, para uma instituição bacana, voltar à minha origem do AfroReggae. O primeiro trabalho que eu fiz no AfroReggae foi a mediação de uma reunião, eu acho que isso eu sei fazer bem. Já experimentei isso com outras pessoas que eu não conhecia, e isso funcionou. Eu gosto dessa coisa de mediar discussão; eu gosto disso. Comecei a falar pras pessoas: "Pô! Eu queria voltar a ter experiência administrativa, ter contato na área de Recursos Humanos, mas eu não sei muito bem como fazer".

Até que o SESC fez um projeto chamado Tempo Livre que tinha o objetivo voltado para o fomento de cultura no interior. Vários grupos foram se organizando e fazendo os seus trabalhos. Chegou um momento, que eles não sabiam mais o que fazer, porque viraram Ong e estavam se organizando. O que é que se faz depois disso, como é que a gente pode sustentar o nosso trabalho a partir disso? Comentando com um desses conhecidos, ele falou: "Ah, o SESC está fazendo esse trabalho, será que você não gostaria de dar uma aula, ou um curso sobre elaboração de projetos?". "Pra falar a verdade, elaboração de projeto é uma coisa que eu acho chato pra danar, entendeu? Eu faço, se não tiver outro jeito, mas eu acho chato. Será que não dá pra ser uma coisa, assim, tipo como é que é uma gestão de projeto, como é que coordena um projeto? Isso eu sei fazer, adoro e tal", "É, pode ser, não tem nada fechado. Vamos lá, vamos ver". E aí eu comecei a fazer, em março de 2007, essa experiência com o SESC. Chamava-se Núcleo de Sustentabilidade. E aí sim, foi um delírio.

Eu tenho como avaliar esse projeto: em 2007, o SESC fez o fomento de sustentabilidade e eu criei algumas metas para mim, enquanto desafio próprio, do tipo: a partir do biográfico, descobrir que grupo é esse, aonde ele diz que quer chegar e onde é que ele chega. O primeiro momento desse trabalho foi assim: Numa roda de conversa, eles foram colocando as histórias e eu fui escrevendo. Depois, coleí na parede. Mas antes, vou colocando no papel à medida que eles iam falando e eles mesmos destacavam as coisas que julgavam importantes. A partir disso, começam a perceber coisas muito recentes na história deles que não lembravam mais. Primeiro, fomos identificar o que é que era problema, depois, o que eram possibilidade e oportunidade. Tudo foi feito a partir do discurso deles - nada mais do que analítico. Eles foram trazendo e, no final, a fizemos um grande painel, numa parede inteira, e eles disseram: "Ah, eu acho que isso aqui é importante."

Eu tenho uma coisa chamada agenda de compromissos, que nada mais é do que uma elaboração estratégica. Essa agenda de compromissos serviu, naquele caso, como um espaço onde eles diziam coisas do tipo: "Que assuntos que a gente quer tratar? Que dificuldades que a gente tem? Que coisas bacanas que a gente tem?". Essa agenda de compromissos entre um encontro e outro, vão dando conta daquilo, ou não e a gente trabalha o que eles deram conta e também o que não.

Isso tudo saiu de pessoas que eram nada e que viraram instituições, no interior do Rio. Tinha quatro instituições para eu acompanhar: Quilombo São José que é cultural, de Valença. Uma instituição chamada Grupo Código, de Japeri, um grupo de teatro que logo, logo, eu acho, essa instituição deslança. Um grupo de Iracema, chamado Cara da Rua. E

um grupo de teatro chamado Associação de Carentes e Artistas. Ainda trabalho com uma quinta instituição, mais distante, que é um projeto chamado Canta Brasil, de Porto Alegre.

Eu tinha me desligado do SESC e começo esse trabalho voluntário com essas instituições, no ano passado, em 2008.

Tudo começou porque o SESC, nos fez essa proposta para que continuássemos. Fizemos um contrato e, na hora do SESC assinar, eles recuaram. Eu falei: "Tudo bem, mas eu não vou deixar os grupos na mão, não tem como. Falei com os caras que eu ia continuar trabalhando com eles e como é que eu iria dizer: "Olhem, o SESC não está pagando, não vou fazer." Portanto, criei com eles um sistema de trabalho à distância, eles podem vir até a mim, mas eu não tenho como ir até eles. A gente trabalha pela internet o tempo inteiro, preparando projeto, fazendo definição de pauta de reunião; tudo isso à distância, e, quando eles precisam, eles vêm e eu dou assistência numa boa, porque não tem dinheiro, mas eu não posso deixar os grupos, porque eles são as minhas metas, na verdade.

Eu não estou sendo só boazinha, eu estou construindo o meu trabalho. Esse projeto já está no segundo ano consecutivo. O grupo Código, que era sem estrutura, hoje já tem CNPJ, já está com fomento de teatro, aprovado pela Secretaria de Cultura do Estado. Fazem o seu cotidiano e a gente mantém as relações acontecendo. Para o Quilombo São José é mais difícil porque é uma estrutura familiar, dentro de uma certa tradição. Só ajudo quando eles precisam, quando eles demandam. Os outros, são de pessoas mais jovens e eu sempre fui muito cercada por jovens assim.

O quilombo é o grupo com o qual eu menos atuo. Tinha o Márcio André, que era do Brasil Mestiço, que produziu, através do SESC o projeto no qual eu menos contribuo porque tem uma coisa bem fechada. Tem, e por isso, é onde menos atuo. Esses outros são os que eu mais apoio. O de Porto Alegre é o meu xodó atual, eles conseguiram colocar no projeto o que eu acredito, que é a questão de educação. Então, eles são um grupo muito jovem, com pessoas de pouquíssima idade, acho que o mais velho tem 27 anos, e as meninas têm 20, 22, mas todo mundo dessa instituição está fazendo a sua faculdade.

Eles pegaram o recorte da cultura, porque eles trabalham com música e dança, mas fizeram as suas atividades relacionadas com a educação formal. Então assim, todo mundo ali tem um programa na instituição, que é assim, quando alguém entra, já sabe que vai ter um tempo de vida naquela instituição que pode, no máximo, chegar a uns 14 anos. Esse é o tempo exato que o participante tem para fazer o seu 1º Grau, 2º Grau, e a sua faculdade.

Quando a terminar a faculdade fechada, está na hora de deixar a instituição e a vaga será destinada a outro. E aquele vai viver sua vida fora dali. É uma educação para a vida. E ninguém escolheu fazer faculdade de música, faculdade de dança até agora. Todos estão fazendo contabilidade, administração, direito, psicologia. Cinema é o mais radical, é o mais ligado à cultura. Eles exercitam na prática o que estudam na faculdade. A menina que faz direito, já faz os contratos, vai estagiar em escritório. E sabe, assim, eles toparam o desafio de uma transparência de gestão 100%. E aí, pra eles, eu faço mais o voluntário, não-voluntário, depende do que tem de dinheiro lá, na hora, mas é a possibilidade que eu tive de eu me envolver em educação e cultura. Dei uma volta danada pra poder ter certeza de que não era uma loucura minha, não era uma questão só da minha história. Era uma possibilidade de um trabalho ligado à vida.

Então, eu acho que eu fiz muita coisa bacana. Sei, cometi alguns erros sérios, mas acho que um erro mais sério foi aquele de ter me descuidado da minha formação pessoal. Já tem 10 anos sem estudar, literalmente. Pela minha

experiência, era pra eu estar terminando o doutorado. Eu acho que foi ruim, sob esse aspecto, porque eu me qualifiquei menos. A minha contribuição, nessa fase da vida, ainda foi auxiliar várias pessoas, muita gente. Não dá nem pra contar, não terei nem idéia de quantas.

Às pessoas que ajudei diretamente, eu até sei, mas eu acho que tem muita gente que ajudei indiretamente a pensarem na sua própria vida. Por mais que eu tenha pensado pouco na minha, acho que, durante muito tempo, eu fiz esse exercício de levar as pessoas a pensarem na vida delas, a assumirem riscos, e responsabilidades. Eu acho que isso, pra mim, é o maior ganho na minha vida. Quando eu olhava pros meninos, meninos que eu tive a sorte de jamais vê-los entrando pro tráfico, mas também de olhar para dois desses meninos, em particular, e dizer para eles: "Seja que escolha vocês venham a fazer, assumam". E quando me disseram qual tinha sido a escolha deles, acho que esse foi o meu maior ganho. Não foi a escolha que eu queria que eles tivessem feito, mas foi a escolha que eles tiveram que fazer. E ali foi duro demais, quando eles fizeram essa escolha, foi muito ruim.

O Bigu morreu. O Bigu foi uma coisa alucinante, porque ele era pequeno, meu parceiro, tão silencioso quanto eu. Era um moleque que a gente sabia que não ia ser artista nunca, não ia ser um cara de palco, porque ele não era, ele não tinha dom, não tinha talento, ele não tinha esforço, sabe? Mas ele era um cara fantástico, um cara incrível assim, ele era cômico pra gente. Olha, quando o Bigu morreu, ele já tinha mais de 18, eu não sei te precisar, porque eu cheguei num estágio de relação com ele que, como já não era mais o projeto, já era outro estágio de relação, essa coisa de acompanhamento já não existia mais. No entanto, ele era muito cúmplice e o fato dele fazer aniversário em março, me deixava ainda mais perto dele, que eu faço dia 5. A gente tinha essa coisa de fazer aniversários, de fazer bagunça, tinha muito dessas histórias. E a gente sempre viveu de combinados e acho que isso foi o que me deu mais tranquilidade, porque, houve um dia que eu falei pra ele que eu não gostaria de vê-lo com uma arma na favela.

Eu, o Júnior e todo mundo do AfroReggae deixávamos as crianças em casa, depois do show, literalmente. Teve um dia que a gente chegou à favela, eram umas três horas da manhã e estava tendo um baita de um samba lá, até com umas pessoas famosas e tal. Disseram pra ele que a gente estava entrando e contaram pra ele que eu estava, porque normalmente eu não entrava, tinha esse cuidado do pessoal comigo. Eu ficava lá fora, no posto. Pois ele, rapidinho, deu uma volta e surgiu com outra camisa, mas quando ele veio, eu tive certeza que ele estava com uma arma. Ele veio, cumprimentou a gente e eu falei: "Cara, foi hoje, né, quase que eu te vejo armado". Ele: "Não! Que é isso! Está brincando? Fala sério, não sei o quê, não sei o quê", "Não, eu tenho certeza. Você estava na boca", "Não, juro que eu não estava, não estava", mas eu tinha certeza absoluta.

Isso foi num final de semana. Na terça-feira, quando eu cheguei lá, ele pediu pra que me chamassem e falou: "Olha, eu fiz uma escolha e não tem mais saída". Mas demorou um tempo até ele morrer e eu acho que foi a primeira perda que a gente teve foi a dele. Quando ele morreu, a gente não conseguiu ajudar, não tinha grana, não tinha recursos, tipo hoje. Acho que, hoje, se acontecesse algo assim, em algum lugar, com alguém do AfroReggae, rapidamente tomaríamos as providências, mas na época não foi possível.

O Júnior tinha acabado de comprar um carro, um Voyage. E aí ele me ligou e falou: "Tu estás em casa?", eu falei: "Estou, eu fui ao mercado, mas já estou em casa.". "Pois então, eu preciso te falar uma coisa, uma coisa muito chata". "Ah, Júnior, fala logo, pelo amor de Deus". Ele falou: "O Bigu morreu", mas quando ele falou que o Bigu morreu, ele já estava

em outro lugar. E eu falei: "Estou indo". Eu falei um "Estou indo", mas pela primeira vez eu comecei a entender o que era o ritual de morte, porque eu nunca tinha perdido alguém assim tão próximo.

Ritual de morte. Já tinha perdido uma pessoa importante na minha vida, que foi o meu avô, pai da minha mãe, mas com ele foi uma história muito especial assim. Mas com ele, com o Bigu, era muito diferente. Eu não uso calça jeans, mas naquele dia eu peguei uma calça jeans, eu botei uma camisa, tirei, botei outra, e não sei o quê mais. Desci, peguei um táxi - eu não sei nem como eu arrumei dinheiro, não tenho a menor idéia - e fui encontrar o Júnior ali, no centro. Fomos, no carro do Júnior, pro hospital de Nova Iguaçu, aquele Hospital da Posse. Quando a gente chegou na portaria, o cara falou: "Nem adianta. Vocês não vão achar". Imagina! O Júnior, em 97, 98, era muito mais esquisito do que ele é hoje, de aparência. O Teco, um rastafári, negão, e eu, magrinha, toda assim, na entrada do hospital à noite.

"Que nada! Vocês não vão entrar, o hospital já está fechado e aquele bandido que chegou já está morto, oh! faz tempo". A gente tentava se segurar e o Júnior: "Não importa se é bandido, se não é, a gente quer ver". Imediatamente já fomos cercados por aquele pessoal que faz sepultamento. E ficha daqui, ficha dali, ficamos sabendo que, em Nova Iguaçu, tem um problema de jurisprudência. Só poderíamos contratar o serviço de Nova Iguaçu, não poderíamos contratar o serviço da Santa Casa de Misericórdia. Imagina!, mas, naquela época, eu não sabia esses detalhes políticos. E a gente: "Tem a funerária tal". Fomos para a tal da funerária, já era muito tarde e o cara: "Não, vamos fazer assim, fazer desse jeito". Saímos todos nós arrasados, porque já tínhamos saído de Vigário Geral muito mal.

Eu não sei como que alguém conseguiria dirigir aquele carro, como o Júnior fez. Quando chegamos em Vigário Geral, no Médicos sem Fronteiras, tinha um banquinho de ladrilhos do lado de fora uma coisa assim, um embrulho de pano. Quando eu vi era o próprio Júnior todo embolado, chorando, desesperado lá, transtornado. Tínhamos saído de Nova Iguaçu achando que já estava tudo resolvido. Tinha sido uma madrugada horrorosa, mas acabou, fechou e por isso voltamos para Vigário Geral, pra casa do Bigu, encontrar a mãe dele: "Eu não vou ver o corpo do meu filho de jeito nenhum, de jeito nenhum". Eu falei: "Se você não for, não vai dar pra tirar ele de lá". "Não vou, não vou, não vou".

Imagina! "Bom, então tá, alguém tem que ir". Aí, ficou todo mundo me olhando e falaram: "Só tem você, Márcia, a gente não consegue ir". Eu disse: "Pô! Mas eu não posso, eu não tenho condições de ir". Aí a mãe dele falou: "Olha, eu vou pra assinar, mas eu não vou pra ver". E no necrotério de Nova Iguaçu não tinha geladeira. Pronto. "Tá bom. Estou indo". Foi a pior coisa que eu vi na minha vida, a pior. Saímos de lá e eu falei: "Olha, pega o corpo, faz o que tem que fazer e leva pra Irajá". "Não, mas não pode tirar o corpo daqui pra enterrar em Irajá". "Como não? Pelo amor de Deus, o que é isso?", "A família tem que enterrar em Nova Iguaçu". "Não, não, não pode", aí começou a confusão.

Olha, só pra resumir, eu só não quebrei a loja da funerária porque o dono da loja veio e falou: "Minha filha, você pode ficar tranqüila, eu vou fazer o enterro desse menino, você não precisa cuidar de mais nada". Eles contrataram uma funerária que não era de Nova Iguaçu que iria pegar o corpo e levar não sei pra onde, pra trazer não sei pra onde, pra...

Sabe, um negócio assim, de louco. Eu peguei o papa-defuntos da funerária que vinha entrando nessa Santa Casa, em Nova Iguaçu e falei: "Agora fala pra esse moço aqui tudo que você me falou lá fora". E o cara começou a falar: "Não, porque não sei o quê", aí um rapaz lá da funerária falou: "Mas o cara já está morto.". Aí eu falei: "Olha só. Se o cara fosse bandido mesmo, dos bons, eu já estava com R\$ 5 mil reais, eu tinha feito...". Perdi o controle, veio o dono e eu

falei: "Júnior, manda esse cara embora. Onde está o corpo? Como a gente vai fazer o enterro?". Dias depois, muitos dias depois, a gente foi pagar o sepultamento do Bigu.

Pro futuro, eu quero três coisas: organizar a minha vida material, organizar a minha vida pessoal e comprar meu apartamento. Eu e a minha amiga Fátima resolvemos comprar tudo junto.

Estruturar o meu trabalho com as crianças e com as pessoas. Essa história de 10, 15 anos é em função disso. Quando eu olho para Japeri, para ruas completamente sem asfalto, sem esgoto e vejo aquele monte de jovens fazendo, acreditando, eu digo: "Putz! Mais um AfroReggae sozinho e que eu posso contribuir".

Organizar a minha vida pessoal, que eu acabei deixando de lado, cuidar da minha vida religiosa, da minha vida amorosa, dos meus pais, familiares, que é um movimento que eu estou fazendo há uns dois anos, de trazer as pessoas pra perto, de compartilhar com elas tudo o que eu compartilho com tanta gente, porque nada melhor que ir pra Quinta da Boa Vista com três crianças e ficar sentada e me divertindo. Eu acho fantástico.

Eu sempre tive namoros muito longos, sempre gostei de ficar com alguma pessoa por muito tempo. Meu primeiro namorado foi o irmão da Fátima, o Jorge, o primeiro, oficial. Eu tinha 17 pra 18 anos e ele tinha 35. Imagina, a família dele não gostou nem um pouco. A minha mãe não achava nada demais, mas o meu pai achava que era uma escolha que ele não reconhecia. Foi pesada, minha escolha, o caso da gente foi pesado, mas ficamos muito tempo e, ainda na faculdade, ele era meu colega de sala de aula.

Ele já era médico e estudava psicologia e depois ainda fez direito. Ficamos juntos quatro anos. Mas teve essa questão de idade. Não moramos na mesma casa, não. Era um namoro bacana, na casa dele eu já tinha lá o meu quatinho, minha caminha, já fazia parte da família e essa foi a questão. Ganhei uma sobrinha, que é filha dela que hoje tem 26 anos. Ficamos esse tempo juntos, depois a gente se separou, porque não dava, né? Eu tinha muitos anseios, eu queria muita coisa, eu queria ganhar o mundo, eu queria viajar, eu queria fazer muita coisa. E aí ele falava: "Não, menos, menos, menos". E eu falava: "Não, mais, mais, mais". E aí não deu certo. Ficamos muito longe, porque de fato viajei muito, adoro viajar, adoro estar de malas prontas, estudando, estudando, estudando.

Depois eu namorei uma pessoa que foi a muito importante pra mim, o Carlos, que era um agitador de rua. Ele me deu um conceito que eu não tinha, que era a permissão de ser cuidada. O Carlos me ensinou isso. Eu sempre fui muito autoritária, muito independente, então essas duas coisas caminhavam pra que as pessoas ficassem ou muito perto ou muito longe de mim. Então, o Carlos me deu esse tempo assim, tipo: "Pára em casa, senta pra comer; eu faço a comida, eu limpo a casa". O Carlos me provia assim, sabe, então ele tinha essa coisa muito generosa, principalmente pela história de vida dele, que era um paraibano e eram cinco homens e uma mulher na casa. A mãe ensinou a mulher a fazer tudo, menos cuidar dos cinco homens. Então, todo mundo cozinhava, lavava, passava. A menina não lavava um copo pra eles. O pai disse: "Se eu ensinar a minha filha a fazer isso, os outros todos não vão fazer nada e ela vai virar empregada dos outros cinco". Impressionante, né?

E aí eu fiquei mais quatro anos com o Carlos Bezerra. De novo, tínhamos uma diferença grande, porque ele é artista, músico e, então, vivia muito no alto. Eu já vivia com muita cultura na cabeça, pra chegar em casa e ainda lidar com

esse mundo de fantasia muito grande. Chegamos à conclusão que valia mais a pena a gente ficar como amigo por perto, se apoiando, porque não estava dando para ficarmos juntos. Ele tem dois discos, um chamado Totonho Establish e o outro tem um nome muito complicado, que eu não sei dizer.

É Totonho. Mas eu só o chamava de Carlos. As outras pessoas, Totonho. E aí, o Carlos me deu essa coisa de casa de e alguém me cuidando. Ligava pra perguntar a comida que eu queria comer quando eu chegasse em casa.

Depois do Carlos, teve o Leandro que foi uma pessoa bacanésima, até quando deu pra ser. E ele me apoiava muito nas decisões, isso era bacana e eu me inspirava muito nas atitudes dele em relação ao trabalho também. Eu já estava no AfroReggae, nessa época, e foi um problema. Assumir namoro com os meninos do AfroReggae era sempre um problema. Não, ele não, ele era um consultor de ONG, mas todo mundo, no AfroReggae, o conheceu. Todo mundo conhecia o Carlos, o Carlos dava muitas aulas de música. O Carlos também já estava no AfroReggae, dava aulas.

Carlos era um gordo desse tamanho, que todo mundo adorava, tinha a maior paciência com as pessoas, então ensinava vários truques pro Altair e pro Paulo Nogueira. Às vezes a gente estava no domingo, em casa, sem fazer nada, pensando em ficar com as pernas para o alto e aí o Paulo ligava: "Mas, Gordo - ele chamava ele de Gordo -, eu preciso aprender o toque não sei do quê.". Lá íamos nós eles ficavam lá tocando. "Qualquer problema, liga pra casa, que a gente resolve". Tudo era lá em casa: tinha que ensaiar música, era lá em casa. Não tinha um sossego nessa casa!

O Leandro tinha esse negócio do trabalho que era fazer consultoria, criar grupo, dar apoio, mas era uma pessoa também assim, que tinha um lado muito casa, cuidar de casa, tudo em casa, tudo casa. Ele me ajudava muito, porque eu era tudo rua, muita gente, confusão. Mas com o Leandro também não deu muito para conciliar, porque o trabalho me invadia, eu permitia que o trabalho tomasse muito tempo na minha vida. Então, eu deixava pouco tempo pra essas pessoas ficarem comigo. Eu também não percebia, não dava muita atenção. Então, elas iam, iam e, num dado momento, não seguravam a onda.

Chegava uma hora que não tinha como disputar o lugar. O final desse relacionamento foi complicado, mas não por causa disso. Foram quatro grandes relações. O Jorge; o Carlos Bezerra; o Leandro (uma relação bastante interessante nesse sentido) o Ricardo, um que me aturou durante longo tempo. Namorou várias vezes, ao longo de 15 anos. Em todos os intervalos dos outros namorados, todos os intervalos, só depois de muito tempo que a gente se tocou porém, não dava mais. Talvez seja o meu amor a vida inteira, é meu amigo, meu cúmplice. Agora é casado, tem filho, então a gente respeita. Foram quatro relacionamentos muito legais. Com o Leandro, foi na época em que eu já estava doente. Quando a gente terminou minha doença só acelerou.

Nunca tive filho por uma opção mesmo, fiz esta escolha. Mas eu tenho filhos também, eu acho que tenho uns cinco: Paulo Nogueira, Altair, Anderson, Rosemary. O Anderson, Nossa! O Anderson é um filho evidente. Aí tem a Rosemary, que é um xodozinho antigo.

Então, com essa brincadeira dos ciclos de sete, aos 21 anos eu sabia que eu não tinha capacidade, eu tinha certeza, em determinados momentos da minha vida que eu tinha uma certeza que eu não ia ter filhos, mas que eu cuidaria de muita gente. Eu tinha certeza que não ia ter filhos. Não sei dizer porque. Era uma intuição, era um sentimento tão

claro, que pra mim era fácil. Não que eu não fosse casar, não que eu não fosse gostar de ter família, nada disso, mas assim, um filho naquele momento exigiria de mim uma disponibilidade pessoal integral, que eu não queria ter.

É como se faltasse esse pontinho também: "Eu vou ter condição de estar com muita gente, auxiliar muita gente, dividir com muita gente, mas eu não vou ter essa disponibilidade 100% pra uma pessoa". Talvez seja um erro de demonstração da minha parte porque talvez isso possa ser associado dessa forma, né, mas foi uma opção que eu fiz. Muita gente fala: "Ah, mas é uma bobagem. É possível conciliar". Sim, mas eu não quis conciliar, é um direito que eu tenho; assim como eu digo pra todo mundo assumir as suas escolhas, eu assumi a minha.

Era bem consciente, desde os 21 anos, sempre. Antes eu achava que ter filhos era muito chato, mas depois, eu vi que tinha muita gente que gostava e achava legal. Eu pensava na época da adolescência, porque as minhas amigas falavam: "Ah, eu vou casar e ter dois filhos". A minha irmã vivia falando: "Ah, eu quero ter logo três, não sei o quê". Achava legal, mas isso não era uma questão, mas aos 21 anos, eu tinha isso muito claro, eu sabia que eu não ia ser mãe.

Comecei a perceber que isso era uma questão de opção. O irmão da Fátima, o Jorge, nunca tocou nesse assunto, não era importante pra ele naquele momento, talvez até fosse, mas na minha relação com ele, isso não apareceu. Depois teve uma relação que foi muito complicada, que foi uma relação com o Ricardo, pois o Ricardo dizia isso pra todo mundo: "Ah, eu quero ter filhos; eu quero ter filhos; eu quero ter filhos". Eu dizia: "Estou ferrada, eu não quero ter filhos", era impossível. Foi numa dessas histórias mesmo que a gente começou a ver que não daria certo. "A minha leitura ativista agora é que não vai dar certo".

Ele teve há três anos atrás. E voltou a falar isso: "Está vendo? Você achava que era tão importante a gente podia ter um tempo grande sem filhos, quem sabe.". Então, eu não tinha essa disponibilidade, eu não queria, não era uma questão assim: "Ah, se eu não for mãe, eu não serei uma mulher realizada". Não, nunca foi uma questão. Quando eu comecei a ter essa relação com o AfroReggae, as pessoas com quem eu tinha mais intimidade diziam: "Está vendo? Daqui a pouquinho vai ser mãe; você está se envolvendo com tanta gente, está cuidando de tanta gente". Ou diziam pior: "Está trocando. Está evitando de ser mãe pra poder ser mãe dos filhos dos outros". E eu dizia: "Gente, eu não levo ninguém pra casa, eu não tenho essa fissura por isso; não é essa a minha onda".

Quando eu estava com 24 anos, fiz a minha primeira viagem internacional e falei: "Pô! Imagina se eu tenho um filho pequeno agora, como é que eu ia fazer?" Não que fosse um problema, no caso, deixar com alguém e tal, enfim, não é um problema, mas eu não tinha isso. Eu achava: "Deve ser legal ficar grávida, aquela coisa de sentir o filho crescendo, acho bacana, pronto". Mas eu não consigo. Eu não vejo a Márcia Florêncio como mãe. Não dá, não baixa.

É, eu também tinha muito disso: "Como é que eu vou fazer com criança?". Tem muita gente que dá, mas não é a minha, não é a minha. E aí o que aconteceu? Quando eu comecei a fazer essa análise, a analista ficou durante um tempo circulando com essa história: "Não quer ter filho por quê? Se nega, não isso, não é aquilo". Eu falei: "Olha, pode ter sido uma negação, pode ter sido negado aí, mas é só uma decisão". E assim, e agora mais do que nunca. Imagina, aos 40 anos, não porque... gente, péra aí, péra lá, se até os 40, eu não me decidi, pra eu decidir aos 40, eu teria que ter um companheiro que tivesse muita lábia e porque não me nego, nunca me neguei assim: "Ah, eu não vou ter filho; não, de jeito algum". Não, até agora não. O meu desejo é continuar não tendo, mas, quem sabe, o futuro a Deus pertence.

Daqui a dois dias, uma semana, alguma coisa doida, não sei dizer, mas não crio nenhuma briga, não tenho nenhum movimento tipo: "Não, nunca!", sabe? A ponto de fazer uma cirurgia e tirar tudo, ou tomar remédio... Hoje eu digo: "Parceiro, se não for usar camisinha, não vai rolar, porque eu não quero ter neném, entendeu, não faço nenhuma questão, não quero ter filho". Cuidei bem disso, e tive muitos problemas, porque tem uma hora que a relação pressiona, pressiona, e aí você diz: "Olha, ou você assume uma parte ou eu vou assumir as duas partes". Nunca tive problema de assumir as duas partes, muito pelo contrário. Nunca precisei fazer aborto agora, e também não gostaria de fazer um aborto, por exemplo, eu acho que seria muito complicado. Também não gostaria de ter um filho pela pressão: "Tem que ter um filho, tem que ter um filho". Honestamente, eu não gostaria de, na pressão, ter um filho.

Tenho o tempo todo esse sentimento maternal no meu cotidiano. Tenho claro que a minha lemanjá é muito presente. A minha maternidade está realizada. Para todo mundo da Quinta da Boa Vista, eu sou a tia parquinho de diversão. Acho que isso é uma questão pra cuidar, porque senão eu estava com filhinhos e tudo. Eu tive essa sorte, tive essa sorte de ter a Fátima mais presente ainda mais presente do que a minha mãe, em certos momentos, até pela proximidade de moradia. Muitas coisas que eu compartilho com a Fátima, a minha mãe nem faz idéia, pelas nossas afinidade e, por outras questões, porque eu me permito.

Trabalhamos juntas no AfroReggae durante um tempão. Ficamos, cada uma desenvolvendo seu trabalho específico, numa organização de papéis específicos. A Fátima foi fazer um freela, e, depois, foi conquistando até que ela continuou mesmo quando eu saí, até porque o trabalho dela não tinha nenhuma relação específica comigo.

Eu sou filha de Ogum com lemanjá e fui muito bem cuidada por lansã. lansã, na verdade, cuidou muito de mim, durante muito tempo. E eu tive essa sorte de poder estar cuidando dos outros, de me permitir ser cuidada, que era uma coisa que eu não me permitia. Isso foi, na verdade, de 94 pra cá. Eu sempre tive que tomar muitas decisões, desde muito nova então, eu achava que não cabia alguém cuidar de mim.

Total. O Carlos me adotou totalmente. Ele fazia comida, eu só fazia as compras, o restante, quem fazia tudo era ele. Eu lembro de poucas coisas que eu fazia em casa, tipo, arrumar a casa de vez em quando, mas essa coisa de prover, ele era o provedor, não estou falando provedor financeiramente, nada disso, porque a gente compartilhava, mas no fazer da casa, o cuidar da casa. Eu acho que se eu cozinhei naquela casa, deve ter sido uma vez e olhe lá! Porque como eu era mais lenta e ele era impaciente, então ele dizia: "Ah, vai, deixa que eu faço.". Eu fazia rápido um café da manhã, que a minha especialidade é o café da manhã, mas o restante não.

Tenho certeza que há um papel específico da mãe nas periferias brasileiras. Absoluta certeza. Por isso que os serviços de assistência às mães são fundamentais, na minha opinião. Eu digo que, quando elas não são assistidas, elas não conseguem assistir os seus filhos e isso deixa uma marca pra vida inteira. Pela experiência que eu tenho, e, em particular, a experiência em Vigário, que foi uma experiência na qual eu pude acompanhar muita gente, durante muito tempo, mãe que não é cuidada, não consegue cuidar do outro.

O filho que não é cuidado por essa mãe, não consegue cuidar de ninguém. É uma coisa terrível. Não tem jeito. Aqui, na minha casa, trabalha a Rosa, que é mãe de quatro, avó de três. Ela tem de renda, o salário que eu pago e mais o salário dos filhos, que trabalham todos no AfroReggae. O cuidado que essa mulher tem com os filhos, eu considero assim, um

dos mais especiais. Os meninos tiveram que sair da escola por um período, por conta da guerra, depois por opção, não sei o quê, mas voltou todo mundo pra escola. As crianças têm hora pra chegar da escola: as crianças!, o menor tem 22 anos. Hora pra chegar, hora pra sair. Tem que responder, sabe? Ela é a autoridade da casa, e ainda cuida da roupa.

Esses pais ficam em vão, ficam em vão. Esse pai, por exemplo, é muito ausente porque ele bebe muito, porque ele usa muita droga e as meninas não se viram nessa onda. Então a relação dos pais é muito difícil. Mas ele é uma figura, está lá. Acontecia basicamente isso, os homens estão na cadeia, ou morreram, ou abandonam a família por várias razões. Essas mulheres vão pra rua, arrumam o dinheiro, cuidam e sustentam a casa. Elas são como imaginamos que há muitas, que seja comum lá nas favelas. Ela tem todas as limitações que a gente pode enumerar relacionadas com a baixa renda, mas ela tem uma relação afetuosa com os filhos, relação de amor com os filhos que supera tudo isso, inclusive o lado financeiro deles, o que é muito difícil. Os meninos trazem o dinheiro pra casa e elas decidem o que fazer com o dinheiro. Isso é muito legal.

Mas tem mulher que não cuida da sua própria saúde e eu brigo com ela todo dia porque tem que fazer a carteirinha, porque tem que ir ao médico, mas assumem esse lugar de mãe que é não é só a criadora, mas que é a gestora do futuro desses filhos. Então, ela tem esse discurso do futuro dos filhos. Mesmo que os filhos cometam alguns erros no caminho, tipo, ah, foi pai aos 16, ela pontua: "Pô! Foi vacilo, como é que pode? Não sabia que tinha que usar caminha? Não sabia que tinha que ir ao médico? Bom, mas já que veio vamos cuidar" e aí passa a cuidar dos netos também.

Isso é muito do que eu vi com elas, com as mães do Acari, com as mulheres de Vigário, com as do Cantagalo, desde os primeiros contatos que eu tive com elas. Esse é o movimento que eu também faço em direção à vida, por que não dizer da experiência, mesmo que ela não sirva pra todas as pessoas, mas falar da nossa experiência, trazer tudo que a gente viveu é, o máximo, o que a gente pode fazer. Nem todo mundo vai escrever um livro, nem todo mundo vai ler o livro que a gente escreveu, mas eu acho que isso é superimportante. Esse é um pouco do meu movimento pessoal, que hoje, está ficado no compartilhar o espiritual como lei. A minha experiência no AfroReggae também tem a ver com isso, eu precisava dar vazão ao que eu tinha acumulado, até que a instituição não mais suportou tudo aquilo que eu tinha. Não era nem mais discordância política, mas eu tinha descoberto muita coisa e que ali não ia caber mais. O meu olhar tinha mudado muito, não era mais só um olhar afroreggaeano, era um olhar de mundo mesmo.

Eu tinha essa necessidade, tenho! e, por isso, faço tantos trabalhos voluntários. Por isso é que eu presto serviço pra empresários, para entender como funcionar; por isso que as pessoas vêm conversar, questionando o meu trabalho.. Ontem mesmo, um cliente falou: "Nossa! Eu fiquei matutando. Como é que eu ia conversar com uma psicóloga, que trabalhava numa área social, dentro de uma empresa, mas eu não sabia onde é que estava o meio do caminho.". "É bacana de conhecer alguém que conseguiu ir acumulando coisas, que, no final das contas, foram se encontrando". E eu acho que eu estou num momento muito especial da minha vida. Eu tenho 40 anos, eu acho que estou pela primeira vez numa idade cronológica que corresponde a uma aparência, a um físico. Hoje eu posso atender qualquer pessoa, porque está tudo compatível. Eu acho que eu vivi muita coisa bacana, mas também muita coisa muito ruim, que fez muita diferença. Então, eu tenho muitas habilidades, mas pra muitas coisas; não me desespero em situações comuns.

Isso tudo foi um aprendizado. Na hora, tem um impacto e eu acho que isso teria sido um treino. Na hora que eu recebo a informação, é um peso. Preciso de dois minutos pra elaborar, para dar um passo. Eu só não tomo as decisões e eu só volto pra ela quando aquilo fecha, aí eu volto com tudo que eu tenho para voltar. Eu sou capaz de ter uma

atitude inesperada, por causa de uma pessoa mais normal, mais comum, tipo um acidente de ônibus. Então, eu tinha passado três dias pra fazer um relatório pra Fundação Ford, eu tinha tido uma baita de uma discussão com o Júnior, ele tinha me provocado, no sentido de que eu não conseguiria terminar o relatório em tempo e tal, não sei o quê, que tinha negócio de prazo; pelo excesso, eu perdi, e segurava a onda, e dizia: "Não, de fato, quem perdeu fui eu".

Foi dessa forma: num finalzinho de tarde, eu tinha decidido ir à praia porque o meu refúgio é ir à praia. O meu namorado passou lá em casa, e me pegou pra irmos à praia. Estávamos na Lagoa Rodrigo de Freitas, o telefone toca e o Júnior fala assim: "Onde é que você está?" Eu falei: "Tu não é meu marido". Um diálogo bem assim. "Tu não é meu marido, quer saber pra quê?", "Não, mas é um assunto sério". "Tá. Eu estou indo pra praia e aí?". "Você está aonde?" Eu falei: "Eu estou na Lagoa Rodrigo de Freitas, indo pra Ipanema". "Então, se dirija pro hospital Miguel Couto", "Eu estou acabando de sair de casa". "Olha só, Márcia, o Anderson acabou de sofrer um acidente muito grave, e ele está sendo levado pro hospital e você é a pessoa que está mais perto". Na hora, eu falei: "Leandro, por favor, querido, pro Hospital Miguel Couto". Eu estava de biquíni e vestidinho, parei na porta do hospital, rolou um barraco.

O Júnior no telefone desesperado, alucinado, articulando com o César Maia, não sei o quê e eu na porta do hospital falando com a pessoa: "Eu tenho que entrar pra ver um paciente" e a pessoa: "Não pode entrar". "Querida, olha só, eu preciso entrar pra ver um paciente. Você digita aí no seu computador um CRP, pra que eu possa entrar", "Mas cadê a sua carteira?", "Eu não estou com ela aqui, porque eu estava indo pra praia, mas eu tenho acesso. Digita aí por favor e tal". Eu subi e ele estava deitado numa maca, era um bolo de areia numa maca, num corredor mal parado e aí ele falou assim: "Eu sabia que a primeira pessoa que eu ia ver era você". Aí eu falei: "Tu é muito cara de pau, né, Anderson?"

Eu ele não tinha nenhum movimento, só os dos olhos. Eu só poderia chorar com essa história do Anderson, depois que ele botou o capacete de ferro. Mas o Júnior estava desmontado e, se eu desmontasse também, não tinha quem ficasse ali, na retaguarda. Eu só fui chorar dias depois. Então, é uma coisa que a vida me treinou mesmo. E eu acho que o que me salvou sempre foi o meu bom humor. Eu sempre olhei para vida agradecendo, sempre, ou porque eu pude ver certas coisas complicadas ou porque eu pude superar essas coisas. Então, eu tenho um baita de um Ogum. Difícilmente, eu acordo o dia sem estar sorrindo, dificilmente falo sem estar sorrindo, coisa que eu fui aprendendo durante a vida. Às vezes, alguém chega puta da vida, aí eu digo: "Bom dia!!!", a pessoa já fica desmontadíssima. E o Anderson ficou blindado, ficou um tempo no aparelho. E eu acho que foi isso que foi me dando essa possibilidade de receber impacto e dizer: "Vamos lá" e, depois eu volto; eu já não passo mais por cima.

Na época do meu trabalho com as Mães de Acari, eu ainda tinha pouca maturidade e sofria depois, e sofria sem saber por quê. Agora, eu já sei que é em função desse impacto que vem e que eu tenho que elaborar a partir dele. Mas eu acho que foi bacana e tem muita coisa e é por isso que o meu dia continua sendo muito grande. Às vezes eu titubeio, mas continuo trabalhando 18 horas por dia, porque eu quero que as pessoas saibam que eu quero que fique pronto rápido, mas é porque o nosso tempo também é um pouco menor. Olhando para linha da vida, o tempo pra frente é bem diferente e ele tende a ser menor. Mas eu não tenho medo de morrer, acho que eu estou fazendo muita coisa bacana agora, durante a vida. E eu falo para minha mãe: "O dia em que eu morrer, não fiquem chorando, não. Façam logo uma festa e comemorem bastante pra eu não vir puxar os pés de todo mundo". E eu acho que é isso.

Sou uma mulher das quebradas. ■

Eu sou Giselle de Souza. O meu nome é Giselle com dois eles, como costumava falar a minha mãe. Giselle é um nome francês, minha mãe colocou por causa do ballet Giselle, que veio no Brasil, justamente em 67, quando eu nasci. O meu pai era e é até hoje um preto que costumava absorver cultura. Porque trabalhava na Revista Manchete. Ele era datilógrafo e acabou tendo algum conhecimento através de revistas.

Ele gostava de muita música, de teatro, de arte. Mas isso não me influenciou muito, pois quando eu tinha dois anos, meu pai foi embora. Minha mãe criou quatro filhos, eu e mais três irmãos. Eu era a única menina, fui a última a nascer e cresci com a minha mãe, uma mulher que era um exemplo pra gente, porque ela trabalhava pra criar a gente sozinha. Meu pai acabou com o vínculo que eles tinham como homem e mulher e como



tinha terminado entre eles, ele acabou cortando o vínculo com a gente também. Era um superpai, mas eu não pude aproveitar essa parte, só os meus irmãos, mas depois que ele terminou com a minha mãe, ficou aquele ressentimento, um monte de coisas pra resolver, discussões. A família sempre apoiava a nossa criação, ajudando a minha mãe financeiramente. Mas a minha mãe foi pra batalha, foi trabalhar. Ela costurava, lavava roupa, ia fazer a faxina, trabalhava em mercado.

Eu nasci em Brás de Pina, ali, do lado da antiga Gelli, uma loja de móveis, muito conhecida, na Avenida Brasil, num apartamento alugado. Então eu via a minha mãe, eu achava a minha mãe muito foda, vendo hoje assim, pelo ritmo dela, pela educação que ela dava pra gente, toda aquela coisa de: "Vamos pra rua, mas vocês já sabem quais são os passos, tem que ser esses porque as coordenadas que eu estou te dando, são essas. Então, você sabe que o teu limite é esse na rua". A educação em todos os sentidos, como chegar na casa das pessoas, cuidado ao falar, ao sentar, ao cumprimentar, era sempre um padrão que ela já padronizava dentro de casa e isso, na rua, fazia efeito realmente.

Então, eu fui crescendo, mas muita coisa, depois que a minha mãe se separou do meu pai, eu não pude observar porque eu era criança. Meus irmãos disseram que era diferente antes, que ela começou a se soltar, ela acabou se libertando, porque ele ia pro jogo, que ele era viciado em jogo e deixava ela em casa, no fim de semana. Com a separação, ela aproveitou pra namorar, pra passear, ir pro samba, que ela adorava um samba, um pagode. Ela acabou extravasando um pouco aquilo que estava preso, há muito tempo, ali dentro. E a gente ia junto. Ela: "Ah, tem seresta", pegava os filhos, juntava todo mundo: "Vamos embora pra seresta" e a gente ia pra seresta. "Tem samba" e a gente ia pro samba.

Mas, em muitos momentos, eu tinha vergonha da minha mãe, olhava pra minha mãe e achava um pouco absurdo aquilo. Eu não concordava, dentro de mim, quando criança, pois não entendia muito e falava assim: "Que vergonha a minha mãe usar esse shortinho". A minha mãe era grandona assim, eu puxei a ela, bem grandona com as pernas grossas. Ela botava um shortinho curto e adorava ouvir música bem alto arrumando a casa e de estar tomando o limãozinho que ela gostava com uma cachacinha. Ela brigava, discutia. E por não ter homem, ela acaba se impondo um pouco mais agressiva - hoje, eu entendo isso -, com medo das pessoas agredirem ela, em alguns momentos, quando visse que ela era desfavorecida por não ter um homem do lado.

Então, ela tinha que se impor o tempo todo. Mas mesmo assim, eu tinha vergonha e só fui entender isso depois, que eu tinha vergonha. Eu achava a minha mãe muito pra frente, diferente das outras mulheres que eu via no prédio. Era aquela pessoa que passava e as pessoas cochichavam: "Olha a separada!", aquela coisa, mas tinham medo dela porque não podiam falar. As mães, quando iam falar com ela, fazer uma reclamação, falavam cheias de dedos com medo dela já fazer um escândalo, já rodava a baiana e xingava, que ela xingava mesmo, falava palavrão pra caralho. A gente não podia falar um ai, um palavrão. Se ela soubesse, se alguém contasse que alguém falou um palavrão soltando pipa, ela batia na boca, batia muito na boca, esculachava mesmo.

Ela xingava, falava muito palavrão e a gente convivia com aquilo. E quando ela se reunia com as amigas, pois ela gostava de muitas amigas, muitas amigas, amigas do candomblé, então, ela tinha muita amizade, amigas ali da favela mesmo, que a gente morava atrás de uma favela. Vivia ali com aquelas pessoas e era uma sacanagem, era uma putaria, um fala-fala, palavrão direto. A gente observava, acompanhava e não podia falar nada. Mas eu admirava a educação que ela dava pra gente, admirava aquela batalha, aquela luta dela e tal.

A gente estudava. A minha mãe fez muito sacrifício pra manter a gente na escola. Uma coisa que ela não conseguia dar pra gente era: "Vamos sentar e vamos estudar". Ela sentava a gente na mesa e falava: "Estuda" e ia lá, fazendo uma coisa e outra, "Vem! Está errado aqui, ó". Ela não sentava, não olhava, mandava fazer e metia a porrada: "Está errado! Vou te meter a porrada. Vou te botar de castigo. Faz essa porra" e deixava a gente fazendo sozinho. Todo mundo sentava na mesa, fazendo a lição ao mesmo tempo, um ensinava o outro e ela só vinha pra botar ordem mesmo. Eu achava ruim porque eu ia na casa dos outros meninos. Todo meu reflexo, muito da minha avaliação que eu fazia da minha mãe, do tempo dela, era o que eu via na casa dos outros.

Estudar? Eu só gostava da matéria de Português. Mesmo sem saber escrever direito, eu adorava português, que a professora mandava fazer redação, aí eu adorava redação. "Faz redação", aí eu escrevia, escrevia, o meu pensamento ia longe, era uma coisa que aparecia muito ali. Eu não falava que eu queria ser cantora, eu não falava que queria ser artista, nada, nunca, nunca, nunca isso. Eu era uma criança normal, mas tinha dentro de mim essa coisa do meu pensamento ir muito longe, eu viajava muito, pelo pensamento.

Aí, eu comecei a usar isso, escrever, principalmente quando a minha mãe falava assim, quando ela me via com um caderno, escrevendo: "Ih! Vai ficar maluca igual ao pai, adora ter uma boa caneta na mão pra ficar escrevendo". Aí eu sentia muito a falta do meu pai e isso me impulsionava a escrever mais, que ela falava aquilo como que implicando, meus irmãos, não sei quem implicava: "Não, a Giselle só gosta de brincar de escrever". Minhas coleguinhas me zoavam porque, quando a gente ia brincar, eu queria brincar sempre de escritório, montava uma mesinha, pegava os papéis, anota, escreve, não sei o quê, tudo meu era isso. Minha mãe reclamava disso.

Na escola só gostava mesmo de escrever alguma coisa. Quando mandava fazer uma pesquisa, fazia uma pesquisa porreta, recortava, adorava isso. As outras matérias, matemática eu odiava. Na época do meu pai, quando era criança, cheguei a estudar em escola particular, um gostinho só que ele colocou na boca. Depois ele não tinha como pagar mais e a minha mãe tirou, que era jardinzinho, eu lembro bem, eu tenho as fotos de lá.

Então, os meus tios ajudavam muito a minha mãe e, às vezes, minha mãe tinha algumas relações de namoro que também ajudavam ela. A primeira coisa que ela fazia, ela sempre falava: "Se me quer, vai ter que comer os meus filhos também", "Como?", "Dando direitinho a alimentação, dando dinheirinho na minha mão pra comprar as coisas pra eles, porque eu não preciso de nada, meus filhos que precisam". Ela apresentava isso pros caras e acaba que isso acontecia, os caras adoravam a gente, compravam as coisas, ajudavam dentro de casa. Mesmo ela trabalhando, tendo o dela, eles ajudavam. Não gostava de pegar dinheiro, mas botar a comida dentro de casa, sim. E eles não dormiam, dormiam uma vez sim, uma vez não. Nunca botou homem pra morar em casa, porque ela tinha medo, apesar de ser só uma menina, por causa dos meninos, dos filhos mesmo, daquela liberdade de meninos, crescendo rápido. Então, essa foi a minha infância. Minha mãe entrou pra igreja quando eu tinha nove anos de idade. Ela saiu do candomblé.

Minha mãe estava com a cabeça muito perturbada, ela não conseguia se fixar. Ela tinha a sombra do meu pai na vida dela, assim: meu pai separou dela, não tinha nenhuma mulher, não tinha nenhuma pessoa. Eles se gostavam, aquela coisa, coração. Eu sempre digo que o coração é uma coisa que a gente não manda, é independente. A pessoa pode ser uma capa por fora, mas o coração é que manda e comanda a gente. Você não escolhe uma pessoa se é bonita, se é feia pra amar, pra gostar dessa pessoa.

O coração escolhe e aquilo fica eternamente dentro de você, dependendo das circunstâncias pra se romper. Pode realmente acabar ou pode sumir, dependendo da situação, mas, de praxe, fica ali até o tempo que você ou a situação determinar. Ela amava o meu pai e não conseguia ser feliz com nenhum namorado, não conseguia ter uma vida boa. Tinha uma vida sacrificadíssima, era muita luta, a questão financeira era muito difícil. A gente chegou a passar muita necessidade mesmo, dela ir pra rua pedir a vizinhos, dela ter que ficar em casa e falar assim: "Vai dar o horário da janta, tenho que fazer alguma coisa. Vou pra pista e vou voltar com dinheiro", dela parar num ponto, parar num bar, beber uma cerveja, sair com um cara e o cara dar um dinheiro a ela.

Então, ela chegou até vender o corpo dela pra dar o que comer pra gente. A gente ali, apertadinho, sem comentar nada, que ela criou a gente também com essa coisa, sem comentários. Era segredo, a gente já sabia que era segredo, era só não falar, que a gente sabia que era coisa nossa, só da família, uma coisa que ela preservava bastante. E às vezes eu reparava que ela contava as histórias pras pessoas. Ela adorava contar as histórias dela, mas era só até certo ponto, a outra parte só a gente sabia. A gente segurava as informações, e ela ia mesmo pra correr atrás dos comes e bebes.

Então, ela estava infeliz dentro do candomblé, as coisas não se resolviam. Tinha um irmão, ela criou todos os filhos iguais, mas o meu irmão, o Neném, já tinha um problema, já tinha aquela dificuldade, já tinha o vício, já tinha muito problema. Ela levou pra dentro da macumba pra ver se resolvia, mas que não resolveu.

Era o mais novo junto comigo. Ele nasceu primeiro, eu era mais nova e ele também. Então, ela era infeliz, não estava tendo controle da vida dela e foi aí que ela procurou, a partir de um episódio que aconteceu com ela dentro de casa. Ela se sentiu mal, caiu, acabou vendo a vida dela toda, acabou vendo a passagem de quando ela nasceu até chegar aquele momento. E através dessa visão, quando ela levantou, levantou com outra expectativa: ela ia cometer o suicídio e também ia matar os filhos. A gente a levantou, ela estava uma outra pessoa. Quando a gente viu o rosto dela, viu uma outra mulher, que era meio pesada mesmo, porque ela falava palavrão, xingava, fazia um monte, só não usava droga, o negócio dela, a droga que ela usava era o álcool, mas cocaína, heroína, ela não usava essas coisas. Então, ela se transformou e resolveu ir pra igreja e a gente foi atrás. Onde ela ia, a gente ia. Ela ia pra macumba, a gente ia com ela e a gente foi pra igreja com ela. Na época, era Batista Getsêmani, batista tradicional. Getsêmani é o nome do jardim no Antigo Testamento.

No prédio que a gente morava, no quarto andar, tinha uma menina que ela implicava muito, muito, muito e a primeira coisa que ela fez foi bater na porta dessa mulher pra pedir ajuda. Ela implicava com a mulher e nem sabia por que, mas ela implicava. E a mulher morava ali, tinha filhos também, cresceram juntos e a minha mãe implicava porque a mulher era crente. Qualquer confusão da mulher no prédio, ela reclamava. Caiu água no prédio, caiu na varanda, ela reclamava. E aí, ela foi bater na porta dessa senhora, essa senhora ajudou e aí levou ela pra essa igreja. E quando ela chegou, ela se enturmou. A nossa vida foi bum!, mudou da água pro vinho, foi muito rápido, mas também começou os perrengues porque tudo que o diabo tinha dado pra dela, ele acabou pegando de volta.

Ela acreditava em tudo aquilo e deu as costas, abandonou. E ela era "Mãe Pequena", no centro. Dava consultas em casa, ganhava dinheiro dando consulta e tinha os fiéis que iam lá pra serem consultados, pra jogar carta, pra ela receber santo e tal. Por último, como ela estava se afastando, ela não estava tendo paz. Se estava em casa, conversando com a gente, aí o santo baixava. Se estava na rua, baixava santo e ela passava vergonha. Ela não estava aguentando mais aquilo. Quando ela entrou pra igreja aí começou a vir tudo, tudo acontecia de ruim. A porta batia. A gente já estava acostumada a ver as coisas em casa, eu mesma, sensitiva a isso, eu via tudo, eu sentia, eu sabia. Mas quando teve essa revolta, essa mudança, aí mesmo que a gente via porta batendo, caía isso, quebrava vidro, a gente se machucava dentro de casa.

Quando a gente entrou pra igreja aí mesmo que foi uma luta do bem contra o mal, vamos dizer, por causa do diabo e a gente chorando, levava os irmãos e as coisas aconteciam. Quando a gente estava dois meses na igreja, meu pai chamou a gente lá, chamou todo mundo, minha mãe, todo mundo. Eu falei: "Ih! Vai ter briga, né?", que os dois juntos discutiam e tal. Aí chamou a gente onde ele trabalhava.

Eu tinha contato com a família do meu pai, vivia lá em casa, mas ele não ia muito, não cuidava com os filhos: "Ah, fim de semana tal, traz aqui, que eu vou comprar os tênis deles", aí ele ia lá e comprava o tênis de todo mundo. "Fim de semana tal, vem que eu vou levar no cinema", aí levava a gente pro cinema. Era assim, de vez em quando, não era uma coisa de ter ele presente, era bem distante mesmo. A gente via ele nos fins de semana, quando a minha mãe ia pra casa da minha avó. Às vezes, os dois batiam de frente, ele discutia com a minha mãe. Mas a gente tinha essa vivência com a minha avó, que a minha avó era baiana, então ela tem aquela coisa de segurar a família toda, até o fim. Ela veio da Bahia, com os filhos pequenos.

A minha mãe é do Espírito Santo, é capixaba. Veio também com 17 pra 18 anos pra cá. A minha avó saiu de lá quando abandonou o pai da minha mãe. Ela traiu o marido, saiu, pegou parte dos filhos, que ela gostava só dos filhos homens, deixou as mulheres lá e veio embora. Depois a minha mãe veio, através de uma irmã dela, a mais velha, que trabalhava aqui no Rio. Ela era filha do meu avô com outra mulher. Foi trazendo as irmãs aos poucos. E aí a minha mãe veio e conheceu o meu pai nessa favela, nessa comunidade de Ramos, Roquete Pinto, que fica aqui, na Avenida Brasil, também em Ramos.

O meu pai tinha vindo da Bahia e ela veio do Espírito Santo. Os dois se conheceram, começaram a namorar, uma historinha de amor e tal. Ela casou grávida do papai, mas perdeu o primeiro filho. E aí foram juntando e até tiveram uma vida feliz, eles tiveram uma vida boa assim, pelo o que ela conta do casamento, que era pra ser uma vida de princesa. Ela falava: "Era pra ser uma vida de princesa, vivendo aquilo", mas depois a máscara caiu, e cai sempre - eu falo sempre, cai sempre. Dentro da realidade, assim, eu vejo muito que o que a minha mãe passou é igual a um monte de realidades.

Voltando à igreja. Ficou aquela luta e, depois dessa luta, era muita oração, muito pedido, ela conseguiu se estabilizar e arrumar um trabalho, continuar na igreja, largar o álcool, largar o cigarro. Demorou bastante, mas depois ela largou, que ela fumava maços por dia. Largou a bebida, largou os amigos que levavam pra bebida. E ela conseguiu ter uma vida mais estável, vamos dizer assim.

Quando ela entrou pra igreja, eu tinha nove, dez anos de idade. Quando eu fiz 11 anos, eu me lembro que a gente morava nesse apartamento onde fomos criados, em Brás de Pina, e a gente perdeu o apartamento. Descobrimos que o meu pai nunca tinha pago uma parcela do apartamento e aí a Caixa foi e pegou o apartamento de volta. E pra onde a gente vai, o que é que a gente vai fazer? Fomos até ele, que nessa época já estava ajudando. Voltando ao que tinha falado antes, ele chamou, reuniu todo mundo no bar e falou: "Olha, eu estou chamando vocês aqui pra dizer que, a partir de hoje, todo fim de semana eu vou dar uma quantia em dinheiro pra despesa e uma quantia em dinheiro pra vocês, como uma mesada". Aí ninguém entendeu nada, né? A igreja falava de milagre, mas a gente nem sabia o que era milagre, pra gente aquilo era.

A minha mãe só olhou, os olhos se encheram de lágrimas, os da gente também, não entendi nada, aí falei: "O quê? Meu pai falando isso? Caramba!". Foi um milagre ele falar pra gente que ia ajudar, do nada, sem a gente perturbar, sem eles terem discutido, a minha mãe quietinha, ouvindo. Eu falei: "Pô! é sério mesmo". E aí ele falou que a partir daquele dia e tal, tirou o dinheiro do bolso, deu na mão dela e falou: "Olha, isso aqui é pra você fazer compras pra eles e esse aqui é pra vocês" e aí foi dando na mão de cada um. A partir daquele dia, ele passou a ajudar.

Aí passou no açougue em Olaria e comprou um quilo disso, um quilo daquilo, um quilo daquilo, um quilo daquilo; duas bolsas, pum! Fomos pra casa. Estava purinha em casa, purinha. Chegamos em casa, foi a festa. Sabe quando você está vivendo uma vida assim, sabe quando está o dia meio nublado e de repente o solzinho começa a aparecer e brilhar? Era tipo isso. A gente tinha uma vida que era apertada. Ela acordava de manhã: "Ô, mãe, tem café?", "Hoje, ó, fecha a boca porque hoje não tem nada pra comer direito". Aí era café com farinha, ela dava um jeitinho de fazer um angu, um cafezinho mais ou menos pra gente e tal, dava sempre um jeitinho dela.

E as pessoas, os vizinhos gostavam muito da minha mãe, gostavam muito da gente porque nós éramos umas crianças muito educadas, então, quando não tinha café, ela já combinava assim: "Ah, vai pra casa do fulano. E você vai pra casa de beltrano". Aí cada um tomava um café. Um era café de luxo, outro era café mais ou menos. Eu ia com o meu orgulho, me comendo, mas eu ia. De manhã, você bater na porta da pessoa, a pessoa com a cara amassada, mas a pessoa já sabia, já era uma coisa combinada, famílias que tinham mais condições, famílias estabilizadas. Aí: "Oi, Giselle, entra, senta aqui, vamos tomar café". Aí a gente tinha uma amiguinha, uma criança que escovava os dentes, vinha pra mesa, a gente tomava café junto ali e tal.

Então, nunca ficava de barriga vazia. Quando estava brabo mesmo, que ela sabia que não tinha almoço, ela fazia essas coisas. Ela tinha uns truques dela lá, que quase sempre dava um jeito. E aí, quando ele entregou, a gente foi pra casa, a minha mãe nem quis conversar muito, nem quis se impor, falar nada. Eu achei estranho, já vi que ela estava mudando por ali, porque a minha mãe falava pra caralho, ela nunca foi de não falar. E sem falar nada pro meu pai, ela ficou estarrecida: "Vamos embora". Chegamos em casa, botamos a carne na geladeira, aquela felicidade, aquele dinheiro no bolso: "Ah, dinheiro! Dinheiro!". Felicidade total, eu e os meus irmãos. E aí combinava, ele ligava pra vizinha todo fim de semana: "Vem", aí ia Márcio, ia Sandro, ia Giselle, iam os filhos, ele aproveitava e via a gente e também dava o dinheiro da despesa e tal. Isso foi até a gente ficar adulto. Foi aí que a gente viu que era uma das condições que Deus deu até a gente ficar adulto.

Eu estudei uma época e parei porque tive um problema de saúde no rim. Fiquei em depressão porque eu não entendia. Eu estava bem, de repente comecei a inchar o corpo, era um problema raro e os médicos diziam que eu ia viver até 18 anos, mas a fase pra medir mesmo se eu ia viver era até 15. Então, eu passei uma parte da adolescência assustada e proibida de um monte de coisas: não podia beber refrigerante, não podia beber água. Se consumisse água, não urinava. Então, pra ver se o rim estava trabalhando normal, tinha que ficar sem beber água. E aí eu passei por vários tratamentos, no Hospital do Fundão, no Hospital de Nova Iguaçu, no Hospital Pedro Ernesto.

Achava horrível namorar, achava horrível. Minha mãe me liberava daquele jeito, no meio das colegas dela, na sacanagem: "Vai namorar. Está grandona. Olha só!". Com meus 13, 14 anos já era grandona, tinha perna grossa, corpão, mas eu tinha aquele medo com o meu corpo. Comecei a me descobrir muito com os amigos dos meus irmãos, que entravam dentro de casa e não me deixavam em paz, ficavam o tempo todo: "Ah, Giselle! Ah, Giselle", passavam a mão no meu cabelo, me alisavam, não sei o quê, sabe, aquela coisa toda? E eu me descobri através deles, e aí que eu comecei a ter uma iniciação assim, não iniciação sexual, mais de sedução.

Eu estava até contando essa semana aos meus amigos. A gente assistia Tela Quente e eu era "Garota Tela Quente". Ficava com a saia curtinha, que eu tinha as pernas grossas, os amiguinhos dos meus irmãos, tudo homem dentro de casa, e a minha mãe adorava aqueles homens. Ela fazia bolo, fazia comida pra eles. Era uma festa, assim, de ouvir música alta, assistir televisão e videogame. Era a maior putaria. E aí eu sentava com os que eu gostava mais, no escuro, vendo Tela Quente. Aí vinha aquela mãozinha, passava mãozinha. "Ah, vou beber água", "Eu vou pegar pra você". Eu ia, pegava água, dava um beijinho, dava uma bitoquinha, passa a mão aqui, passa a mão ali - homem é muito curioso, com esse negócio de passar mão, né? E aí eu fazia isso, mas namorar, eu não queria namorar. Achava que eu estava muito nova, não tinha interesse pra isso. Tinha 13 anos, porque o meu primeiro namorado foi com 19 anos. A minha virgindade mesmo, eu perdi, eu achei!, quando eu tinha 22.

Eu me curei com a igreja. Vejo que eu consegui me curar. Os médicos fizeram baterias de exames. Naqueles três anos, até completar 18, fiquei fazendo exames e exames. Eles ligavam lá, na vizinha, ligavam pros meus tios pra dar recado, na época que eu tinha que fazer os exames. Mesmo se eu não quisesse fazer exame, eu não conseguia, porque eu tinha que fazer os exames, porque era um bem pra minha vida. Então, eu tive que fazer esse tipo de tratamento o tempo que eu fiquei sem ir pra escola e aquilo me desanimou, fiquei muito tempo sem estudar, muito envolvida com as coisas da igreja, porque eu acabei me apegando por questões de religiosidade, por questão de fé, por estar dependente da fé pra poder me curar, que eu acreditava muito que eu ia me curar. A gente ia nas igrejas, onde oravam e os irmãos iam lá em casa, fazer correntes. Acreditava e me apeguei muito. Nessa época eu me envolvi muito com música na igreja. Quando eu entrei com nove anos foi beleza. Mas com 13 anos, eu comecei a me atender com outras coisas, foi quando eu fui procurar a rádio comunitária.

Então, eu já estava com a adolescência fluindo dentro de mim, aquela coisa de ousadia de adolescente, de querer ver coisa nova, de buscar coisa nova. Isso parou com o conflito de eu não estar estudando, de ficar dedicada à arte, ao teatro na igreja. Cantava e já solava nos grupos da igreja. A minha mãe ficava toda boba, meus irmãos elogiavam e sempre que tinha um culto lá, me chamavam pra solar e eu era toda aparecida na igreja, já gostava de estar ali envolvida no processo.

Mas eu vi que já estava legal pra mim e, ao mesmo tempo, surgiu a curiosidade de adolescência, de ir pro mundo, de conhecer pessoas, de fazer grupo musical. Aí a gente fez grupo musical dentro da igreja. Quando eu ia pros estúdios, eu conhecia pessoas gostavam de mim, achavam legal o meu jeito: "Vamos embora! Vem com a gente", aí conhecia outra, nisso, conheci os irmãos evangélicos e já começava a me unir com os evangélicos. Até hoje o gospel não se mistura com a música secular, mas acabam tendo as suas independências e se misturam muito, por causa da música, a prioridade é a música, assim, não importa. Se eu canto gospel, você canta secular, vamos se misturar pra fazer música, mas respeitando o seu limite. Aí eu acabei me misturando com essas pessoas e tendo essa ansiedade de ficar mais envolvida com a música.

Fui me afastando da igreja, comecei a ler muito, a ser muito mais crítica, eu olhava já com um olhar crítico pra tudo. Exercitava escrever ainda muito nova, muito sozinha, pensava, realizava e tal. Então, na adolescência, dos 14 para os 15 anos, eu fui me afastando da igreja, e comecei a ir pros bailes, me divertir em encontros que não eram evangélicos. Resolvi sair porque eu não concordava com o pastor, não concordava com os irmãos. Aos 15, eu conheci o rock e depois conheci o hip-hop. Então comecei a ver essas coisas: "Ah, que preto não está, fulano não está porque é preto", aí comecei a ver que em algumas situações que me retiravam, nos momentos bons, pensei: "Ah, porque eu sou preta e tal". Antes, eu não pensava nem nisso, não conhecia esse mundo, pra mim inexistia.

Eu comecei a perceber que na igreja existia preconceito, era um preconceito velado assim como na sociedade brasileira, mas era muito mais, era aquela coisa muito, como eu posso dizer? tudo pela fé, é tudo pela religião, é tudo por Deus, mas se você for avaliar certas situações, Deus não faria nem agiria daquele jeito. Começamos a perceber que os pastores pretos davam um jeitão: "Vou montar a minha igreja", tanto que a maioria dos pastores que começaram a disseminar, a repartir, a maioria é de preto. Se você for ver aí, pastor Marcos, que é conhecido, ele é preto. "Ah! pretinho é sempre malandro, pretinho é sempre 171". Mas eles tiveram que dar uma sacudida pra poder chegar porque existe um preconceito, existe dificuldade de interação total e transparente, conforme o evangelho diz.

Eu me desliguei como membro da igreja, passei por outras, conheci várias igrejas pra jovens, igrejas pra pessoas mais conscientizadas que não estavam mais na tradicional mesmo. Depois me afastei e percebi que o meu Deus é o rap. Eu quero o rap, eu quero cantar o rap, eu quero fazer o rap e hip-hop. Me afastei da igreja, isso já com 15 pra 16 anos. Frequentei durante aquele tempo por causa da minha mãe, que eu morava com ela, tinha que obedecer. Os meus dois irmãos ficaram, mas o meu irmão mais novo nunca conseguiu se firmar na igreja.

O Neném não se firmou. Ele ia na igreja, gostava à beça, mas dormia, dormia no culto, ele adorava o culto pra dormir. Ele era todo malandrinho, "vou ficar na igreja, o pastor falando aquele negócio lá, coisa de pai, mãe, aquelas coisas de pai entrando no seu ouvido", dormia. A gente sabia que ele era muito palhaço e aí ele pegava a minha mãe por aquilo, né? A minha mãe queria brigar com ele, mas ele não falava: "Não quero ir pra igreja", ele não falava isso, falava com ela que não conseguia se concentrar, que eram palavras muito boas. Tinha muito culto no lar - a família comandava o culto também, em certas situações - todo mundo na sala, a família ficava no meio. Nos cultos em casa, quando a gente olhava: "Cadê o Neném?", o Neném saiu, estava lá na cama, no cantinho assim, nem desarrumava a cama, se cobria, dormindo. Depois saía no sapatinho, não achava ele, foi pra rua. Minha mãe: "Chama ele". A gente ia no quarto, olhava, não achava o Neném. Quando acabava o culto, aí que a gente ia olhar, ele estava lá, no cantinho do beliche, dormindo. Aí, ele vinha e: "Mãe, poxa, eu quero orar, eu quero orar também". Ele sempre fazia graça pra engambelar a minha mãe, mas nunca gostou de se firmar na igreja, não conseguia se concentrar, não se interessou por nadar. Um meu irmão foi tocar bateria, o outro foi tocar guitarra, eu me envolvi com a música, com o canto, então, a gente se achou, de certa forma, na igreja, né? Mas ele gostava da macumba, porque ele batia tambor.

O Neném batia tambor. Ele gostava da macumba, claro, se achou, tinha uns meninos pretos que ele se misturava, com aquele jeitinho que, na época, era preto inocente, não era preto de hoje, de preta passar e ele mexer com a menina. Não era tão pesado assim. Eu saí da igreja e fui fazer o meu rap, fazer minha música.

A rádio comunitária surgiu dessa mania de escrever e gostar de ouvir música - por isso que a minha mãe falava que meu pai que fazia isso. Como eu escrevia muito, eu lia as notícias e achava as notícias meio deturpadas assim, eu não entendia a notícia, não conseguia alcançar o que as notícias estavam querendo passar. O informe sobre economia, sobre até mesmo a nossa vivência ali, de repente, a comunidade, a favela ali, onde a gente morava e eu não conseguia compreender muito o jeito que eles escreviam, de repente por não ter muito estudo, não ter uma boa leitura.

Eu parei na sétima série, por problema de saúde e fui ficando sem estudar, que eu ficava em casa, ali com a minha mãe. Foi aí que eu me dediquei muito à igreja e a outras atividades também, mas sempre dentro de casa. Quando eu pude voltar, fiz a quarta, fiz a quinta, fiz a sexta e a sétima no supletivo. Foi aí que eu parei e não voltei mais a estudar, tinha 22 ou 23. Estava atrasada, super atrasada. Mas lá em casa, quase ninguém terminou os estudos, não tinha aquela coisa assim, de brigar: "Vamos terminar os estudos. Você tem que terminar", não tinha essa batalha. Então eu ficava com aquela coisa na cabeça, eu ouvia as notícias e não conseguia compreender. Achava também que era problema de jornal, pois quando eu ia pro rádio, ouvia, achava um pouco mais explicado quando se falava. Mas mesmo assim, naquela notícia pequena que o cara dava, tinha várias palavras que não era do meu, do nosso conhecimento. Eu ia pra TV, pior ainda, não tinha como compreender aquelas notícias que o repórter e os apresentadores falavam. E eu ficava olhando pra TV e achava aquilo muito enrolado.

Todo mundo assistia o jornal, que era uma época que o Jornal Nacional tinha grande audiência, que a família parava pra assistir o jornal, como se fosse uma noite sagrada, todo mundo parava pra assistir o jornal. Era uma coisa: "Vai começar o jornal! Vai começar o jornal!", todo mundo parava e ficava assistindo o jornal. Eu prestava atenção e aquilo me incomodava. Aí eu juntava aquelas notícias, ficava na minha mente aquele burburinho ali. Aí onde eu sentava e pegava o jornal. Eu tinha um jornal, que eu fazia coleção, que era o jornal O Povo, era o jornal que falavam: "vai espremer e vai sair sangue, um sangrento". Eu fazia coleção de O Povo e juntava algumas notícias de homicídio infantil, adulto, de idosos.

Eu não sei muito explicar, eu fazia uma contagem. Como eu gostava muito de fazer pesquisa, eu achava interessante. Hoje eu falo que são dados, né? "Ah, eu escrevi aqui e tenho aqui, ó: morreram tantas pessoas essa semana; tantos jovens, na Baixada Fluminense; tantos adolescentes, aqui no Rio de Janeiro; tantas crianças por razões assim, assim", aí era saúde, a saúde pública e eu separava aquilo, escrevia e o meu único momento de brilhar e falar aquilo. Eu escrevia nos meus papéis, nos meus cadernos, nas minhas folhas. E aí no único onde todo mundo se reunia era na sala, né? E aí eu chegava e falava: "Mãe, olha só. Olha o que saiu de interessante essa semana", aí eu começava a ler pra eles. "Saiu isso, saiu isso, saiu isso, saiu isso"; aí era até como se fosse uma materiazinha que eu montava. Eu reescrevia aquilo que eu tinha ouvido no jornal e gravava na rádio. A gente tinha como se fosse um micro system, um tape - chamava na época tape -, um gravador que meu pai tinha dado pra gente, do Paraguai. Minha mãe tinha uma vitrola, mas cada um tinha o seu rádio. E eu gravava as notícias que eu ouvia na rádio e gravava: Rádio Globo, Rádio Alvorada, Rádio Imprensa. Gravava as notícias, depois eu ouvia, aí comparava com as notícias do jornal, quando eu achava desigual, pegava o dicionário e reescrevia. Então, era assim. Aí falei pra eles, que eu sabia que se lesse daquele jeito, eles não iam entender. Então eu lia na sala pra eles, que achavam até interessante: "Onde você pegou isso? Deixa eu ver". Aí eu pegava o jornal: "Está aqui no jornal. Olha só quantas mortes", "Deixa eu ver". Aí, a minha mãe já vinha repreender: "O que é isso? Está maluca! Juntando esse jornal aqui!". Ela pegava um saco, que eu tinha um monte de jornal, que eu jogava o resto fora, só fica com as notícias das mortes, das notícias que me interessava, eu recortava, eu guardava. E ela sempre brigando: "O quê? Está maluca! Guardando jornal em casa! Pra que isso? Um monte de mortes Eu, hein? Trazendo coisa negativa pra cá..."

Eu fazia um levantamento das mortes e guardava o jornal O Povo. Eu separava as notícias e tinha as notícias financeiras que falava assim: "Essa semana o déficit caiu, não sei o quê", não entendia muito aquilo e queria saber o que era. "Na economia brasileira, o valor do feijão vai aumentar 100%". E eu ficava assim: "Puxa! Mas como assim? Vai aumentar o feijão? Mas qual feijão vai aumentar, na nossa mesa? O feijão do revendedor, que faz o feijão?", tinha um entendimento que era até mesmo escolar, de estudo mesmo que eu tinha e acabava pegando alguma coisa ali.

Então, eu juntava notícia sobre família, notícia sobre política, juntava tudo que era o meu interesse entender. Eu fazia mais pra entendimento, não era nem assim, achando que aquilo era produtivo demais, que era bacana. E aquele trabalho de pegar e reescrever, aquilo me trazia uma informação. Nessa época, eu não tinha nem tanto o hábito de ler, não tinha leitura. Eu comecei a ler mesmo, depois que eu já tinha me envolvido por muito tempo com a rádio comunitária e depois que eu conheci o hip hop. Foi aí que eu comecei a leitura. Eu lia jornal. Queria informação, falar de fatos. Por isso que eu digo que as músicas que eu faço são muito do que eu vi, do que eu ouvi. Então, você pega muito pra você pelas suas próprias experiências e acaba ficando. Já estou passando também, nessa música, essa experiência.

A primeira vez que eu fui pra rádio comunitária, foi assim: eu passava na praça, onde a gente morava, já na casa da minha avó e ouvia aquela rádio comunitária ali, na caixinha. É rádio difusora. A primeira que eu trabalhei, era a Rádio Difusora Transa Nova Ricardo. Depois trabalhei também numa rádio difusora de nome Conivente, que era em Olinda.

Anchieta é ali perto de Olinda, que ali que eu fui morar depois. Eu estava ouvindo aquela rádio, já com aquela coisa na mente, ouvindo aquelas músicas ali, ouvindo a notícia, que ele falava alguns comerciais e falava algumas notícias com uma voz daquele senhor, que era bem Rádio Globo, né? "Atenção senhores moradores...". Eu ouvia aquilo e ficava encucada: "Ah, eu gosto de rádio. Um dia eu vou lá". Aí ia, voltava, ficava na praça. Um dia eu fui.

Cheguei lá e falei pro cara que eu queria fazer um programa: "Estou com vontade de fazer um programa de notícias". Já levei o meu caderninho que tinha tudo reescrito, bonitinho, bem escritinho, organizado num caderno: "Eu queria fazer um programa de notícias", "De notícias?", "É" e eu peguei e mostrei pra ele: "Eu faço, eu separo as notícias que eu leio no jornal e ouço no rádio e aí reescrevo, porque muita gente não entende as notícias que são ditas, então eu reescrevo e queria fazer um programa aqui. Se o senhor me der um espaço, um tempinho pra eu poder ler e falar dessas notícias. Ele falou: "Ah, muito bom, boa idéia, vamos ver se você é boa em dar notícia". Aí, ele falou: "Vai pro canto da parede", aí me botou no canto da parede e me deu umas folhas: "Segura essas folhas aqui, você lê, lê em voz alta". Ele sentado do lado, mexendo no equipamento, que a rádio estava no ar. "Vai lendo, vai lendo". Aí eu lia, lia, lia. "Leia em voz alto, mais alto". Eu lendo, lendo. "É, gostei, está aprovada".

"Estou aprovada? que bom". Chegou no dia, ele falou: "Tal dia, você vem aqui", uns quatro, cinco dias depois. Aí, eu fui lá toda boba, já peguei o meu caderno e fiquei treinando, escrevendo, mas não treinando a voz, eu fiquei treinando mesmo as notícias. Como eu cantava, tinha essa voz assim que na família da minha mãe tem uma voz muito grossa, eu sempre tive essa voz e as pessoas até falaram: "Você tem uma voz boa", "Você tem uma voz bonita". Cheguei lá com tudo prontinho, tudo escrito. Arrumei umas folhas bonitinhas, escrevi, comprei umas folhas bonitas no armarinho e escrevi tudo. Cheguei lá: "Senta aqui, Giselle, senta aqui". Aí virou o microfone pro lado, pegou o pedestal e virou pro lado assim. "Senta aqui". Aí eu sentei. "Está vendo isso aqui? Agora, nesse horário aqui, você vai botar essa fita - ele tinha um aparelho de fita cassete mesmo - e bota as fitas aqui, nesse horário. Tal hora, você bota música, esse comercial que vai ser falado daqui a pouco e tal". Aí, eu deixei ele falar tudo e falei assim: "Ô, Seu Carlos e as notícias, que hora eu vou poder ler?", "Não, você não vai mexer no microfone, não. Você tem que aprender a mexer no equipamento", "Mas o senhor não falou que...", "Não. Mexe no equipamento. Você tem que aprender o equipamento que é muito difícil e isso aí, de microfone, a gente vê depois".

Ele saiu e me deixou lá, puta, sabe? Aí, eu comecei a me virar. Liga aqui, mexe aqui, pá, pá, pá, eu tinha feito em casa, mas não era uma coisa que eu sabia mexer. Aí fui mexendo o microfone de lado, eu doida pra mexer no microfone, mas era uma movimentação e ficava com aquele medo e falei: "Ah, sacanagem. Ele não deixou eu mexer no microfone. Mas é o primeiro dia também, eu tenho que ficar". Cheguei em casa, já contei pra família: "Ah, comecei na rádio e tal", ficaram todos empolgados. "Vamos ouvir a voz dela lá na rádio", só queriam saber de ouvir a minha voz, queriam o lado artístico das coisas, entendeu? Até hoje, eu falo lá em casa: "Viu a matéria no RJTV? Vocês viram?", "Não", "Vocês só querem desfrutar das coisas boas, ficar me vendo na frente da televisão. Mas quando é pra ver que horas eu vou dar entrevista, vocês não querem. É mole, é moleza, até eu".

Até hoje eu falo, porque eu sinto. A família, por mais próxima que seja, claro, tem as pessoas que se envolvem mais, como tinha o meu irmão que se envolvia muito com o que eu fazia, se envolvia de ficar perto mesmo, de perguntar, de encher o meu saco, de ser até chato de curioso. Era o Neném que era o meu amigo, meu parceiro. "Fez música? O que é que você fez? Deixa eu ver", de querer catucar, de ler a minha letra. Ele era o cara que a gente trocava muito. Mas o resto não. Até a minha mãe mesmo ficava sempre assim: "Ah, legal, bonito!", ria, achava bonito, ficava feliz, mas de forma distante, não próxima, não acompanhar, acompanhar mesmo. Hoje, acompanham mais o artístico, só quer o artístico.

Aí o microfone ficou lá e nada. Foi passando, eu sei que eu fiquei ali um mês, até mais, fazendo ali, sem usar o microfone, aprendendo a mexer nos equipamentos. Já estava uma fera em mexer no tape, mexer em tudo, até que ele inventou de fazer um teste comigo. Um dia, ele estava lá à toa, que ele fazia rua, era uma correria, o que esse senhor ia na rua! "Ah Giselle, senta aqui. Vou fazer um teste com você. Senta aqui. Lê esse texto aqui no ar. Quando eu abrir, você lê, hein? Lê aí.". Aí, eu li. "Agora, senta ali e lê". Aí eu fui ler, impus a voz: "Atenção, moradores de Ricardo de Albuquerque, sexta-feira temos um encontro marcado pra reunião de associação de moradores", aí fui lendo, pá, pá, pá. Ele: "Ó, que bom! Muito bem! Muito bem!". Eu fiquei toda boba. Ah, pra mim o mundo se abriu quando aquele homem me deixou falar. Eu, que era tímida, não falava e só me abria em casa...

Mas aquele microfone, que eu tinha intimidade com microfone, com a música, mas pra falar não, pra falar texto não. Eu gostava de um microfone só com a música. Quando ele deixou eu falar, eu falei: "Seu Carlos, eu podia ler uma notícia?", "Não. Calma. Notícia não é agora, não". Ele me deu uma prancheta com vários textos, que eram textos de: "Atenção, pedestres... Atenção, não sei o quê, o Corpo de Bombeiro não sei o que e tal". Era só isso. Eu li aqueles textos, ele foi deixando eu lendo aqueles textos, até eu ganhar espaço. Depois de um tempo, ele deixou ler as notícias. Ah, eu adorava ler as notícias. Depois de eu ler as notícias, vinha música de Roberto Carlos, só música. Mas ele deixou eu ler as notícias e eu ficava toda boba.

Cada dia eu vinha cedo e ele começou até a me ajudar. O que ele fazia? Ele assinou um jornal com o jornaleiro que deixava o jornal lá. Aí, eu chegava cedo, pegava, folheava o jornal, reescrevia e lia a notícia. Aí, ele: "Ah, gostei muito do jeito que você fez", aí me elogiava e tal. Virei a pupila dele. Só que aí eu fui me esquivando, porque começaram comentar: "Ah, aquela menina que faz a rádio tal. Aquela menina que foi na rádio do morro.". E aí começou: "Ah, foi a Giselle Gomes que faz a rádio comunitária lá no Parque Esperança". "Ah, faz em Ricardo, faz em Olinda" e todo mundo começou a me chamar pra fazer alguma coisa. Aí ele ficou desfalcado, já sabendo que eu não ia ficar muito tempo ali com ele. Eu cheguei e falei: "Seu Carlos, eu tenho que ir. Eu recebi um convite de um cara que vai estrear uma rádio comunitária, Rádio Pirata FM. Eu vou ter que ir", "Não se ilude, não", "Quem falou pro senhor que eu estou me iludindo?" Aí eu fui, pois o cara não me dava nada, só um agrado, soltava um dinheiro de vez em quando, quando ele podia. Então, eu fui fazer rádio comunitária FM, falar no dial, falar na rádio, na frequência! Aí, eu estava sentindo que estava subindo na vida.

Não rolava grana na rádio comunitária. O que acontecia era que a gente organizava alguns eventos e eu me envolvia nos eventos porque gostava daquilo, dos eventos da associação de moradores, das festas que eu sempre participava. Não tinha dinheiro. Ele chegava, de vez em quando e falava assim: "Toma aqui...", sei lá, R\$ 30,00, "Toma aqui, R\$ 50,00". Na rádio comunitária já existia mais essa preocupação porque era aquele clima mesmo comunitário. Quando eu lia

as notícias, as pessoas gostavam. Nos eventos a gente participava, organizava, as pessoas me viam como a locutora, me viam como uma pessoa que podia ajudar em um monte de coisa, porque eu tinha relação com o cara da padaria, do açougue, com o jornaleiro. "Ah, a gente quer fazer um festa assim, tal dia, pra arrecadar dinheiro pra comunidade tal, pra poder fazer um evento tal. Você tem como ajudar?"

Aí, eu chegando, pedindo aos caras, era mais fácil, os caras já me conheciam da rádio. Então, eu comecei a fazer essa articulação, a politicagem, "Não, vamos embora! O que é que tem que conseguir? Vamos conseguir isso, isso", aquela produção toda. Era uma coisa bem embrião mesmo, mas eu participava desse processo. E tinha as discussões, eu adorava discutir, adorava. Ih! Discussão é comigo mesmo. Batia boca com os meus irmãos, treinava em casa, muito irmão, tem bate-boca em casa: "Você tirou isso do lugar. Isso aqui é meu, não mexe" e pá, pá, pá, pá. E aí eu ia pra rua e discutia.

Como eu já fazia reivindicação através de microfone, mandava um toque, não sei o quê, comecei a criar essa cara meio de: "Ah, fala com a Giselle. A Giselle pode ajudar, a Giselle vai ver e tal". Só através do contato de rádio mesmo que eu mesmo não era conhecida, mas eu falava: "Ah, eu sou da rádio comunitária, faço a locução e tal. Então, a gente queria ver se o senhor ajudava a gente no dia tal, dando uma força e tal"; essa coisa de tête-à-tête mesmo, isso aí foi me desenvolvendo. Eu era muito satisfeita na rádio comunitária por essas ações. Quando eu botava o pé fora da rádio, era um que vinha me chamar pra isso, outro pra aquilo, essa agitação eu gostava.

A Rádio Comunitária FM veio depois de dois anos que surgiram as rádios FM. Eu tinha já 14 pra 15, quando surgiu. Que foi numa das rádios comunitárias FM que eu conheci o rap, que eu ouvi a música. Pela música rap que eu sabia mais ou menos o movimento, o que estava acontecendo, era um pouco diferente. Eu tinha uma bandinha, participava de uma bandinha gospel, gravava uma musiquinha e cantava nas igrejas e era banda mesmo, bateria, baixo e guitarra. Não tocava na rádio, mas comecei a trabalhar nessa rádio FM, em Olaria, e depois comecei a trabalhar numa outra rádio em Nilópolis, Campinho, outras rádios. Numa dessas, eu conheci o rap. Foi quando eu fazia programa no sábado e me passou pra domingo. "Ah, você vai fazer um programa de hip-hop", "Hip-Hop?" Eu ouvia muito rock, gostava muito de rock, me achava uma roqueira, tem até umas fotos, a roupinha toda preta, usava uma cruz.

Eu era bem assim, botava aquela bata, eu tinha esse estilo. Na igreja é que eu fui encontrar aquela coisa do contato com a música e encontrei um maluco que gostava de rock, uns malucos que não eram evangélicos e que curtiem de rock. Aí, eu não gostava de rap, tinha ouvido alguma coisa assim, muito distante, não sabia o que era, ouvia distante, mas como a gente acaba se envolvendo com música, acaba prestando atenção muito com o que está acontecendo ao redor. Então, como tinha programas que soltavam um clipe e que eu via que aquele clipe não era, que aquela música não dava pra acompanhar, a gente costumava dizer: "Essa música não dá pra acompanhar, eles cantam muito rápido, não dá pra você entender". A gente já não entendia inglês e o cara cantava rápido, então não dava pra entender. Só que na rádio eu pude ouvir música cantada em português. Foi aí que...

Tocou Racionais. Tocou alguns grupos de Brasília, da antiga - não estou lembrando os nomes agora. Era Brasília e São Paulo, Racionais. Ouvindo aquelas músicas foi aí que caiu a minha ficha assim: "Porra! Aquilo ali que eu escrevi, eles estão falando as coisas que eu escrevi!" Sabe aquela coisa de alguém estar falando como se fosse você! Falou um negócio ontem, amanhã você vê uma pessoa falando praticamente o mesmo texto que você falou? Aquilo me assustou.

O que é que era? Porque aquilo que o cara tocava, aquilo começou a me deixar meio assim: "O cara está tocando, Caraca! Eu, pô! Eu escrevi disso, eu falei disso, eu falo disso, eu concordo com o que ele está falando". Aí, eu ficava assim, indignada, indignada. O que é isso? Não! É que eu vi tocando o rap e comecei a ficar arrepiada. Eu falei: "Caraca!" Eu não conseguia nem expressar, porque os caras eram envolvidos, e eu não participava de movimento nenhum que, hora eu estava meio rock, hora estava meio normal e os caras estavam mesmo! e me consideravam, me tratavam como assim: "Ah, gatinha, bonitinha, fazendo programa, apresentando o nosso programa, a locutora descolada", me tratavam assim, como nada.

Mas eu: "Vamos tocar uma música internacional e vamos falar a tradução. A música tal e tal vamos traduzir e pá. Aí "Vamos traduzir a música daqui a pouco, na segunda hora" e pegou e falou a música toda. Cada vez que ele ia lendo a música, falando de preto: "Nós vamos falar pra preto na música". Eu falei: "Caraca! Eu só ouvia falar preto na família do meu pai. Na família da minha mãe, que era capixaba, a avó era índia casada com português, mas na família do meu pai só preto mesmo, descendente de escravo, sabe, que a minha vida era escrava. Então eu só ouvia falar na família do meu pai. Lá fora, nos lugares do mundo, não ouvia ninguém falando preto, pardo, de forma tão natural assim: "Chamamos o preto e as mulheres pretas que aqui, no meu bairro, a polícia vem, maltrata a gente, para amanhã comparecer numa passeata que a gente vai fazer. A gente vai bater na porta da prefeitura, a gente vai reclamar e a gente vai se unir". Eles falavam tudo que acontecia aqui. Foi muita informação, porque eu ouvi coisas de São Paulo, coisas de Brasília e coisas de Nova Iorque.

Aí eu falei: "Caramba! O que é que isso? Não acredito!". Comecei a ficar... eu pedi pra ver a letra, eu queria a letra. E os caras, como envolvidos e folgados: "Isso aqui é exterior, é São Paulo, é o rap, não sei o quê". Eu falei: "Caraca! Não acredito no que os caras estão falando". Eu não conseguia nem falar pra eles aquilo e quando eu pude mesmo, pra aliviar, eu saí dali pra conversar com umas amigas que freqüentavam a igreja comigo, mas também eram deslocadas, eu tinha amigas descoladas e pude falar pra elas: "Cara, aconteceu uma parada muito estranha essa semana. Eu ouvi umas músicas... sabe aquele bagulho, aquela poesia - eu falava aquela poesia - que eu escrevi, sabe aquela poesia? O cara falou a mesma coisa, o cara escreveu igual, quase igual o que eu escrevi. Não acredito!", "O que é isso, Giselle? Mas o que é que ele falava?", "Era música, cara, o cara estava tocando música. O cara fazia música, falando a mesma coisa que eu escrevo na minha poesia". Eles chamam de protesto.

A palavra, na época, era protesto: "Eu estou protestando, eu sou protestante, o cara está protestando". "Ah, então é esse bagulho aí que você faz; é isso aí você faz mesmo, você faz protesto também nas letras que você escreve". Eu falei: "Mas eu não sabia que dava pra musicar isso". Isso que foi aí que veio dar pra transformar em música, dar pra você falar tudo isso, colocando a música. Apesar de nós ouvirmos muito, na época, as músicas do Renato Russo, do Cazusa, do Herbert a gente via que era uma linha que não tocava no nosso coração assim, você via que não era a nossa realidade.

Você está entendendo? Era a nossa realidade que ele falava da gente, a gente sentia quando o cara falava. "Pô! Aquele papo que o Herbert mandou na música tal, pô, parece com a gente, mas não é assim, não contemplava tanto igual o rap estava contemplando". O rap estava contemplando de forma muito mais transparente, muito mais verdadeira, mais leal, sabe? Quando descobri que podia botar música no que eu escrevia, ah, isso eu tinha 15, eu tenho 32. Estava saindo o segundo CD dos Racionais.

E aí, foi através disso que mudou a minha vida, como eu falei. Aí eu conseguir falar sobre as coisas que eu fui entender, fui juntar as coisas de que eu era uma mulher preta; que existia uma história atrás das mulheres da minha família; que existia uma história atrás do tipo de vida social que a gente, eu, minha mãe, vivia; que existia uma história política atrás das coisas; que eu não sabia esse link, não tinha um link tão claro na minha cabeça. Aí, começou a pintar as coisas e eu comecei a me enxergar mulher preta.

Mulher preta, mulher favelada. Mulher na sociedade que eu não tinha. Eu sou uma mulher, tá? Em certos momentos, em alguns lugares eu sou mulher, sou como mulher. Em certos momentos, sou um ser humano normal, igual. Todos são iguais em certos momentos, mas não em todos os momentos. A mulher, certas vezes é preta; num momento é pobre, noutra momento é favelada. Então, eu comecei a classificar, a separar as coisas e juntando com isso tudo. É isso tudo que eu escrevo, cheguei em casa e já comecei a me envolver, já troquei contato com os caras. Eu gostava de andar muito no meio de homem, me sentia à vontade. Vivia no meio de homens mesmo, mas como mulher também. Metia um tênis, metia uma calça justa e ia.

Eu ia e me envolvia: sobe morro, desce morro, pega isso, é madrugada; eu já tinha um pouco isso dentro de mim, eu acho que foi porque eu fui criada no meio de homem, acho que era por isso, de ser criada no meio de homem. Mas isso aí que a música rap pode trazer, compartilhar com a sociedade, trazer consciência pra muitos pretos que não tinham a noção, sabe? Que a gente é muito misturado, há uma mistura muito grande. Eu via na família do meu pai, eu tinha uma prima que ela não gostava de dizer que era preta. "Preta não, nós somos morenas, moreninhas, nós somos morenas", era tudo moreno, escurinha, moreninha.

Ela via o meu cabelo e aí ela falava assim: "O meu cabelo é bem durinho, mas não é tanto, né, preta?". O cabelo dela era bem crespinho, sabe? bem grudadinho que a minha avó passava pente quente nela. "Você não pode ser chamada de preta, não, você é moreninha com esse cabelo cacheado, não sei o quê". Ficava com aquela coisa: "Não, porque o seu cabelo é um cabelo macio". Aí ela me apresentava: "Ah, essa aqui é a minha prima, olha o cabelo dela". A minha mãe fazia aqueles cabelos doidos, aquele rabo-de-cavalo e ficava aquela coisa, sabe? eu não entendia muito, achava estranho, mas dali fui entender que tinha essa separação, que não tinha essa percepção justamente por causa das misturas.

Era muita mistura e, então, na minha família era mistura de descendentes de escravo, de gente que veio mesmo da África pra cá, formou família e estava num pedacinho da Bahia. A avó da minha mãe, a mãe da mãe dela era índia. De Belo Horizonte, foi pro Espírito Santo, conheceu uma pessoa, casou, teve uma filha e a filha conheceu um português e casou com o português, o Manoel Simplício. Aí, saía um branquinho com cabelinho crespinho; saía um amarelo; um pretinho; bem diferentes. A minha mãe nasceu com o cabelo bem cacheado, comprido e com a pele mais clarinha. Ela tem a pele mais clara que a nossa.

Então, foi nessa mistura que você não conseguia se encontrar. E dentro da televisão, do rádio, da revista, do jornal, você não ouvia esse assunto. Nessa época, eu já me achava diferente quando eu comecei a participar do hip-hop. Quando eu via uns pretos na televisão, eu achava que eles tinham que falar também essa questão, achava que eles tinham que trazer essa discussão à tona, eu tinha essa esperança. Então, quando a gente tinha alguns pretinhos que falavam, a gente identificava, mas a gente se identificava mais com a nossa comuna ali, que no meio do rap era tudo assumido, era tudo discutido, era tudo dito. E na sociedade em geral, a gente via, passava muito batida: "Abafa! Abafa!"

O preto era a nossa cara e, com o tempo, a gente percebeu que era uma coisa até um pouco exagerada, a coisa do orgulho preto. Orgulho preto, orgulho de preto, de quê? Por ser preto fodido? Mas foi quando a gente começou a fazer mais a frente uma experiência: o orgulho do preto fodido, de preto que está na rua, de preto que está na cadeia, de preto que está na miséria, que está nos barracos. Que orgulho preto é esse? Então, não é orgulho preto. É não ter vergonha da tua cor, não ter vergonha da tua descendência, não ter vergonha da tua raça.

Agora, o orgulho, eu acho que é uma avaliação que você deve fazer a partir da tua realidade, que a gente vê uma realidade que não nos agrada. A gente sentir orgulho por estar na miséria, na burrice? A gente sentir orgulho porque a gente não está envolvido na política, que a gente não demanda, que a gente não assina, não tem a caneta na mão pra assinar, entendeu? Liberar as leis ao nosso favor, leis que também nos incluam como favorecidos. Que orgulho é esse? A gente foi avaliar o tipo de orgulho que os pretos estavam tendo e ter um orgulho de forma inteligente, onde você tem orgulho da sua raça pra chegar nos espaços, conseguir se ver como igual a partir da sua competência como ser humano, a partir da sua competência como cidadão, a partir da sua competência como preto, como favelado. Se você for favelado, sabe enxergar o teu valor e conseguir se encaixar nos espaços identificados com pessoas identificadas e ter essa tranquilidade, essa abertura e essa modéstia.

O meu primeiro rap, ah, muita coisa foi mesclada, foi sempre muito picotado, teve muita coisa. Escrevi muito, ia escrevendo, ia escrevendo, eram letras e letras e letras. Mas pra gravar um disco mesmo, a gente teve que ter aquela noção de "Ah, o que é que é legal? Vamos fazer, vamos se reunir, ouvir e todo mundo ver: "Oh, isso aqui é bacana, isso aqui é bacana, vamos fazer". E as poesias, eu comecei a transformar em rap, que era diferente? Eu comecei a escrever, na verdade, a partir da redação da escola, eu estendia as redações, as coisas que eu escrevia nas redações. Comecei a escrever e interessar: "Não, isso aqui é bonito, legal que eu escrevi". Eu me surpreendia com o que eu escrevia, aí depois eu vi, eu tinha percepção que eu posso escrever e aí eu pegava um papel e uma caneta e começava a escrever. Ora falando do meu irmão, ora falando da minha mãe, ora escrevia falando da minha família, de como tinha sido o dia na escola. E dentro daquilo ali e das coisas que eu lia no jornal O Povo, daquelas mortes, sabe, das notícias, era uma coisa muito inocente, mas eram coisas. Ora falando de amor, mesmo sem ter dado chance a sentimento pra viver uma relação, mas falando sobre amor, sobre carinho, de sentimentos, de ser humano, um com o outro, falando essas coisas.

É que o rap fazia era chamado de uma rima. Você vinha, escrevia, terminava uma frase, escrevia e terminava outra, aí ela rimava. E na poesia, você tinha facilidade de em uma frase só, você podia rimar quatro vezes, entendeu? Em uma frase só, você escrevia e rimava somente em uma frase. Eu não precisava ter duas frases pra terminar e rimar só no final. Hoje não, as pessoas estão escrevendo rap mais diferente, estão aprendendo a botar preencher com mais rimas, além de sempre no final das frases, não é mais só no final, você pode fazer rimado a partir do começo. Se você começar, você já começa rimando, vem outra palavra rimando, depois você finaliza rimando normal. E eu tive que, sendo metódica assim, tive aquela urgência de escrever, mas só aprendi depois de muito tempo e fazendo e fazendo errado...

O rap é bem difícil, porque você tem que dar sentido à história. Se você não der sentido à história, lá embaixo não finaliza a estrofe. Tem que dar sentido. Tem que dar sentido no final, não é a rima pela rima. Então, as pessoas às vezes têm dificuldade de fazer música rap por isso, porque, simplesmente sair rimando, mas quando você vê tudo, você não

tem um contexto. Rap americano, eu gostava muito eu sempre gostei muito, justamente porque, atrás das traduções, o que está falando, o que tem de legal, qual é a mensagem, entendeu? Eu buscava muito essa informação e achava que as pessoas lá, eles relatavam a vida das pessoas, que eram parecidas muito com a da gente. Só que chegou uma época que começou a modificar, eles começaram a avançar muito e a gente não conseguiu avançar mais.

A questão da realidade política, das nossas reivindicações políticas. A gente continuava reivindicando e eles já tinham conseguido concretizar formatos de vivência que beneficiavam o jeito escravo, os afro-americanos, que os negros no Brasil não tinham contemplado. Desanimava. Não ficou nenhuma lei, não ficou nenhum conhecimento dos pretos no Brasil, vamos fazer uma distribuição de renda mais. Eu acho que a única característica é a forma de se fazer a música, de escrever o rap, de fazer a rima, de produzir, de samplear os artistas renomados, fazer homenagem. Os assuntos não, os assuntos, eu acho, eu sinto mais aqui, por exemplo, México, Argentina, Cuba, eu sinto que a gente fala um pouco a mesma coisa.

Você hoje pega uma tradução de um rap, de um rap do Duty. Não tem aí artistas que são raiz, que estão aí como Common. A gente tem uns artistas que são raiz do rap americano, que trazem uma mensagem. Mas você tem aí algumas traduções que você pega o funk carioca, ou o funk brasileiro - eu posso dizer que hoje tem vários estágios do funk - e você compara, é quase a mesma coisa. O assunto foi morrendo, o que é que você vai falar? Você tem uma casa, você está trabalhando, estudando, se formando, você consegue ter uma vida estável. Ele vai reclamar do quê? Está numa casa boa, tem carro, dinheiro no banco...

O Chuck D, do Public Enemy, se reconheceu aqui muito naquele início e, disse, quando que eles tiveram aqui: "Nossa! Vocês estão fazendo aqui o que a gente fazia no início". Então, aqui, o rap criou umas caras novas, gente que, de repente, eu até considero, mas é assim, por exemplo: "Eu não vivo a realidade de favela e aí eu acho maneiro o rap, eu acho legal esse movimento, eu quero estar junto. E aí, onde eu vivo, donde eu vejo o morro daqui da minha casa, eu vou escrever uma música rap, vou gravar, no estúdio aqui do lado. Eu vou lá, gravo um rap e tal e mostro pra minha família, pros amigos, tiro uma onda. E aí, você faz um blog em casa, põe no MySpace, e aí você fala: "Você é rap". Então, é a questão mesmo da música, não a questão do contexto...

Compromisso. A música rap, no início, ela veio com essa proposta de protesto, essa proposta de apresentar algumas soluções, alguns questionamentos, apresentar questionamentos referentes ao formato político do nosso país, a troca dos nossos governantes com a comunidade, sobre a questão racial. Então, essas propostas, essa apresentação, o rap sempre teve essa proposta, ficou a mercê da música em si, ficou a mercê de que: "Tá, vocês têm todos esses questionamentos, mas não deixa de ser uma música. É uma música. Poxa, eu não quero é ficar ouvindo isso a vida toda, eu quero ouvir outras coisas". Então, muitas pessoas foram fazendo outro tipo de rap e eu não enxergo como um problema, porque as pessoas precisam entender até onde eles podem ir, que é o caminho da música somente. Assim como você escreve uma bossa-nova, você faz uma rima do rap; assim como você escreve um samba, você faz um jazz. Eu acho que essas pessoas têm que ter essa liberdade de entender que não pode virar rapper de um dia pro outro, escrever um discurso de um movimento onde eu não fiz parte, onde eu não conheço profundamente, onde eu não tenho respeito.

Eu senti que eu precisava participar daquilo, eu senti que aquilo ali ia ser um pouco a minha vida, entendeu? Eu vi que eu poderia separar isso. Aí eu fiz a rádio e continuei fazendo música, fazendo alguns raps timidamente,

escrevendo, cantando e tal. E foi nessa época que o meu irmão Neném, o mais novo, já estava bem mais envolvido, a gente passou todas as dificuldades com ele, de prisão, de morro, que já estava já envolvido na boca. Ele acompanhava muito o que eu fazia e, de vez em quando, ele levava a minha letra e eu falava: "Vai levar a minha letra?", "Eu estou levando a tua letra aqui".

Ele falava do Bill: "Ele é meu irmão, meu parceiro", falava que o Bill fazia rap, aí eu me identifiquei com o Bill, porque o Bill fazia um rap que era rap carioca, aquela coisa do regional, do rap carioca. E eu cantava do meu jeito, falava da minha área pra lá, entendeu? Meu irmão, na verdade, era meu amigo. Ia pra favela, na Cidade de Deus, fazia uns trabalhinhos lá, de contenção e aí trabalhava na boca e ele sempre esbarrava e encontrava com o Bill que era da comunidade que fazia música, fazia evento, era ligado ao movimento negro, falando da área e tal. Aí, ele mostrava a minha letra, falava que eu cantava e tal e tal. E eu tive a oportunidade de conhecer o Bill por outras vias também de música, mas não falava nem do meu irmão. Mas quando o meu irmão morreu, que a gente pôde falar do meu irmão e o Bill pôde me convidar, me convidou mesmo pra uma outra realidade, já uma outra etapa da minha vida, não era rádio comunitária, eram eventos. Era tudo que tinha de hip-hop, os eventos que eu ia participar, ele chamava de: "Poxa! É uma revolução, a gente está aí se envolvendo numa revolução".

Até hoje eu falo: "Ah, você é meu irmão do peito". O meu irmão morreu em 98, fim de 98. Aí, na verdade, o Bill que me ajudou, porque eu fiquei naquela; primeiro, eu gastava a minha energia em muita coisa, eu gastava bastante energia, porque jovem, naquela fase de adolescente, da juventude, gastava muita energia com música, subia o morro, descia o morro, me envolvia no evento tal e conhecendo o hip-hop, Então, eu gastava muita energia. Escrevia, nunca estava em casa parada, ali mesmo. Escrevia ali e ia pra rádio comunitária e me envolvia muito. Aí, quando o meu irmão morreu, eu fiquei meio estagnada, sem saber o que fazer, eu falei: "Pô, eu perdi o meu irmão, eu perdi um pedaço de mim". E não só por aquilo, mas por toda luta que eu já tinha dedicado à vida dele, à luta que eu tinha dedicado da gente conseguir mudar a realidade dele, conseguir fazer com que ele gostasse do que eu gostava, que ele visse a vida da mesma forma que eu via.

Eu tinha tido a mesma criação que ele, o mesmo carinho, o mesmo amor. Eu acho que eu até tinha as mesmas revoltas que a dele, eu avalio um pouco assim, hoje. Acho que eu tinha as mesmas revoltas, mas o meu jeito de amanhecer e olhar pro mundo era outro. Ele amanhecia e olhava de forma diferente, ele não enxergava do mesmo jeito que eu. Era alguma coisa que eu sentia até que era um pouco espiritual. Eu olhava pro mundo, eu conseguia enxergar mais longe, eu conseguia ver brilho onde estava. A sensação que eu tinha era que ele acordava e via tudo muito fosco, muito apagado, muito escuro e aquilo impedia a vida dele e ele não conseguia varrer.

Então, eu ficava triste por saber que o meu irmão não conseguia, como eu, dar seguimento à vida dele. E eu apresentava pra ele, eu levava ele comigo "Ah, olha só, eu tive a idéia de fazer uma música assim. Essa aqui, você vai começar a escrever, depois eu termino". A gente era parceiro de música: "Vamos trocar e tal". Aí ele ia, começava e daqui a pouco ele terminava. Aí ele escrevia lá quatro partesinhas da música, quatro frases e parava: "Oh parei aqui", mas escrevia à beça. "Deixa aí que eu vou terminar". Aí, eu ia e olhava na gaveta dele, a letra estava guardada num caderno do mesmo jeito que ele tinha deixado, ele não dava seqüência. Aí eu ficava chateada, eu discutia com ele, ficava sem falar; então, tinha esse clima assim.

Eu lancei o disco em 2002. No lançamento, meus pais estavam presentes, eu me lembro deles lá, sentaram na mesa, ficaram lá e tal. Não ficaram juntos, nunca ficaram. Hoje, eles estão juntos, por ironia do destino, depois de um tempão, de muitas brigas, de tentarem voltar mais pela igreja, hoje eles estão juntos. Meu pai mora comigo, na minha casa, porque teve uma parada cardíaca, passou mal, eu rio hoje, mas sofreu na época. Minha mãe me ajuda de segunda a sexta, olhando os meus filhos. Então, eles passam a semana juntos, meio que assim: Rrrrrr! Eu chego em casa, eles riem um pro outro, aquela coisa, beleza, um carinho, né, mas eu sei que eles se engalfinham pra caralho quando eu não estou em casa, brigam pra caralho. Aí eu falo pra ele e falo pra ela: "Por ironia do destino, estão unidos os dois, não queriam se falar, não queriam se ver, e hoje têm que viver juntos". Minha mãe mora na casa dela e eu moro num bairro próximo a ela.

Aí, o Bill me convidou. Quando soube da morte do meu irmão me chamou, conversou comigo, perguntou se eu queria participar daquela música, daquela revolução e eu sem saber muito o que era, aceitei, mas nem sabia bem o que ia ser. Uma coisa é você ter vontade de ser reconhecido, eu sempre digo que eu não queria ser artista, eu não tinha desejo, até nas minhas discussões com os meninos, que a gente tinha interação de música, os meninos do pagode, os meninos do samba, os meninos do rap, aquele grupo de amigos que eu tinha de música.

Eu discutia muito isso, que eu ficava puta quando os caras queriam se mostrar, que eu era contra aquela coisa de ter: "Rap é mais, né?" Não, que a gente não pode se vender, não sei o quê. Os caras queriam aparecer numa notinha ali, numa notinha aqui, eu ficava puta com os caras porque eu achava que eles estavam se vendendo muito e eu falava: "Eu acho que você tem que tentar passar uma mensagem, você não tem que querer ser artista". Porque as pessoas não nascem artistas ou não são artistas, as pessoas têm dons e esses dons vão sendo desenvolvidos, as pessoas. "Nós vamos montar um perfil, vou ser assim", eu acho que isso não é você. Pode até querer montar, mas a raiz vai ter que ser o que você já nasceu com aquilo, já nasceu com aquela aptidão, já nasceu com aquela desenvoltura, já nasceu. Tem que nascer com alguma coisa, você não vai, de uma hora pra outra, ser alguma coisa.

A gente discutia muito isso. Então, quando o Bill me convidou, eu tinha vontade de fazer música, eu fazia música, eu fazia no sistema underground mesmo, mas não sonhava: "Ah, eu quero ser um dia artista aparecer..." esse nunca foi o meu pensamento, eu não tinha essa ganância, que poderia até ser uma ganância sadia, mas não tinha nem ganância sadia, nem nada. E aí o Bill me convidou e eu fui, aceitei. Eu falei: "Vou, quero, quero, sim", eu estava desolada. Eu tentei fechar com um maluco da boca-de-fumo pra participar do movimento. O meu irmão tinha acabado de morrer, ele era gerente da boca, no morro, eu queria entrar, queria participar e achava que ia vingar a morte do meu irmão. Ele era gerente da nossa comunidade, do Parque Esperança.

Eu queria me vingar pelo meu irmão. Só que o meu irmão morreu e eu chamei o cara que era o braço dele e falei se eu podia fechar junto com ele. Queria assumir, mas não era assumir o lugar dele, eu queria estar ali junto, na boca com os caras, por vontade própria, pelo jeito que o meu irmão morreu, pelo jeito da polícia subindo o morro, dando tiro, aquela troca de tiro toda. Mas aí eu achava que eu ia conseguir fazer alguma coisa, achava que eu ia conseguir me envolver e bater de frente com a polícia, matar os policiais, vingar a morte do meu irmão ali. E aí eu falei pro cara, eu conversei com o cara. Foi num sábado, que enterramos o meu irmão, que a gente descobriu. Eu me lembro que eu conversei com o cara nesse sábado.

O cara pegou e jurou pra mim também, queria até vir com a gente. Discutimos, batemos boca pra caralho, ele falando que não, que não existia, que o meu irmão tinha um grande carinho por mim, logo eu, que é difícil um irmão homem, que não tinha tomado partido, que ia pensar nisso e tal: "Não, você está maluca, sua mãe também precisa de você", deu aqueles conselhos, falou um monte de coisa. Mas eu estava certa que eu queria me envolver. Eu falei: "Se você não deixar eu me envolver aqui, eu vou me envolver em outro lugar, mas eu tenho que me envolver porque... como vai ficar a morte do meu irmão? Vai ficar assim? Você acha que não vai acontecer nada? Eu tenho que fazer alguma coisa. Se só eu que me importo, sou eu que vou fazer". E ele falou: "Não você. A gente conversa então amanhã".

Isso foi num sábado, depois do enterro. Ele ficou lá com a gente, conversando um tempão. Quando foi no domingo, chega de manhã, dez horas da manhã, vem a mulher dele batendo na porta. "Dona Izabel, Dona Izabel, Dona Izabel! O Sandrinho não veio pra casa. O Sandrinho sumiu. Sandrinho não veio!". Eu falei: "Sandrinho não veio?" Naquela hora, eu chamei ela no canto: "Rose, vem cá. O que é que aconteceu? Sandrinho não veio? Sandrinho mandou você aqui pra falar isso pra mim, pra não poder fechar o bagulho. Fala pra mim". Aí comecei a discutir com ela, a minha mãe não estava sabendo o que estava acontecendo, comecei a bater boca com ela, desci e saí, fui no morro pra poder falar com os meninos. Quando eu cheguei lá em cima, estava um clima meio pesado assim, cheio de soldado e tal. "O que é que aconteceu? O que é que aconteceu?", "Não, não, pegaram o fulano, beltrano e sicrano. Pegaram quatro". Os que estavam abaixo do meu irmão. Pegaram o Sandrinho, que era gerente e pegaram mais três também, que eram malucos mais perigosos, que poderiam assumir.

Os próprios malucos do Comando Vermelho pegaram os caras e botaram os malucos dentro de um carro. É, porque os meninos estavam fazendo muita coisa errada no morro e tal e eles estavam querendo tirar todo mundo, pra não entrar a tropa. "Vocês vão sair". Os meninos já tinham conseguido um monte de coisas, eles resolveram fazer isso mesmo, que era tirar os meninos, matar os meninos e assumir, botar outras pessoas lá. O que eles fizeram. Depois passou muita gente lá. Eu fiquei sem ação, não sabia o que fazer.

Nessa época, eu estava desempregada, eu saí pra fazer unha e tinha um orelhão na nossa rua e nesse orelhão que o Bill ligou, dois dias que ele estava ligando, tentando falar com a minha mãe e não conseguia, que eu saía de manhã e só voltava à noite. Nessa época, eu larguei a rádio, não quis fazer rádio, estava meio assim, sem esperança, meio cabisbaixa, aí fiquei só mesmo fazendo unha. Fazia unha, cabelo, tudo pra ganhar um dinheiro, uma grana e tal e tal. Que era eu e a minha mãe, a gente criava uma sobrinha, filha do meu irmão mais velho, tinha que dar o que comer. A minha mãe não trabalhava mais por causa de uns problemas de saúde, então eu tinha que correr, na batalha. E aí eu fui receber a ligação: "tem um recado aqui pra você, o Bill no telefone". Aí, fui pra Cidade de Deus no outro dia mesmo. Eu fui recebida no morro e, a partir disso, a gente já começou a fazer o trabalho que eu nem sabia o que era, fiquei vacilando. Mas eu quis.

Porque já tinha essa coisa: "Ah, olha só, tal dia vai ter um evento lá, não sei o quê", eu já botava a calça e ia pro mundo, "Vamos embora", "O quê?", "Não, vamos embora agora" e eu ia. Estava com 19 anos e tinha o meu namorado. Eu namorei com ele um ano e, quando terminei com ele, eu tive, praticamente, que mentir pra minha mãe que eu não era mais virgem, pra ela me libertar, porque a minha mãe tinha aquela questão da virgindade, apesar dela não sentar comigo e conversar. Foi assim:

O cara era mais velho que eu, trabalhava na rádio comigo e deixava sempre uns bilhetinhos legais pra mim, na rádio. Um dia, ele me chamou e a gente saiu. Eu já tinha falado pra ele que eu não queria transar porque o meu namorado, que eu tinha terminado, queria transar e eu não estava a fim, não queria.

O corpo é meu, sou mulher, eu sei o que eu quero, a hora que eu quero, a gente sente, como mulher, a vontade, a hora que é. Não adianta, pode ser adolescente, criança, você sente isso. Então, eu não sentia ainda aquela vontade de transar.

Então, eu peguei e falei pra esse cara que eu estava saindo - não era um namoro, só estava saindo: "Olha, eu terminei com o meu namorado agora, porque eu descobri que ele tinha feito uma aposta, falando que ia me comer e eu não queria dar pra ele e aí terminamos, não deu certo". Deixei tudo às claras pra ele, porque eu tinha isso: falava mesmo. E aí, conversa aqui, conversa ali, não sei o quê, ele me chamou pra sair um dia, vamos jantar, não sei o quê, ele me chamou pra ir pro motel: "Vamos pro motel, vamos pro motel". Eu falei: "Vamos embora, vamos embora", "ah, a gente fica mais à vontade e tal, que nós dois na rua não dá pra fazer um carinhozinho, não sei o quê". E eu pensando: "Carinho?!", eu já tinha falado, o jogo já estava aberto.

Chegou lá no motel, mexe daqui, mexe dali, não sei o quê, não sei o quê, queria transar. Aí, eu falei que estava menstruada porque não ia transar com ele, eu sabia que não queria. Aí ele falou: "Pôxa! Mas o que é isso? Mas como é que você vem até aqui comigo, menstruada, não sei o quê?". Eu falei: "Você sabe que eu avisei pra você que eu não transava, que eu não queria transar. Se eu não tivesse menstruada, a gente também não ia transar". Aí, ele já parou. Eu falei: "Você sabia disso, você é mais velho do que eu 10 anos, tem mais experiência do que eu, devia saber que ninguém força ninguém a nada, eu não te enganei e você sabe de tudo". Aí, ele falou: "Não, tudo bem, tudo bem". Aí ficamos ali, naquela sacanagem toda.

Passou uma semana, ele deixou um bilhete pra mim: "A nossa noite foi maravilhosa, inesquecível, a melhor noite, não sei o quê", aquela coisa de homem, sabe? Aí eu peguei, achei bonitinho e guardei direitinho o bilhete. Aí, a minha mãe foi mexer nas minhas coisas, aí ela pegou aquele bilhete e de noite, quando eu cheguei em casa da rua, começou: "O que é que é isso aqui? Você não é mais virgem!" começou a chorar, e dizia chorando, chorando. "Porque eu sempre fui tua amiga, você não podia fazer isso comigo. "O que eu falo?", a minha cabeça ali. "Tá, mãe, desculpa, mãe". "Filha, por que é que você fez isso comigo?". "Desculpa, eu não queria, eu ia contar pra senhora, eu ia contar!". Choraminguei ali, cabisbaixa. Aí a minha mãe: "Eu não acredito! o cara é mais velho que você".

Eu menti pra ela porque ela encrencava com coisas bobas assim. Eu andava muito com homem, então, os meninos chegavam no portão pra me deixar: "A Giselle está aí, está entregue". Batia um papo ali e ela começava. Mãe tem essa tendência de viajar; ela achava que eu dava pra aqueles que me deixavam na porta, que dava pra todo mundo, me achava uma piranha. Também, quem tem rabo preso, né? Eu peguei, me libertei daquilo ali, eu podia ir, podia voltar, dava horário, eu dava conta de tudo: "Mãe, tal hora chego; tal hora vou". Eu tinha horário pra chegar. "Vai chegar tarde". Se chegasse no outro dia, ela implicava, não sei o quê: "As pessoas vão achar que você é piranha, vão achar, vão achar aquilo", sempre essa preocupação. E eu já "tinha dado mesmo", não tinha mais aquela coisa.

Eu consegui fazer o meu lado crítico e entendi que, realmente, na sociedade tinha aquele estigma: você, sendo virgem, é uma mulher respeitada, considerada dentro da sua casa, pelos seus irmãos. A partir do momento que você

perde a virgindade, dependendo do jeito: se for casada não, ok! é um valor total. Mas se não, eles tratam mesmo com um certo desdém, assim, eles tratam como... eu senti que era uma... que a sociedade impunha aquilo pras mulheres, aquela coisa do valor. Mas qual o valor real que existia por trás de uma virgindade? Qual o valor real que existia por trás de você ser pura, você se guardar pura, sabe?

E eu não conseguia entender esse valor, sabe? E aí começou essa curiosidade de entender qual era o valor por trás disso. Como mulher, mesmo, o que ia mudar na minha vida? Aí eu já comecei: "Ah, agora eu quero transar, eu quero saber o que é que é, como é. Por que isso?" Aí, eu questionava com as minhas amigas que tinham transado, filosofando sobre a virgindade. Eu: "Pra que é que eu vou dar?". Elas: "Então, dá. Você está falando demais". Eu: "Não, mas não é isso. Eu quero entender, deve ter alguma coisa a mais por trás disso. Todo mundo valoriza tanto, não é possível".

Eu morava em Anchieta e tinha feito 22 em junho. Aí, um dia, estava com as minhas primas, era época das festas de fim de ano e me chamaram para um churrasco, em Ricardo. "Vamos embora". Eu tinha vivido lá uma época, que a mãe do meu pai morava lá e a gente foi criado lá com a minha avó. Então, eu conhecia vários amigos, os amiguinhos que passavam a mão na minha perna, os amiguinhos que ficavam lá com os meus irmãos e tal. Aí, eu fui pro churrasco, o churrasco rolou e daqui a pouco veio, bateu nas minhas costas: "Oi!". Eu falei: "Oi!", "Giselle?!?", "Samuel?!? Há quanto tempo?!?", "Caracas! Está um mulherão!", ele já veio assim. Quando ele fez isso, eu só senti aquele negocinho assim: "Buuuummmm!". Eu falei: "Ah, essa é a hora", na minha cabeça passando. "Pô, Samuel, está bonito você, hein? Caramba!", falei pra ele assim.

Ele era meu amigo, amiguinho, que passava a mão na perna. Tinha outros amiguinhos também, ele era um que eu ia na casa dele, sentava no colo quando a mãe dele não estava, a gente ficava vendo televisão, eu sentadinha no colo dele. Tudo coisa de inocência de criança, não tinha nada... dava tiboquinha na minha boca, queria passar a mão no meu peitinho, sabe? "Deixa eu passar a mão no seu peito", passava a mão no meu peito, eu ficava arrepiadinha, gostava. A gente era tipo namoradinho, tinha essa coisinha nossa, de sacanagem, mas a gente não assumia na rua.

Aí, ele pegou e falou: "Pô!", aí eu fiquei olhando pra ele, ele conversando comigo, falando comigo e a minha mente rodando. Eu olhava pra ele assim, Samuel era metidinho em malhar, tinha o corpo fortinho assim, e tal, a pele dele era castanha assim, castanha. E eu achava ele bonito: "Ah, Samuel é bonito, não sei o quê", mas naquele dia, ele estava muito mais bonito. Ficava olhando pra ele com outros olhos, pegando ele, sabe? "Samuel". Aí, ele: "Pô! A festa está gostosa, hein, Giselle? Mas a gente tem um negócio pra resolver, hein?". Eu falei: "Pra resolver? O quê?", "Coisa antiga, hein?" Eu falei: "Ah, pára, Samuel", olhei assim, com medo e ele foi pra lá. Daqui a pouco mandei chamar ele: "Chama o Samuel". Eu falei assim: "E aí, Samuel, tudo bem?" Ele: "Tudo bem. Está gostando da festa?", "Estou gostando, mas a gente podia conversar em outro lugar; sei lá, todo mundo aqui. A gente tem que matar a saudade". Ele falou: "Eu também acho. Quer conversar mesmo?" Eu falei: "Quero". "Então, vamos embora".

E eu que já era meio braba, tenho que fazer tudo com aquele detalhe, com cuidado, começamos a se beijar, se agarrar, e eu já na maldade: "Vai ser com ele. Vai ser com ele que eu vou perder a virgindade hoje". Aí, ficamos se beijando e ele: "Ah, um lugar? Tem. Espera aí que eu vou arrumar". "Fica aqui. Não sai daqui não", "Tá". Aí, voltou: "Aqui, uma chave. Vamos embora, vamos embora", me pegou pela mão. Aí saímos lá fora, fomos indo, fomos indo, entramos na casa do

primo dele. Subimos, tinha tipo um sótão assim, com um sofazinho, sofá de dois assim, uma janela assim, um sotãozinho. Aí, estamos lá. Começamos a namorar e pega daqui, pega dali, tanranraran... Rolou.

Mas aí acabou. Enfim, pô, falam que quando você perde virgindade sai sangue e eu sou virgem, não saiu sangue nenhum: "Esse bagulho não está legal". Aí terminamos, ficamos assim, na janela, eu e ele. Ele pelado, eu também pelada, ele com a mão na minha cintura, a gente conversando, lembrando da época da infância, aquelas coisas todas. Eu falei: "Pôxa, Samuel, quem diria, hein, a gente se encontrar depois de tanto tempo, e morando tão pertinho". Que a gente morava eu num bairro e ele no outro, mas aí cresceu, não se via, não tinha contado. "É, você está cantando, fazendo rádio, não sei o quê, você é um talento, e está aqui, pertinho de mim".

Aí conversa vai, eu não sabia como falar, com vergonha, aí falei: "Eu acho que a gente tem que terminar, porque... sabe, não foi assim, entendeu?". "Por quê? Você não gostou?". "Não, gostei, gostei. Mas está faltando ainda alguma coisa, você não foi muito profundo, entendeu?". "Não fui profundo?". "É, que nem saiu sangue!". Aí ele: "Mas como assim? Você é virgem?". Aí eu falei: "Não, assim, por que não sai sangue?" Aí ele falou: "Você é virgem?" Aí, eu falei: "É, tá bom. Sou virgem. Tem como você terminar tudo agora, terminar o que você começou?". Ele disse: "Claro, claro, agora vem cá, vem cá!". E veio cheio de carinho, que eu já era grandona, né? Eu falei: "Calma, Samuel, calma". Ele sempre passando a mão ali, beija aqui, agarra aqui, não sei o quê, aquele jeitinho todo, aí quando ele foi, introduziu de uma forma forte e senti: "Caramba! Agora foi". Tirou o pau, o pau estava cheio de sangue, aí eu falei: "Agora foi", eu senti uma dorzinha. Aí, que bom, fiquei toda saliente. Foi a minha libertação, que eu senti como era o sexo e tudo o mais, com uma pessoa que eu já conhecia, já tinha tocado no meu corpo. Nunca mais nós namoramos

Aí, um dia, no ônibus, eu estou indo, o Samuel: "Oi!". "Ô, Samuel!". "Oi, amor. Vamos se encontrar, vamos marcar". Mas cadê? Até hoje, quando a gente se encontra, fica aquela putaria de "Vamos marcar, vamos não sei o quê" e ele me passa a mão, me encosta, me abraça, mas nunca mais saímos, nunca mais. Ele não falou pra família, ficou só entre nós, que a gente se conhecia, a família dele e a minha família era como se fosse parente mesmo, sabe? Então, nunca mais, nunca mais Samuel. E eu fiquei feliz por ter sido de um jeito que eu quis, de eu olhar e falar: "Vai ser, né?" e isso a partir daí, eu comecei a conhecer mudança no corpo. Na verdade, foi uma grande descoberta. Eu fui mudando o meu corpo, meu corpo começou a mudar, comecei a me sentir mais madura, comecei a me sentir realmente assim, mais mulher, mais feminina.

Eu acabei ficando muito sensível, as coisas que eu falava, eram coisas que eu observava, né? Eu comecei a me apropriar desse lado mais feminino. Então, isso foi positivo pra mim pelos dois lados: primeiro, por mentir pra minha mãe e eu conseguir me libertar. Consegui ir pra rua e fazer as coisas que eu gostava de fazer. De vez em quando, eu encontrava um cara que me cantava, eu tinha um jeito meio brusco mesmo. Os homens até olhavam pra mim, mas eu falava: "Eu não quero que ninguém me conquiste. Eu prefiro conquistar". Então, as pessoas que eu tinha, eu conquistava, eu dava um olhar, eu dava um sorriso.

Mas não era envolvida com gente do rap porque não era fácil e porque era um lugar de trabalho também. O rap passou a ser na minha vida como um aprendizado de vida, não apenas uma manifestação musical, passou a ser um trabalho também pra mim. Então, ele se estendeu pra aquela coisa do: "Ah, você sabe fazer o profissional? Você vai fazer o profissional?". Eu comecei a ter que me adequar como profissional e foi aí que eu também tive que mudar.

Hoje eu me preocupo mais em conseguir aproveitar aquilo que eu falo, o dom que existe dentro de mim e de querer fazer bem, ser profissional, querer dar o melhor de mim. Por exemplo, o primeiro ano que eu apresentei o Hutus, eu me senti desconfortável, não me senti à vontade, me senti um pouco presa, falei o que estava escrito ali, li os textos, interpretei de uma forma bem tímida. E depois não, eu consegui me sentir mais solta e comecei a me exigir também estar mais solta em certos momentos, quando eu ia gravar um comercial, por exemplo, quando ia fazer um teste, tinha que me sentir mais solta pra me envolver na linha do que eu faço, dentro do meu pensamento, coisas que tinham a ver com toda essa movimentação que eu faço, movimento social, na música rap, no basquete, do esporte, dentro da militância com os jovens. Em tudo que me cerca, que eu trabalho, eu tento aproveitar um pouco mais e ser mais profissional. Mas de forma natural pra caramba.

Sou uma artista de forma natural, sem forçar muito, mas eu senti que eu tinha que me atentar a isso também, de me comunicar. Então, eu acho que isso foi crescendo e foi sendo exigido, conforme as demandas que vinham de fora, os pedidos, as novas propostas, assim: "Ah, vamos propor isso, pra Gizza. Você aceita?", de eu ficar pensando: "Ah, eu vou, eu quero", não negar as propostas das pessoas, quando as pessoas me enxergavam.

O que as pessoas vêm em mim como artista, eu sinto que é muito natural. Tento expandir dentro das coisas, das minhas propostas. Eu, quando faço um programa de rádio, eu faço um programa totalmente descontraído e tem uns momentos que eu paro e falo: "Ó, a gente tem que falar sério, a gente tem que saber...", dou a minha mensagem, eu mudo o meu tom de voz, no momento que eu quero, no programa. Eu acabo de falar uma sacanagem com os caras e passo pra uma outra situação.

Eu estava lembrando essa semana, a gente fez uma brincadeira, na MTV, eu descobri que eu fiquei com uma pastinha. Aí, eu estava vendo eu falando lá, na rádio; eles foram fazer uma cobertura na rádio e eu falando de uma forma descontraída. Daqui a pouco eu já mudei, falando da questão do rap, da questão da legitimidade do rap. Então, o jeito que eu trato o meu público hoje, as pessoas que me dão audiência, eu gosto que eles entendam que a Nega Gizza vai ser descontraída em muitos momentos; que a Nega Gizza vai ser séria, às vezes até de forma descontraída também; que a Nega Gizza, se tiver que dar porrada, vai dar porrada mesmo; se tiver que falar, vai falar mesmo; e se tiver uma mensagem pra passar, vai passar. Eu tenho duas horas de programa de rádio, direto, todo sábado e domingo, ao vivo.

Então, falando sobre essa questão profissional, eu acho que eu me exijo mais, eu tento mostrar pra esse público que, pôxa, antigamente, quando eu comecei a cantar rap, as mulheres vestiam calça, não tinham muitas mulheres e as mulheres que tinham disputavam com os homens. Então, eu vim no embalo, mas com o tempo, eu pude amadurecer e pegar experiência mesmo, por causa da prática e consegui me enxergar de forma diferente, cantando, misturando as tendências, não tentando ter um compromisso com o visual, mas tendo uma qualidade, não tendo compromisso de: "Mas a minha unha tem que estar...". Estando à vontade, levando a vaidade natural.

Eu acho que essa história parou um pouco de preconceito, mas eu acho que, no início, tinha a tendência dos homens afastarem e falarem: "Olha só, você pode ir só até aqui, perto da gente, mas aqui você não pode mais". E que mulher não era assunto, que não apoiavam a mulher. "Vem cá que eu vou te mostrar que dá pra você fazer essa música assim e você vai cantar no meu show", eles não faziam isso. O Bill foi um dos poucos que fez e reclamavam, achavam que ele estava pegando as mulheres que ele apoiava, porque ele dava força mesmo.

"Canta um pedacinho da minha música, mas depois você fica aí, não vem não, faz o refrão, o back, mas depois fica aí". Então, tinha essa coisa no cantar. Hoje eu percebo que na época que a gente estava falando, reclamando dos homens, era que a sociedade também era assim. As mulheres que cantam aí a música brasileira tiveram que enfrentar uma barreira e falar: "Não. Espera aí, você canta legal, mas eu vou cantar também e vou estar do seu lado, fazendo um show com você". Então, a gente tem muitas artistas que tiveram que entrar. E se você perceber, muitos homens também abriram a brecha pra mulher na música brasileira: fulano descobriu sicrano; sicrano era amigo e descobriu. Então, você vê que os homens surgem primeiro. O homem nasceu primeiro, né, então...

Falar do meu homem. Esse homem, o Jiló, surgiu na minha vida assim: Era um cara super problemático e eu gostei dele. Era um cara que tinha problemas, me lembrava muito meu irmão, o jeito dele moleque, que o meu irmão era meio moleque, descontraído, muito brincalhão. No início, eu achava que tinha me apegado a ele mais porque ele tinha isso e ele falava: "Não, eu vou mudar, eu vou ficar do seu lado". Ao mesmo tempo, veio uma coisa que eu nunca tinha sentido, que era o sentimento de amor, sentimento de que você podia ficar com aquela pessoa brigando, triste ou feliz, que é um pouco do que a gente vive hoje, a tristeza e a felicidade.

A gente briga e eu falo pra mim: "Ah, eu vou dormir no chão". "Vai dormir no chão? Você vai dormir do meu lado. A gente brigou, mas você vai dormir do meu lado. Se eu fizer alguma coisa, você vai me botar no chão? É ruim, hein?" Eu falo pra ele, ele fala pra mim e meu filho até ri da gente: "Eu, hein? Vocês são malucos. O que é isso?". Claro, eu vou brigar com o meu marido, eu vou botar o meu marido na sala pra dormir no chão? Que é isso? Eu vou ter que acordar do lado dele mesmo, vamos viver a vida toda, a gente está com dois filhos, imagina se eu vou ficar brigando com ele, chateada, discussão, sem motivo. Não tem um motivo pra discussão, é aquele assunto pra ser discutido, depois que passa a discussão, é um outro momento que a gente vai viver e se for um momento de carinho e de amor, na seqüência, que a gente viva, independente de ter mágoa na discussão. Casal não tem que guardar mágoa, casal não tem que guardar rancor. Você fica com raiva de uma coisa e outra, simplesmente quando você expõe, aí mesmo que não fica no coração. Passa.

Vai fazer sete anos que estou com ele. É o pai da minha filha e tem o Bebeque Java. Java é uma menina. E agora tem Mel, Bebeque Java, que é o mais novo... aí formou um casal. Aí fica naquela: "Vai ter outro! Vai ter outro! Vai ter outro!" Eu falo: "Não posso por causa da carreira, senão eu não posso cantar. Não posso", que eu já tive, eu tive os dois trabalhando, trabalhei até o fim. Ficava comigo, ficava na mesa, e fomos indo. Mas eu penso em adotar uma criança, mais pra frente...

Na produção, na Cufa. Fui pra Madureira, que é a central agora. E faço show, e vai sair um disco novo, que está na pré-produção. Ontem a gente viu o videoclipe. É um vídeo com uma linha diferente, você vai ver. Não é fugindo do meu propósito, é chamado "Testa de Ferro", falando dessa coisa de apropriação da cultura, que eu percebi que tinha muita gente dentro da cultura que queria participar da cultura hip-hop, mas não tinha, aquilo que eu falei, compromisso. Não eram de dentro da cultura e queriam se apropriar. Ali, eu estou mandando um papo pra uma mulher, na verdade, falando pra ela que a cultura é nossa, que ela não deve se apropriar, é uma cultura que ela tem que reconhecer.

Não é específico, na verdade, eu me inspirei até em algumas mulheres que estavam se envolvendo no rap, numa certa época, umas alemães, que chegou ali, no campo e a gente sacou qual foi e mandou o bagulho pra elas e aí

neguinho já veste a carapuça. E acaba que a gente fez essa música que vai entrar no disco novo e aí eu fiz um clipe. Tentei fazer um clipe mais numa linha que eu comecei a perceber que, quando mais velha eu ia ficando, eu estava conquistando um público mais jovem. Mas por quê? Por causa do basquete de rua e do skate que tem na Cufa; por causa do audiovisual que só vai jovem fazer; por causa do teatro.

Mas vamos terminar a história da família, que eu acho importante o seu comportamento como mulher, dentro da família. Então, eu enxergo muito essa diferença de que eu criei um tipo de vida, eu e o meu marido, com muita liberdade; da gente se amar, da gente se gostar e ele ter a liberdade de ir pro lugar que ele vai que é uma coisa que não é da minha criação ali. Até a minha mãe fala assim: "Ah, isso aí é muito coisa de artista, que você vai pegar lá e quer trazer aqui. Mas não é assim, não. Na favela, não é assim".

Mas eu acabei criando em mim uma expectativa de mulher liberta. E surgiu porque as pessoas me falam isso: "Gizza, a gente sente que você é muito...". Outro dia, uma fã, chorando, falou isso pra mim: "Gizza, eu me espelho em você porque, nunca te vi pessoalmente, mas, só pela entrevista, eu ouvi você falando na TV, pelas fotos, tudo que eu vejo teu, eu vejo que você tem uma liberdade muito grande, eu olho pra você e quero ser igual a você, parece que você pode fazer tudo, a imagem que você passa".

Eu sinto. Consigo sentir no dia a dia, crio essa expectativa com os meus filhos, construo isso em casa, na criação dos meus filhos, de não ter essa dependência de mim. Eu quero amanhã poder morrer e morrer em paz, saber que os meus filhos vão se virar, que ninguém vai maltratar, porque não são bobos o bastante pra serem maltratados, mas que as pessoas podem cuidar, podem se achegar, podem dar carinho que eles aceitam, porque são carinhosos. Então, eu crio uma expectativa neles, deles conhecerem...

Também eu crio os mecanismos, vou fora e vou buscar os mecanismos pra poder fazer o meu profissional. Consigo me divertir, consigo ter a minha sexta-feira de virar e beber um vinho e comer uma massa; consigo virar, viajando a trabalho, consigo conhecer pessoas, me divertir. Eu estou me renovando. Quanto mais velha eu fico, eu estou me sentindo melhor, muito estável. Aí pintei o cabelo, pra parecer mais jovem, pra me sentir mais jovem, pra dar uma variada. Aí chegam: "Ah, quantos anos você tem? Ah, você tem 27". Eu falo: "Ôpa! Calma", "Você tem 20 anos", "Hum! Eu tenho 31", "O que é isso! Não parece". Chego no meio dos jovens, consigo conversar, consigo me comunicar; chego no meio das pessoas que têm mais idade que eu, consigo me comunicar, me sinto à vontade. Se não me sinto à vontade, eu procuro entender o assunto, pra saber, entendeu? Então, eu acabo criando esse mecanismo de vida, que me faz bem.

A Cufa nasceu desse mesmo trabalho musical que a gente começou a criar. O Bill fazia uns eventos, na Cidade de Deus, que chamava CDD Mandando Fechado. Era um dos eventos que ele fazia no Ciep. Ele me chamou pra luta e a partir daí eu comecei a cantar com ele e dentro desse cantar com ele, era coisa com a movimentação. E aí tinha rádio, ele sabia que eu fazia locução, que, nessa época, eu já me considerava uma locutora. A gente começou a fazer rádio FM. No início, eu não falava nem no programa, eu ficava ali e assim, meio com medo de ser como era.

Um dia, ele me deu a oportunidade. Ele olhou pra mim: "Ô, Nega Gizza, hoje você vai ter que fazer o programa. Emergência". Eu falei: "Emergência? Ôpa! Vem cá. Vem no colinho, vem". Eu pá, pá, pá, o neguinho já ligava: "O que é isso? É a Nega, é a Nega. Que a Nega que está falando. É a Nega", "Que Nega? Quem é Nega?", todo mundo começava a perguntar.

Que eu tinha apelido de Nega, todo mundo me chamava de Nega. Gizza era o apelido mesmo que eu usava, era apelido de casa mesmo, de rua. E aí alguns dias depois eu me tornei Nega Gizza. Eu era conhecida na rádio como Nega e todo mundo começou a ligar, gostando. E no outro dia, o cara fez, aí começaram a ligar e perguntar: "A Nega está aí? Deixa eu falar com a Nega". Eu atendia: "E aí, irmã, tranquilidade?", "Qual foi?" E aí comecei a fazer rádio. Fizemos a Rádio Imprensa, depois fizemos a 94, durante muitos anos e aí saímos da 94, depois voltamos de novo.

Fazia junto com o Bill. Hoje, a gente tem programas separados. O Bill faz a Voz da Periferia, na 94. Quando fizemos juntos, montamos uma equipe, aí fizemos a Rádio Viva Rio, quando foi AM e quando foi internet. Então, a gente foi fazendo os programas e eu comecei. Lá, eu tinha oportunidade de realizar tudo que eu gostava, que era fazer programa de rádio, fazer música, né? Consegui ser reconhecida, consegui ser vista como uma pessoa que podia fazer música. Você faz música, você pode fazer música. Então, "Vamos fazer música. Então, vamos embora" e eu ia. "Vamos viajar, vai ter show", "Vamos". "Olha, vai ter que subir o morro tal porque tem que articular com a comunidade, que a gente vai fazer um evento tal dia", "Vamos embora", e já ia ali, aprendendo, uma escola como é que era o ritmo das coisas. Aí eu tive esses dois homens que acabaram abrindo os espaços. Por isso que eu falo, que eu não posso falar que o rap é preconceituoso com as mulheres porque eu tive homens que me abriram o caminho e, claro, eu soube aproveitar, soube me amoldar pra me manter nesse caminho.

E aí a gente foi construindo a Cufa que não vinha com o nome Cufa, mas já vinha aparecendo nas ações, nos eventos. Quando tinha os eventos, quando foi mesmo o lançamento do CD do Bill, em 99, não foi Cufa, era produção mesmo do Hutus, que também fazia os eventos. Então, tudo isso foi surgindo. As atividades pra nascer a Cufa, depois as reuniões. A gente fez muitas reuniões pra chegar aonde a gente nem sabia onde chegaríamos.

Celso Athayde, Bill e eu somos os criadores da Cufa, os fundadores, que estamos em evidência e que propagamos a história da Cufa e falamos pela Cufa. A gente fez 11 anos nessas ações; porque o Celso já vinha fazendo produção com um cara que criou o baile do viaduto, o viaduto Negrão de Lima, num baile chamado Charme na Rua. Então, quem era o produtor era o irmão dele, um cara que já tinha experiência com produção. Nessa época, ele fazia o baile, o Bill estava na Cidade de Deus cantando, eu estava na igreja e na rua, tentando fazer música e a gente se encontrou, na verdade. Eu me mantive ao lado deles, eu me mantive no lado artístico, mas porque teve todo um processo que a gente passou junto, toda uma experiência, que a gente continua passando diariamente. Somos amigos e somos parceiros de trabalho.

A Cufa é uma ONG, uma organização não-governamental que a gente chama de movimento. A Cufa, na verdade, é tudo que é contra todos os sistemas formais que existem. Por isso que nós três estamos fazendo do nosso jeito, porque é do nosso jeito mesmo e a gente vai ultrapassando as barreiras. Se é assim, a gente faz de outro jeito; se é desse jeito, a gente faz de outra forma mesmo. Mas é claro que tem tido uma discussão e um aprendizado pra poder conquistar isso, foi na marra mesmo.

A Cufa é um braço do hip-hop. A Cufa não é o hip-hop. A Cufa, hoje, faz muitas atrações que o hip-hop gostaria de ter feito, mas por falta de organização, o hip-hop não teve essa oportunidade. A gente atua em algumas comunidades, dentro da comunidade; quando não atua, a gente chega lá porque a gente já tem um diálogo com essas favelas. A Cufa, hoje, está em 27 estados no Rio de Janeiro e mais 26, Distrito Federal, com uma base, com seis bases, com sete,

com dez. A gente está distribuído em algumas cidades. A Cufa Rio de Janeiro, hoje, tem em Friburgo, Angra dos Reis, Volta Redonda, Petrópolis. Então, a Cufa está indo... chegando numa favela, ficando, atuando e trabalhando. Essas pessoas, daquelas comunidades vão buscar atividades, parcerias, apoio com o que a gente já faz aqui, ou atividades diferentes. Na verdade, eu acho que a gente está distribuindo a idéia de um sonho. Você ter um sonho, e estar realizando. Você guardar ele pra você, eu acho um pouco egoísta.

Eu acho que é um sonho de realização, de conseguir ver que a gente pode ser protagonista, protagonizar a história. Se a gente tem que mudar a nossa história de lugar, que a gente não fique vendo as pessoas mudarem, mas que a gente participe do processo de mudança. Que a gente venha continuar a controlar essa mudança da história, a ser independente de como foi, do que for. Não estou dizendo: "Ah, a gente quer bater na questão racial. A gente quer mudar o jeito que a sociedade enxerga o preto". Não é isso só. A gente quer mudar o jeito que a sociedade enxerga um favelado, uma pessoa da favela. É isso. Hoje, a gente consegue trabalhar com atividades culturais, por exemplo, eu pego muito pelo profissional, mas dentro de mim é uma coisa que chama mais pela cultura. Vamos distribuir arte pro povo, vamos distribuir música, vamos distribuir interpretação, vamos distribuir artes plásticas, imagens.

Eu prezo muito por isso. A gente está com o Espaço 2, que é esporte, tem o skate e o basquete. Hoje, a gente conseguiu parceria da Oi pra financiar escolinhas de basquete de rua e de skate. Então, não é só pelos eventos, é ter todo dia, dentro das bases, funcionando atividades pras crianças participarem. Se a criança vai crescer e amanhã vai ser um cara conhecido, eu não quero nem saber se o cara vai ser um basqueteiro, se vai trabalhar. Ele precisa ter oportunidade pra conhecer e sentir a vontade, num mundo que ele está dentro. Não é o cara assistir um filme de basquete, achar bacana e saber que ele nunca vai participar daquilo, que ele nunca vai jogar um basquete.

Temos teatro, o projeto com atividades de ver. Grafite, as artes plásticas, o Break, que é dança, mais seguindo o hip-hop. A gente começou com o audiovisual por causa do videoclipe do MV Bill, por causa do morro que deu todo suporte do audiovisual. Então, é um dos trabalhos de incentivo assim. A gente acabou de formar agora 800 alunos. Estamos com o Afroreggae, Nós do Morro. Esses trabalhos a gente enxerga que são caminhos pra esses jovens irem pro mundo, sabendo jogar um basquete, sabendo pegar uma lata de tinta, pra ser profissional ou não. Aí, a gente percebeu que era importante fazer cursos profissionalizantes mesmo, ganhar diploma pra poder ir procurar emprego, tem que trilhar pra isso. Porque é importante entender que a Cufa não é especializada em hip-hop, não é especializada em uma área, na área audiovisual, em basquete de rua.

A gente faz tudo que a gente faz por acreditar que são caminhos, como eu disse. Então, a gente bota a cara mesmo e vai fazendo, a gente vai mesmo e enfrenta mesmo, aprende a fazer, pega quem sabe e discute aqui, faz aqui. Bota a experiência e a prática é a melhor forma de você aprender qualquer coisa que você não conheça. Então, a gente vai e faz e se envolvemos com basquete de rua e se envolvemos com várias vertentes. É gente do esporte, é gente da cultura. E aí, como a gente vai se envolver nessa área profissional? Então, a gente procurou o Ministério do Turismo, conseguimos uma parceria, pessoas que entendem da área.

São todos parceiros, participam de eventos diversos, apóiam dois, três, um, ou não apóiam nenhum, só simplesmente entram com a chancela. A gente respeita, de certa forma também, como colaboradores. Mas pra manter a parceria, tem que ser independente de ter dinheiro ou não. Às vezes você pode apoiar o meu trabalho, acreditar em mim, sem

me dar um centavo e eu, por saber que você acredita em mim, eu te apresento o meu respeito. É muito o jeito que a gente leva. Então, a Cufa hoje fez uma parceria, acabamos de formar 800 jovens, semana retrasada, em audiovisual, gastronomia, auxiliar de cozinha, produção cultural, intérpretes teatrais, moda e modelo. Modelo pra desfilarmos, pra apresentar, para fazer uma recepção de moda. Moda pra costurar, entendeu?

Apresentamos, eu e o Quak, o audiovisual, no evento, que, praticamente, todos os eventos que acontecem na Cufa, entra aquela coisa do profissional, que eu falei. Eu apresento os eventos. A Cufa e a Nega Gizza vão apresentar. Eu estou sempre apresentando os projetos que tem a ver, quando é da casa mesmo. A gente chama em algum momento algumas pessoas, mas eu apresento. Então, aqueles jovens, eu entro no Orkut, eles entram pra falar comigo. Aí fizeram um churrasco depois: "Gizza, vamos embora" e eu fui no churrasco deles, fiquei conversando com eles e você vê que está expandindo a idéia, que não é jovem simplesmente que quer trabalho, são jovens que vão levar a idéia da Cufa. Ao ouvir o depoimento deles, ao ouvir a história da vida deles, ao ouvir a percepção que eles tiveram do que a gente faz, é satisfatório pra gente, ver que está proliferando a nossa idéia para o mundo.

A gente procura passar a noção de cidadania por trás de todas as atividades que a gente faz. Essa noção do direito, do "meu direito, como cidadão", eles pegam muito isso. Alguns jovens que estão por aí, assim, andando aí, dentro sociedade, eles falam: "Gizza, eu fui pra Cufa porque era o único lugar no mundo em que eu podia me identificar". A Cufa parece que nasceu mesmo pra se identificar. E aí vêm vários depoimentos. "Ah, a minha mãe via, na televisão, a Cufa e falava: 'Ó, é bom pra você, é a tua cara'". "Ah, eu fui pra Cufa porque eu usava um cabelo diferente e eu vi, na Cufa, um monte de gente parecida comigo assim, aí eu vim. Nem queria fazer curso, apareci. Achei legal e estou aqui".

O outro foi o basquete: "Gizza, lembra aquele dia que eu fui ao basquete? Então, por isso que eu comecei a fazer, que eu vi aquela atividade, aquele curso". "Ah, eu quero fazer produção, como se produz isso e tal?". Então, 1001 motivos e 1001 informações e 1001 situações que a gente consegue transmitir pras pessoas. Eu acho que eu vejo o trabalho sendo realizado a partir disso. Eu acredito que a gente tem aí um legado de organizações que estão se movimentando e conseguindo fazer muitas atividades que são boas pra sociedade, que vêm contribuir com a sociedade. Mas o que é mais legal de tudo é saber que essas pessoas todas, que estão se movimentando, estão deixando um legado pras pessoas, mas de verdade mesmo uma nova filosofia.

Que é o que a gente fala: "Ora você ouve música, ora você dança; ora você discute, ora você aprende; ora você se profissionaliza, ora você estuda". Então, dentro das nossas atividades de base, de eventos, tem tudo isso. A pessoa acaba também encarnando um pouco disso e pra gente, é o que é melhor. A pessoa vai pro lugar que for, mas ela vai ter Cufa dentro dela. Até gente que trabalhou com a gente, que vai embora, a gente fala: "Olha, você vai levar um pouco da Cufa, porque a pessoa não tem como esquecer".

Eu acho que a minha letra fala muito desse cotidiano. Essas letras novas que eu estou fazendo, aquelas que a gente gravou no disco, eu acho que muitas vão mudar, justamente por essa intensidade. A gente está vivendo momentos muito intensos. A Cufa traz pra minha vida momentos muito intensos e momentos tensos. Tem momentos maravilhosos, que a gente adora, e momentos de uma nova maturidade, com o meu lado artístico. É como eu falei hoje, fiz um videoclipe e tentei alcançar mais o jovem, porque eu fui, outro dia, fazer uma palestra em Brasília e fiquei realmente estarecida, porque eu cheguei e tinha mais de 500 jovens, dentro de um ginásio.

Eu fui falar com os jovens e os jovens estavam conversando. Tinha duas pessoas palestrando antes de mim e o pessoal falando, conversando. Eu peguei o microfone e consegui me comunicar com eles: "Antes de eu começar a falar, com todo respeito, quero dizer pra vocês que eu vim de longe, do Rio de Janeiro, peguei avião, dormi no hotel, acordei cedo, nem tomei café direito, estou aqui pra falar pra vocês e vocês no burburinho, conversando. O que é isso? Se vocês ficam conversando, eu vou falar pra vocês e vocês não vão entender o que eu estou falando. Eu vou estar igual uma boba aqui, falando pra caramba, vocês não vão entender o que eu falei, vão perder o tempo de vocês, eu vou perder o meu tempo. Vamos fazer o seguinte? Vamos parar".

Nisso, eles já foram baixando, falando baixinho. Aí, eu fui pensando que se eles vão parar de falar, vou dar um papo. Se não parar, eu sigo com a minha fala, mas aí já levantei: "O que é isso aí atrás? Está namorando? Pô, namora depois. Gatinha, você ó, tem vários gatinhos do seu lado, se você não olhar pra frente, eles não vão parar de conversar contigo e não vão dar atenção". E no que eu chamava atenção, eles riam: "Ah! Fulano, aqui ó, aqui sicrano". "Olha, vou começar a falar, vocês prestem atenção. Eu vou botar um vídeo, então, todo mundo quietinho, senão vamos perder tempo. Eu não vim de longe pra perder tempo. Estou pedindo com todo respeito, a partir do momento que a gente conversar. Valeu?" Eles: "Êh! Êh!", palmas.

Foi numa escola na Ceilândia, Brasília. É isso. Eram jovens de 13, 14, 15, só jovens. Aí, ficaram quietinhos, mostrei o vídeo, comecei a falar sobre o basquete de rua que promove a inserção socioeconômica, um bagulho lá legal. Aí, eu fui e falei: "Vou falar da minha história de vida", e comecei a contar como foi eu, meus irmãos, pequenos, crescendo, rádio comunitária e eles riam, eles achavam engraçado. Começaram a se identificar quando eu falei dos meus irmãos, quando eu falei da criação da minha mãe, me criando sozinha, em crescimento e eu virando mulher, eu como mulher preta. Comecei a falar um monte de coisas e eles começaram a ficar pilhados. Ouviram a palestra, ficaram super atentos, participaram. Isso tem acontecido.

Tem que falar com esse público jovem, e com um público que já está com mais idade, o cara que era adolescente quando ouviu o meu disco, em 2002 e já é um jovem, já tem anos. Então, era importante falar com essas pessoas e eu falei isso na mesa, mas sem perder a raiz. Ouvi falar de muita coisa que estava mudando, muita gente mudando o jeito de escrever rap, muita gente mudando o jeito de se expressar na música. Eu preferi manter um pouco alguns questionamentos, como falar sobre o estupro. É um tema muito pesado falar de estupro, mas é importante falar.

No disco novo eu vou falar sobre um tema racial, está aí em todos os temas das músicas, e a mulher. Tem o estupro e tem uma música das ex-presidiárias também. Falo sobre o estupro e sobre o aborto e, ao mesmo tempo, a questão das mulheres que têm que abortar a partir de que ela é estuprada. É uma discussão que está aí, que virou lei, mas é uma coisa que as pessoas não aceitam, a igreja não aceita, as pessoas ficam discutindo, querendo entender esse processo do aborto e eu acho que a gente tem que evoluir na discussão também, discutir mais sobre isso.

Eu me posicionei da seguinte forma: a favor do aborto, enquanto mulher, eu vejo como mulher, porque se eu sofrer um tipo de estupro, eu aborto. Mas eu não sei se eu engravidar porque não era o momento, eu não tenho coragem de abortar, aí eu já seguro a bronca pra mim, passo o que tiver que passar, boto no mundo e crio e vai vivendo. Eu escolheria cantar, viver artisticamente e não fazer o que eu fiz, que era ter filhos, ou escolheria fazer os dois, mas viver pau a pau. E eu escolhi fazer os dois e viver pau a pau. O meu último filho foi um sacrifício, trabalhei até na semana que eu pari.

Eu pari ele no dia 28 e trabalhei até o dia 26. Meu último dia de trabalho foi na base, fechei tudo, pá, pá. Estava na favela do Acari, cuidando de uma base da Cufa. Trabalhei grávida, fiz vídeo, fiz entrevista grávida, fui pra lá, fui pra cá. Ele nasceu no fim de outubro. "Olha, o Hutus está com problema na produção. Preciso que você venha pra cá pra produzir. Tem como?", "Tem. Vou levar o meu filho comigo". Botei o meu filho na mesa e comecei a produzir. Ele está com um ano e sete meses e até hoje eu amamento. Mama pra caralho, homem é possessivo demais. Porque homem suga muito.

A menina parou de mamar com três meses. Bebeu aquele leite ali, depois não mamou. Agora, ele é aquela coisa, foi uma experiência nova pra mim. Eu sou apaixonadinha por ele, falo pra ele: "Meu filho, você é a paixão da minha vida, é a paixão da mamãe", porque ele tem essa coisa de dominar, é homem, aquele jeito de homem mesmo. Então, ele pega no peito quando eu chego em casa e mama. Eu vou sair, eu falo com ele: "Não chora, você não pode chorar"; ele tem aquela coisa de sentir que quando eu vou viajar, aí eu já preparo eles; eles têm essa sensação.

Então, eu tive essas duas crianças, formei essa família e consigo dar criação à minha família. A minha família já entende o meu método de vida, que é viajando, que é saindo, que é indo fora, mas foi difícil. Tem que ser na marra, tem que ser na coragem. Então, a música que eu escrevo hoje é falando um pouco disso, como mulher, como pessoa e as coisas que eu tenho visto. E aí você também não pode passar muito sofrimento, porque você está vivendo um momento de felicidade. Hoje eu vivo momentos de felicidade, na minha vida.

A gente está conseguindo realizar muita coisa boa, sabe? A gente está conseguindo formar 800 jovens. Isso pra mim é a maior felicidade do mundo. E aí eu falo assim: "Pô, eu perdi um, que foi o Neném, mas eu estou ganhando vários, eu estou fazendo vários continuarem a viver o tempo que Deus determinou pra eles".

Minha mãe é evangélica e eu falo pra ela: "Mãe, as coisas que eu tenho, que Deus me dá, eu não peço. Eu tenho muita vergonha de ajoelhar e pedir a Deus, principalmente por eu saber que eu não estou indo, não sou membro e não sigo as leis, conforme tem que seguir." Eu tenho vergonha, sinceramente, eu tenho vergonha de ajoelhar e falar assim: "Eu quero isso, eu quero que seja assim". Jamais. Pedir numa oração: "Deus, ora por mim porque eu quero que isso aconteça", eu não consigo. Por quê? Porque tudo que eu conquistei até agora, eu percebi que Deus projetou pra mim e me entregou. Só que ele faz um teste comigo: "Você sabe cuidar? Você sabe administrar?" É isso que ele faz comigo. O tipo de relação que a gente tem é essa: "Você sabe administrar? Você vai cuidar?"

Aí eu não peço, aí Ele me dá. Aí, eu me vejo com aquilo, eu falo: "Gente eu tenho que cuidar disso. Ele me deu isso, então eu tenho que cuidar". Aí, eu freqüento a igreja cantando música gospel, ouço rádio e música gospel, eu tenho um contato com evangélicos, como gostam muito da Nega Gizza e especialmente alguns eu trouxe pra minha vida, pra amizade. Tenho amigos que são do candomblé, são umbanda, são budistas, são de tudo quanto é religião, que são amigos pessoais, que são próximos a mim, são envolvidos com coisas diversas. E mesmo sabendo que eu sou evangélica de natureza, de coração, por devoção, por crença, ele falou: "Ah você é sacana e tal".

Às vezes eu vou numa igreja pequena, assim, lá perto de casa, pra chorar as minhas lamentações no cantinho do banco, aí sempre tem: "Nossa! Você sabe canto americano? Canta", "Não, irmão, a gente canta assim, no banheiro, pra louvar o Senhor". "Então, louva pra gente, louva, irmã", "Não, eu tenho muito pecado, está demais, não posso subir no púlpito sagrado pra cantar". E é verdade, eu reconheço que tenho um monte de pecados. Hoje, eu encontro com as

peessoas da igreja no Orkut e outro dia mesmo, fizeram um comentário. Porque criaram isso pra mim; as pessoas criam. A gente vive num mundo que as pessoas...

Vai se transformar em letra, mas em forma de depoimentos, né? Eu chego em casa, escrevo, escrevo uma coisa e outra, Nas minhas músicas, eu acabo falando isso. Nas minhas músicas, na música do Bill, a gente acaba falando muito de Cufa, que a gente se apropriou muito disso, que é a nossa realidade hoje. Tem pessoas que fecham com a gente em 27 estados. Se eu ligar agora pro Acre, eu sei que tem um bonde lá que fecha comigo. Porque o Acre é o seguinte: Cufa e pá. Cufa Mato Grosso, pá. Entendeu? Aonde eu for eu sei que a gente criou essa multidão de pessoas. A gente está criando bases e bases diárias. Tem um gráfico lá pra vocês terem uma noção, mas que já está bem avançado agora por essas questões.

A nossa liga era Liga Brasileira de Basquete de Rua (Libra), que é nacional. A gente criou um vínculo de Cufa Internacional e virou Liibra - Liga Internacional de Basquete de Rua. Alemanha, Argentina, Chile, Estados Unidos. Tem uma lista aonde a gente tem times que são ligados à Cufa. O Basquete de Rua, independente do país, eles juntos formam uma liga, na verdade. Eu sendo da Argentina e você sendo do Brasil, nós duas fazemos parte dessa liga. Não tem país, são todos os países. E, no ano passado, a gente fez o "Reis da Rua", que foi o desafio. A gente chamou de desafio internacional: Brasil X Chile. Aí veio a equipe do Chile, a equipe do Brasil de basquete de rua. Juntos, em Barueri, São Paulo, fizemos uma competição que foi transmitida pelo Spot TV, ao vivo. O Brasil ganhou. Os caras jogaram. O jogo foi bem acirrado, marcaram pontos mas o Brasil acabou ganhando, até chegou uma hora do jogo que o Chile estava ganhando.

No dia 1º de março, o aniversário do Rio de Janeiro, fez 144 anos, eu apresentei a festa que é uma coisa que adoro fazer também. Adoro fazer rádio, adoro fazer evento, gosto muito de fazer isso e então, a gente fez. Aí, agora dia 1º de maio é o dia do trabalhador, vai ter uma festa em Nova Iguaçu. A Globo junto com a prefeitura de Nova Iguaçu que está fazendo. Lá, eu vou ser apresentadora e vou cantar em Volta Redonda. ■

Tudo isso é fruto dessa organização que começa lá atrás. Hoje em dia, eu falo muito mais e consigo expor em alguns espaços o que antes não era permitido, mas é fruto dessa briga quando, tempos atrás, o embate era corpo a corpo.

Eu acho que esse embate tem que sair do corpo e vivendo mesmo é que saem os preconceitos. Quanto mais sair do corpo e entrar no mundo das idéias, mas eu acredito que pode se elaborar melhor, porque o que o negro tem que fazer é sair da pele do escravo também.

A questão da organização. O que era que acontecia? Na década de 80, a gente percebia que havia grandes lideranças negras que lutavam entre si. Eu acho que a questão da contemporaneidade está fazendo com que as pessoas se espalhem e não haja um discurso quase que comum, por uma causa única. A gente percebe essa nova geração discutindo a organização política das populações negras, a gente percebe que aquela negritude única não existe mais, hoje isso está espreado, mas é fruto primeiro dessas nutrisses que começaram a jogar em dessa geração de 80, preparando geração.



Nós fazemos reuniões aqui e a primeira reuniu 600 pessoas, da comunidade e do terreiro.

Na conferência de Genebra, nós vencemos, mas não ficamos satisfeitas. Isso é o Ibam mais não sei quantas delegações se retiraram da conferência.

Agora, Israel quer fazer a mesma coisa. Eu sei que ela colocou no e-mail assim: "Vencemos, mas não estamos satisfeitas". É exatamente a mesma coisa, não mudou nada. Nossa, mas Ogum está poderoso, hein? Ogum está poderoso! É um monte de mulher poderosa. É, Ogum está poderoso.

Se formos considerar o poder matriarcalizado dentro do candomblé e essa concepção de mãe anciã, não é, Regina? Mãe Beata acaba quebrando um pouco essa característica das mulheres mais velhas que têm que ter aquela proposta de passar o saber, o tempo de vida. Então, ao mesmo tempo em que ela quebra um pouco essa concepção de matriarcalidade, de mãe anciã, de iaobá, quer dizer, mãe anciã e, ao mesmo, dá sequência de novo, porque só é considerada mãe, porque as outras mais velhas assim a fazem.

Ela tem um espírito velho, né?

(O filho): Então, ela passa pela preparação de manter viva essa ancestralidade feminina, de mãe poderosa. Então, na realidade, ela sendo ialorixá, recebe esse título de mãe de santo, mas ela tem por trás um conjunto de outras mulheres que sustentam ela. Isso, dentro do candomblé, é extremamente forte. A mulher, ela nunca está só. Ela é ialorixá da casa dela, mas ela tem as irmãs de santo, as mães. Ela é ialorixá maior, mas ela teve a mãe de santo, a mãe pequena, ela tem toda uma sequência de pessoas, mesmos os homens. O homem tem toda uma formação que passa pelo gênero feminino, no significado do candomblé, pelo menos nas casas que são consideradas tradicionais. Porque o homem acaba entendendo todos os elementos, todos os signos dessa formação feminina, e não masculina, de como lidar, de como acolher, de como resolver as questões políticas da comunidade, do terreiro. Ele vai buscar, ele vai desenvolver sua formação baseada no olhar do feminino. Dentro do candomblé, a visão dele é a visão da mãe e não a do homem, porque o homem não tem nas casas tradicionais, uma representação, não é representado. A mulher gera e aí ela gera o axé também. Portanto, de novo, ela continua no potentado dela.

Então, essa matriarcalidade é doada para ela que, na realidade, está representando algo que é anterior a ela e que a gente fala que é o saber ancestral, ato feminino. Essa formação é uma formação também de fala, é lógico. E de estilo, de presença, de representação. Já não é mais uma fala dela, é a fala das grandes mães, das mulheres anciãs, ancestrais. É algo que não existe a partir de um planejamento. Não há uma metodologia pra isso. O tempo inteiro ela é chamada à função, o tempo inteiro, e sem nenhum problema.

No candomblé a diferença entre mãe e mulher se dá na realidade pelo conhecimento que a mãe está representando. Saber lidar com as construções políticas do terreiro, como resolver a questão de disputa de gêneros e de identidades sexuais no terreiro. Então, isso é algo que ela vai, ao longo do tempo, adquirindo coragem e se fortalecendo, para fazer essa sabedoria lidar com tudo isso.

O homem, por obrigação deve estar apoiando, organizando e mantendo essa ancestralidade feminina, pois ele tem que agir enquanto ancestral, mas feminino. Por mais que ele seja homem, ele tem que manter essa relação enquanto feminino. No caso da mãe, quando a gente fala da ialorixá, da figura da sacerdotisa de candomblé, não se trata de uma questão biológica, porque essa mãe não passa por esta gestação biológica. É uma coisa maior. É um lugar, é um estar, é uma questão de representação política e religiosa. Porque a gente vai perceber que, no candomblé, a cultura, a religião, a política, a economia, a sexualidade, estão integralizadas. Não se trata de um arranjo cartesiano, sob o qual a pessoa é dividida em partes.

A velhinha é mulher, é ser social, é filha de santo, é mãe, é negra. Ela é um monte de coisas, ela é muitas coisas, todas juntas, porque, quando a gente olha para a velhinha, todos esses elementos de representação estão nela. E, a mesma coisa, essa mãe, ela está representando a partir desses códigos todos que vão passando pela coletividade e aí tem a interferência do sagrado. Quer dizer que essa liderança carismática, às vezes não bate numa única questão, porque tem interferência direta do sagrado no corpo dessa mulher. Então, ela é a líder e, portanto, vai coordenar, organizar, fazer tudo, mas o sagrado também interfere nesse aspecto. Não passa somente pela questão da autoridade, da dominância, pela representação do coletivo. Não, o sagrado vem e, ao se manifestar, vem mudar toda essa lógica. Então, quando a gente olha pra velhinha, ela é tudo isso que é adquirido através de todo um processo de formação, que acontece ao longo dos anos, quando ela se preparando. De fato,

quando vai surgir uma líder, elas reconhecem e vão dando elementos pra que essa mulher possa botar pra fora essa mãe, que não é somente caracterização do gênero feminino, é uma mãe além.

É um lugar, é um lugar estrategicamente político também e não somente religioso. A mulher vai se estabelecendo na questão da liderança, porque ela tem que organizar a comunidade. Toda a comunidade vai depender de como essa mulher estará gerindo e gestando essa comunidade. A professora Helena Teodoro fala sobre isso.

No carnavalesco ela está com o seu estandarte que representa a força do seu Orixá da sua escola de samba. Nesse espaço da escola de samba, se está reconstituindo a mulher que gera essa política e os seus agradecimentos às senhoras da comunidade. Mas aí tudo fica um pouco diluído, de onde saiu o acultramento. O samba, o candomblé, a capoeira, são mecanismos culturais de resistência que têm em comum o estarem sempre buscando espaços de resignificado, para se manter. É a forma de uma roda, aquele círculo girando, vivo, em torno de alguma coisa, dessa representação, que vamos encontrar no candomblé, com as ialorixás, a roda das pessoas girando em círculo, que é a terra.

A gente vai perceber que isso acontece na roda de capoeira todos os dias, onde se briga muito quando alguém quebra esse círculo. Da mesma forma no samba, principalmente no samba de roda. Então, esses elementos de resistência encontram na figura da mulher um papel fundamental, na religiosidade. Mesmo que ela não esteja, ela está. É impossível manter qualquer tipo de mecanismo de resistência negra, sem essa figura fundamental, que é a mulher, a matriarca, a mãe.

O que foi que aconteceu com o processo da escravidão? Porque não dá para comparar a nossa formação ocidental nas questões de gênero, com a formação em África. Não se pode discutir conceitos de gênero tanto quanto os aspectos religioso, cultural e político em África, por conta do patriarcalismo africano, onde o homem era soberano e a sua figura era central. A gente vai resignificar o conceito de gênero a partir da mulher negra, quando a gente vai encontrar um gênero negro feminino, contendo toda especificidade das mulheres negras.

O feminismo vai ser um feminismo negro também. Ele vai se adequar, se adaptar a isso. E a gente vai perceber que, em África, as mulheres tinham um papel secundarizante. Durante a escravidão, as mulheres mantêm muito mais espaço do que os homens. O que é que acontece? Não dá pra poder conceituar gênero na África porque a mulher não era a principal, mas só funcionava com ela. Então, não temos como poder dizer: "Nossa! Como elas são oprimidas!" Não, porque às vezes essa secundariedade é o elo que vai manter viva a representação do que seja masculino, lá, na frente, entendeu? Então, aqui, o que é que acontece? Essa mulher inverte e passa a ser a representação do que seja autoridade enquanto os homens ficam secundarizados, mas secundarizados mesmo, porque aí tem toda a questão da representação cultural, representação de líder político.

Isso porque os homens quando aqui chegaram e foram escravizados, também perderam o território. Eles eram vendidos e levados para qualquer lugar. E as mulheres era quem fazia todo esse intercâmbio de escola, templo, entre o privado e o público. Então, ela tinha muito mais mobilidade do que o homem e, assim, começou a exercer esse papel principal de sacerdote, de mãe de santo, que eles não podiam exercer, eles não tinham tempo. A escravidão foi um processo de violência muito maior para o homem. Claro que para a mulher foi terrível, a gente não pode nem amenizar o fato, mas para o homem foi muito mais acirrado.

Ela passa a ocupar um espaço que ao homem era negado. Aí o que é que acontece? Surgem grandes mães de santo, sacerdotisas. Nos séculos XVIII, XIX já começam a aparecer essas figuras poderosíssimas, essas mulheres que ficavam fazendo alguns acordos com o próprio estado. Algumas dessas mulheres conquistaram espaços religiosos que jamais foram invadidos pela repressão policial, pela repressão do estado. E os homens não. Grandes homens começam surgir como sacerdotes, mas com o aval destas mulheres. E o estado, de alguma forma, reconhecia isso e não invadia.

A gente percebia que em algumas comunidades de terreiro havia uma concentração da mistura de afros, negros que fazia com que a polícia não invadisse por conta das relações que havia. Uns eram invadidos e outros, não. O candomblé acabou representando também um mecanismo de resistência e mobilidade entre povos que não falavam a mesma língua. Ora, se não havia uma mesma língua, não haveria organização comum. Quando acontece de o candomblé se instaurar para esses povos todos, eles acabam entendendo que queriam esses povos unidos, fosse com quem fosse. Portanto, o candomblé vai se tornando uma outra coisa, que não era originariamente, liderado por essa figura da mulher.

E aí o olhar desse mundo mais feminino começa a se ampliar, e se tem a consciência da importância dessa figura cultural, que é a figura da mulher, nesse processo todo de formação da sociedade, da política, da cultura, da religiosidade, concentro nesse espaço afro-brasileiro. Mas a gente vai perceber que não é muito comum, no sentido de qualquer pessoa e de qualquer religião.

Sobre essa nova forma de viver, a gente vai perceber que também a questão da homossexualidade no candomblé passa por uma representação, contrariando os aspectos totalmente femininos nesses homens. Eles trazem estigmas de mulheres para poderem se espelhar nela, seja da mulher baiana, com o torso, o pano da costa, essas indumentárias puramente femininas.

Poderíamos perguntar: "O candomblé é um espaço de gays?". Não, não é. É mais um espaço de acolhimento, de nutrição daqueles que a sociedade exclui. Aí, ele só vai ter registro e vai ser relido, a partir dessa identidade feminina: "Quem é essa mulher que dá o seu toque a esse homossexual, que a sociedade exclui de seu espaço religioso, que é só de gays, de lésbicas, dos marginais". O candomblé dá visibilidade a esses homens, mesmo que esses homens, muitas vezes, não reconheça e às vezes quer que este pertença ao homem de novo. Mas não adianta, porque este espaço está todo rodeado de mulheres. Genial.

É que para ele ser aceito nesse espaço, ele acaba usando mesmo todos os paramentos femininos. Eles já usam os brincos, que são nossos, que são das mulheres; os panos da Costa; as pulseiras; tudo, tudo, tudo, tudo; o torso, inclusive com as orelhas. Então é assim: você olha e não sabe se é mulher ou se é um homem. Quer dizer, o homem usa todo o paramento feminino. Ela estará ali novamente, sempre, mesmo contra a vontade dele, ela estará ali se impondo.

As mulheres porque se mantiveram a partir desse resignificado. Muitas vezes as pessoas não atentam para esse fato. Hoje, nós estamos aqui. Somos, no mínimo, dez pessoas em casa e, no momento, é o que uma comunidade de terreiro consegue manter. São muitas pessoas tomando café da manhã, almoçando, lanchando, jantando; tomando

banho; gastando água, luz, e tantas coisas mais. E sem a ajuda do estado, para manter uma organização como essa, política, religiosa, num templo religioso?

É a partir dessa mãe que acolhe que é criado todo um mecanismo de organização que faz com que isso seja possível. Ela sabe o que é controle social porque ela já exercita isso há muito tempo, para manter unido o povo dela. Sexta-feira, de manhã, tem um grande contingente de gente aqui dentro, que é uma explosão de cores e tambores, de sentimentos e emoções. Como é que se faz esse elo, essa corrente? Porque existe a figura central, que é a mãe, aí ela chega, a figura dela é restabelecida de novo e aí ela nunca é questionada. Quando esse lugar é questionado, se alguém saiu do comando do mundo dessa mãe maior, que formou essa organização, então toda a comunidade se mobiliza pra que este lugar seja reorganizado. Claro que é comum isto acontecer, mas não se admite rebeldia. Praticamente, não se admite que outro se rebele contra ela, contra essa figura. Então, quando isso acontece, o povo vai se reorganizar e trazer de volta. É assim: "A mãe disse que é assim, é assim". Isso não está escrito, não, mas há uma confiança grande nesse dever, porque se fosse um homem, em geral, podia cair num ditador. Mas com essa mãe, não. Parece que todo mundo quer isso e ela é amada exatamente porque o que ela diz que deve ser, ela diz a partir de uma forma de acolhimento, e nunca como ditadoras.

É uma confiança grande na mãe, que acolhe. Esse amor é incondicional e está na cultura dessa mãe, a mãe preta, como a ialorixá. E não é somente essa mãe preta que só bota no colo e abraça e beija. Ela é uma mãe que se estabelece como colo e lei, mel e fel, muito bem dosado. Porque ela tem que saber exatamente que dosagem é essa e para quem vai dar, porque todos os olhares estão voltados para ela. Então, se houver um deslize, pode ser criada uma situação constrangedora, conflitante para a comunidade.

Esta mulher também sabe exatamente o momento de ir e de vir. O trânsito dela por essa emoção, por esse sentimento está o tempo inteiro circundante. É uma mulher que não pára. Ela é a abelha-rainha. Agora, nos momentos nos quais ela tem que ser enérgica, dura ela vai ser porque ela tem um compromisso com a comunidade e se ela percebe que ela pode perder tudo isso, somente por uma vez, ela pede perdão, que é o mais importante.

Ela nasceu para isso. É a identidade dela que está construído e representado. Isso para ela não é fácil. O fácil seria que não a procurassem; o fácil seria que ela não tivesse que resolver todas essas questões, problemas; o fácil seria se ela não fosse aquela mãe que pusesse no colo; o fácil seria que ela não compreendesse todas essas diversidades, especificidades, de unidades no seu grupo e de individualidades do grupo. Por exemplo, quando lá viaja no carnaval e uma pessoa da rua falece, ela retorna dessa viagem para dar apoio à família da pessoa que faleceu. E aí nós perguntamos: "Mas lá, a senhora estava tão cansada, já é uma senhora, por que é que a senhora retornou?" Ela: "Minha filha, a comunidade confia em mim. Se, nesse momento, eu não estou aqui para apoiar, que mãe sou eu?" Assim, esse foi um dos exemplos que aconteceu. Ela estava longe e ela fez questão de retornar e chegou exatamente na hora do enterro da pessoa. E, assim, tudo parou. A família: "Aii! Chegou quem a gente precisava para nos apoiar, para nos sustentar. Ela chegou!". Ela chegou no exato momento que a família precisava dela, e falou: "Se eu sou a comunidade e a comunidade confia em mim, eu não posso abandoná-la.". E ela não abandona.

Regina, essas mulheres não são somente líderes religiosos, são os líderes políticos das comunidades. O espaço de abrangência de sua representação ultrapassa as questões religiosas. E aí você vai perceber que não é só a Mãe

Beata, existem várias ialorixás, que travam relação com diversos credos religiosos. Vemos que nisso também tem sabedoria, é a sabedoria anciã porque se percebe que as mulheres negras, num dado momento, mesmo no processo de escravidão, tiveram que fazer acordos pra continuar existindo. Isso vai ser percebido porque ela vai passando de geração em geração, ela não consegue ser só num espaço, ela tem que fazer. Portanto, ela também é uma diplomata porque aqui, na roda, tem evangélicos, católicos, e até o Padre Renato, que tem um trabalho comunitário, é amigo, vem visitá-la e ela vai visitar Padre Renato. Ele reza a missa e a convida para o púlpito da igreja católica para poder desejar paz. Quando ele vem aqui, ela chama todos para que venham tomar a benção do Padre Renato. Ela trava relação com a evangélica vizinha e convida-a para tomar chá. Ela tem a sabedoria e conhece a estratégia política de manutenção de resistência. Se ela não tiver esses elos muito bem firmados, ela pode ser mais uma a sofrer a repressão. Então, ela tem que fazer esses acordos também.

Esse é um exemplo para mim, pois eu já sei que isso tem que acontecer comigo, porque se eu estou com a minha casa aberta e acontece isso na minha comunidade, aonde eu estiver eu tenho que voltar para dar apoio à comunidade, porque a minha mãe deixou isso para mim, ensinou isso pra mim. Então, eu tenho que fazer a mesma coisa que ela. A pedagogia, ela vai passando nesse processo de transmissão. Ninguém ensina isso, é transmitido. Se ela perceber que a filha também não respondeu à altura do ensinamento, ela traz e diz: "É assim". Ela tem que ter esse compromisso, porque, na realidade, a filha dela é quem vai dar continuidade ao que ela montou.

A religião e a cultura não estão afastadas, nunca. Elas são intrínsecas entre si, dialogando o tempo inteiro, porque para nós exercitar a religiosidade, é preciso partir da cultura, porque o momento do cântico, da dança, da expressão do nosso corpo, tudo isso passa a falar, quando o corpo começa a se expressar externamente para sociedade. Hoje, quando nós, essa comunidade, especificamente, desenvolve projetos e práticas sociais, mexe com essas duas coisas: a religiosidade e a cultura ligadas à organização política. Então se a gente desenvolve algum tipo de projeto social, a gente inclui o povo de roda, a gente inclui os mitos dos orixás, a gente inclui a arte do ferro, a gente i incluir a capoeira, A arte do ferro dos antigos abedes, são ferreiros, sacerdotes de ogum, que faziam todos os artefatos de metal, entre os povos dos iorubas. A gente faz essa oficina aqui dentro, para que as pessoas do terreiro, de todas as comunidades de terreiro, passem a exercitar isso, através da oralidade, da retransmissão. Agora, eu vou deixar Mãe Beata falar.

Mãe Beata

Eu sou Beatriz Moreira Costa, de nascimento. Por força dos meus ancestrais, eu sou uma afro-descendente. Eu não sou africana, sou brasileira, sou descendente do povo [?], que são do norte da Nigéria. O meu bisavô veio dali, ele foi sequestrado lá, onde ele estava com a minha bisavó trabalhando no campo, com duas meninhas recém-nascidas. Eles fizeram uma fornilha ali, no chão para elas ficarem enquanto eles dois trabalhavam. Meu bisavô era escravo, fazedor de tudo isso e aí os ladrões do ser humano pegaram e roubaram ele com minha bisavó e as duas crianças. Dali eles foram levados para o porto e atravessaram o Atlântico. Nessa travessia, uma das meninas, elas eram gêmeas, morreu e foi jogada no mar. Eles aportaram na Bahia e o meu bisavô foi vendido para um engenho. Como ele era um negro muito bonito e forte, foi vendido como escravo reprodutor. Quando chegou no engenho, começou a ser reprodutor.

A minha bisavó foi vendida para outro engenho, com essa menina que sobrou, que, ao chegar no engenho, foi batizada com o nome de Josefa. Minha bisavó teve que batizar e tirar o nome africano dela, que eu não me lembro mais qual era e colocar o nome de Josefa, que era como sobrenome da família. Josefa cresceu, virou mulher, se casou, se amancebou - que naquele tempo era amancebar, não casava -, se juntou com um homem e teve a minha mãe. Ainda na Bahia. O meu bisavô foi para o engenho e minha bisavó foi para outro. Um dia, ela chorava muito pelos cantos, porque não sabia onde o seu marido estava.

Um dia, teve uma festa no engenho da Campina. Minha bisavó e vários escravos foram. Quando ela estava ali, no meio das escravas, viu uns escravos passando e entre eles ela viu o seu marido. Mas a senhora dela, chamada D. Julina, era uma senhora muito boa, era dona do Engenho Novo, do qual já era escrava a minha mãe, que estava feliz, já era mucama nesse engenho. Então minha bisavó ficou quieta para não chamar a atenção, mas quando chegou em casa, D. Julina percebeu que ela estava muito triste, no canto chorando e perguntou o que havia. Ela virou para D. Julina e disse: "D. Julina, queria pedir um favor a senhora". Ela disse: "O que é?" Ela disse assim: "Eu hoje vi meu marido, meu companheiro". "Viu como?" Ela disse: "Eu vi, ele está no Engenho da Campina, está pra lá".

Aí ela disse assim: "O que é que você quer?", porque ela gostava muito da minha bisavó, que era uma escrava muito boa, muito trabalhadora. Aí ela repetiu: "O que é que você quer?" Minha bisavó disse assim: "Eu queria que a senhora comprasse ele". Ela disse: "Claro que sim. Não se incomode". D. Julina comprou o escravo. Daí há uns dias, o meu bisavô chegou. Ela comprou o meu bisavô que veio trabalhar no engenho onde a minha bisavó era escrava de banho. Ele veio novamente como reprodutor; porque ele era um homem muito bom.

Pra você ver: minha bisavó teve mais 25 filhos. Aí o meu bisavô veio e ele só tinha mais filho homem, que para os senhores do engenho o escravo que só fazia mais filho homem tinha muito valor. Assim, o meu bisavô tinha muito valor. Compravam as escravas e a minha bisavó ficava parindo pra fazer filhos. Aí a minha avó Josefa, que veio a ser a mãe de minha mãe, cresceu e se casou com um escravo desse engenho, chamado [] e daí a minha avó, a mãe de minha mãe, teve 25 filhos, tinha parido gêmeos também. Uma das filhas que ela teve se chamava Maria do Carmo, que era minha mãe.

Maria do Carmo cresceu e vovó já deu Maria do Carmo para a dona do engenho, Dona Julina, criar. Minha mãe pequena foi ser também mucama de Dona Julina, no engenho que ficava na Cachoeira e na cidade. Ela ficava na casa grande, na cidade, e também ficava no engenho, quando tinha as festas. Numa dessas festas, minha mãe, que já estava mocinha, viu o meu pai que era descendente de português (a minha avó, a mãe do meu pai, era portuguesa e era também moradora desse engenho). O meu pai roubou minha mãe, que era uma negra muito bonita e tinha apenas 18 anos. Quando o pessoal veio, procurando minha mãe, meu pai tinha roubado minha mãe. Nisso, minha mãe engravidou de mim. Papai era muito inteligente. Minha avó era bem branca mesmo, era de Coimbra. Dona Julina mandou procurar papai, fez papai casar com mamãe na igreja e aí papai casou com minha mãe, na igreja e nasceu eu e nasceu o meu irmão. Eu sou a primeira. Tudo na Bahia, no Recôncavo, perto de Santo Amaro. Entre Cachoeira e Santo Amaro, Saubara, Itapemba, isso tudo é o Recôncavo Baiano. Foi ali que eu nasci, no Engenho Novo, que era de Dona Julina. E o Engenho da Cruz era do coronel Pedro Dutra. No Engenho da Cruz foi aonde eu acabei de me criar. Saí do Engenho Novo, que era um lugar todo cercado. Ainda tinha o Engenho da Cabonha, que era dos Catarinos; o Engenho do Catolé, o Engenho do Cantão. Tinha mais... Tudo era engenho. Vila

Nova, eram vários engenhos. Eu tenho catalogado aí, porque eu fui colhendo, procurando e quando eu fui me entendendo tive o interesse de saber. E aí eu fui descobrindo outros parentes de minha mãe, aí um ia contando, outro ia contando..

Guardei tudo na memória. Mas os engenhos, eu tenho vinte e tantos engenhos catalogados, que eu escrevi e tenho vontade de fazer tipo uma cartilha com todos esses engenhos, com as lembranças que eu tenho. Inclusive, eu fui batizada no Engenho da Cabonha pelo administrador. Nesse Engenho da Cabonha papai era um grande marceneiro, marceneiro dos bons sem nunca ter feito curso nenhum. Papai olhava pra você e entalhava na madeira. Papai olhava pra você, tinha um cartão e um pincel, ele fazia uma tela. Papai pintou a nau de quase todas as igrejas do Recôncavo. Era um dos maiores entalhadores de madeira, das igrejas. Papai era um homem sábio.

Então, eu nasci no dia 25 e aí minha mãe casou com meu pai, ficou morando no Engenho Novo, aonde ela e minha avó eram escravas. Veio a abolição, Dona Julina deu um pedaço de terra à minha avó e fez a casinha de minha avó e minha avó ficou aí. Meu avô, pai de minha mãe, se matou enforcado por causa de um capataz. Era tempo da varíola e ele estava tendo varíola, com febre. O capataz foi chamar ele pra trabalhar e minha avó veio na porta e disse a ele: "Ele está doente". Ele disse: "Que nada! Ele é um negro safado, preguiçoso. Olha, eu vou pro trabalho do campo e se daqui a meia hora ele não chegar lá, eu venho aqui buscar ele, amarrado de corda".

Aí o meu avô ouviu de lá de dentro, e disse: "O que foi que ele disse?", aí a minha avó contou. Ele ficou calado, pegou um pedaço de corda, molhou, botou debaixo da roupa e foi, chegou na beira do rio e se enforcou. Já saiu de casa louco: "Ele me chamou de negro safado, preguiçoso". Mas vovó não ligou pra aquilo, estava fazendo café, não ligou. E dá meio-dia, dá duas horas, seis horas, aí ela foi saber onde ele estava. Vovó disse: "Não, ele saiu pra trabalhar". Foram procurar, procurar, procurar; quando chegou na beira do rio, ele estava enforcado. Ele se enforcou...

Aí a minha avó ficou com vinte e tantos filhos pra criar. Mas a D. Julina era uma mulher muito boa, já tinha dado um pedacinho de terra a ela e ela tinha a casinha. A minha avó morreu com 125 anos. Era essa a mãe de minha mãe. E aí..

Aí Do Carmo casou com o Oscar e do Oscar, eu vim. Quando foi um dia, papai estava em casa, não tinha trabalho e não tinha comida em casa e minha mãe estava com nove meses de barriga. Aí ela disse: "O que é que a gente vai fazer? Não tem carne, não tem nada pra se comer". E perto passava um rio assim, que dava muito peixe. Aí ela disse: "Eu vou pro rio pescar; vou chamar Andreza - que era uma prima dela - e vou pro rio pescar". Aí papai disse: "Eu vou no Engenho da Cruz, vou andar pra procurar trabalho", mas se um trabalhador de um engenho trabalhasse pra outro, eles botavam pra fora e papai tinha medo. Quando a minha mãe foi passando, tinha uma velha africana, que morava assim, no alto, no engenho, chamada Tia Fala. Tia Falá virou-se e disse: "Do Carmo, pra onde você vai?", "Eu vou pescar; eu vou pescar porque não tem nada pra comer". Ela disse: "Do Carmo, a lua está cheia, essa lua é de mulher parir. É melhor você voltar. Você vai parir essa criança dentro do rio". Aí mamãe disse: "Que nada!" Quando mamãe está lá pescando, que começou a coisa, a bolsa quebrou e eu comecei a nascer, ela saiu e veio, tinha uma porteira pra atravessar e ela quando foi atravessar..

Comecei a nascer na água, aí começou a sair, o povo todo gritar, aí Tia Falá veio assim, e me pegou e me levou. 20 de janeiro de 1931, meio-dia. no Engenho da Cruz. É, meio-dia eu caí na água. A filha das águas. Por isso é de lemanjá.

Aí Tia Falá veio, me arrumou, levou a minha mãe pra casa comigo. Meu pai me deu o nome: Beatriz, porque o meu pai tinha sido empregado de uma família em Salvador, que tinha uma filha muito boa, chamada Beatriz e ele era apaixonado pela branca, pela filha da patroa. Chamava Beatriz, aí ele me botou o nome de Beatriz. E aí esse foi o meu nascimento.

Tive uma infância muito pobre, trabalhei na roça, no Recôncavo, era onde plantava fumo, plantava arroz, plantava mandioca. E eu era filha única, eu tinha maior responsabilidade. Carregava água na cabeça, apanhava lenha, lavava roupa. Eu, com oito anos, era uma dona de casa. Minha mãe foi fazer uma operação de um mioma, virou pro meu pai e disse: "Oscar, fala pra Jovita - que era uma prima dela - pra ficar aqui, em casa, pra cuidar da casa, enquanto eu vou operar". Ele disse: "Não, não precisa. Tem uma mulher aí dentro de casa", era eu, com oito anos. Eu lavava, eu cozinhava, eu passava, eu botava água dentro de casa, eu varria o terreiro todo, eu cuidava das galinhas, fazia tudo. E, naquele tempo, ainda ia pra escola, num tamanquinho, com a bolsa de pano do lado, uma sainha de morim azul, a blusa de madraço - madraço é uma fazenda de morim - ainda ia pra escola. E eu só fui até o terceiro ano primário, que papai disse que não precisava mais aprender a ler; tudo que eu sei foi a vida que me ensinou. Hoje em dia, eu sou tudo o que a vida me ensinou.

Nós mudamos do Engenho Novo pra morar no Engenho da Cruz. Aí papai já estava com uma vidazinha melhor e lá eu conheci um menino, que o nosso primeiro namoro foi: eu vinha do rio com uma lata d'água na cabeça, ele estava em cima de uma cajá, jogou uma pedra e quebrou a minha testa. Aí eu cheguei em casa toda lavada de sangue e papai chamou ele, aí ele apanhou e tudo isso. Da outra vez, eu disse que ia me vingar e dei uma pedrada também nele. E começou o namoro.

E aí nós namoramos. Éramos como irmãos. A minha avó, a mãe do meu pai, era parteira e a mãe dele, tia Júlia, também era parteira. A minha avó era que pegava aquelas crianças todas e foi daí que eu, com oito, nove, dez anos, eu já saía com vovó quando ela ia fazer parto. É que ela me adorava, minha avó, a mãe do meu pai, me adorava e toda vez que ela ia fazer parto me levava.

No dia da pedrada? Ah, eu tinha uns 12 anos. Eu nasci em 1931 e ele nasceu em 1927. Aí nós começamos a namorar e namoramos. Aí fomos até quando casamos e eu tive meus quatro filhos. Mas o casamento... de pedrada. A gente brigava muito. A minha família era da religião, ele não gostava da religião, do candomblé, ele não gostava. E não podia dar certo uma coisa que já foi começado... nem pode dar.

E eu me casei com ele, tive meus quatro filhos, mais por causa de que o meu pai. Eu me casei mais com ele por atenção de irmão, como irmão, porque o meu pai dizia que tinha que namorar com um branco e ele era branco, descendente de italiano, porque o pai dele veio com os pais da Itália, na guerra e tudo isso. Aí teve a I Guerra Mundial. Aí dizia que eu tinha que casar com ele porque ele era branco, pra clarear a família. E eu me casei, tive os filhos, e não deu certo.

Em 49, nós nos mudamos pra Salvador. Com meu pai. Ainda estava namorando. Em 49, ainda estava namorando, eu me casei em 50. E, em Salvador, moramos em Entre Rios, moramos em Estrada do Formoso, moramos em Brotas. Papai foi ser administrador de fazenda e tudo, mas a vida já estava melhor e eu tinha interesse por tudo quanto era

coisa, eu queria aprender. E o meu maior sonho era ser escritora. Eu era capaz de ler e aprendi tudo quanto era coisa em almanaque. Desde criança, mas o papai só me deixou na escola até o terceiro ano. E aí essa é a minha vida.

Ah, no Rio, cheguei primeiro na novela Verão Vermelho. Eu conhecia muita gente. Eu sempre fui assim, tinha só o carisma. Os maiores intelectuais da Bahia já eram meus amigos. Vinícios de Moraes era amigo de minha mãe de santo, lá em Salvador. Sempre gostou de mim, ele tinha salão de beleza; fiz o curso, eu ganhei primeiro lugar, fui uma das maiores cabeleireiras da Bahia. Aí tive vários trabalhos. Já estava casada, o meu marido era funcionário público federal, servidor da União, eu já tinha uma vidazinha melhor. Ele era muito bom, mas era só pra comida, porque roupa, luz, pra dentro de casa, eu era que tinha que fazer. "Se vire", e pronto. Eu sempre gostei muito de festa, então eu fugia, tinha os meus amigos de teatro, que eu gostava desse meio.

E minha ialorixá gostava muito de mim, quase todo lugar que ela ia ela me levava, nos meios sociais, e aí eu conheci e fiquei muito amiga de Leda Castro, Ivo Ledo, Edvaldo Costa Lima, todas essas pessoas sempre foram meus amigos. E quando teve a novela Verão Vermelho, na Bahia, que foi gravar a novela Verão Vermelho, aí precisou de ser gravada uma parte da novela, teve que ser gravada numa casa de candomblé e aí foi gravada lá, no Alaketo. E lá, no Alaketo, quando terminou as gravações lá, no Bonfim, no Alaketo, eles vieram embora e eu fiquei lá. Nisso, já não estava dando mais certo o casamento, e eu tinha um grande amigo aqui, no Rio, Tião, que eu trabalhei dançando num grupo de dança, com o Lobo Mário, um dos primeiros lá, da Bahia. Aí o Tião me convidou pra vir pro Rio. Eu aí deixei os meus filhos com minha filha mais velha e com uma moça que trabalhava comigo e vim, em 69.

Vim pro Rio tentar a vida. Quando é um dia, eu vou passando em Botafogo, eu tinha uma grande amiga minha, que era manicure, Naída, que trabalhou comigo, aí eu vou passando em Botafogo, em frente a Mesbla, quando eu vejo está Naída, na frente da Mesbla. Quando ela me viu no ônibus, me chamou, eu saltei, comecei a conversar com ela e ela disse: "Viu as gravações da novela Verão Vermelho? Ainda está passando. Você não quer voltar não, a fazer figuração?", "Quero". Ela era mecanográfica, era chefe da mecanografia da TV Globo. Ela me chamou, eu fui lá, fiz inscrição e trabalhei na novela Verão Vermelho do princípio ao fim. Aí, da novela Verão Vermelho, eu tive um bom desempenho, trabalhei...

MÃE BEATA 2

Cabana do Pai Tomás, Bandeira 2 (nessa eu já tinha até papel continuado, com roupa, com tudo, só não falava), Uma Rosa com Amor, Carrossel, Meu Primeiro Amor, Pigmaleão, Dona Xepa, e o quê mais?

Ah, eu morei em vários lugares, morei na Gávea. Tive uma grande amiga, Dona Marisa Washington, que morava na Marquês de São Vicente, 347. Como eu também era cartomante, fui lá um dia jogar carta pra ela, ela se apaixonou tanto por mim que me chamou pra ser dama dela, que é avó daquele menino da novela, Ricardo Waddington. A mãe dele, a Maria Eugênia. E o avô dele é Dr. Donatelo Sparbole. A mãe dele ainda está viva, me disseram. Naquele tempo, o marido dela era dono de coisa de navio, construção de grandes navios, Estaleiro, no Rio de Janeiro. Era um homem muito rico.

Aí fiquei trabalhando, ela me chamou pra ir morar com ela e eu fui morar com a Dona Marisa Washington, como a dama. Ela era arquiteta, dava grandes jantares na casa dela pra alta sociedade, na Marquês de São Vicente, 347. Eu

vivi ali, tanto que costurei pra Dona Sarah Kubitschek, fiz feijoada pra Juscelino, tudo através dela. Na inauguração de Brasília, eu fui com ela, ela fez roupa pra mim e eu fui. Ela foi quem me ajudou a trazer os meus filhos pro Rio de Janeiro, Dona Marisa Washington, a mãe do Ricardo Washington. Alugou uma minha casa pra mim e eu fui morar lá na Gávea, na Pacheco Leão, lá em cima, na Marquês de Sabará. E aí eu fiquei trabalhando pra ela e trabalhando na TV Globo. Mas eu entreguei o meu currículo, fiz uma grande amizade na TV Globo, com aqueles figurinistas, que eu sou, modéstia à parte, eu era uma grande costureira. Eu faço costura de homem até a costura pra... sem ter aprendido.

Aí eu dei o meu currículo lá, na TV Globo. Aí um cara, naquele tempo que era uma pessoa importante na TV Globo, naquele tempo era bonito, entendeu que tinha que namorar comigo e eu não queria. Ele fazia parte do elenco de uma novela Bandeira 2 e aí começou a me sacanear, porque eu não queria ele. Tinha uma outra pessoa que me ajudava muito. Quando foi um dia, ele fez uma gracinha comigo, virou e disse: "Mas o que é que você não... Você não gosta de homem? Não gosta de ser mordida por cobra?" Aí eu virei pra ele e disse: "Eu não lhe dou uma bofetada porque eu tenho quatro filhos pra criar e eu tenho que trabalhar". Aí, quando foi no outro dia, tinha gravação na Imperatriz Leopoldinense, quando a pessoa que me ajudava me perguntou: "O que é que foi?" Eu disse: "Porque passou isso, isso, isso, isso". Mas eu tinha grandes amizades, aqueles figurinistas todos, aquelas bailarinas, os coreógrafos, o Juan Carlos Berardi, todo mundo, todo mundo era meu amigo na TV Globo. Aí eu estou em casa, recebo um chamado da TV Globo, e eu pensei: "Será que o cara deu parte de mim?" Quando eu cheguei lá, estavam precisando de uma costureira-chefe e eles viram no meu currículo que eu tinha tudo isso, tinha toda essa formação e me chamaram. Quando eu chego lá, tinha eu e Dona Iolanda, aí eu disse: "Eu não quero ter muita responsabilidade de chefe, eu não quero, mas eu quero ser costureira". Fiquei funcionária da TV Globo e trabalhei 11 anos. Hoje eu sou aposentada por lá.

Sobre a religião, eu fui feita há cinquenta e tantos anos, e isso foi lá em Salvador. Minha lalorixá é Olga de Alaketu, devo tudo a essa mulher. Eu sou feita por ela. Seu nome é Olga Francisca Régis, Olga do Alaketu, foi uma grande mulher.

Dona Marisa, que era minha amiga, me ajudou a trazer os meus filhos e eu fui morar na Marquês de Sabará. Na TV Globo, eu conheci pessoas maravilhosa. Fui costureira de Maria Teresa Silva Costa, a sogra de Sérgio Mendes. A filha dela, como é o nome dela, que foi casada com Sérgio Mendes? Esqueci o nome dela, da primeira esposa do Sérgio Mendes. Conheci muito o Sérgio Mendes.

Eu botava sempre uma pessoa pra tomar conta dos meus filhos, ou então eu deixava em casa e um tomava conta do outro, fazia comida. Mas não freqüentava terreiro. Sempre eu ia, passava... Eu ia assim, visitar os outros terreiros, mas eu não podia com essa vida, filho pequeno pra criar, com a responsabilidade da educação. Não é moleza, uma mulher sozinha, numa terra nova. Tive muita ajuda. Eu tinha uma grande irmã de santo, Giza Santiago, que me ajudou, o pai dela era foi presidente da [?] do Rio de Janeiro. Ali, na Avenida Atlântica, eu morei um ano e tanto com ela, ela me ajudou. Depois que eu aluguei casa, eles ajudaram a fazer compras pra meus filhos. Eu tive muita ajuda de pessoas importantes do Rio de Janeiro, que eu não posso me esquecer.

Eu cheguei aqui através de uma tia minha que tem candomblé aqui. Tia Velhinha, eu sempre adorei porque parecia muito com o Recôncavo Baiano, eu vinha muito na casa dessa tia e me apaixonei por aqui em Miguel Couto, aqui

embaixo. Aí, eu trabalhava ali, subindo a Lopes Quintas, eu trabalhei pra Lucinha Mussi, da família Mussi, família nobre, uma família ilustríssima, tomando conta de uma butique dela. Eu era costureira e era eu que cortava, fazia tudo. Também saía da TV Globo, o dia que eu não ia trabalhar, eu tinha três, quatro casas que eu fazia faxina, eu lavava, chegava na sua casa, não tinha cozinheira, cozinjava, não tinha costureira, eu costurava, pregava botão daqueles meninos da TV Globo. O que eu queria era ganhar o meu dinheiro. Devo muito ao espírito de Sandra Brea, me ajudou demais, me ajudou demais. E Maysa me ajudou também. Eu não gostei do fim do filme, mas também eles não podiam botar tudo como foi. No dia que ela morreu, ela tinha me pedido pra eu levar meus filhos lá, que ela gostava muito de meus filhos. Ela foi pra TV Globo gravar, quando chegou lá, ela saiu na contramão e os seguranças da TV Globo atrás, ela na contramão. Ela morreu na ponte Rio-Niterói. Naquele dia, eu ainda estou vendo ela aqui. Antes dela morrer, eu adorava meia preta, ela me deu 12 meia-calça preta. Josefa, que ia batizar o meu filho, foi muitos anos a camareira e costureira dela. Minha comadre ainda está viva.

O terreiro aqui começou em 1985, a inauguração foi no dia 20 de abril. A minha mãe sempre dizia que eu tinha que ser mãe de santo, mas eu não queria. Eu queria era namorar, frequentei muito baile em Copacabana. Eu me separei do meu marido, vim pra aqui e fui trabalhar, fui morar em Realengo. Aí ela me deu de presente um apartamento da CEHAB e esse apartamento eu vendi e com o dinheiro desse apartamento eu comprei uma casa em Nilópolis, mas essa casa enchia de água, ficava em Mandela, perto da delegacia, ali tem a Estrela Dalva. Naquele tempo, as casas que tinham ali eram uns caixotes de madeira, que botavam ali caixotes de madeira. Era muito amiga, muito amiga. Aí fui morar em Nilópolis, a casa encheu d'água, e o dinheiro do apartamento estava no banco, eu aí em 80 comprei aqui.

A minha casa encheu de água lá, mas como eu tinha comprado a casa na mão de uma colega minha da TV Globo, ela me devolveu o dinheiro - uma criatura maravilhosa -, me devolveu o dinheiro e com o que eu tinha no banco, me virei, comprei material, comprei coisa e comecei a construir. Só tinha um quartinho, mas eu estava morando na casa de uma tia minha, porque minha casa tinha enchido de água, e aí minha mãe disse que eu tinha que abrir a casa de terreiro. Minha mãe tem três anos de morta. Eu acho que ela tinha oitenta e poucos anos, minha mãe Olga... Com quantos anos minha mãe Olga faleceu? Oitenta. Aí eu comecei a construir a casa, como ela queria, como disse que tinha que ser, minha lalorixá. E aí, em 85, ela veio e me deu o cargo de lalorixá, o direito de ser mãe de santo. Todo ano ela vinha, mas depois que ela adoeceu muito, foi que ela não veio mais. E eu estou aí, me tornei o que sou hoje em dia.

Eu sempre gostei de política, sempre gostei de movimentos, sempre fui aquela que a sociedade pensa, eu gosto de fazer a sociedade se lembrar que todos nós somos filhos de Olorum [?]. Outro dia, eu estava dizendo [?]. Eu tenho 42 fotos que está lá, fora aqueles aqui, que é pra botar em quadro. Fui pro parlamento das religiões, em Barcelona, e de lá saí como líder das religiões afro-latina, eu e o padre daqui. Eu fui homenageada em Berlim, na Praça em Berlim. Fazia uma peça de teatro, Olhos D'Água e fui premiada também lá, em Berlim, com o Ismael Ivo, um dos maiores ícones, bailarino, coreógrafo, ator, é tudo na vida. É um brasileiro, radicado na Alemanha, um homem considerado, Ismael Ivo. Ele que me levou pra casa de cultura e eu passei um mês com a peça. Um dia, o Ministro da Cultura foi assistir a peça, que até hoje lembro, chamada Olhos D'Água. São três mulheres de luta [?] eu, [?] e Teresa Santos, que foi uma grande atriz que trabalhou na TV Tupi muitos anos e depois extraditada daqui, do Brasil. Foi secretária de cultura e mãe de criação de Helena Theodoro... Teresa Santos. Fomos eu e ela. A peça participou do Mês do Brasil, em Berlim. Com a Casa de Cultura de Berlim também, que foi inaugurada na lei [?] também era; eu fui convidada, há 16 anos passado. Quando fez 10 anos... três anos, lá, mandaram me buscar... Como personalidade da cultura.

A família de minha mãe toda era do candomblé, mas a família do meu pai era mais da igreja. Minha avó era portuguesa, era afro-religiosa. Meus primeiros conhecimentos da religião do candomblé eu recebi na hora que eu nasci. Esse espaço, que é o espaço do terreiro, ele é um espaço religioso, mas ele é um espaço superimportante aqui, na comunidade, que acontece tudo. Porque eu estou envolvida em tudo, na Ação da Cidadania, estive na Eco 92, e está aqui também fazendo curso.

Eu sou a mulher que sentou no trono do maior guru da Europa, num lugar chamado Hamburgo. Esse guru, tudo quanto que é sacerdote do mundo já passou nesse lugar e nunca ele tinha deixado ninguém sentar. E ele me botou sentada no trono dele. Ele está pra vir, em novembro, ele está pra passar um mês aqui em casa, que ele quer conhecer a comunidade.

A organização daqui, o meu papel aqui, é tanto papel que eu já não sei mais o que é que eu sou aqui. Já teve encontro de mulheres aqui nesse terreiro, nós já fizemos aqui um encontro da Comunidade Solidária. Essas coisas não vêm apenas, eu também vou buscar, né, procuro fazer projeto. Nós fazemos projetos, os que nós não ganhamos, nós procuramos. Agora, nós tivemos um seminário que foi discutido em todo o Brasil. Nós fizemos dois dias de seminário aqui.

Buscamos patrocínio e, quando não tem patrocínio, nós nos reunimos e a comunidade é que faz. A casa chama sociedade. Nós temos uma sociedade interna, está entendendo? Então, nós ganhamos muito e fazemos. Você não pode só esperar pela sociedade. Se você não gritar, ninguém vai te ouvir. Esse seminário foi maravilhoso, veio a Teresa Theodoro, em homenagem a Virgínia Nascimento, que recebeu uma placa e tudo isso. Foi um encontro de intelectuais, que vieram várias pessoas, pessoas da PUC. Agora eu estou com um grande trabalho lá na PUC, fazendo o mapeamento dos terreiros e, graças a Olorum, fui muito bem recebida lá dentro da PUC pelos senhores da PUC, que me respeitam muito. Eu tinha essa vontade de saber quantas casas de religião tem no Rio de Janeiro, casas essas que têm um compromisso não só com a religião, mas com toda a sociedade. E pra fazer isso, nós tínhamos que saber quantas são. E aí eu fiz o projeto e mandei pra PUC, passou aí na PUC, que me apoiou. Um dos coordenadores é Adailton e o pessoal da PUC, e tem várias pessoas trabalhando. Mandou pro Ministro Edson Campos, que é meu amigo, meu grande amigo, meu grande parceiro. Só estamos esperando dinheiro pra começar o trabalho.

Aquele projeto lá da UERJ, que a Nicéia foi no lançamento, que era Redes ainda está. São sacerdotisas de idade, mulheres que já têm uma certa idade, um certo compromisso com a religião, pra elas procurarem levar a outras instâncias a conscientização, principalmente a questão da mulher. Nós trabalhamos com os sobreviventes da Criola.

Como surgiu a Mãe Beata, eu nem sei dizer. Começaram a me chamar Mãe Beata, Mãe Beata. Já no Rio - mas não na "Globo" que lá eu era Baiana -, em todo o mundo. Eu cheguei lá, na Califórnia, tinha lá os participantes da América Latina. Eu faço parte da Ação da Cidadania, quando ainda era vinculado ao Viva Rio. Faço parte do movimento da URI, que é religioso, é o União pelas Reuniões do Mundo. Faço parte do parlamento das religiões. Tudo isso. Hoje, eu sou aposentada.

Já viu que eu era de Iemanjá. Que água é o todo. É, nós somos água, É, aqui, os projetos no Indep; agora, o [?] cultura, que é...Que nós ganhamos, no Rio de Janeiro. Não, Prefeitura do Rio.

Ganhamos dois aqui também em Nova Iguaçu. E temos a... Adailton é que sabe, é ele que organiza tudo. Adailton, pede licença aí a Wanda e vem aqui. Fala aqui sobre os projetos que a gente faz parte.

ADAÍLTON: Mãe Beata é uma grande fonte inspiradora. A gente usa muito o exemplo de luta, de resistência e identidade pra estar desenvolvendo coisas que sejam boas pra todos, pra comunidade do terreiro como um todo, entendeu? Então, a gente pega um pouco essa consciência da religiosidade e da cultura, que eu falei anteriormente. Como é que nós podemos pegar o exemplo dessa mulher, dessa líder religiosa e política pra estar desenvolvendo projetos por questões de gênero? Quando a gente pensa os progressos ligados à cultura de gênero e da política? Então, então a gente vai trabalhar com a questão da mulher. Nós escrevemos os projetos para tentar patrocínio, seja com órgãos públicos ou privados. Passamos a nos organizar politicamente a partir disso. A partir dela que começou a existir um quadro muito forte de pessoas dessa comunidade. É que essa comunidade tem tudo a ver com questões religiosas. E nós percebemos que muitas das questões da comunidade trabalhavam as questões dos espaços públicos. Então, nós começamos a desenvolver coisas que eram comuns e usá-las como fonte inspiradora a história da vida dela. Como é que é essa mulher negra, lá do interior da Bahia, abandonada pelo homem, mas também querendo abandoná-lo, não somente abandonada. A mulher canta essa relação dela de experiências, de sofrimento e usa isso como uma mola propulsora pra construir a própria vida. Então, acompanhando a história dessa mulher, quando ela vem, na década de 70, pro Rio de Janeiro, num momento histórico do país, que mulher abandonada era nada, mulher sem homem não vale nada. Tem um samba-de-roda na Bahia que diz que "Samba bom é de madrugada, mulher sem homem não vale nada". A discussão sobre a construção da organização política da mulher vai começar a partir daí, 70, 80 e ela vem sendo estabelecida por uma rede de relações de mulheres para apoiá-la. Ela vai buscar Salu, que é outra baiana que estava aqui, no Rio de Janeiro, uma mãe de santo. Essa rede de mulheres é que vai fortalecendo a chegada dessa nova mulher e da família e que vai se constituindo nesse espaço totalmente diferente, estranho. E aí é essa história toda que vai nos fazer tentar continuar. Ela vai buscar o espaço religioso como espaço de acolhimento, fortalecimento e também para manter essa identidade religiosa brasileira. Por isso, vai buscar as casas de candomblé que são remanescentes da Bahia, aqui, no Rio de Janeiro.

Ela vai fazer essa busca, quando chega aqui, no Rio de Janeiro. Então, essa religião vai ser continuada. Isso foi muito importante. Quando chega na década de 80, ela começa a voltar de novo à Bahia pra buscar os direitos junto ao marido, que não dá apoio, não sustenta os filhos. E de novo volta à sua comunidade terreira, à sua lalorixá, que foi uma que das pessoas que mais a promoveram. Ela saía desse subjugo do homem, e começava a estreitar esses laços com a construção de relações de liderança com outras lideranças também daqui do Rio de Janeiro. Então ela busca a mãe de santo que vai fundar a casa dela e dar continuidade de novo a esse saber ancestral, a essa visão da mulher líder política.

Então, a sua casa é uma continuação da transmissão da casa da Bahia, da Mãe Olga. Essa transmissão vem pela mãe, esteja aonde você estiver, aquele território vem dela, está ligado.

Mãe Beata

Está ligado a ela. E ela estava ligada à tia-avó dela, como uma placenta e o umbigo. Como se ela fosse um umbigo que não foi cortado, continua ali a continuação. Exatamente.

ADAÍLTON: Ela foi feita pela Tia-avó dela. A tia-avó dela, que foi a lalorixá dela, Dionísia Régis. Quando ela funda esse terreiro, ela começa a ter uma preocupação de estar discutindo a religião também politicamente. Era um momento, década de 80, que estava havendo um conflito e a percepção mais acirrada da matriz africana e ela começou a denominar de guerra santa. E aí ela vai procurar grupos organizados junto ao movimento negro pra poder ela botar pra fora o que ela estava pensando. E aí é uma outra mulher que encaminha essa mulher e essa política. Uma filha de Oxum, que é uma outra parenta de santo, uma outra mulher que convida, já estava participando do movimento e fala: "Chame Mãe Beata pra vir participar dessa discussão na Bahia, que vai ser um ganho político pra todos nós. Quanto mais mulheres lalorixás respeitadas puderem participar, você vai fortalecer".

Mãe Beata: Eu nunca deixei de querer os meus Orixás, a minha fé, o meu amor, eu só não queria, eu achava que era muita responsabilidade a cabeça dos outros, a vida dos outros, as pessoas, as famílias. É uma grande responsabilidade e para isso eu me achava ainda muito pequena, muito embora já tivesse trinta e tantos anos de santo, mas eu ainda me achava pouco. Eu disse assim: "Como é que eu ia ser lalorixá?" Ela: "Beata, mas você veio com isso". E aí não teve jeito. Obedeci ao chamado dos deuses, que estavam, exatamente... eu costumo dizer: a folha só cai no tempo, o fruto só dá no tempo. Se você colhe um fruto antes dele começar a querer amadurecer, esse fruto não vai ser bem doce, não vai ser saboroso, mas quanto você tirar ele no tempo... Tire uma banana verde e bote lá: você vai comer ela, ela é aquela banana sem graça, mas se você pegar ela, ela querendo amadurecer, quando você come, é uma delícia.

ADAÍLTON: Sempre foi, é uma marca dela exatamente essa postura de liderança política e religiosa, de transformar numa linguagem que pudesse ser compreendida externamente. A gente percebeu que nós tínhamos que ter uma linguagem.

Mãe Beata: E é o que vai ser, quando Olurum me chamar, vai ser o sacerdote da casa.

ADAÍLTON: E o que é que acontece? A gente vai perceber que nós tínhamos que externalizar o que nós desenvolvíamos aqui dentro, a partir dessa organização comunitária, dessa proposta de possibilidade, dentro de uma sociedade tão neoliberal, tão mercantil, tão mercadológica. Comunitariamente é possível construir novas famílias e aí a gente começa a participar de vários movimentos: sobre questão de gênero, sobre cultura, sobre política. No Viva Rio, que é uma atuação proativa, nós trabalhávamos sobre a questão da violência, no Estado do Rio de Janeiro. No "Natal Sem Fome", nós participamos dessas campanhas E, ainda, dentro do Viva Rio, de um movimento interreligioso, que a minha mãe era membro. Então, nós participávamos nesse aspecto, de estar vendo como que as religiões poderiam estar desenvolvendo uma política de paz.

Mãe Beata: Eu era uma das principais membros-fundadores e sou até hoje e Adailton é formado pela PUC, ele é Assistente Social. E nós estamos com um trabalho lá.

ADAÍLTON: Porque quando a gente começa a participar desses movimentos sociais, forma uma rede, né? As pessoas começam a procurar, a se relacionar. Isso não abaixa um pouquinho a religiosidade em momento algum, porque o ser religioso é um ser social também e eles estão interligados. O ser religioso não é como se você passasse do portão e não fosse mais religioso. As pessoas que são religiosas são as mesmas pessoas que fazem parte da sociedade. O

espaço religioso, esse espaço do terreiro é o espaço que vai estar dialogando com essas pessoas, que mesmo estando no espaço interno, elas também são espaço externo.

Essa dinâmica, ela é uma lógica, mas eu acho que é um grande equívoco quando nós pensamos que não há organização política relacionada a um terreiro. A organização política de um terreiro se dá a todo mundo, né, porque quando a gente percebe que uma lalorixá consegue realizar uma festividade de 300 pessoas, então existe organização política. Quando a lalorixá consegue acolher e resolver questões matrimoniais ou psicológicas dos seus filhos, quando ela consegue ter esse efeito e ele é assistido, é uma organização, ela desenvolve esse papel. Então, enquanto minha mãe, eu acho que é uma jornada muito grande, quando a gente consegue unir esse lado religioso a esse lado de diálogo com o sistema político.

Quanto á questão da mãe e da mulher, ela não é minha mãe de santo, ela vai ser minha irmã de santo. A minha mãe de santo é Olga.

Mãe Beata: Todos os meus filhos são meus irmãos. Todos os meus quatro filhos quatro são do candomblé e todos têm o mesma mãe de santo. Os nomes deles são Ivete, a mais velha; Maria das Dores, a segunda; Adailton e Aderbal, que é o caçula.

ADAÍLTON Meu nome completo é Adailton Moreira Costa. De Babá-Egbé, meu Pai Adailton. Porque ela, com a ingerência política dela, ela me colocou como babá-egbé, que é o pai da comunidade, aquele que vai organizar a comunidade, pra rainha reinar. Ela nasceu pra ser rainha mesmo, não tem jeito. Então, o que ela vai fazer? Quando ela me chama pra ocupar o seu lugar, quando ela falecer, mesmo quando diz que vai demorar muito, porque tem a formação de trabalho, tal como ela que trabalha muito, durante muito tempo, ela fala que, mesmo sendo eu um homem, eu vou ter um trabalho maior, que eu vou estar sentando na cadeira de uma mulher. Então, isso está me reforçando para estudar esse gênero feminino. Porque essa casa é fundada por mulher.

Mãe Beata: Ele tem de menstruar nessa cadeira.

ADAÍLTON: Então, eu vou ter que estar sempre... e aí as duas mulheres, que são minhas irmãs, elas têm papéis fundamentais, uma é lalaxé e a outra iakekerê. Tem um homem que vai sentar na cadeira, mas vai ter duas mulheres que tem o papel de manter vivo esse olhar feminino que eu vou ter que ter a preocupação de estar mantendo vivo. Que eu não vou estar sentando numa cadeira, sendo um homem, eu vou estar num lugar relativizado, sabe? O Adailton, o homem, vai ser secundarizado. Ah, tem que ser pelo horário. O babalorixá é quem vai consultar sobre de quem vai ser essa pessoa, quem é o dono dessa cabeça, o caminho dessa pessoa, a partir do horário que veio.

Mãe Beata: Não precisa jogar pra ver, na hora que nasceu já traz sinais.

ADAÍLTON: Algumas pessoas especiais já trazem alguns sinais. Quando Mãe Menininha, a lalorixá de Velhinha, foi iniciada, essa era a professora da própria avó. Então, são pessoas que quando nascem já trazem toda uma sequência de sinais que é dada em códigos que são transmitidos pelos sacerdotes. Isso eu posso falar dentro de uma tradicionalidade africana, que ela vai totalmente, no Brasil, no Rio de Janeiro. O Candomblé vai tendo algumas

transformações que são muito nefastas pra essa relação de ancestralidade, isso vai fragmentando bastante. Tem, tem muitas pessoas que acham um templo religioso não tem que discutir politicamente. Acham que um templo religioso não tem que discutir questões políticas. Porque a gente vê que dentro do processo histórico da constituição de um terreiro, o estado vai querer qualidade, que é sempre discriminado. Se esse templo se organizar politicamente é por conta de não querer que um estranho, mais uma vez, venha explorar, oprimir, entendeu? Então, são esses elementos de tradição que o mantém vivo, que vem de dentro. Uma das coisas que foram ditas pra mim logo que eu entrei na academia, como é que as pessoas como eu podem escrever algo assim, se eu não comprei isso. Eu sempre digo que, dentro do candomblé, a grande força nutriu de me manter vivo no mundo é ter nascido nesse terreiro, que de fato me acolheu, porque ele me deu sustentação pra eu poder estar nesse outro espaço, nesse espaço que acaba excluindo mesmo, esse espaço que nos coloca numa fôrma, onde as pessoas se conformam.

O tempo todo traduzir aquilo que você está dizendo pro outro, é cansativo, parece que é sua a limitação de conseguir expressar as coisas; aquela coisa do emissor... Então, não tem como. E mesmo sendo um homem contemporâneo, eu sinto hoje que além da minha capacidade mental, filosófica, algo que é meio vertiginoso. Então, eu acho uma dádiva ter o candomblé, que me possibilita ainda dialogar e sentir as forças da natureza. Então, eu acho que essa possibilidade de lidar com diversas realidades no candomblé é uma dádiva. Sou filho de Ogum e Ela, de Iemanjá. Ela é minha mãe duas vezes e minha irmã, temos muita coisa junto. Sou do útero dela e do útero de axé, porque a mãe que a gerou no candomblé foi a mesma que me gerou. Então, nós temos vários úteros. ■

Tia Maria: (cantando) Tia Maria do Jongo, Maria... jogueira... Meus cabelos branco ... mocidade, quero que as crianças tenham um lindo porvir, paz e saúde e felicidade, paz e saúde pra poder seguir, os pés descalços eu danço, eu danço, não deixo a peteca cair. E por aí eu vou.

Quem conheceu o Aniceto do Império, conheceu minha família. Não era de sangue, mas era de cria. Minha mãe era mãe dele, minha mãe: "Senhõra, a minha senhõra", falava...

Quando eu vou em Vassouras, me chamam pra falar de jongo, até de samba. É a minha vida. Eu nasci assim. As crianças, era cheio de criança como é até hoje. Minha casa eu não mando, eles é que mandam, que arrumam, que quebra. Eu sou muito as crianças, eles que mandam na casa. "Tia Maria, tem um bocadinho de comida, eu não almocei", "Vamos lá.". Se não tem faz uma farofa, bota um feijão com ovo, com farinha, todo mundo come, todo mundo bebe, graças a

Deus, sempre foi assim, eu com as crianças. Eu sempre boto comida sempre demais. Eu tenho um filho que sempre fala isso: "Mãe, nunca comemos na mesa só a gente, a senhora, meu pai, meu irmão". Sempre tinha mais dois, três pratos na mesa e até hoje é assim. A família de cria, que chega. Tinha um menino que chegava do trabalho, ele mora lá em cima, ele vinha toda noite aqui: "Cheguei". "Cadê o prato do Luizinho?" Botava o prato dele. Até casar. Enquanto estava com pai e mãe, a casa dele era aqui.

Eu nasci na Serrinha, na Balaiada, lá na subida Central, onde fica o Centro Cultural. Nasci aqui, na Serrinha. Minha mãe veio pra cá em 1910. Ela nasceu numa fazenda, Piratininga. O lugar Piratininga, Agustura o nome da fazenda, Minas. Ela foi nascida ali, casou, aí depois morou em outros lugares, mas ela sempre falava que nasceu nesse lugar. Ela veio pro Rio de Janeiro já com cinco filhos de Minas. A primeira era Maria Simplícia, Humberto, Maria José, Maria da Conceição, Maria Eulália. Cinco, ela teve lá em Minas, ela veio de Minas com esses cinco pra cá, em 1910. A Eulália novinha ainda. Ela foi morar em Bonsucesso, do lado de lá da estrada na Cajoeira, teve dois filhos ali, depois veio para Serrinha, comprou terreno na Serrinha. Sei que foram 13. Fui a 11ª. Depois da Eulália ela teve Norival, Francisco, João, Alcides, Sebastião, Maria, Marina e outro Francisco. Ela perdeu um, botou o outro Francisco. 13 filhos minha mãe teve. Desses 13 só tem dois. Todos os dois perengando. Eu e Molequinho.

Meu nome é Maria de Lourdes Mendes. Meu irmão é Sebastião de Oliveira. Mas como ele era muito travesso, ficou aquele negócio de molequinho, molequinho, ficou. "Cuidado com esse moleque aí, ele vai cair... Molequinho danado. Magrinho, sequinho. Molequinho, Molequinho, as crianças gostou do apelido e a mãe chamando, pega né? Porque apelido tem isso. A mãe não pode chamar. Ela chamou Molequinho. Aí pronto. Se botar um apelido no seu filho, você chama pelo nome, aí aquele apelido morre, acaba. Mas se a mãe chamar, minha filha, aí pronto.



Minha mãe era doméstica, cuidava dos filhos. Meu pai comprou uma terra no morro, quando ele veio de Minas junto com meu tio. Meu tio comprou também. Naquele tempo era Maroim, nem era Maroim, era João Pereira. Meu tio comprou lá embaixo, na João Pereira e pediu a ele pra comprar também, lá perto dele. Meu pai falou: não, eu quero comprar no morro, eu quero pra plantar. E de fato ele plantou mesmo. Ele gostava de plantar tudo. Aipim, batata, cana, ele tinha tudo lá, para o nosso uso mesmo. Nossa casa era a última. Ele plantava esse morro todo aqui, não tinha casa, não tinha nada.

Meu pai trabalhava por conta própria. Ele gostava de fazer essas coisas que as pessoas fazem agora. Como é? Artesanato. Fazia cata-vento, fazia outras coisas, meus irmãos maiores vendiam, iam lá pra Jacarepaguá vender e dava até pra juntar um dinheirinho. Quando ele morreu, ele ficou doente dois anos, aquele dinheirinho que ele tinha guardado, meu tio do lado também ajudando, quando morreu não precisou de dinheiro pra enterro porque tinha lá na gaveta o dinheirinho, ele era seguro, ele vivia assim. Meu pai morreu em 29, muito novo. Eu estava com oito anos. Minha mãe morreu agora. Estudamos muito pouco. Trabalhava em casa e trabalhei também em fábrica de tecido, num depósito que tinha na Rua Aristides Lobo. Era um depósito de algodão e a gente ia muito à tecelagem e a outros lugares. A gente trabalhava ali, fazia aquela limpeza naquela espiga, naquele algodão, aí eles tornavam a mandar de novo pras fábricas. Eu trabalhei uns três anos lá. Saí, fui trabalhar em casa de família, no Largo da Segunda-Feira, numa rua que tem um rio. Trabalhei ali muito tempo, saí dali pra me casar, em 42.

Eu tinha 20 por aí, quando casei com o terceiro namorado, mas namoro mesmo forte foi com esse que me casei. Tive dois filhos.

O Jongo sempre existiu. Porque minha mãe quando veio de Minas ela já trouxe na bagagem. Cantava jongo pra gente. Ela não era de dançar, mas cantava jongo, falava das pessoas lá de Minas que cantava jongo, dos tios dela que gostava do jongo. Era uma dança que veio da África. Ela contava isso tudo pra gente. E as pessoas batiam jongo aqui, e de longe, em outras fazendas as pessoas escutavam. Era um mistério, uma coisa que existia, que chamava (cantando): "chama quem mora longe, tambor, chama que mora longe...". Aí tinha aquele candogueira, aquele tambor pequenininho, quando batia aquele candogueira aquele som chamava outros candogueiros que de longe escutava. Minha mãe dizia isso, minha mãe contava muita coisa do jongo, só que ela não dançava. Ela não era de dança não, mas ela contava. Nós fomos dançar mesmo com vovó Maria Joana que era mãe do mestre Darcy, que ela botou a gente pra dançar. Cresci, fui dançar o jongo depois de casada. Dançava escondido. Quando era criança, ela gostava muito de levar as crianças na festa, ela era rezadeira, rezava ladainha muito bem nas casas, quando era festa de santo, santeiro, Santo Antônio, a pessoa tinha aquela crença, chamava ela pra rezar ladainha. Ela ia e levava aquela porção de criança com ela, ela ia pra lá com seu Pedro que era o esposo dela, rezar ladainha, fazer aquele altazinho no canto da sala, rezava, eu ficava segurando o santo toda prosa, mandava beijar, "vem, Maria, vem segurar o santo", aí ia lá, ficava ali com ela. Fomos crescendo assim.

Depois, quando acabava aquela ladainha, ela fazia uma cama lá num quarto qualquer daquela casa e falava: "Vocês vão dormir que agora nós vamos dançar o jongo". Criança não ia, nem via, ela não gostava. Não sei o que tinha ali. Mas eles iam dançar o jongo, a gente era curioso, Darcy, meus irmãos, tudo curioso, nós íamos para o buraco. Nem era Darcy, era os irmãos dele mais velho, Darcy era bem mais novo que eu; aí ficava no buraco olhando os velhos dançar e pegava. Meus irmãos muito espertos, esse Molequinho então não era mole. Aí ele dizia, no dia

seguinte o jongo era nosso. Batia. Dona Maria morava em frente, os garotos escutavam, iam lá pra casa também, fazia aquela roda de jongo no terreiro da minha mãe, mas era aquilo ali, só a gente. Muitos pontos, minha mãe dizia: não canta isso, é muito forte, não canta isso. Aí a gente cantava outras coisas, aí um imitava dona fulana, outro imitava seu fulano, aí era aquela farra assim. Crescemos assim, sem ir lá na roda, sem ir na roda de Jongo. Mas aí dona Maria foi vendo que os velhos estavam morrendo. Chegou ao ponto que só tinha ela velha, do jongo. Ela chamou Darcy e falou: "Darcy, vamos botar as crianças pra dançar. O jongo acabava, como vai ficar? Eu já estou indo embora". Eu gostei da prosa...

Isso foi nos anos 60, foi. Aí ele começou a botar as crianças. "Vamos Maria, fazer um grupo". Já quis fazer um grupo, aí tá isso aí. Mas não tinha mais aquela roda de jongo, tinham morrido de velho, só tinha ela, ficou ali com a gente, dançado. Aí não tocava mais, não cantava mais aqueles pontos, eu acho que aquilo era alguma magia que eles faziam ali. Não sei. Eles faziam aquilo lá porque era eles, os velhos. O jongo era a meia-noite. Agora nós dançamos o jongo a qualquer hora. Na minha infância não, roda de jongo só era a meia-noite em ponto que abria. Alguma magia. Agora não.

A Serrinha virou um lugar do jongo, porque a vovó Joana veio morar logo aqui, ela veio de Valença, mas ela também era jongueira. Meu cunhado, José Nascimento, veio de Três Rios, era jongueiro lá. Todo mundo veio ficar aqui. Veio pra Serrinha. Dona Marta que era uma mãe de santo muito forte que nós tínhamos aqui, ela também fazia jongo, também era de um lugar aí, também não era do Rio de Janeiro, não. Dona Líbia e seu Antenor era de Minas, eles também batiam lá. Foi um encontro de jongueiro mesmo. Todas as pessoas que gostavam de jongo vieram morar aqui. Dona Florinda, a Congonha, era uma grande jongueira, aí ficavam fazendo jongo nas casas, mas era assim, festa de santo. Dona Florinda festejava São Jorge, era do jongo. Primeiro a ladainha e depois o jongo. Dona Marta era Santana, fazia ladainha e depois o jongo. Dona Maria Joana era São João, meu cunhado era São José, dona Líbia era São Pedro. Mas era aquela festança de muita comida, muita coisa.

A Ladainha é uma música bonita. Diz cantando: Levantei de madrugada, levantei de madrugada eu fui varrer a Conceição, fui varrer a Conceição eu encontrei Nossa Senhora, eu encontrei Nossa Senhora com seu raminho na mão, com seu raminho na mão. Eu pedi ela um raminho, eu pedi ela um raminho, ela me deu seu cordão, ela me deu seu cordão. Daqui um pouquinho você pausa, tá meu filho? Era assim. Tem muitas músicas, a gente esquece, essa ficou mais.

Não gravamos as ladainhas, não, mas eu não sei toda, já esqueci muita coisa, era criança. Dona Maria também. O pessoal foi deixando de rezar, o pessoal que gostava da ladainha foi morrendo, acabou.

Cada noite dedicada a um santo, Santo Antônio, São João, São José não tinha diferença na forma da festa, era a mesma coisa. A ladainha era a mesma, os cantos do jongo eram os mesmos. Só não tinha a roupagem. O jongo antigamente você ia com essa roupa mesmo, aí ia pra roda de jongo e botava o pé no chão, dobrava a calça, ia tudo de pé no chão, as saias eram cumpridas porque as mulheres vestiam mesmo. Naquele tempo não tinha esse negócio de calça cumprida, de short, a mulher usava era saia cumprida, então aquilo era normal, sem trocar de roupa. Agora a gente troca de roupa.

Porque a vovó Maria era de santo, então ela usava saia rodada, e ela tinha o terreiro dela. Era de Xangô, de Pai Xangô, Cabana de Pai Xangô. Então ela usava aquela saia rodada, aí nós fomos imitando ela, fomos botando a saia

rodada. E agora quase todo jongo usa, só o pessoal de São José que não. Eles gostam de roupa branca, mas é vestido comum. O pessoal de São José de Valença nunca vi de saia rodada, mas os outros grupos é tudo de saia rodada. E é bonito, saia rodada, é mais bonito que vestido comum.

O jongo, eram os escravos, vinham de África, vendido, trocado até por ferramenta, que minha mãe dizia. Vinha em lote pra cá. Então naquelas fazendas, na senzala, eles cantavam o jongo, devia achar aquilo bonito, cantavam, dançavam. Às vezes até na hora do lamento, na hora da dor, eles cantavam aqueles ponto de jongo. Devia existir alguma magia porque eles cantavam na hora do sofrimento também, aqueles pontos eles cantavam, choravam, na hora da saudade. E o pessoal foi ficando encantado com aquele ritmo deles e foi ficando pra nós. Mas esse ritmo minha mãe dizia que era de escravo, porque minha mãe nasceu ainda com pé na escravidão. Meus avós, minhas tias mais velhas foram escravas. Minha mãe cantava muito pouco, ela não entrava assim, porque ela era criança ainda, ela só dizia que viu aquelas negras tudo de laço de fita na cabeça, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, dançando na rua. Ela lembra aquela poeira na rua, o senhor aborrecido que o pessoal não queria mais trabalhar, a horta estava se perdendo e o pessoal todo pulando, dançando, assim que ela contava. Só queria fita no cabelo, não queria mais nada, aquela roupa comum, e o laçarote. A vaidade delas era a fita no cabelo. Minha mãe contava isso. Minha mãe dizia que não tinha só escravo negro, minha mãe dizia isso, que não tinha somente escravo negro, não. Agora só mostra o negro. Minha mãe dizia que tinha pardo, até quase branco. Porque aquelas negras bonitas, eles levavam lá pra dentro, pra servir o senhor, pra servir o filho do senhor, ela ia pra rede com eles, engravidavam, engravidavam. Então aquelas crianças já vinha mulatinho, clarinho, porque geralmente o senhor era branco. Aí aquela criança se criava ali, já olho claro, aquelas crianças era tudo escravo. Minha mãe dizia, não tinha só escravo negro, tinha escravo claro, pardo, branco. Mas era só negro que eles escravizaram. Até a figura branca você não vê, um branco ali na mesa dos escravos, que parece escravo é só o negro. Mas minha mãe dizia que não. Porque nem toda a criança a sinhá matava, quando elas sabiam que aquela negra estava grávida do marido, do filho, elas não queriam, elas matavam. Matavam criança. E a mãe vendo, já pensou! Botava a criança dentro da mala e fechava a mala, quando ia ver estava morto, jogava no chiqueiro, você já pensou, ver o porco comer seu filho. Isso era verdade. Dizem mesmo que eram muito maus. Minha mãe não, minha avó que passou mais lá dentro.

Já era adulta, quando fui dançar o jongo, já era já casada. Eu casei em 42. Pra manter a tradição do jongo a gente faz reunião, cantando juntas, dançando. E nós não cantamos só aquele jongo antigo, cantamos o canto que a Lazir faz. Ela é uma compositora dos novos jongos. Aquele disco que é um livro, vocês que cantam, né? Cantando: Na Madureira, olha eu... chora eu vovó, na Madureira, chora eu. Oi ê, o ê, iê,oi,iê, iê. Esse jongo foi a Tereza que fez, a mãe do Mestre Fuleiro, a mãe dele. Ela veio de lá e nasceu em Madureira. Cantando: Na Madureira... que era do trem.

Lazir (Dançarina de jongo e sobrinha de Tia Maria): Tem um grupo de adultos de música, os outros cantam e dançam o jongueiro velho, que a gente chama, que dança jongueiros mais velhos, tem no grupo uns 20 dançarinos mais velhos, senhores com mais de 50 anos. O Lívio, Custódio, são jongueiros velhos.

Tia Maria

Fez 62 meu filho, jongueiro também. Um deles não é jongueiro. O mais velho, perdi. É, câncer nos dois pulmões. Nem fumava, nem bebia. Os médicos não acreditou, nunca bebeu, nunca fumou. Câncer nos dois pulmões. A doença quando tem que vir, né? O nome dele era Ivan. Esse que eu tenho agora é o Ivo.

Acho que sim, que o pessoal gosta muito de mim, muito carinho. Além do jongo, nós fazemos a caridade, aqui. Trato todo mundo bem, na minha casa todo mundo vem, bebe. Eles falam que eu sou de santo, que eu tenho cabeça feita, nada disso, sou católica, vou na minha missa todo dia. Todo dia, não. No domingo, mas quando tem durante a semana, missa na capela sete horas, eu vou. Até vou fazer primeira comunhão. Eu sou uma criatura, sou católica, mas não fiz primeira comunhão. Eu vou fazer o catecismo agora. Já estou convidando a vocês na primeira comunhão.

Não sei ainda quando vai ser, acho que para o fim do ano, que demora um pouco, né? Apesar que eu já sei de cor e salteado, mas tem que acompanhar as outras. Já tem cinco adultos na minha turma. Minha mãe era católica. Eu não sei por que eu não fiz primeira comunhão. Minha mãe é daquela igreja Santo Sepulcro ali em Cascadura, freqüentava ali. Se o jongo é uma coisa de escravo, meio uma mistura de umbanda com catolicismo, o pessoal pensa que eu sou de umbanda. O modo de vestir, com pano na cabeça, adoro minhas pulseiras.

É. Eu sou já velha, dona Maria, Vovó Joana, ela sabe alguma coisa. Ela ria a beça. Dona Maria faz assim... Vou fazer nada. A vovó Joana era rezadeira e mãe de santo. Santa arteira, sambista, jogueira. O jongo tem um trabalho cultural aqui. Temos a biblioteca, o centro cultural lá em cima, agora está parado, mas as crianças estudaram muito, lá em cima.

Lazir. O Centro está parado porque teve invasão da polícia, quebraram alguns móveis. E com isso, as mães tiveram grande receio de deixar as crianças subirem porque a polícia tem invadido aqui sempre. Pois é. Uma história bem incrível. Eu não gosto muito de contar porque é uma coisa triste. A gente teve ajuda, teve uma grande ajuda. A gente conseguiu um novo espaço aqui embaixo, aonde a gente vai poder dar mais segurança pras crianças. Porque o centro cultural lá em cima, pra subir com a criançada é uma longa caminhada e com a polícia invadindo sempre o morro, a gente corre o risco de estar com a criançada toda e de repente um tiroteio, alguma violência acontecer, alguma coisa. Já aqui embaixo a gente vai ficar bem mais em segurança com a criançada. Nesse novo espaço, se Deus quiser, a gente está inaugurando pra criançada fazer aula. Porque no espaço que eles estão fazendo atividades agora é um espaço que está bem apertado pra dançar. Vira e mexe eles estão vindo pra cá, quando tem alguma atividade. O espaço da Tia Maria é muito acolhedor. Estava falando antes, desse respeito que as pessoas têm pela Tia Maria. Ela falou de acharem que ela é da umbanda. Eu acho que é porque ela é uma pessoa quase que uma entidade mesmo e passa pra gente uma energia que falta, que a gente não encontra em muitos lugares. E todo mundo procurar vir aqui no quintal, procura vir aqui na casa dela, procura estar perto dela, por essa carência mesmo de pessoas que passem pra gente uma experiência de vida, uma maturidade. E a gente não faz nada na escola de jongo sem falar com a Tia Maria e saber o que ela acha.

Tem uma escola de jongo com várias atividades, é uma coisa da Petrobrás e do Criança Esperança. Então aqui a gente tem várias atividades, a gente tem aula de dançado jongo pra criançada e estamos preparando monitores também pra multiplicar, ensinar cada vez mais. Impressionante como as próprias crianças ensinam outras crianças. A gente teve uma experiência de ir com as crianças da escola do jongo, aí fomos dançar lá e de repente descobrimos que outras crianças que não tinham freqüentado a escola já sabiam dançar jongo. Quer dizer, as próprias crianças ensinam as outras a dançar. Por isso a gente perdeu o controle de saber quantos jogueiros a gente tem aqui na comunidade, porque a gente faz o trabalho de multiplicar, multiplicar e a gente fica impressionados de ver... Uma multiplicação espontânea, pela facilidade das crianças aprenderem o jongo. Elas têm aula de percussão também, de canto, harmonia. Janete também é

jongueira do grupo, a gente tem aula de griot. Tia Maria é griot. O griot acontece assim: as nossas crianças aqui, eles não querem que eu pegue um livro pra contar uma história pra eles, não, quer fato.

Tia Maria: Assim como vocês, chega aqui e quer saber minha vida: como criei, como casei, tá, tá. Eles querem essas coisas. Aí eu começo a contar quando eu era criança, não tinha nada, essas casas todas são novas. Era um barraco aqui, outro barraco ali. Aí começo a contar. Essa rua era alta. Ali na frente da nossa biblioteca era de uma altura que quem ia daqui pra lá, não via quem subia, nem de lá, não via, se encontrava no tope, era uma coisa assim. Mas era tão bom, não existia a maldade, todo mundo se unia. Agora é um perigo, então elas ficam assim: "Mas como era, Tia Maria?" A gente subia e depois descia. Essas casas daqui do lado de baixo, ficava lá no buraco. Lá de cima no alto e aqui, tinha aquela escadaria pra descer. Depois a prefeitura veio e cortou. Aí melhorou. As de baixo ficou e as de cima ficou pendurada. Você vê pela altura lá. Ficou anos e anos sem fazer aquela muralha. Uma pessoa que morava naquelas casas de cima caiu de lá, morreu, quebrou o pescoço, morreu, aí a prefeitura veio e fez aquele trabalho lá. Fez uma muralha, botou aquela grade em cima, aí ficou bom. Mas não existia. As crianças se machucavam, começou a nascer mato dentro dos barrancos. Agora melhorou, já tem onde segurar. Aí eu fico contando isso pra eles. Pegava lenha no mato, minha mãe cozinhava com lenha. Eu morava lá na Balaiada, vinha apanhar lenha aqui, daqui da Grota, tinha um caminho, lá pra atrás era tudo mata, a gente apanhava lenha pra cozinhar. Vinha lavar roupa, tinha nascente boa aí, a gente lavava roupa aqui, tudo eu fico contando isso pra eles.

Aí eu contei história do boi. Porque tudo que a gente fala pras crianças, agora é oi, oi. Não é oi, é bom dia, bênção dona Maria ou boa noite. Esse negócio de oi. Oi não, oi é cumprimento de boi. Aí eu lembrei que minha mãe falava. Que as crianças, a gente está falando com eles, eles não obedecem. Antigamente não. Eu ia com meus irmãos pro pasto pra botar os bois pra dormir nas cocheiras, onde os bois ficavam. Sei lá, ela dizia: "Oi". Os bois vinha tudo, um atrás do outro, não precisava estar batendo, os bois vinha, abriam o caminho, era só fazer "Oi", pronto. Agora a gente está falando com vocês, falando, vocês não obedecem, minha mãe falava assim pra gente. Aí levei esse negócio do oi, não sou cumprimento de boi, vou passar a história do boi pra eles, aí eles gostaram. Aí eu vou na casa do meu filho ali na Água Branca, em Bangú, o Ivo, tem um cercado com dois ou quatro bois ali dentro. Eu lembrei porque minha mãe falou pra mim, tantos anos, eu criança. Então eu não vou mexer com boi! Eu vou com a minha cunhada, ela mora aqui. Eu passo pelo boi, "Oi". Minha filha, mas os bois vieram. A passada deles é muito forte. Eu, "corre... o boi...", valha-me que eu estava na entrada do condomínio. Nós entramos no condomínio gritando, correndo, aí o rapaz, o porteiro, veio: "Que foi?", "Olha o boi que veio atrás da gente". Mas tinha uma cerca assim, eles ficaram assim pra gente. Meu Deus é verdadeiro o que minha mãe falava. Eu só fiz isso, "Oi". Não é que os danados dos bois vieram? Aí eu conto isso pra eles, e eles: "Tia Maria, como a senhora correu?", "Eu corri, na hora do perigo a gente corre". Eu conto algumas histórias para eles, eles gostam. Mas história de vida mesmo. As histórias que ouvi de minha mãe, que minha mãe ouviu de minha avó, que uma contava pra outra, não lembro muito mais não. Passou o tempo, eu esqueci mesmo. Às vezes elas pegam ali no livro e dizem: "Vou ler pra senhora". E lê a história pra mim. Eu sei que eu estou aqui pra contar história pra vocês e vocês que contam pra mim, né? Mas elas não ligam muito pra livro não, elas querem é essas histórias. Lembro das histórias do trabalho, que eu conto pra elas. Trabalhava lá embaixo na Aristides Lobo, andava na estação de Francisco Sá até lá no Rio Comprido, eu ia e vinha. Aí falo da dor que tenho na perna, que eu tenho razão de ter essas dores porque eu trabalhei muito, carregando água no morro, carregando lenha. Elas ficam assim: "Água da onde?", eu dizia: "Lá do outro lado da Leopoldina de Oliveira, lá longe, pra ter água pra beber. Porque pra cozinhar, pra tomar banho tem que buscar água na nascente, tinha muito aqui, mas água de bica não tinha". Depois que meu pai com o Dr. Almeida

Romero, que era um grande político que tinha aqui, botou umas torneiras aqui na Serrinha, foi que a água veio vindo pra cá. Mas não tinha, aqui era só água de poço, nascente.

Nasci em 30 de dezembro. Fiz 88. Danço, graças a Deus. Eu sempre me apresento com eles. Eu que abro a roda do jongo. Pelo menos na minha família, os homens sempre me respeitaram. Até hoje, acho que sim. Eu, pelo menos, me casei, fiquei 32 anos casada. Mas eu tinha muito respeito ao meu marido. Aliás eu acho que era medo, não era respeito não. Acho que era medo. Eu obedecia ele muito. Não fazia nada sem a autoridade dele. Era bom, não faltava nada em casa para mim, para meus filhos, mas ele era assim. Até uma arrumação do móvel, tinha que prestar obediência a ele. Eu botar esse guarda de vestir aqui, vou botar, se fizesse, ele brigava mesmo. Ele achava que a autoridade era dele mesmo, ele tinha que autorizar pra mim fazer aquilo. Era isso. Eu acho que eu tinha medo, eu não fazia nada sem ele. Na minha casa ele mandava.

Ele era motorista, trabalhava no Ministério da Fazenda. Primeiro, na Casa da moeda, depois foi pro Ministério da Fazenda. Ivan, o nome dele, não era jongueiro, nem sambista.

Com um marido assim tão autoritário e tal e que nem cogitava de jongo, consegui continuar com essa tradição, porque o jongo deve ter alguma força. Quando Darci veio falar comigo que ia fazer o grupo, eu falei: olha, Darci, Ivan não vai querer, porque você sabe como ele é enjoado. Eu saía no Império Serrano, que era uma coisa da casa da minha mãe - o Império Serrano foi fundado dentro da casa da minha mãe, meus irmãos. Pra não dizer não vai, ele também ia, acompanhava. Mas ali, eu entrava ali na fila, dançando ali, antigamente tinha corda, antes era corda, ficava ali segurando a corda, assim que acabava o desfile, "vamos embora". Eu não podia ficar ali fazendo comentário com as pessoas. É. Eu tinha que vir embora. Aí levava o menino pro caminhão, sentava na boleia do caminhão, até juntar aquele enredo todo, e eu vinha embora.

Aí eu falei pro Darci: "Ele não vai querer, ele é enjoado", aí o Darci falou: "Não, vou falar com minha mãe, dona Maria", e assim ele fez. Voltou aqui em casa: "Ah, vim convidar a Maria pra gente fazer um grupo, eu sei que ela sabe dançar", e Darci falava: "Minha mãe que mandou eu pedir pra você deixar ela ir.". Ele disse: "Ela que sabe, se ela quiser ir". Eu digo: "Ah, quero sim". Isso já foi em 72, 70 e poucos. Eu digo: "Eu quero sim".

O Darci era bem pequeno, ele era neném ainda quando os irmãos mais velhos dele é brincava comigo e a gente ia olhar os mais velhos dançando o jongo, pelo buraco.

A gente se criou junto. Na casa da minha mãe, a casa da mãe dele era em frente, era comadre. A família dele era do jongo, a mãe, o pai. Fui pra esse grupo, mas meu marido não acompanhava, não. Ia com Darci, Darci me trazia até aqui. Darci vinha aqui me apanhar e me trazer. Até às vezes me buscar. Uma vez fizemos ali no MAM, naquele negócio dos pracinha, nós fizemos uma semana, uma temporada ali, ele ia lá me buscar.

Ele nunca se interessou. Ele não tinha jeito mesmo, ele era muito sem graça pra dança. Ele era pardo, bem claro ele. Nós fomos criados aqui, ele morava aqui e eu lá na Serrinha, aí no mato, apanhando lenha, ele era muito amigo dos meus irmãos, sempre gostou de mim, até eu não sabia. Aí acompanhando a gente, tinha uma escola de samba da Serrinha, uma escola de samba que tinha antes do Império e eu desfilava dentro da Serrinha, baiana, ia sempre

acompanhando meus irmãos. Aí teve um dia que eu caí, acho que foi naquele dia que começou. Eu caí, eu fui saltar do trem e caí naquele meio, se ele não me tira tinha morrido. Eu sei que ele me tirou, pegou em mim por aqui assim, me tirou do buraco, eu toda arranhava, vim de braço com ele, naquele tempo vinha até aqui a pé com ele, ele foi me visitar e aí nasceu. Tinha uns 18 anos, por aí. Casei com 21.

A fundação da Escola Império foi boa. Meu irmão reuniu os moradores daqui, os mais chegados, as famílias mais chegadas da gente, mandou aquelas cartas pra convidar pra reunião, botou uma mesa grandona da minha irmã, que tinha mais espaço, o pessoal sentava ali, eu só na cozinha fazendo café, servindo o pessoal, aí reuniram, falaram. Meu irmão mais velho, o João, o Molequinho era o mais novo que ele, aí ele chamou o João e falou que ia fazer a escola de samba, João falou: "É? Escola de samba não se faz com conversa não, vai ser difícil." "Não, mas nós vamos fazer." A Serrinha, a escola, saía bonita e sempre no 14º, 15º. Serrinha tinha uma colocação sempre lá em baixo. Isso foi em 43, 45. Desfilava lá na Praça XI. Esse ano foi 46. Aí sentaram, combinaram, aí fizeram o Império. Naquele dia mesmo escolheram a cor. Meu irmão queria azul e amarelo, aí o Zé Agenor que morava lá na rua que hoje é Rua Antonio Ribeiro, não quis e disse: "Verde e branca, vamos botar verde e branca". A Portela azul é branca, né? Aí botou verde e branca. Meu irmão era do cais do Porto, meu sobrinho, tudo era do Cais do Porto. E meu irmão casou com a Altair que era filha do seu Elói que era presidente na época do sindicato deles. Levou o nome do Império pra lá, o pessoal do sindicato veio todo. Aqueles trabalhadores. Esse nome Império Serrano foi meu irmão, Sebastião de Oliveira, o Molequinho, eu não sei, da Serrinha, Império da Serrinha. Antes de fazer a escola ele já dizia, nós temos que fazer a Império Serrano. E todo mundo aceitou o nome. "Prazer da Serrinha" era aquela escola que desfilava em 14º. Ela não foi acoplada à "Império Serrano". Continuou saindo. Veio alguns componentes dela pra sair com a gente. Como o Antônio Fuleiro, a esposa dele que era sobrinha do dono da escola lá, tudo veio atrás do Império Serrano, muitas pessoas vieram, mas a escola "Prazer da Serrinha" continuou. Ainda desfilou uns três, quatro anos junto com a "Império". Depois que ela foi saindo, porque a "Império" foi ganhando. A Escola "Império Serrano", com três anos de existência, teve quatro anos de vitória. Escola nenhuma faz isso.

Foi ganhando, o pessoal foi vindo. Então meu irmão fez aquele carnaval, muito bonito, que a "Império Serrano" nunca mais fez. As escolas de samba não tinha bateria, não tinha fantasia, a bateria era qualquer roupa, meu irmão botou até luva no baterista da "Império Serrano". A luva vai enfiada aqui no talabar, quero todo mundo. Antônio de Castro Alves foi o nosso primeiro enredo. O pessoal de gravata bonita, de boina verde igual da bateria, as alas muito bem vestida. Tia Maria (cantando): Antônio Castro Alves / Enredo da Escola Império Serrano de 1948, RJ
Composição: Altamir Maia

*Salve Antônio de Castro Alves
O grande poeta do Brasil
O mundo inteiro jamais esqueceu
Sua poesia de encantos mil
Deixou história linda
Seu nome na glória vive ainda*

*Salve este filho varonil
Amado poeta do nosso Brasil
Foi a Bahia que nos deu Suas poesias que o mundo jamais esqueceu Salve Antonio de Castro Alves
O grande poeta do Brasil.*

Tia Maria: Foi o primeiro samba que nós levamos. O primeiro enredo foi Antônio Castro Alves, levamos ele, poeta. O autor era Altamiro Maia. A gente chamava ele de comprido, porque ele era muito grande, era cumpridão.

Depois que vocês fizemos o grupo, conseguiram manter essa tradição do jongo porque o Darci sempre muito forte. As pessoas quiseram até dividir, fizeram outro grupo, primeira, segunda, terceira, teve uma terceira vez, mas o nosso ali. Poucas pessoas acompanharam, mas não fez falta, porque as pessoas fortes estavam juntas. A força das mulheres nesse grupo de jongo é até hoje, elas que mandam, até hoje: Lasir, Luisa, Deli, Valéria, Adriana, Tia Maria, a força é mais a mulher.

Essas mulheres todas se juntaram, eu acho pela união, pela união. Porque elas são muito unidas, umas entendem as outras, aí, aquela atitude de homem que quer mandar.

Lazir: Mas eu acho que no passado os homens tinham destaque, tinham aquela pose toda, mas por trás eram as mulheres que organizavam tudo.

Tia Maria: As festas, né? Porque o jongo antigamente não tinha uma sociedade, era só a dança mesmo. Tem uma festa na casa da dona fulana, vamos chamar fulano, sicrano, sabe como é? Era uma coisa assim. Agora não. Agora nós temos as responsabilidades, tem o Criança Esperança, a Petrobrás, a Prefeitura. A gente anda mesmo, anota tudo, dinheiro que entra, tudo lá no caderno, ainda mais eu, que sou a presidente da Casa, quero tudo direitinho. Não quero meu nome no jornal.

Na organização do jongo, eu sou presidente. A vice é a Deli, a Lazir é geral, ela manda mais que a gente. A tesoureira é a Valéria. É muito gostoso, sabe? Temos a Adriana coordenadora. Luiza é professora de música, canto, ela é formada nesse estudo, é muito gostoso. E o bairro é outro depois do jongo, porque as crianças chegou muito pra nós. Aí um vem já traz o irmão, o primo, o tio. E vai ficando.

Pra gente ainda não tem essa violência, graças a Deus, nada, nem roubo, nem nada. Nós queremos sair lá de cima, ficamos com medo, porque a polícia chega, não respeita mesmo os filhos dos outros, as mães acham que o filho está certo, é muita criança, né? Mas estamos conseguindo um espaço aqui embaixo. São 80, 90 crianças. Tem muita criança, eu nem sei, ela deve ter escrito. Porque uns estuda de manhã, outros estuda a tarde, aí é difícil estar junto. A não ser domingo, feriado... derrubaram até uma mesa que tinha ali. O rapaz ficou de vir colocar hoje, não veio. Que era muita criança... espera aí...

Adoro, adoro, eu faço bolo, faço isso, aquilo. Vocês querem um cafezinho eu vou fazer. Gosto de ensopadinho. Era muita criança. Aquela panelona de feijão, panelona de angú, sabe o que é né? Fubá. Mas o angú da minha mãe não levava sal, nem banha, nada, era só água e o fubá. Já com a minha avó, não. Mamãe não deixava ela fazer o angú que ela botava sal. Não, não. Era só fubá cozido, bem cozidinho, tem que bater, bater. A minha mãe, minha avó tinha um negócio pra fazer pra ver se o angú tava cozido, pra gente aprender, ela apanhava um bocadinho na colher e jogava na parede. Ela falava, se ele grudar lá, está cozido, se cair está cru. Ela sabia que estava cozido, ela batia bem batido, olha lá, está cozido. Aí a gente enchia um bocadinho e jogava o angú, fubá, comadre. Mas era bom, aquele ensopadinho, couve, aquela couve ensopadinha com carne seca, ai que coisa boa, fazia aquela carne seca bem

refogadinha, com tomate, cebola, depois passava aquela couve fininha, depois comia aquele angú. Quiabo, minha mãe gostava muito de ensopadinho de abóbora com carne seca, quiabo, no domingo tinha galinha, a gente tinha quintal, meu irmão matava duas galinhas.

Eu durmo uma hora, duas horas da manhã. Vejo novela. Agora aquela Paraíso. Eu saio muito. Faço visita e tem um processo lá no INPS do meu filho, ele deixou pensão, mas não me declarou, três anos já vai fazer agora 21 de junho que ele faleceu. Eu estou andando lá no INPS, tenho que ir lá. Agora arranjei uma pessoa que vai ver pra mim. Mas saio, faço visita e palestra, como estou aqui. Todo mundo vem na minha casa. Fui convidada pra ir lá na Praia Vermelha, dia 8, três horas. O rapaz marcou de passar pra me apanhar. Hoje eu vou lá pra Cinelândia no aniversário da vó Maria. Deixou três recados, mandou convite. 98 anos. Aí eu vou no aniversário dela lá na Cinelândia.

A missa é na igreja de São Benedito. Ali na Uruguaiana. De lá nós vamos pra Cinelândia para o Amarelinho. Elas marcaram quatro horas. Mas tô achando muito cedo. Mas quatro horas pro pessoal chegar, mas não é não, é cinco horas, seis horas. É bom, fica de conversa com um, com outro. Só vou eu e a Adriana, né Lazir? Ela é minha parenta de sangue. O pai dela é meu sobrinho e afilhado. É minha sobrinha neta.

Lazir: Quando criança eu vinha visitar, né tia Maria? Eu vinha visitar a família toda, porque eu nasci em Vista Alegre. Em alguns domingos tinha passeio na casa da minha avó, Noemia, por parte de mãe, em Irajá. Em alguns fins de semana tinha passeio aqui, na Serrinha, vinha ver minha avó que morava na Balaiada, vinha na casa da tia Maria, adorava vir porque aqui tinha minhas primas Marcia, Telma, a gente brincava ali fora, a tia Maria sempre com o maior jeito com criança, agradando e a gente gostava de ouvir as histórias da tia Maria, eu era apaixonada pelos bife da tia Maria. Eu falava pra minha mãe, eu quero um bife igual o bife da tia Maria.

Tia Maria: Lazir, e a salada? Fazia aquela salada enfeitada, cebola, ovos, couve-flor, ela olhava: "Eu não quero essa comida". "Porque não?" e ela: "Eu não, parece um enterro". Por causa do enfeite. Ela olhava assim: "Eu não, parece um enterro".

Lazi: Nossa, adorava vir na tia Maria. E aqui a gente já ia vendo esse universo do jongo. Eu lembro de uma festa, não sei se a tia Maria lembra, lá na antiga Pescador Divino. Eu lembro que eu era muito pequena, porque o chão estava muito perto, eu estava vendo o chão de pertinho, eu via todo mundo descalço dançando jongo, aquela festa, não lembro de quem era a casa ali. Tinha um quintal, eu lembro que fiquei impressionada vendo a tia Maria dançar, vovó Maria Joana, Mestre Darci. Mas foi aqui no cantinho, aqui na sala dela que eu aprendi a dançar o jongo que a tia Maria me ensinou e era um momento mágico aqui, vestia as saias do jongo, uma coisa assim, eu me sentia jongueira vestindo as saias que a tia Maria emprestava. A gente dobrava, tenho até uma foto em casa, dobrava porque a saia era comprida. Aprendendo a dançar o jongo. Depois a tia Maria traz, como até hoje ela continua ensinando aqui a criançada dançar. E por ser bailarina eu fui escolhida pra ser a profesora de jongo aqui da criançada. Aí tenho o maior cuidado de ensinar direitinho como Tia Maria ensinou.

A gente não usava saia ainda na escola de jongo. Aí tia Maria foi uma vez assistir aula, "que pobre, essas crianças!". Aí virou uma tradição da escola, tem muitas saias e a criançada hoje vive esse momento mágico que eu vivi de vestir a saia do jongo, se sentir jongueira, eles dançam muito bonito, a gente mantém viva a tradição de pé no chão, a vestimenta, os tambores, fazendo a saudação, os tambores e sempre que a gente pode a gente acende a fogueira também. Tia Maria acende aqui no quintal às vezes a fogueira.

Tia Maria: O significado da fogueira eu não sei. Eu faço, mas não sei. A fogueira existia porque era festa de São João, São Pedro, Santo Antônio, Santana, sempre tem fogueira. Então é isso, o pessoal acha que o jongo tem que ter a fogueira, mas acho que o jongo não tem nada a ver, mas como é tradição...

Meu primeiro ensinamento é o jongo mesmo, a dança e respeitar. Eu digo, jongo é uma dança de respeito, não é uma dança de estar dançando por farra, é uma dança de respeito. Quando chegar no tabu, for dançar o jongo, se benze, pede licença. Porque dizem que o jongo é uma dança dos escravos. E a dona Maria dizia que onde bate um jongo que os escravos estão ali, aquelas almas estão ali, então a gente tem que respeitar, rezar um Pai Nosso em intenção daquelas almas. Eu falo isso pra ele.

O pé sempre no chão. A saia comprida, agora o tecido pode ser qualquer um. Tem que ser uma roupa comprida. E o passo, é de matar barata. Você dança assim, ó, é isso. Faz isso, mas você vai pra lá, vem pra cá, roda, dá umbigada, umbigada de longe. Mas o pessoal antigo dava umbigada mesmo. Tuã (uma criança):
Ela é minha avó.

Tia Maria: Não é não, sou tia dele. Me chama de vó, que bom. Ele não sabe dançar, não. Ele mora lá no Coritica. Tu veio pra ficar ou vai embora agora?

Tuã: A minha mãe está trabalhando aí, porque hoje eu estou se mudando. Tia Maria: Você vai morar com sua avó. Que bom. Cuidado com o mar, hem?

Tuã: Eu sei nadar.

Tia Maria: Eu sei. Vai nessa.

Tuã: Eu nem sei que bife é esse. Eu nem sabia que eu vinha hoje. Tia Maria: Mas veio. É uma coisa.

Tuã: Eu sei dançar o frevo.

Tia Maria: Como dança o frevo? Só isso.

Tuã: Eu vejo todo mundo dançando, eu aprendo. Eu juntei o passo de cada um, juntei tudo e ficou isso.

Lazir: O jongo da Serrinha a gente ficou muito feliz e a gente tem um aprendiz de griot, tem o griô mestre, que é a Tia Maria do jongo e esse ano a gente está com mais duas pessoas muito importantes aqui dentro da Serrinha que é a Deli Monteiro que é neta de vovó Joana que também vai ser griot e a Luiza Marmelo que também é cantora do jongo da Serrinha e ela também vai ser griot. Griot para a criançada aqui da Serrinha é maravilhoso, poder ouvir as histórias, contação de histórias. Então Tia Maria contar as histórias da Serrinha é um momento mágico, a gente saber fatos, detalhes do que acontecia antigamente, faz a gente viajar, visualizar a Serrinha antigamente. E quem mora aqui ou gosta da Serrinha é maravilhoso porque a gente percebe através dos tempos a evolução do lugar e a gente consegue reviver momentos já vividos por jongueiros antigos, visualizando mesmo. Quando a Tia Maria conta a

história do boi, por exemplo, eu imagino, visualizo a Tia Maria mais jovem, vivendo tudo isso na comunidade. E pra criança é maravilhoso, ela vai ter uma referência, ela ver que as histórias que ela vive, porque as histórias que a Tia Maria conta são parecidas com as histórias que ela vive no cotidiano, ela também passeia pela Serrinha, ela também brinca pela Serrinha, ela também vive situações. Hoje em dia não é como antigamente. Antigamente, eu imagino uma Serrinha muito mais tranquila, com muito mais paz, hoje em dia a gente não vive muito esse universo, por isso da importancia do griot para a gente poder imaginar e sonhar com uma Serrinha no futuro como uma Serrinha do passado. Eu acho que a gente vai ter muitas histórias dos jongueiros. Por isso é importante a paixão que eu tenho pelo jongo na Serrinha, pelo trabalho que o jongo desenvolve aqui, porque eu vejo um futuro assim pela frente.

São contadas histórias de onde moravam, dá pra gente visualizar também, desses jongueiros na fazenda, dá pra gente ter uma noção de como o jongo era, como torna real e facilita pra gente manter essa tradição. Minas, então a gente pode visualizar Minas Gerais antigamente. E a criançada estudando história na escola, essa parceria com a escola. Amanhã já tem uma reunião aqui na escola de jongo, com a Tia Maria, pra decidir que eventos nós vamos fazer, o que a gente vai mostrar pras crianças pra homenagear os velhos também e fazer a festa em maio, planejar o ano inteiro. Então, tem histórias de outros lugares e histórias vividas pela Tia Maria, porque o jongo viaja muito também, em seus próprios espaços e com outras culturas de outros estados. ■

Íamos nos apresentar na Casa de Cultura Laura Alvim. Aconteceu que, naquela Casa de Cultura, mais duas peças também iam entrar em cartaz. Estava se mostrando inviável, portanto, montar três peças ao mesmo tempo, se não havia lugar para todas ensaiarem. Então, queriam nos colocar para ensaiar num galpão, lá no Centro. Imagine levar e trazer de volta um elenco de 30, 40 pessoas, todo dia. Então pensamos que era imprescindível que tivéssemos o nosso lugar no Vidigal. Foi quando descobrimos essa casa vazia, aí o Guti observou que essa casa estava vazia há muito tempo, que ela tinha dois salões, talvez desse. Quando a prefeitura localizou a casa, localizou igualmente uma dívida de IPTU. Ninguém sabia nada sobre a casa, nem a sua proprietária conhecia a existência da casa. O marido dela tinha feito a casa sem ela saber. Se a gente tivesse entrado aqui sem a prefeitura, talvez essa casa fosse nossa, mas não era. A gente ficou aqui, todo esse tempo, a Prefeitura já usando, abatendo dela o IPTU. Quando acabou o contrato com a Prefeitura, começamos a nos preocupar.

Eles levaram a casa a leilão, e saíram daqui o Guti e a Zezé, pois não tínhamos dinheiro mesmo, pelo menos gritar em algum momento: "Esse leilão é uma coisa que vocês não podem fazer". Aí o IBISS, uma ONG, comprou a casa. Na verdade a casa é do IBISS, cedida a Nós do Morro.

Ai meu Deus, nem sei se sou poderosa. Eu tenho a sensação de que essa mulher da periferia sempre existiu. Mas é tão engraçado, as pessoas pensarem no nosso poder, mas eu acho que não sou nada. Na verdade, eu sou apenas igual a milhões de outras que busca coisas, que querem coisas. A periferia é o espaço do pobre, digamos assim, a periferia é o pobre, não importa onde exatamente está localizado, a gente sabe que é o cara que está a margem do que seria o conceito de cultura, de grana, de bem estar. Ontem mesmo, eu fiquei muito chocada ao ler o Ancelmo Gois, numa nota sobre esse menino, o Adriano. Puta que pariu, porque o homem não pode ir à favela? Se foi à favela é porque ele foi para lá somente para cheirar ou fumar maconha. Eu nem acredito nisso. Eu falei, puxa, mas se ele tivesse cheirando há quatro dias ele não estaria mais acabadinho? E, no entanto, ele estava tão bem. Ao mesmo tempo, depois da entrevista dele, veio o Parreira. Está perdido, o menino está perdido, porque, em algum momento, ele disse, emocionado, que se sentia melhor dentro da favela do que na Itália. A Itália um frio do caramba, imagina esse menino tendo que correr todo dia de manhã, ninguém pensa no que é a vida de um atleta. Então, ontem no Ancelmo Góis lermos também essas mesmas coisas! Eu gosto muito dele, mas fiquei decepcionada e, colocar a favela em função da felicidade, colocados nesses termos: como alguém pode ser feliz num lugar que naturalmente é imundo; na maioria das vezes, como ele usou as palavras mais ou menos, não lembro exatamente, mas era assim, sem esgoto, como se



quisesse medir a felicidade do ser humano, no caso, do Adriano, apenas monetariamente. Nós sabemos que não é assim, senão isso aqui já teria explodido de angústia, as pessoas já teriam todas se matado de angústia, ninguém iria agüentar. Então, eu nem sei o que teria acontecido. É tão difícil esse espaço! qualquer pequena projeção que alguém daqui venha a ter, e isso é muito forte, as pessoas se perguntam sempre na direção desse sentido. Eu acho que sou normal, tive uma formação mediana, de escola pública. Eu nasci na Rocinha. A minha família por parte de pai veio do Nordeste, é toda de lá, da Paraíba, da cidade de Alagoa Grande. Mas hoje quase ninguém mora naquela cidade, todo se mudaram para João Pessoa, minha avó, minha tia e o restante da família veio para a Rocinha, moravam na Rocinha. Eu era muito nova quando meus pais se separaram, então fomos morar em Maricá e foi muito bom, considero que foi um momento especial na minha vida. Eu virei rapidamente uma criança de roça, onde se tem liberdade, onde se pode sair de casa sem que a avó fique correndo atrás, "Oh meu Deus, onde está essa menina, foi atropelada, foi roubada, está no tráfico?". Nem se pensa nessas coisas. Sair da Rocinha para a roça foi bom demais, eu era muito livre. Era até meio doido, saíamos pela rua, ninguém sabia onde estávamos, pegávamos umas caronas e se alguém falasse assim: "Você conhece meu avô Geraldo?", ouviria de volta: "Conheço". A gente pegava carona que nos deixava ali mais na frente e a gente estava indo nem se sabia para aonde. Então era um lugar muito amigável.

Aos oito anos, viemos para cá, porque minha mãe trabalha até hoje numa casa do lado do Vidigal e essa travessia dela Maricá-Rio, Rio-Maricá tornou-se um negócio absurdo, ficou realmente muito penoso, a ponto de a gente ficar a semana toda com a minha avó e ela só voltar para casa às sextas-feiras. Porque não tinha como. Impossível. Era trabalhar para pagar a passagem de ida e volta, todo dia. Por isso, viemos morar aqui. Minha mãe é bem carola, de brisa. Eu brinco com ela, sou filha de igreja, você vai casar com o padre. Tadinha, ela fica uma arara, mas é porque ela é uma mulher muito carola. Em 80, o papa veio aqui no Vidigal e o Vidigal ficou muito famoso, apareceu na TV. Essa favela incrível foi abençoada pelo papa e aquilo mexeu muito com minha mãe que veio com a patroa dela, estavam trabalhando, largaram tudo e vieram ver o papa entrando no Vidigal. Isso mexeu muito com ela. "Puxa, então a gente vai mudar, a gente vai mudar para o Vidigal, porque é a favela abençoada pelo papa". Quando subo de moto táxi aqui, eu até acho que é mesmo, porque senão já teria acontecido muito mais tragédias além das que já aconteceram. Porque o lugar é muito doido, cresceu demais numa velocidade muito grande, até o trânsito é louco. Mas viemos morar aqui nessa rua onde eu moro hoje. Aqui era bem mais separado. O lado de lá era a favela, aqui era o bairro do Vidigal. E esses dois lados não se misturavam, não se podia ir para favela. Favelado aqui, de um lado, e os moradores do bairro do Vidigal no outro. Isso era muito forte. A maioria foi embora, mas era uma área onde tinha muitos portugueses, de classe média, classe média alta, os donos das casas e dos prédios de aluguel, donos dos mercados, donos dos açougues, donos de tudo, os donos do Vidigal. Eles moravam todos nessa área e, também, nessa época, em 82, era extremamente habitada por artistas, era um lugar legal, perto da zona sul, os apartamentos eram legais, bem baratos. Tinha essa separação e uma coisa meio rica mesmo. As meninas daqui não passavam pela rua principal com muita facilidade não, pois corriam o risco de serem rapidamente emboladas ali. Era uma richa bastante pesada, quanto a essa coisa de ser favelado e não ser favelado. E o que dividia isso era apenas uma rua. A rua principal, então era bem engraçado, porque quem estava do lado de cá da rua principal, a presidente João Goulart que na época se chamava Estrada do Samba, estava no Vidigal.

Todas as ruas aqui tinham nomes indígenas, depois esses nomes foram sendo substituídos uns, pela igreja, as de lá foram substituídas por nomes dados pela igreja, depois do papa, mas aqui o Jango ganhou essa rua nem sei por quê, mas chamam de avenida. Até encarnavam, porque na escola eu aprendi que avenida é um negócio que dá em algum

lugar, tem um início e deságua em algum outro lugar. Esta deságua dentro da pedra, não tem saída é a única avenida que não tem saída, vai dar dentro da pedra. E deram para o Jango, justo essa avenida que não tem saída, coitado. Era muito engraçado, porque o lado de cá não era favelado, mas o lado de lá da rua era favelado. Então eram os favelados contra os não favelados, um de frente para o outro. Era uma época engraçada. Isso aqui era muito menor, esse paredão não existia, era tudo árvore, tinha um barraco aqui, outro lá. Era uma favela bem menor. Essa parte meio concha, aqui, a favela hoje gruda na encosta, mas antes não grudava não, essa parte não existia. Então a gente conseguia ver com mais nitidez aquela separação ali, entre os dois lados. E aqui, desse lado, tinha umas mansões construídas. Tinha a casa que foi vendida agora para o alemão quer fazer do Vidigal um lugar aprazível do Rio de Janeiro. E a gente morava aqui em meio a todas essas loucuras e esses casarões, onde fizemos amizade. Tinha aqui uma galera bastante pobre, no meio dos remediados, já tinha uns favelados do lado de cá, que ficaram com um terreno, sabe Deus porquê e caíram ali naquele espaço. Mas quando minha mãe viu a possibilidade de comprar uma casa, a nossa casa era descendo aqui, num lugar que se chama 314, porque era considerado o lugar mais perigoso aqui do Vidigal, nos anos 80, porque tinha boca de fumo. Lá em cima, um barraco ou outro, mas já podíamos perceber alguém com alguma arma e, com o intuito de vigiar, o sobe e desce, e, como ele é muito próximo, podemos ver a Avenida Niemayer. Era o único lugar onde tinha boca de fumo. Mas lá a gente podia comprar um barraco, a gente queria sair do aluguel e ela chamou a gente num jantar: olha, nós vamos mudar. "Ah, de novo?" Desde que nós vimos de Maricá quase todo ano a gente mudava de casa. "Caramba, de novo, a gente vai mudar, estamos num bairro legal, vamos sair do bairro.". "Não, a gente vai mudar aqui no bairro mesmo, a gente vai pro 314". Minha irmã começou a chorar. "Eu não vou ver mais meus amigos, ninguém mais vai me visitar.". Ela não estava errada não, foi exatamente o que aconteceu. Ela começou a chorar, arrumou uma confusão, vai, não vai, arrumaram uma brigalhada dentro de casa. A casa era da mãe e, portanto, nos mudamos com ela para o 314. E aconteceu mesmo o a minha irmã temia. A partir dessa mudança, algumas amigas que eu tinha aqui, nunca mais me convidou para seus aniversários, nunca mais soube delas, não me deram mais nenhum bom dia na rua. É, foi muito forte. Mas foi bom também porque eu fiz outros amigos, ganhei amigos, muito mais legais, menos preocupados com isso. Talvez, porque já estavam na merda mesmo. Isso era o que menos preocupava, agora, se o amigo tem ou não tem mais dinheiro. Foi mais legal tinham boas idéias, eles se divertiam. Mudar para o 314, realmente, significou morar num lugar difícil, difícil de estar, ainda não tinha uma urbanização básica. Até a metade da rua, onde o Papa tinha passado, tinha sido pavimentado de cimento e a outra metade ainda era de barro. Até onde o papa passou eles botaram cimento, e deixaram o resto da rua no barro. Demorou mais ou menos um ano e meio para chegar pavimentação. Era um lugar difícil, mas era um lugar de uma vista tão absurda, que eu sinto falta de lá até hoje. Eu já não moro lá há 12 anos, eu sinto falta da sensação de acordar e abrir a janela e ficar parada ali, vendo o Cristo, o Pão de Açúcar, Arpoador, Niemayer. Tínhamos a visão de quem estava chegando no morro. Eu adorava. Eu sabia quem tinha descido ou quem tinha subido, quem foi à praia e para qual praia, era uma delícia, sinto falta de lá, daqueles momentos. Mas ali foi ficando cada vez mais complicado e apertado. Porque essa casa que a minha mãe comprou, era junto de outra casa do vizinho, num pedaço de terreno bem comprido, virado para a nossa casa e que foi vendida para três ou quatro famílias. Então o lugar foi ficando, cada vez mais, com menos espaço, foi ficando realmente super populoso. Foi tomando essa característica.

Eu estava estudando, mas não mudei de colégio. Só mudei de escola, quando nos mudamos de Maricá. Quando chegamos aqui, iríamos estudar no Stella Maris. A minha mãe chegou a levar uma carta, na tentativa de pedir uma bolsa. Mas o Stella Maris, na época, era um colégio tão absurdamente rico, que ela percebeu que haveria uma série de dificuldades. Foi quando a minha madrinha falou: "Será que é isso mesmo, será que você vai agüentar?". Porque

era lista interminável e dispendiosa de material, além da escola ter uma série de programas e passeios que não poderíamos deixar de ir, uma série de coisas, que poderíamos até ganhar uma bolsa, mas não conseguiríamos cumprir essa outra parte da história. Acabou que nós ingressamos numa escola pública, a Almirante Tamandaré. Então, quando fomos morar no 414, não precisou mudar de escola. O que pegou mesmo foi mais a coisa da rua, os amigos que perdemos da antiga rua. No início, nessa escola, havia uma diretora muito forte. Era mais ou menos em 85 e a escola recebia um bom incentivo da Marinha. Quando vieram as Diretas, aquela diretora abandonou a escola, que tinha sido reformada, que nos proporcionava passeios, que tinha até uma espécie de professor que ajuda [hoje são chamados de explicadores] e, por isso, recebíamos as aulas de reforço. Eram professores tipo voluntários da Marinha que ensinavam, não eram professores do estado. Sei lá, eles ganhavam da Marinha que os mandava e não deviam nem estar ligando, pois tinham um salário. Imagina o que eram os salários dos militares naquela época. O que mandassem fazer, qualquer coisa, e ainda mais dar aula, que não era um trabalho tão pesado, eles deveriam até agradecer. Depois que acabou a ditadura militar, a escola caiu muito. A minha memória das 6ª, 7ª e 8ª séries são todas de greve, eu sendo passada, passada, não tinha nem como reprovar ninguém, se não tinham dado as aulas para os alunos. Lembro que até a 5ª série, tínhamos programas muito legais na escola e depois da 6ª, uma greve, que foi pequena, quando voltamos era aquela correria para dar conta das matérias que tinham que ser cumpridas. Na 7ª série, não tive aula, eu fui passada. E aí, não sei por que cargas d'água, eu entrei num colégio chamado Infante Dom Henrique, é um colégio que fica lá em Copacabana, para fazer o segundo grau, na época, hoje nem é mais isso.

Minha mãe queria que eu fosse professora, que entrasse para o Colégio Teixeira do Amaral. Queria que quando eu me formasse já sáísse dando aula. Bem ou mal já poderia se enfiar em qualquer escola, creche, fazer concurso, qualquer coisa e tentar dar aula. Mas a minha irmã tinha ido para esse colégio e não tinha dado certo, ela não gostou de lá, era a maior contradição. Ela é pedagoga, trabalha há 15 anos numa escola e ficou fugindo só porque era imposição da minha mãe, e foi fazendo o mesmo percurso às avessas, com muito mais sofrimento. Se tivesse seguido a minha mãe, certinho, tinha dado tudo certo.

Ela tinha essa coisa. Mas eu acho que era mais por conta dessa escola que, já no segundo grau dava possibilidade. Não tínhamos que cumprir os anos da faculdade para conseguir alguma coisa. Mas eu não queria, eu me recusava, já tinha aquela impressão de que tudo estava errado, e isso não estava me seduzindo. Fui para essa escola. Eu tentei o Martins Pena também, mas eu não passei. Aí eu vou encarar escola que era considerada uma boa escola. Devia ser mesmo. Para mim era tudo grego. Nossa, eu olhava aquilo, não entendia nada disso, estava viajando, não conseguia acabar, repeti o primeiro ano três vezes, nunca tinha repetido na minha vida. Até me considerava uma boa aluna, gostava de ir para escola, gostava de estudar. Eu lembro que na minha época estudar também tinha um pouco de vínculo social. Era uma escola que tinham as festas, era uma escola que você conhecia as pessoas, começava a namorar, fazia amigos. Não era como hoje, qualquer adolescente sai, vai para o shopping, sai sozinho, vai ao cinema, fica na rua, não era muito assim. Minha mãe era muito temerosa, tínhamos horário para chegar em casa. Então essa escola também tinha uma abertura que favorecia o conhecimento entre as pessoas, do ponto de vista do social mesmo, para o adolescente. Hoje em dia é o MSM. Dizem eles que se conhecem ali, clicando o tempo inteiro. Mas então, no meio desse ano, eu era muito nova ainda, eu tinha 15 anos, lembro que tinha uma turma, toda de 16, 17, era o primeiro ano nessa escola e eu ia fazer 15 anos, tinha 14 anos. Eu lembro que nos meus 15 anos eu não fui à escola na sexta-feira, porque a minha festa de 15 anos seria no sábado. Iria fazer cabelo, uma loucura. E quando foi na segunda-feira de manhã saiu a greve. E aí foi maio, junho, julho e agosto, quatro meses de greve no estado. Em

setembro eu resolvi abrir o jogo para minha mãe. Fui uma semana na escola, e a greve já tinha voltado. Eu não entendia mais nada, não sabia o que eu estava fazendo ali, naquela escola. Foram quatro meses. Eu já estava numa dificuldade, só ia à aula de artes, essa eu ia porque era ótima, a professora gostava de dar técnicas novas, dava trabalho sobre a cidade do Rio, então a gente desenhava, por exemplo, o Outeiro da Glória, isso eu adorava. Agora, das outras aulas eu fugia, virei um cão sem dono. Depois, de uma semana sem passe livre, minha mãe pagando as passagens, me veio uma culpa, eu não poderia fazer isso com ela, porque, nos três últimos dias eu tinha ido à praia. Desci na praia mesmo fui encontrar os amigos da praia. Mas não poderia fazer isso com ela. Aí, eu peguei e contei: "Estou há uma semana sem ir às aulas, estou com notas muito baixas, impossível para mim, eu preciso que me dê esse resto de ano, eu fico aqui fazendo o que você quiser, faxinando a casa todo dia, o que você quiser, vou para o seu trabalho com você, agora, não me mande para a escola porque não vai funcionar. Ela ficou muito nervosa, e achou que era um abandono. Mas não era, na minha cabeça já não era. Então ela falou que tudo bem, mas eu iria mudar de escola. Mãe, coitadinha: "São as más companhias!". Companhia nada, eu não acredito nisso. Se meu filho vier com essa, eu vou falar: "Sinto muito, para com essa palhaçada. Assume o que você está fazendo, para de acusar as más companhias porque essa não cola para mim". Ela veio com essa, e depois eu mudei para esse colégio André Morruat, que minha mãe no início não queria, porque a fama desse colégio era de um colégio de esportista. O negócio dele era, os jogos de vôlei. Mas ainda tinha professores muito bons, era um bom colégio. E eu fui fazer o turno da tarde, tomei pau, mas tomei pau estudando. Mas eu tive uma 7ª série de greve, pior é isso, é a minha realidade e como vai ser, preciso de ajuda, senão não vai rolar. Entrei para o grêmio, minha mãe achou que foi péssimo, mas eu escrevia no jornal e achava que o Grêmio realmente era uma beleza. No ano seguinte ela falou: "Você vai para o turno da manhã". Fui para o turno da manhã e fui fazendo. O último ano ainda foi bem sofrido porque passei para o turno da noite, comecei a trabalhar, e aí já tinha começado com o Nós do Morro.

Aí foi de lascar, eu trabalhava, passei do primeiro ano para o segundo ano com 17 ia fazer 18 anos. Era bem barra pesada, tinha que trabalhar, não dava mais para o meu pai e para minha mãe pagarem tudo pra mim. O meu pai estava com dois filhos, uma com a idade de oito, nove anos, numa idade que gasta muito, a vida apresentando coisas, as crianças querendo coisas, queriam sair, queriam viajar, queriam ir ao cinema, a gente não agüentava mais aquele cinema no dia do aniversário, um parque de diversão por ano, uma roupa no Natal, as coisas iam ficando muito pesadas. Na minha época não existia Camelódromo, não existia Uruguiana, você não podia ter um Nike, mesmo que ele fosse foder sua coluna, mas ele é lindo, você vai para festa, você pode tirar uma ondinha no shopping. Ou você tinha ou você não tinha. E quem não tinha, todo mundo sabia que era pobre. Podia chegar aonde chegasse, todo mundo ia saber, isso era muito forte. O importante eram as lojas como Cantão ou Redley. Eu fiz um buraco aqui no meu pé, deformado por causa desse tênis, devia processar a Redley. Faz um negócio caro como esse, para todo mundo usar, que me prejudicou. Veja bem, botei um negócio no pé, para ir a uma festa, que ganhei de aniversário, que tinha sido tão sonhado e voltei da festa com um calo que nunca mais saiu. Mas isso é muito forte. E eu fui trabalhar de burocrata numa loja chamada De Plá e me botaram no balcão. Toda semana punham anúncio no jornal: "Venha para a De Plá", eles pegavam qualquer um, sem experiência nenhuma. Depois, saiu a burocrata da loja, e eles chegaram pra mim: "Você vai ficar no lugar dela". "Mas o que é?" "Não, é super simples, você fica lá..." Me jogaram num quadradinho desse tamaninho, tipo depósito, onde guardavam tudo, e tinha uma mesinha. Eu nunca tinha trabalhado naquilo, eu tinha que fechar o caixa. Eles vinham, os vendedores, uns ratos de balcão, com aquela papelada, e traziam uns papezinhos para fechar as contas, sem calculadora, era a primeira vez que eu via uma maquininha de conta, fizeram isso comigo. Tinha nota fiscal, essas coisas, e me jogaram lá, deixaram uma semana,

sem me perguntar o que estava acontecendo. Um dia o gerente estava muito vermelho, o cara estava quase passando mal, ele gritava, eu olhava para ele, comecei a chorar de medo, eu não conseguia nem entender, ele estava tão nervoso. Ele sacudia um talão desse tamanho de nota fiscal, gritava e falava. No final, ele disse, eu quero saber o que você fez? Eu: "Eu errei. Eu joguei no lixo." O cara quase morreu. Eu joguei daqueles livros grandes de caixa de nota fiscal no lixo. Nunca ninguém me disse que eu tinha que cancelar. Na primeira eu errei mesmo, na segunda eu achei que a letra não estava boa. Eu fui demitida. Mas não me perguntaram, eu falei, estava na minha ficha que eu nunca tinha trabalhado. No máximo fui cuidar de uma criança, "Ah, você pode fazer, vou te dar um trocadinho", era o máximo que eu tinha feito de serviço.

Quando fui mandada embora, no fundo eu gostei, vou ser sincera, porque eu já estava lá há um mês, querendo sair, mas pensava: "Como vou dizer para minha mãe que vou largar o emprego?". Um tempão procurando emprego, eu começo a trabalhar e vou largando assim? Mas não estava agüentando, um lugar sem janela, eu não via nem a luz do sol, estava enlouquecida, ficava o dia inteiro trancada, rasgando nota fiscal, era o que eu ficava fazendo lá. Fiz um pouco de drama para minha mãe, chorei, chorei, mas eu fiquei muito magoada, porque o cara lá foi muito terrível, ele gritou muito, me esculachou de um jeito que eu nunca tinha visto na minha vida. Nem minha mãe falou comigo alguma vez daquele jeito. Se ela não aprovava algo: "Não faz isso", mas sem agredir. Eu fiquei em casa. Dentro de uma semana eu fui chamada para trabalhar numa creche. Como eu tinha feito inscrição para tudo que é lugar, a creche me chamou para fazer um estágio durante duas semanas, 15 dias. Me dispensaram e falaram, olha, a gente vai entrar em contato. Logo depois, eu descobri que eles faziam isso, eles tinham sempre um estagiário ao qual diziam que estavam testando, aí você ficava fazendo tudo durante aquelas semanas, às vezes saía de uma sala para outra, cumprindo aqueles horários e não pagavam. Aí pensei: "Ai meu Deus! o que vai ser de mim?". Mas a minha irmã já trabalhava numa outra creche e coincidiu que houve um problema muito sério lá com uma das recriadoras que, meio irritada, apertou o dedo de uma criança, essas coisas, e ela foi despedida. Aí eles precisavam de uma pessoa imediatamente, que fosse pelo menos de confiança, porque a mãe da criança já tinha passado por aquilo. Eu tinha acabado de fazer aquele estágio e a minha irmã falou de mim: "que não tinha muita experiência, mas tinha feito um estágio recentemente, que apertar o dedo de uma criança, posso garantir a vocês, ela não vai fazer". E aí me aceitaram lá como auxiliar de recreação no lugar dessa louca que tinha saído de lá, que estava aterrorizando as crianças, e aí eu entrei e foi muito legal. É um trabalho que eu falo que eu faria eternamente, e uso até hoje um pouco dessa experiência na creche durante seis anos.

Trabalhei do segundo para o terceiro ano e, quando já estava no terceiro ano, foi um ano difícil, no finalzinho até passei para o turno da noite. Quem estuda a noite é realmente muito sacrificado. Eu saía da creche às seis horas, pegava das quinze para as sete no colégio. Passei, mas ficava muito cansada, de saco cheio. E eu que gosto de estudar de manhã. Na creche, não tinha esse peso, mas criança não para. Você tem que entrar na onda deles. Não adianta, nós queremos ler história, eles querem fazer outra coisa, guarda o livro de história vai fazer outra coisa, que não adianta, eles não vão sentar. Se não for o horário que eles estão pré-dispostos a fazer uma coisa, não adiante propor nada. Não é como você programar uma aula para adolescente ou adulto. Nesse final de ano eu passei. Tentei engatar, eu precisava engatar para passar no vestibular, enquanto tinha alguma coisa fresca na minha cabeça. Eu fiz. Tentei três anos seguidos. Tentei Arte Cênica, Licenciatura. Tentei UNI-RIO, tentei para UFF, tentei para UFRJ. Na UFRJ cheguei a tentar Pedagogia, não passei em nada. Na UNI-RIO, por duas vezes, fui passando nas provas e cheguei a ir até a banca examinadora, nas eliminatórias, mas a banca era um negócio assustador. Então, naquele terceiro ano

aconteceu muita coisa junto. Primeiro porque eu estava terminando a escola, aí eu tinha vontade de ingressar na faculdade e comecei a fazer um curso de final de semana de teatro. Porque eu queria muito, mas em casa era uma guerra grande. A minha irmã já havia trabalhado no grupo de teatro, na primeira turma, em 1987, e chegou a fazer dois espetáculos. Era a primeira turma do Guti. Foi uma guerra na minha casa. Porque a minha irmã é ariana, em vez dela ser a criatura do jeitinho, ela nunca foi, sempre foi a irmã mais velha e aí eu pegava a carona dela na briga, ela tinha que brigar.

Nossa Senhora, meu Deus do céu. Hoje em dia isso é um paraíso, mas antes tinha um pouco aquele mito do artista que é um doidão e vagabundo, não serve para nada, as mulheres são prostitutas, os homens vão virar veado, são todos uns drogados. No início era muito forte, o Guti era um louco, um louco de pedra. Acho que teve momentos que ele fingia, sabe? quando você finge que não está vendo? Tem que fingir senão você também se magoa de uma tal maneira que pode paralisar.

Mas eu ia assistir peças desde os 13 anos, quando minha irmã estudou na CAL. Eu era freqüentadora assídua, tinha peças que eu decorava e podia falar o texto inteiro. O Guti falava, faltou um ator, quem pode vir aqui dar o texto? "Eu sei fazer o texto todo". Mas quando começou a abrir para crianças, foi num primeiro momento em que o Guti montou um espetáculo chamado "Show da Infância" voltado para o público infantil. A maioria das peças que montavam aqui, eram proibidas para criança: Nelson Rodrigues, as mais barras pesadas, e as crianças ficavam na porta, não deixavam que elas entrassem. Eles estão na rua, estão ávidos muito mais do que os adultos porque estão cheios de coisa para fazer, tem uma vida, já estão carregando uma vida nas costas. Esse argumento era muito forte. Então o Guti criou esse show das cinco. Mas, voltando, tinha essa guerra em casa. Então, eu não podia, no meio daquela confusão falar: "Ah, eu também queria fazer isso" pois a minha mãe capotava. Então eu fui deixando. Tem a história da escola, a escola também não é fácil, é preciso estudar muito. Eu sempre falo que a gente tem que cuidar dos adolescentes, a gente tem que ter uma grade que não consuma suas forças todas, de maneira que eles consigam estudar e ainda cumprir essa vida estudantil que é muito pesada. A escola consumia muito a gente. Chega em casa ainda tem que dar conta de deveres com muitas coisas para entregar. Eu fazia na época aqueles cursos que toda mãe quer que faça, datilografia. Eu roubava, nunca fiz uma prova daquela completa. Eu digitava metade da prova, fingia, mas fazia curso de computação, que depois mudou tanto. Quando eu vim realmente a ter um computador e precisar dele, não se usava mais o que eu aprendi. Então isso consumia muito o meu dia.

Então, nesse período que eu comecei a fazer história, fazia teatro no final de semana, e, assim, minha mãe não ligou. Eu estava trabalhando, estudava, não estava com notas baixas, estava tudo certo. Não estava tirando do horário do trabalho, nem da escola, então estava ótimo: "Essa menina estava encaminhada, ela estava feliz da vida". E aí nesse processo durante esse ano, eu fui a um casamento e conheci o Lúcio, já conhecia, mas não tinha muita intimidade, que era um menino que fazia parte desse grupo. Aí ele contou um pouco como era o grupo, o grupo passava por momentos difíceis, mais um momento, sempre... mas esse estava muito brabo, tinham perdido a sede, estavam saindo do Djalma Maranhão, vindo para o Almirante Tamandaré, que estava abrigando o grupo.

É que o grupo já tinha um pequeno acervo, já tinha três peças montadas no currículo, e vê as coisas se acabando, figurino indo embora, cenário indo embora, era muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, uma coisa muito engraçada, o Lúcio, por exemplo, estreava com o Cacá Diegues o filme Veja essa canção, onde tinha sete, oito, nove, elencos do

grupo. Era também um momento de esperança. Isso também sempre aconteceu com a gente, que a partir de um filme, alguém ver também um momento de esperança. Tudo bem, a gente está aqui. Mas tinha algumas coisas acontecendo. Eu me inscrevi como aluna, mais ou menos. Depois de uma semana, eu chego em casa minha mãe fala assim: "Aquele menino do teatro te procurou..." e, já assim, temerosa "prá que?" e como quem não quer nada: "Ele falou que o Guti quer falar com você. O que o Guti quer falar com você?" eu falei: "Não sei, mãe". Mas eu dei sorte porque esse menino, em especial, que foi me procurar, era filho de uma amiga minha desde pequena, que a minha mãe amava e cujas famílias se davam super bem, era uma família bem quista, família boa. Por isso ela não se chocou tanto. Se fosse qualquer outro menino teria sido mais complicado. Mas eu fui ao encontro que Guti, tinha marcado encontro comigo. O Guti é muito doido, ele é muito franco, às vezes ele até brigamos com ele, porque ele fala as coisas sem pensar melhor, quando vu, já falou.

Ele estava tendo muito problema, começando um projeto e estava montado Machado de Assis. O grupo estava há bastante tempo sem fazer um espetáculo, só trabalhando com talk show. Isso era maravilhoso, o Guti gosta, sempre fez isso muito bem, mas o propósito dele é teatral, sempre teve esse objetivo de desenvolver uma linguagem teatral. Então, montar peças e realizar talk show, na escola, deixava muito pouco espaço voltado para o teatro mesmo. Tinha problemas graves de acústica, não tinha um bom palco, e isso estava angustiando-o demais. Ele precisava voltar ao palco, voltar às peças. Quando ele entrou nesse processo de ensaio, teve muita complicação, muitas pessoas desistiram porque, imagina, você começar a ensaiar um peça, com uma linguagem super difícil. Ele queria montar assim um texto mais literal, mais Machado de Assis possível, e algumas pessoas estavam muito despreparadas para enfrentar aquilo. Estavam ali já muito tempo no talk show, no rapidinho, vamos lá, pegou essa mulher incrível... Ele tinha acabado de ter uma conversa com uma das meninas que estava se desligando do elenco, acho que ele estava nervoso, emocionado e precisava de alguém para enfiar no ensaio no dia seguinte, porque já era a terceira vez que alguém desistia e ele não agüentava mais aquela história. Depois que eu entrei, outras pessoas também desistiram e fomos passando pelo menos processo. E aí ele falou assim: "Lê aqui". Eu: "Hã?". ele: "Eu tenho um texto para você ler, vem aqui". Aí me botou lá em cima do palco e me mandou ler o texto. Logo eu, com a minha leitura, minha maravilhosa leitura, à primeira vista, respirei, falei devagarinho, Ele: "Sem tentar interpretar, vai só no que o cara já escreveu, não tenta inventar agora". E aí, quando terminou, ele falou assim: "Então, é isso aí, a gente vai fazer esse espetáculo, não tem data, só quando esse palco ficar pronto". Tinha um buraco, cheio de pedra. "Quando esse teatro ficar pronto a gente vai estrear esse espetáculo, se você quiser participar, eu estou te convidando, o papel é esse, se quiser pode ficar para o ensaio". Eu falei assim: "Muito bom você gostar, mas eu preciso falar com a minha mãe". Ele falou: "Tudo bem, você pode vir amanhã?". Eu fui para casa pensando: "Eu vou inventar, acho que vou ficar um tempo fazendo, quando a minha mãe souber eu já estou fazendo..." e pensei num milhão de coisas. Aí quando chegou lá eu não consegui, tem que chegar e dizer a verdade, não dá, e eu falei para ela. A única coisa que ela disse: "Olha lá o que você vai me arrumar". Mas não foi contra. Só falou isso. Aí começou. Mas já era agosto, setembro, final da escola, acho que eu tinha 19 para 20 anos. Foi aquele finalzinho de ano, quando tive ainda que prestar vestibular. Uns ensaiando, estudando, outros quebrando umas pedras, carregando cimento, fazendo uma laje e o espetáculo continuando. Quando foi em 2005 a gente falou: "Tem que estrear, foi a primeira vez que a gente teve contato com Paul Heritage, no Rio. Não tenho a mínima idéia de como ele chegou até nós. Mas ele teve um contato com o Guti e eu lembro que foi um dia muito engraçado porque ninguém falava inglês, mas o Guti falou: "Nós vamos recebê-lo, vamos representar para ele aquele texto do Machado, em português, vamos cantar a música que já está ensaiada e depois é isso, eles vão ver aqui o espaço, vamos ver o que vamos conseguir passar, vamos nessa, vamos fazer esse encontro". E aí veio

com ele a Fiona que falava um pouco de português, foi um encontro muito doido, mas foi um encontro que rendeu para gente uma participação no Fórum. Depois disso todas as vezes que o Paul veio, fizemos oficina com eles, é até hoje um encontro dos mais frutíferos. Foi o ano passado Cavaleiros de Verona, através dele Nós do Morro se apresentou na Inglaterra. Esse foi um encontro que rende frutos até hoje.

Então, fiquei trabalhando como atriz durante bastante tempo. Eu falo assim, mas eu ainda sou atriz, nunca cassaram meu registro, nunca recebi uma crítica que tivesse que sumir, pode ser que aconteça, mas eu ainda sou atriz. Acontece o cinema tomou conta, realmente, e mais porque eu gosto de escrever e dirigir. Eu trabalho mais com a cabeça, mais como roteirista, até mesmo como diretora. Diretora acontece eventualmente em cima dos projetos que eu fico tentando escrever e transformar em roteiros. Bem, nós estreamos o Machado de Assis nesse teatrinho daqui, fomos indicados para categoria especial, foi muito importante, pela primeira vez as pessoas começaram a vir aqui ver o espetáculo, não só o público do Vidigal, mas o público de fora e a classe teatral. Claro que isso tudo é muito importante, porque estávamos construindo uma identidade de trabalho. Começamos a ensaiar Abalou, o segundo espetáculo, depois da retomada. Eu sempre digo "Depois da retomada" porque foram montados dois espetáculos antes, passou um tempo sem espetáculo e voltamos com Machado. Abalou, era um espetáculo contemporâneo, muito exigente. Nessa época eu trabalhava ainda na Creche Criativa, fiquei trabalhando lá durante cinco anos, mesmo fazendo teatro aqui, fazendo cinema, porque lá era de onde vinha a minha grana. Há muito pouco tempo existe essa história de o ator ou até mesmo o grupo ganhar dinheiro com a venda do espetáculo. Mesmo assim, durante a época de ensaio é muito duro, porque não se consegue fazer outras coisas fora, e aí fica pesado. Então, na creche eu tinha essa garantia. Eu só larguei quando realmente eu comecei a não conseguir mais cumprir, quando não estava dando conta. Uma menina que me substituiu, vinha trabalhar comigo, antes de eu sair definitivamente, para as crianças ficarem acostumadas com ela.

Aqui, no Nós do Morro, eu fiz três peças oficiais, produzidas pela própria Companhia. Machadiando, Abalou e Noites no Vidigal. Nas cenas com alunos, no final de ano, a gente vai para o palco e se exercita, e, na maior parte dessas peças eu fiz figurino e produção. Isso foi uma característica forte que descobri, em especial, desse primeiro grupo, nós fazíamos tudo. Só tínhamos Nós no Machadiando. Chegamos a contar 18 pessoas, com a diretoria e os técnicos, todos fazendo tudo, construindo teatro, em pleno espetáculo, montando espetáculo, arrumando dinheiro e fazendo as coisas.

Em 96 a gente começou a dar aula, eu e o Lúcio. Guti falou: "Vocês já estão aí há dois anos, vocês já têm toda essa parte pedagógica, então, vamos abrir uma turma de criança. Foi a primeira. Já tinha tido uma, na época no Padre Limbe, mas era um outro continente, outra estrutura. O padre gritava. Mas, nessa retomada, a gente estava só com as turmas de adulto nos preocupávamos com o que íamos fazer. Então, eu e o Lúcio abrimos uma turma no primeiro ano, no segundo ano já éramos cinco multiplicadores, e com cinco turmas enormes entre crianças e adolescentes. As famílias já não eram mais contra. O contra virou uma inversão, vinha tudo isso junto: o prêmio pelo Machadiando, o estar na mídia... Naquele mesmo ano, em 95, no Machadiando, nós fomos convidados para participar da série Gente que faz, que passava antes do Fantástico. Tudo isso foi criando dentro da comunidade um outro olhar em direção a "Nós do Morro" e ao teatro. Começaram a refletir: Não pode ser tão ruim, não é possível que um grupo premiado, com tal visibilidade seja mal, assim todos estariam loucos. Então, essa nossa prática e o reconhecimento obtido, foram provocando mudanças em todos do grupo e nos moradores do morro também.

Em 98, a gente foi para o Laura Alvin, com três espetáculos, toda comunidade, na época, a gente fez uma campanha, eles ganharam ingresso para ir ao Laura Alvin, "Lembro até hoje", falam aqui. Foi a primeira vez que foram a um teatro, de verdade, com bilheteria, com ar condicionado, com a poltrona confortável, com espaço cênico, porque aqui é essa uma loucura, um teatrinho que, no final de cada ano, é preciso retirar todas as cadeiras, porque são apenas 60 lugares, e quando tiramos as cadeiras, cabem 100 pessoa, aquela loucura! Esse ano foi o primeiro ano com cinco turmas, e os multiplicadores eram muito especiais, pela possibilidade de darem aulas sendo atores também. Através do trabalho com essas turmas, ainda se tinha a possibilidade de fazer uma oficina de direção e de dramaturgia. Como as turmas eram muito grandes, se torna muito conseguir um texto e enfiar dentro de todas aquelas criaturas, em especial nas crianças. O diretor/professor tem que fazer o cara entrar em cena nem que seja para falar "Oi", senão aquelas crianças iriam ficar traumatizadas eternamente, porque não falou nada, não participou efetivamente daquilo. Nós criamos uma cultura que era a de inventar textos, criar textos para específico, característico para aquela turma, ou adaptar textos. Então, isso foi muito legal ter tido tal prática, tal possibilidade. No final do ano, eu escrevi e dirigi mais de oito textos. Isso eu, fora os outros cinco. Essa oportunidade de escrever, de adaptar as linguagens, quando cenicamente certas coisas não se resolviam, foi um aprendizado importantíssimo. Nós, desse mesmo grupo de atores e de multiplicadores, que também nos revezávamos nas montagens, com iluminação, cenário, figurinos e dávamos oficina para as crianças, vivemos um tempo bastante rico, em meio a tantas carências, que revertíamos em cumprir com essas coisas, em ter que estudar muito, em ter que passar por esse espaço e também enriquece-lo. Nesse momento, chega a Rosane, porque através de um filme dela, trabalharam vários meninos do Vidigal. Ela conheceu o grupo e achou o projeto incrível, quando veio aqui fazer teste com eles. E aí, escreveu um projeto para o Rio Filmes - isso é a cara dela, tudo vira logo um projeto - e falou: "Quero fazer um documentário sobre esse grupo, acho muito importante, eles estão construindo um teatro e eles vão estrear essa peça, já com data de estréia e eu tenho que estar com esse documentário pronto, para estrear junto com a peça". E deram para ela esse prêmio. Deram, mas quando o dinheiro saiu ela não podia nem fazer o vídeo, ela estava fazendo uma outra coisa, quem veio fazer o vídeo foi o Vinícius. Esse vídeo se chama Testemunho Nós do Morro e conta um pouquinho da nossa história, da construção do teatro e fala desses atores que vão encenar Machadiano. Finaliza com a estréia do Machadiano. Ela sempre diz isso e acho que ela deve ser sincera nisso: "Que as pessoas estavam muito interessadas não só em estar ali, em dar entrevista, mas também no que estava acontecendo por de trás das câmeras". Ela marcava um horário com o ator, todo mundo chegava mais cedo, ficava seguindo a equipe, ia junto e ela propôs para o Gutti: "Já que você está ensinando para esses atores, vamos fazer um manual de cinema". A princípio, com o intuito desses atores poderem trabalhar também na área cinematográfica. Foi um choque de linguagem, vamos dizer assim. Eles vão entender como é um set, vão estar mais preparados para estar no set, porque o cinema já estava aqui, assim, procurando, pegando coisas, o Lúcio já tinha feito coisas, o Cacá Diegues já tinha feito várias coisas, o Walter Lima. A TV não era forte, mas o cinema estava aqui, percebendo que tinha atores interessantes para o trabalho cinematográfico. Por tudo isso, ela fez essa proposta e a gente começou a fazer as aulas que também serviram para desmistificar o cinema. Outras pessoas começaram a ficar muito interessadas, em especialmente, esses multiplicadores que escreviam, e começaram também a escrever roteiro, rapidamente, porque estavam habituados a uma linguagem de dramaturgia teatral, mas logo foram sacando que uma coisa servia à outra. Quando se falava sobre uma virada na história, sobre o herói, a trajetória desse herói, estava servindo tanto para ser enfiada numa peça teatral como dentro de um roteiro. Então foi muito bom, chegou na hora exata. E com isso foram vindo as idéias dos filmes. E quando uma idéia de um filme aparece na mente, a gente quer fazer o filme imediatamente. É ao contrário do que é literatura. Tem livro pronto, acabou, alguém tem que ler, tomara que você tenha sorte, um pai, uma mãe para ler, pelo menos um interessado.

Agora, o roteiro, a peça de teatro é muito cruel. Exatamente, ali, só no papel, ela não existe, ela é só angústia, ela não é nada. Assim, começou essa vontade de não só escrever, mas virarmos realizadores de filmes. Com isso, claro, com a ajuda do Gustavo, que é um dos integrantes do Núcleo. Ele morava lá em Brás de Pina e era apaixonado por cinema, acho que desde que nasceu. Fez uma carta para o Cacá e manda, e o Cacá fala assim, eu posso te ajudar: "Proponho o Núcleo de Cinema do Nós do Morro que a Rosane está fundando". Então ele já e tinha uma visão que a gente não tinha. Quando o Cacá fala aquilo para o Gustavo eu já o considere um visionário. Acho que ele pensou: "Eu duvido que esses moços vão morder um pouquinho esse doce e não vão querer morder o resto", já sabendo o que ia acontecer. As primeiras pessoas que chegam aqui no Nós do Morro, o pedido dele não é de cara ser ator. Assim, o Gustavo quando chega aqui, não para ser ator, cata o Guti aí, fala, "Não, não quero ser ator, eu quero fazer cinema". O Guti se desesperou: "O que vai acontecer agora?". Mas, rapidamente ele veio com uma pessoa que foi muito forte pro Núcleo, porque era a primeira pessoa dentro do Núcleo que não tinha essa vertente de ator. Então, ele junto com a Rosane, quando a Rosane falava, era o primeiro a correr, a escrever, foi o primeiro a ganhar, por exemplo, um prêmio da Rio Filmes e de ter a possibilidade de filmar com equipe e com produtora, o filme O jeito brasileiro de ser português. Foi o primeiro filme que a gente produziu como produtora, um filme de 2000.

As primeiras pessoas que chegam aqui no Nós do Morro, o pedido delas, de cara, é para ser ator. Porém o Gustavo chega aqui, cata o Guti e fala: "não quero ser ator, eu quero fazer cinema". O Guti se desespera "O que vai acontecer agora?". Ele trouxe muita força para o Núcleo, porque era a primeira pessoa dentro do Núcleo que não tinha essa vertente de ator. Então, ficava muito com a Rosane e, quando a Rosane falava, era o primeiro a correr, a escrever, foi o primeiro a ganhar, por exemplo, um prêmio da Rio Filmes e a ter a possibilidade de filmar com equipe e com produtora. Realizou o filme O jeito brasileiro de ser português, o primeiro filme que a gente produziu como produtora, em 2000.

Ser uma empresa produtora é tão complicado. A gente anda discutindo isso, como a gente tem que solucionar talvez isso. O Nós do Morro ele tem a possibilidade de produzir como produtora, mas não é um núcleo separado. Somos uma associação sem fins lucrativos, mas a gente tem um adendo no estatuto, que é esse, somos uma produtora, podemos produzir. Já temos quatro filmes na película fora o digital, que produzimos com esse selo: Nós do morro.

Eu já tinha lido dois textos e já tinha escrito duas pequenas pecinhas para encenar com essa minha turma. Era um pouco mais autodidata. Tinha aula de Literatura, mas não estava voltada para ensinar a escrever, estava focalizada na história da literatura, e na Literatura de Luis Paulo Tartar (Luis Paulo Correia e Castro) que é um dramaturgo do grupo. Nas aulas, estudávamos. Além da história, procurávamos entender o texto, o contexto no qual foi escrito, não para a narrativa em si. A Rosane veio com a narrativa, então a gente começou a usar uma coisa e outra. Claro que são possibilidades e ela propunha exercícios, dava bronca, dava nota, eu até brinco muito com ela, que ela era uma professora muito carrasca, a gente brinca hoje com ela: "Você foi ficando mansinha, mas você não era assim não". Foi uma professora danada. Eu lembro que tinha essa coisa do exercício, ela obrigava a gente a escrever. Claro que a obrigação de escrever vai nos possibilitando ter mais e mais idéias e a criar um hábito mesmo.

Eu estou trabalhando num roteiro que é um embrião da primeira história que eu inventei, como primeiro exercício, nessas aulas de cinema com a Rosane. Recebi uma nota terrível. Eu até li, a Rosane ficou rindo: "Você guarda?". Eu tenho vários cadernos guardados. Ela disse que estava literal, teria que ser escrito para cinema: "Esse argumento aí

está mais para história da carochinha, você está inventando um monte de coisa, eu não estou vendo nada como possibilidade de um filme". Essa historinha que eu inventei era em cima de uma música, para o exercício que ela nos passou, inspirada na proposta de Cacá Diegues do filme *Veja essa canção*, em cima da música popular brasileira. "Ele está aceitando roteiro de todo mundo, cria aí um roteiro". Eu tinha escolhido *Criança* uma música da Marina, que estava fazendo o maior sucesso na época. Fiz o roteiro para um curta, para uma história gay, uma menina super jovem com uma mulher de meia idade. Eu pensei que o roteiro deveria ser sobre alguma música de sucesso, porque no filme *Veja essa Canção*, todas as músicas eram já músicas antigas, talvez ele goste de uma música das paradas, uma música pop. Eu, atualmente, estou trabalhado num roteiro para filme gay, porque eu fico de olho num festival gay. Me irrita, porque todo gay tem problema, eu não agüento isso. Aí são aqueles filmes que repetem o mesmo problema: o pai não quer, a mãe não quer, o gay se mata, o outro se mata, outro vai embora. Meu filme mostra gay sem problema. Começa a namorar, beijo na boca, está tudo bem, está tudo lindo, vamos normal, entendeu? Então nasceu ali, naquele exercício, por exemplo. Eu guardei, como falei antes, e, anos depois, reli: "Cara, acho que esse roteiro precisa voltar e levar adiante essa história de num gay sem drama. Agora voltei a trabalhar nele, mas é uma idéia que já tenho há uns 15 anos. Filme também tem isso, quando você não consegue concluir, volta e meia ele volta. Volta também com uma outra cara, você está diferente também.

Esse é um curta metragem. Mas eu acho difícil, ninguém quer falar de gay. A Petrobrás não quer, aí o outro não quer. Fico tentando isso, tentando realizar uma coisa um pouco mais livre. O MINC talvez seja uma boa coisa, eles são um pouco mais livres, tem que falar de tudo, que abrange todos os assuntos, tem uns que são mais caretinha.

O primeiro filme, *Mina de Fé*, é filme de bandido. O que o povo gosta é ver filme de bandido. Quer ver morte, quer ver o povo sofrendo, entendeu? Eu fui enxovalhada por causa desse filme, várias vezes. Falam: "Como eu, uma representante da favela, me faz um filme de bandido! Podendo mostrar as coisas boas da favela, como faz um filme de bandido?". Eu sempre me defendia. Mas foi o prêmio que me deram. Eu escrevi outros. Mas as pessoas queriam ver esse filme, então eu vou fazer, eu sei fazer. Mas esse foi o primeiro filme. Esse foi um roteiro que nasceu em sala de aula. Por isso que eu digo, as aulas são sempre importantes.

Esse filme ganhou vários prêmios: Melhor filme de ficção, no Festival de Brasília de 2004. Gerou muita polêmica, porque saiu em todos os jornais. Eu tinha ficado muito feliz, foi uma sensação muito emocionante, com o cinema lotado. Nem eu o tinha visto num telão tão grande, só naquela telinha, de montar. Depois vi no Estação, que também não tem uma tela tão grande. Quando botou lá eu vi a potência que era o filme, foi uma baita emoção. Eu fiquei atrás, eu falava: "Ah, a figuração aparece, porque na televisão a figuração não aparece, ninguém aparece, realmente o filme no cinema ele é outra coisa".

É um filme de 35 milímetros. Foi rodado num Super 16 e ampliado pra 35, numa ampliação super perigosa, assim, eu tive que assinar até um termo. Mas eu falei, gente, não tem outra alternativa, assinei, rezei, bota aí na máquina e vamos fazer, porque eu não tenho nenhum copião em 35. Meu copião era em 16 milímetros, passei pra 35 milímetros, às vezes não dá, mas deu super certo. As cores continuaram, o seu Chiquinho lá é um gênio. Eu não consigo lembrar do nome dele inteiro, eu falo pra ele: "Você precisa fazer um pupilo rápido", porque no dia em que ele cansar daquilo lá, eu não sei quem vai fazer como ele faz.

Depois do Mina de Fé, fiz Digital. Vou fazer agora um dos filmes para o Cinco Vezes Favela. São cinco filmes separados, o meu filme é um deles, e o tema que une os filmes é a favela. Quando falamos disso, as pessoas lembram do primeiro [Cinco vezes favela, de 1961, no qual um dos episódios, "Escola de samba, alegria de viver", foi dirigido por Cacá Diegues], mas são outros episódios, são outros filmes, outras histórias. Isso é uma confusão bastante grande no projeto. Muita gente pensa que é uma releitura daquelas histórias. Seria até engraçado, mas não é esta a proposta. Aqui do Vidigal, participamos eu e o Luciano Vidigal. Eu faço Acende a luz, um auto de Natal com argumento e roteiro meus também. Todo o filme se passa entre onze horas da manhã do dia 24 de dezembro, passa pela noite de Natal e termina à meia-noite. Uma trajetória datada, num lugar onde existe essa euforia em relação ao Natal. Eu não sei se em outro lugar é assim. Eu até passei um Natal fora, eu vi que as pessoas são um pouco piradas, mas no Brasil é muito. No final do ano fica todo mundo doido, não sei o que acontece, é uma coisa, essa euforia desse dia somada a uma favela sem luz. Sobe, desce, tenta consertar, não consegue, aí conserta uma parte e fica um trecho sem luz. Então o filme se passa em especial nesse trecho de pessoas que estão sem luz. E aí é um drama, é um drama...

Pessoas muito loucas... tento reduzir o filme, aí eu não consigo, mando pras pessoas me ajudarem a reduzir o filme. Mas todas só têm idéias de aumentar o filme. Uma vez eu mandei pro Duran e ele disse: "Mas eu gosto tanto daquela mulher, você bota mais duas cenas dela.". "Duran, não faz isso comigo, eu preciso cortar esse filme". Ele está na leitura com 27 minutos. Deveria ser de 15. Ao mesmo tempo, eu estou tendenciosa para filmar. O Cacá não está brigando, ele está deixando filmar 27 minutos. E aí, depois veremos o que acontece. Tem um filme chamado Deixa voar, de Cadu Barcellos [Caroline da Costa Barros], muito interessante, tem um motivo psicológico. Trata-se da história de um morador da Maré. O filme trata dessa loucura que deu na cabeça das pessoas, dentro das comunidades, que se dividem em facções. Os moradores do lado da favela, chefiado por uma facção, não podem passar para o outro lado, às vezes da mesma favela, que pertence a outra facção. Às vezes, ir ali, na outra favela, significa atravessar a ponte, às vezes nem uma ponte, às vezes uma rua e três barracos e você está numa outra facção. Então o filme trata disso, através de uma pipa que voa. É um filme muito legal, eu gosto muito desse filme. Ele é um curta, por exemplo. O filme do Luciano Vidigal, chama-se Concerto para Violino, é uma expedição na oficina de roteiros do AfroReggae. Esse é um filme barra pesada, nossa! Mas o Luciano, faz muito bem isso, ele é um ator muito sensível, então ele consegue transferir sua sensibilidade quando dirige. Ele põe humanidade nos personagens, é muito forte. O filme se passa no Vidigal e eu acho que Luciano Vidigal é a criatura certa pra dirigir esse filme. É um filme difícil, conta a história de três amigos de infância que têm as suas vidas extremamente separadas quando ficam adultos. Um deles é um dos principais chefes do tráfico no morro, o outro virou policial e a menina ficou no caminho artístico. É até um paradigma. Na favela, hoje, os projetos sociais realmente fizeram diferença, eles são, realmente, mais um caminho que alguém pode encontrar. É um filme polêmico, muito forte. Arroz com Feijão é um filme que vai ser dirigido por Rodrigo Felha e Cacau Amaral (Cufa), muito legal. É a história de um menino que está numa dureza danada, o pai e a mãe estão fazendo uma economia pra construir a casa, estão ali passando aperto, sem comida, é aniversário do pai, o garoto quer arrumar um frango pra dar pro pai no jantar. E aí vai indo e ele inventa várias coisas com a história do frango, arruma coisa pra fazer, arruma dinheiro, uma loucura danada pra conseguir o frango do pai. Mas ele tem uma decepção, na verdade o pai não gosta de frango. Ele e o pai naquela situação, o pai querendo comer porque não quer sacanear o filho, ao mesmo tempo comer o frango, tal. É um filme muito divertido, tem essa cara da criança. Eles começam a filmar em julho. A produção é do Cacá Diegues. [O patrocínio é do BNDES, Light, LAMSA (Linhas Amarelas) e MMX (Eike Batista)]. O filme deve estrear no fim do ano, distribuído pela Sony/Columbia]. Foram dois anos e meio de projeto.

Eu, na verdade, o Nós do Morro, hoje trabalhamos muito na tentativa de filmar como produtora porque não é fácil, sabe? A gente queria produzir pelo menos um filme por ano, pelo menos um a cada dois anos. Mas eu entendo a dificuldade. Hoje a gente trabalha na tentativa de fazer um longa-metragem em dois anos, a gente tem um longa-metragem, Argumento. Quem somos: Tem a Rosane Svartman, o Vinícius Oliveira, eu sempre digo que eles são os mentores, vêem os projetos, dão opiniões, participam de algumas reuniões do Núcleo, mas não trabalham diretamente na criação. A não ser, às vezes, num projeto específico. Mas nós trabalhamos com o Núcleo de Desenvolvimento de Projetos que tem o Luciano Vidigal, Gustavo Melo, eu, o Luis Paulo Correia e Castro, o Arthur Sherman, Marcos Francisco, Inês, Maria Clara, Amagá Cavalcanti, Ana Claudia Okuti, todos daqui.

Então, somos estudantes realizadores. Entre esses que eu citei, tem alguns que já têm vídeos realizados. Ana Claudia Okuti acabou de realizar um vídeo ótimo chamado Caixa Preta, um que a gente está tentando legendar porque eu acho que vai entrar em festival, vai entrar no Orkut. Então, aos poucos a gente vai tentando. Produzir vídeos não é barato. Esse papo de digital todo mundo pode produzir, isso é mentira, é mentira. Quem produz digital, depois tem que ampliar, transformar de uma forma que possa entrar nos festivais. E gasta dinheiro pra caramba. Qualquer produção de imagem não é fácil, ela é custosa, ainda mais se você vai fazer com a tentativa de ter qualidade. Sair fazendo por aí também não adianta.

Minha profissão... eu vivo de muitas coisas. Eu sou uma criatura que costuma não recusar trabalho. Por exemplo, aqui eu produzo. Picolé eu produzi, todos os filmes que saem daqui, eu produzo. Somos remunerados quando há possibilidades de sermos remunerados. Um projeto da casa é mais difícil de remunerar. Às vezes faço Futura. Mas nesse momento, não estou fazendo nada lá. Então, pego pequenos trabalhos, não só como diretora, mas quando aparece roteiro, eu vou fazendo.

Fiz aquele programa de psicologia, na Futura, que era ótimo. Não é o que parece, foi ótimo. Foram 13 programas, com pessoas muito legais. Eu trabalhei agora em Dicas de um sedutor. Era uma mini série da Globo, um seriado que tinha o Luis Fernando Guimarães, foi divertidíssimo, ele dava dicas pras mulheres. Eu trabalhei no roteiro, ficou legal também porque tinha essa coisa deles serem muito loucos, eles mandam de tarde, cria uma cena não sei das quantas... "ai meu Deus", é um ritmo de escrever, você não está acostumado, é maravilhoso, então criamos na hora.

A Rosane que fez esse link com o mercado. Não só comigo, mas com outras pessoas que estão aqui, no Núcleo. Hoje em dia a gente mesmo consegue fazer link com os outros. Mas o inicial foi a Rosane: A Futura, a Globo, a TV E. Gustavo foi diretor da Globo Escola um tempão. Nós tínhamos aula de História do Cinema e direção e, eventualmente, convidados davam palestras. Ainda hoje a gente consegue ter oficina de câmera mais freqüente, oficina de som não existia, só eventualmente. Então tudo era feito em VHS. O aparelho de Vídeo VHS era trazido da casa da casa do Guti, o Gustavo trazia da casa a mãe dele o de vídeo e o Guti a televisão. Era a maneira de conseguirmos fazer estágio, ou como quer que seja.

A primeira vez que senti algum tipo de problema por ser mulher, foi quando eu fiquei grávida. Senti um desespero, eu achei que nunca mais fosse trabalhar, nunca mais. Eu estava fazendo Não é o que parece e aí fiquei grávida. Mas tinha todo o final, eu que finalizava o programa, então acabaram as filmagens, Rosane foi e eu fiquei. Grávida, mas estava na ilha de edição, estava tudo bem, bate um pouco de cabeça, aquele momento, mas tudo bem. Quando

acabou Não é o que parece, eu estava com cinco meses de gravidez. Aí tirei umas feriazinhas, umas duas semanas, fiquei em casa, viajei, foi uma beleza, estava trabalhando pra caramba. Aí pintou um trabalho. Eu fiquei toda feliz. Voltei correndo da viagem, na segunda-feira, quando eu cheguei, liguei pra criatura: "Olha, eu estou com cinco pra seis meses de gravidez, mas pra coisa de agora..." Aí o cara melou: "Não, mas aí eu tenho medo porque vai que você pare essa criança apressada, e talvez eu não comece assim tão de cara". Ele também não tinha certeza daquela data que ele tinha me dado... Aí, gente, aquilo me deu um desespero.

Eu não sou pessoa de gênero. Eu vou ser sincera, não sou mesmo. Acho que por isso até falei no filme sobre esse negócio do filho. Uma coisa simbólica, no filme, em especial, claro, quando, ao mesmo tempo, eu retrato uma mulher subjugada, uma mulher que vive ali na sombra do marido, mas eu fiz questão de mostrar dentro dessa mulher um momento onde a outra mulher vai pedir o corpo do filho. Ela não vai pedir para o cara, ela vai pedir para essa mulher. É uma maneira de eu mostrar que no fundo, no fundo, ela que deita com esse cara, ela está junto, ela não é ausente desse problema, não vai dizer que ela é totalmente inocente porque ela não é. Ela divide aquela culpa, ela divide essa vida com o cara, ela divide a culpa também, das loucuras que ele anda fazendo. Então, claro que passa por essa coisa. Eu nunca senti preconceito, nunca senti.

Preconceito racial não, eu diria que já senti preconceito em relação ao financeiro. Em relação à favela. Quando você diz hoje em dia talvez menos. Mas há um tempo atrás: onde é que você mora, seja no que for, seja no final da van, na hora de voltar pra casa que está entregando todo mundo: "E você?" "Vou pro Vidigal". "Mas você mora no Vidigal!" e te olham assim. Isso eu já passei muitas vezes, das pessoas não acreditarem ou até mesmo me questionarem: "Mas você...". As pessoas entram numa viagem que se alguém filma é porque tem coisas, dinheiro. Isso aqui não é Hollywood, gente, diretor não sai por aí... a não ser que você seja diretor da Globo, e eu não estou falando dos novatos, estou falando dos que estão lá com contrato há anos. Se você não é a Globo Vídeo, se você não é a Globo Filme, não é da Globo, não é o filho dos banqueiros, ô meu Deus, o mercado é muito doido, vai ser eternamente um proletário da arte.

Sair daqui, não é isso que me move. Eu gosto daqui, as pessoas me conhecem, eu acho o bairro bom. Tinha que tirar algumas coisas daqui, mas... Eu, propriamente, por que eu tenho que sair? Cacete, eu não faço mal a ninguém, porque eu? Tem mais coisa pra você tirar daqui, coisas mais importantes para se tirar daqui. Realmente acho bom, é um bairro barato, um bairro que eu posso pagar. Se formos dividir dentro do Vidigal qual a renda das pessoas, eu não posso ser considerada uma pessoa entre os mais pobres. Agora, eu não posso morar no Leblon, gente, é mentira, não posso morar nem em Copacabana, nem na Glória. Se eu morar na Glória eu não compro livro, não vou ao cinema, não pago a minha passagem para ir pra um curso que eu vou fazer, é um curso de inglês que eu assumi que vou fazer, eu não pago a minha passagem, sabe? Sou ongueira, isso aqui vive de projeto. A cada projeto que a gente faz a gente tem que esticar todo resto de dinheiro pra pagar aula, pra pagar o professor, pra pagar o papel higiênico, pra pagar a água, pra pagar o café, pra viver. Eu sou sócia, eu sou associada, sou dos integrantes associados, desde 96.

Eu sou casada. E a gravidez foi muito assustadora. Eu estava casada há um ano e meio. Nesse dia eu pensei, cara, como você vai se sair disso porque hoje você está acostumada... com o perfil da mulher Marie Claire que trabalha, que viaja... ela tem babá, ela tem folguista, ela tem empregada. Esse não é o perfil de nenhuma das minhas amigas. Todas elas trabalham, todas elas têm compromisso, elas não podem chegar no trabalho e falar: "Olha, sinto muito, hoje não posso ir ao trabalho porque meu filho não foi pra creche". Entendeu? Claro que isso, pra mim é a principal diferença. O

principal desespero é esse, todo dia você tem tratar muito bem a sua mãe. Quando eu fiquei grávida a Rosane falou assim: "A minha mãe é minha mãe. As mulheres dos meus irmãos têm que se virar com as mães dela. Entende isso. Se você briga com a sua mãe, para de brigar agora, ela vai ser a sua principal aliada". Ela tem toda razão. Então assim, isso é angustiante. Eu, por exemplo, entro agora num momento de trabalho onde vai ser desesperador. Estou aqui desde 9:00 da manhã, vou sair daqui, tem coisa para resolver do Nós, aí hoje a noite começa oficina que vai durar um mês e meio. Eu tenho que estar lá, estar com a equipe, achar uma equipe lá dentro, pessoas que se interessem pelo filme e tal.

Meu marido é roteirista e diretor. É o Gustavo. Somos cúmplices, mas às vezes a gente briga e também é rival. Teatro é muito egoísta. Às vezes tem uma guerra: tem um projeto pra entregar, quem fica com a criança? Vamos tirar na murrinha... Nós estamos numa outra geração. O único problema, discutir até me irrita, vou ser sincera, é problema racial me irrita muito. É, eu me irrita, acho uma besteira, um montão de tempo, neguinho já viu, mulher está trabalhando, mulher tem filho, tem que cuidar da casa, tem homem cuidando de casa para a mulher poder ir pra rua trabalhar, sabe? Eu acho que a gente vive um momento é de esquecer o gênero. Existem diferenças? Existem diferenças, ponto final. A gente não vai ser igual, o legal é não ser igual. Igual é chato, entendeu? Eu acho que a gente tem que ultrapassar isso. Então quando começa discutir isso, eu discuto outra coisa, gênero eu não vou discutir. Se tiver uma caixa pra carregar eu vou lá em baixo e falo: "Quero saber qual o homem que pode carregar a caixa para o cineclube". Eu vou carregar caixa pra que? Pra que, pra dizer, eu não posso, o cacete, eu acho bobo.

Discutir questão racial eu também brigo muito, porque eu acho que normalmente as pessoas não estão preocupadas se você é preto ou branco, elas estão preocupadas hoje se você tem dinheiro, se você tem carro do ano, mas se você não tem, pode ser preto, branco, pardo e pobre, o problema é ser pobre. A doença nesse país é ser pobre.

Tudo o que tenho feito e conseguido, eu acho que foi uma mistura de tudo, e muita sorte. Quando meu menino nasceu eu olhei pra cara dele e falei: "Esse menino tem é sorte". Na vida tem que ter sorte. A gente vê pessoas super talentosas, aí você vê emplacar uma figura, uma banda. Banda então é o que mais você vê. Tem uma banda que o cara não canta nada, tem outra banda incrível, que os caras estão tocando há 40 anos na garagem, não conseguem nem gravar um CD. Na vida tem que ter sorte. Eu acho também que essa minha maneira de ir me enfiando nas coisas, como eu não tinha muita escolha, eu tinha que me virar. No momento que eu larguei o trabalho, falei pra minha mãe: "A partir de hoje eu vou viver de ser atriz, eu vou viver daquela história que eu me enfiar, de ser artista". Claro que ela se desesperou. Foi um momento de virada... Exatamente, era uma escolha forte e eu tive que assumir essa escolha. Eu já morava só, chegava muito tarde, era muito perigoso, não queria que ela ficasse todo dia preocupada me vendo chegar às três horas da manhã, então vim morar só, aluguei aqui o que era um kitnete. Eu precisava fazer aquilo. Eu nunca vi um negócio assim, precisa fazer um elenco, produzir um elenco para não sei que. Eu falava, "ok, quando eu começo?", "É agora", "Tá, ok", "É tanto". "Me dá teu telefone.", Imediatamente começava a dar telefonemas.

Eu acho que dei sorte, entendeu? Eu já tinha consciência, mas ficar grávida por descuido... Minha mãe exigia escolaridade, ela sempre foi muito ligada nos estudos. E a partir do momento tão especial da gravidez, que teve que virar, na minha vida, uma escolha. Eu não fiquei grávida do João à toa. Fiquei grávida porque eu não queria ter meu primeiro filho aos 40 anos, senão não agüentaria nem correr atrás da criança, ainda mais numas ladeiras dessas. Preciso ter um mínimo de energia física.

Tenho 34 vou fazer 35 daqui um mês. Quando eu engravidei, eu tinha 31 para 32 anos. Já nem era, no Brasil, considerada velhíssima. Quando eu falava para as doutoras, "primeiro filho", elas levavam um susto. Não é normal, normal é já ter o segundo filho, terceiro filho. Mas virou uma escolha porque eu comecei a ter uma vida que eu não conseguia enfiar isso aí. Como vai ser?

Vida de todo dia, acordar e seguir para um trabalho diferente, tenho que me enfiar num trabalho diferente, tenho que aceitar um trabalho diferente, às vezes fugindo até de um trabalho que estava fazendo, de um projeto que estava fazendo porque preciso ganhar dinheiro. Isso é uma coisa que eu vivo até hoje. Não só eu como todos os meus amigos. O que desejamos realizar, os projetos para realizar, o que temos pra dizer para o mundo como artista, através do desenvolvimento artístico, de uma percepção do mundo. Mas temos fazer coisas para ganhar dinheiro, porque eles às vezes não caminham juntos. Às vezes conseguimos conciliá-los. Há pouco tempo o Gustavo ganhou um prêmio por um roteiro lindo, maravilhoso. Nós fazemos um filme e vamos viver um pouquinho de tempo com aquele dinheiro. Aquilo ali é um período X, onde há um projeto X que tem começo, meio e fim. Depois tem que se enfiar numa outra coisa. Então são coisas distintas e que até hoje se faz da mesma forma. Sonho à vontade com o desejo de realização, o que a gente procura e trabalha, encontra tempo, cava tempo pra fazer isso. O que é o dia, o que é viver a vida cotidiana.

Esse ano eu não dou aula, não dou aula porque isso iria me consumir, porque tenho outras coisas também e desde o ano retrasado eu coordeno o Núcleo, que é também um braço, um acréscimo que cria muita visibilidade e, graças a Deus, os últimos filmes que nós produzimos, todos eles foram de muito boa qualidade, foram aceitos, estavam em todos os festivais. O filme passou no mundo inteiro, praticamente. Foi pra Israel, Roma, foi passando, Biarritz. Picolé foi um êxito, então existe não só sorte, não digo que é só sorte, é sorte somada com muito esforço, trabalho, determinação, está todo mundo ali, quando tem a oportunidade de ter um trabalho. Tentamos pensar no todo, em todos. Não é um trabalho do Gustavo, não é um trabalho da Luciana, não é um trabalho do Luciano Vidigal, é um trabalho de todos, porque isso aqui faz a diferença, é muito mais forte, lá não é o filme só do Gustavo, é o filme do Nós do Morro.

É, a primeira coisa que aprendemos aqui é distribuir, não tem jeito, é 24 horas aqui, todos nós vivendo juntos esse desejo e essa vida das pessoas, portanto, a realização é sempre muito comemorada e a gente tem dado sorte. Tenho feito isso mais diretamente, mas eu adoro dar aula, acho incrível, pois nos obriga estudar 24 horas, porque ao alunos querem saber, eles nos interrogam e, se às vezes não sabemos de algo, não pudemos falar na hora que fomos solicitados, fazemos a promessa de retomar a questão, vamos atrás para, da próxima vez tiramos as seguimos.

Eu, a Rosane, as meninas, a gente tinha uma turma. Além da Rosane e do Vinícius, já havia uma turma do Gustavo. Tinha aqui a Sabrina Rosa, a Cintia, que são duas atrizes. Essa turma era basicamente formada por esse primeiro elenco, que era esse elenco da peça Machadiando. O Gustavo veio na carona, mandado pelo Cacá, e, rapidamente, ô, procurou sua turma. É engraçado, meu filho fica numa creche da prefeitura, aqui no Nós do Morro, e as pessoas todas de lá têm a maior admiração por mim e eu morro de vergonha. As professoras, as coordenadoras, porque eu tinha o maior medo, eu pedi pra Zezé fazer uma carta explicando o que era minha vida. Elas me vêem subindo, vêem descendo, aí me vêem descendo num horário que não é de um trabalho comum... poderiam ter um pouco a impressão de que eu não trabalho, que eu fico rodando em volta daquele computador, no MSM, o dia inteiro. Então eu lembro que eu pedi pra Zezé fazer uma carta para o pessoal da creche, pra explicar o que era meu trabalho e tal, era a

diretora do grupo. Então depois disso, elas passaram a ter a maior admiração por mim, elas sempre comentam e recortam coisas quando sai no jornal. Isso é legal porque por mais que eu ache que a questão de gênero é ultrapassada, você ter uma mulher na posição de liderança, que fala, tem voz. O Arthur Sherman, esse menino aqui é um menino muito inteligente e muito promissor. No cinema, ele vai se tornar, eu espero, um fotógrafo. O cara é dez, ele e o Renan, um menino daqui, fizeram uma entrevista comigo, ficaram rindo depois, a entrevista criou a maior polêmica, porque eu não estava nem grávida, então eles entraram lá na coisa, eu muito emocionada, falei sobre essa condição da mulher, o quanto é difícil. Você pode realmente ser jogada pra escanteio, sabe? Essa história aí de dar seis meses para a mulherada, eu fiquei com medo dessa lei, vão mandar todo mundo embora. Com quatro meses já fica difícil, imagina seis meses em casa, agora que mulher não vai trabalhar mesmo, fica aí na sua casa e tal. Então eu sei que isso faz diferença. Eu tenho um roteiro que gosto muito. A idéia não veio a partir da discussão de gênero, mas eu sei que ele vai gerar essa questão, porque se trata de uma mulher que nesse momento assume a casa, ela é a criatura que sai, que trabalha e tal, e o homem meio encostado, e isso é uma realidade imensa, porque as mulheres acabam se sujeitaram a todos os serviços porque é preciso, porque é necessário. Aí, elas são as cozinheiras, as faxineiras, as lavadeiras, estão ganhando seu dinheiro, estão descendo toda dia pra trabalhar, estão trazendo dinheiro pra casa e estão resolvendo a sua vida. Elas tã botando os filhos pra estudar, estão exigindo, então eles que não tenham que passar por isso, que tenha uma outra vida. Agora, os homens... pros homens o negócio ficou feio porque...

Aqui, você olha e conta nos dedos, realmente, as família onde o pai e a mãe trabalham. Quando é o pai que trabalha, na maioria das vezes os homens são biscateiros. O filme conta a história, de um cara bem filho da puta que gasta o dinheiro que a mulher está juntando para fazer a festa do filho de nove anos. O filme é todo em cima dessa discussão. Ela está juntando dinheiro pra fazer um churrasco, o menino está fazendo nove anos e o cara gastou o dinheiro. Coitado, achou que ia arrumar... aquela história de sempre: eu ia arrumar. "E aí, porque não arrumou então, porra, falou que ia arrumar, porque não arrumou?". É um roteiro que discute essa família, que eu vejo que é a família da periferia, da classe pobre, hoje.

É a mãe que segura a onda. É, talvez sim, mas eu acho que é mais forte. Eu acho que é a oportunidade do emprego, eu acho que também tem a coisa da responsabilidade, entendeu? Isso ainda é muito forte no país que a gente vive, é cultural e muito forte. Gente, eu tenho marido, um cara inteligente, embora eu o ame de paixão, mas ele às vezes fala pra mim: "Não, mas eu te ajudei com o João". Eu falo: "Mas Gustavo, eu não quero que você me ajude porra nenhuma, você não tem que me ajudar nada, tu tem é que cumprir com as tuas obrigações, você não está me ajudando não, você está se ajudando". Mas é essa a frase: "Eu estou te ajudando". Isso não é dele. Um cara novo, inteligente, aonde vai, defende as mulheres. Minhas amigas falam: se meu namorado fosse igual o Gustavo, eu estava bem, são mais arcaicos ainda. Então, quando lidamos com o adolescente, a mãe adolescente, isso fica cada vez mais pesado, mais difícil, porque a menina adolescente não vai ter tempo de fazer o mestrado. É ela que não pode fazer as suas coisas, que vai deixar de estudar e ainda tem que trabalhar e chegar inteiramente para a criança. Então isso é muito forte. De manhã, aqui, se você ficar no ponto do ônibus e... eu queria fazer isso, um vídeo instalação: uma roleta por onde só passa as mulheres, de um lado e outra pela qual só podem passar os homens, do outro lado. Quantas mulheres descem pra trabalhar durante o dia e quantos homens descem pra trabalhar? Eu garanto a você que depois da contagem, os números das mulheres que passam de manhã para trabalhar é infinitamente maior do que o dos homens. É só ficarmos olhando o ônibus e a van, no horário de saída e no horário de chegada. As mulheres têm mais facilidade, são mais determinadas e elas sabem que os filhos dependem delas muito mais do que dos homens. O

peso da responsabilidade, principalmente depois que nasce um filho, recai sobre a mulher, que pariu, que precisa dar conta. Eu vejo também que a procura e oferta de emprego é mais fácil para as mulheres. Porque dificilmente alguém bota dentro da sua casa um homem pra trabalhar, mesmo que ele cozinhe muito bem, as pessoas têm receio. Eu tenho um amigo aqui que faz uma faxina que é uma beleza. Quando ele vai à minha casa acho uma bênção, porque ele é homem, arrasta as coisas, tira vaso de planta, joga coisa na laje. Madame nenhuma aceita, tem medo, é um homem. Porque o que cobre também essa demanda de emprego, não é o emprego formal, é isso, é a casa de família, é a babá, são as passadeiras, as diaristas, então isso o homem não tem essa facilidade. Para ele tem emprego de porteiro, de motorista, algumas vezes não existe contrato, o faxineiro é pago pelo prédio, que é pra limpar janela ou pra limpar os corredores. Hoje o homem vai ficar de biscateiro, só. Hoje então, está todo mundo ferrado, está todo mundo segurando e, agora, a invenção da favela de criar essa cultura do se reinventar. É lindo, mas é perigosíssimo. Quando o governo ouve essa palavra, "reinventar", eles pensam: "Ah, eles estão dando o jeito deles".

Pelo amor de Deus, por quanto tempo as pessoas podem se virar, por quanto tempo? Mesmo, para ter uma estrutura. Mentira que alguém se vira para ter estrutura, as pessoas se viram para viver o dia, para viver o dia seguinte, a cada dia. As pessoas vão se virando, não se planejam, não podem ter vida, nem dignidade, sem as coisas mínimas, sei lá, sem poder fazer um passeio com a sua família no final do ano. Ou então, se ter a menor perspectiva do que vai ser do seu filho quando tiver 18 anos, Não está garantido que ele vai ter um bom estudo ou que vai poder um dia visitar o avô na Paraíba. Então isso é muito triste. Eu acho que é muito especial, o pobre vai ter que se reinventar, mas é preciso que chegue junto. Tudo bem, a gente está se reinventando. Mas tem as coisa inaceitáveis também, do poder público do estado, como arrancar barraquinha, chegar na Cidade de Deus e carregar as coisas do salão de beleza da mulher, eu vi essa matéria, fiquei chocada, carregaram a cadeira do salão de beleza da mulher porque estava funcionando na sala de casa, não tinha alvará. E agora, ela faz o que? Faz os cabelos das clientes aonde? Ganha o trocado dela como? Então é esse tipo de coisa que eu vejo que ficou pesado pra mulher, é pesado, é muito pesado. Seria mais fácil se pudesse todo dia chego em casa e tem milhões de coisas pra fazer e tem o Joãozinho, e eu me divirto ali. Eu não fico angustiada se eu não posso fazer tudo. Eu assumo: não faço. Acordar mais cedo, acordar de madrugada, tomar um Red Bull na noite seguinte, porque tem, naquele momento, naquele dia, que resolver coisas, não pode deixar alguém pensar que não consegue dar conta de nada, que é impossível fazer as coisas. Mas não é impossível fazer as coisas. Agora, tem que ser comedido, não adianta achar que vai fazer tudo de uma vez, porque também é mentira. Tem que ir aos poucos. Talvez, porque eu não tenho muita pressa também, talvez depois eu comece a ficar apressada. Eu tenho uma idéia que está escrita, pela qual tenho muito carinho. Eu criei um filme muito complicado, muito difícil, difícil até de ser feito, de dirigir. Eu, por exemplo, acho que vou fazer com 60 anos, 60 e poucos anos, então trabalho um pouquinho nele, vou resolvendo uma coisa aqui outra ali. Eu considero essa casa do Nós do Morro um oásis, é o nome que eu dou pra ela. As pessoas gostam de vir aqui. Elas vêm ver o que acontece aqui, por exemplo, quando passamos o filme 174 aqui. O filme estava indo para o cinema, todo mundo sabe que vai entrar no cinema, não é um filme velho que veio passar aqui, ele está ali. Eu vou ver um filme que todo mundo está vendo, pagando seu bilhete. A gente teve que fechar o portão para as pessoas irem embora. Tinha tanta gente que não cabia mais, não tinha mais como caber. Vai passar de novo. Hoje eu vejo que essa casa tem essa cara. É a criança hoje que circula aqui e que, mesmo no dia quando não há aula ela quer estar aqui. Porque o Vidigal é muito restrito de diversão, ele é íngreme, as poucas partes retas que existiam foram sendo comidas, aqui embaixo tinha uma pracinha, pequena, mas não há mais. Em algum momento, a gente ia lá com as crianças andar de velocípede, bicicleta, chuteira, os meninos às vezes botavam rampa de skate. Era um respiro dentro da comunidade, você podia ir ali. Construíram uma casa no local,

fudeu ali, acabou a pracinha, fechou ali, acabou. Então aqui é um espaço que as pessoas vêm ouvir música, virou também esse espaço lúdico que por aqui é tão difícil. Existe uma vila olímpica lá em cima, porém faz um calor, não plantaram uma árvore. Fica no topo do morro, o chão de saibro, um negócio de enlouquecer, você fica lá, meio-dia você sai de lá assado. Agora, vejo também que às vezes há uma deturpação sobre o que é o artista, mas isso é geral, não é só aqui dentro, é o Brasil, é o mundo. O que é a vida do artista, diferente do que é celebridade. Assim como no mundo do futebol, ou em qualquer lugar, os atores que a gente vê e que a gente almeja, são os atores de Hollywood, essa não é a realidade dos Estados Unidos. Aquilo é Hollywood, aquilo é um mundo à parte. Estados Unidos são milhões de atores que não estão naquela vida ali. É como aqui, você tem a celebridade... Quem ganha dinheiro no mundo do futebol? A celebridade do futebol. O jogador normal está lá fudido, está jogando. Aqui na Casa está o artista. Isso existe aqui. Existe um pensamento, a pessoa que chega aqui rapidamente se surpreende. Não era isso que estava esperando. Porque acha também que a novela das oito é que é o caminho pro filme famoso, isso existe muito ainda. O pai que vem aqui louco achando que ser artista, ser ator, vai resolver a vida dele e vai ficar rico. Isso é uma ilusão tremenda, isso é uma mentira. Eu nunca vi artista ficar rico aqui no Brasil a não ser que já seja rico.

Em qualquer lugar do mundo. Pelo contrário, rico implora pro filho não ser artista pra não empobrecer a família. Um pedacinho do dinheiro da família vai ficar ali naquela criatura que resolveu ser artista. Pra que! ■

Tia Surica

Entrevista
6 de maio de 2009

Ah, quem sou eu... Isso é muito importante. Nós não somos nada. Conforme eu digo, gente, temos que manter sempre nossos pés no chão, negócio de narizinho empinado, não leva ninguém a lugar nenhum. Sabe por quê? Isso é uma passagem, o tempo passa.

Nasci na Rua Iguazu. Nasci e me criei aqui em Madureira. Não teve casamento dos meus pais. O meu pai já era casado e com a minha mãe ele teve filhos. Perdi meu pai quando eu estava com 12 anos. Minha mãe teve uma morte muito trágica, morreu soterrada quando a casa que a gente morava desabou. Eu estava com sete anos, meu irmão com nove e uma das gêmeas com quatro. Então, de lá fui morar com meus avós que me deram uma formação, me deram estudo. Essa minha mãe era minha madrinha e foi quem me criou desde sete dias de nascida. Eles (os avós) que são os pais. Não nasci em berço de ouro, mas a minha família humilde me deu um princípio, me deu uma boa formação, hoje em dia tudo que eu sou me foi dado



através de meus avós, Evangelina e Zé Luis. A outra eu também chamava de vó. Minha mãe teve 18 filhos. Morreu quase tudo. Por parte de pai e mãe só tem vivo eu e meu irmão Jorge. Por parte de pai era Odete, Abigail, Lúcio, Liberalina, eu e meu irmão Jorge. Nós tínhamos um bom relacionamento.

Por parte de mãe eram quatro: eu, meu irmão Jorge e as gêmeas. Mas um delas morreu dois meses depois, sofreu acidente também, abriu a testa, deu tétano, ela veio a falecer também. O nome da outra gêmea é Georgina, mas foi criada com a madrinha. Mas há mais de 20 anos que não vejo. Estudei primário e fiz o ginásio. Naquela época ginásio era fundamental. Estudei no Senac também, mas depois abandonei o estudo, estava fazendo comércio. Graças a Deus não casei e Graças a Deus também não tive filhos. Foi a melhor coisa que Deus fez para mim. Estive noiva duas vezes. Na quadra da Portela fiz o noivado. Aí em 76 eu fui a intérprete do Paulinho da Viola, mais o Manico e a Tônia. Quando ele me viu na televisão com o Manico e a Tônia, no dia seguinte ele veio tomar um chope, ele não gostava de samba e ele sentiu que eu não ia deixar o samba. Mas há males que vem para bem, concorda? Graças a Deus estou aí, trabalhando, até hoje estou almejando.

Desde os quatro anos estou na Portela. 64 anos de Portela. Minha mãe pé de baiano, meu pai não tinha nada disso. A Portela para mim é minha segunda família. Tenho um amor muito grande por ela. Ela errada, para mim está sempre certa, ela ruim para mim está sempre boa. Eu acho que o azul e branco corre nas minhas veias, tenho muito amor pela minha escola. Tenho amor, tenho carinho pela minha escola, a Portela e a Velha Guarda da Portela. Manacéa que me colocou na Velha Guarda e a Velha Guarda abriu os espaços para mim, graças a Deus. É. Pra você

fazer parte da Velha Guarda você tem que ter um passado, tem que ter uma história com a escola. Em 1980 fui convidada pelo presidente, ele quis que eu fizesse parte da escola, não é qualquer pessoa que chega: "ah, vou fazer parte da Velha Guarda". Porque a Velha Guarda mesmo, foi em 1970 que o Paulinho selecionou alguns compositores para fazer a Velha Guarda Show. Era o Zé Vicentino, a tia Lara e a tia Dulce. Depois, com a idade, ficaram doentes e Manacéa começou a me procurar. Eu estava na casa de uma irmã, lá em São João, não me achou e botou a Doca e a Ionina. Mas ele me achou, me pegou naquele negócio e estou até hoje. Na época do Manacéa, tínhamos que fazer teste. Cantar, para ver se tinha voz boa, timbre de voz, para você fazer parte da Velha Guarda. Agora não. Nós somos 12. Porque morreu a Doca, morreu o Casemiro, morreu bastante pessoas da Velha Guarda. Está reduzido a 12 ou 13. Mulheres, somos três. Tem a Eunice, mas ela se afastou por problema de saúde, está muito velhinha e a Neide entrou no lugar da Eunice. Sou eu, a Áurea e a Neide. A Neide é filha do Manacéa. Somos as Pastoras. Eu sempre cantei. Particpei do primeiro LP da Portela, foi gravado em 1957. Não, não toco e nem componho. Sabe de uma coisa, eu mesma não sei nem explicar como eu consegui esse espaço. O espaço, tudo veio lá de cima. Foi abrindo as portas e eu fui furando os bloqueios e consegui chegar onde estou. Gravei um CD e já estou preparando outro. Mas eu dependo do Paulão, está dependendo dele.

Eu já trabalhei muito, muito, muito. Eu já trabalhei na lavanderia, não escondo a minha origem, eu acho que é muito importante você contar a sua história. Está me entendendo? Trabalhei na lavanderia, trabalhei numa firma, trabalhei na Gillete, trabalhei na General Elétric. Fiquei desempregada. Vendi congelado de porta em porta, já torci muitas penas de ema para o carnaval, já tingi muita pena de destaque para ala, já botei barraca na porta do Portelão, vendendo cerveja, isso eu conto com o maior orgulho. Tem pessoa que esconde, quando está no melhor esquece do passado, eu não: tenho o maior orgulho de contar, eu não esqueço, isso é bonito. Você vê, a Elza Soares carregava água, subia morro com lata d'água na cabeça. Ela conta. Elimar Santos morou ali onde era o morro da Imperatriz, morro do Alemão, não esconde não o passado dele. Eu acho que está para lá de certo, contar nosso passado. Com certeza. Getúlio Vargas dava muito valor aos trabalhadores. Não é admissível você esconder o seu passado. Agora, pior se eu me prostituísse, se eu me envolvesse com tóxico, seria muito triste. Mas trabalhar com honestidade...

Mesmo sem filhos pra criar eu trabalhei muito, porque eu tinha que pagar aluguel. Porque quando meus avós eram vivos eu não tive vida de rico, mas tive uma vida mais ou menos. Meus avós faziam todas as minhas vontades. Mas depois que eles faleceram é que eu vim ver o outro lado da moeda. Estava com vinte e poucos anos. Eu não trabalhava. Comecei a trabalhar com 36 anos. Eles não deixavam nem eu trabalhar. Eu não sabia o que era vida. Se não vai pelo amor, vai pela dor. Quando eles morreram, eu fui trabalhar na lavanderia, com 24 anos, por aí.

Morei com meus avós e, depois que eles morreram, morei com minha irmã por parte de pai, as minhas duas irmãs, depois fui me defendendo, fui morar sozinha. Minha falecida irmã morava nessa casa aqui, ela saiu de manhã, entrei à noite, sem estar trabalhando. Vim eu e minha irmã morar aqui. Deixou dois meses de aluguel pago e comecei a trabalhar, mas foi bom.

Sou muito feliz, gente, eu não tenho do que reclamar. Todo dia quando eu deito, eu tenho que agradecer a Deus. As coisas que eu almejo, será que eu mereço? Se eu não merecesse ele não me daria isso. Eu fico muito satisfeita mesmo, eu não blasfemo de nada, a vida do que jeito que ela é. Eu sou espírita. Kardecista, não, eu sou... Como é minha gente, o nome...? eu sou do Omolocô, é quase candomblé. Só não raspa a cabeça. Mas o resto é quase tudo igual. Não, agora

não vou mais tanto lá não que a minha Mãe de Santo morreu, outra casa que era minha irmã de Mãe de Santo, também faleceu. Eu comecei com meu avô que era Pai de Santo, ele faleceu e fui para essa Casa de Santo, a minha Irmã de Santo. Agora ela também morreu. Estão apagando os Santos. Eu sou Omolú, sabe quem é? É muito difícil encontrar uma cabeça que tenha Oxalá com Oxum, Oxalá com Nanã, Oxalá com Iemanjá e Oxalá com Iansã.

Esse mundo dos Deuses é muito bonito, mas infelizmente está desmoralizado. Não é nem perseguição, é que eles estão fazendo da religião comércio. Hoje em dia é difícil você ver uma pessoa ter uma casa de Mãe de Santo por amor, eles vão pelo dinheiro. E isso está desmoralizando muito a nossa religião. Antigamente, eu lembro de meu avô, eu não via cara de santo com luxo e pompa. Agora é folclore, aquele luxo. Eu não conheço o trabalho cultural da Portela, porque da escola eu nem participo. Eu vou mesmo agora na Portela para curtir a feijoada, nem ensaio eu vou. Eu estou cansada, deixo para o pessoal que está chegando. Não é cansada, mas é tudo a mesma coisa. Então eu estou deixando para o pessoal que está chegando agora, ralar um pouquinho. Eu já tenho Meia um. (entendi 61, mas em sites sobre ela, ela nasceu em 1940, então teria 69 anos).

Eu mesma não sei nem te explicar, eu não sei explicar porque as pessoas pensam na Portela e pensam em mim. Mas isso é geral, né Marquinho? Eu digo, gente, o pessoal diz: "ano que vem é Tia Surica". Eu não sei como surgiu isso. Eu não sei se é meu carisma, né? Não sei, não sei mesmo. E eu sou uma pessoa assim, para mim eu não tenho discriminação. Eu me dou bem com faxineiro até o presidente. Porque nós não somos nada nesse mundo. Uma que eu não sei nem fazer pose para falar. Está todo mundo bem e quando esquenta...

Minha obrigação hoje na Portela é na feijoada. Todo primeiro sábado do mês. Porque eu pago o pessoal, as meninas da feijoada, deixo o dinheiro do pessoal da Velha Guarda, eu sou obrigada a ir, mas negócio de ensaio assim... Ah, carnaval eu vou mas só no dia. Ensaio eu vou uma vez ou outra assim, quando eu quero dar uma olhada.

Essa coisa de eu ser conhecida deve ser negócio de show. Fazemos muito show ainda. É que agora estou fazendo mais solo, como agora mesmo, sábado eu estou viajando. São duas músicas que no meu repertório não pode faltar. É Lama do Mauro Duarte e Pintura sem Arte do Candeia. LAMA Mauro Duarte

*Pelo curto tempo que você sumiu
Nota-se aparentemente que você subiu
Mas o que eu soube ao seu respeito
Me entristeceu, ouvi dizer
Que pra subir você desceu, você desceu*

*Todo mundo quer subir
A concepção da vida admite
Ainda mais quando a subida
Tem o céu como limite*

*Por isso não adianta
Estar no mais alto degrau da fama*

Com a moral toda enterrada na lama
PINTURA SEM ARTE
Candeia
Me sinto igual a uma folha caída
Sou o adeus de quem parte
Pra quem a vida
É pintura sem arte
A flor esperança se acabou O amor vento levou
Outra flor nasceu
É a saudade
Me invade, tirando a liberdade
Meu peito arde igual verão
Mas se é pra chorar
Choro cantando
Pra ninguém me ver sofrendo

E dizer que estou pagando A primeira vez que nós fomos fazer a seleção das músicas, foi eu, Monarco e Zeca Cavaquinho. Tinha muita coisa, ainda tem. Mandou o DVD para mim, está muito bonito. O carinho que a Marisa e o Zeca da Velha Guarda têm é... o pai dela, o Carlos, ele era da diretoria, se afastou, agora retornou. Já pensava há muito tempo em fazer um CD, mas, e dim dim? Hoje em dia para você fazer um CD, gasta. Surgiu, graças a Deus e fui para galera. Eu não canto apenas compositores da Portela não, no meu disco tem Vanderlei Monteiro, tem Zé Cachacinha, que nem sei quem é. Não fui eu que escolhi, quem fez a seleção foi Cristina Buarque e o Paulão. Mas eu também dei uma idéia, mas esse Manto de Beleza, o Vanderlei mandou para mim, Paulão aprovou, Manacéa, Chico, foi tudo ele que selecionou.

Não, nunca entrei nessa militância sobre questão do negro. Olha, como eu digo, o negro agora está mais sendo reconhecido. Antigamente o cara do samba, eu já fui muito discriminada e muitas pessoas negras que eram envolvidos no samba foram discriminadas. Era pela cor, era. Você vê que a maioria dos compositores morreram pobres. Agora o sambista freqüenta certos lugares que antigamente não freqüentavam. Agora não. Entra no Copacabana Palace, Canecão. Antigamente o negro e o pobre tinham um refém muito grande, aquela discriminação. Não eram reconhecidos. Faziam aquelas coisas lindas, mas não gravavam. Agora sim. Todo mundo leva músicas para os cantores, antigamente não. Agora que eles estão vendo dinheiro, antigamente não viam não. Eu mesma fui muito discriminada no samba, na escola, pelos vizinhos.

Não fui discriminada por ser mulher, fui por causa da cor. O sambista era visto de uma maneira que era vagabundo, da malandragem. Então as mulheres passavam pela mesma discriminação. Só que eu superei isso tudo. Hoje em dia, gente que não falava comigo, faz até questão de falar. Mudou muito, muito mesmo. Olha, acho que eles viram, reconheceram que não tinha nada a ver a cor com a pobreza, de quem é do morro, acho que eles viram dessa maneira. Então eles foram fazendo pesquisa, conforme Haroldo Costa, o Sérgio Cabral Pai e outros, foram vendo e foi conseqüente na mídia.

Acho sim que o movimento negro, o movimento das mulheres negras, do hip hop teve uma luta grande. Eles lutaram para que acabasse esse preconceito, só que ainda existe. Acho até um pouco difícil de acabar. Está melhor do que estava. Eu vou até a Paris. Eu fui a Paris tem três vezes, a Velha Guarda toda. Desde quando sambista ia para o exterior? Monarco já foi para o Japão, eu já fui a Itália com a Velha Guarda. Isso aí, conforme foram abrindo os braços eles viram que não era nada como eles pensavam.

Eu acho que você que tem que se impor. Você tem que se dar ao respeito, você se impondo e se dando o respeito... Eu vou para o samba sozinha. Tenho que procurar me impor e procurar meu lugar. Quando você não se impõe, em qualquer lugar, não é só no samba não. Já tive, namorado, tive. Só não tive foi marido. Estive noiva, duas vezes. É a vida que eu levo, não tem condições. Aquele negócio também, você colocar um filho no mundo e não poder manter, andar com shortinhos rasgado, remendado, de dedinho, do pé, metade do pé de forma do calçado? Então para você ter um filho você tem que saber ter uma condição para manter seu filho. A mulher, ela é guerreira. Essa aqui, que tá fazendo minha unha, é segurança. Ela cria o filho dela sozinha. A gente está aqui, às vezes sete horas da manhã, ela já está sentada aqui, ela trabalha, trabalha. Chega aqui sete horas, sete e meia, dependendo da condução, chega e faz a unha da mão, faz do pé. Então, mulher guerreira. Não são todas, tem algumas que são preguiçosas. Tem umas que não tem disposição de ir à luta.

Essa nova geração, essa garotada que frequenta a escola, com certeza eles tão ligado em preservar a tradição, o Samba de raiz. Quando a Velha Guarda vai fazer show para zona sul, você só vê garotada, você vê Quinteto Branco e Preto lá de São Paulo, eles só cantam samba de raiz. É uma coisa que valoriza, eles vêem samba de qualidade, não tenho nada contra outras músicas. Mas eles vêem música com letra e com melodia. Eles valorizam muito. Chega a ligar aqui pra minha casa perguntar do Euclides, do Manacé, eles ficam fissurados no sambado raiz. Vão lá no fundo do baú, é. O Mauro Duarte era da Portela.

Ontem mesmo estava conversando sobre isso, o desfile, o samba no carnaval. O samba, infelizmente, perdeu o ritmo. Não tem o samba cadenciado, o samba melódico, o samba com cadência, é difícil você ver. Não dá tempo. Ali você está entrando numa estrebaria, entendeu? Então você passa na Marquês da Sapucaí. Mas por que? É mídia. Ainda tem destaque que é da Portela, agora, a rainha de bateria, tem muita prata da casa. Antigamente o pessoal vestia a camisa, atualmente não. A Velha Guarda que ainda tem essa memória, essa raiz, ainda, a Velha Guarda e as crianças, como em qualquer escola de samba. Outro dia eu estava conversando, eu acho que a nossa Velha Guarda, a gente perdeu Monarco, o Monarco foi o responsável pela Velha Guarda aqui, ficou no lugar do Manacé. O Manacé que é era nosso guru, então é um pouco difícil para o substituto. Então a gente tem o Monarco, porque para substituir está difícil. Cabelinho teve derrame e botamos Timbira que é cria também daqui. A Doca também se foi, Casemiro da Cuíca, não botamos ninguém, então está um pouco complicado. Não podiam substituir, está tudo com mais idade, está tudo capenga, fica complicado. Tem que preparar as crianças.

Não é desfazendo não, mas o morro tem mais facilidade que o asfalto. Então um vai passando para o outro, a geração. Na Mangueira a mesmíssima coisa, aqui na Portela já fica mais complicado. Porque você vê o pessoal lá de Mangueira, o pessoal lá do morro, vem Mocinha, vem a Nelma, geração em geração. Já aqui não tem ninguém, no morro já é diferente. Todo mundo mora e convive no mesmo lugar. Aqui e em outros lugares também, não é só Portela não. Salgueiro, morro, vai para o asfalto, então vai passando. E eu acho que também a Velha Guarda é um pouco fechado.

Três mulheres na velha guarda: Eu, Ana e Anete. Homens? Deixa eu ver. Monarco, que está na ativa, Edi, Serginho, Guarati, Marquinho, Timbira, Davi, eu, Neide, Ana, já teve derrame também, mas não está. Isso foi por causa do Paulinho da Viola, que em 80 ele formou esse grupo da Velha Guarda Show. As outras foram acompanhando. Você vê que a primeira Velha Guarda foi da Portela. Muito depois que foi surgindo. Mas Velha Guarda da Portela não tem igual a nossa. Olha, isso é muito do presidente. O Carlinho, sempre digo e repito, o Carlinho tinha um respeito e um carinho pela gente, que eu vou te contar. Teve um ano que não deixaram a Velha Guarda entrar no desfile pra não atrasar. Como não vai entrar no desfile da Escola de Samba? Mas ali houve um boicote. Eu não sei de onde surgiu. Gente lá do barracão. Então eu fui depor na Delegacia dos Idosos para falar sobre o presidente. O delegado perguntou: se fosse a senhora qual atitude a senhora tomaria? Eu disse: a mesma que o presidente tomou. Porque se a Velha Guarda entrasse, a Portela desceria, porque o carro não ia, porque enfiaram um pau na direção e o carro ia para um lado só. E o pessoal quase caiu dentro do mangue. O boicote foi esse. E o carro da águia também. Eu não sei, escutei os comentários. Então a única atitude que ele podia tomar, foi essa. A Portela descia que o carro ia embargar na Marquês. Não gosto nem de tocar nesse assunto. Nós superamos, já superamos isso. Talvez, eu digo e repito, quem dirige, seja lá quem for, não sabe o peso e o potencial que essa escola tem. Ela e a Mangueira são duas pioneiras. Se não tiver Portela e Mangueira não tem carnaval. Tem pessoa que diz assim, "eu sou Portela, mas a minha segunda escola é a outra". Eu não, só Portela. É o amor que faz você ter, é muito anos aí dentro.

As crianças desfilavam com as mães. Tinha as baiainhas. Vilma, Marlene, Junéia, a Celinha, Nira, mais oito ou dez assim, mas com as mães. A diretora tomava conta das crianças. Ala mesmo das crianças naquela época não tinha. A gente vinha desfilando assim, de mascote, como falava antigamente, mascote da ala, vinha aquele grupinho assim de baianinha. Agora tem ala das crianças.

Quando aparece oportunidade, eu faço show. Sábado agora eu vou. Semana retrasada estava em Brasília. Já fiz em Recife, Vitória, São Paulo.

Meu nome é Iranette Ferreira Barcellos, não é para qualquer um não. O nome Surica, minha avó dizia que surica é um objeto roliço e curtinho. Ela falava assim, ela parece uma suriquinha. Ela bordou uma fronha "Suriquinha" e pegou. Agora é que é tia: Tia Surica, Tia Surica pegou.

Da parte da minha mãe, minha avó era africana, do meu pai, o avô era português. É uma miscelânea danada. Da parte da minha mãe eu sei que era aqueles negros mesmos, dos lábios grossos, minha avó, minha tia. Agora da parte do meu pai, não. Meu avô Sansão era português.

Eu não comando a galera da cozinha, aquele negócio. Eu fiz muita festa aqui, eu que fazia a comida. Mas ninguém faz nada sozinho, era eu, minha irmã, minhas primas, uma colega minha que agora está doente, a Dulce, a Eunice da Velha Guarda, mas foi aumentando, botou uma equipe lá na Portela. E sempre tem que ter um responsável. Eu não posso ficar no palco e na cozinha. A Ivete, minha irmã, todo mundo ajuda. Começa três horas. A Velha Guarda começa a tocar. A entrada é cinco reais e a feijoada é dez. Mas você tem que chegar cedo.

Não, no dia da feijoada não tô cantando mais não. Fica todo mundo ali e tal. Um fala: "quem vai entrar agora?". Fica naquela concentração. Agora eu vou inaugurar a minha roda de samba, sexta feira agora em Santa Luzia, é no

terraço. Vou inaugurar sexta-feira a noite, começa às dez horas. Mas é muito bom lá na zona sul. O samba da Santa Luzia. Lá perto do aeroporto tem aqueles quiosques. Já é um pagode que existe. Agora é uma roda que é sua. É num prédio que tem o nome do pagode, é Santa Luzia, onde é o pagode de Santa Luzia, onde Moacyr canta lá toda sexta-feira. Era sexta, agora o cara de lá botou: a primeira sexta feira é o Moacir Luz, a segunda sou eu, a terceira é Paulão e a quarta Vanderley Monteiro. De 10 horas da noite às três da manhã. Você canta sem parar. Não, mais aquele negócio, vou levar três para também cantar. Ah, só tem samba de raiz. A raiz ainda não apodreceu, a gente vai aproveitando. É melhor ir molhando para não apodrecer a raiz. É como eu digo. As mulheres são importantes em tudo. Se não fosse as mulheres nós não estaríamos no mundo. Concorda? Para começar. Segundo, se é uma roda de samba tem que ter a voz feminina, se é numa gravação, tem que ter o coro feminino, se é para fazer uma comida, tem que ter as mulheres. Então mulher é útil em tudo. Os homens ficam contra esse tipo de mulher porque tira a paixão. Eu não nasci para ser mandada. ■